

Christina de Rezende Rubim

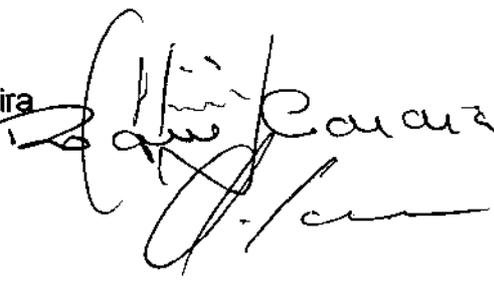
# Antropólogos Brasileiros e a Antropologia no Brasil: A Era da Pós-Graduação

Tese de Doutorado apresentada ao  
Departamento de Antropologia Social do  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de Campinas, sob  
orientação da Profª Drª Mariza Corrêa.

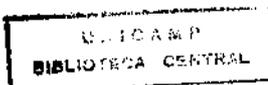
Este exemplar corresponde à  
redação final da tese defendida e  
aprovada pela Comissão Julgadora  
em 6/8/96.

Banca:

Profª Drª Mariza Corrêa  
Profº Drº Roberto Cardoso de Oliveira  
Profº Drº Roque de Barros Laraia  
Profº Drº Octávio Ianni  
Profº Drº Otávio Velho  
Profº Drº Antônio Augusto Arantes  
Profº Drº Niuvenius Junqueira Paoli



Campinas, Julho de 1996



UNIDADE	786
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	R824A
V.	01 Ex.
NUMERO DO/	28461
PREC.	667/96
	C <input type="checkbox"/> D <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	04/09/96
N.º CPD.R.M.COD.	14736

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

RS24a

Rubim, Christina de Rezende

Antropólogos brasileiros e a antropologia no Brasil: a era da pós-graduação / Christina de Rezende Rubim. - - Campinas, SP: [s.n.], 1996.

Orientador: Mariza Corrêa.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Antropologia - Brasil. 2. Pós-graduação. 3. Ciências - História. 4. Teses. 5. \* Trajetórias intelectuais. I. Corrêa, Mariza. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

**Volume I**

*À Mariza Corrêa,  
pelo profissionalismo e solidariedade.*

## AGRADECIMENTOS:

Na **UNB** agradeço à Rosa Venino que foi fundamental em minha reconstrução da história do DAN, mas também ao Sr. Paulo, ao Sr. Lulú e à Janete. No Departamento de Sociologia agradeço à Nádia. Aos professores Roque de Barros Laraia, Ellen e Klaas Woortmann, Ana Maria Fernandes, Roberto Moreira mas, fundamentalmente, à Alcida Rita Ramos que sem me conhecer, recebeu-me em sua casa e me conquistou com a sua dedicação à Antropologia Social em Brasília. Aos amigos Christine e Edgar.

Na **USP** agradeço à Ivanete e à Rose do Departamento de Antropologia Social e à Soninha da Sociologia. Ao grupo do CAPH: Rosângela, Ana Rosa, Angélica etc. Ao Seu Néilson e a Regina e suas respectivas equipes da administração da FFCHL. Aos professores José Guilherme Cantor Magnani, Thekla Hartmann, Lux Vidal, Eunice Durham e, especialmente, a João Baptista Borges Pereira que me acompanhou, dando todo o apoio possível em minhas visitas a São Paulo. À Lúcia Montezuma, amiga, que me recebeu em sua casa e soube ouvir meus lamentos com grandes incentivos.

No **Museu Nacional** agradeço à Taninha, figura central em minhas descobertas em seus empoeirados arquivos, mas também às bibliotecárias Cristina e Isabel. Aos professores Gilberto Velho, Luiz Fernando Dias Duarte, Antônio Carlos de Souza Lima, Moacir Palmeira e José Sérgio Leite Lopes. Pela hospedagem agradeço também à Sonali & família.

Na **UNICAMP** agradeço principalmente ao pessoal da secretaria de pós-graduação: Esmê, Betanho, Marly e Júnior. Na biblioteca, Maria Alice, Solange, Miriam (*in memoriam*), Luciano, Edna e Bel. Na administração, Silvana, Rosa e Rose Carla. No CESOP, Raquel e Graça. No CPD, principalmente à Luciana, mas também ao Fernando, Charles e Ralph. No arquivo Edgar Leurouth, ao Emerson que foi fundamental na manutenção e organização do banco de dados. Na gráfica, ao Tião, Marquinho, Cleusa e Dona Inêz (*in memoriam*). Aos professores Antônio Augusto Arantes, José Luiz dos Santos, Guilherme Raul Ruben, Décio Saez, Shiguenoly, Octávio Ianni, Bibia, Heloísa Pontes, Robin Wright, Márcio Silva, Suely Kofes e Roberto Cardoso de Oliveira que é um dos grandes responsáveis por esta pesquisa. À equipe do PRODECAD que se ocupou do Flávio nesses últimos quatro anos: Susy, Clélia, Israel, Eliane, Zezé, Rosângela, Simone, Claudia, Mário, Beth e Helena.

Na **UFPE** agradeço ao professor Russel Parry-Scott pelas informações de sua universidade.

Na **UFSC** agradeço ao Sérgio da secretaria da pós-graduação que muito gentilmente preparou uma listagem completa do PPGAS catarinense.

Na **UFRS** agradeço especialmente ao professor Ari Oro e à Claudia Fonseca que também se empenharam para me fornecer as informações necessárias à pesquisa.

Agradeço ainda aos Programas de Pós-Graduação da **UNESP/Araraquara**, **UFBA**, **UFPA**, **IUPERJ**, **PUC-SP** e **UFMG**.

Ao grupo de profissionais que tem nos acompanhado constantemente, Flávio e eu, torcendo que tudo se acerte: Juliana, Babete, Andréa, Maúde, Mara, Dr. Evaldo e Dr. Emílio.

À Norma e ao Simão Poldoski que me deram asilo no momento final da redação, quando já não podia mais suportar os barulhos de minha casa.

Aos amigos que me apoiaram em todos os momentos: Marta & Cia.; Cida e vovó Dirce; Rosilene & Cia; Celinha e João; Alícia; Carlos; Márcia e Otávio; Elaine da CEF etc.

Pela ajuda nas correções agradeço à Léa (Antropologia), ao Edson (Sociologia), ao Odair (Etnologia) e, especialmente, ao Wilmar D'Angelis (Linguista) que também ajudou na localização dos grupos indígenas.

À Dona Glória, minha mãe, que me proporcionou viajar e fazer tranquilamente todo o trabalho de campo em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro.

À CAPES e ao CNPq que forneceram algumas informações preciosas sobre financiamento dos Programas de Pós-Graduação. Uma lembrança especial ao CNPq, que através da CPGCS/IFCH/UNICAMP, me forneceu uma bolsa de estudo para o doutorado e também a FAPESP que financiou o meu último semestre.

À minha assistente de pesquisa, Mary, que confeccionou os mapas e grande parte do banco de dados com dedicação.

Aos alunos da PUCCAMP que discutiram comigo muito das minhas concepções sobre a ciência e a Antropologia Social, torcendo para que a pesquisa fosse um sucesso.

Nos últimos meses, devo agradecer também a Josimery que veio se juntar à minha pequena família, não medindo esforços para me deixar mais tranquila, cuidando de tudo e até mesmo se encarregando de parte das tabelas necessárias à pesquisa.

Ao Flavinho, que ao seu modo, também contribuiu. Sua tranquilidade e vontade de viver é o que tem me sustentado esses anos todos. Ninguém melhor que ele compreendeu o porquê de tudo isso acontecer.

À minha orientadora, Mariza Corrêa. Ela acompanhou esta pesquisa quase que diariamente nos últimos três anos. A sua presença constante na UNICAMP, além de sua disposição em ensinar, discutir e criticar, foram fundamentais neste trabalho que também é seu. Nas minhas andanças pelos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social, percebi como, muitas vezes, a relação orientador/orientando é difícil. Não nos tornamos grandes amigas, mas a disposição para o trabalho, o respeito mútuo e a seriedade em executá-lo foi a *nossa* marca nesta orientação. É impossível demonstrar o quanto aprendi em nossos encontros. Espero não tê-la decepcionado. De qualquer modo, todas as falhas e erros existentes na pesquisa, como de praxe, são de minha exclusiva responsabilidade.

**ANTROPÓLOGOS BRASILEIROS E A ANTROPOLOGIA NO BRASIL:  
A ERA DA PÓS-GRADUAÇÃO**

I- APRESENTAÇÃO.....	009
II- INTRODUÇÃO.....	017
1. O Tema.....	017
2. A Pós-Graduação no Brasil.....	026
3. As Fontes da nossa História.....	038
3.1. Antecedentes.....	038
3.2. O Início dos Anos 70.....	042
3.3. As Décadas de 80/90.....	045
3.3.1. A Antropologia na "Periferia".....	049
3.3.2. Roteiros Temáticos.....	050
3.3.3. A Relação Centro/Periferia.....	053
3.3.4. Histórias da Antropologia no Brasil.....	055
3.3.5. A Antropologia Brasileira através de seus Problemas.....	060
3.3.6. Pensando a Antropologia.....	070
3.3.7. Os PPGAS através de seus Nativos.....	073
3.4. De que História Falamos?.....	073
4. Objetivos.....	077
5. Critérios.....	081
III- O CAMPO DA ANTROPOLOGIA NO MUSEU NACIONAL.....	091
1. Introdução.....	191
2. Antecedentes.....	192
3. O PPGAS/Museu Nacional.....	104
4. Trajetórias.....	116
5. Os Números.....	140
5.1. Antropologia Urbana.....	144
5.2. Antropologia do Campesinato.....	147
5.3. Etnologia.....	153
5.4. Antropologia da Religião.....	160
5.5. Antropologia da Saúde.....	163
5.6. Gênero.....	164
5.7. Etnicidade.....	165
5.8. Outros.....	167

<b>IV- O CAMPO DA ANTROPOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....</b>	<b>168</b>
1. Introdução.....	168
2. Antecedentes.....	169
3. O PPGAS/UNB.....	172
4. Trajetórias.....	183
5. Os Números.....	193
5.1. Etnologia.....	196
5.2. Antropologia Urbana.....	200
5.3. Antropologia da Saúde.....	202
5.4. Antropologia da Religião.....	203
5.5. Antropologia do Campesinato.....	205
5.6. Gênero.....	207
5.7. Família.....	208
5.8. Outros.....	209
<b>V- O CAMPO DA ANTROPOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.....</b>	<b>211</b>
1. Introdução.....	211
2. Antecedentes.....	212
3. O PPGAS/USP.....	220
4. Da Antropologia à Antropologia Social: O Caso da USP.....	234
5. Trajetórias.....	238
6. Os Números.....	252
6.1. Etnologia.....	256
6.2. Antropologia Urbana.....	260
6.3. Antropologia do Campesinato.....	262
6.4. Antropologia da Religião.....	263
6.5. Etnicidade.....	265
6.6. Gênero.....	266
6.7. Família.....	267
6.8. Outros.....	268
<b>VI- O CAMPO DA ANTROPOLOGIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.....</b>	<b>271</b>
1. Introdução.....	271
2. Antecedentes.....	272
3. O PPGAS/Unicamp.....	280
4. Trajetórias.....	287
5. Os Números.....	301
5.1. Antropologia Urbana.....	305
5.2. Gênero.....	307
5.3. Antropologia da Saúde.....	310
5.4. Antropologia do Campesinato.....	312
5.5. Antropologia da Religião.....	313
5.6. Etnologia.....	315

5.7. Etnicidade.....	316
5.8. Outros.....	317
VII- CONCLUSÃO.....	319
1. Introdução.....	319
2. As Dissertações Produzidas nos PPGAS.....	342
3. Antropologia: Uma Pluralidade de Pluralidades.....	352
4. A Antropologia Social na <i>era da pós-graduação</i> .....	357
BIBLIOGRAFIA.....	364
ANEXOS .....	396

*"Não vivemos apenas em nosso próprio tempo. Carregamos conosco também a nossa história."*

(Alberto Knox, personagem do romance da história da filosofia de Jostein Gaarder, **O Mundo de Sofia**, 1995, p. 214)

## I- APRESENTAÇÃO:

Não me lembro quando ouvi pela primeira vez a palavra Antropologia. Com certeza não foi muito cedo pois fui criada numa família humilde nos subúrbios do Rio de Janeiro. Minhas atenções não estavam nos livros e nossas preocupações se restringiam em viver um pouco melhor a cada dia. Minha infância nunca foi além das brincadeiras de rua, do Capitão Furacão e das visitas aos parentes num bairro distante. Mas o sentimento antropológico<sup>1</sup> sempre esteve presente em minha vida. Tinha a mania de experimentar a reação das pessoas a minha volta, imaginar o que pensavam e entender as suas maneiras

---

<sup>1</sup> Será que não seria contraditório falar em um sentimento (científico) antropológico? Poderia delimitar isso que chamo de sentimento, nas seguintes afirmações: é a consciência das diferenças que marcam a singularidade da Antropologia segundo Margareth Mead: "...o antropólogo aprende que deve pensar com e sobre a diferença entre o apêrto de mão nesta ou naquela cultura. Deve também ter a habilidade de ajustar rapidamente o tipo correto de apêrto de mão quando se confronta com uma determinada nacionalidade. Aos conhecimentos destes costumes, a habilidade de pô-los em prática ou não, o antropólogo adiciona uma contínua consciência das diferenças - no tom de voz e nas próprias palavras, nas sequências de conduta, como por exemplo por que uma discussão simplesmente se desvanece num país enquanto em outros um conjunto interrelacionado de diálogos iniciais poderia levar a uma disputa de socos ou um impávido muro de silêncio." (1971: p. 38-39). É a capacidade de passar de uma perspectiva a outra no que Wright Mills denomina a imaginação sociológica: "A imaginação sociológica, permitam-me lembrar, consiste em grande parte na capacidade de passar de uma perspectiva a outra, e no processo estabelecer uma visão adequada de uma sociedade total de seus componentes. É essa imaginação que distingue o cientista social do simples técnico. Os técnicos adequados podem ser treinados nuns poucos anos. A imaginação sociológica também pode ser cultivada; ela dificilmente ocorre sem um grande volume de trabalho, que com frequência é de rotina (...). Não obstante, há uma qualidade inesperada em relação a ela, talvez porque sua essência seja uma combinação de idéias que não supúnhamos combináveis - digamos, uma mistura de idéias da Filosofia alemã e da Economia britânica. Há um certo estado de espírito alegre atrás dessa combinação, bem como um interesse realmente muito grande em ver o sentido do mundo, que falta aos técnicos. Talvez estes sejam demasiado bem treinados, treinados com demasiada precisão. Como ninguém pode ser treinado apenas no que já é conhecido, o treinamento por vezes incapacita-nos de aprender novos modos, leva-nos a rebelar-nos contra o que deveria ser, a princípio, espontâneo e desorganizado mesmo. Mas temos de nos apegar a imagens e noções vagas, se forem nossas, e devemos desenvolvê-las, pois quase sempre as idéias originais se apresentam assim, inicialmente." (1975, p. 227-228). É o que está implícito no *Anthropological Blues* de Roberto da Matta, isto é, os aspectos interpretativos e subjetivos do ofício de etnólogo: "Seria, então, possível iniciar a demarcação da área básica do *anthropological blues* como aquela do elemento que se insinua na prática antropológica, mas que não estava sendo esperado. Como um *blues*, cuja melodia ganha força pela repetição das suas frases de modo a cada vez mais se tornar perceptível. Da mesma maneira que a tristeza e a saudade (também *blues*) se insinua no processo do trabalho de campo, causando surpresa ao etnólogo. É quando ele se pergunta, como fez Claude Lévi-Strauss, 'que viemos fazer aqui? Com que esperança? Com que fim?'" (1978: p. 30).

de enxergar o mundo. Gostava especialmente de me colocar "fora" de minha própria vida para saboreá-la como a um filme, uma estória que não me pertencesse e que pudesse questionar. Sempre me frustrava nessas ocasiões porque a "volta" à realidade era inevitável e dela não conseguia me desvencilhar.

A minha vida toda foi marcada pela provisoriedade e pelo sentimento de solidão. As mudanças de bairro e de escola eram frequentes e isto me possibilitava uma constante comparação entre os lugares e as pessoas. Mas me deixavam insegura quanto ao mundo pois ele me parecia - e era - sempre diferente a cada nova mudança. Conheci pessoas de todos os tipos e casas de todos os tamanhos. Muito cedo tomei consciência do meu papel na vida e do meu espaço no mundo.

Lembro-me que aos dez anos fiquei impressionada com as explicações de uma professora de quem eu gostava muito, sobre a razão de algumas pessoas terem cabelos crespos e outras lisos. A explicação científica, segundo ela, era porque alguns se aproximavam mais dos macacos que outros. Passei a desconfiar da ciência e conseqüentemente da verdade, o que também ajudou na minha relativização do mundo e numa crítica constante dos conceitos da vida.

Na adolescência foi o grupo de jovens da igreja e mais tarde a militância política que me propiciaram um sentimento de vida social, de referência no mundo. Foi nesse momento, pelo que me lembro, que optei por uma vida diferente daquela que estava reservada para mim: resolvi estudar. Excursionei um pouco pela Física e pela Matemática, mas as certezas que estas ciências me ensinavam incomodava. Este era o mundo que eu desejava mas não era o mundo que eu tinha.

Fui prestar vestibular em uma cidade distante porque já nessa época não conseguia entender como as pessoas viviam uma vida inteira num mesmo lugar<sup>2</sup>. O novo me atraía mas as mudanças continuavam dolorosas. Optei pelas Ciências Sociais com o intuito de conhecer o mundo real em que vivia.

---

<sup>2</sup>Isso me lembra a comunicação feita pelo prof. Amo Vogel na solenidade de abertura da Associação Brasileira de Antropologia/ABA realizada em 1994 na UFF em Niterói, quando discutiu a vocação de todo antropólogo para as viagens.

Interessante é perceber que teoricamente compreendemos as mudanças e a não linearidade da história, mas quando estes desencontros ocorrem em nossas vidas, não aceitamos muito bem e esperamos que tudo esteja certo e aconteça no seu tempo e devido lugar. Comecei, então, a ter a prática de escrever cartas para os amigos que tinha deixado no Rio de Janeiro. Cartas quase nunca respondidas, mas que me propiciaram um contato maior com as palavras, deixando-me mais consciente dos caminhos que estava escolhendo percorrer.

Durante a graduação os sociólogos me fascinavam, principalmente aqueles que para mim eram mitos. Sérios<sup>3</sup>, didáticos, pareciam-se com cientistas de verdade ou com aquilo que eu imaginava ser um cientista. Os antropólogos, ao contrário, eram divertidos, muitos deles usavam colares e brincos exóticos, sendo que alguns até fumavam cigarros de palha. Isso me passava uma idéia de artificialidade, de teatro e me fazia sentir sem graça e pouco a vontade, por eles e com eles. As pesquisas antropológicas sempre me pareciam como uma coleção de curiosidades, pontuais e restringindo-se apenas a análise de microcosmos, sem a necessária contextualização científica:

*"...uma certa inconsistência dos resultados, uma multiplicação de pesquisas e abordagens que não se somam nem se integram, uma certa complexidade sobre o que fazer com as conclusões parciais e divergentes que estamos acumulando."* (Durham: 1986, p. 19)

No pequeno departamento de Antropologia da Universidade em que fui estudar, os professores não se vestiam de índios e com eles aprendi, que fazer Antropologia não era como fazer teatro, e que esta ciência<sup>4</sup>, era algo mais do que o anedotário da diversidade

---

<sup>3</sup>Naquela época, seriedade para mim era sinônimo de complexidade, profundidade e distância, ou seja, se eximir do "eu" em função da universalidade científica. Hoje em dia, reconheço que para fazer ciência ou falar em seu nome, especialmente quando fazemos parte das Ciências Humanas, não precisamos manter uma distância com relação ao mundo real. Pelo contrário, a capacidade de se apaixonar pelo objeto de estudo escolhido é o que tem se mostrado como fundamental na qualidade de nossas pesquisas. A contextualização das escolhas feitas são necessariamente parte dos referenciais teóricos utilizados e, portanto, enriquecedores da análise científica.

<sup>4</sup>Usarei no texto, algumas vezes o conceito de ciência e outras vezes o conceito de disciplina para me referir à Antropologia. No entanto, não significa que considero a Antropologia como uma ciência nos moldes de como o conceito é empregado para as chamadas *hard science*: *"...el verdadero problema que plantean las ciencias del espíritu al pensamiento es que su esencia no queda correctamente apreendida si se las mide según el*

cultural. Além disso, também aprendi a desconfiar das aparências e comecei a perceber que existia uma certa distância entre o que se dizia e o que se fazia. As circunstâncias da vida acadêmica me jogaram nos braços da Antropologia pois queria estudar seriamente. Isto significava para mim, ter bons professores, chegar no horário, ler 100% dos textos e exigir o máximo de meus mestres e de mim mesma também. Surpreendi-me ao perceber que estava me transformando em aprendiz de antropóloga.

Desde então, venho estudando Antropologia e tenho me esforçado por compreender esta ciência como algo mais do que ela nos parece mostrar. As preocupações com a disciplina não me abandonaram mais. Consegui compreender os sentimentos de estranhamento em relação ao mundo e à vida que me acompanharam durante a infância e adolescência. Fiz trabalho de campo e esta experiência foi fundamental em meu amadurecimento pessoal e na minha formação acadêmica. A convicção de que a Antropologia nos proporciona uma inserção privilegiada no mundo<sup>5</sup>, cada vez mais se afirma e se confirma no meu dia-a-dia. Por outro lado, os conhecimentos adquiridos não conseguiram acalmar as minhas dúvidas em relação à ciência e à Antropologia em especial. As problemáticas relativas ao objeto, ao método e ao sujeito sempre me incomodaram. Até hoje, parece ser difícil caminhar sem antes tê-las resolvido,

---

*padrón del conocimiento progresivo de leyes. La experiencia del mundo sociohistórico no se eleva a ciencia por el procedimiento inductivo de las ciencias naturales. Signifique aquí ciencia lo que signifique, y aunque en todo conocimiento histórico esté implicada la aplicación de la experiencia general al objeto de investigación en cada caso, el conocimiento histórico no obstante no busca ni pretende tomar el fenómeno concreto como caso de una regla general. Lo individual no se limita a servir de confirmación a una legalidad a partir de la cual pudieran en sentido práctico hacerse predicciones. Su idea es más bien comprender el fenómeno mismo en su concreción histórica y única. Por mucho que opere en esto la experiencia general, el objetivo no es confirmar y ampliar las experiencias generales para alcanzar el conocimiento de una ley tipo de cómo se desarrollan los hombres, los pueblos, los estados, sino comprender cómo es tal hombre, tal pueblo, tal estado, qué se ha hecho de él, o formulado muy generalmente, cómo ha podido ocurrir que sea así." (Gadamer: 1991 [1960], p. 32-33).*

<sup>5</sup>Concordo com Gilberto Velho quando diz que: "...o antropólogo não só vive como qualquer contemporâneo a possibilidade da experiência do 'estranhamento', mas é para isto treinado e preparado, embora este processo de socialização nem sempre esteja claro para os que dele participam, quer como discípulos quer como mestres. Ao ter acesso à já mencionada 'bibliografia clássica', ao tomar conhecimento da etnografia de culturas as mais diversificadas, o estudante vai, aos poucos, acumulando um potencial de estranhamento em relação às suas próprias vivências." (1980: p. 19).

pelo menos em parte. Esta insatisfação eterna e constante em relação à ciência é o que me move intelectualmente.

Nunca me convenci de que a Antropologia é somente a ciência das sociedades tribais. Sempre me pareceu que o método mais usado era o "método das cabeçadas múltiplas"<sup>6</sup>. Mesmo eu, não consegui seguir outro caminho durante a minha pesquisa. Escrever um texto sempre foi, para mim, como costurar uma colcha de retalhos. Sentia-me como uma herege por fazer da produção de textos científicos uma mistura de pensamentos e idéias esparsas<sup>7</sup>. A coleção de pequenos cadernos, enfileirados como livros na estante, com pensamentos e impressões sobre os mais diferentes temas, sobre os textos lidos e com os meus "achismos", auxiliavam-me nesta tarefa, mas me faziam invejar aqueles sábios idealizados que se sentavam à mesa e escreviam um texto inteiro sem pestanejar.

Quando cheguei ao doutorado, consegui o meu primeiro emprego como professora de Antropologia em uma Universidade. Efetivamente, esta experiência foi reveladora e decisiva em minha vida pessoal e profissional. As incertezas em relação à ciência e as inseguranças em relação ao mundo, contrastavam com a minha segurança em ensinar

---

<sup>6</sup>Hoje sei que o que eu chamo de "método das cabeçadas múltiplas" é o método essencialmente antropológico e isso não deve ser entendido pejorativamente, como no passado eu entendia. Porque esse é o método da compreensão do se fazer fazendo, isto é, somente conseguimos compreender vivenciando aquilo que nos propomos a compreender. *"É por isso, talvez, que tendo chegado aos cursos de teoria antropológica pensando que iam encontrar autores capazes de ofertar a fórmula do bom trabalho, os alunos descobrem, para surpresa e desalento, embora frequentemente como desafio, que teoria antropológica é teoria-e-história da antropologia, da mesma forma que é teoria-e-etnografia. (...) Não há propriamente como ensinar a fazer pesquisa de campo. Esta é uma conclusão antiga; não só de professores bem intencionados como de estudantes interessados, mas atônitos. A experiência de campo depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas dentro da disciplina, do contexto sócio-histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se contiguram no dia-a-dia, no próprio local de pesquisa entre pesquisador e pesquisados. Eis aí, talvez, a razão pela qual os projetos de pesquisa de estudantes de antropologia sempre esbarram no quesito 'metodologia', quando estes competem com colegas de outras ciências sociais."* (Peirano: 1992, p. 37 e p. 39).

<sup>7</sup>Fiquei surpresa ao ler uma entrevista de Claude Lévi-Strauss onde o autor confessa a sua total desorganização ao escrever: *"...eu me saio bem no trabalho acumulando fichas: um pouco sobre tudo, idéias apanhadas de relance, resumos de leituras, referências de obras, citações... E quando quero fazer alguma coisa, tiro do meu armário um pacote de fichas e as distribuo como num jogo de paciência. Esse tipo de jogo, onde o acaso representa seu papel, ajuda-me a reconstruir uma memória debilitada."* (1988: p. 8).

Antropologia. Surpreendia-me com as minhas próprias certezas; por as ter e não saber. Foi bom encontrar o meu referencial no mundo.

Fui socializada pela Antropologia Social dos anos 80 no Brasil. Isto significa que aprendi que *"...a antropologia não é uma disciplina apenas fotográfica, mas sobretudo artesanal, interpretativa e microscópica..."* (Peirano: 1995, p. 33). Clifford Geertz, como a maioria de meus colegas de geração intelectual, foi o autor que marcou a minha passagem pela disciplina. Lévi-Strauss, Radcliffe-Brown, Margareth Mead, Max Gluckmann e Franz Boas não me dizem muito individualmente. Historicamente e em conjunto, no entanto, fazem-me perceber a riqueza da Antropologia como um todo e hoje, surpreendo-me gostando do que vejo e vivo. O relativismo, o respeito ao "outro", o ser ciência sem esquecer a subjetividade da vida, foi o que de mais importante aprendi com o pensamento antropológico.

Mas, enfim, a Antropologia reforçou em mim a necessidade de continuar a desconfiar da ciência e, portanto, dela própria também. Não somente porque devemos desconfiar de todos aqueles que se dizem poderosos e absolutos, mas também porque a crítica sobre nós mesmos é uma atitude científica necessária à própria ciência. Segundo um colega antropólogo, este é o meu sonho antropológico. Para mim, é um dos caminhos possíveis de compreensão do mundo e da vida, que está longe de ser simplesmente exotismo ou mistificação.

A Antropologia que percebo nas entrelinhas da produção brasileira, hoje significativa, é fantástica<sup>8</sup>. Não como sonho, porque não é um devir, mas a realidade nem sempre claramente confessada.

Ao questionar a Antropologia contextualizando-a com as memórias da minha própria experiência, não tive a pretensão da "experimentação" tentada pelos autores chamados pós-modernos<sup>9</sup>, apesar de que a possibilidade de existência destas linhas neste texto, só é

---

<sup>8</sup>Fantástica porque nos apresenta um mundo sempre diferente.

<sup>9</sup>Segundo Tereza Caldeira (1988) a antropologia pós-moderna, dizem os seus autores, pode e deve experimentar de tudo em seus textos: evocar, sugerir, provocar, ironizar.

possível graças a esses autores. O objetivo foi tão somente situar as perguntas expostas neste trabalho através da experiência de formação antropológica com a qual estou mais familiarizada, ou seja, minha própria história. Penso que toda atividade científica começa por aí. Sem negar a nossa inserção no mundo, através da auto-consciência do que somos e de como nos transformamos no que somos, estranhar o familiar e negar o cotidiano para poder voltar à totalidade apreendendo-a e interpretando-a. Não existe conhecimento sem sujeito, bem como não existe sujeito sem vida e vida sem consciência. As preocupações do presente são determinadas pelas vivências do passado e as diferentes tentativas de reconstrução do passado encontram as suas referências no presente<sup>10</sup>.

O conhecimento tem origem em nossas próprias experiências. Não é inato e nem aparece espontaneamente ou naturalmente. É preciso esforço e determinação. Mas, se não possuímos suficiente experiência de vida, uma história que nos proporcione pensar e refletir sobre o que lemos, sobre o legado de nossos antepassados, os clássicos, não teremos condições de produzir conhecimento criativo. Quanto mais rica for essa história, mais poderemos avançar em direção a um conhecimento significativo e original.

Neste sentido, um texto pode dizer muito sobre seu autor. Mesmo um texto científico. Em suas linhas e entrelinhas estão implícitas as suas concepções de mundo, de vida e de ciência.

A concepção de ciência com a qual trabalho não é uma concepção meramente utilitarista, mas também não entendo a ciência, como um conhecimento apartado do mundo e da vida real de nosso dia-a-dia. Muitas vezes o pensamento científico se recusa a habitar o mundo (Merleau-Ponty: 1994). No entanto, não existe possibilidade de ciência fora da realidade do mundo<sup>11</sup>. O trabalho intelectual tem muito da combinação de "pedaços" de vida, colhidos aqui e ali, em diferentes tempos e múltiplos espaços. A sua

---

<sup>10</sup>E com isto não quer dizer que concordo com o que Stocking Jr. (1968) denomina criticamente de "presentismo".

<sup>11</sup>Não é por acaso, com certeza, que existe hoje uma tendência estilística no texto científico de se misturar vida e ciência. Nessa direção estão concentrados alguns esforços da "Nova História" que se tem revelado em algumas obras como *O Queijo E Os Vermes* (1987), *O Mundo de Sofia* (1995) etc.

originalidade e o seu sucesso depende de certas combinações - intelectualmente e socialmente corretas em determinados momentos - que escolhemos fazer ou "esquecemos" de priorizar.

Enfim, a Antropologia tem uma responsabilidade no rumo tomado pelo conhecimento científico contemporâneo, principalmente no que diz respeito às Ciências Humanas. A observação participante, que fomos nós os primeiros a problematizar, nos ensina que a vivência é a fonte de todo conhecimento. Mas, a vivência não simplesmente experimentada, pois do contrário nosso olhar nada teria de diferente do olhar do turista ou do viajante do século passado. A experiência vivenciada que não está desvinculada da reflexão e da consciência do que se escolhe viver e participar e que nos remete aos autores clássicos da disciplina.

Ao contrário de alguns autores<sup>12</sup>, não sou avessa ao memorialismo. De certa forma e historicamente, a principal prática antropológica não deixa de ser uma "coleção" de memórias, isto é, o que poderíamos chamar de "memória vivencial"<sup>13</sup>. Não simplesmente o resgate dos acontecimentos passados, mas essencialmente a lembrança crítica e consciente do que se viveu sem perder de vista o contexto histórico de então. Nossos textos etnográficos são testemunhos de nossas vivências/reflexão/consciência entre diferentes modos de vida no tempo e no espaço.

*"Para mim, é lamentável que os praticantes desta 'antropologia crítica', tenham perdido de vista estes aspectos **testemunhais** de todo o trabalho de campo, tentando substituí-lo de modo tão americano por uma outra fórmula: um dialogismo interpretado individualisticamente e que termina por correr o risco de ser simplesmente outra fórmula de sucesso (ou camisa-de-força). Mas isso não é tudo, porque no caso da antropologia que praticamos no Brasil, não se pode esquecer que o **testemunho** é parte crítica de nossa prática como pesquisadores." (Da Matta: 1992, p. 59).*

---

<sup>12</sup>Por exemplo Luiz de Castro Faria (1993) e Moacir Palmeira (1994).

<sup>13</sup>"Para aparecer como 'yo testical' convincente, el etnógrafo ha de manifestarse primero como un 'yo' convincente." (Geertz: 1989, p. 89).

## II- INTRODUÇÃO:

### 1. O Tema:

"...se existe uma verdade, é que a verdade é um lugar de lutas." (Bourdieu 1996, p. 83)

Quando nos questionamos acerca da ciência, não podemos deixar de refletir sobre a natureza do conhecimento, do sujeito cognoscente e de categorias como a de objetividade, neutralidade e verdade.

O conhecimento científico, como é entendido tradicionalmente pela ciência - enquanto acumulação unilinear de verdades inabaláveis e incontestáveis, experimental, onde somente o sujeito possui direito à palavra e o conhecimento é a cópia fiel do que se deseja conhecer - vem sendo questionado pelas ciências modernas, seja ela exata, natural, social ou histórica. A idéia de uma ciência desvinculada da realidade, de um objeto descontextualizado<sup>14</sup> e de um sujeito neutro, vem sendo colocada em dúvida até mesmo pelas chamadas *hard sciences* (Bachelard: 1968).

Nas ciências modernas, sujeito e objeto se interpenetram, sendo o conhecimento o produto da construção do objeto através de um sujeito historicamente determinado. A ciência é entendida como plural e está definitivamente marcada pelo seu tempo e o seu

---

<sup>14</sup>Apesar de alguns autores, mesmo nas Ciências Sociais, ainda defenderem esta posição. Este parece ser o caso de Fábio Wanderley Reis: "...o provincianismo e a subordinação intelectual com frequência formam uma liga especial com a imagem, de que se falou acima, da teoria como algo 'etéreo', impropriamente 'abstrato' ou 'literário' e em última análise supérfluo: já que a reflexão teórica 'verdadeira' é a que realizam europeus e americanos, passa-se a ter um critério crucial de relevância da produção sócio-científica desenvolvida no país no fato de que ela esteja diretamente referida à 'realidade' - que é antes de mais nada a realidade brasileira naturalmente. Nessa ótica, boa ciência social é aquela que, com alguma reverência aos modelos ou abordagens 'quentes' do momento, se dirige a problemas empíricos e práticos prementes, os quais vêm a ser os problemas **socialmente** relevantes na sociedade em que vivemos. Omite-se, assim, a ponderação crucial de que não saberemos sequer definir com propriedade nossos problemas empíricos e práticos se não tivermos condições de refletir com sofisticação adequada a respeito deles, vale dizer, se não formos **teoricamente** sofisticados. E o critério antiteórico de relevância resulta numa contextualização prematura e torta do objeto de estudo, na qual o Brasil se torna o horizonte insuperável da reflexão e das atividades de pesquisas desenvolvidas." (1991, p. 31).

lugar<sup>15</sup>. A ciência, seus conceitos, suas teorias e verdades, são parte da história e possuem os seus limites nela porque, entre outras razões, não pode ser pensada independentemente dos sujeitos cognoscentes.

Não é por acaso, diz Bachelard (1968), que as ciências como nós a conhecemos hoje, se desenvolveram num determinado momento histórico da sociedade ocidental. Momento fundamental de grandes transformações, de expansão da sociedade européia, da Revolução Industrial e da Revolução Francesa; da redescoberta do homem pelo homem, de seu poder de criação e transformação do mundo e da fé inabalável no poder da ciência enquanto conhecimento e técnica. A ciência aliada à tecnologia, tornou-se tão fundamental no mundo moderno que a cultura, inicialmente influenciadora deste modo peculiar de apreensão do objeto pelo sujeito, torna-se hoje dependente do modo como o conhecimento científico apreende esta realidade. A ciência não é apenas representação, mas também atos. Não é somente contemplando, mas também e, principalmente, construindo, refletindo e retificando que se chega à verdade (Bachelard: 1968; 1977).

Para Thomas Khun (1991), a ciência se desenvolve por revoluções paradigmáticas, porque a apreensão da realidade constantemente se modifica, transformando-se em algo novo que anteriormente era impensável. Modificando, portanto, o relacionamento do homem com o mundo ao seu redor e as concepções e atitudes que aquele tem em relação a este. O que faz caminhar a ciência, tanto em Khun como em Bachelard, não é a acumulação do saber, porém as suas rupturas, os seus conflitos, os inconformismos, a criatividade humana e os debates de idéias.

---

<sup>15</sup>Esta discussão na Antropologia não é tão recente quanto parece. Em 1949, por exemplo, Margareth Mead já registrava uma preocupação nesse sentido: "*No jargão dos grupos de trabalho americanos e de outras relações sociais profissionais, subsiste há muito uma expressão: 'from where I sit' (...). É dita geralmente de modo irônico, implicando uma mudança total no ponto de vista. Quando alguém afirma com um sorriso ou um rictus de cumplicidade nos lábios: 'from where I sit', está admitindo que ninguém percebe mais que parte da verdade. Significa que a contribuição de um sexo, uma cultura ou uma disciplina científica, que poderá mesmo fundir as áreas do sexo e da cultura, é sempre parcial e deve estar sempre à espera da contribuição de outros para uma verdade mais total. Esse livro está sendo escrito do ponto de vista de uma mulher de meia-idade, americana e antropóloga.*" (1971 [1949], p. 36). Mais recentemente, Geertz também retomou esta questão. Ver *Local Knowledge* (1984), especialmente o capítulo 7: "*The Way we Think Now: Toward an Ethnography of Modern Thought*" (p. 147-163).

*"...uma das tarefas principais de uma ciência da ciência consiste em determinar o que o campo científico tem em comum com os outros campos, o campo religioso, o campo filosófico, o campo artístico, etc., e no que ele difere deles."*<sup>16</sup> (Bourdieu 1996, p. 83).

O tema proposto não é recente no campo das ciências e nos remete às discussões filosóficas desenvolvidas nos últimos séculos por autores como Descartes, Kant, Weber e Durkheim entre outros e que caminha ao lado da formação da própria ciência: a ciência da ciência.

Nas Ciências Sociais o tema gira em torno dos limites e possibilidades de cientificidade do que não é natural nem físico, isto é, do social ou humano e da problemática de um método específico para o conhecimento da realidade social. Émile Durkheim (1987) foi um marco para as disciplinas que compõem as Ciências Sociais, quando afirmou que devemos trabalhar os fatos sociais como coisas, ou seja, como exteriores e independentes do sujeito cognoscente, propondo regras rigorosas e específicas ao método propriamente sociológico.

Na Antropologia esta discussão apareceu na literatura dos anos 50/60 com a chamada "crise do objeto", quando Lévi-Strauss (1962 [1960]) fez um alerta sobre a possibilidade do desaparecimento das sociedades tribais, tradicionalmente o objeto de estudo antropológico. Os trabalhos de Firth (1956), Leach (1961), Worsley (1967), Kuper (1978 [1973]) são exemplos de autores que procuraram repensar a Antropologia em relação a sua contribuição histórica, ao seu objeto e método de investigação (Peirano: 1981). Mais recentemente são significativos os trabalhos de Geertz (1989b [1973]), Dumont (1985), Stocking Jr. (1968; 1983; 1988; 1991) e os chamados Pós-Modernos<sup>17</sup>.

As Ciências Sociais também se desenvolveram num determinado momento da história ocidental, no século XVII e XVIII - com o capitalismo, a formação dos Estados

---

<sup>16</sup>O proposto por Bourdieu como a principal tarefa da ciência da ciência, em última instância é uma tarefa essencialmente antropológica, pois tem como objetivo a apreensão da singularidade do objeto e a comparação dos objetos de estudo.

<sup>17</sup>Michael Taussig, George Marcus etc.

Nacionais e o colonialismo - e a sua problemática teórica deve ser entendida neste contexto específico.

Historicamente, o objeto de estudo da Sociologia tem sido a nossa própria sociedade; o da Antropologia as demais. Com base nesta constatação Ernest Gellner (1981) pergunta-nos: como pode haver métodos e teorias diferentes para objetos de uma mesma natureza?

*"Em termos lógicos, não existe uma boa justificação para distinguirmos entre sociologia e antropologia social; existe uma lei para uma parte da humanidade e outra para a restante? (...) Mas as fronteiras das ciências, tal como as dos estados, não se originam, de um modo geral, em considerações lógicas e, amiúde, desatiam-nas até. As duas disciplinas nasceram de preocupações diferentes. A sociologia apareceu porque os homens se aperceberam do contraste existente entre uma velha ordem social aristocrática-agrária-militar e uma outra ordem comercial-industrial-burguesa que parecia estar a substituí-la e procuraram o significado desta transição e do seu lugar na história humana em geral. A antropologia como disciplina independente nasceu mais tarde e era, parece-me, a consequência inevitável de uma série de temas muito universais no século XIX: o evolucionismo inspirado por Darwin e pelos então evidentes factos da história europeia, bem como a incorporação de povos muito estranhos no mundo acessível. O evolucionismo (...) Via na evolução e no progresso as noções chave para a interpretação da vida humana... (...) Com efeito, a Antropologia nasceu como a ciência máquina-do-tempo." (Gellner: 1981, p. 19-20)*

Os encontros entre os diferentes povos do globo terrestre sempre estiveram na história e a formulação de idéias sobre os "outros" sempre existiu. O grande avanço do pensamento ocidental moderno sobre as diferenças entre as populações, particularmente do pensamento antropológico, está na sua capacidade de pensar-se a si mesmo criticamente, e criticamente refletir sobre esses confrontos e essas diferenças.

Como toda ciência, a Antropologia trabalha com categorias de entendimento que como as demais tenta dar conta da problemática suscitada por ela. As categorias chaves da Antropologia que dizem respeito ao contexto histórico de seu nascimento e que acompanhou a sua trajetória posterior, são as categorias de homem, cultura e natureza.

A Antropologia desde então, vem trabalhando com a problemática da natureza x cultura, isto é, de uma mesma unidade biológica humana em confronto com a sua

multiplicidade cultural. A questão básica colocada pela disciplina tem sido: frente à unidade biológica comum a todos os seres humanos, como se explicariam as diferenças visíveis? (Lévi-Strauss: 1989 [1948]).

Essa multiplicidade, que começou a se transformar num ritmo diferente com o colonialismo, foi alvo de reflexão da Antropologia, que por muito tempo encontrou nela o seu objeto de estudo. Mas, como deixa entender Claude Lévi-Strauss em **Raça e História** (1989 [1948]), estes encontros contribuíram para o aprofundamento dessas diferenças, mesmo quando as correlações de forças eram diferentes entre os povos. Para o autor, as diversidades persistem, algumas vezes, com significados diferentes; outras, como insistência da afirmação do "eu" em relação ao "outro" ou ainda, como desigualdades sociais.

O próprio conceito de cultura, inicialmente utilizado na Antropologia por Tylor em **Primitive Culture** (1871), está de acordo com a tradição alemã do século XVIII. Esta tradição contrapõe o conceito de *kultur* ao conceito de civilização<sup>18</sup> como categoria dinâmica, que engloba, além dos artefatos materiais, os costumes dos diferentes povos (Elias: 1994).

Nas últimas décadas começou a existir um deslocamento do objeto de estudo da Antropologia, que vai das sociedades tribais - onde a cultura era entendida como totalidade fechada e a garantia de objetividade era dada pela distância cultural ou geográfica do pesquisador em relação ao seu objeto - às sociedades ditas complexas - onde a totalidade não pode ou é difícil de ser considerada enquanto tal, pois existem múltiplas e infinitas diferenças em sua estrutura, e a distância entre objeto e sujeito cognoscente, se ela existe, é muito pequena, muitas vezes imperceptível. Atualmente, a Antropologia se encontra frente a uma nova problemática: começa a questionar a si mesma enquanto ciência, ao seu

---

<sup>18</sup>O conceito de cultura apareceu nessa época como alternativa ao conceito de civilização que vinha sendo desgastado pela sua analogia com a "civilização industrial", incapaz de levar a todos os seres humanos os benefícios conseguidos (Elias: 1994).

objeto, os seus objetivos, enfim, o seu projeto de compreensão da realidade e a objetividade que pretende ou é possível garantir dentro de sua perspectiva particular.

A Antropologia contemporânea deve enfrentar problemas como as diferenças de poder<sup>19</sup> entre o pesquisador e seu objeto de estudo, dos conflitos e das desigualdades sociais entre os povos, que são substancialmente diferentes dos problemas enfrentados pela disciplina no passado.

Atualmente, o mundo passa por um momento crítico de reflexão e questionamento de seus valores, modos de vida, perspectivas para o futuro etc. A "ocidentalização" crescente, a crise econômica internacional e o surgimento de novas formas de capitalização<sup>20</sup> não podem deixar de ser consideradas nessa reflexão. Muitas vezes, estas transformações que parecem acontecer num ritmo cada vez mais acelerado, criam desesperanças e a individualização exarcebada, pois ao lado de uma civilização que muito tem prometido, encontramos a fome e a injustiça. Este conflito está presente também nas ciências, na confiança em sua atual capacidade explicativa (Montero: 1992) e nas suas possibilidades de resposta para os problemas do mundo contemporâneo.

No caso brasileiro - que possui um espaço determinado na divisão do trabalho internacional, na ciência e na cultura ocidental, a Antropologia tem tido um papel relevante. Ao lado de sua especificidade multinacional e multicultural (Oliven: 1989), convivemos com a dificuldade em aceitar estas diferenças, como é o exemplo da ideologia da "democracia racial".

O pensamento antropológico no Brasil legitimou-se como conhecimento/autoridade que vem discutindo a problemática do contexto sócio-político do país, como a questão da redemocratização social, da crise na ética política e a falta de confiança em suas instituições pelo povo brasileiro.

---

<sup>19</sup>Ver Bourdieu (1996) sobre "capital cultural".

<sup>20</sup>Veja-se, por exemplo, a crise mexicana e a quebra de uma das mais tradicionais agências financeiras da Inglaterra. Ou seja, começam a existir novos pólos de poder do capital que extrapolam o capital financeiro e o capital cultural.

Parto do pressuposto teórico da aceitação da Antropologia como Ciência Social e, portanto, não considero que existam limites rígidos entre as disciplinas das Ciências Sociais. A Sociologia, a Ciência Política e a Antropologia Social, além da Economia, História e Geografia, são no seu conjunto, tentativas de compreensão da realidade que, como a própria realidade, para ser apreendida deve estar necessariamente "segmentada", sem, contudo, esquecer que o todo é indissolúvel e mais dinâmico.

No entanto, não entendo ser o conhecimento proporcionado pelas Ciências Sociais, possível de objetividade e que tem como objetivo a busca de leis universais. Existe uma qualidade diferente entre a maneira de conhecer nas Ciências Exatas/Biológicas e nas Ciências Sociais:

*"Comprender e interpretar no es sólo una instancia científica, sino que pertenece con toda evidencia a la experiencia humana del mundo. En su origen el problema hermenéutico no es en modo alguno um problema metódico. No se interesa por un método de la comprensión que permita someter los textos, igual que cualquier otro objeto de la experiencia, al conocimiento científico. Ni siquiera se ocupa básicamente de constituir un conocimiento seguro y acorde con el ideal metódico de la ciencia. Y sin embargo trata de ciencia, y trata también de verdade. Cuando se comprende la tradición no sólo se comprenden textos, sino que se adquieren perspectivas y se conocen verdades."* (Gadamer: 1991 [1960], p. 23).

Mesmo que se concorde que exista diferença entre a interpretação de textos e a interpretação das culturas (Fischer: 1985), a concepção da hermenêutica de Gadamer ainda será válida no que diz respeito à compreensão da realidade social.

É com a criação dos Programas de Pós-Graduação - como espaços de ensino e pesquisa - que a Antropologia no Brasil<sup>21</sup> conquista um novo significado, expresso na constituição de um campo intelectual reconhecido pelos intelectuais brasileiros.

Dentro deste quadro mais geral - filosófico, científico e antropológico - para iniciar a pesquisa era preciso eleger um objeto empírico, descobrindo na realidade o que poderia

---

<sup>21</sup>Apesar de não discordar da universalidade da ciência, entendo, como Peirano (1981; 1991), que existem estilos diferenciados de se fazer e pensar antropológicamente, de acordo com as especificidades de cada contexto.

ser mais relevante para a compreensão da Antropologia no Brasil. Era preciso fazer trabalho de campo<sup>22</sup> e escolher um objeto que somente através de sua singularidade pudesse nos levar a compreender o que é isso que chamamos de Antropologia brasileira<sup>23</sup>.

A sugestão me foi dada por Roberto Cardoso de Oliveira, que, ao mesmo tempo empolgado com a temática proposta, colocou-me a complexidade da tarefa. Aceitamos o desafio, minha orientadora e eu. E, apesar de já ter iniciado há algum tempo a presente pesquisa<sup>24</sup>, hoje encontro ressonância entre vários dos antropólogos brasileiros:

*"Um sine qua non de qualquer reforma dos cursos de Ciências Sociais em geral, e a participação da Antropologia em particular, exigiria como primeiro passo uma etnografia detalhada e detalhista na universidade para aprofundar um conhecimento do ponto de vista dos vários 'nativos': os alunos, os funcionários e os professores." (Fry: 1995, p. 29).*

E ainda:

*"Não cabe dúvida que neste final de século, seria preciso realizar um amplo balanço do estado atual da Antropologia brasileira... (...) Seria preciso dedicar horas a fio na leitura de monografias e no levantamento de dissertações e teses produzidas nos últimos anos, visto que desconheço a existência de balanços abrangentes e sistemáticos já realizados... (...) Qualquer tentativa de se compreender as 'tendências atuais da pesquisa em humanidades', isto é, de compreender as teorias e problemas que ocupam a maior parte dos pesquisadores contemporâneos, não pode limitar-se a uma simples **história das idéias**, ou seja, supor que as idéias se engendram a si mesmas, independentemente do contexto institucional em que são produzidas e dos agentes históricos que as criam." (Montero: 1995, p. 18).<sup>25</sup>*

O objeto empírico escolhido - as dissertações e teses em Antropologia Social no período que denomino de *era da pós-graduação*, isto é, de 1968 até nossos dias - foi se restringindo cada vez mais pela complexidade inicial da proposta. Passei um ano e meio

---

<sup>22</sup>Nas últimas décadas, a noção de **campo** vem se modificando consideravelmente sem que, no entanto, se faça acompanhar de uma discussão e problematização do que o conceito significa para a Antropologia num mundo onde o "outro" já não se encontra tão distante, nem é tão radicalmente diferente do "eu".

<sup>23</sup>Ver texto de Cardoso de Oliveira (1986).

<sup>24</sup>Há aproximadamente quatro anos.

<sup>25</sup>Ver ainda Corrêa (1995).

lendo as dissertações de mestrado em Antropologia Social da Universidade de Brasília/UNB, Universidade de São Paulo/USP, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ e Universidade Estadual de Campinas/Unicamp e parece que somente agora começo a compreender o que é a Antropologia no Brasil na era da pós-graduação:

*"...período em que a Antropologia no Brasil redefiniu seu território institucional e passou a utilizar-se de uma linguagem própria ('autóctone') preparando, em suma, as condições de sua reprodução de um modo que era impensável até então." (Corrêa: 1995, p. 27).*

Nesse sentido, vou utilizar o conceito de **campo** proposto por Bourdieu (1983; 1983b; 1996) na compreensão do espaço ocupado pela Antropologia no país:

*"Essa estrutura não é imutável e a topologia que descreve um estado de posições sociais permite fundar uma análise dinâmica da conservação e da transformação da estrutura da distribuição das propriedades ativas e, assim, do espaço social. É isso que acredito expressar quando descrevo o espaço social global como um **campo**, isto é, ao mesmo tempo como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas no interior do qual os agentes enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura." (Bourdieu: 1996, p. 50).*

Existe hoje no Brasil, de fato, como espero demonstrar, uma tradição de pensamento e pesquisa construída pela Antropologia<sup>26</sup> que foi sedimentada nesses últimos trinta anos. Essa tradição começou a se formar no final do século passado com Nina Rodrigues (Corrêa: 1982), foi sendo alimentada durante toda a primeira metade desse século, principalmente através do pensamento de Gilberto Freyre sobre a sociedade nacional, com as pesquisas desenvolvidas por Curt Nimuendaju entre os índios do Brasil e

---

<sup>26</sup>Portanto, como afirmou em outra oportunidade também Roberto Da Matta, não existe no pensamento social brasileiro, uma "ausência" de história: *"Mas aqui, há uma intrigante ausência de 'linearidade' social e institucional, como se o tempo passasse sem produzir uma 'história'. Sem encontrar 'linearidades' nas sucessões temporais latino-americanas, a visão tradicional percebe essa 'mistura' de formas como uma combinação absurda. O pressuposto é que todas as histórias teriam que ser semelhantes à da Europa e dos Estados Unidos, e se fariam por meio de uma 'acumulação' em que certas instituições substituiriam outras. Segundo este modelo, não existiria transformação se o sistema mostrasse apenas combinação ou mistura. Como se a mistura não pudesse ser compreendida positivamente." (Da Matta: 1992a, p. 24).*

a institucionalização das Ciências Sociais com a criação da FFCL/USP; tomou fôlego nos anos 50 com os projetos e pesquisas de Darcy Ribeiro no Museu do Índio e, finalmente, se consolidou com a criação dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS a partir dos anos 60. Roberto Cardoso de Oliveira e o grupo formado por ele - no Museu Nacional e na UNB -, os antropólogos da USP e os professores ingleses que se transferiram para a Unicamp, foram fundamentais na constituição de um campo da Antropologia brasileira e, portanto, de uma tradição de pensar e pesquisar no país. O que, anteriormente aos PPGAS, formava um grupo "amorfo" e sujeito a iniciativas individuais, transformou-se em profissionais fortemente denominados, entre os cientistas sociais, por uma identidade: o de ser antropólogo.

*"A antropologia no Brasil é uma antropologia do Brasil. Sempre foi, por uma confluência de motivos geográficos e de motivos históricos. Historicamente, tratava-se, desde a Independência, de criar, pensando-a, uma identidade para a nova nação. Problemática de estadistas, abordada seja pela alegoria das raízes históricas, seja pela das essências raciais ou culturais, domínio este, tradicional, da antropologia. Desde Nina Rodrigues e sobretudo Gilberto Freyre, os antropólogos tornaram-se os bardos da nacionalidade, fenômeno **sui generis** no panorama internacional, a tal ponto que é agora aos antropólogos que se pede a elaboração dos mitos da brasilidade. Mas se há uma antropologia que tece mitos, outra os destia penelopicamente. Há toda uma corrente de antropologia crítica que também estuda o Brasil, mas para mudá-lo. Geograficamente, estavam no Brasil muitas das sociedades por quem se interessava a antropologia mundial: sociedades indígenas e minorias negras. Assim, se sob os motivos históricos estavam os políticos, sob os geográficos estavam os teóricos." (Carneiro da Cunha: 1986, p. 7).*

## **2. A Pós-Graduação no Brasil:**

A história da ciência no Brasil<sup>27</sup> pode ser compreendida levando-se em conta quatro momentos fundamentais na construção de uma tradição com lugar de destaque em nosso país.

---

<sup>27</sup>Ver sobre o tema os trabalhos de Schwartzman (1979; 1981; 1984; 1986).

O primeiro momento dessa história foi marcado pela transferência da família real, com a instalação da sede do governo português na colônia brasileira em 1808. Criaram-se, então, as condições básicas e iniciais para o surgimento das instituições do saber como, por exemplo, o Museu Nacional no Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional etc.

A história do ensino superior brasileiro<sup>28</sup>, iniciou-se nesse período com a criação dos cursos médicos no Rio de Janeiro e Salvador e, logo depois, com os cursos jurídicos em Olinda e São Paulo. Em 1808 foi criada a Faculdade de Medicina da Bahia e em 1809 a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1810 criou-se a Academia Militar, depois Escola Politécnica, responsável por um curso regular de Ciências Exatas aplicada aos estudos militares e práticos como, por exemplo, a Engenharia. Em 11 de agosto de 1827 foi criada a Faculdade de Direito de São Paulo e quase na mesma época, a Faculdade de Direito de Olinda (Souza Campos: 1954).

A "Era dos Museus"<sup>29</sup> (Stocking Jr.: 1983) foi o segundo momento dessa história, com o apogeu, no final do século passado, do Museu Nacional no Rio de Janeiro, o Museu Paulista em São Paulo e o Museu Paraense<sup>30</sup> em Belém do Pará. Estas eram as únicas instituições no país que cumpriam um papel relevante enquanto local de pesquisa e produção científica. Foi um momento onde se sistematizaram as discussões sobre o homem americano presentes desde o descobrimento, tendo-se, então, como referencial teórico, o paradigma evolucionista em voga na Europa do final do século passado. Os intelectuais da chamada "geração de 1870", tinham como preocupação central a criação de um saber próprio sobre o Brasil através do cientificismo, empenhados que estavam em conhecer, investigar e mapear o país e a sua realidade (Pontes: 1989, p. 363). Foi uma época efervescente e de uma reflexão constante sobre a realidade brasileira, inclusive, com a fundação do Partido Republicano, a Proclamação da República (1879) e a abolição da escravatura (1888).

---

<sup>28</sup>Ver especialmente Souza Campos (1954) e Schwartzman (1979; 1984).

<sup>29</sup>Ver sobre os museus brasileiros o texto de Schwarcz (1989; 1993).

<sup>30</sup>Mais tarde Museu Paraense "Emílio Goeldi".

Segundo Luiz de Castro Faria (1993: p. 70), a primeira tentativa de se criar uma Universidade brasileira foi em 1881, apelidada de "napoleônica" por ter como proposta, a unificação das Faculdades existentes em todo o país. Os intelectuais positivistas rejeitaram a idéia:

*"É preciso desistirmos, de uma vez por todas, da vaidade de ter uma ciência nacional. A ciência é universal no seu destino, e basta que seja elaborada por quem já estiver em condições de fazê-lo. É a divisão dos ofícios aplicada as nações."* (Teixeira Mendes apud Castro Faria: 1993, p. 72)

Nesse momento também foram criadas as Escolas Médicas em Porto Alegre (1897), Belo Horizonte (1911) e logo depois, Paraná e São Paulo em 1913 (Souza Campos: 1954). Para Schwartzman (1979), foi posivelmente em 1912 que se criou a Universidade do Paraná, a primeira do país.

O terceiro momento dessa história se iniciou com as décadas de 20 e 30, quando os ideais da geração de 1870 - na busca de uma identidade nacional - se renovaram e vários acontecimentos marcaram o período: a Semana de Arte Moderna (1922), a criação do Partido Comunista Brasileiro (1922), a criação do Instituto Católico de Estudos Superiores<sup>31</sup> (1932), a Reforma Sampaio Dória em 1920 que criou a Faculdade de Educação em São Paulo<sup>32</sup>, o início do mercado editorial com a liderança de Monteiro Lobato<sup>33</sup> e principalmente, a criação da Universidade de São Paulo em 1934<sup>34</sup>.

Segundo Ernesto de Souza Campos (1954: p. 73), a primeira universidade<sup>35</sup> criada no Brasil foi a Universidade do Rio de Janeiro<sup>36</sup> - hoje chamada de Universidade do Brasil -

---

<sup>31</sup>Ligado ao Centro Dom Vital no Rio de Janeiro e "Fundado por Alceu Amoroso Lima para catalizar a atuação dos católicos na discussão do ensino superior e manter influência sobre a formação de elite." (Tavares de Almeida: 1989, p. 194-195).

<sup>32</sup>Ver Limongi (1989).

<sup>33</sup>Ver o texto de Pontes (1989).

<sup>34</sup>Consultar sobre o assunto Schwartzman (1979), Irene Cardoso (1982) e Limongi (1989).

<sup>35</sup>O ensino brasileiro instalou-se no país tardiamente se comparado aos demais países das Américas. Na era quinhentista, alguns países já possuíam Universidades como a de São Marcos no Peru e a Universidade São Domingos no México. No século seguinte criaram-se universidades na Guatemala, Argentina, Filipinas, Bolívia e Estados Unidos. No século XVII foi a vez das universidades na Venezuela, Chile e Cuba, além da

em 07 de setembro de 1920 pelo Decreto Nº 14.343, com a junção de três Faculdades existentes anteriormente: Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito e a Escola Politécnica. Logo depois, em 07 de setembro de 1927, criou-se a Universidade de Minas Gerais.

Contudo, é somente em 11 de abril de 1931 que o Decreto Nº 19.851 e Nº 19.852, regulamentou os estatutos das universidades brasileiras, o que ficou conhecido como Reforma Francisco Campos (Schwartzman: 1979, p. 170-176).

A criação por Armando Sales de Oliveira da Universidade de São Paulo em 25 de janeiro de 1934, com o Decreto Nº 6.283, foi um marco nessa história pela grandiosidade do projeto e pelos esforços concentrados de vários intelectuais paulista<sup>37</sup>. Foi através do modelo de ensino superior implantado na USP, que nas décadas de 40 e 50 foram criadas as Universidades Federais em todo o Brasil.

No entanto, existia um descompasso entre as instituições de ensino superior e os institutos de pesquisa científica. Enquanto que as primeiras instituições citadas ficavam responsáveis pela formação de uma classe dirigente para o país, os institutos foram os embriões das pequenas equipes de cientistas responsáveis pelas pesquisas. Era através destas equipes, que se conseguiam os contatos com os avanços científicos dos países tecnologicamente mais avançados, acumulando experiências em determinadas áreas do saber. Esses núcleos foram os responsáveis pela formação posterior de uma massa crítica

---

multiplicação das instituições superiores nos Estados Unidos e México. Novas universidades foram criadas também no século XVIII no Uruguai, Colômbia, Equador, Paraguai e Honduras. No Brasil, as primeiras universidades nasceram somente no primeiro quartel deste século (Souza Campos: 1954). No entanto, anteriormente a esse período, existiram várias propostas de universidades no Brasil como, por exemplo, Maurício de Nassau no nordeste brasileiro (Córdova et al.: 1985) e o ideal da Inconfidência Mineira que tinha como modelo a Universidade de Coimbra.

<sup>36</sup>De acordo com Souza Campos (1954) e Schwartzman (1979), a criação de uma universidade no Rio de Janeiro é controversa. Em síntese, a Universidade do Rio de Janeiro foi criada em 1920 e logo foi desativada. Em 1935 foi fundada a Universidade do Distrito Federal/UDF que também foi extinta (Souza Campos: 1954). Em seu lugar foi criada a Universidade do Brasil que nos anos 50 passou a ser denominada de Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Schwartzman). Consultar também Tavares de Almeida (1989).

<sup>37</sup>Como, por exemplo, Júlio de Mesquita e a campanha do jornal O Estado de S. Paulo. Ver o texto de Schwartzman (1979) e Limongi (1989).

que, em colaboração com as universidades, implementaram pesquisas no campo das ciências e tecnologia no Brasil. O exemplar no período o qual estamos nos referindo, é o Instituto Manguinhos no Rio de Janeiro que, principalmente na área das vacinas, conseguiu financiamentos e a formação de pesquisadores competentes na área. Poderíamos citar também o Instituto Agrônomo de Campinas/SP, o Jardim Botânico e o Observatório Nacional, ambos no Rio de Janeiro (Schwartzman: 1979).

No final da década de 30, foi implantada a "Lei de Desacumulação" que proibia o acúmulo de cargos na administração pública (Schwartzman: 1979, p. 181-188) e atingiu a maioria dos cientistas ocupantes de funções de docência e pesquisa nas Universidades e nos institutos de pesquisa. Estes cientistas foram obrigados a optar por uma das funções a que estavam ligados, e conseqüentemente, houve uma migração de pesquisadores e professores para São Paulo que começou, então, a se transformar no grande centro do ensino e da pesquisa científica no país. Pelo seu desenvolvimento econômico crescente na época, São Paulo possuía melhores e maiores condições de absorver esses "migrantes" em suas instituições de ensino e pesquisa.

Com certeza, esse período foi um marco decisivo na história da ciência brasileira, quando o ensino superior e a pesquisa científica em nosso país, começou a se transformar substancialmente. A fase do diletantismo e da curiosidade, foi substituída pela necessidade da resolução de problemas concretos e urgentes. Começou-se a desenvolver um projeto político-científico sob a liderança do Estado Novo, e foram criadas, nas principais áreas do conhecimento, as condições básicas para que, no período subsequente, se formasse uma massa crítica nas universidades.

Na busca de um caminho próprio para o seu desenvolvimento, a criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC<sup>38</sup> em 1948 foi significativa para a pesquisa de alto nível no Brasil. A discussão política da ciência e da sua utilização, foi o que direcionou os debates pela criação da SBPC, reflexo do que já vinha acontecendo em

---

<sup>38</sup>Ver sobre o tema, o livro de Ana Maria Fernandes (1990).

países europeus e nos Estados Unidos em função, principalmente, da explosão da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945.

Nos anos 40 foram fundadas várias instituições de ensino superior como, por exemplo, as Universidades Federais da Bahia e de Pernambuco e as Pontifícias Universidades Católicas/PUC do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná<sup>39</sup>.

Uma vertente nacionalista da ciência brasileira sob a liderança do Almirante Álvaro Alberto, criou em 1951 com a Lei Nº 1.310 o Conselho Nacional de Pesquisa/CNPq<sup>40</sup> que tinha como objetivo estimular e apoiar a ciência, desenvolvendo e controlando a pesquisa atômica no país (Córdova et al.: 1986). A Campanha de Aperfeiçoamento da Pesquisa no Ensino Superior/CAPES<sup>41</sup> também foi criada em 1951, tendo Anísio Teixeira como Secretário-Geral e possuindo como um de seus principais objetivos, a formação de pessoal altamente qualificado<sup>42</sup>.

Essas transformações começaram a se intensificar com o fim da IIª Guerra Mundial, revelando cada vez mais a estrutura precária do ensino superior e da pesquisa científica no Brasil.

---

<sup>39</sup>Inicialmente denominou-se Universidade Católica do Paraná. Sobre as instituições católicas de ensino superior, consultar principalmente Salen (1982), mas também Tavares de Almeida (1989) e Schwartzman (1979).

<sup>40</sup>Sobre a atuação do CNPq desde a sua criação até 1985 consultar Forjaz (1989).

<sup>41</sup>*Além do caráter recente, a pesquisa social enfrentou dificuldades de ordem ideológica, por ser frequentemente vinculada às idéias socialistas e, mais do que isso, enfrentou (e ainda enfrenta) o questionamento de sua 'cientificidade' por parte dos ramos científicos mais tradicionais. Esta postura prevalecente entre a comunidade científica hegemônica redundou, nos anos 50 e 60, numa espécie de divisão de trabalho entre as agências financiadoras, que sediava no CNPq as disciplinas de maior prestígio e reconhecimento social e reservava à CAPES (criada no mesmo ano que o CNPq no âmbito do Ministério da Educação) os financiamentos para as Ciências Sociais: 'O CNPq não apoiava as Ciências Sociais porque a CAPES, que tinha um perfil mais docente, fazia esse papel. Vai aí o preconceito da ciência de então contra as Ciências Sociais, como se o cientista social fosse professor, mas não pesquisador, não cientista. Eu diria até que o profissional de Ciências Sociais era professor e a palavra cientista só seria aplicada ao pessoal das ciências 'duras' (...) Os profissionais de ciências humanas ensinam e os das ciências exatas pesquisam.'* (Marcos Maciel Formiga apud Forjaz: 1989, p. 79).

<sup>42</sup>Sobre financiamento para as pesquisas em Ciências Sociais, consultar Figueiredo (1988) que discorre, principalmente, sobre as dotações feitas pela Fundação Ford e pela FINEP. Sobre CNPq e CAPES ver Schwartzman (1979) e Forjaz (1989). Sobre a Fundação Ford ver também Micelli (1993).

O último momento dessa história é o momento atual que iniciou-se na década de 60 e tem, como principal marco, a reforma do ensino brasileiro em 1968 e a implantação dos Programas de Pós-Graduação<sup>43</sup>.

Após a IIª Guerra Mundial, os Estados Unidos assumiram a liderança da atividade da economia internacional. A estrutura científica criada em função do conflito mundial (1939-1945) foi reforçada com o início da guerra fria após 1945, consolidando-se a crença no poder ilimitado da ciência e da tecnologia. Os investimentos nessas áreas aumentaram cada vez mais nos Estados Unidos e nos países sob sua influência. A disposição "natural" dos norte-americanos em estar na liderança mundial, econômica e cientificamente, foi cada vez mais consolidada pelo poderio crescente dos avanços tecnológicos conseguidos por eles em todos os campos da ciência (Schwartzman: 1979, p. 281-282). A guerra transformou a ordem econômica internacional e implementou uma nova divisão do trabalho entre países do mundo todo.

Os reflexos do conflito mundial no Brasil, que teve pouca participação no acontecido, foi a sua transformação em importante fornecedor de materiais estratégicos para o grupo de países aliados. Como principal consequência desse novo modelo, temos a criação da Usina de Volta Redonda que contou com apoio técnico e financeiro dos EUA. O Brasil começou a importar menos e a investir mais na sua industrialização, o que levou à transformação da sociedade basicamente agrária, em sociedade urbana e de consumo (Schwartzman: 1979, p. 285). Criou-se em função disso, uma demanda por melhores profissionais e o anseio da classe média urbana por prestígio social e seus benefícios. Consequentemente, aumentou a procura por títulos universitários em todo o país e, principalmente, em seu pólo mais desenvolvido: São Paulo<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup>Ver Schwartzman (1979; 1991), Abranches (1982), Paoli (1985; 1986), Durham (1986), Figueiredo (1988), Cunha (1988), Reis (1991), Alencastro (1991), Micelli (1995; 1995b), Sorj (1995), Viveiros de Castro (1995), Montero (1995), Peirano (1991), Corêa (1995) e Vianna et al. (1995).

<sup>44</sup>Consultar Micelli (1989).

Universidades Federais e Católicas foram criadas em todo o território nacional nas décadas de 40 e 50. Mas, o acesso ao ensino superior continuou restrito a uma pequena parcela da população: aqueles que tinham condições de ingressar nos colégios secundários, na época em sua maioria, colégios privados.

Esse contexto sócio-político propiciou um clima para críticas ao sistema de ensino por parte de intelectuais, estudantes e parcela do operariado. A crise do ensino superior brasileiro se aprofundou significativamente no início dos anos 60 com as reivindicações populares por reformas sociais básicas, entre elas, a reforma do ensino<sup>45</sup>.

Com o golpe militar de 1964, o governo brasileiro optou por adquirir tecnologia importada, principalmente dos Estados Unidos. Na contramão do que vinha acontecendo no governo de João Goulart, os militares abriram o país ao capital estrangeiro e promoveram a Reforma do Ensino<sup>46</sup> (1968) nos moldes norte-americanos através do acordo MEC-USAID<sup>47</sup> (1965). Uma das principais mudanças no ensino superior promovida pela reforma, foi a abolição do sistema de cátedras e a criação dos Institutos e Departamentos. Em resumo, rompeu-se com a percepção da totalidade, tanto em relação ao docente - que passou a pertencer a um Departamento, lecionando em diferentes cursos sem ter a visão desses cursos como um todo -, quanto em relação aos alunos - que passaram a fazer a sua formação em "pedaços" (Paoli: 1985), isto é, com o sistema de créditos onde não se tem a consciência de pertencimento a um mesmo grupo.

O que mais nos interessa neste conjunto de reformas é a implantação dos cursos de pós-graduação<sup>48</sup> através do Decreto Nº 64.085 de 11 de fevereiro de 1968, tendo como

---

<sup>45</sup>Consultar Schwartzman (1979; 1991).

<sup>46</sup>Ver Luiz Antônio Cunha (1988).

<sup>47</sup>Comissão mista formada por profissionais de ambos os países com o objetivo de formular uma proposta de reforma do ensino brasileiro. Na mesma época, acordos parecidos foram firmados no México, Colômbia e outros países latino-americanos (Schwartzman: 1979).

<sup>48</sup>Excluindo-se o caso da USP que contava com o doutorado, podemos citar o pioneirismo da pós-graduação no ITA e das Escolas de Agronomia: Universidade de Viçosa (1961), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1963) e a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/ESALQ-USP (1964) (Córdova et al.:

base o Parecer Nº 977/65<sup>49</sup>, que ficou conhecido como "Parecer Sucupira" por ter como relator Newton Sucupira<sup>50</sup>. O Parecer teve como objetivo prioritário a definição dos cursos de pós-graduação baseando-se nos seguintes pontos: necessidade e objetivos dos cursos de pós-graduação que deviam formar pesquisadores de alto nível e educadores para o terceiro grau do ensino; fazer a diferenciação entre a pós-graduação *stricto-sensu* (mestrado e doutorado) dos cursos de aperfeiçoamento e especialização (*lato-sensu*). O modelo básico de ensino foi o da estrutura universitária norte-americano.

*"...o Brasil desencadeará (...) uma das mais espetaculares expansões do sistema de pós-graduação da América Latina para atender a todas as funções ao mesmo tempo: satisfazer as demandas de distinção 'credencialista' dos estratos médios altos, oferecer formação profissional avançada, formar professores para o ensino superior, aperfeiçoar funcionários públicos, promover iniciação científica, formar e treinar pesquisadores em ciência básica, desenvolver pesquisadores de alto nível, oferecer ambiente para a pesquisa, organizar a pesquisa e, em vários casos, tentar chegar à Pesquisa & Desenvolvimento de produtos e processos em conexão com a indústria."*  
(Córdova et al.: 1986, p. 22).

Como resposta às reivindicações de aumento nas vagas das universidades brasileiras, o governo incentivou também a criação de instituições de ensino privadas, contribuindo, segundo alguns especialistas, para o rebaixamento na qualidade de ensino em todo o país, já que essas instituições poderiam ter como objetivo imediato o lucro rápido e não um ensino de qualidade.

A conjuntura da década de 60 caracterizou-se pelo autoritarismo e centralização das decisões pelos governos militares, privando a ciência brasileira, num momento decisivo de seu desenvolvimento, dos mais significativos e talentosos pesquisadores. Felizmente, no

---

1986). Além do projeto da Universidade de Brasília que não chegou a ser implantado em consequência do golpe de 1964.

<sup>49</sup>Ver Carvalho (1969).

<sup>50</sup>Também participaram desta comissão: Almeida Júnior (presidente), Clóvis Salgado, José Barreto Filho, Maurício Rocha e Silva, Dumerval Trigueiro, Alceu Amoroso Lima, Anísio Teixeira, Valnir Chagas e Rubens Maciel.

que diz respeito aos cientistas sociais, estes sempre se esforçaram por se manterem "próximos" ao país.

É nesse contexto que foram criados os Programas de Pós-Graduação mais antigos, entre eles, os de Antropologia Social do Museu Nacional (1968), USP (1971), da UNB (1972) e da Unicamp (1971). Após o momento inicial de euforia, e a partir da crítica e reavaliação deste período de grande crescimento da pós-graduação brasileira (1968-1975), se organizou o Plano Nacional de Pós-Graduação<sup>51</sup> (PNPG), que foi definido a partir do Programa Estratégico de Desenvolvimento Econômico do país.

Também nessa época se intensificou o envio de estudantes, principalmente de doutorado, para o exterior, o que já vinha acontecendo vagarosamente desde o final da IIª Guerra Mundial. É importante frisar o papel fundamental que teve a distribuição de bolsas de estudo e recursos por parte de instituições governamentais nesse primeiro momento, como o CNPq que foi redefinido nesta época, a Fundação de Amparo a Pesquisa no Estado de São Paulo/FAPESP<sup>52</sup> e o Fundo de Desenvolvimento Técnico-Científico do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico/BNDE<sup>53</sup> entre outros.

O Plano Nacional de Pós-Graduação/PNPG, editado em 4 de janeiro de 1974, propôs medidas para definir a política de pós-graduação no país, tendo como principais objetivos: integrar ensino e pesquisa; formar recursos humanos para os diferentes níveis de ensino, especialmente o ensino superior, mas também para a sociedade; atender as necessidades nacionais com a formação de cientistas no Brasil e, na sua impossibilidade, proporcionar convênios internacionais. O PNPG foi feito, portanto, após o período inicial de implantação da pós-graduação no país, para propor reformulações e metas para um período futuro de cinco anos (1975-1979) com vistas a:

---

<sup>51</sup>Para uma crítica mais aprofundada do PNPG e IIº PNPG ver Paoli (1985) e Durham (1986b).

<sup>52</sup>Fundada em 1961 e que possui 0,5% do arrecadamento do Estado de São Paulo destinado ao seu orçamento garantido pela Constituição Estadual de 1947 (Forjaz: 1989).

<sup>53</sup>Criado em 1964.

*"...transformar as universidades em verdadeiros centros de atividades criativas permanentes, o que será alcançado na medida em que o sistema de pós-graduação exerça eficientemente suas funções formativas e pratique um trabalho constante de investigação e análise em todos os campos e temas do conhecimento humano e da cultura brasileira." (PNPG, p. 17)*

Segundo o PNPG, as características principais do momento inicial de implantação dos Programas de Pós-Graduação, foi a desarticulação entre as várias instituições e as iniciativas isoladas em relação a criação destes Programas. Os cursos de pós-graduação nasceram para atender a uma demanda do mercado de trabalho e eram instáveis, pouco recebendo em termos de financiamento das agências de fomento, que também eram escassas naquele momento. Os Programas eram pouco eficientes, sendo que a maioria de seus alunos não chegavam a completar os créditos iniciados (PNPG: 1975, p. 13). Já naquela época, consideravam-se os prazos de integralização de mestrado<sup>54</sup> e doutorado<sup>55</sup> como muito dilatados quando comparados aos padrões internacionais. A baixa proporção de alunos com dedicação integral, isto é, como bolsistas, na época somente 40% (PNPG: 1975, p. 13), e a inadequação do mercado de trabalho que não absorvia satisfatoriamente os pós-graduados, eram as principais causas apontadas.

Resumidamente, o que se propunha para a superação desses entraves, era a consolidação institucional dos Programas existentes e futuros, administrativamente dividindo funções e recursos entre os diferentes órgãos governamentais envolvidos, principalmente no que dizia respeito à estabilidade financeira dos Programas.

Nas palavras de Durham, o PNPG

*"...reletia não só a postura autoritária do Estado, mas também a euforia dos anos do milagre econômico. Além da intenção de organizar e controlar toda a pós-graduação, estabelece um ambicioso plano de expansão, montado sobre uma projeção abstrata das necessidades futuras de pessoal qualificado. (...) A realidade do ensino superior é tratada como um objeto a ser modelado pelo Plano." (Durham: 1986, p. 47)*

---

<sup>54</sup>Dois anos e meio em média.

<sup>55</sup>Quatro anos em média.

O IIº PNPG, que procurou abranger o período seguinte até 1985, refletiu uma situação conjuntural diferente da anterior. Existia nesse momento, um clima de abertura política e ao mesmo tempo, de crise econômica que acompanhou todas as suas formulações:

*"...é muito mais modesto, reconhece outros sujeitos do processo além do Estado e o espírito totalitário-disciplinador do Plano anterior é muito atenuado. As propostas grandiosas de expansão cedem lugar à ênfase na consolidação do existente e a elevação de sua qualidade." (Durham: 1986, p. 47)*

O IIº PNPG reconheceu que os problemas apontados pelo PNPG anterior não foram resolvidos e propôs que os esforços futuros nesse sentido, fossem organizados em torno da avaliação dos Programas de Pós-Graduação, devendo contar com a participação da comunidade científica (Durham: 1986b).

Nos anos 90, os setores envolvidos continuam com a discussão do modelo do ensino superior e da pesquisa de excelência no país e, no que diz respeito a pós-graduação, a problemática tem girado em torno, principalmente, da melhor eficiência dos Programas existentes. A média do tempo para integralização dos cursos de mestrado e doutorado continua dilatada e parece haver um "desespero" entre alunos, professores e agências financiadoras em relação a sua diminuição. Discussões são organizadas em todo o país<sup>56</sup> no sentido de se aprofundar a problemática propondo-se novos formatos, principalmente no que diz respeito ao mestrado, que assumiu uma proporção não desejada, ocupando o espaço reservado ao doutoramento. A questão diz respeito, em especial, à área das Ciências Humanas que, quando comparada à das Exatas e Biológicas, possui um prazo maior para a conclusão dos cursos<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup>Como o Fórum **O que é um mestrado nas áreas de Ciências Sociais? Estado atual e perspectivas** realizado na última reunião da ANPOCS em 1995, Caxambu/MG.

<sup>57</sup>Como atestam os relatórios das agências de fomento.

Consequentemente, as questões que dizem respeito ao ensino e à pesquisa em nosso país são sempre conturbadas, com as universidades sobrevivendo como podem<sup>58</sup> e, no entanto, os Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social têm mantido a qualidade de suas pesquisas e as Ciências Sociais crescem, ocupando novos espaços.

### 3. As Fontes<sup>59</sup> da Nossa História:

#### 3.1. Antecedentes:

A história da Antropologia no Brasil<sup>60</sup>, a exemplo de outros países, está ligada à história das Ciências Sociais<sup>61</sup> que, com o passar do tempo, foi cada vez mais se especializando no que hoje entende-se ser o seu núcleo central: Sociologia, Antropologia Social e Ciência Política. Essa história está inscrita na história das ciências no Brasil, e na sua formação sócio-cultural (Schwartzman: 1979), onde os momentos mais significativos foram os períodos de crítica e de reflexão sobre a sociedade nacional, geralmente liderados pelas elites internas e/ou externas.

---

<sup>58</sup>E apesar das dificuldades financeiras que a educação vem enfrentando no país, Marcus Faria Figueiredo demonstra, através de uma série histórica de dotação da Fundação Ford e da Financiadora de Estudos e Projetos/FINEP, que os financiamentos para as Ciências Sociais aumentaram significativamente nas últimas décadas: *'A comunidade de cientistas sociais foi partícipe na montagem desse arcabouço. Como é de conhecimento de todos nós, a formulação das políticas de fomento às Ciências Sociais tornou-se cada vez mais agressiva em função da atuação daqueles que se constituíram na 'primeira' geração dessa fase moderna, apesar das adversidades da conjuntura política da época.'* (Figueiredo: 1988, p. 54).

<sup>59</sup>*'Ao mover-se do presente para outras épocas, e vice-versa, ao lidar com as continuidades, as passagens, as rupturas, as derivações, o historiador deve constantemente premunir-se contra o pecado capital de sua disciplina: o anacronismo. Vestir uma determinada sociedade com as roupas talhadas em outras épocas, eis o que consiste o anacronismo. (...) A segunda regra fundamental da profissão de historiador - complemento obrigatório da regra que manda evitar o anacronismo - é a crítica das fontes, prática que consiste em interpretar, situar, relativizar, operacionalizar documentos e fontes estudadas.'* (Alencastro: 1991, p. 63-64).

<sup>60</sup>Ver Peirano (1981), Corrêa (1982; 1987; 1988; 1988a; 1989; 1991; 1992; 1995), Melatti (1984) e Azeredo (1986).

<sup>61</sup>Ver especialmente as coletâneas organizadas por Miceli (1989; 1995) sobre a história das Ciências Sociais no Brasil. Ver também Lamounier (1982) e Ianni (1989), além dos autores citados na nota anterior.

Apesar de tratar das condições e avaliação do ensino em Antropologia no Brasil da época, a preocupação que transparece nos textos anteriores à implantação da pós-graduação, é a da formação do profissional em Antropologia, tanto no que diz respeito ao ensino quanto à pesquisa. Ou seja, os objetivos que mais tarde serão encampados pelos Programas de Pós-Graduação e que particularmente nos interessa discutir. Portanto, antes dos anos 70, existia uma preocupação por parte do pequeno grupo de antropólogos, na formação de um campo antropológico no Brasil.

O que mais sobressai nesses textos, quando comparados àqueles escritos no período da pós-graduação, é a concepção da Antropologia como uma disciplina abrangente e múltipla, que trata dos problemas biológicos e culturais relativos ao homem e que necessariamente incluía especialidades como Arqueologia, Antropologia Física, Linguística, Antropologia Cultural e Etnologia brasileira.

No campo das Ciências Sociais, os anos 50 foram um período de criação de associações profissionais como a Associação Brasileira de Antropologia/ABA e a Sociedade Brasileira de Sociologia/SBS.

Na primeira reunião brasileira de Antropologia<sup>62</sup> em 1953, já havia uma preocupação com o fazer antropológico no Brasil, seu ensino universitário, a sua institucionalização, seus limites e possibilidades frente a uma realidade específica. Os professores Egon Schaden e Mário Wagner Vieira da Cunha fizeram comunicações nesse sentido.

Nos textos **Problemas do Ensino da antropologia** de Schaden (1954) e **Possibilidades de Exercício de Atividades Docentes, de Pesquisa e Técnico-Profissional por Antropólogos no Brasil** de Vieira da Cunha (1955), os autores procuraram discutir a questão da profissionalização do antropólogo no Brasil, procurando responder à pergunta: "*...como pode o antropólogo ganhar a vida trabalhando como antropólogo.*"<sup>63</sup> (Vieira da Cunha: 1955, p. 105).

---

<sup>62</sup>Realizada no Rio de Janeiro, entre 08 e 14 de novembro, no Museu Nacional.

<sup>63</sup>Uma pergunta atual também nos dias de hoje.

No texto de Schaden, o autor discute algumas questões que faziam parte das preocupações dos antropólogos, o que resguardadas as particularidades da época em que foi escrito, são atuais no pensamento antropológico contemporâneo e fundamentais na compreensão do que é a Antropologia brasileira. Schaden parte do suposto de que a disciplina possui uma identidade própria no campo mais geral das Ciências Sociais e, mesmo sem contar com a unicidade de seu objeto de estudo, mantém a sua singularidade na perspectiva de análise utilizada e na maneira especial de aproximar-se da realidade. O autor afirma ainda, que as escolas teóricas antropológicas<sup>64</sup> convivem criativamente entre si e que não existe uma "teoria antropológica brasileira" - o que seria contraditório com o espírito da Antropologia "...de explicar o lugar do homem na natureza ou, em outros termos, a compreensão científica da natureza humana." (p. 3) - colocando-se contrário a qualquer nacionalismo<sup>65</sup> científico. No entanto, o autor não deixa de considerar a incorporação da riqueza empírica e singular proporcionada pelo nosso país na pesquisa antropológica.

Vieira da Cunha foi perspicaz ao perceber em seu texto que estaria se criando uma disputa entre o lado "aplicado" da Antropologia - representado por autores como Chapple, Lloyd Warner entre outros - e o seu lado humanístico - Kroeber e Redfield. Em se tratando da Antropologia feita no Brasil, será fundamental compreender a situação relatada pelo autor, pois, atualmente, a profissionalização do antropólogo, que acontece exclusivamente na pós-graduação, ocorre basicamente através da Antropologia Social/Cultural.

O texto de Eunice Durham & Ruth Cardoso (1961), **O Ensino da Antropologia no Brasil**<sup>66</sup>, mostra uma situação um pouco diferente da relatada anteriormente por Vieira da Cunha e Egon Schaden, porém guarda as mesmas preocupações. Apesar do pequeno número de especialistas existentes no país, fica clara a preocupação com a proliferação

---

<sup>64</sup>O que Kuhn (1991 [1960]) e Roberto Cardoso de Oliveira chamam de paradigmas (1988: p. 13-25).

<sup>65</sup>O que hoje Peirano (1991: p. 11-22) denomina regionalismo.

<sup>66</sup>Texto baseado em relatório apresentado à V Reunião Brasileira de Antropologia realizada em Belo Horizonte em junho de 1961.

dos cursos de Antropologia como complementação na formação em outras áreas como História, Geografia e Psicologia o que parece ser paradoxal para as autoras. No entanto, elas concordavam em que o ensino da disciplina era ainda muito precário, não somente devido ao relativo isolamento das instituições de ensino da época, o que dificultava uma avaliação mais consistente da situação antropológica vivida no início dos anos 60, mas também ao não aparelhamento das bibliotecas existentes e aos objetivos da graduação. Neste sentido, estes cursos assumiam um caráter que as autoras consideravam "marginal" (p. 94) pois eram informativos e não formativos, no sentido citado por Schaden (1954), na profissionalização do antropólogo. Esta era uma perspectiva do campo a partir de São Paulo.

A década de 60 foi significativa na compreensão dos rumos tomados pela Antropologia no Brasil. Foi um momento de "escolhas", onde a ênfase nos aspectos sociais do homem foram se firmando, respaldados pela conjuntura sócio-política da época. Foi um momento no qual o ensino como um todo se transformou e se confirmou a necessidade da profissionalização do antropólogo no Brasil. A Antropologia Cultural/Social<sup>67</sup> começou a se firmar e criaram-se as condições necessárias para a formação do profissional em antropologia, o que vai se consolidar na década seguinte.

Os textos de Schaden (1954) e Vieira da Cunha (1955) são mais analíticos e refletem a incipiência do ensino e da pesquisa em Antropologia no Brasil da época. O texto de Durham & Cardoso (1961) nos faz perceber que estão sendo preparadas as condições para implantação da pós-graduação no início dos anos 60. Ao contrário, os textos de Roberto Cardoso de Oliveira e Egon Schaden de 1967, **Brasil 1** e **Brasil 2**<sup>68</sup>, apesar de

---

<sup>67</sup>É interessante notar que antes da década de 70, toda referência feita à Antropologia que não é Arqueologia ou Antropologia Biológica, é chamada de Antropologia Cultural e os autores mais citados nos textos a que me refiro são: Boas, Kroeber e Margareth Mead, por exemplo. Isto é, existe uma mudança de foco (ou de linguagem?) entre as décadas de 60 e 70. Com a institucionalização dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia *Social* é a Antropologia britânica que começa a dominar os trabalhos na área. A exceção é o caso da USP que, segundo o depoimento do professor João Baptista Borges Pereira (entrevista em outubro de 1994, USP), pretendia um programa mais amplo para a Antropologia feita na Universidade de São Paulo que incluísse também a Arqueologia.

<sup>68</sup>Observações feitas pelos autores na *Reunião para la Integración de la Enseñanza* no México, s.d.

descritivos da situação da Antropologia nas instituições de ensino superior, refletem uma realidade mais favorável à disciplina em nosso país. Uma realidade que está amadurecida para a implantação dos Programas de Pós-Graduação *strictu sensu*, existindo uma certa estrutura básica na pesquisa e no ensino de alto nível e com uma pequena experiência acumulada pelos cursos de especialização ministrados por Roberto Cardoso de Oliveira no início da década no Museu Nacional.

Como exemplo dessas condições básicas, temos a criação do CNPq e da CAPES na década anterior e da FAPESP em 1961, além de várias Universidades pelo país, como grande parte das Federais, a UNB e as Católicas. É importante notar que as instituições de ensino superior citadas nos textos de 1967 são em grande parte, aquelas que continuam com o ensino e/ou a pesquisa em antropologia até os dias atuais: UNB, UFPR, UFSC, UFRS, UFC, UFBA, USP, o Instituto Joaquim Nabuco em Pernambuco e os Museus Paraense Emílio Goeldi, Nacional e Paulista. A novidade na realidade contemporânea, no campo antropológico, é a Unicamp<sup>69</sup> no interior paulista.

### 3.2. O Início dos Anos 70:

A década de 70 foi de implantação e consolidação dos Programas de Pós-Graduação. Os profissionais em Antropologia Social se afirmaram através da formação na pós-graduação e da excelência de suas pesquisas, assumindo um papel importante nas decisões sociais que dizem respeito aos seus objetos de estudo e, como queria Schaden em 1954, se especializando cada vez mais.

Roberto Da Matta foi um pioneiro no período em relação ao repensar o fazer antropológico com o texto: **O Ofício de Etnólogo ou como ter "Anthropological Blues"**<sup>70</sup>, que tem sido uma presença constante nos cursos de introdução à Antropologia.

---

<sup>69</sup>A Universidade Estadual de Campinas foi fundada nos anos 60 e a pós-graduação em Antropologia Social em 1971. Ver mais adiante no capítulo sobre a história da Unicamp.

<sup>70</sup>Publicado inicialmente em **Comunicações do PPGAS** (1974).

O texto foi publicado numa coletânea<sup>71</sup> exemplar das Ciências Sociais no Brasil, organizado por Edson Nunes: **A Aventura Sociológica - Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social** (1978: p. 23-35), que na década seguinte vai servir de inspiração para um outro livro de que falarei mais adiante<sup>72</sup>.

O texto é interessante principalmente porque, entre outros aspectos, entende o fazer antropológico como uma experiência iniciática<sup>73</sup> - a exemplo dos ritos de passagem tão em

---

<sup>71</sup>É interessante perceber o significado assumido pela coletânea entre os cientistas sociais brasileiros. Para Fábio Wanderley Reis (1991), por exemplo, ela foi organizada em contraposição a uma corrente presente na Ciência Política daquele período: *"Um traço saliente da ciência política ensinada e produzida no país continua a ser, em minha opinião, o de suas deficiências no que diz respeito a teoria e metodologia (...). Por certo, a implantação da pós-graduação em ciências sociais no Brasil se deu em seguida a certas revisões de postulados e abordagens tradicionais da disciplina, ocorridos sobretudo nos Estados Unidos, e à incorporação a ela de métodos e técnicas sociológicas 'modernas'. O ensino e a prática da ciência política no país sofreram os efeitos desses processos, com a ênfase, durante algum tempo (marcado mesmo por certas polêmicas bastante vivazes, que a alguns de nós pareciam então momentosas), no treinamento em metodologia e técnicas de pesquisa e nos esforços contemporâneos de elaboração teórica de natureza sistemática, empiricamente orientada e com pretensões de cumulatividade. Difícilmente poderia se pretender, porém, que essa perspectiva tenha chegado a amadurecer efetivamente e a constituir-se em real ortodoxia entre nós. Ao contrário, ela sofreu prontamente uma poderosa reação proveniente de diversas fontes, e - pondo de lado, por exemplo, as resistências suscitadas por parte de certas orientações político-ideológicas e as confusões correspondentes - parece especialmente significativo que já em meados da década de 70 um centro como o IUPERJ, certamente um dos focos de propagação da perspectiva em questão, tenha dado origem a um volume destinado a reagir contra importantes aspectos dela, o qual, apesar de grandemente equivocado em seus postulados, contou com a adesão receptiva de vários nomes que pareciam ligados a ela (2)."*, completando em nota de rodapé: *"2- Retiro-me ao volume organizado por Edson Nunes (1976). Eu próprio recebi um convite tardio para participar do livro e inicialmente o aceitei, minha participação não tendo se concretizado em consequência do prazo apertado que me foi dado por Edson. Era minha intenção, porém, tomar posição contrária aos postulados fundamentais do livro."* (1991, p. 28). Este livro é um entre vários outros no país que tem a sua edição esgotada e que não foi republicado, prejudicando ainda mais a situação na confecção de bibliografias para a graduação em Ciências Sociais. Ver sobre o problema: Schwartzman (1991), Fry (1995) e Corrêa (1995).

<sup>72</sup>Refiro-me a coletânea organizada por Ruth Cardoso (1986) **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**.

<sup>73</sup>Atualmente, o trabalho de campo não é apenas considerado como uma iniciação para o aprendiz de antropólogo: *"...se, na antropologia, a criatividade nasce na relação entre pesquisa empírica e fundamentos da disciplina, então a pesquisa de campo surge como algo mais que um mero ritual de iniciação no qual o antropólogo prova que 'sofreu, mas resistiu'. A solidão, embora boa companheira das descobertas da alteridade, não é o caminho virtuoso e mágico que, por si só, produz boa antropologia. À parte o fato de que a distância necessária para produzir o estranhamento pode ser geográfica, de classe, de etnia ou outra, mas será sempre psíquica, os conceitos nativos requerem, necessariamente, a outra ponta da corrente, aquela que liga o antropólogo aos próprios conceitos da disciplina, isto é, à tradição teórico-etnográfica acumulada."* (Peirano: 1992, p. 36-37).

moda na época - que caracterizam e singularizam o próprio fazer/pensar da Antropologia. Ao discutir o trabalho de campo, o autor acaba tocando em questões metodológicas vitais e relativas ao projeto da disciplina enquanto pensamento ocidental. O descentramento de si mesmo, no que o autor chama do movimento de estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho, proporcionado pela experiência prática do trabalho de campo, não é uma mera etapa do pensamento antropológico, como uma leitura apressada do texto poderia nos fazer crer, mas uma consequência dos ensinamentos de autores clássicos da Antropologia.

Em certo sentido, Da Matta coloca nesse texto uma das questões precursoras do debate antropológico atual: a questão do inusitado na pesquisa de campo, aquilo que o autor chama anedotário<sup>74</sup> e que habitualmente não aparecia nos textos de Antropologia. Mas, atualmente, essa problemática parece ser valorizada, começando mesmo a transparecer como condição da singularidade antropológica. Portanto, o que existe de mais significativo no texto de Da Matta, tornando-o atual e obrigatório nos cursos de introdução à Antropologia, é o resgate da subjetividade do conhecimento científico, o lado vivo e dinâmico da ciência como atividade humana.

Podemos perceber também que o texto de Da Matta iniciou uma discussão que só foi aprofundada no Brasil na década de 80/90 com a influência da Antropologia interpretativa norte-americana, utilizando-se de autores que mais tarde se tornariam referências obrigatórias no assunto<sup>75</sup>.

O autor nos ensina muito sobre a nossa própria história antropológica<sup>76</sup> pois, talvez pela primeira vez, nos mostra explicitamente os bastidores do trabalho de campo, deixando explícitas quais as dificuldades bem nossas de "estar ali".

---

<sup>74</sup>Em conversa com Luis Fernando Dias Duarte em janeiro de 1995 no Museu Nacional/RJ, ao perguntar-lhe sobre alguns problemas ocorridos entre professores da casa, este me sugeriu que eu não deveria me sentir desconfortável com estas perguntas pois "...fofoca também é antropologia." Ver também o texto de Max Gluckman (1963) sobre o assunto: **Fofoca & Escândalo**.

<sup>75</sup>Refiro-me à Clifford Geertz.

<sup>76</sup>Da Matta coloca uma questão que sempre me incomodou na antropologia: *"É como se na escola graduada tivessem nos ensinado tudo: espere um sistema matrimonial prescritivo, um sistema político segmentado, um sistema dualista, etc., e jamais nos tivessem prevenido que a situação etnográfica não é realizada num vazio e que tanto lá, quanto aqui, se pode ouvir os **anthropological blues**"* (p. 31). Sempre

O trabalho de campo em si mesmo, é o que nos sugere o texto de Da Matta, não singulariza por si só a Antropologia. Existe uma cumplicidade especial entre pesquisa e pensamento antropológico que deve, necessariamente, estar explícito nas etnografias. A superação do etnocentrismo, o relativismo cultural, a percepção de que olhamos os outros através de nossas próprias lentes (Laplantine: 1988), de que existem outras verdades além das nossas, enfim, o pensamento antropológico é o que direciona e treina a sensibilidade de cada um de nós na prática do trabalho de campo. Partimos sempre desse confronto, do diálogo entre o "eu" e o "outro", e somos formados dentro desse pensamento que nos proporciona um "olhar" diferenciado sobre a realidade.

### 3.3. As Décadas de 80 e 90:

É quase impossível para nós fazer um mapeamento completo da produção sobre o tema nesses últimos anos. No entanto, algumas publicações têm tido um peso importante na discussão sobre a Antropologia no Brasil. Estas publicações têm acompanhado os debates presentes na disciplina que começaram a acontecer a partir do final dos anos 70, continuando durante a década de 80 e atualmente também nos anos 90. No Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS do Museu Nacional são editados as **Comunicações do PPGAS** e mais recentemente, **Mana** em parceria com a editora Relume-Dumará. Pelo Departamento de Antropologia Social da Universidade de São Paulo temos a **Revista de Antropologia** e o **Cadernos de Campo**<sup>77</sup>. O Departamento de Antropologia/DAN da UNB publica o **Anuário Antropológico** e a **Série Antropologia**<sup>78</sup>. O

---

reclamei que não me ensinaram a fazer pesquisa antropológica. Descobri agora que o "barato" do trabalho de campo não pode ser ensinado didaticamente e teoricamente. Ou se encontra a sensibilidade necessária para vivê-lo - isto é, ou se está disposto a vivê-lo intensamente - ou não se tem esta disposição. A pesquisa antropológica tem muito a ver com o inesperado mas também com as escolhas feitas pelo observador; com o que deixou de observar ou escolheu priorizar. Além do treinamento clássico no pensamento antropológico - que é a própria essência do pensar e fazer da disciplina - só se aprende a fazer pesquisa de campo, fazendo. Vivenciando esse momento fundamental da alteridade que didaticamente é muito difícil de ser ensinado.

<sup>77</sup> Publicação dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP.

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/IFCH da Unicamp edita a **Primeira Versão**, as revistas **Idéias e Temáticas**<sup>79</sup> que serve tanto aos antropólogos, quanto aos sociólogos, cientistas políticos, historiadores e filósofos. Outras publicações igualmente importantes são **Boletim Informativo Bibliográfico/BIB**, **Novos Estudos CEBRAP**<sup>80</sup>, **Revista Brasileira de Ciências Sociais/RBCS**, **Dados** etc.

Podemos citar ainda como fontes de nossa história, os textos de **Avaliação & Perspectivas** patrocinados e encomendados pelo CNPq periodicamente no campo da Antropologia que tem como objetivo o que o próprio título sugere. Os textos de que temos notícias são os de 1978, redigido por Antônio Augusto Arantes<sup>81</sup>; o de 1982, redigido por Roque de Barros Laraia; e o de 1990 por Mariza Corrêa<sup>82</sup>.

Também tem se tornado comum a publicação dos itinerários intelectuais e histórias de vida dos autores que estiveram presentes na história da Antropologia no Brasil. Vários desses necrológicos foram publicados no **Anuário Antropológico**<sup>83</sup> "in memoriam" ou na **Revista de antropologia**<sup>84</sup>.

Outro tipo de fontes sobre a história da Antropologia brasileira está nos Anais da ABA, nas notícias sobre suas reuniões e outros congressos, publicados, em sua maioria,

---

<sup>78</sup>Segundo Mendoza (1994, p. 164) a **Série Antropologia** foi criada em 1973 e tinha inicialmente como objetivo fazer circular uma primeira versão de textos que posteriormente seriam publicados em periódicos de circulação mais ampla. Hoje transformou-se o caráter da publicação que alcançou prestígio internacional chegando a países como França, Inglaterra, Japão etc (Wootman: 1993, p. 37-38).

<sup>79</sup>Editada pelos alunos da pós-graduação em Ciências Sociais.

<sup>80</sup>Centro Brasileiro de Pesquisas.

<sup>81</sup>Com uma breve introdução de Júlio César Melatti, este relatório foi publicado no **América Indigenista** do Instituto Indigenista Interamericano (Melatti: 1980).

<sup>82</sup>Não publicado.

<sup>83</sup>**Exedito Araud (1916-1992)** por Lourdes de Fátima Gonçalves Furtado (1994: p. 245-246); **Manuel Diégues Júnior (1912-1991)** por Luiz de Castro Faria (1993: p. 227-234); **Camem Cinira de Andrade Macedo (1948-1991)** por Josildeth Gomes Consorte (1993: p. 235-240) etc.

<sup>84</sup>**Emílio Willems e Egon Schaden na História da Antropologia** de João Baptista Borges Pereira (1994: p. 249-253), **Luis Pereira: 1933-1985** por Teófilo de Queiroz Junior (1986: p. 197-198) etc.

como artigos não assinados na **Revista de Antropologia: XXXI Congresso Internacional de Americanistas (1954)**; **VII Reunião Brasileira de Antropologia (1966)**; **IX Reunião Brasileira de Antropologia (1978)**; **Associação Brasileira de Antropologia: Estatutos (1981)** etc.

Na passagem dos anos 80/90, alguns de nossos Programas de Pós-Graduação completaram duas décadas de existência e a Antropologia Social, já inserida e consolidada em várias instituições de norte a sul do país, conquistou novos espaços, chegando aos mais distantes lugares<sup>85</sup>. Podemos citar as publicações comemorativas dos vinte anos do Museu Nacional por José Sérgio Lopes<sup>86</sup> (1992) e dos vinte anos da UNB por Alcida Rita Ramos<sup>87</sup> (1992). Foi também nesse mesmo momento que alguns dos personagens centrais de nossa história foram homenageados como na comemoração do 60º aniversário de nascimento de Roberto Cardoso de Oliveira: **Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem** organizado por Mariza Corrêa e Roque de Barros Laraia (1992) que se compõe de uma coletânea de textos<sup>88</sup>. Também o **Anuário Antropológico 92 (1994)** dedicado a Roque de Barros Laraia pelo recebimento do título de professor Emérito conferido pelo Conselho Universitário da UNB em 05 de agosto de 1992, reúne um conjunto de depoimentos sobre a história da disciplina no país.

Uma outra fonte de pesquisas que vem crescendo na década de 90 são os memoriais<sup>89</sup> feitos para os concursos internos para professor Titular, e que a partir do

---

<sup>85</sup>Em 1994 foi criado o mestrado em Antropologia Social da UFPA em Belém do Pará.

<sup>86</sup>Que reúne textos de David Maybury-Lewis (1992), Roberto Da Matta (1992a), Roberto Cardoso de Oliveira (1992) e Luiz de Castro Faria (1992).

<sup>87</sup>Texto mais descritivo e mais geral.

<sup>88</sup>Textos de ex-alunos, amigos e colegas do professor. A coletânea conta com artigos que discorrem sobre a trajetória intelectual (Castro Faria: 1992; Laraia: 1992) e a vida do autor (Brandão: 1992), além de textos teóricos sobre suas contribuições à Antropologia (Rubem: 1992), seu acervo que encontra-se aos cuidados do Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp, e bibliografia.

<sup>89</sup>Esses textos serão utilizados por mim como fontes privilegiadas de reconstrução da trajetória intelectual dos antropólogos em cada instituição.

itinerário intelectual de cada autor, traça, sem dúvida, um pedaço de nossa história nem sempre presente nas demais publicações<sup>90</sup>. São eles: o de Alba Zaluar (1994), Antônio Augusto Arantes (1995), Carlos Rodrigues Brandão (1987; 1994), Eunice Ribeiro Durham (1984), Gilberto Alves Velho (1992), Mariza Corrêa (1994), Mariza Peirano (1992), Moacir Gracindo Soares Palmeira (1994), Otávio Guilherme Alves Velho (1992), Teresa Pires do Rio Caldeira (1993) e Thekla Hartman (s.d.).

Em relação a nossa temática, existe ainda o **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais/BIB** da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais/ANPOCS<sup>91</sup>, composto de artigos mais técnicos e, na maioria das vezes, não assinados, onde foram publicados os perfis institucionais do PPGAS/Museu Nacional (BIB: 1978)<sup>92</sup>, do Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Política e Sociologia da UFRS (BIB: 1980)<sup>93</sup> e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB (BIB: 1983)<sup>94</sup>. Além de um breve histórico destes programas, o texto enumera as linhas de pesquisas desenvolvidas por cada um deles até o momento da publicação, sobre o corpo docente, a situação no momento da publicação e a possibilidade de ingresso em cada instituição. Nessa mesma linha, também a **Revista de Antropologia** da USP publicou A

---

<sup>90</sup>Interessante também foi a leitura dos agradecimentos das dissertações e teses de mestrado e doutorado, pois nos mostraram os caminhos seguidos por gerações de antropólogos e as redes sociais de que fazem parte, reconstruindo histórias e trajetórias coletivas de gerações intelectuais.

<sup>91</sup>Originalmente esta publicação era editada como parte da Revista **Dados** pelo IUPERJ, mas em 1980, o N. 9, passou a circular independentemente como revista e sob a coordenação da ANPOCS.

<sup>92</sup>O mestrado foi criado em 1968 e o doutorado em 1977. Em 1977, quando foi escrito o artigo, já havia a preocupação, por parte do PPGAS, em diminuir o tempo de quatro anos gasto no mestrado (p. 6). O perfil também mostra que, ao contrário do que diz Mariza Corrêa (1995), não havia isolamento entre os Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social no país, pelo menos entre os quatro maiores: "O Programa mantém atualmente convênios formais de intercâmbio acadêmico com a Universidade de Brasília (Instituto de Ciências Humanas, Curso de Mestrado em Antropologia Social) e com o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ - Mestrado em Sociologia e Ciência Política), além de contatos íntimos com os grupos de pesquisa em Ciências Sociais da USP e da UNICAMP e de diversas universidades européias e norte-americanas." (BIB, 1978, p. 6).

<sup>93</sup>O curso de mestrado em Sociologia e Ciência Política foi criado em 1973 e o de Antropologia em 1979. O doutorado em Antropologia Social começou a funcionar em 1990 e até 1995 não possuía teses concluídas.

<sup>94</sup>O mestrado foi criado em 1972 e o doutorado em 1981.

**Antropologia na Universidade de São Paulo: Histórico e Situação Atual** como parte de seu NOTICIÁRIO, redigido por três bibliotecárias: Alba Costa Maciel, Diva Andrade e Eunides do Vale (Maciel et al.: 1978).

### 3.3.1. A Antropologia na "Periferia":

Um outro bloco de artigos que discutem os passos dados pela Antropologia no Brasil, são aqueles que foram feitos como comunicações apresentadas em reuniões científicas e que discutem o ensino e a pesquisa na pós-graduação em Antropologia. **Ensino Pós-Graduado, Teoria e Pesquisa Antropológica - Uma Experiência na Universidade da Bahia**<sup>95</sup> do professor Pedro Agostinho<sup>96</sup> (1979). O autor relata a partir de uma experiência pessoal, a situação da pós-graduação numa universidade "periférica" e a situação da área geográfica em que está inserida, além de uma apresentação rápida dos grupos indígenas da região.

Ainda na **Revista de Antropologia** da USP de Eduardo Diatay Bezerra de Menezes (1978) da Universidade Federal do Ceará, temos **A Pesquisa como Base para o Ensino de Pós-Graduação**<sup>97</sup>. A questão central do texto reside na busca dos objetivos dos cursos de pós-graduação em Ciências Sociais que, no Brasil, parece ser "*...um programa terminal e que comporta normalmente três direções - a profissional, a docente e a de pesquisa.*" (p. 144-145). O autor discute um ponto nevrálgico da pós-graduação em Ciências Sociais: a sua organização em torno de uma disciplina<sup>98</sup> ou com o epíteto da multidisciplinaridade, em torno de áreas problemas<sup>99</sup>. Bezerra de Menezes observa que, como a graduação em

---

<sup>95</sup>Comunicação apresentada na XI Reunião da ABA, Recife, 1978.

<sup>96</sup>Professor do Departamento de Antropologia e Etnologia da UFBA.

<sup>97</sup>Apresentado também como comunicação na XI Reunião da ABA realizada em 1978, Recife, no simpósio sobre "Pesquisa e Ensino em Antropologia".

<sup>98</sup>Antropologia Social, Sociologia e Ciência Política.

<sup>99</sup>Como, por exemplo, o doutorado em Ciências Sociais na Unicamp ou o mestrado em Ciências Humanas na UFBA.

nosso país se transformou em agência de treinamento de mão-de-obra especializada<sup>100</sup>, a pesquisa científica concentrou-se na pós-graduação e hoje é condição *si ne qua non* de sua existência. No entanto, a pesquisa passou a ser também, segundo ele, um recurso pedagógico<sup>101</sup> do ensino na pós-graduação e não como deveria ser, uma "...*epistemologia construtivista e dialética...*" (p. 147), isto é, o ensino como consequência da atividade científica. O autor assume uma posição pessimista em relação às possibilidades da universidade conseguir colocar em prática esta proposta do espírito científico: a investigação científica e não simplesmente a informação codificada.

### 3.3.2. Roteiros Temáticos:

Sobre roteiros bibliográficos em relação a determinadas linhas de pesquisas, o que já é tradicional desde os anos 40, temos **Ensaio sobre a História da Etnologia Brasileira** de Herbert Baldus (1943); **Estudos de Comunidades no Brasil, sob perspectiva nacional** de Charles Wagley (1954); **Estudos e Pesquisas sobre os Imigrantes Japoneses no Brasil** de Hiroshi Saito (1972); **Pontos de Vista Sobre os Índios Brasileiros: Um Ensaio Bibliográfico** de Anthony Seeger & Eduardo Viveiros de Castro (1977); **Os Movimentos "Messiânicos" brasileiros: uma leitura** de Alba Zaluar Guimarães (1979); **Estudos Antropológicos das Populações Negras na Universidade de São Paulo** de João Baptista Borges Pereira (1981); **Religiões Populares** de Rubem César Fernandes (1984) etc. Entre estes roteiros, o mais interessante para o trabalho que fazemos é, sem dúvida, **A Antropologia no Brasil: Um Roteiro** de Júlio Cezar Melatti (1984).

O texto é uma das primeiras tentativas de se fazer uma compilação da história da Antropologia no Brasil. Foi escrito no início da década de 80<sup>102</sup> e tinha como um de seus

---

<sup>100</sup>O que para o autor deveria ter ficado a cargo do ensino técnico de nível médio.

<sup>101</sup>O que foi a proposta de Wagner Vieira da Cunha no texto de 1955.

<sup>102</sup>Originalmente como parte da Coleção Curso de Introdução à Antropologia encomendado pelo Convênio Fundação Universidade de Brasília/*Open University*. Mais tarde publicado no BIB (Melatti: 1984).

objetivos "...dar conta da Antropologia no Brasil...". O autor constrói a história da disciplina dando ênfase ao recorte temático e cronológico dos fatos. Ele começa pelos cronistas e entre estes, considera a carta de Pero Vaz de Caminha como a primeira crônica antropológica escrita sobre o Brasil.

Talvez o que seja mais valioso no texto de Melatti, é a rica bibliografia<sup>103</sup> apresentada no final do artigo e a parte referente aos cronistas, principalmente estrangeiros que estiveram aqui e escreveram sobre o Brasil. Por outro lado, a sua ênfase no tema etnologia, se justifica pela afirmação feita pelo autor, da existência de grande número de pesquisas sobre o tema que compõe a produção antropológica brasileira<sup>104</sup> e pelo interesse também do próprio curso para o qual o roteiro foi organizado. Ele divide a história da disciplina em antes dos anos 30; dos anos 30 aos 60 e a partir dos anos 60. As temáticas escolhidas pelo autor para caracterizar o campo da Antropologia no Brasil são: etnologia, interpretações gerais do Brasil, estudos de mudança social, mudança cultural ou aculturação, estudos de comunidades, folclore, relações sociais entre negros e brancos, fricção interétnica e etnicidade, mitologia e ritual como sistemas ativos, estudos regionais e estudos *em* comunidades, antropologia urbana, arte e artesanato, arqueologia, linguística<sup>105</sup> e antropologia física. O texto de Melatti também informa sobre os cursos de pós-graduação em Antropologia no país nas áreas da Antropologia Social, Linguística, Antropologia Física e Arqueologia e o que o aluno interessado deve fazer na graduação para chegar até eles.

Em 1987, o BIB publicou **Os Estudos de Parentesco no Brasil** de Roque de Barros Laraia que também se propôs a entender a história da Antropologia brasileira

---

<sup>103</sup>São ao todo 14 páginas de citações bibliográficas onde podemos achar um material farto sobre a Antropologia brasileira.

<sup>104</sup>"O leitor notará que um maior espaço é dedicado à Etnologia. Isso decorre de duas razões: a existência, pelo menos é esta a nossa impressão, de um maior número de trabalhos e um mais amplo leque de temas etnológicos explorados do que referentes a outros ramos da Antropologia; e por ser este roteiro elaborado para um Curso que tem um interesse mais forte na Etnologia." (1984: p. 3).

<sup>105</sup>Que segundo o autor se inclui em seu roteiro, apesar de ter se desenvolvido como ciência independente, devido aos laços íntimos que mantém com a Antropologia.

através de uma determinada temática: os estudos de parentesco. O autor dividiu essa história em dois grandes períodos: primeira metade do século, período que chamou de heróico, marcado pela presença de Kurt Nimuendaju e onde não existiu um interesse mais sistematizado pelos estudos de parentesco; e a segunda metade do século, a partir da década de 60, período caracterizado pela valorização dos estudos de parentesco que foram realizados por profissionais, na maioria das vezes, com formação acadêmica. O que caracterizou e unificou todos esses trabalhos foi, para o autor, o objeto de estudo empírico: os grupos indígenas brasileiros, seguindo-se um modelo de parentesco Tupi ou Jê.

Temos também no **Anuário Antropológico**, o artigo de autoria da professora Alcida Rita Ramos (1991): **A Antropologia Vista Através do Anuário Antropológico** no qual a autora faz uma tentativa de construir a trajetória desta publicação, tendo como base os artigos publicados no **Anuário Antropológico**, seus autores, suas origens, as temáticas recorrentes etc.

Na mesma direção temos a **Revista de Antropologia** da USP, a primeira a ser publicada no país em nossa área e que em 1994 completou 40 anos<sup>106</sup>. Na apresentação do seu número 36 (1994), a editora responsável, profa. Paula Montero faz uma apresentação rápida e um histórico das publicações da referida revista através de seus artigos e temas.

O Professor José Guilherme Cantor Magnani é autor do texto **O Campo da Antropologia** publicado, entre vários outros<sup>107</sup>, em **Cadernos de História de São Paulo - Os Campos do Conhecimento e o conhecimento da Cidade** (Magnani: 1992) e editado pelo Museu Paulista da Universidade de São Paulo. O autor faz o roteiro bibliográfico da grande maioria dos trabalhos antropológicos relativos à Grande São Paulo, tentando "...definir qual a contribuição dessa disciplina para o conhecimento da cidade..." (p. 45).

---

<sup>106</sup>Na realidade, a primeira **Revista de Antropologia** foi editada no ano de 1953 por Egon Schaden.

<sup>107</sup>**O Campo da História** de Raquel Glezer, **O Campo da Geografia** de Odette Seabra, **O Campo da Economia** de Flávio Azevedo Marques de Saes, **O Campo da Arquitetura e Urbanismo** de Nestor Goulart Reis Filho e **O Campo da Sociologia** de Eva alterman Blay.

Com isso, Magnani coloca em questão, os limites e possibilidades de se fazer pesquisa com o "olhar" microscópico da Antropologia, em espaços grandes e complexos como a capital paulista.

### 3.3.3. A Relação Centro/Periferia:

Os desenvolvimentos regionais da disciplina e suas singularidades começam a despertar o interesse cada vez maior dos antropólogos.

Nessa linha, temos o livro do professor da Universidade Federal Fluminense, Roberto Kant de Lima (1985), **A Antropologia da Academia: Quando os Índios Somos Nós**<sup>108</sup>, que comparativamente faz uma análise entre a academia norte-americana e a brasileira.

O autor, partindo de suas experiências pessoais como aluno de mestrado no Museu Nacional/RJ e de doutorado em uma universidade norte-americana<sup>109</sup>, discute as possibilidades de produção criativa na Antropologia de um país de Terceiro Mundo quando comparado a um centro desenvolvido. A questão teórica central de Kant de Lima é o colonialismo cultural e a dominação intelectual exercida pelos países centrais.

É interessante notar a problemática enfatizada no texto. O autor parte do pressuposto de que a Antropologia é uma ciência historicamente marcada pelo seu surgimento em meio ao colonialismo europeu. Neste contexto, o antropólogo produz conhecimento, verdade e ciência; nossos informantes produzem dados e informações. Roberto Kant de Lima se pergunta neste momento, até que ponto o Brasil, enquanto um país tradicionalmente considerado como "Museu Vivo"<sup>110</sup>, academicamente também estaria produzindo somente informações e dados utilizados pelos países desenvolvidos? Ou seja,

---

<sup>108</sup>Apresentado como versão preliminar na XIII Reunião da ABA em 1982.

<sup>109</sup>O autor não cita o nome da referida instituição.

<sup>110</sup>Expressão usada por Anderson (1964) e citada em Da Matta (1992), significando que pertencemos a uma das regiões geográficas do planeta que habitualmente são objeto de estudo dos países considerados centrais na produção do pensamento antropológico.

para o autor, tudo se passa como se existesse uma diferenciação entre fazer Antropologia no Brasil e fazer Antropologia nos Estados Unidos: nós produzimos dados; eles ciência e verdade (1985: p. 13-14)?

Essas diferenças se manifestam, principalmente, através de nossa produção intelectual, nossos textos e em nossa vida acadêmica que se desenvolveu num contexto diferente de outros países. Kant de Lima afirma que devemos procurar um caminho próprio de fazer Antropologia no Brasil e para isso é necessário "...*voltar os olhos...*" (p. 56) para outras regiões do mundo e aprofundar as discussões entre a forma e o conteúdo de nossa produção intelectual que diz respeito a nossa realidade específica.

Significativo também é o artigo publicado por Alcida Rita Ramos (1990) no *Cultural Anthropology*, **Ethnology Brazilian Style**, e que discute o estilo de se fazer etnologia no Brasil quando comparado a este fazer nos Estados Unidos. A questão central para a autora, está na responsabilidade social do etnólogo, principalmente em suas ações que, no Brasil, nos remete ao seu envolvimento político e militante em relação aos direitos dos povos indígenas e das populações marginalizadas. Nos Estados Unidos, a ética científica mantém o cientista afastado da problemática política, mesmo aquelas referentes aos seus objetos de estudo.

Uma outra discussão que trata da relação entre as Antropologias regionais é o livro de Mariza Peirano, **Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas** (1991) e que se propõe a discutir "...*a relação entre perspectivas teóricas e o meio histórico e sócio-cultural no qual se desenvolvem, tema que toca de leve a grande questão da universalidade da ciência.*" (p. 235). A autora, através da comparação de três realidades - Brasil, Índia e Estados Unidos - afirma que a singularidade da Antropologia está justamente na sua capacidade de ser plural, isto é, de assumir tonalidades regionais sem, no entanto, deixar de ser universal possuindo os mesmos ancestrais em todos os países.

*"...se uma abordagem cultural surgiu na Alemanha holista, e se a França cosmopolita inventou a civilização, no Brasil, uma teoria com compromissos políticos desenvolveu o conceito de 'fricção interétnica', enquanto na Índia um contexto religioso faz a análise interpretativa do hinduísmo um possível símbolo de nacionalidade. O conceito de fricção interétnica foi desenvolvido*

no Brasil como o equivalente lógico do que os sociólogos chamam de 'luta de classes' e tinha como objetivo avaliar o potencial de integração dos grupos indígenas na sociedade nacional. Lado a lado com a preocupação teórica, o compromisso político do antropólogo era inegável. Já na Índia, uma análise do hinduísmo pode traduzir uma postura política e um ponto de vista ideológico específicos porque foi um hindu (e não um *sikh* ou um mulçumano) o autor de um determinado trabalho. Num universo nacional nos quais estas religiões precisam se acomodar, a associação ideológica entre 'Índia' e 'hinduísmo' traz a mensagem implícita de que qualquer religião naquele contexto precisa levar em consideração a importância e penetração dos ideais hindus." (1991, p. 247-248).

Resumidamente, é a mesma discussão levantada na tese de doutorado da autora<sup>111</sup>, entre o universalismo de Elias (1994) e o holismo de Dumont (1985) e das possibilidades de reversibilidade do conhecimento antropológico.

### 3.3.4. Histórias da Antropologia no Brasil:

As teses de doutorado das professoras Mariza Corrêa<sup>112</sup> e Mariza Peirano<sup>113</sup>, iniciam uma discussão mais sistematizada e consistente sobre o pensamento e a pesquisa em Antropologia brasileira, das suas origens e dos antecedentes históricos e intelectuais do desenvolvimento desse campo do saber no país. Esta é a marca da disciplina nos anos 90.

As duas pesquisas se aproximam por tratarem de momentos anteriores à institucionalização e profissionalização da Antropologia no Brasil<sup>114</sup>. Mariza Corrêa com a Escola Nina Rodrigues e Mariza Peirano com a ideologia do "*nation building*", discutem a

---

<sup>111</sup>Ver sobre a tese de doutorado de Peirano o item subsequente.

<sup>112</sup>**As Ilusões da Liberdade: A Escola Nina Rodrigues & a Antropologia no Brasil** (1982).

<sup>113</sup>**Anthropology of the Anthropology: The Brazilian Case** (1981).

<sup>114</sup>Várias dissertações e teses têm também se dedicado a análise histórica do campo das Ciências Sociais no Brasil e, mais particularmente, da Antropologia. Esse é o caso das dissertações de João Baptista Cintra Riba, **O Brasil é dos Brasileiros: Medicina, Antropologia e Educação na Figura de Roquete Pinto** (1990); Fernanda Peixoto Massi, **Estrangeiros no Brasil: A Missão Francesa na Universidade de São Paulo** (1991); Francisco Tadeu Ribas Rosa em **A Aliança e a Diferença: Uma Leitura do Itinerário Intelectual de Charles Wagley** (1993). Todas elas tratando da formação do campo da Antropologia no Brasil e de seus principais personagens em diferentes momentos históricos.

constituição das Ciências Sociais no Brasil, possuindo como principal preocupação a formação de um campo intelectual antropológico. Ou seja, Corrêa, com uma preocupação antropológica, discute um grupo de intelectuais precursores de um determinado campo de estudos no final do século passado até mais ou menos 1950; Peirano, com a mesma preocupação, analisa a institucionalização das Ciências Sociais através de autores que considera mais significativos e cobre o período de 1930 a 1970.

**As Ilusões da Liberdade...** enfoca num primeiro plano o proeminente médico da Escola de Medicina da Bahia, Nina Rodrigues, que é hoje reconhecidamente um dos precursores dos estudos raciais feitos pela Antropologia brasileira<sup>115</sup>. A proposta de Mariza Corrêa é fazer uma análise da carreira institucional desse grupo que vê em Nina Rodrigues o seu mestre e em Afrânio Peixoto e Arthur Ramos os seus mais eminentes discípulos. A preocupação central desses intelectuais, chamados pela autora de *médicos-cientistas sociais*, é a definição de nosso povo e de nosso país enquanto nação. Para a autora, as instituições do saber sempre estiveram ligadas à busca de uma identidade brasileira. As duas Faculdades de medicina do país - no Rio de Janeiro e Salvador - no final do século passado e as de Direito - Rio de Janeiro, São Paulo e Recife - foram as precursoras desse debate que no século seguinte vai servir de embasamento para a discussão sobre raças e etnias no campo da Antropologia. O médico "bahiano"<sup>116</sup>, Nina Rodrigues, é um dos pioneiros desse debate. De acordo com o paradigma biológico vigente na época, o autor supera a concepção biológica, ensaiando uma análise "social"<sup>117</sup> de suas dissecações de cadáveres à serviço da justiça do então recém-criado Instituto Médico Legal da Bahia<sup>118</sup>. Individualizando e contextualizando o crime ou o desvio, Nina Rodrigues se interessa pela composição étnica de nosso povo teorizando sobre ela.

---

<sup>115</sup>A autora diz ainda que, além da Antropologia das questões raciais, o autor é também precursor da Medicina Legal brasileira.

<sup>116</sup>Raymundo Nina Rodrigues era maranhense por nascimento.

<sup>117</sup>Que o autor na época chama de "psicológica".

<sup>118</sup>Mais tarde Instituto Médico Legal Nina Rodrigues.

Nina Rodrigues, segundo Corrêa, contribuiu para a formação dos Institutos Médicos Legais de São Paulo e do Rio de Janeiro através de seus discípulos que no início do século se transferiram para o sudeste do país, seguindo uma mudança no pólo político-geográfico que estava acontecendo naquele momento. O que mais contribuiu para a formação de um campo antropológico pelo citado grupo de cientistas para a autora, foi justamente a ênfase dada por Nina Rodrigues aos estudos de caso contextualizados que serviram de base para os processos judiciais da época, absolvendo ou mandando para a prisão, os eventuais criminosos bahianos<sup>119</sup>.

Um dos grandes méritos do trabalho de Corrêa - e que caracteriza sua pesquisa como antropológica e não histórica no meu entender - é a sua percepção das contradições existentes na formação dos intelectuais brasileiros. Isto é, com uma postura essencialmente das Ciências Humanas e, portanto, também da Antropologia, Corrêa não tem a pretensão de nos mostrar intelectuais coerentes, onde prática e teoria formam uma simbiose perfeita. A história que Corrêa constrói não é unilinear. A autora consegue perceber as contradições existentes na formação dos intelectuais brasileiros e no que isso contribuiu nas escolhas feitas por eles, constituindo um campo intelectual consistente e formador de diferentes disciplinas científicas como, por exemplo, a Antropologia Social e a Medicina Legal. Demonstra com isto em seu trabalho, que ao escolher um caminho e na pesquisa encontrar outro, reconhece a mudança de rumo<sup>120</sup> e encampa o novo sem grandes problemas e traumas numa atitude essencialmente antropológica.

*"Ao procurar o racista em Nina Rodrigues, encontrei um intelectual genuinamente preocupado com as contradições em que o colocavam suas informações empíricas. Ao acompanhar seus discípulos, tentando juntar os fios de uma tradição sempre evocada como justificadora de suas ações, encontrei muito mais rupturas do que continuidades sendo, ironicamente, mais visíveis em linhas de pesquisa não explicitamente referidas à tradição da*

---

<sup>119</sup>Nina Rodrigues foi o médico que examinou o cadáver de personagens famosos como, por exemplo, o corpo de Antônio Conselheiro.

<sup>120</sup>Ao contrário do que Derek Freeman afirma sobre Margareth Mead: que a autora encontrou nos adolescentes samoanos, o que o seu mestre, Franz Boas, queria que ela encontrasse. Pela transcrição da discussão de Freeman sobre a pesquisa da antropóloga norte-americana ver Maybury-Lewis (1992).

*escola. Analisando um grupo de médicos, me deparei mais frequentemente com criminólogos, psicólogos, educadores, políticos e até literatos. Todos eles explícita e constantemente preocupados com os problemas sociais de seu país ainda que procurassem legitimar essa preocupação enquadrando-a numa prática que, por ser definida como profissional e científica, lhes aparecia como desvinculada de interesses particulares e dirigida a procura do 'bem geral'." (p. 52).*

Resumindo, o que Mariza Corrêa nos ensina é a analisar um contexto social e político e, dentro dele, um grupo de intelectuais formador de um campo do conhecimento científico brasileiro - a Medicina Legal e a Antropologia - e no que o ser brasileiro - nós enquanto povo e esse país enquanto nação - influenciou na identidade dessas especializações científicas.

Dois outros textos de Mariza Corrêa que seguem nessa mesma linha são **Traficantes do Excêntrico: Os antropólogos no Brasil dos Anos 30 aos 60** (1988) e **A Antropologia no Brasil (1960-1980)** (1995). Os textos são o que existe de mais sistematizado sobre a história propriamente dita da Antropologia no Brasil. Os dois textos traçam a história da disciplina através de seus personagens e de suas instituições, sendo o segundo texto uma continuação cronológica do primeiro. Os personagens foram enfatizados em **Traficantes do Excêntrico...** enquanto as instituições são o foco central em **A Antropologia no Brasil** seguindo as tendências existentes nas respectivas épocas analisadas.

**A Revolução dos Normalistas** (Corrêa: 1988a) é um outro texto fruto da pesquisa de Mariza Corrêa. Poderíamos dizer que está cronologicamente situado entre os dois anteriores, fazendo um paralelo entre um grupo de intelectuais sob a liderança de Anísio Teixeira - que chama de normalistas - e um grupo que se auto-identificou como antropólogos. O momento focado nesse texto é a década de 50, período que, para a autora, não foi muito lembrado quando se trata da história das Ciências Sociais no Brasil.

**The Anthropology of Anthropology: The Brazilian Case** (Peirano: 1991)<sup>121</sup> é um trabalho que tem como objetivo central entender o contexto sócio-cultural específico de

---

<sup>121</sup>Harvard University, Ph.D. These, 1981 e também publicado pela **Série Antropologia**, nº 110, UNB/DAN, 1991 em sua totalidade; alguns de seus capítulos foram editados em formato de artigo em várias publicações,

surgimento do campo das Ciências Sociais brasileira e mais particularmente, da Antropologia através da ideologia do *nation-building*. Partindo de uma análise teórica mais geral dos pensamentos de Norbert Elias<sup>122</sup> e Louis Dumont<sup>123</sup> sobre a questão da possibilidade das Antropologias regionais serem definidas pela hierarquia dos valores do holismo e do universalismo, a autora analisa a carreira intelectual e o trabalho de seis autores brasileiros no espaço Rio/São Paulo: Florestan Fernandes, Antônio Cândido, Darcy Ribeiro, Roberto Cardoso de Oliveira, Roberto Da Matta e Otávio Velho.

A discussão de fundo proposta por Peirano é de como o desenvolvimento das Ciências Sociais foi influenciada regionalmente pela auto-identidade de cada nação. No caso brasileiro, de como a busca de uma identidade nacional e os diferentes momentos dessa busca influenciaram a delimitação de um campo científico, direcionando a compreensão dos aspectos sociais brasileiros. No final do século passado - discussão colocada por Wanderley Guilherme dos Santos (1978) e citada pela autora - a principal questão para os intelectuais brasileiros foi o de como organizar o novo Estado após a Proclamação da República e como organizar politicamente os grupos sociais que estavam em formação; nos anos 20, a temática dominante foi a da formação histórica do país; na década de 30, os intelectuais recolocaram a problemática da centralização da nação<sup>124</sup> (p. 249-250). Na verdade, esta é uma discussão que coloca em pauta um outro problema levantado pela autora: a questão da autoridade científica, ou seja, o que socialmente autoriza a ciência enquanto verdade<sup>125</sup>.

---

principalmente no livro *Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas* (1991) e no *Anuário Antropológico*.

<sup>122</sup> Alemão de nascimento sendo sua principal obra *O Processo Civilizador* (Elias: 1994).

<sup>123</sup> Autor francês que entre outras obras publicou *O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna* (Dumont: 1993).

<sup>124</sup> Concordo com a afirmação da autora e vou mais além, isto é, como a delimitação de um campo científico social influenciou e consolidou a auto-reflexão mais geral sobre o próprio país.

<sup>125</sup> *"O método que geralmente utilizamos para preencher a lacuna entre as observações do cientista e a necessidades daqueles que são leigos naquela ciência específica é o uso da autoridade simplesmente. Ponho uma capa no meu livro ou lanço na página-título todas as bolsas de estudo que tive, ou pelo menos as mais*

Não podemos deixar também de nos referir à tese de doutorado feita em meados dos anos 70 por Paulo Roberto Azeredo e não defendida devido à morte prematura de seu autor. Publicada postumamente em 1986 por João Baptista Borges Pereira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, **Antropólogos e Pioneiros: A História da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia**, trata do curto período de existência (1941-1950) dessa entidade e de um de seus mais atuantes membros: Arthur Ramos. A escolha desta temática já na década de 70, demonstra que a preocupação com a nossa história tem sido abandonado, mesmo em períodos em que as publicações sobre o tema não foram constantes.

### 3.3.5. A Antropologia Brasileira através de seus Problemas:

**Antropologia Para Sueco Ver** é um texto escrito por Otávio Velho (1980) para um número especial da revista sueca **Ethnos**<sup>126</sup> "...dedicado a uma análise comparativa do desenvolvimento da Antropologia Social nos últimos vinte anos em diversos países do mundo." (p. 79). O autor inicia a sua exposição com a contextualização do lugar do qual está falando: "...uma das regiões do globo tradicionalmente identificada como objeto da Antropologia..." (p. 79). Otávio Velho afirma que para um país novo como o nosso, a Antropologia já não é tão jovem assim se datarmos o seu início da publicação em 1933 de **Casa-Grande & Senzala** de Gilberto Freyre. Outros dois momentos fundamentais dessa

---

*eminentes. O leitor inspeciona a lista. Se ele for perfeitamente culto ou pessoa pedante, irá mais adiante consultando alguma fonte de informação. Uma vez a par da minha pessoa, que me submeti aos rituais apropriados para a obtenção de graus superiores, que tive bolsas de estudo e fiz expedições e escrevi monografias publicadas em editôras cultas, o leitor passa a ler o que digo com o respeito ao que é chamado 'autoridade' no assunto. (...) Contudo, quero fazer mais do que isso; quero estar apta a interpor entre o meu argumento e a consideração que faz o leitor sobre ele uma pausa, uma compreensão não do que o meu direito à autoridade me permite fazer em tal ou qual afirmação, mas, em vez disso, como eu cheguei àquelas afirmações e o que é o processo antropológico." (Mead: 1971 [1949], p. 41).*

<sup>126</sup>Que foi publicado com o título **Social Anthropology in Brazil: 1960-80**.

história para o autor, são a primeira reunião de antropólogos em 1953 no Rio de Janeiro<sup>127</sup>, e a sua profissionalização em 1968 com a criação dos cursos de pós-graduação.

Para Otávio Velho, antes dos anos 60, a Antropologia, que era basicamente de orientação culturalista, estava dividida em três grandes temáticas: os estudos de sociedades tribais, os estudos de relações raciais e os estudos de comunidades. Na virada da década de 60, segundo o autor, desenvolve-se uma crítica à tradição culturalista de orientação norte-americana, resgatando-se o conflito como foco de análise antropológica e com isso, a consequente adesão à orientação da Antropologia Social inglesa.

Segundo Otávio Velho, foi a partir de 1968 que as temáticas antropológicas desenvolvidas no Brasil se ampliaram, paralelamente a um aumento considerável do interesse por parte do público mais geral pela Antropologia. Para o autor, isso só foi possível devido à grande influência e o consequente desgaste da Sociologia no período anterior e de seus esquemas generalizantes. Pela especificidade da pesquisa de campo em realidades concretas, a perspectiva antropológica se popularizou na década de 70.

O ponto central levantado por Otávio Velho é que na passagem dos anos 60/70, começou a se formar uma tendência na Antropologia, denominada por ele de "política" ou de "althusserianismo populista". Esta tendência seria uma tentativa de juntar teoricamente o pensamento de Althusser com a tradição do trabalho de campo na disciplina, isto é, a "*...síntese entre o althusserianismo e um populismo antropológico...*" (p. 89). Portanto, esta corrente refletiu uma tentativa de aproximar a Antropologia do marxismo, tradição que influenciou as Ciências Sociais na época. Isto porque frente a um contexto político ditatorial, a Antropologia no período anterior se manteve um pouco "resguardada" da repressão que se abateu sobre as Ciências Sociais pela sua tradição de escolhas de temas que o autor chamou de "exóticos" e, portanto, distante das grandes discussões políticas levantadas pela Sociologia e a Ciência Política.

---

<sup>127</sup> Mesmo com um pequeno grupo de pessoas. Eram, na época, 41 filiados a ABA em 1953 segundo o autor. Hoje são aproximadamente 725 entre sócios efetivos (com no mínimo o título de mestre) e estudantes (ABA: 1994/95).

Esse contexto político-social mais geral, a relativa "liberdade" da Antropologia nos anos 70, e o pensamento marxista e o althusserianismo, contribuiu com o desenvolvimento de uma prática de pesquisa que o autor chama de "populista" por parte dos antropólogos. Segundo o próprio Otávio Velho, esta é uma das incompatibilidades da apropriação do marxismo pela Antropologia. Ou seja, diferente da concepção althusseriana de ideologia dominada que afirma ser impossível às classes menos favorecidas conseguir "fugir" da ideologia dominante na qual está inscrito o seu próprio pensamento<sup>128</sup>.

O que Otávio Velho afirma é que a vertente politizada da disciplina, necessariamente não foi a menos "antropologizada" porque, em última instância, tentava-se privilegiar a visão do "outro", isto é, uma concepção essencialmente antropológica.

*"A recolocação levada adiante por esses pesquisadores constitui, de resto, uma contribuição fundamental, plenamente coerente com a insistência da tradição antropológica na diversidade." (p. 87).*

Otávio Velho enfatiza ainda que a Antropologia foi dominada também pelo estruturalismo na época, e por isto houve aproximações entre uma teoria e outra o que se manifestou

*"...no anti-historicismo, no anti-humanismo, no privilegiamento das estruturas e, em termos mais gerais, na posição mais epistemológica naturalista caracterizada por se manter em termos de exterioridade a relação entre observador e objeto do conhecimento sendo visto como exterior à realidade." (p. 88).*

Finalizando, Otávio Velho defende que o grande crescimento da disciplina após 1968 "...fez com que se atrasasse uma reflexão sobre o que estava sendo feito." (p. 89). Esta reflexão, segundo ele, deverá necessariamente trazer para o centro do debate as divergências existentes nas diferentes concepções da Antropologia e, na maioria das vezes, não claramente explicitadas. Em síntese, uma necessária "dor de crescimento" que

---

<sup>128</sup>No meu entender, é a clássica questão presente na época da oposição entre o "êmico" (a visão do objeto, "...na exaltação da consciência dos grupos subalternos...", p. 88) e do "ético" (a visão do antropólogo sobre o "outro" e que hoje se manifesta na "leve" dicotomia feita por alguns autores, do significado (dos pesquisados) e do sentido (do pesquisador).

deve acontecer em função da complexidade cada vez maior do campo e que faz avançar o pensamento antropológico.

Eunice Ribeiro Durham (1982) em **Os Problemas Atuais da Pesquisa Antropológica no Brasil**<sup>129</sup> faz um pequeno histórico da produção antropológica brasileira no período de 1940 a 1970 e da sua inserção sócio-política. Nos anos 40 e 50, o número de profissionais em Antropologia era pequeno e disperso, se restringindo a algumas universidades e museus. Mas, apesar disso, foram condições suficientes na formação de uma infraestrutura para a institucionalização da Antropologia num momento posterior. Além da antropologia paulista - composta pela USP, Escola de Sociologia e Política e o Museu Paulista - que para a autora foi o centro mais dinâmico da antropologia naquele período, cita ainda o Museu Emílio Goeldi e o Museu Nacional que estavam mais interessados nos estudos dos grupos indígenas. A especificidade da Antropologia paulista - intimamente ligada à Sociologia, sob a influência dos professores estrangeiros<sup>130</sup> e do método funcionalista - foram os estudos sobre a sociedade nacional: estudos de comunidades, estudos sobre religiões africanas, minorias étnicas etc. A preocupação naquele momento eram as bases de funcionamento da sociedade e não a sua transformação.

O final da década de 50 e o início dos anos 60 para Durham, foi de transformações no contexto nacional e viu crescer o debate político com reivindicações de reformas sociais por parte da sociedade. A Sociologia começou a se preocupar mais com as transformações sociais e com o golpe militar em 1964 intensificou o discurso sociológico militante. A Antropologia, seguindo a sua tradição, ficou à parte dessa discussão enfatizando ainda mais a sua escolha por temas cotidianos. O final da década de 60 trouxe o terrorismo e a repressão. Vários intelectuais foram presos, cassados, exilados ou aposentados compulsoriamente. A pesquisa sociológica militante passou a ser inviável. Como afirma Durham: "*...a Antropologia foi muito menos atingida.*" (p. 156) mas sofreu transformações

---

<sup>129</sup>Comunicação apresentada ao *Latin American Study Group* da *American Anthropological Association* realizada em Washington, 1980.

<sup>130</sup>Como por exemplo Donald Pierson, Roger Bastide, Lévi-Strauss etc.

teóricas com o avanço cada vez maior do estruturalismo francês o que aumentou, na década seguinte, o prestígio científico da disciplina.

Eunice Durham afirma também que o milagre econômico do início dos anos 70 fez expandir o mercado universitário triplicando-o, o que foi reforçado pela criação e consolidação dos Programas de Pós-Graduação e o conseqüente incentivo financeiro à pesquisa<sup>131</sup>. Para a autora, as pesquisas sobre o indigenismo cresceram no período, incentivando a organização e o engajamento dos grupos indígenas nas discussões nacionais e na defesa de seus direitos. As pesquisas sobre a sociedade nacional se concentraram em grupos considerados mais marginalizados e nas temáticas mais políticas: favelados, trabalhadores assalariados do campo e da cidade etc. O fim da prosperidade econômica, no momento em que escrevia a autora - início dos anos 80 -, aliada à superação do estruturalismo, contribuiu com à busca de novos caminhos por parte da Antropologia. Em conseqüência, a disciplina aproximou-se do marxismo, que por sua vez, não conseguiu responder satisfatoriamente às especificidades da perspectiva antropológica. Portanto, para Eunice Durham, foi esta a razão do divórcio entre a teoria empregada e a pesquisa empírica na Antropologia, o que colocou a disciplina num impasse teórico-metodológico que veio se agravar com a diminuição das verbas para a pesquisa na década de 80.

A autora alerta para o fato de que os mecanismos autoritários e repressivos da década de 70 não tenham sido desmontados nos anos 80, haja visto que o controle ideológico continuou sendo feito por parte das agências financiadoras, basicamente instituições estatais. Um bom exemplo citado por Durham foram os projetos relativos às populações indígenas que, cada vez mais, eram considerados como de interesse de segurança nacional e, portanto, extremamente vigiados e acompanhados pelo Estado.

Para terminar, a autora afirma que a Antropologia encontra condições favoráveis ao seu desenvolvimento, mas tem como principais obstáculos, no período em que escreve, a falta de uma definição teórica que ocupe o lugar deixado pelo estruturalismo. Alguns

---

<sup>131</sup> Graças às agências financiadoras, tais como: FAPESP, CNPq, FINEP, Fundação Ford etc.

entraves institucionais que podem ser superados com uma atuação política comprometida é também uma maneira de superação das dificuldades encontradas pela disciplina.

**A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa** organizado por Ruth Cardoso (1986), é um livro que tornou-se exemplar na Antropologia brasileira. Como atesta a sua organizadora, o livro seguiu os passos de uma outra importante coletânea publicada na segunda metade da década de 70<sup>132</sup> e *"...que abriu o caminho para as reflexões menos convencionais sobre as atividades dos cientistas sociais em seu esforço para explicar nossa sociedade."* (p. 13). Os textos escolhidos valorizam a pesquisa de campo pois esta parece ser para Ruth Cardoso, a direção seguida pelas Ciências Sociais na década de 80, abrindo caminho para as discussões e questionamentos sobre o debate metodológico.

O texto de Eunice Ribeiro Durham (1986), **A Pesquisa Antropológica Com Populações Urbanas: Problemas e Perspectivas** discute a popularidade e a relevância do texto antropológico para os antropólogos no contexto sócio-político brasileiro da década de 80. Para a autora, a Antropologia sempre foi considerada pelos cientistas sociais como *"...menor ou marginal"* (p. 17) pois tinha como objeto de estudo temas também marginais aos grandes debates políticos. Esta situação, no entanto, se transformou a partir da segunda metade dos anos 70:

*"...as pesquisas concentram-se em grande medida em temas de interesse geral imediato - não apenas os costumes exóticos das tribos indígenas (embora esses constituam também uma leitura fascinante), mas muito do que é cotidiano e familiar em nossa sociedade urbana ou que constitui reminiscência de um passado recente: os hábitos e valores dos moradores de Copacabana tanto quanto o modo de vida dos bairros de periferia, das favelas e da população caipira; a umbanda e o pentecostalismo ao lado do catolicismo tradicional e das comunidades de base da Igreja renovada; a família operária e a das camadas médias; os movimentos sociais urbanos e as formas do lazer popular; o feminismo e a sexualidade. Estamos, em suma, produzindo uma nova e intrigante etnografia de nós mesmos."* (1986, p. 17).

---

<sup>132</sup>Organizada por Edson Nunes (1978) . **A Aventura Sociológica - Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social.**

A Antropologia nesse período começou a se interessar pelas minorias desprivilegiadas que passaram a fazer parte do cenário político nacional, o que, para Durham, transformou a qualidade das pesquisas antropológicas.

O sucesso da disciplina explicava-se também, segundo a autora, pela ineficácia dos esquemas globalizantes que buscavam uma interpretação da sociedade nacional, mais correntes na Sociologia e Ciência Política. Por outro lado, para Eunice Durham, não conseguia-se capitalizar corretamente esses resultados que apareciam, então, como pesquisas pontuais e segmentadas, não se integrando metodologicamente enquanto totalidade. Frente a esse impasse, a autora afirma ser este o momento de se fazer uma reflexão crítica sobre o conjunto da produção recente da Antropologia no Brasil, especialmente no que diz respeito às populações urbanas. Estas pesquisas para ela, desenvolveram-se numa linha diferente da Escola de Chicago:

*"...uma tentativa de compreender o fenômeno urbano em si mesmo. Ao contrário, trata-se de pesquisas que operam com temas, conceitos e métodos da antropologia, mas voltados para o estudo de populações que vivem nas cidades. A cidade é, portanto, antes o lugar da investigação do que seu objeto" (p. 19).*

Eunice Durham faz um breve histórico dessa linha de pesquisa que remete a Nina Rodrigues, passado por Gilberto Freyre, pelo funcionalismo, pela Antropologia britânica e pelo culturalismo norte-americano. A autora também avalia os conceitos antropológicos utilizados em cada um desses momentos. Para ela, naquele período, essas pesquisas encontravam-se frente a um grande dilema entre o trabalho de campo essencialmente funcionalista e uma abordagem teórica que tentou romper com esta perspectiva cientificista. Este entrave teórico-prático enfrentado pela Antropologia, então, foi o que a autora denominou de "armadilha positivista" (p. 33). Para ela existe uma dicotomia entre a prática antropológica, que cada vez mais se politiza, e os conceitos utilizados, nem sempre coerentes e contextualizados nas teorias eleitas pelas análises.

Discorrendo sobre a tradição dos estudos raciais no Brasil, Durham defende que a Antropologia seguiu um outro caminho: o caminho que enfatizou os estudos de relações raciais.

Eunice Durham afirma que a crítica aos estudos funcionalistas no Brasil foi feita primeiramente pelos sociólogos e só mais tarde pelos antropólogos. Este repensar aconteceu, principalmente, através da crítica aos estudos de comunidades e às suas concepções conservadoras da realidade que não contemplavam os conflitos sociais. Esta crítica aproximou a Sociologia do marxismo, o que na Antropologia foi de difícil assimilação:

*"...para os antropólogos que enveredaram pela linha marxista, o problema que se colocava e ainda se coloca é o de integrar um método de pesquisa de campo desenvolvido pelo funcionalismo com uma teoria explicativa que parte de outras premissas e caminha em outra direção. De modo geral, continuou-se a fazer pesquisa como a faziam os funcionalistas, mas tentando encontrar 'ganchos' que permitissem interpretar os resultados com conceitos como 'modo de produção', 'relações de trabalho' e 'lutas de classe'." (p. 24).*

Para a autora existe uma incompatibilidade da visão microscópica da Antropologia, que se concretiza através das pesquisas de campo, com a interpretação mais abrangente da teoria marxista. Para Eunice Durham, somente as pesquisas que escolhiam como tema *"...as relações de trabalho, movimentos sindicais ou lutas camponesas..."* (p. 24) conseguiam satisfatoriamente integrar teoria e prática.

O outro caminho escolhido pela Antropologia na década de 70 foi o estruturalismo, que também empobreceu a riqueza dos estudos microscópicos em consequência de seu rigor formalista.

Enfim, a problemática enfrentada pela Antropologia na década de 70 e início dos anos 80, foi para Eunice Durham, a de tentar contemplar os resultados múltiplos da observação participante - moldada teoricamente pelo funcionalismo - com uma perspectiva que enfatizava os conflitos e impasses da realidade social.

Ao discorrer sobre a produção antropológica no período, a autora afirmou que estas pesquisas seguiram em duas direções: a ênfase na observação participante e os estudos simbólicos.

A primeira tendência para Durham, tem resvalado para a "participação observante", a militância política e para os estudos onde o pesquisador está integrado como sujeito da pesquisa<sup>133</sup>.

Na outra vertente, o conceito de ideologia, por exemplo, foi amplamente utilizado com uma concepção que a autora diz ser despolitizante.

*"É frequentemente usado como simples sinônimo de sistemas de idéias e valores, substituindo às vezes visão de mundo, perdendo sua complexidade e desligando-se da problemática teórica que lhe era própria. Raramente é empregado no seu contexto original, o mais das vezes por antropólogos de formação sociológica. Mas sua utilização no sentido simplificado e despolitizado contém uma constante alusão à problemática política e à teoria marxista, mesmo quando ela não é utilizada na interpretação dos dados." (p. 29).*

A consequência apontada por Eunice Durham é de que:

*"...ao mesmo tempo em que os antropólogos se politizam na prática de campo, através de seu engajamento crescente nas lutas travadas pelas populações que estudam, despolitizam os conceitos com os quais operam, retirando-os da matriz histórica na qual foram gerados e projetando-os no campo a-histórico da cultura." (p. 32).*

O texto apresentado por Ruth Cardoso (1986), **Aventuras de Antropólogos em Campo ou como Escapar das Armadilhas do Método** é revelador, no meu entender, das questões mais significativas do debate antropológico contemporâneo. A autora coloca como central nesta discussão o relacionamento entre pesquisador e pesquisado e as novas técnicas de investigação e de concepção do trabalho de campo que tem como desdobramento os desencontros entre as introduções teóricas e os dados coletados pelas pesquisas. E completa:

*"A interpretação que se constrói sobre análises qualitativas não está isolada das condições em que o entrevistador e o entrevistado se encontraram. A coleta de material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas. Nestas investigações, o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da*

---

<sup>133</sup>Ou seja, negros estudando negros, mulheres estudando mulheres etc.

*informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário." (p. 101).*

A discussão da autora segue na mesma linha do que foi levantado por Otávio Velho e Eunice Durham: a "popularização" da Antropologia na década de 70 que veio acompanhada pela valorização do trabalho de campo. Para a autora, esta volta às pesquisas qualitativas é saudável, no entanto, não tem sido acompanhada por uma discussão teórica e metodológica mais consistente o que não deixa de ser uma concepção de que *"...dados bem coletados devem falar por si mesmos."* (p. 99). Ou seja, uma concepção teórica próxima ao empirismo positivista.

O conseqüente engajamento militante do antropólogo com o grupo estudado, uma prática que se tornou comum e que muitas vezes tem transformado o pesquisador em seu porta-voz, elimina uma perspectiva importante da tradição da pesquisa de campo na Antropologia: o distanciamento necessário à compreensão do "outro".

*"A capacidade de se surpreender, que deve ser inerente ao trabalho do cientista, fica amortecida quando se propõe a fusão total do discurso do investigador com o do grupo investigado. (...) É a sistematização que a ciência propõe que permite avançar para além destes fragmentos na busca de uma explicação mais global, porém, sempre provisória." (p. 101).*

Mais adiante a autora afirma que o resgate da subjetividade não deve servir para recolocar aquela antiga discussão entre verdade e mistificação. Todo discurso é, de certa maneira, também uma narrativa que constrói conjuntos de significados e o método é o caminho para se chegar até eles.

Para Ruth Cardoso, conceitos como o de objetividade e neutralidade como forma de legitimação da ciência, perderam importância e ninguém mais teima em defendê-los. Muitas vezes, a legitimidade é garantida pela apresentação no texto, do relacionamento entre o antropólogo e os atores sociais em questão. Contudo, também esta simplificação pode levar a uma postura eclética e descomprometida com o método. E, no lugar de concluir, apresenta uma série de questões para iniciar o debate:

*"1. O trabalho de campo contribuiu definitivamente para a crítica do economicismo e dos vários estruturalismos, mas deixou de ir à raiz das questões metodológicas e por isso levou a uma postura eclética. Talvez até*

*possamos defender o ecletismo se soubermos corrigi-lo com o anarquismo de que nos fala Feyrabend (1978).*

*2. Uma contribuição inegável da volta ao trabalho de campo foi a presença de atores sociais, suportes dos discursos, que ganharam carne e osso e deixaram de ser autônomos. Depois de fazê-los entrar em cena, é preciso definir com que autonomia podem atuar dentro do script. Se, ao criticar o mecanicismo, também abandonarmos a noção de estrutura, ou ficamos sem resposta para esta questão, ou nos juntamos aos weberianos e parsonianos para estudá-la melhor.*

*3. Também merece cuidado a questão da subjetividade como instrumento de conhecimento. Aqui se beira tanto um irracionalismo muito em moda que nega a ciência (podemos lembrar o sucesso de Castañeda) quanto a camisa-de-força da crença na realidade exterior. O desafio está em encontrar um caminho intermediário." (Cardoso: 1986, p. 105).*

Resumindo, o que os autores citados enfatizaram foi: a Antropologia se popularizou e cresceu bastante nos anos 70, ganhando respeito entre as Ciências Sociais, e com isto retardou uma discussão mais metodológica e teórica sobre si mesma e que refletisse essas contradições.

Portanto, os textos apontam para a necessidade de se discutir mais aprofundadamente no campo da Antropologia brasileira, a metodologia, o objeto de estudo, as temáticas, o trabalho de campo etc.

No entanto, para Durham, a pesquisa de campo "militante" - o que Otávio Velho denominou de "populismo" - foi incompatível com a tradição do trabalho de campo na disciplina. Esta contradição para Durham é difícil de ser superada, enquanto que para Otávio Velho ela está de acordo com a perspectiva essencialmente antropológica<sup>134</sup>.

### **3.3.6. Pensando a Antropologia:**

Roberto Cardoso de Oliveira (1986) em **O que é isto que chamamos de Antropologia Brasileira?** divide a história da disciplina em três períodos e duas grandes

---

<sup>134</sup>Esta discussão não está separada da discussão entre a Antropologia Social e a Antropologia Cultural. O próprio Otávio Velho em seu memorial (1992) faz esta afirmação, também explícita no texto discutido acima: "É essa, de certa forma, a 'origem' da Antropologia Social no Brasil." (p. 81).

linhas de pesquisa: a etnologia indígena e a antropologia da sociedade nacional. O primeiro período é o que o autor chama de período heróico, das décadas de 20 e 30. Este período é marcado pelo conceito de **cultura**, pelos aspectos românticos e pela não-institucionalização da disciplina. O autor representativo da temática etnologia indígena foi Curt Nimuendaju, e da antropologia da sociedade nacional, Gilberto Freyre.

O período seguinte que Cardoso de Oliveira chama período carismático, final dos anos 40 e início dos 50, foi representado pela introdução do conceito de **estrutura**. O período teve em Florestan Fernandes o seu representante no campo da antropologia da sociedade nacional e em Eduardo Galvão e Darcy Ribeiro no campo da etnologia de vertente culturalista.

O último período, que o autor chama de burocrático, foi o de grande desenvolvimento da Antropologia e que a partir da segunda metade da década de 60, institucionalizou os Programas de Pós-Graduação no país, sendo o próprio Roberto Cardoso de Oliveira, o responsável pela criação de dois deles: PPGAS/Museu Nacional no Rio de Janeiro e PPGAS/UNB em Brasília.

Cardoso de Oliveira é um dos autores que mais tem pensado nas questões filosóficas/epistemológicas instigadas pelo pensamento antropológico. Em **O Movimento dos Conceitos em Antropologia**<sup>135</sup> (Cardoso de Oliveira: 1994), com o objetivo de discutir as possíveis singularidades das Antropologias regionais sem perder de vista a sua pretensão universalista, o autor examina comparativamente a dinâmica de certos conceitos que surgiram em países centrais<sup>136</sup>. Estes conceitos quando aplicados à nossa realidade

---

<sup>135</sup>Texto originalmente escrito para o seminário *Entre el Acontecimiento y la significación: el discurso sobre la cultura en el Nuevo Mundo* em Trujillo, Espanha, em dezembro de 1992 e publicado parcialmente na *Revista de Antropologia* em 1994.

<sup>136</sup>“...nunca será demais lembrar que tomo por peritérico aquele espaço que não se identifica com o espaço metropolitano - leia-se: Inglaterra, França e Estados Unidos da América -, de onde emergiram os paradigmas da disciplina no final do século passado e princípios deste e que desses países se difundiram para outras latitudes. Peritérico, no caso, não se identifica também com a noção política de periferia, enquanto marcadora de um lugar habitualmente ocupado pelo chamado 'Terceiro Mundo'. Assim sendo, as 'antropologias periféricas' podem existir em qualquer dos 'mundos', inclusive no mundo europeu, desde que sejam assim chamadas em países que não tenham testemunhado a emergência da disciplina em seu território e,

específica sofreram transformações. Comparando a ciência, no caso a Antropologia, a uma "cultura", o autor denomina as singularidades periféricas de "idiomas regionais", se perguntando como pode haver essas especificidades sem deixar de ser a Antropologia o que ela é, ou seja, uma ciência universal.

Esta questão nos remete para a própria prática antropológica nos países que Cardoso de Oliveira chama de periféricos. Como poderá um antropólogo nativo, estudioso de uma ciência que nasceu num determinado contexto, o contexto colonial europeu, e que tinha como objeto de estudo o "outro" distante e diferente culturalmente, estudar a sua própria sociedade? O autor coloca estas questões para discutir a história de dois conceitos: *colonialismo* e *colonialismo interno*. Conceitos centrais para o pensamento na América Latina que possui em seu território uma grande quantidade de populações indígenas. O autor aponta para a questão do indigenismo e dos conceitos criados nessa tradição - como os conceitos de **fricção interétnica**<sup>137</sup> e de **etnodesenvolvimento**<sup>138</sup> - como os prováveis campos onde a Antropologia na região se singularizou.

O que podemos concluir do texto de Roberto Cardoso de Oliveira - não explícito em suas palavras - é que a universalidade da disciplina garante-se pelos paradigmas em curso na matriz disciplinar<sup>139</sup> e que as singularidades nacionais se manifestam nas temáticas desenvolvidas em cada lugar, dizendo respeito à identidade de cada país.

---

*igualmente, não tenham ocupado uma posição hegemônica no desenvolvimento de novos paradigmas." (1994: p. 14-15).*

<sup>137</sup> Conceito desenvolvido por Roberto Cardoso de Oliveira no Brasil e que se colocou como alternativa aos conceitos então em voga de **aculturação** e **mudança social**.

<sup>138</sup> Conceito desenvolvido por Rodolfo Stavenhagen em 1981 e que propunha um "desenvolvimento alternativo" na América Latina, respeitando-se as populações étnicas na região, frente à problemática da modernização (Cardoso de Oliveira: 1994, p. 23-24).

<sup>139</sup> O conceito de matriz disciplinar foi desenvolvido pelo autor (Cardoso de Oliveira: 1988, p. 13-25) que divide as principais tradições antropológicas em quatro grandes paradigmas: "(1) *Escola Francesa de Sociologia, paradigma racionalista e, em sua forma moderna, estruturalista*; (2) *Escola Britânica de Antropologia, paradigma estrutural-funcionalista*; (3) *Escola Histórico-Cultural, paradigma culturalista*; e (4) *Antropologia Interpretativa, paradigma hermenêutico*." (p. 16).

### 3.3.7. Os PPGAS através de seus Nativos:

Os trabalhos do prof. Klaas Axel A. W. Woortmann da UNB, **Repensando a (Pós-Graduação em) Antropologia** (1991) e **Crônica (Informativa, Levemente Crítica e um tanto Apologética) de um Programa de Pós-Graduação: A Antropologia na UNB** (1993), é justamente uma tentativa na direção de fazer um levantamento mais detalhado de quem somos nós e do que fazemos. O seu trabalho refere-se ao Programa de Pós-Graduação na UNB, seus alunos, professores e produção, além de discutir os novos formatos que o mestrado vem assumindo nos últimos anos entre nós.

Ainda de Brasília temos a dissertação de mestrado de Edgar Gutierrez Mendoza (1994), **Uma "Aldeia" de Antropólogos: A Antropologia em Brasília** que tem como objetivo fazer uma etnografia da Antropologia brasileira<sup>140</sup>, a ocupação do espaço departamental e discutindo também a **Série Antropologia** publicada pelo Departamento de Antropologia da UNB.

Em São Paulo citamos os esforços do coordenador da pós-graduação em Antropologia da USP<sup>141</sup> em 1994, prof. José Guilherme Cantor Magnani, e de Márcio Silva na Unicamp em 1995, que na mesma direção do prof. Klaas Woortmann em Brasília, vêm fazendo um levantamento específico sobre a Antropologia em suas respectivas instituições: número de alunos por turma, integralização nos mestrados e doutorados, linhas de pesquisas etc.

### 3.4. De que história falamos?

Não por acaso<sup>142</sup>, comecei a exposição com textos que foram produzidos numa reunião de antropólogos em novembro de 1953 no Rio de Janeiro e terminei em outra

---

<sup>140</sup>Na mesma direção temos também notícia da monografia de graduação de Meigle Darluce Rafael Alves (1995), **Representações do Fazer Antropológico: Uma Abordagem Metadisciplinar** que busca fazer uma etnografia do Departamento de Antropologia da UFBA.

<sup>141</sup>Esse trabalho contou com a colaboração de uma aluna de graduação e está em fase de andamento.

<sup>142</sup>Veja sobre este assunto o artigo de Howard S. Becker (1995) **"Foi por Acaso": Reflexões sobre a Coincidência** e o memorial citado acima de Mariza Peirano: **Não Foi Só Por Acaso: Um Depoimento**, onde a autora afirmou que um dos pontos comuns da trajetória dos intelectuais entrevistados por ela em sua

reunião de antropólogos em abril de 1995<sup>143</sup>, também no Rio de Janeiro. As preocupações principais, nesses dois encontros, são basicamente as mesmas: a problematização do ensino/pesquisa e a profissionalização do antropólogo no Brasil. Nesses quase quarenta e dois anos, a Antropologia brasileira se transformou, amadurecendo, produzindo e conquistando um espaço no pensamento social brasileira. Hoje, já não somos mais um grupo de profissionais preocupados somente com determinadas temáticas ou problemas teóricos gerais. Somos hoje, um grupo de cientistas sociais que conquistou o seu espaço neste país e na Antropologia mundial<sup>144</sup>, contribuindo significativamente na produção do conhecimento no país e sobre o país.

É importante notar que apesar de serem dois momentos diferenciados de nossa história - da Antropologia enquanto disciplina e de nosso país enquanto nação - a problemática da profissionalização do antropólogo, de seu ensino e pesquisa tem sido recorrente entre nós, assumindo hoje uma significação especial. Encontra-se no centro de nossos debates questões como a de um curso de graduação em Antropologia<sup>145</sup>, a

---

pesquisa de doutorado (Peirano: 1981), foi o acaso da Antropologia em suas vidas. Podemos afirmar que também o acaso esteve presente nas entrevistas e Memorials utilizados por mim. No entanto, é também perceptível nessas mesmas fontes, a noção da Antropologia como um destino obrigatoriamente reservado aos seus autores, inclusive no próprio Memorial de Peirano (1992).

<sup>143</sup>O Seminário sobre Ensino em Antropologia que se realizou em abril de 1995 no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ/RJ como consequência de uma Mesa Redonda realizada no encontro da ANPOCS em 1994 em Caxambu, Minas Gerais, com o título **O Ensino das Ciências Sociais em Questão**. Com a coordenação de Mariza Peirano, estiveram presentes neste evento - além de um cientista político da UFMG (Fábio Guilherme Wanderley) e de um sociólogo da Unicamp (Juarez Brandão Lopes) - Peter Fry (1995) do IFCS/UFRJ com o texto **Formação ou Educação: Os Dilemas dos Antropólogos Perante a Grade Curricular**, Paula Montero (1995) da USP com **Tendências da Pesquisa Antropológica no Brasil**, Luiz Fernando Dias Duarte (1995) do Museu Nacional/UFRJ com **Formação e Ensino na Antropologia Social: Os Dilemas da Universalização Romântica** e que foram publicados pela ABA em março de 1995 com comentários de Mariza Corrêa (1995a) e Pierre Sanchis (1995).

<sup>144</sup>Como atesta a produção na Alemanha de uma dissertação de mestrado sobre a Antropologia no Brasil: **"Ethnology Brazilian Style?" Eine Untersuchung Zur Historischen Entwicklung Des Ethnologischen Selbstverständnisses in Brasilien** de Wilhelm Rodrian (1993) que discute a questão da problemática levantada por Alcida Rita Ramos (1990) e comentada no item 3.3.3. deste capítulo.

<sup>145</sup>Consultar Viveiros de Castro (1995), Peter Fry (1995), Montero (1995), Dias Duarte (1995), Peirano (1995), Sanchis (1995) e Corrêa (1995a).

compactação do mestrado<sup>146</sup> e um maior intercâmbio das instituições onde se encontram os antropólogos entre uma série de outras problemáticas. É o campo da Antropologia no Brasil que se desenvolveu e amadureceu nessas últimas três décadas, contribuindo consideravelmente para o pensamento social brasileiro.

Quando falo na história da ciência e mais particularmente, como é o meu caso, na história da Antropologia, parto de algumas afirmações que devem ficar explícitas neste momento. Não é minha intenção olhar para o passado com os olhos exclusivos do presente naquilo que ficou conhecido como *presentismo* (Stocking Jr.: 1968), ou então fazer um diálogo com o passado como se ele ainda estivesse vivo no presente (Gellner: 1981), apesar de termos consciência que esse distanciamento é, de certa forma, relativo, pois estaremos necessariamente falando de um tempo e lugar determinados socialmente. É do anacronismo que enfaticamente nos afastamos.

Construir uma história exclusivamente genealógica (Stolcke: s.d.) e cronológica também não é a minha intenção, apesar de que penso não poder deixar de periodicizar no tempo e discorrer sobre as "linhagens" acadêmicas a que estou me referindo. Afirmar que toda teorização e construção histórica é um processo social datado no tempo e determinado pelo lugar de quem fala (Silverman: 1989; Bourdieu: 1996) é hoje quase um consenso entre aqueles que discorrem sobre a história da ciência. O que pretendo fazer é uma Antropologia crítica<sup>147</sup>, objetivamente definindo a que espaço pertença, minhas posições teóricas frente à disciplina e de que afirmações filosóficas parto, além, é claro, da contextualização político/social de meu objeto de estudo.

---

<sup>146</sup>Ver sobre o tema Woortmann (1995).

<sup>147</sup>No sentido do que Michael Fischer (1985) entende como Antropologia crítica: fazer uma Antropologia dinâmica, ou seja, compreender a cultura é algo qualitativamente diferente da leitura de um texto; fazer uma Antropologia democrática, isto é, provocar um aumento mútuo de consciência crítica; e fazer uma Antropologia objetiva, captando as formas públicas do discurso que não são idiosincrasias através de uma análise interpretativa. O último item deve ser entendido no seguinte sentido: "...la comprensión no es nunca un comportamiento subjetivo respecto a un 'objeto' dado, sino que pertenece a la historia efectual, esto es, al ser de lo que se comprende." (Gadamer: 1991 [1960], p. 13-14).

Está claro também a direção para onde se orienta a minha pesquisa. Escrevo para os meus pares, os antropólogos deste país e dos demais. Concordo com Verena Stolcke quando diz que "*La historia no está sólo hecha de los logros que se admiten sino también de los acontecimientos que se omiten.*" (s.d.: p. 16). Tenho como certo que ao escolher uma determinada direção, estou necessariamente empobrecendo a realidade como um todo (Weber: 1992) e omitindo aspectos dessa história que também são relevantes e significativos na sua compreensão.

O que podemos aprender com os textos apresentados anteriormente? O que existe de comum em todos eles que nos indique alguma singularidade no que fazemos? Qual o tipo de *olhar* que devemos escolher para dirigir sobre esse período tão recente de nossa história?

A história da Antropologia entre nós é a história da delimitação de um campo intelectual, da construção de seus objetos de estudo, das temáticas que foram sendo abandonadas e daquelas que foram se desenvolvendo e se consolidando no tempo, materializando-se no que hoje é a Antropologia brasileira. São estas questões, enfim, que resolvemos eleger em nossa construção para a compreensão da Antropologia no Brasil.

É a partir destas discussões, aqui somente pontuadas, que pretendo entender um pouco melhor o que é fazer Antropologia no Brasil. Das questões epistemológicas colocadas por Roberto Cardoso de Oliveira; da percepção crítica e criativa de Mariza Peirano; da historicidade e não unilinearidade de Mariza Corrêa; das questões metodológicas colocadas por Ruth Cardoso e Eunice Ribeiro Durham e do inusitado da pesquisa de campo discutido por Roberto Da Matta é que - com base no referencial empírico das dissertações de mestrado da USP, UNB, Unicamp e Museu Nacional - pretendemos construir também um pedaço dessa história. Histórias que são também estórias e que tem nos faltado na compreensão do conhecimento antropológico no país. Estas histórias talvez nos permitam compreender melhor o nosso lugar neste país e em nosso tempo.

#### 4. Objetivos:

*"O que é então a antropologia? Limitemo-nos, por enquanto, a dizer que ela procede de uma certa concepção do mundo ou de uma maneira original de colocar os problemas, uma e outra descobertas **por ocasião** do estudo de fenômenos sociais não necessariamente mais simples (como se está muitas vezes inclinado a acreditar) do que aqueles de que é palco a sociedade do observador, mas que - em razão das grandes diferenças que oferecem com relação a estes últimos - tornam manifestas certas **propriedades gerais** da vida social, que a antropologia toma por objeto."* (Lévi-Strauss: 1991 [1954], p. 386-387).

O meu principal objetivo nesta pesquisa é construir um panorama crítico da produção antropológica brasileira, através das dissertações de mestrado<sup>148</sup> defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, UNB, Unicamp e Museu Nacional entre os anos de 1970 e 1989, com vistas a responder às seguintes questões: o que é a antropologia feita no Brasil, isto é, o que tem sido feito nas últimas décadas com o nome de Antropologia Social e que vem se concretizando através principalmente das dissertações de mestrado dos Programas de Pós-Graduação a partir do Parecer 977/65<sup>149</sup> (Carvalho: 1969, p. 150-167) da Lei Nº 5.540 da Reforma do Ensino? Qual a especificidade desse conhecimento que o singulariza em relação às demais Ciências Sociais? Por que a definição entre nós da Antropologia como social e não cultural<sup>150</sup>? E, no campo da Antropologia Social, como se deu a definição pelas temáticas mais desenvolvidas? Podemos dizer que os quatro PPGAS foram formados a partir de grupos de antropólogos, o que Peirano denomina "linhagens"<sup>151</sup>? Quais os interesses temáticos desses grupos?

---

<sup>148</sup> Segundo Roque de Barros Laraia (entrevista em 07 de julho de 1994, UNB), esta produção tem superado as expectativas em relação ao que se propunha e, efetivamente, as dissertações de mestrado tem ocupado um espaço importante na história da Antropologia no Brasil com que também concorda Eunice Durham (1986b: p. 45): "...a concepção de pós-graduação contida no Parecer foi alterada e pode-se afirmar que, no seu conjunto, a pós-graduação em Ciências Sociais desenvolveu-se no Brasil em torno do Mestrado, o qual assumiu uma importância excessiva."

<sup>149</sup> Para uma análise mais detalhada do "Parecer Sucupira" ver Durham: 1986b.

<sup>150</sup> Esta questão se refere à origem dos PPGAS. Atualmente quando nos referimos à Antropologia, estamos necessariamente nos remetendo ao pensamento antropológico sócio-cultural.

<sup>151</sup> Conforme Mariza Peirano (1992, p. 38): "...o fato talvez mais marcante seja que a transmissão de conhecimento e a formação de novos especialistas através dos processos pelos quais se deu o refinamento

Quem são hoje os profissionais em Antropologia no Brasil? São praticamente todos ex-alunos de mestrados em instituições brasileiras<sup>152</sup>.

Mais especificamente estarei interessada na classificação das temáticas desenvolvidas, no referencial teórico e técnicas utilizadas, nas bibliografias, na duração das pesquisas, no tempo gasto com o trabalho de campo e no mapeamento dos locais pesquisados pelas dissertações<sup>153</sup>.

Portanto, não tenho a pretensão de tentar fazer uma análise epistemológica da disciplina ou perscrutar o íntimo de nossas consciências; fazer uma crônica<sup>154</sup>, um ensaio, um tratado, ou um mero exercício de classificação<sup>155</sup>.

---

*de conceitos (mas mantiveram-se os problemas) favorece uma prática na qual os autores nunca são propriamente ultrapassados: nomes conhecidos que um dia foram criticados e combatidos, frequentemente são incorporados nas gerações seguintes porque, relidos, revelam riquezas desconhecidas. Este mecanismo marca a disciplina e talvez se explique pela incorporação de autores como num culto a ancestrais: embora raramente se encontre hoje um especialista que se auto-defina como um estruturalista *stricto sensu*, também dificilmente um antropólogo deixa de incluir vários dos princípios do estruturalismo na sua prática disciplinar. O mesmo talvez possa ser dito a respeito de todos os 'fundadores de linhagens', num mecanismo que não respeita fronteiras: aqui no Brasil, Darcy Ribeiro incorporou Herbert Baldus, que foi incorporado, junto com Florestan Fernandes, por Roberto Cardoso de Oliveira, e assim sucessivamente. (O reconhecimento das filiações locais é, contudo, muito menos explicitado do que no caso das vinculações estrangeiras)". É também o que a antropóloga mexicana Teresa Rojas Rabiela (Comunicação a XX Reunião da ABA em Salvador, Bahia, abril de 1996) do Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social/CIESAS denomina família.*

<sup>152</sup>As exceções ficam por conta de Luiz de Castro Faria (Museu Nacional), Moacir Palmeira (Museu Nacional), Claudia Fonseca (UFRS), Pierre Sanchis (UFMG) Russel Parry-Scott (UFPE) e Peter Fry (IFCS/UFRJ). Não podemos afirmar o mesmo, no entanto, em relação ao doutorado.

<sup>153</sup>Nessa catalogação das dissertações utilizei o software **Notebook** que além do cruzamento dos dados, faz o levantamento quantitativo das informações desejadas. Os dados referentes às leituras foram organizados em fichas, dentro do mesmo programa na seguinte ordem: autor, título, ingresso, defesa, tempo no mestrado, instituição, orientador, banca examinadora, temática, referencial teórico, clássicos, técnicas de pesquisa, financiamentos, palavras-chaves, local de pesquisa, tempo no campo, vinculação a projetos, objetivos, bibliografia (ver ficha classificatória no final deste capítulo). Estes dados foram utilizados na confecção das tabelas que constam nos ANEXOS. O Banco de Teses, que pode ser atualizado a qualquer momento, ficará a disposição de pesquisadores futuros que desejarem consultá-lo.

<sup>154</sup>Como Klaas Woortmann (1993).

<sup>155</sup>As classificações temáticas e demais classificações quantitativas são consequência da proposta de análise e não o oposto.

Não pretendo tampouco, pela complexidade que a tarefa deve exigir, aprofundar-me nas discussões teóricas que permearam as grandes temáticas da Antropologia no Brasil. Proponho-me a fazer um levantamento do campo antropológico em quatro instituições<sup>156</sup> traçando o perfil de uma disciplina que tem tido uma produção substancial em nosso país nos últimos vinte e cinco anos. Enfim, fazer uma "radiografia" da Antropologia no Brasil, concentrando a atenção num período recente de nossa história, naquilo que Corrêa chama de "história compartilhada", isto é, uma história onde seus atores possuem uma versão vivencial, além da interpretação e do significado social carregado pelo seu tempo.

*"Não se trata mais, em suma, de uma história a ser recuperada - quando a memória e o depoimento, quase sempre singulares, eram fundamentais para registrar mesmo imperfeitamente a atuação de um personagem - mas sim de uma história compartilhada."* (1995, p. 29).

A pesquisa e a sua apresentação se divide em duas partes<sup>157</sup>. A primeira é aquela que trata da trajetória<sup>158</sup> intelectual dos alunos que se transformaram em professores<sup>159</sup>

---

<sup>156</sup>Que foram os quatro primeiros PPGAS criados e que possuem conceito "A" na avaliação bianual da CAPES. Portanto, entendemos que apesar de nossa amostra ser representativa no período de 1970 a 1989 (76% em relação aos sete Programas que contavam com dissertações concluídas no mesmo período) em relação à produção antropológica como um todo, em última instância a pesquisa não traduz uma parte significativa da Antropologia brasileira que está presente nas demais instituições, não somente na UFPE, UFRS e UFSC onde existem PPGAS, mas também em Programas multidisciplinares como é o caso da PUC/SP e da UFBA/BA.

<sup>157</sup>Contrariando, talvez, Reis e Peirano, ou cientistas políticos e antropólogos, esta pesquisa vai se utilizar tanto de *"...longos depoimentos em estado bruto de mulheres da periferia urbana ou seja qual for a categoria que se esteja estudando..."* (Reis: 1991, p. 29) quanto das *"...não menos enfadonhas, descrições de tabelas estatísticas..."* (Peirano: 1992, p. 36).

<sup>158</sup>Como trajetória entendemos: *"Diferentemente das biografias comuns, a trajetória descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário [intelectua.], tendo lido claro que é apenas na estrutura de um campo, isto é, repetindo, relacionalmente, que se define o sentido dessas posições sucessivas, publicação em tal ou qual revista, ou por tal ou qual editor, participação em tal ou qual grupo, etc."* (Bourdieu: 1996, p. 71-72). Muitas vezes, o texto fica perpassado por uma série de informações e as trajetórias dos diferentes autores se confundem. Isto se impôs à redação porque na dinâmica do vivido, foi assim que as trajetórias se realizaram. Por exemplo, foi difícil discernir sobre o itinerário intelectual de Antônio Augusto Arantes na Unicamp, sem citar Peter Fry e Verena Stolcke. Portanto, a construção do texto está definitivamente comprometida com o "olhar" do antropólogo sobre a história.

<sup>159</sup>Algumas vezes foi difícil saber a grafia correta dos nomes de meus personagens pelas diferentes maneiras que aparecem nos documentos oficiais.

dos Programas de Pós-Graduação. Os critérios dessas escolhas recaíram sobre aqueles que participaram das primeiras turmas e/ou que mais orientaram em cada instituição<sup>160</sup>. Neste sentido, usei três instrumentos para a reconstrução desses itinerários: os memoriais, as entrevistas<sup>161</sup> e os *curriculum vitae*. Entrevistei Antônio Augusto Arantes, Antônio Carlos de Souza Lima, Eunice Ribeiro Durham, Gilberto Velho, Guilherme Raul Ruben, Haiganush Sarian, João Baptista Borges Pereira, Lux Vidal, José Luiz dos Santos, Luiz Fernando Dias Duarte, Mariza Corrêa, Mariza Peirano, Roberto Cardoso de Oliveira e Roque de Barros Laraia. Utilizei-me das fitas gravadas e cedidas por um colega de: Alcida Rita Ramos, Júlio César Melatti, Klaas Woortmann, Mariza Peirano e Roque de Barros Laraia e os vídeos do arquivo da história da Antropologia no Brasil da Unicamp, especialmente os depoimentos conjuntos de Verena Stolcke e Antônio Augusto Arantes (1992) e o depoimento de Roberto Da Matta (1991). Participei também de algumas defesas de teses e dissertações em cada Programa, frequentando as suas rotinas e entrevistando seus alunos.

A segunda parte da pesquisa refere-se à produção na pós-graduação propriamente dita<sup>162</sup>. Esta, por sua vez, divide-se entre as pesquisas que qualitativamente classifiquei mais detalhadamente e que são as dissertações de mestrado em Antropologia Social da UNB, USP, Museu Nacional e Unicamp no período de 1970 a 1989. A outra parte foram as pesquisas no mestrado e doutorado em Antropologia Social, Sociologia e Ciência Política

---

<sup>160</sup>Não foi possível entrevistar alguns professores que se enquadravam nestes critérios e, infelizmente, alguns deles também não possuíam memoriais nos quais pudéssemos nos basear. Este foi o caso específico de Ruth Cardoso.

<sup>161</sup>Com a exceção da professora Mariza Corrêa e do professor Guilherme Raul Ruben, todas as entrevistas foram gravadas. Na UNB, alguns professores já tinham sido entrevistados sobre as suas trajetórias por um aluno do programa e, portanto, fomos orientados pelos próprios professores a não fazer novas entrevistas já que o citado aluno, por sugestão dos mesmos, colocou à nossa disposição as suas fitas gravadas. Agradeço a Edgar Mendoza a permissão em utilizar seu material.

<sup>162</sup>A intenção inicial era a de conseguir os dados de todos os Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais ou que tivessem uma de suas disciplinas, o que se mostrou impossível exclusivamente pela questão do tempo de que dispunhamos. Consegui, além das instituições citadas acima com as quais trabalhei, a relação de dissertações e teses da UNESP/Araraquara, UFPB, PUC/SP (Ciências Sociais), IUPERJ (Ciência Política e Sociologia), UFMG (Ciência Política).

na UNB, USP, Museu Nacional, Unicamp, UFPE, UFRS e UFSC no período de 1970 a 1994.

Muito do que pretendi fazer nesta pesquisa foi marcado pela perspectiva comparada entre as instituições, o que segue uma das tradições da disciplina. No entanto, apesar do meu objetivo geral ser o de caracterizar a Antropologia feita entre nós, não podemos deixar de reconhecer que cada Programa de Pós-Graduação possui o seu ritmo próprio, a sua dinâmica e um *ethos* diferente dos demais e que Roberto Cardoso de Oliveira (1994, p. 11) denominou "idiomas culturais". Fazendo parte de uma mesma história, essas instituições e seus Programas também contam com as suas especificidades. Conseqüentemente, a minha proposta é também fazer um estudo comparativo dos PPGAS, guardando-se as devidas proporções, pois entendemos que histórias são incomparáveis no sentido valorativo. Cada instituição possui a sua marca que não pode e não deve ser colocada numa escala de valores - positivo e/ou negativo - em relação às demais. Essa não é a minha tarefa.

#### **5. Critérios:**

Os critérios das classificações foram escolhidos entre outros possíveis e de acordo com os referenciais expostos anteriormente. Qualquer que sejam esses critérios, serão sempre relativos e, portanto, passíveis de críticas ou de outras análises. Conseqüentemente, o meu objetivo não foi empreender um sistema de classificação exaustivo. Temos consciência dos problemas que qualquer tipo de classificação pode trazer e que sempre haverá outra forma e outro caminho para classificar o que se pretende organizar analiticamente.

O objetivo geral da classificação foi fazer uma "fotografia" de cada pesquisa individualmente com o intuito de contribuir também com futuros pesquisadores no sentido do que cada instituição produziu no passado recente. Com isso, traçar uma "radiografia" do que tem sido a Antropologia brasileira nas décadas de 70 e 80. É somente através dessas leituras que podemos perceber como nos transformamos em antropólogos no Brasil e o

que tem sido a prática antropológica em nossa realidade específica a partir da institucionalização dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social. Trabalharei qualitativamente e quantitativamente com as dissertações da USP, UNB, Unicamp e Museu Nacional nas décadas de 70 e 80; e somente quantitativamente com todas as dissertações das sete instituições que possuem Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social até o ano de 1994 e com as teses de doutorado das instituições que oferecem esse nível até o ano de 1994.

Os oito grandes temas<sup>163</sup> considerados foram: etnologia<sup>164</sup>, antropologia do campesinato<sup>165</sup>, antropologia urbana<sup>166</sup>, família, gênero<sup>167</sup>, religião, etnicidade e antropologia da saúde<sup>168</sup>. O critério de escolha destes grupos temáticos foi, em última instância, o aparecimento recorrente dos temas nas quatro instituições estudadas

---

<sup>163</sup>Em meu texto estarão refletidas as diferentes formas do conceito : temas, temáticas, paradigmas (Khun: 1991), subcampo (Bourdieu: 1996), programas de pesquisas/linhas de pesquisas (Lakatos: 1970) etc.

<sup>164</sup>Foram classificadas nesta temática todas as pesquisas que se referiam aos índios, mesmo quando o foco era o contato com a população nacional ou o local de moradia o espaço urbano.

<sup>165</sup>Foram classificadas como antropologia do campesinato somente aquelas pesquisas que têm como tema o mundo rural e não aquelas que se localizam em áreas rurais mas possuem como foco de pesquisa uma outra temática como, por exemplo, a saúde da população. A exceção fica por conta das dissertações que focalizam o trabalho no campo porque estas também têm como central a problemática rural. Veja por exemplo a dissertação de mestrado na UNB de Simone Dantas Cameiro, **Terra Liberta: Hábitos Alimentares em Ponta do Mato**, 1979 (UNB-023). Foram também classificadas como pesquisas neste subcampo as dissertações que tratam da pesca. Por exemplo, Luiz Fernando Dias Duarte: **As Redes do Suor: A Reprodução Social dos Trabalhadores da Produção de Pescado em Jurujuba**, 1978 (MN-055). Segundo os próprios pesquisadores, o conceito de pescador também deve ser incluído no conceito de camponês: *"Isso porque não é o critério ocupacional, não é a natureza dos recursos primários mobilizados que deve ser o critério delimitador de camponês, mas o critério relacional e estrutural que deve ser levado em conta nessa definição. Em outras palavras, e o como e para quem produzem os segmentos sociais que devem ser, cor.juntamente, a medida delimitadora."* (USP-021, p. 297).

<sup>166</sup>Pesquisas relativas a educação, violência, sindicatos, bairros urbanos, classe média urbana, movimentos sociais urbanos etc.

<sup>167</sup>São as pesquisas que tratam essencialmente da sexualidade, inclusive o homossexualismo, a prostituição masculina e a prostituição feminina.

<sup>168</sup>Onde estão agrupadas não somente aquelas pesquisas que tratam da saúde mental e física, como também as pesquisas que dizem respeito à terapêutica, à clínica, aos alimentos reinosos etc.

qualitativamente e a sua ocorrência nas duas décadas pesquisadas. Estão classificadas no item OUTROS, todas as temáticas que não se encaixam nas definições anteriores<sup>169</sup>.

A ficha classificatória foi organizada e produzida de acordo com os seguintes critérios e objetivos:

1- **DISSERTAÇÃO/TESE:** número de dissertações ou teses classificadas por ordem de leitura, isto é, UNB, USP, Museu Nacional e Unicamp.

Objetivo: saber o número de dissertações e teses lidas e/ou classificadas.

2- **AUTOR:** nome do autor da dissertação ou tese.

Objetivo: saber quem são e fazer uma listagem completa das dissertações e teses classificadas.

Obs. dados fornecidos pelas secretarias. Com exceção do Museu Nacional, todos os dados foram checados em ata.

3- **TÍTULO:** referência bibliográfica.

Objetivo: referência bibliográfica.

Obs. as mesmas observações feitas para o item anterior.

4- **PUBLICAÇÃO:** se a dissertação foi publicada ou não; em caso positivo colocar referência bibliográfica completa.

Objetivo: fazer o levantamento das dissertações publicadas.

Obs. como alguns Programas não possuem controle destas informações, recorri à memória de alguns professores que, com certeza, não possuem conhecimento da totalidade das pesquisas publicadas.

5- **INGRESSO:** mês e ano de ingresso do autor na instituição.

Objetivo: saber o tempo de integralização do mestrado ou doutorado em cada Programa de Pós-Graduação.

Obs. dados fornecidos pelas secretarias. Como a listagem fornecida pela USP se mostrou incompleta, consultei os processos dos alunos arquivados no setor de Protocolo da Administração da FFCH/USP<sup>170</sup>.

---

<sup>169</sup>Como, por exemplo, as pesquisas sobre modernismo, autores clássicos da Antropologia, migrações, pintura, ourives etc.

<sup>170</sup>Agradeço a paciência da equipe do Sr. Néilson - chefe do Protocolo da FFLCH/USP - que me ajudou nesta tarefa. Agradeço também ao setor de Protocolo da FAU/USP e da FE/USP pelas mesmas informações já que três dos alunos da área de Sociologia ingressaram na pós-graduação através destas unidades.

6- **DEFESA**: mês e ano da defesa da dissertação ou tese.

Objetivo: saber o tempo de integralização do mestrado ou doutorado em cada Programa de Pós-Graduação.

Obs. as mesmas observações feitas para o item anterior.

7- **DURAÇÃO**: tempo de duração do mestrado ou doutorado em anos e meses.

Objetivo: saber o tempo de integralização do mestrado ou doutorado em cada Programa de Pós-Graduação.

Obs. dados calculados por mim.

8- **INSTITUIÇÃO**: instituição de ensino onde foi defendida a dissertação ou tese.

9- **ORIENTADOR**: fazer o levantamento dos orientadores (e coorientador somente quando citado explicitamente no texto pelo autor e oficializado pelo PPGAS) por Programa de Pós-Graduação.

Objetivo: saber a dedicação ao Programa de cada docente, a média de orientandos por orientador e no total das quatro instituições.

Obs. dados fornecidos pelas secretarias e checados nas atas (com exceção do Museu Nacional) e dissertações.

10- **BANCA**: professores componentes das bancas de mestrado (3) e doutorado (5).

Objetivo: saber o grau de circulação dos docentes entre os Programa de Pós-Graduação.

Obs. as mesmas observações feitas para o item anterior. Na USP estas informações foram também checadas nos processos de admissão dos alunos.

11- **INST. Q. TRABALHA**: se o autor é professor em alguma instituição e/ou trabalha em algum instituto de pesquisa atualmente.

Objetivo: fazer o levantamento nacional de onde se encontram atualmente os alunos egressos de cada Programa de Pós-Graduação.

Obs. as mesmas observações feitas para o item 4.

12- **TEMÁTICA**: classificação mais genérica dos temas abordados como, por exemplo: etnologia, antropologia urbana, antropologia do campesinato, antropologia da religião, antropologia da saúde, etnicidade, gênero, família, história da antropologia, trajetórias intelectuais etc.

Objetivo: Fazer o levantamento das temáticas por Programa de Pós-Graduação e nacionalmente, percebendo aquelas que foram abandonadas, as que surgiram e as que se tem mantido no tempo.

Obs. classificações realizadas por mim e checadas em cada dissertação. Havendo discordância, o fato foi registrado no item OUTROS.

13- **SUB-TEMÁTICA**: classificação mais restrita no interior da classificação mais geral como, por exemplo, em Gênero temos as sub-temáticas Prostituição Masculina,

Prostituição Feminina, Homossexualismo etc.; na temática antropologia urbana temos educação, violência, movimentos sociais etc.; em etnologia temos cosmologia, religião, pintura, política indigenista etc.

Objetivo: Como no item anterior os temas foram agrupados em oito grandes temáticas que, com certeza, não expressam a diversidade da disciplina, decidi por fazer uma sub-classificação, delimitando com mais precisão cada pesquisa.

Obs. as mesmas observações feitas para o item anterior.

14- **GRUPO**: grupo indígena, ou grupo religioso, ou "tribo urbana" (*punks, hippies* etc.).

Objetivo: fazer o levantamento dos grupos indígenas e não-indígenas estudados em cada instituição e no geral.

Obs. dados coletados nos textos.

15- **REFERENCIAL TEÓRICO**: Quando citado explicitamente pelo autor, paradigmas como o estruturalismo, marxismo, hermenêutica etc e teorias de uso corrente na antropologia como o "drama social", "decision making" etc.

Objetivo: fazer o levantamento dos referenciais teóricos utilizados em cada Programa de Pós-Graduação.

Obs. dados coletados nos textos.

16- **AUTORES + CITADOS**: autores quantitativamente mais citados pelo autor na bibliografia (duas ou mais vezes).

Objetivo: fazer o levantamento dos autores mais citados em cada instituição e a nível nacional.

Obs. dados coletados nos textos.

17- **LÍNGUA**: (somente para etnologia) se o autor domina a língua e qual é ela, no caso de estudar um grupo que tenha língua diferente da nossa.

Objetivo: saber se os etnólogos dominam a língua dos grupos que estudam, se utilizam tradutores ou o grupo estudado domina satisfatoriamente o português.

Obs. dados coletados nos textos.

18- **CAMINHOS**: se o autor relata em seu texto como foi feita a pesquisa, não importando se a temática é teórica e a pesquisa, portanto, bibliográfica.

Objetivo: saber se existe de fato na disciplina, uma tradição de relato das pesquisas.

Obs. dados coletados nos textos.

19- **HISTÓRIA**: se o autor reconstruiu a história - não importa se pequena ou grande, consistente ou inconsistente - do objeto de estudo.

Objetivo: perceber a relação existente entre a Antropologia e a História.

Obs. dados coletados nos textos.

20- **MACRO**: se o autor contextualiza o objeto de estudo na realidade brasileira em que vivemos ou restringe-se a uma análise microscópica.

Objetivo: perceber a relação entre as análises micro e macro na Antropologia.

Obs. dados coletados nos textos.

21- **TÉCNICAS**: técnicas utilizadas na pesquisa de campo como, por exemplo, entrevistas, *survey*, questionários, observação participante, fotografias, filmagens, gravações sonoras, pesquisas em arquivos, pesquisas em jornais etc. Este ponto tem sido fundamental na Antropologia que vê nesta questão uma das suas características enquanto campo do conhecimento. Isto é, não vai existir antropologia se não existir algum tipo de pesquisa de campo, pesquisa "prática", "participante", "vivencial" onde a técnica cumpre o papel fundamental de adjetivar, isto é, qualificar - essas mesmas pesquisas.

Objetivo: fazer o levantamento das técnicas utilizadas em cada Programa de Pós-Graduação.

Obs. dados coletados nos textos.

22- **PESSOA**: qual o pronome pessoal em que o texto foi redigido.

Objetivo: saber qual é a nossa tradição do discurso na redação dos textos.

Obs. dados coletados nos textos.

23- **FINANCIAMENTO**: quais os órgãos financiadores das pesquisas. Na maioria das vezes podem contar mais que uma agência. Apesar de, em sua maioria, as pesquisas na pós-graduação receberem apoio financeiro de pelo menos uma agência financiadora, não são todas as dissertações que citam nominalmente essas instituições e as secretarias geralmente também não possuem esta informação.

Objetivo: fazer o levantamento das agências financiadoras em cada instituição e a nível nacional.

Obs. dados coletados nos textos.

24- **PALAVRAS-CHAVE**: não somente os conceitos mais importantes utilizados pelo autor, mas também as palavras recorrentes. A Biblioteconomia denomina essa prática de indexação, e existem critérios específicos e complexos nessa classificação. Os meus critérios não foram os mesmos pela impossibilidade de especialização que a tarefa exigia. A minha seleção tentou contemplar um número grande de palavras, pois o meu objetivo foi conseguir caracterizar da melhor maneira possível e com um maior número de informações, cada pesquisa classificada.

Obs. dados coletados nos textos.

25- **LOCAL DE PESQUISA**: geralmente município e estado, mas também pode se tratar de região, rio, lagoa como acontece recorrentemente no caso da etnologia.

Objetivo: fazer o levantamento dos locais estudados em cada instituição.

Obs. dados coletados nos textos.

26- **TEMPO NO CAMPO**<sup>171</sup>: em anos e/ou em meses, consecutivos - como na maioria das vezes em etnologia - ou intermitentes - como na antropologia urbana que, muitas vezes, por se tratar do mesmo local de moradia do pesquisador, o deslocamento pode ser feito em finais de semana ou nos momentos mais propícios.

Objetivo: saber o tempo médio do antropólogo na pesquisa de campo por temática, em cada instituição e no geral e se a permanência é contínua ou intermitente.

Obs. dados coletados nos textos.

27- **MORADIA NO LOCAL**: se o pesquisador morou ou não com o grupo estudado. No caso de um hospício, uma favela ou uma zona de prostituição, também foi considerada recorrente a informação porque isso é referido e relevante para os próprios autores das pesquisas.

Objetivo: saber até que ponto os antropólogos participaram da vida dos seus pesquisados de acordo com a tradição malinowskiana da disciplina.

Obs. dados coletados nos textos.

28- **PROJETO**: se a pesquisa está inserida em algum projeto coletivo. Em caso afirmativo, nominar o projeto e o coordenador quando possível.

Objetivo: saber quantas pesquisas foram feitas "coletivamente" e/ou individualmente e fazer o levantamento dos Projetos de Pesquisas a que se filiaram.

Obs. dados coletados nos textos.

29- **OBJETIVOS**: citado pelo próprio autor, portanto, entre aspas e com as páginas referidas.

Objetivo: delimitar através dos próprios autores, os seus objetivos de pesquisa.

Obs: dados coletados nos textos.

30- **BIBLIOGRAFIA**: autores acadêmicos, clássicos das ciências sociais e autores da vida social/política brasileira (Raimundo Faoro, Jorge Amado, Tancredo Neves etc). Autores específicos e locais não foram priorizados apesar de que, quando não estavam presentes os demais, estes foram também selecionados. Apesar de alguns autores serem citados diversas vezes em algumas bibliografias, contamos apenas uma vez em cada dissertação.

Objetivo: fazer o levantamento dos autores mais citados em cada época, em cada instituição e no geral.

Obs. dados coletados nos textos.

31- **COMO LOCALIZAR**: como localizar cada dissertação nas suas respectivas instituições. Na USP, a melhor maneira é o Centro de Apoio a Pesquisa em História/CAPH que se localiza no prédio da História (ao lado das Ciências Sociais) e é oficialmente o Banco de Teses da USP. Na UNB e no Museu Nacional, a melhor forma de consulta é a

---

<sup>171</sup> Nesse caso, considere como **campo** o que foi considerado como tal por cada autor.

utilização do próprio arquivo dos respectivos Departamentos de Antropologia que encadernaram e organizaram em espaços próprios essas dissertações pela ordem cronológica de defesa constantes nas respectivas ATAS. Na Unicamp o melhor é recorrer ao arquivo da Biblioteca do IFCH que conta com um Banco de Teses e uma numeração apropriada em espaço específico. Utilizamos as seguintes notações: para mestrado, a sigla da instituição seguida pelo número de ordem na defesa (exemplo: UNB-003, isto é, terceira dissertação de mestrado defendida na UNB); a mesma notação para o doutorado que é precedido pela letra "D" (exemplo: D-MN-055, isto é, quinquagésima quinta tese de doutorado defendida no Museu Nacional).

Objetivos: ajudar aos pesquisadores futuros na localização de cada dissertação já que não possuímos um Banco de Teses nacional.

Obs. dados coletados nas bibliotecas e no CAPH/USP.

**32- ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:** este item é para diferenciar as dissertações e teses que na USP foram defendidas na área de Ciência Política sob orientação de Ruth Cardoso e Eunice Durham<sup>172</sup>.

Objetivo: refere-se particularmente ao caso da USP e procura diferenciar claramente a minha amostra da relação oficial em cada disciplina.

Obs. as mesmas observações feitas para o item 5.

**33- GERAL:** geralmente se referem a comentários pessoais sobre a pesquisa, seu estilo, o autor, seus agradecimentos e posicionamento frente ao objeto, frente à Antropologia e à ciência de um modo geral. Resumindo, são informações que considero relevantes, mas que não se encaixam em nenhum dos itens anteriores e que são importantes para a compreensão da pesquisa em questão.

Objetivos: várias questões poderão ser levantadas a partir desse item como, por exemplo, quantas teses foram escritas em outra língua que não o português, quantos autores são estrangeiros, quais os seus países de origem etc.

Obs. dados coletados nos textos.

**34- Nº DE PÁGINAS:** número total de páginas da dissertação, inclusive aquelas que no início da década de 70 não eram paginadas como, por exemplo, as referentes à Bibliografia e Anexos.

Obs. dados coletados nos textos.

**35- CIRCULAÇÃO:** dissertações e teses nacionais e estrangeiras citadas por cada pesquisa.

Objetivo: saber o nível de conhecimento e circulação das pesquisas entre os Programa de Pós-Graduação.

Obs. dados coletados nos textos.

---

<sup>172</sup>Ver tabela sobre a produção das duas professoras nos anexos.

Quanto às demais dissertações e teses em Sociologia, Ciência Política e Antropologia Social que estarão sendo apresentadas em formato de tabelas nos anexos para efeito de comparação, as classificações foram feitas somente em relação aos dados exclusivamente objetivos, isto é, os itens 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 31 e 32, sendo que nenhuma destas informações foram checadas<sup>173</sup>. Percebi que somente pelo título das pesquisas, sem uma leitura prévia de seus conteúdos, era muito difícil fazer uma classificação satisfatória. Portanto, em relação a esse conjunto de pesquisas, somente trabalhei com uma perspectiva quantitativa e comparativa, abdicando de análises mais complexas como, por exemplo, a análise por temas.

---

<sup>173</sup>Com exceção do que diz respeito a USP, quando todas as informações foram checadas nos arquivos do Protocolo.

DISSERTACAO	301 (numero de dissertacoes classificadas no total)
NOME	RUBIM-Christina de Rezende
TITULO	A Teologia da Opressao
PUBLICACAO	nao
INGRESSO	marco de 1985
DEFESA	novembro de 1991
TEMPO DE DURACAO	6 anos e 8 meses (incluidos 2 anos de licenca)
INSTITUICAO	Unicamp
LOCAL DE TRABALHO	-
ORIENTADOR	Carlos Rodrigues Brandao
BANCA	Carlos Rodrigues Brandao, Ruben Alves e Robin Wright
TEMATICA	Antropologia da Religiao
SUB-TEMATICA	Pentecostalismo
GRUPO/RECORTE	Igreja Universal do Reino de Deus
LINGUA	nao se aplica
LINGUAGEM	nao se aplica
REF. TEORICO	Antropologia Interpretativa
AUTORES + CITADOS	Clifford Geertz, Peter Berger
CAMINHOS	Conta como fez a pesquisa
INTERESSE	empirico
HISTORIA	sim
MACRO	sim
TECNICAS	Entrevistas, observacao participante, filmagem, diario campo
CONCLUSAO	com conclusao
PESSOA	1a. pl.
FINANCIAMENTO	CAPES
PALAVRAS CHAVES	Pentecostalismo, clientelismo, religiao, visao de mundo identidade social, participacao
LOCAL DE PESQUISA	Rio de Janeiro/RJ, Sao Paulo/SP, Itu/SP e Campinas/SP
TEMPO DE PESQUISA	3 anos (intermitentes)
MORADIA NO LOCAL	-
OBS. PARTICIPANTE	Observacao (enfaze)
PROJETO	Nao esta ligada a nenhum projeto mais amplo
OBJETIVOS	"Meu objetivo e estudar e compreender o que e o fenomen IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, suas caracteristicas peculiaridades e avaliar ate que ponto a IURD tem influenciado a vida de seus afiliados: sua visao de mun sua orientacao de conduta frente a realidade da vida; a dicotomia entre o pensado e o vivido por parte de seus membros, dirigentes e afiliados." (p. 17)
BIBLIOGRAFIA	Rubem Alves, Hugo Assmann, Riolando Azzi, Selma Baptist Peter Berger, Pierre Bourdieu, Carlos Rodrigues Brandao Candido P. F. de Camargo, Roberto Cardoso de Oliveira, Manuela Carneiro da Cunha, Marilena chaudi, Roberto Da Matta, Ralph Della Cava, Christian Lallive D'Epinay, Durkheim, Rubem Cesar Fernandes, Peter Fry, Gary Howe, Clifford Geertz, Beatriz Gois Dantas, E. Leach, Malinows Maria Isaura Pereira de Queiroz, Francisco Cartaxo Roli Beatriz Muniz de Souza, Max Weber.
ORDEM DE DEFESA	75 (numero de ordem por defesa)
AREA DE CONCENTRACAO GERAL	Antropologia Social
AUTOR/OBJETO	-
Nº DE PAGINAS	nao 175

### III- O CAMPO DA ANTROPOLOGIA NO MUSEU NACIONAL:

#### 1- Introdução:

Entrar pela porta dos fundos do Museu Nacional com o objetivo de pesquisa é uma experiência gratificante para quem cresceu nos subúrbios cariocas e que tinha como uma de suas únicas opções de lazer, por ser mais barata e mais próxima, os gramados não tão belos e os lagos não tão limpos da Quinta-da-Boa-Vista. O clima misterioso do Museu Nacional me impressionava bastante com todas aquelas múmias e objetos estranhos, exóticos e distantes da minha realidade mais concreta. O grande pé-direito e o assoalho se combinavam em diferentes sons quando passávamos por suas galerias onde estavam presentes os seguranças que nos pediam silêncio a todo momento, para parar de correr. Lá fora, uma área verde invejável e tão rara nos subúrbios onde morávamos.

Essa é uma realidade distante daqueles que não vivenciaram e não foram educados dentro da separação histórica entre as Zona Norte e Sul do Rio de Janeiro<sup>1</sup>. Motivo de estereótipos, de "dialetos" falados, de práticas culturais<sup>2</sup>, de lazer e educação, a Quinta da Boa Vista é um espaço apropriado de diferentes maneiras por estes dois segmentos da população carioca<sup>3</sup>. Principalmente para crianças e adolescentes, as áreas culturais do Zoológico e do Museu Nacional, são reconhecidas por todos e privilegiadas pelos moradores da Zona Sul que principalmente chegam em excursões escolares. A área verde

---

<sup>1</sup>Esse limite é visivelmente marcado pelo "túnel do tempo", o túnel Santa Bárbara que liga o feioso bairro do Catumbi ao gostoso e arborizado bairro das Laranjeiras na Zona Sul: "...para alguns, o além-túnel já é a Nova Guiné, no que tange a alteridade..." (Woortmann: 1993, p. 72).

<sup>2</sup>Muitas vezes apropriadas pela Zona Sul e transformadas em modismos como, por exemplo, o *Funk*.

<sup>3</sup>A maioria dos alunos do PPGAS são moradores da zona sul da cidade assim como acontece com seus professores (veja relatório F enviado a CAPES pelo Museu Nacional em 1994).

e do lago<sup>4</sup> era reservada aos mais pobres, aos jogos de bola e aos piqueniques de fim-de-semana.

Vivi, nos anos 60 e 70, minhas melhores horas de lazer neste espaço, nos corredores do Museu Nacional, olhando pelas janelas do seu segundo andar - de onde se avista a área descoberta central onde convivem antropólogos, zoólogos, etc - e imaginando o que se fazia ali, quem eram aquelas pessoas e como poderíamos chegar até lá. Certa vez invadi com algumas amigas este espaço proibido, chegando até uma sala com cheiro de mofo, muitos vidros com insetos, cobras, de onde rapidamente fomos expulsas por não estarmos em área permitida ao público.

Interessante foi estar do outro lado da janela, olhando de baixo para cima, quando cheguei ao Museu em 1988 para participar de um de seus cursos regulares como aluna especial e mais tarde na coleta de dados para a pesquisa de doutorado. Ouvindo o barulho dos passos e correrias no andar superior, entendi então, porque nos pediam silêncio e nos faziam andar mais devagar a todo o momento.

Olhando-a pela sua área central, do lado do PPGAS que está instalado no subsolo do edifício, aquela construção simples e imensa já não me intimidava. As pessoas que cruzavam comigo pelos corredores e alamedas são familiares agora e fazem parte de minha história e da bibliografia com que já me familiarizei.

## **2. Antecedentes:**

A história do Museu Nacional tem a sua origem no século passado e é parte da história deste país enquanto nação<sup>5</sup> e da institucionalização da ciência entre nós, particularmente das Ciências Naturais e da Antropologia<sup>6</sup>. A partir dos anos 60, esse

---

<sup>4</sup>Nos dias de calor intenso, as crianças mais pobres se banham em suas águas.

<sup>5</sup>Veja os trabalhos de Luiz de Castro Faria (1993), Lilia Moritz Schwarcz (1993; 1989) e Antônio Carlos de Souza Lima (1985).

<sup>6</sup>O lugar ocupado pelos Museus de História Natural e Etnografia na história da Antropologia tem sido significativo, ao contrário das demais Ciências Sociais, em países como a França (Trocadéro, 1878, em 1930

espaço, além de sua tradicional produção de conhecimento (pesquisa), passa também a reproduzi-lo (ensino) com a formação de quadros de excelência na pós-graduação e o consequente desenvolvimento de grupos de cientistas que influenciaram diferentes campos intelectuais no Brasil.

O Museu Nacional foi criado em 1808, reestruturado e recuperado na década de 70 do século passado e esteve ligado à constituição de alguns saberes: Zoologia geral e aplicada, Paleontologia animal e Paleontologia vegetal, Botânica geral e aplicada, Mineralogia, Geologia, Paleontologia e a Antropologia (Schwarcz: 1993, p. 71).

O campo da Antropologia carioca no período anterior à criação dos cursos de pós-graduação nos anos 60 não se restringiu a esta instituição. A primeira Cátedra de Antropologia Social<sup>7</sup> foi ocupada por Gilberto Freyre em 1935 na recém criada Universidade do Distrito Federal/UDF<sup>8</sup> que foi extinta logo depois e substituída pela Universidade do Brasil criada em 1937<sup>9</sup>. O médico "baiano"<sup>10</sup>, Arthur Ramos - recém

---

transformado no *Musée de L'Homme*), Inglaterra (*British Museum*, 1753) e Estados Unidos com a influência alemã de Franz Boas. Veja sobre este tema Stocking Jr. (1985), Silverman (1981) e, sobre os Museus no Brasil, Schwarcz (1989; 1993) e Souza Lima (1985; 1989).

<sup>7</sup>Em *Problemas Brasileiros de Antropologia* (Freyre: 1973, p. 10-19), foram publicadas algumas das conferências proferidas por Gilberto Freyre na Universidade do Distrito Federal, sendo uma delas a polêmica discussão entre Antropologia Social e Antropologia Cultural.

<sup>8</sup>Foi organizada "...sob a liderança de Anísio Teixeira, então diretor do Departamento de Educação do Distrito Federal." (Schwartzman et al.: 1984, p. 210)

<sup>9</sup>Foi Gustavo Capanema o responsável pelo Decreto-Lei Nº 452 de 05 de julho de 1937 que criou a Universidade do Brasil (Schwartzman et al.: 1984, p. 207) e a Cadeira de Antropologia e Etnografia (Castro Faria: 1993, p. 9) em substituição a Cadeira de Antropologia Social anterior: "...a nova Universidade do Brasil teria como um de seus principais objetivos implantar em todo o país um padrão nacional e único de ensino superior, ao qual a própria USP se deveria amoldar. Ela teria ainda um outro objetivo mais geral, que era estabelecer um sistema estrito de controle de qualidade no ensino superior..." (Schwartzman et al.: 1984, p. 207). É dessa mesma época a criação da Faculdade Nacional de Filosofia/FNFI que de acordo com Castro Faria (1993, p. 7) foi instituída pelo Decreto-Lei Nº 1.190 de 04 de abril de 1939. Ver sobre o assunto Schwartzman: 1979 e, especialmente, 1984.

<sup>10</sup>Arthur Ramos era alagoano de nascimento.

chegado ao Rio de Janeiro<sup>11</sup> e que foi discípulo de Nina Rodrigues<sup>12</sup> na Escola de Medicina da Bahia - ocupou a Cadeira de Antropologia e Etnologia<sup>13</sup> em 1937 na Universidade do Brasil (Azeredo: 1986, p. 63) até a sua morte em 1949<sup>14</sup>. Sucedeu-o Marina Vasconcelos que mais tarde, na década de 60, foi professora de um jovem aluno de Ciências Sociais que ao graduar-se foi convidado para permanecer como professor assistente na área de Antropologia nesta instituição: Gilberto Velho.

Segundo Luiz de Castro Faria (1993, p. 10-11), durante o Estado Novo houve, por parte do Governo Federal, uma super valorização da Geografia<sup>15</sup> enquanto ciência, inclusive como instrumento de dominação e proteção<sup>16</sup>. A Geografia cresceu e se

---

<sup>11</sup>Arthur Ramos chegou ao Rio de Janeiro em 1934 para participar de um curso do Dr. Juliano Moreira, quando foi convidado por Anísio Teixeira a ocupar a Cadeira de Psicologia Social da UDF.

<sup>12</sup>Sobre Nina Rodrigues ver a tese de doutorado de Mariza Corrêa, **As Ilusões da Liberdade: A Escola Nina Rodrigues** (1982).

<sup>13</sup>Luiz de Castro Faria (1993) e Paulo Roberto Azeredo (1986) citam diferentemente a denominação da Cátedra criada em 1939 na Faculdade Nacional de Filosofia: para Azeredo foi **Antropologia e Etnologia**; para Castro Faria, **Antropologia e Etnografia**. A distinção não é sem consequência pois estão implícitas nestas afirmações, concepções diferenciadas da Antropologia.

<sup>14</sup>Arthur Ramos faleceu em Paris em 31 de outubro de 1949. Foi desse período a criação da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia fundada por Arthur Ramos. Veja a sua breve história no trabalho póstumo de Paulo Roberto Azeredo (1986).

<sup>15</sup>Nessa época, o que existia era um curso conjunto de Geografia e História e somente em 1955 é que o Decreto-Lei Nº 2594/55, criou duas graduações distintas e autônomas: a Geografia - que aos poucos foi sendo enquadrada na área de Geociências, direcionando as suas pesquisas para este campo - e a História - que se mantém no campo das Ciências Humanas e cada vez mais foi se aproximando das Ciências Sociais, particularmente da Antropologia Social que tem tido um papel de destaque nesta comunhão, seguindo inclusive uma tendência mundial, principalmente na tradição inglesa.

<sup>16</sup>O papel da Geopolítica nos governos brasileiros é de conhecimento público. De fato, o poder é melhor exercido quando se conhece melhor o espaço de que se dispõe e, com isto, os limites geográficos contribuem com o desenvolvimento de um sentimento de identidade, de pertencimento e de auto-defesa em relação a supostos inimigos externos. Lembro que a Antropologia norte-americana se desenvolveu também próxima à Geografia, no que a formação de Franz Boas em História Natural teve grande influência. A noção de circuitos culturais, do difusionismo e a influência do geógrafo alemão Ratzel, reforçaram esta proximidade (ver Sydel Silverman: 1981 e Paul Mercier: 1986 [1966]). A unificação tardia alemã criou as condições para o desenvolvimento da Geografia como ciência, com o objetivo de conhecer detalhadamente seu espaço e o lugar que esse espaço ocupava num mundo (Europa) já praticamente todo delimitado (com exceção da Itália).

desenvolveu aceleradamente nesse período. O objetivo do ensino superior no Brasil era a formação de professores secundários, onde a Geografia e a História ocupavam um espaço determinado nesta formação, enquanto que as Ciências Sociais eram muito incipientes ainda<sup>17</sup>. Era compreensível, então, que nessa época, os estudos sobre nossas populações indígenas, o espaço que elas ocupavam em nosso país e como se distribuíam em nosso território, estivessem incluídos nos estudos de Geografia humana como demonstra a participação de alguns pesquisadores em Congressos Brasileiros de Geografia<sup>18</sup>.

Para Castro Faria (1993) esta foi a principal razão da criação em 1939 de uma Cadeira de Antropologia e Etnografia que enfatizou os aspectos etnográficos da Antropologia feita no Brasil de então, isto é, com ênfase na distribuição das populações indígenas em nosso país e de uma possível contribuição dessas populações na construção da nação.

Mas foi no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista que se criaram condições mais propícias à instalação de um curso de pós-graduação em Antropologia Social no início dos anos 60. A história da Antropologia no Museu Nacional e do grupo de antropólogos que deu suporte a este projeto, nasceu muito antes da institucionalização do Programa de Pós-Graduação<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup>Ver sobre o tema: Micelli (1989) e a tese de doutorado de Maria da Glória Bonelli (1993).

<sup>18</sup>Como por exemplo, o IX Congresso Brasileiro de Geografia realizado de 7 a 16 de setembro em Florianópolis citado por Castro Faria: "*Predominavam os estudos sobre cidades, e a influência de Pierre Monbeig era evidente. A contribuição mais densa, aliás, era constituída por um conjunto de trabalhos reunidos sob o título de 'Contribuições para o estudo dos centros urbanos brasileiros', formalmente apresentado pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.*" (1993, p. 11) e ainda: "*A antropologia cultural norte-americana (...) também privilegiava o espaço geográfico, embora tivesse seguido caminho um pouco diverso na sua forma de expressão.*" (1993, p. 13).

<sup>19</sup>Mesmo no período anterior à constituição da Antropologia como um campo do pensamento social brasileiro, vários pesquisadores, depois definidos como antropólogos, tiveram um papel de destaque no Museu Nacional, na sua direção, como Roquete Pinto e Heloisa Alberto Torres.

Em 1936, um jovem interessado pelas Ciências Antropológicas<sup>20</sup>, Luiz de Castro Faria, foi aceito no Museu Nacional como "praticante gratuito" e logo promovido à "assistente voluntário"<sup>21</sup>. Para ele o aprendizado na Antropologia nos anos seguintes se deu ao lado de Dona Heloisa Alberto Torres, Alfred Metraux, Paul Rivet e também Lévi-Strauss a quem acompanhou em viagem pelo interior brasileiro (Castro Faria: 1993, p. 2-3), expedição que mais tarde foi relatada em **Tristes Trópicos** (1986 [1955]).

Um outro personagem desta história, Roberto Cardoso de Oliveira, foi decisivo na formação do campo da Antropologia no Rio de Janeiro e no Brasil<sup>22</sup>.

Roberto Cardoso de Oliveira é uma das figuras brasileiras mais significativas no período dos anos 60 aos 90, período que foi marcado pelos Programas de Pós-Graduação. Criou dois PPGAS, o do Museu Nacional (1960-1972) e o da UNB (1972-1984) e participou da criação do doutorado em Ciências Sociais na Unicamp (1985-1994). Esteve também presente na vida de nossa associação profissional, a Associação Brasileira de Antropologia/ABA<sup>23</sup> e em diferentes fóruns de discussão e avaliação da disciplina no país. Além disso, é o responsável direto pela formação de toda uma geração de profissionais

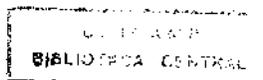
---

<sup>20</sup>É interessante notar que os textos que se referem à Antropologia no período anterior a implantação dos PPGAS, enfatizam uma concepção de ciência plural (ver Schaden: 1954, Vieira da Cunha: 1955), isto é, múltipla, composta pela Arqueologia, Linguística, Antropologia Física, Biológica e Social/Cultural. Hoje, no lugar das Ciências Antropológicas (no plural) citamos em nosso dia-a-dia, a Antropologia (no singular) querendo nos referir especificamente à Antropologia Sócio-cultural que foi o caminho escolhido pela maioria de nossos Programas de Pós-Graduação em Antropologia. Ver Otávio Velho (1980).

<sup>21</sup>Veja **Depoimento sem Compromisso de um Militante em Recesso** de Castro Faria (1993), o Memorial de Otávio Velho (1992) e BIB (1978).

<sup>22</sup>A obra de Roberto Cardoso de Oliveira sobre a Antropologia justificaria um trabalho dedicado exclusivamente a estas publicações. Durante trinta anos de sua vida fez pesquisas no campo antropológico. Em determinado momento, como ele próprio diz, passou a pensá-la: "...praticamente não faço mais pesquisa antropológica, não exercito integralmente minha disciplina, mas nem por isso deixei de refletir sobre ela, sobre sua história e sua epistemologia, seja escrevendo, seja lecionando na Unicamp e, episodicamente, falando em outras instituições de ensino e pesquisa." (Cardoso de Oliveira: 1992, p. 45-46).

<sup>23</sup>Foi seu presidente na gestão 1984-1986.



que atuam em nossa disciplina<sup>24</sup> e é uma figura recorrente nas dissertações e teses de diferentes instituições, influenciando temáticas, escolhas de objetos e orientações teóricas. Além disso, é um dos poucos autores entre nós que trata da Antropologia como tradição, não se limitando à disciplina em nosso país. O autor tem se esforçado também para estabelecer maior intercâmbio entre os antropólogos latino-americanos e, neste sentido, é um dos fundadores da Associação Latino-Americana de Antropologia/ALA sendo o seu atual presidente.

Roberto Cardoso de Oliveira graduou-se em filosofia em fins de 1953 pela USP, sendo influenciado especialmente pelos estudos de lógica e epistemologia de seus mestres Gilles-Gaston Granger, Martial Gueroult e Roger Bastide. Com este último leu os clássicos da Sociologia francesa, principalmente da *École Française de Sociologie*, e com Florestan Fernandes teve os seus primeiros contatos com a Antropologia e o método funcionalista aplicado nesta área de conhecimento. Roberto Cardoso de Oliveira tinha especial interesse em estudar a epistemologia das Ciências Sociais, sua natureza e seus limites, comparando-as entre si, no que foi também influenciado pelo trabalho de Jean Piaget na Psicologia (Corrêa: 1991).

*"...after all these years, in the course of which I have completed studies of two indigenous groups (...) it seems that now I am gradually returning to my original interest in epistemology, that is, the nature and limits of knowledge in at least one of the human sciences, anthropology." (Corrêa: 1991, p. 337).*

A influência do racionalismo francês, através de seus mestres, acompanhou Roberto Cardoso de Oliveira em toda a sua produção intelectual posterior. E foi com esta formação básica, que o autor começou a fazer Antropologia e ler os antropólogos ingleses e norte-americanos na década de 50.

*"Strictly speaking, the French writers have always attracted me because of philosophical context of their works - as though they were always struggling to*

---

<sup>24</sup>Roberto Cardoso de Oliveira foi professor da maioria dos docentes que hoje são professores no Museu Nacional e da UNB. Foi responsável pela orientação de 5 dissertações de mestrado no Museu Nacional; 16 dissertações e 2 teses na UNB e 4 dissertações e 3 teses na Unicamp, totalizando 30 pesquisas até 1995.

*maintain a domain proper to anthropology in the face of the constant threat of philosophy.*" (Corrêa: 1991, p. 337)

Outra figura importante na formação deste campo foi Darcy Ribeiro<sup>25</sup> que em 1946 obteve o seu bacharelado pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo/ELSP. Na ELSP foi aluno de Herbert Baldus e provavelmente também de Radcliffe-Brown que tinha estado na instituição como professor-visitante em 1940. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira, Ribeiro era a principal figura da Antropologia no Brasil dos anos 50 ou, em suas palavras o "*enfant terrible*"<sup>26</sup>. Na época, era professor<sup>27</sup>, indigenista e assessor do Marechal Cândido Rondon no período de 1946-1954 (Ribeiro: 1990, p. 11).

Darcy Ribeiro recebeu forte influência do culturalismo norte-americano através de seu professor Herbert Baldus e do amigo Eduardo Galvão, recém-chegado do doutorado em Columbia, Estados Unidos, que por sua vez também foi influenciado por esta tradição do pensamento antropológico por meio, principalmente, de seu orientador Charles Wagley (Corrêa: 1991, p. 337; 1995, p. 52).

*"Da sociologia de Pierson e outros, aprendi o discurso acadêmico norte-americano e algumas técnicas operativas da pesquisa de campo. aprendi mais do que Pierson queria, isto porque, sendo estudante bolsista, tive o encargo de ajudar a ele e ao professor Mário Wagner Vieira da Cunha na elaboração de uma bibliografia brasileira de interesse sociológico."* (Ribeiro: 1990, p. 34).

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (entrevista) o culturalismo americano, influenciado por autores quase marxistas como, por exemplo, Leslie White, foi a

---

<sup>25</sup>"Pertencço à primeira geração de cientistas sociais brasileiros profissionalizados, e com formação universitária específica. Meus mestres foram alguns dos pais fundadores das ciências sociais modernas no Brasil." (Ribeiro: 1990, p. 31).

<sup>26</sup>Entrevista com Roberto Cardoso de Oliveira em 25 de agosto de 1995, Unicamp.

<sup>27</sup>Em 1956 foi admitido como professor-regente da Cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi na Faculdade Nacional de Filosofia (Castro Faria: 1993).

característica dos dois cursos de aperfeiçoamento<sup>28</sup> em Antropologia Cultural criados e organizados por Darcy Ribeiro no Museu do Índio<sup>29</sup> em 1955 e 1956<sup>30</sup>.

Por ocasião dos festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo<sup>31</sup>, quando também ocorreu o Congresso Internacional de Americanistas, Darcy Ribeiro, convidou o recém graduado em Filosofia, Roberto Cardoso de Oliveira, para participar do curso de indigenismo a ser realizado no ano seguinte no Museu do Índio<sup>32</sup>. Conjuntamente com Ribeiro e Galvão, Cardoso de Oliveira começou então a intensificar sua formação em etnologia como professor assistente dos cursos de aperfeiçoamento. Na segunda metade dos anos 50, fez a sua primeira pesquisa de campo entre os índios Terena<sup>33</sup> que deu origem ao livro **Urbanização e Tribalismo: A Integração dos Terena numa Sociedade de Classes**<sup>34</sup>, e que mais tarde se tornou sua tese de doutorado na USP defendida em 1966 sob orientação de Florestan Fernandes.

Luiz de Castro Faria (1993, p. 20-21) afirma que existia uma incapacidade dos cursos de graduação na formação de profissionais em Antropologia e isto foi o que levou Darcy Ribeiro a tomar a iniciativa de criar um curso em Antropologia Cultural. Os cursos de

---

<sup>28</sup>Os cursos eram de aperfeiçoamento porque não havia uma exigência de que os alunos fossem formados (Cardoso de Oliveira: entrevista; Laraia: 1992).

<sup>29</sup>Instituição criada pelo próprio Darcy Ribeiro.

<sup>30</sup>Em sua entrevista, Roberto Cardoso de Oliveira cita Carlos de Araújo Moreira Neto, Heloisa Fenelon Costa e Maria Laís Mousinho Guidi como participantes dos cursos do Museu do Índio naquela época. Segundo ainda Roberto Cardoso de Oliveira, Moreira Neto foi um dos autores brasileiros mais interessados e engajados na etnohistória das populações indígenas brasileiras, possuindo a melhor biblioteca pessoal em sua área. Moreira Neto foi também o idealizador do Centro de Documentação Etnológica/CENDOC do Museu do Índio onde reuniu a documentação não destruída do antigo Serviço de Proteção ao Índio/SPI. Agradeço a Wilmar da Rocha D'Angelis, professor de Linguística do IEL/Unicamp esta última informação.

<sup>31</sup>Realizado de 21 a 27 de junho de 1954 na FFCL/USP (Micelli: 1989, p. 83).

<sup>32</sup>Com apoio financeiro da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES.

<sup>33</sup>Pesquisa iniciada em 1955 e concluída em 1960 (Cardoso de Oliveira: entrevista).

<sup>34</sup>Publicado pela Zahar em 1968.

Antropologia para Castro Faria (1993, p. 9) eram ministrados como indispensáveis na graduação de História e Geografia e como "acessório" nas Ciências Sociais pois eram condensados num único período restrito ao terceiro ano de graduação. Era o que acontecia na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro que, segundo as leis vigentes e o rígido controle do Estado, deveria ser o padrão seguido pelas demais faculdades.

*"...os estabelecimentos que mantiverem quaisquer cursos definidos nesta lei com autorização e reconhecimento do Governo Federal, deverão adaptar-se ao regime ora estabelecido, a partir do ano escolar de 1940."*<sup>35</sup> (Art. 59 do Decreto-Lei que organiza a Faculdade Nacional de Filosofia apud Castro Faria: 1993, p. 8).

Nas décadas de 40 e 50, existia uma certa demanda<sup>36</sup>, mesmo que muito pequena ainda, por professores universitários em Ciências Sociais e, conseqüentemente também em Antropologia, o que foi se acelerando com a criação de novas Faculdades de Filosofia pelo país, das Universidades Federais e das Católicas nos anos 50. Os textos de Egon Schaden (1953), Mário Wagner Vieira da Cunha (1954) e Durham & Cardoso (1961) refletem esta preocupação além da criação, nas décadas de 40 e 50, das associações que congregavam estes profissionais. Este foi o caso da ABA<sup>37</sup> e da Sociedade Brasileira de Sociologia/SBS<sup>38</sup>. Os que se consideravam como profissionais de Antropologia até então,

---

<sup>35</sup>Este foi o caso, por exemplo, da Faculdade Fluminense de Filosofia, instituição privada que mais tarde se transformou na Universidade Federal Fluminense (Castro Faria: 1993).

<sup>36</sup>Consultar sobre o assunto: Schwartzman (1979), Cardoso (1982), Micelli (1989) e Limongi (1989).

<sup>37</sup>A primeira Reunião de Antropologia foi feita no Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1953. Na segunda reunião que se realizou em Salvador no ano de 1955, foi criada a Associação Brasileira de Antropologia. Os profissionais interessados pela Antropologia naquela época, formavam um pequeno grupo do qual participavam José Loureiro Fernandes do Paraná (UFPR), René Ribeiro, Estevão Pinto e Manuel Diegues Jr. de Pernambuco (UFPE), Heloísa Alberto Torres e Luiz de Castro Faria do Museu Nacional/RJ, Marina Vasconcelos da FNF/RJ, Oracy Nogueira, Egon Schaden e Gioconda Mussolini da USP, Thales de Azevedo (UFBA), Fernando Altenfelder e Herbert Baldus - que tinha se nacionalizado brasileiro - da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e Eduardo Galvão e Darcy Ribeiro do Serviço de Proteção aos Índios/SPI.

<sup>38</sup>A Sociedade de Sociologia de São Paulo que foi criada em 1934, transformando-se em 1950 na SBS (Micelli: 1989, p. 83).

eram alguns pesquisadores isolados, como o próprio Luiz de Castro Faria<sup>39</sup>, fruto de seus esforços individuais como comprovam os qualificativos de **gratuidade** e **voluntarismo** de seu cargo no Museu Nacional. Contávamos também com vários pesquisadores/professores estrangeiros que passaram pelo país, como Charles Wagley<sup>40</sup> e Donald Pierson. Eduardo Galvão<sup>41</sup> era uma exceção na época quando se tornou o primeiro brasileiro a ter o título de Ph.D. em Antropologia.

Em 1958, Roberto Cardoso de Oliveira, logo depois de Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão, demitiu-se do Serviço de Proteção ao Índio, instituição à qual o Museu do Índio estava subordinado. Eduardo Galvão foi trabalhar no Museu Emílio Goeldi em Belém do Pará, de onde nos anos 60 se ausentaria por um período relativamente curto na UNB.

Darcy Ribeiro transferiu-se para o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais/CBPE<sup>42</sup> onde em 1957 e 1958 organizou os Cursos de Treinamento de Pesquisadores Sociais<sup>43</sup>. Mais tarde foi chamado por Anísio Teixeira para ajudar na criação

---

<sup>39</sup>Quando do primeiro credenciamento do mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional em 1973 pelo CEF, o nome do professor Castro Faria consta no parecer como único beneficiário da excepcionalidade prevista no Parágrafo Segundo do Artigo Oitavo do Parecer 77/69 que permitia ao professor "...não doutor, mas possuidor de currículo de alta qualidade, integrar quadros docentes em nível de pós-graduação." (Carta enviada a Egon Schaden por Roberto Cardoso de Oliveira em 30/12/70, Arquivo da Secretaria do PPGAS/Museu Nacional).

<sup>40</sup>Sobre a trajetória intelectual de Charles Wagley, consultar Rosa (1993).

<sup>41</sup>Entre as dissertações defendidas na década de 70 no Museu Nacional, podemos encontrar algumas que demonstram os seus agradecimentos ao professor Eduardo Galvão pela sua influência na escolha da Antropologia por esses alunos. São elas 002-MN, 043-MN e 044-MN.

<sup>42</sup>"...por intermédio de um amigo comum, Charles Wagley, que sempre nos quis aproximar - e que me levou a vê-lo umas duas vezes - acabei conhecendo superficialmente o Anísio. Vai daí que quando se criava o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, funcionando, nesta época, ainda na rua México, o Wagley - que lá estava ajudando a fazer o primeiro plano de pesquisas do CBPE - convenceu o Anísio de que devia ouvir uma conferência minha sobre Índios. (...) Desde então, não nos largamos mais. Nos vendo diariamente, discutindo, trabalhando durante anos e anos. Sempre discordando, é certo, porque ambos somos espíritos polêmicos, mas sempre confluindo." (Ribeiro: 1990, p. 112-113).

<sup>43</sup>Participaram destes cursos como alunos Klaas Axel Woortman, hoje na UNB e Osmar Paranhos Montenegro (falecido) entre outros. Também Roberto Cardoso de Oliveira (entrevista) ministrou aulas no curso do CBPE.

da UNB tomando-se o seu primeiro Reitor, e convidou Eduardo Galvão para organizar o Departamento de Ciências Sociais daquela Universidade. Logo depois participou do governo de João Goulart como Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República e finalmente, com o golpe militar de 64, foi obrigado a exilar-se no exterior, voltando somente em 1979 com a Lei da Anistia. Eduardo Galvão retornou então às suas pesquisas em Belém do Pará onde permaneceu até o fim de sua vida.

Ao deixar o Museu do Índio em 1958, Roberto Cardoso de Oliveira foi convidado por Castro Faria para ingressar no Museu Nacional<sup>44</sup>. Roberto Cardoso de Oliveira tomou a iniciativa de dar continuidade à proposta de formação de quadros para a Antropologia iniciada por Darcy Ribeiro no Museu do Índio e organizou os cursos de especialização<sup>45</sup> *lato sensu* na área de Antropologia Social. Cardoso de Oliveira transformou-se no primeiro pesquisador de uma nova carreira universitária criada naquela época pelo Governo Federal em 1958<sup>46</sup>. O autor sentia falta no Rio de Janeiro de um sistema de trabalho de dedicação exclusiva ao ensino e pesquisa - considerado como padrão acadêmico por excelência - e que já existia em São Paulo. Graças à autonomia que lhe foi concedida na montagem destes cursos no Museu Nacional, Roberto Cardoso de Oliveira (entrevista) foi bem sucedido em seus planos.

---

<sup>44</sup>No ano seguinte, o Museu Nacional foi incorporado a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo Otávio Velho (1992) a incorporação do Museu Nacional a UFRJ não significou a sua integração à instituição, o que de certa forma, vigora até os dias atuais: *"No que diz respeito à UFRJ, devo confessar uma certa estranheza. Que em parte deve ser reflexo da posição do próprio Museu em relação a ela: muito mais antigo, só incorporado em 1960 e nunca plenamente integrado."* (O. Velho: 1992, p. 52). A ideia da incorporação do Museu Nacional à Universidade do Brasil - que era a instituição do ensino superior no Rio de Janeiro naquela época - como um de seus institutos faz parte do projeto de criação da universidade carioca em 1937 (Schwartzman et al.: 1984, p. 229).

<sup>45</sup>Os cursos de especialização exigiam a conclusão da graduação.

<sup>46</sup>Ver Schwartzman (1979).

Os cursos de especialização<sup>47</sup> começaram a funcionar no ano de 1960 e os seus primeiros alunos foram: Alcida Rita Ramos<sup>48</sup>, Roberto Da Matta<sup>49</sup>, Roque de Barros Laraia<sup>50</sup>, Edison Diniz<sup>51</sup>, Hortência Caminha e Onidia Bevenuto<sup>52</sup> sendo estas últimas, as únicas a não permanecerem na profissão. Os três primeiros colocados neste curso - Laraia, Da Matta e Alcida Ramos - foram contratados<sup>53</sup> como bolsistas<sup>54</sup> do Instituto de Ciências Sociais<sup>55</sup> da UFRJ com vínculos com o Museu Nacional.

---

<sup>47</sup>Castro Faria (1993, p. 23), ao contrário de Roberto Cardoso de Oliveira (entrevista), afirma que esses cursos eram de Antropologia **Cultural**. Segundo Júlio César Melatti (1984, p. 17), o primeiro curso de 1960 foi de "Teoria e Pesquisa em Antropologia **Social**" e os dois subsequentes foram chamados "Cursos de Especialização em Antropologia **Cultural**". Para Laraia (1992, p. 19) eram cursos de "Antropologia **Social**".

<sup>48</sup>Que tinha se graduado em História pela UFF.

<sup>49</sup>Graduado em Geografia também pela UFF.

<sup>50</sup>Que fez o seu bacharelado em História na UFMG e a licenciatura na UFF, na mesma turma de Da Matta.

<sup>51</sup>Que segundo Roberto Da Matta (depoimento ao Projeto História da Antropologia no Brasil em 06 de agosto de 1991, Unicamp) foi o primeiro colocado no exame de admissão.

<sup>52</sup>Sobre esta turma, ver o texto comemorativo feito por Alcida Rita Ramos em homenagem ao prof. Roque de Barros Laraia (1994, p. 15-22) que conta, inclusive, com uma foto histórica da autora ao lado de Laraia e Da Matta no Museu Nacional.

<sup>53</sup>Alcida Rita Ramos, por ser cidadã portuguesa, teve dificuldades nesta contratação. Mais tarde a autora se beneficiou de uma Bolsa de Estudos em Wisconsin, EUA, conseguida por Castro Faria, que por não ter a quem indicar, pediu a Roberto Cardoso de Oliveira que o fizesse em seu lugar. A Bolsa, que inicialmente era para a área de Arqueologia, logo foi transferida para a Antropologia Social, interesse maior de Alcida Rita Ramos (Cardoso de Oliveira: entrevista).

<sup>54</sup>Bolsistas do CNPq segundo o depoimento de Da Matta.

<sup>55</sup>O recém criado Instituto de Ciências Sociais/ICS da UFRJ congregava a Faculdade Nacional de Filosofia e a Faculdade Nacional de Direito. O ICS teve como um de seus principais objetivos naquela época, apoiar financeiramente e através da concessão de Bolsas de Estudo, cursos de pós-graduação nestas duas áreas. A idéia de criação de um Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil foi encaminhado como anteprojeto em 1938, por Arthur Ramos ao ministério público: "*Era baseado principalmente, segundo ele, no Institute of Human Relations de Yale, no Institute for Research in Social Sciences da Universidade da Carolina do Norte e na Divisão de Ciências Sociais da Universidade de Chicago...*" (Schwartzman et al.: 1984, p. 223).

Entre estes cursos de especialização e o início do mestrado em 1968, Roberto Cardoso de Oliveira fez seu doutorado em Sociologia na USP e coordenou dois projetos: "Estudos de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil" e "Estudo Comparativo da Organização Social dos Índios do Brasil" mantendo-se ligado ao ensino e a pesquisa ao mesmo tempo em que planejava a criação de uma futura pós-graduação *strictu sensu* em Antropologia Social no Museu Nacional.

### 3. O PPGAS/Museu Nacional:

*"...a partir da minha própria trajetória tal como apresentada, é possível sugerir, polemicamente, que isso efetivamente se deu às custas de um contágio, uma espécie de **colonização invisível** por parte da Sociologia. Até por efeito de migração. Invisível porque se processando na medida mesmo que a Sociologia se esvaziava como potência disciplinar. Quase como se diante de uma invasão (talvez mais por parte da Ciência Política que dos militares) tivesse havido uma **transferência**. Nós, em boa medida, passamos a ser os verdadeiros sociólogos - mais sutis, criativos, imaginativos. E apesar (ou por causa) de uma forte e diferenciadora identidade de antropólogos, disso nos orgulhávamos, dividindo o campo "moderno" das ciências sociais com a Ciência Política." (O. Velho: 1992, p. 62-63).*

A formação filosófica de Roberto Cardoso de Oliveira dentro da tradição francesa usiana aliada ao seu interesse pela epistemologia das Ciências Sociais foi decisiva na definição da Antropologia feita no Brasil enquanto ciência caracteristicamente social nessa época<sup>56</sup>. Isto somado a um mercado editorial incipiente - poucas eram as traduções especializadas no campo da Antropologia<sup>57</sup> - estimularam o caminho interdisciplinar na

---

<sup>56</sup>Claude Lévi-Strauss demonstra também que esta definição aconteceu em outras partes do mundo: "A antropologia é uma ciência demasiado jovem para que seu ensino não reflita as circunstâncias locais e históricas que estão na origem de cada desenvolvimento particular. Assim tal universidade reúne a antropologia cultural e a linguística em um mesmo departamento, porque os estudos linguísticos nela tomaram, muito cedo, um caráter antropológico, enquanto uma outra procederá a um agrupamento diferente, mas por razões da mesma ordem." (1991 [1954], p. 387 e seguintes).

<sup>57</sup>A maioria dos textos utilizados eram em língua francesa, pois o seu conhecimento era considerado praticamente como uma obrigação dos alunos pela sua facilidade de pertencimento à cultura latina (Cardoso de Oliveira: entrevista). Em francês tinha-se autores como M. Boule e Deniker (Castro Faria: 1993, p. 15) e as traduções de *Primitive Society* de Robert Lowie e alguns textos de Bronislaw Malinowski. O espanhol,

formação do corpo docente, haja visto o exemplo dos primeiros grupos de professores que ministraram cursos no Museu Nacional. Eram sociólogos como Neuma Aguiar ou Jorge Graciaréma, e na sua organização havia uma intenção mais ampla de se fazer uma Antropologia muito próxima da Sociologia, o que também, mais tarde influenciou na estruturação do mestrado que, segundo Otávio Velho, tinha uma "roupagem sociológica" (O. Velho: 1992, p. 43). Discorrendo sobre o modo como se integrou ao Museu Nacional após a sua graduação na PUC, o autor afirma que:

*"Ser parte da tribo significava nesse momento, inclusive, uma posição na divisão de trabalho, tal como RCO era mestre em idealizar. Anteriormente à minha chegada, ele desenvolvera a sua noção de 'fricção interétnica'; o que levava necessariamente a uma atenção às 'frentes de expansão' da sociedade brasileira, naquele momento subordinada à noção de 'colonialismo interno'. E eu, bacharel em Sociologia, fui escalado para pegar essa ponta do contato, em região onde o grupo já trabalhava (não só Laraia, mas também Da Matta e Melatti). E essa entrada na Antropologia por via da Sociologia, como se verá, marcaria boa parte da minha trajetória.*

*Nesse contexto, produzido imediatamente após a volta por estímulo de RCO, o que mais me chama a atenção (afora o fato de conter um embrião da dissertação de mestrado) é como nele já está presente uma tensão que acompanharia de uma forma ou de outra a minha trajetória: entre os estudos localizados e as intenções generalizantes." (O. Velho: 1992, p. 10)*

Muitos dos alunos desta primeira turma, inclusive, foram atraídos pela pós-graduação *stricto sensu* em Antropologia Social por falta de alternativas no campo da Sociologia na época, quando a disciplina passava por momentos de refluxos devido ao golpe militar de 64<sup>58</sup>. Esta também é a afirmação feita por Roque de Barros Laraia em

---

também muito utilizado, era a língua preferida pelos estudantes por ser mais próxima ainda ao português (Castro Faria: 1993, pp. 15 e seguintes). Contava com obras como A. L. Kroeber publicada em 1945 pela Fondo de Cultura Economica, **El Hombre y la Cultura** de Ruth Benedict e **Cuestiones Fundamentales de Antropologia Cultural**, tradução livre de **The Mind of Primitive Man** de Franz Boas. Em nossa própria língua dispunha-se somente de **O Homem: Uma Introdução a Antropologia** de Ralph Linton. Em relação às publicações de estrangeiros sobre o país, publicadas no Brasil no período de 1930 a 1988, ver Heloisa Pontes (1995) e sobre editores/editoras ver também Pontes (1989).

<sup>58</sup>Ver Otávio Velho (1980; 1992).

relação ao grupo de alunos que compôs a primeira turma<sup>59</sup> de mestrado do Museu Nacional:

*"Alguns desses eram inicialmente motivados para a Sociologia, mas buscaram a Antropologia pela então impossibilidade de cursar, no Rio de Janeiro, um programa de pós-graduação naquela disciplina. Todos eles foram, no decorrer do curso de mestrado, convertido à Antropologia, com uma única exceção."<sup>60</sup> (Laraia: 1992, p. 22-23)*

Roque de Barros Laraia reforça ainda a idéia quando diz que a especialização no início dos anos 60 no Museu Nacional era "acusada" pelos cientistas sociais de ser um curso sociologizante porque se utilizava de uma bibliografia plural como, por exemplo, **Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica** de Florestan Fernandes (1959) e **The Structure of Society** de Marion Levi Jr. (1952):

*"A acusação mais frequente era que se tratava de um curso de Sociologia. Nada mais falso. Os temas tradicionais da Antropologia ocupavam a maior parte do tempo dos alunos." (Laraia: 1992, p. 19-20).*

A "impressão" de uma sociologização da Antropologia, isto é, da definição do campo da disciplina como Antropologia Social na criação do PPGAS/Museu Nacional está refletida também no Parecer credenciador do Programa:

*"Quanto à organização e regime didático-científico, entendo que as normas do curso satisfazem plenamente as exigências do artigo 13 do Parecer 77/69. A restrição da área de concentração a um único campo (Antropologia Social) e a existência de apenas dois domínios conexos (Etnologia e Sociologia) representa uma limitação ao mínimo exigido e prejudica a liberdade de escolha dos alunos mas, por outro lado, é compensada pela possibilidade de integração dos programas. Ganha-se assim em profundidade o que se perde em extensão (...)." (Parecer para o Credenciamento do PPGAS/Museu Nacional feito pela professora Eunice Ribeiro Durham, CEF 1968/73, p. 7).*

---

<sup>59</sup>É interessante notar que parte dos mestres formados pela primeira turma em Antropologia Social do Museu Nacional são professores do IFCS/UFRJ. Estamos nos referindo a Neide Esterçi, Maria Rosilene Barbosa Alvin, Elizabeth Mercadante, Alice Rangel e Paulo Marcos Amorim.

<sup>60</sup>Possivelmente a exceção a que se refere Laraia é o de Lúcia Ramos Câmara que faleceu antes de completar o curso. No entanto, também Alice Rangel não concluiu o curso pois optou por fazer o mestrado em Sociologia na Universidade de Londres (1970-1971). Mais tarde, Alice Rangel doutorou-se em Sociologia pela USP (1974-1980) e atualmente compõe o corpo docente do IFCS-UFRJ.

O depoimento de Roberto Cardoso de Oliveira (entrevista) sobre esse momento de definição da disciplina - que marcou definitivamente o pensar/fazer antropológico entre nós -, foi revelador de uma tradição iniciada com a criação da USP, a vinda da Missão Francesa ao Brasil e a formação de um pensamento social brasileiro. É perceptível a iniciação de uma "linhagem" nas Ciências Sociais onde a figura de Florestan Fernandes é fundamental e axiomática:

*"...porque em primeiro lugar, nos anos 50 eu identificava mais o meu trabalho com a tradição inglesa combinada com a tradição francesa... tradição francesa que com exceção de grandes nomes como Marcel Mauss por exemplo...na época, inclusive não... Dumont e o próprio Lévi-Strauss não tinham tanta visibilidade como passaram a ter depois sobretudo Lévi-Strauss... mas no começo dos anos 50, inclusive, a gente entendia fazer Antropologia... particularmente através da obra de Radcliffe-Brown, que você sabe que foi o grande teórico, certamente não foi o maior antropólogo, inclusive não produziu as grandes monografias, mérito que se devia muito mais a Malinowski. Mas Radcliffe-Brown foi aquele que tentou propor um esquema conceitual grandemente integrado tributário da tradição francesa durkheimiana que Lévi-Strauss aplicava aos estudos das sociedades tribais e portanto definia a Antropologia como a disciplina que estudava as sociedades tribais... inclusive, muito interessante ele definir uma disciplina com um objeto concreto, o que hoje é difícil de você pensar, mas na época isto era irrelevante porque mostrava que a Antropologia concentrava a investigação sobretudo nas relações sociais, na sociabilidade das populações e com ênfase em algo que era muito mais, no ver da Antropologia inglesa, concreto do que a cultura que era aí a sociedade, a estrutura social etc, etc. Então, no fundo toda a geração de Radcliffe-Brown era uma geração de se comportar mais como sociólogos aplicado as sociedades tribais e na minha formação eu tinha muito mais identidade porque eu comecei mexendo com Antropologia através da experiência de Florestan Fernandes que era um sociólogo que na sua formação, tanto no que diz respeito ao mestrado como ao doutorado, que como você sabe escreveu duas teses sobre os Tupinambá, e com influência muito grande de Radcliffe-Brown, se não me engano ele foi professor de Florestan na Escola Livre de Sociologia e Política, e tinha por isto a Antropologia Social de influência britânica, ela tinha uma massa de monografias incomparavelmente superior em quantidade e qualidade do que a Antropologia que se fazia nos Estados Unidos...poderíamos falar muito sobre isto, mas para responder a sua pergunta, naturalmente pela minha formação eu privilegiava nos meus estudos as relações sociais e na minha*

*tese tanto de doutorado como... na tese principal de doutorado... eu escrevi sobre os Terena, sobre organização e tribalismo, **A Integração dos Terena Numa Sociedade de Classes**, o tipo de sabor 'florestânico' como você pode ver, ele estava estudando na época a integração do negro na sociedade de classe e ele foi orientador da tese, então, eu e Florestan tínhamos uma identidade muito grande de como conceber a Antropologia. E eu como tendo sido aluno de Florestan esta coisa naturalmente se encaixou e quando eu passei a trabalhar com populações indígenas vivas, que o Florestan nunca trabalhou, sempre com os Tupinambá, naturalmente eu via a situação dos índios através das relações sociais e quando depois eu escrevo **O Índio no Mundo dos Brancos** eu estou privilegiando também as relações sociais com a noção de fricção interétnica. Então o meu trabalho acadêmico era a base sobre a qual eu assentava o meu ensino, o ensino que eu dava a meus jovens estudantes, sobretudo o impulso como esse que era a tentativa de articular intimamente o ensino e a pesquisa, que era uma coisa nova na época, pelo menos nas universidades..." (Cardoso de Oliveira: entrevista).*

Nos anos seguintes outras turmas se sucederam com apoio de Bolsas de Estudos do Instituto de Ciências Sociais da UFRJ e do Centro Latino-Americano de Pesquisa em Ciências Sociais. A turma de 1961 contava com Júlio Cesar Melatti<sup>61</sup>, Marcos Magalhães Rubinger<sup>62</sup> e Maria Andrea Rios Loyola<sup>63</sup>. A turma de 1962: Cecília Maria Helm<sup>64</sup>, Silvio Coelho dos Santos<sup>65</sup> e Maria Stella Amorim<sup>66</sup>.

---

<sup>61</sup>Hoje professor na UNB.

<sup>62</sup>Que faleceu precocemente.

<sup>63</sup>Mais tarde participou da primeira turma de mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional. Trabalha atualmente no Instituto de Medicina Social da UERJ e foi presidente da CAPES nos anos 90.

<sup>64</sup>Que tinha sido aluna na UFPR do Prof. José Loureiro Fernandes, um dos participantes da Primeira Reunião de Antropologia (1953) e um dos fundadores da ABA em 1953. O professor José Loureiro faleceu no final dos anos 70.

<sup>65</sup>Um dos responsáveis, no final dos anos 70, pela criação do mestrado em Antropologia Social na UFSC, um dos nove centros de formação de antropólogos atualmente no Brasil. Presidente da ABA de 1992 a 1994, atualmente professor aposentado da UFSC.

<sup>66</sup>Maria Stella Farias de Amorim fez parte do grupo de dez alunos que iniciaram o mestrado em agosto de 1969 sem, no entanto, ter defendido a sua dissertação. Segundo Gilberto Velho (1992) foi a professora que o convidou a fazer parte do corpo docente do IFCS/UFRJ.

O Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS<sup>67</sup> do Museu Nacional foi criado no segundo semestre de 1968 com o mestrado<sup>68</sup> e financiamento da Fundação Ford.

Nesse primeiro momento, praticamente os únicos antropólogos contratados pela instituição foram Roberto Cardoso de Oliveira e Castro Faria, além do professor David Maybury-Lewis<sup>69</sup> de Harvard que foi contratado como colaborador.

No início dos anos 70, o PPGAS se ausentou do Museu Nacional e passou a ocupar parte das instalações do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais tendo como coordenador e chefe da Divisão de Antropologia do Museu Nacional o professor Roberto Cardoso de Oliveira.

Faziam parte do corpo docente<sup>70</sup>, além Cardoso de Oliveira e Castro Faria, Roque de Barros Laraia<sup>71</sup>, Júlio César Melatti<sup>72</sup>, Roberto Da Matta<sup>73</sup> e Yonne de Freitas Leite<sup>74</sup>.

---

<sup>67</sup> Aprovado pelo Conselho Universitário da UFRJ em 31 de outubro de 1968. O credenciamento do mestrado foi obtido pelo CFE em janeiro de 1977 pelo Parecer N° 3.788/76 do Processo MEC N° 2.012/69. Este credenciamento foi renovado em 1980, 1985 e 1990, isto é, de 5 em 5 anos. A partir de 1995, existe um novo regulamento que diz que os cursos que possuem conceito "A" não precisam se credenciar.

<sup>68</sup> Experiência que veio substituir o antigo sistema de estágios vigentes até então no Museu Nacional, que tinham como objetivo formar pesquisadores em Antropologia. Alguns dos estagiários, como por exemplo Otávio Velho, se transformaram em alunos do mestrado.

<sup>69</sup> Maybury-Lewis fez o seu mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, sendo orientado por Herbert Baldus.

<sup>70</sup> *"Julgando a qualificação dos professores pelo conhecimento de sua produção intelectual e não pela documentação, pode-se seguramente afirmar que, no campo da Antropologia Social, não há, no Brasil, nenhuma outra instituição que conte com pessoal de tão alta categoria. A presença de treze doutores num mesmo curso é algo dificilmente alcançável mesmo em Universidades estrangeiras."* (Parecer para o credenciamento do PPGAS/Museu Nacional feito pela professora Eunice Ribeiro Durham, CEF 1968/73, p. 4).

<sup>71</sup> Que permaneceu como professor no Museu Nacional somente por um semestre, transferindo-se para Brasília em 1969.

<sup>72</sup> Que também se transferiu para a UNB junto com Roque de Barros Laraia.

<sup>73</sup> Que encontrava-se nos Estados Unidos completando o seu doutorado em Harvard.

Como professores visitantes Shelton Davis, Richard Adams, Anthony Leeds, David Maybury-Lewis, Jorge Graciarena e Neuma Aguiar. Os dois últimos da área de Sociologia.

Por desentendimentos com a direção do Museu Nacional, e a convite de Roque de Barros Laraia, Roberto Cardoso de Oliveira<sup>75</sup> (entrevista) seguiu no primeiro semestre de 1972 para Brasília após uma rápida passagem pelos Estados Unidos.

Em 1973 o PPGAS retornou ao Museu Nacional, e Roberto Da Matta<sup>76</sup>, recém-chegado de seu doutorado em Harvard, assumiu a coordenação do PPGAS. Em sua gestão, foram contratados os professores Francisca Isabel Vieira<sup>77</sup>, Lygia Sigaud<sup>78</sup>, Moacir Palmeira<sup>79</sup> e Otávio Velho<sup>80</sup>, além de Gilberto Velho que se transferiu do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/IFCS-UFRJ e Giralda Seyferth<sup>81</sup>, que veio do setor de

---

<sup>74</sup>Yonne de Freitas Leite é bacharel e licenciada em Letras Neolatinas pela FNFi (1957). No ano seguinte ingressou como auxiliar de ensino (sem remuneração) na Cadeira de Língua e Literatura Espanhola na FNFi. Em 1959 tomou-se estagiária do Museu Nacional e em 1960 foi contratada como naturalista da instituição. Em 1969 passou a professora assistente do PPGAS/Museu Nacional. Obteve seu Ph.D. pela Universidade do Texas, Austin, com a tese **Portuguese, Stress and Related Rules** (1974). Atualmente a professora Yonne Leite está aposentada e é vice-presidente da ABA (gestão 1996-98).

<sup>75</sup>Coordenador do PPGAS de agosto de 1968 à dezembro de 1970.

<sup>76</sup>Coordenador de agosto de 1972 a julho de 1976. Da Matta foi também coordenador substituto no período de janeiro de 1971 a julho de 1972 quando Roberto Cardoso de Oliveira esteve em viagem aos Estados Unidos.

<sup>77</sup>Mais tarde, Francisca Isabel Vieira Keller. A professora Francisca ou Chiquita, como era carinhosamente chamada, hoje já falecida, empresta o seu nome à Biblioteca do PPGAS. Obteve seu doutorado na USP com a tese **A Absorção do Japonês em Marília** (1967), orientada por Florestan Fernandes.

<sup>78</sup>Integrante da primeira turma de mestrado do Museu Nacional com a dissertação **A Nação dos Homens: Uma Análise Regional de Ideologia** (1972) quando foi orientada por David Maybury-Lewis. Obteve seu doutorado pela USP, orientada de Ruth Cardoso com a tese **Os Clandestinos e os Direitos: Estudo sobre os Trabalhadores de Cana-de-Açúcar de Pernambuco** (1977).

<sup>79</sup>Que já havia se doutorado na França.

<sup>80</sup>Que recém-chegava do seu doutorado na Inglaterra.

<sup>81</sup>Também recém-doutorada pela USP. Giralda Seyferth defendeu sua tese em 1976, orientada por Ruth Correa Leite Cardoso com a pesquisa: **Nacionalismo e Identidade Étnica: A Ideologia Germanista e o Grupo Étnico Teuto-Brasileiro numa Comunidade do Vale do Itajaí**. Obteve o mestrado no Museu

Antropologia Biológica do próprio Museu Nacional. Foi também em sua gestão que a antiga Divisão de Antropologia do Museu Nacional transformou-se no atual Departamento de Antropologia Social.

Otávio Velho<sup>82</sup> sucedeu Da Matta na coordenação do PPGAS e em sua gestão foi criado o doutorado em Antropologia Social em 1977<sup>83</sup>. Foram ampliadas as instalações do Programa e contratou-se novos professores, quase todos ex-alunos da casa: Afrânio Raul Garcia Jr.<sup>84</sup>, João Pacheco de Oliveira Filho<sup>85</sup>, José Sérgio Leite Lopes<sup>86</sup>, Eduardo Viveiros de Castro e Luiz Fernando Dias Duarte<sup>87</sup>.

---

Nacional com a dissertação **A Colonização Alemã no Vale do Itajai-Mirim: Um Estudo de Desenvolvimento Econômico** (1973), orientada por Luiz de Castro Faria.

<sup>82</sup>Coordenador do PPGAS de agosto de 1976 a julho de 1978. Esta foi a primeira coordenação eleita segundo o Regulamento do PPGAS com a sua institucionalização plena e a obtenção do credenciamento em 1976.

<sup>83</sup>Sua primeira turma foi composta por sete alunos: Afrânio Raul Garcia Jr., Eduardo Viveiros de Castro, José Sérgio Leite Lopes, João Pacheco de Oliveira Filho, Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Maria Rosilene Barbosa Alvim e Marie-France Garcia. Os três últimos são atualmente professores do IFCS/UFRJ.

<sup>84</sup>A dissertação de mestrado **Terra de Trabalho: Trabalho Familiar de Pequenos Produtores** (1976) foi orientada por Moacir Palmeira. A tese de doutorado teve como título: **O Sul: Caminho do Roçado - Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social** (1983), orientada também por Moacir Palmeira. Ambas defendidas no Museu Nacional/RJ.

<sup>85</sup>João Pacheco defendeu sua dissertação de mestrado em etnologia na UNB. Neste período de que falamos, foi aprovado no concurso para professor no Museu Nacional, mais tarde ingressando no doutorado e ocupando a presidência da Associação Brasileira de Antropologia na gestão 1994-1996.

<sup>86</sup>Obteve seu doutorado pelo Museu Nacional com a tese **A Tecelagem dos Conflitos de Classes na Cidade das Chaminés** (1986), orientado por Lygia Sigaud. A dissertação de mestrado **"O Vapor do Diabo": O Trabalho dos Operários do Açúcar** defendida em 1975 foi orientada por Moacir Palmeira, Museu Nacional.

<sup>87</sup>Luiz Fernando Dias Duarte já era funcionário da UFRJ e nessa época foi incorporado ao corpo docente do Museu Nacional (entrevista com o professor Luiz Fernando Dias Duarte em janeiro de 1995, Museu Nacional). Obteve o doutorado no Museu Nacional com a tese **Da Vida Nervosa. Pessoa e Modernidade entre as Classes Trabalhadoras** (1985), orientado por Gilberto Velho. A dissertação de mestrado **As Redes do Suor: A Reprodução Social dos Trabalhadores da Produção do Pescado em Jurujuba** (1978), com orientação também de Gilberto Velho. O professor Luiz Fernando Dias Duarte graduou-se em Direito em 1972 pela UFRJ.

Gilberto Velho foi coordenador do PPGAS na gestão 1978-1980, mais tarde sendo substituído por Francisca Isabel Vieira Keller que assumiu a coordenação em agosto de 1980. Em 1981, a professora Francisca Keller faleceu antes mesmo do término de seu mandato. Foi substituída por Anthony Seeger que permaneceu até julho de 1982 quando foi eleita a nova coordenadora: Giralda Seyferth (1982-1984). Os coordenadores subsequentes foram: Lygia Sigaud (1984-1986), José Sérgio Leite Lopes (1986-1988), Afrânio Garcia Jr. (1988-1990), João Pacheco Filho (1990-1992), Luiz Fernando Dias Duarte (1992-1994) e atualmente Antônio Carlos de Souza Lima (1994-1996).

Foram contratados nos anos 80, os professores Rubem César Fernandes<sup>88</sup> (1981), Peter Henry Fry<sup>89</sup> (1983), Marília Facó Soares<sup>90</sup> (1985) e Antônio Carlos de Souza Lima<sup>91</sup> (1989). Em 1993 foram contratados Márcio Goldman<sup>92</sup>, Carlos Fausto<sup>93</sup>, Federico Guillermo Neiburg<sup>94</sup> e Bruna Franchetto<sup>95</sup>.

---

<sup>88</sup>Rubem César Fernandes é mestre em Artes pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Varsóvia, Polónia (1969). É também mestre (1972) e doutor (1976) de Filosofia pela Universidade de Columbia, EUA.

<sup>89</sup>Sobre o professor Peter Fry consultar o capítulo sobre a Unicamp.

<sup>90</sup>Marília Facó é mestre em Linguística e Filologia pela UFRJ com a dissertação *A Perda da Nasalidade e outras Mutações Vocálicas em Kakma, Assurini e Guajajara* (1979). É doutora em Ciências pela Unicamp com a tese *O Suprasegmental em Tikuna e a Teoria Fonológica* (1992).

<sup>91</sup>A tese foi defendida no Museu Nacional com o título *Um Grande Cerco de Paz - Poder Tutelar e Indianidade no Brasil* (1992), orientada por Luiz de Castro Faria. No mestrado defendeu a dissertação com o título *Aos Fetichistas, Ordem e Progresso: Um Estudo do Campo Indigenista no seu Estado de Formação* (1985), orientado por João Pacheco de Oliveira Filho também no Museu Nacional.

<sup>92</sup>Obteve o mestrado e o doutorado no Museu Nacional. A tese *Razão e diferença: sobre Lucien Lévi-Bruhl* (1991) foi orientada por Eduardo Viveiros de Castro. A dissertação *A Possessão e a Construção Ritual da Pessoa no Candomblé* (1984) foi orientada também por Eduardo Viveiros de Castro.

<sup>93</sup>Sua dissertação de mestrado *Os Parakanã: Casamento Avuncular e Dravidinato na Amazônia* (1991) teve como orientador Eduardo Viveiros de Castro no Museu Nacional.

<sup>94</sup>Sua tese de doutorado *A Invenção do Peronismo e a Construção das Ciências Sociais na Argentina* (1993) foi orientada por José Sérgio Leite Lopes no Museu Nacional. Obteve o seu mestrado em Ciências Sociais pela Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais (FLACSO), em Buenos Aires, Argentina com o título *La Clase Obrera en el "paraíso"?: Estructuración y Desestructuración de las relaciones de Clase en un Caso de Fábrica con Villa Obrera* (1988).

A tradição no Museu Nacional mostra que os Projetos de Pesquisas foram os principais responsáveis pela sustentação deste Programa desde o início dos anos 60<sup>96</sup> (Corrêa: 1989).

*"...certamente um dos fatores que permitiu um mestrado rápido [mestrado do autor] foi a existência de um projeto de pesquisa integrado: 'Estudo Comparado Nordeste-Brasil Central' de responsabilidade de RCO e David Maybury-Lewis. Esse projeto marcou os rumos intelectuais do Programa e de muito de seus participantes..."* (O. Velho: 1992, p. 13)

Até hoje, os projetos são responsáveis pela formação de grupos e identidades, agilizando as pesquisas desenvolvidas no mestrado e no doutorado. Os projetos coletivos deram um perfil singular ao Programa e particularizaram um modo de fazer pesquisa em grupo, o que contribuiu para o fortalecimento de determinadas linhas de pesquisas, intensificando o conhecimento de determinadas áreas geográficas brasileiras como, por exemplo, o nordeste e o centro-oeste do país.

*"Surge uma idéia de colaboração com a Ford quando eu estava nos Estados Unidos em 66...depois de defender o doutorado eu fui prá lá, em Harvard, numa reunião. Eu e o David estávamos pensando, conversando e o David estava com o projeto de fazer uma pesquisa sobre o nordeste e tinha que pedir dinheiro a Ford. A Ford não aceitou pois o pedido vinha de Harvard e a Ford achava que não tinha que dar dinheiro a Harvard, tinha que dar dinheiro aos países que tinham necessidade... Então nesta época decidiu-se que essa pesquisa que o David queria fazer sobre o nordeste teria o patrocínio do Museu Nacional. Na época eu era diretor da Divisão de Antropologia do*

---

<sup>95</sup>Sua tese de doutorado **Falar Kuikuro: Estudo Etnolinguístico de um Grupo Karibe do Alto Xingu** (1986) foi orientada por Yonne Leite no Museu Nacional. Obteve o mestrado na *Università degli Studi di Roma, "La Sapienza"* em 1975.

<sup>96</sup>No entanto, algumas tentativas de manter equipes de pesquisas, por motivos diversos, não tiveram sucesso: *"A preocupação com os modos de dominação e sua articulação com a política, além dos temas e trabalhos mencionados no tópico 'Plantation e Camponeses', gerou outros campos de interesse, como movimentos sociais, sindicalismo, identidade e participação política do campesinato, que se consubstanciaram em alguns artigos meus, novos seminários (em especial os seminários sobre 'modos de dominação'), alguns artigos e teses de alunos e, no início dos anos 80, na tentativa, que não progrediu, de articulação de um grupo de pesquisas (...)"* (Palmeira: 1994, p. 45-46). Entre as dez pesquisas orientadas por Moacir Palmeira, nove foram defendidas na década de 70. A décima pesquisa, a de Mário Grynszpan (MN-110) com o título **Mobilização Camponesa e Competição Política no Estado do Rio de Janeiro (1950-1964)** defendida em 1987, faz parte do grupo de pesquisa que Palmeira (1994) diz não ter progredido no início da década de 80.

Museu Nacional. Então, o projeto do David era sobre o estudo das elites, as famílias que pertenceram a elite pernambucana, por isto ele queria passar de uma experiência com os Xavante e os Xerente e usar a experiência que ele tinha com os estudos de família e parentesco de índios para a sociedade nacional. Ele pensava em fazer isto internamente e eu disse que poderia pensar na possibilidade de dar o patrocínio, não sendo o pedido por Harvard mas pelo Museu Nacional, quer dizer, no escritório da Ford no Brasil, no Rio de Janeiro, nós poderíamos entregar este pedido através deste escritório, então tornaria mais viável a Ford financiar um Projeto através de uma instituição brasileira do que através de uma instituição americana como Harvard que ela julgava que não precisava de apoio financeiro. Isto era dentro de um Programa que a Ford sempre teve, até hoje, de trabalhar em áreas periféricas aos Estados Unidos. Então, posto isso, eu comecei a pensar na possibilidade não apenas de abrigar o projeto do David, mas pedir recursos a Ford para que fosse uma pesquisa mais ampla, onde incluíria o estudo do nordeste e o estudo do Brasil central. Então, a idéia que eu tive foi fazer um estudo comparado do desenvolvimento regional fazendo o estudo de pesquisa de duas grandes regiões. Uma seria a região nordestina, que eu classificava como sendo o litoral oceânico do Brasil, uma área antiga e já ocupada há muito tempo pela sociedade brasileira e uma área nova de penetração mais recente que era o litoral fluvial, a área exatamente cortada pelo Tocantins-Araguaia onde havia uma expansão da sociedade brasileira em busca de novas terras, de um novo campesinato, entrada em áreas indígenas etc, etc. Claro que este era um processo que acontecia já há algum tempo, mas se comparado o nordeste com o Brasil Central havia uma diferença muito grande no que diz respeito à expansão da sociedade brasileira e o meu interesse maior era as repercussões dessa expansão nas sociedades, digamos, rústicas, camponesas, podemos dizer assim e nas sociedades indígenas sobretudo. Então, essa idéia do estudo comparado do desenvolvimento regional, o meu interesse era a repercussão desse chamado desenvolvimento nas populações de baixa renda rurais e sobretudo nas populações indígenas. E o índio para mim sempre foi um indicador do caráter, digamos, violento dessas frentes porque sempre o índio era ameaçado, expulso ou morto, podemos dizer, seria para a gente avaliar também essa potencialidade de violência que ocorria na expansão da sociedade brasileira. Então, essa era uma grande problemática e eu publiquei isso. Esse projeto está publicado não, está editado em livro. Surgiu um segundo problema que era se eu fizesse um projeto de pesquisa a Fundação Ford, como qualquer outra Fundação dedicada ao fomento da pesquisa e tudo isso, teria que ter uma equipe de consultores para opinar sobre a qualidade do projeto, a dinâmica do projeto etc, etc e eu achava que não fazia muito sentido uma vez

*que eu não pensava que esse projeto devesse ter uma univocidade metodológica. O que significa isso? Eu não achava que tinha que ter um único escopo e ao mesmo tempo uma única metodologia, mas pelo contrário devia ser um espaço em que nós pudessemos exercitar várias modalidades de abordagens, desde que fossem todas essas modalidades afins com o pensamento antropológico e com a teoria da Antropologia, então com a história da disciplina. Então, com essa minha idéia, ela não seria ao meu ver uma idéia facilmente assimilável para quem está acostumado a ver pesquisa discutindo metodologias unívocas etc, etc. Então eu tive a idéia de criar ao lado dessa pesquisa, um programa de ensino que eu chamei de preparação de quadros ou de recursos humanos, que na época estava muito em moda falar em recursos humanos e essa coisa toda, então significava criar recursos humanos para realizar boas pesquisas na área da Antropologia e nesse sentido as pesquisas relacionadas a esse grande projeto, que passou a ser o projeto 'guarda-chuva', abrigando sub-projetos, fazia cada estudante terminar o seu mestrado, aí estava dentro de uma pós-graduação **stricto sensu** a nível de mestrado, poderia exercitar livremente, de acordo com seus orientadores e seus projetos de pesquisa abrigados neste grande projeto com recursos para estes projetos. Isto fez com que a pesquisa do David sobre o nordeste passou a ser um sub-projeto desse projeto guarda-chuva, como sub-projeto se tornaram, na época, cerca de mais de uma dezena de projetos feitos por alunos e eu coordenando o projeto como um todo e contratando pesquisadores para supervisionarem a parte de campo no nordeste, onde temos Moacir Palmeira e a parte de campo no Brasil Central que foi a Francisca Schuring Vieira. O dinheiro dado pela Ford fez com que nós pudessemos criar o programa que na época só tinha de antropólogo, a rigor, Castro Faria e eu como membros efetivos. O Roque estava como ex-aluno do curso de especialização, estava lá o Melatti, mas o Melatti não fez parte do programa porque não quis, logo ele saiu acompanhando o Roque que foi para Brasília, pois o Roque foi para Brasília logo depois..." (Cardoso de Oliveira: entrevista).*

A integração dos grupos de pesquisa do Museu Nacional é o que está presente nas entrelinhas, nos agradecimentos e introduções das dissertações, sendo fundamental na continuação de um trabalho de campo sistemático e intelectual no qual a solidariedade e o esforço comum são pontos importantes para o seu prosseguimento e conclusão<sup>97</sup>:

---

<sup>97</sup>Além da integração do mestrado a um grande projeto de pesquisa, Otávio Velho (1992) cita a diferenciação entre um texto para a dissertação e um texto para publicação como fator de rapidez na conclusão do mestrado. No seu caso, recebeu por escrito as críticas e sugestões da banca, que foram incluídas em seu texto original, enriquecendo-o para a publicação. Além disso, Otávio Velho também se

*"Foi, de fato, uma experiência única (...). E embora a maior parte do tempo tenha operado sozinho (a primeira vez dessa experiência, necessária, da solidão no campo), havia um sentido de equipe que se materializou na alegria e camaradagem do nosso reencontro em Imperatriz (MA); além da passagem de todo grupo por Brasília com o apoio logístico de Roque Laraia, nesse interregno transferido para a UNB (...)." (O. Velho: 1992, p. 14).*

Segundo Otávio Velho (1992, p. 13), o projeto "Estudo Comparativo de Desenvolvimento Regional" marcou a passagem da Antropologia brasileira das pesquisas sobre sociedades tribais para o estudo das chamadas "sociedades complexas" numa direção diferente daquela tomada pelos estudos de comunidades produzidos nas décadas de 40 e 50. Isto é, numa perspectiva que não deixou de considerar os aspectos generalizantes do desenvolvimento sócio-econômico no país.

Outra característica na criação do PPGAS/Museu Nacional foi a especificidade da sua centralidade somente na pós-graduação, ou seja:

*"...o único Programa em que os docentes se dedicam exclusivamente à formação de mestres e doutores e, eles próprios, à pesquisa. Os outros programas, ou foram criados concomitantemente à criação de uma graduação, ou já contavam com ela de saída." (Corrêa: 1995, p. 49).*

#### **4. Trajetórias:**

A década de 60 no Brasil foi um período de grandes transformações e definições em todos os níveis de nossa realidade. O desenvolvimento cada vez maior das agremiações políticas, o movimento popular com uma organização mais complexa, a definição de objetivos mais populares para a produção cultural, a industrialização acelerada do país, o aumento do mercado de consumo e a conseqüente necessidade de mão-de-obra especializada foram interrompidos em 1964 pelo golpe militar de 31 de março. A princípio conseguiu-se ganhar fôlego e resistir mas os movimentos populares de oposição foram

---

beneficiou de um novo trabalho de campo para o doutorado, posterior à defesa do mestrado. A dissertação de mestrado foi defendida em 1970 e publicada pela Zahar em 1972.

novamente e mais duramente golpeados no final da década com o Ato Institucional Nº 5/AI-5<sup>98</sup>.

Os movimentos reivindicatórios do início da década cederam lugar às reformas controladas no final dos anos 60. O golpe militar trouxe consigo uma nova concepção de Brasil, de sociedade e de política. O bipartidarismo, a censura e a repressão foram marcas deixadas por esse período. A educação, que já tinha dado sinais de seu estrangulamento não atendendo suficientemente às necessidades básicas do país no início da década, foi reformulada de acordo com o modelo educacional norte-americano. A criação, por parte do governo militar, da pós-graduação foi parte de um projeto maior de ciência e tecnologia que criou novas e diferentes condições de se fazer pesquisa, totalmente atrelada e controlada pelo Estado autoritário.

Foram anos definidores dos passos seguidos pelas Ciências Sociais no Brasil e, portanto, do desenvolvimento de um pensamento social mais consistente e mais original em relação a nós mesmos. Um pensamento social mais comprometido com nossa realidade e de resistência ao Estado autoritário, como já vinha sendo constitutivo de nossa tradição científica, com a diferença de que nesse momento era mais popular e mais militante.

No Rio de Janeiro dos anos 60, a Pontifícia Universidade Católica/PUC teve um papel marcante na formação intelectual e acadêmica de vários dos intelectuais brasileiros atualmente, participando ativamente de várias atividades culturais e políticas no cenário carioca. Foi lá que nasceu a Juventude Universitária Católica/JUC que mais tarde deu origem a Ação Popular Leninista-Marxista do Brasil/APMLdoB. Foi um pólo importante de oposição ao golpe militar e formador de grupos organizados da esquerda e de resistência

---

<sup>98</sup>"A lei da reforma [do ensino] foi sancionada em novembro de 1968, no mês seguinte é baixado o ato Institucional nº 5 e em seguida, fevereiro de 1969, é baixada a versão educacional do AI-5 que é o decreto-lei nº 477, que 'Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências...' (Paoli: 1985, p. 16 e apud Carvalho: 1969).

ao regime como a citada Ação Popular e o Vanguarda Armada/VAR-Palmares por exemplo. Também foi dessa época o nascimento do hoje consagrado Departamento de Economia da PUC, responsável por muitos dos personagens da nossa história econômica contemporânea.

*"A Escola de Sociologia e Política da PUC, vejo hoje, funcionava como uma espécie de **College**. Muitas possibilidades se mantinham em aberto, e ainda há pouco lembrava com Francisco Falcón das aulas de História que ele nos dava na casa de um colega, supostamente preparatórias para o Itamaraty."* (O. Velho: 1992, p. 36).

Pelas suas salas de aula passaram alguns dos mais importantes personagens das Ciências Sociais do Brasil contemporâneo e mais particularmente, do campo da antropologia do campesinato que têm tido destaque na história da Antropologia brasileira, iniciando "linhagens" no Museu Nacional e na Unicamp: Moacir Palmeira, Otávio Velho e Carlos Rodrigues Brandão (O. Velho: 1992, p. 39).

Ao mesmo tempo em que Otávio Velho (1961-1964) e Moacir Palmeira faziam a graduação em Ciências Políticas e Sociais na PUC-RJ, Carlos Rodrigues Brandão cursava Psicologia e, sua futura esposa Maria Alice, Pedagogia na mesma instituição. Por caminhos diferentes, O. Velho e Brandão se transformaram em antropólogos e foram respectivamente os primeiros a defender os seus mestrados no Museu Nacional (1970) e na UNB (1974). Ambos foram também responsáveis pela formação de uma geração de antropólogos interessados nos estudos sobre o campesinato no Brasil conjuntamente com Moacir Palmeira, Da Matta, Klaas Woortman (UNB) e que mais tarde formaram profissionais atuantes em várias universidades. Por exemplo, Margarida Maria Moura<sup>99</sup>, que tem orientado pesquisas concluídas nos anos 90 na USP. Mas, ao contrário de Otávio Velho e Moacir Palmeira, ligados à questão do campesinato pelo lado político (Palmeira) e da produção (O. Velho), Brandão enveredou pela problemática agrária através da cultura popular, das festas, do simbólico e, portanto, com um viés historicamente mais na linha da Antropologia.

---

<sup>99</sup>A professora Margarida Maria Moura foi orientada no mestrado por Moacir Palmeira.

As vidas de Otávio Velho<sup>100</sup> e Moacir Palmeira<sup>101</sup> se cruzaram em diferentes momentos da década de 60 e nos anos seguintes. Na graduação da PUC fizeram parte da mesma turma<sup>102</sup>, juntamente com Luiz Antônio Machado, que em sua formatura homenageou o Professor Florestan Fernandes; no curso de francês preparatório para uma viagem de pesquisa à França como auxiliares de pesquisa que eram do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais/CLAPCS<sup>103</sup>, ocasião em que Otávio Velho conheceu Roberto Cardoso de Oliveira. Ambos também se declararam influenciados pela obra de A. V. Chayanov<sup>104</sup> da "Escola Organizacional" russa de tradição marxista na década de 70 (O. Velho: 1992, p. 16; Palmeira: 1994, 23).

Recém-formado, Otávio Velho tornou-se assistente do Professor Manuel Diegues Jr. na PUC que foi o responsável pela sua iniciação no campo da Antropologia. Aceitou o convite de Roberto Cardoso de Oliveira em 1966 e ingressou na então Divisão de Antropologia do Museu Nacional como assistente de pesquisa e bolsista do CNPq. Contribuiu com a organização do curso de mestrado e participou ativamente do Projeto "Estudo do Colonialismo Interno no Brasil" coordenado por Roberto Cardoso de Oliveira.

---

<sup>100</sup>A dissertação de mestrado **Frente de Expansão e Estrutura Agrária** (1970) foi defendida no Museu Nacional, orientada por Roberto Cardoso de Oliveira. A tese de doutorado **Modes of Capitalist Development, Peasantry and the Moving Frontier** (1973), Universidade de Manchester, Inglaterra.

<sup>101</sup>Obteve seu doutorado pela *Faculté de Lettres et Sciences Humaines de L'Université René Descartes*, França, com a tese **Latifundium et Capitalisme au Brésil: Lecture Critique d'un débat** (1971).

<sup>102</sup>"Turma Florestan Fernandes".

<sup>103</sup>Manuel Diegues Jr. (1912-1991) formado em Direito no Recife em 1935, foi aluno de Gilberto Freyre e por muito tempo (1961-1974) diretor do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais. Diegues Jr. teve uma influência significativa nas escolhas profissionais e teóricas feitas por Otávio Velho e Moacir Palmeira, inclusive, no que diz respeito ao interesse dos autores pelo nordeste brasileiro. Sua filha, Maria Madalena Diéguas Quintela, foi também uma de suas colaboradoras naquela ocasião.

<sup>104</sup>Otávio Velho conta que foi graças a ele que Chayanov foi introduzido no Brasil, mas reconhece que, com o tempo, tomou-se menos fiel ao autor russo. Esta introdução de Chayanov no pensamento social brasileiro aconteceu com a ida de Otávio Velho para Manchester quando fez seu doutorado e foi orientado por Peter Worsley, tendo a oportunidade de conviver com Teodor Shanin e Boguslaw Galeski, autores ligados ao pensamento de Chayanov e que no início dos anos 70 se associaram à Universidade de Manchester (O. Velho: 1992).

Foi nessa época que Otávio Velho conheceu Roque de Barros Laraia e Roberto Da Matta, quando participaram juntos da pesquisa de campo na região de Marabá no Tocantins paraense<sup>105</sup>.

Nessa primeira turma, que teve uma experiência intensa e acelerada segundo o próprio Otávio Velho (1992)<sup>106</sup>, predominavam as discussões teóricas sobre o estruturalismo e a oposição entre Antropologia Social e Antropologia Cultural (O. Velho: 1992).

Logo após a defesa de sua dissertação, Otávio Velho foi para Manchester beneficiado com uma das bolsas oferecida aos alunos do PPGAS pela Fundação Ford<sup>107</sup>. No entanto, o autor foi convidado a se matricular no doutorado permanecendo por dois anos na Inglaterra, tempo de duração previsto para a Bolsa da Fundação Ford que era para *special student*.

A ida de Otávio Velho para Manchester influenciou a sua tendência sociologizante. Quando os preparativos estavam sendo tomados para a sua ida para a Inglaterra através de Roberto Cardoso de Oliveira com Bryan Roberts, o que existia na universidade inglesa era uma integração departamental da Sociologia com a Antropologia. Por motivos mais políticos que acadêmicos, foram criados departamentos separados para as duas disciplinas

---

<sup>105</sup>Que além de Otávio Velho, incluía Alice de Paiva Rangel Abreu, Claudia Menezes, Elizabeth Frolich Mercadante, Lúcia Ramos Câmara, Eurípedes da Cunha, Lygia Sigaud, Maria Andrea Rios Loyola, Maria Madalena Diegues Quintela, Maria Rosilene Barbosa Alvim, Neide Esterci, Paulo Marcos Amorim e Wagner Neves Rocha.

<sup>106</sup>Todos, menos um, defenderam as suas dissertações entre dois e quatro anos, o que hoje é considerado como uma boa média. Esta foi uma característica de todas as primeiras turmas também na UNB, Unicamp e USP (Novo Regimento).

<sup>107</sup>O Museu Nacional no período de 1968 a 1975 contou quase que exclusivamente com apoio financeiro da Fundação Ford que com o tempo foi diminuindo a sua participação no Programa. A FINEP iniciou o seu apoio em 1975 (BIB: 1978; Regimento do PPGAS: 1983) e dez anos depois, isto é, em 1985, a Fundação Ford voltou a aumentar o volume de investimentos feitos no Museu Nacional que hoje tem nestas duas instituições pontos de apoio importantes, mas não exclusivos, recebendo os seus maiores investimentos de órgãos governamentais como a CAPES e o CNPq. Sobre a importância da ajuda financeira da Fundação Ford ao ensino e a pesquisa no Brasil, ver Miceli (1993).

(O. Velho: 1992, p. 18). Estes acontecimentos fizeram com que Otávio Velho fizesse o seu doutorado em Sociologia porque Bryan Roberts era sociólogo.

Otávio Velho passou dois anos no exterior e voltou para novo trabalho de campo e redação da tese que foi defendida em novembro de 1973.

Ao voltar ao Brasil, o autor teve um convite para se transferir para a Unicamp<sup>108</sup>, mas optou pela permanência no Museu Nacional. Foi nesse momento que Otávio Velho afirmou ter começado a se distanciar do marxismo que desde a graduação vinha influenciando os seus trabalhos. Este afastamento teórico possibilitou outras experimentações que basicamente foram de encontro a Weber e um certo "estruturalismo marxista" (O. Velho: 1992, p. 22).

*"Gramsci, que para muitos significou um enriquecimento da perspectiva marxista, visto retrospectivamente foi para mim uma parada, preciosa, antes da saída: parodiando Marcel Gauchet, uma espécie de marxismo de saída do marxismo. (...) Outra continuidade está em que Gramsci representava por outros meios um privilegiamento da 'autonomia relativa' da política que já era central na tese; não só genericamente, mas na preocupação com o rigor na construção da noção de modos diferenciais de desenvolvimento capitalista. E isso, por sua vez, num passo seguinte se articulava à tentativa de aproximação maior com o **corpus** antropológico por via da chamada Antropologia Política, sobretudo na sua vertente processualista. O que tinha a ver com minha estadia em Manchester e com a figura de Max Gluckman, embora no momento da tese o meu quadro de referências não me permitisse incorporá-la ao texto, a não ser topicamente e de modo implícito." (O. Velho: 1992, p. 23).*

Por força de sua atuação na coordenação do PPGAS em meados da década de 70, foi somente na passagem dos anos 70 para os 80, que Otávio Velho colheu os frutos de seu trabalho com as orientações na linha da antropologia do campesinato, também responsável pela formação de um grupo de jovens estudantes no Museu Nacional.

---

<sup>108</sup>O convite partiu do professor Manoel Tosta Berlinck e Fernando Henrique Cardoso. É o que sugere Otávio Velho (1992) em seu memorial.

Otávio Velho não orientou somente pesquisas na sub-temática dos trabalhadores rurais. Trabalhou também com a problemática urbana<sup>109</sup>. Na área do campesinato, onde parece ter concentrado seus maiores esforços na discussão da subordinação do trabalho ao capital no campo, orientou seis dissertações de mestrado, todas elas praticamente no começo dos anos 80, das quais três foram publicadas, sendo duas pela Zahar e a outra pela Vértice/ANPOCS. Os Projetos coordenados por Otávio Velho foram: "Hábitos Alimentares em Camadas de Baixa Renda"<sup>110</sup> e "O Processo de Colonização dos Vales Úmidos do Maranhão e seus Desdobramentos".

Otávio Velho e Moacir Palmeira foram personagens centrais<sup>111</sup> nas tendências seguidas pela Antropologia do campesinato em todo o país e de um modo geral, caminhavam juntos teoricamente. Num determinado momento no final da década de 70, a discussão sobre os Estatutos do Trabalhador Rural<sup>112</sup> (Dias Duarte: entrevista) aprofundou divergências e contribuiu na mudança de rumos que assumiram as diferentes orientações dos autores citados. Galeski, Tepich e Chayanov que estavam presentes na maioria das pesquisas na década de 70 feitas por Otávio Velho foram abandonados nos anos 80.

Essa mudança transparece claramente nas orientações de Otávio Velho e está explícita na dissertação de uma de suas orientandas, concluída em 1980:

*"Quais as consequências dessa discussão que privilegia a especificidade da 'economia camponesa'? (...)."*

*"Em primeiro lugar concordamos com Martins para quem Marx não dá à noção de modo de produção o peso formal que lhe dão alguns intelectuais"*

---

<sup>109</sup>Sobre esta temática ver mais adiante.

<sup>110</sup>Conjuntamente com a UNB, lá com a coordenação de Klaas Woortman.

<sup>111</sup>Ver Corrêa: 1995.

<sup>112</sup>Na discussão da questão agrária no Brasil, estão implícitas concepções diferenciadas da pequena produção. Ou se considera que essa produção é um elo importante na acumulação do capital no sistema capitalista, ou se reconhece que existe uma certa independência na sua existência. Consequentemente, existiu uma ênfase maior por parte dos defensores da primeira posição na discussão dos Estatutos dos Trabalhadores Rurais.

contemporâneos. Não significa, entretanto, que esta concepção não seja essencial. (...)."

*"Absolutizar a questão da especificidade camponesa pela busca incessante das 'leis' próprias de seu funcionamento, de suas particularidades, não permite a nosso ver avançar na compreensão dos fundamentos da subordinação da 'economia camponesa', subordinação esta reconhecida pelos próprios autores que fazem antropologia dessa especificidade. Nesse sentido, não é a partir da micro-análise das unidades de produção camponesa que esta questão será resolvida (...)."*

*"O ponto central é que os pequenos produtores mercantis estão articulados às formas de produção capitalista de circulação de mercadorias sem que estes se constituam em empresas capitalistas. O avanço da produção capitalista não pode ser julgado por uma simples adição de empresas capitalistas, mas em vez disso são as condições de existência de todas as empresas na economia que devem ser examinadas. O que se privilegia aqui portanto é a produção social geral e não as relações de produção imediatas. Como Lênin demonstrou, a economia rural russa em fins do século XIX era crescentemente subordinada às relações capitalistas, enquanto ao mesmo tempo consistindo principalmente de pequenos produtores que não eram eles próprios 'capitalistas' (...)." (MN-073, p. 11, 18 e 19).*

A orientação teórica de Otávio Velho reconhecia e enfatizava as especificidades da produção camponesa. Contudo, o autor se afastava das concepções de autores como Chayanov, Tepich e Galeski que afirmavam ser a economia camponesa possuidora de uma racionalidade e de um funcionamento independente do sistema econômico em que estava inserida.

Segundo os autores russos, admitia-se a existência de um modo de produção camponês que se adapta ao modelo econômico mais geral. Neste sentido, a concepção destes autores está de acordo com o conceito de modo de produção em Marx, com a exceção de que, os "camponeses" não aparecem como classe dirigente em nenhuma formação histórica conhecida. Esta perspectiva de análise, segundo Otávio Velho, era contraditória com a visão marxista de modo de produção expressas por seus orientandos:

*"Há uma razão metodológica fundamental que explica porque o conceito de 'economia camponesa' não pode ser colocado ao lado do conceito marxista de modo de produção. Este é um conceito analítico. O modo de produção correspondente à totalidade das relações de produção e o nível*

*correspondente das forças produtivas: o mecanismo de transição histórica de um modo a outro é a contradição entre as relações de produção de um lado e o desenvolvimento das forças produtivas de outro. A 'economia camponesa' de Chayanov, por outro lado é uma categoria puramente descritiva; é simplesmente um agregado de unidades de produção individuais, idênticas umas às outras. Como M. Harrison colocou, o trabalho familiar na unidade familiar não se constitui em relação social (...).*

*É necessário reconhecer que essa especificidade tal como foi explicitado acima tem sido vista como referindo à caracterização do grupo doméstico como unidade de produção e consumo e ainda tem sido realçado o mecanismo de alternativas subsistência-mercado como elemento da lógica geral de funcionamento interno da unidade camponesa e que passou a integrar a própria concepção de campesinato.*

*É inegável que no bojo da discussão a respeito da especificidade camponesa houve um saldo positivo. A falaciosa oposição entre 'agricultura de subsistência' e 'agricultura de mercado' foi contestada (...)" (MN-073, p. 12-13).*

A outra questão levantada pela discussão entre os marxistas<sup>113</sup> defensores das duas posições, foi a concepção da ocupação da terra, onde foi introduzida a especificidade da análise de José de Souza Martins (1979). Para Martins, que estudou o caso da fronteira agrária na Amazônia, existem duas formas de ocupação da terra: a compra da terra segundo o modo "paulista" e segundo o posseiro que não valorizaria a terra como terra, mas como dono do trabalho acumulado na terra.

*"Se para o migrante a possibilidade de ter assegurado o acesso à terra para nela trabalhar bem como de ter o direito de dispor dos frutos ao trabalho nela incorporado é o aspecto determinante, não significa a nosso ver que ele não tenha a concepção de ser a terra passível de apropriação privada, no sentido de constituir-se como propriedade de cada família. A alegação de que na Amazônia 'se vende o serviço' e de que 'a noção de posse privilegia o trabalho e não a terra' é a nosso ver difícil de ser sustentada quando se verifica um processo capitalista de diferenciação do campesinato, como veremos nos capítulos que se seguem." (MN-073, p. 16).*

---

<sup>113</sup>Existe hoje um certo consenso de que ambas as posições pertencem à tradição do pensamento marxista.

O próprio Otávio Velho também assumiu em seu memorial a mudança em suas orientações teóricas:

*"E a partir dele [Chayanov] com outros pensadores do seu grupo e com outros ainda, posteriores, que sobretudo na Europa de Leste tentaram compatibilizar as suas contribuições com a tradição marxista, o que exigiu consideráveis torções. Isso foi possível graças ao fato de um trabalho de recuperação dessa literatura no Ocidente e particularmente na Inglaterra ter coincido com a minha ida para a Universidade de Manchester. (...) Creio poder dizer que fui eu, intão, o introdutor de Chayanov em nosso meio, apesar de nos anos seguintes ter sido menos fiel a sua obra que outros colegas."* (O. Velho: 1992, p. 16).

Um livro publicado em 1982, **Sociedade e Agricultura**, espelha o desenvolvimento das discussões sobre a questão agrária no pensamento de Otávio Velho a partir do final dos anos 60. Segundo o autor

*"A mudança de tom é sintomática. E mostra que em cada texto inclusive trata-se de balanços e perspectivas **diferentes** que estão em jogo. E os próprios títulos - o de 1966 referindo-se à 'ciência social' em geral, o de 1980 restringindo-se à antropologia social - já por si indicam o sentido da mudança."* (O. Velho: 1982, p. 11-12).

Uma outra personagem da antropologia do campesinato, Mireya Suárez (1984) da UNB, tecendo comentários sobre a citada coletânea, apontou para a transformação da perspectiva do autor na compreensão da problemática dos trabalhadores rurais no país e nas diferentes direções seguidas pelos especialistas brasileiros.

*"...estaríamos, então, frente a uma reflexão sobre as tensões emergidas do processo de institucionalização e sedimentação de conhecimentos do Museu Nacional. A opção de examinar o próprio trabalho poderia ser entendida, assim, como uma maneira de (auto?) esclarecer e definir a postura individual no interior de seu grupo acadêmico de pertinência mais imediato."* (Suárez: 1984, p. 304-305).

Fundamentalmente, Suárez enfatizou uma das principais questões teóricas do pensamento antropológico da *era da pós-graduação*, que oscilou entre a pesquisa microscópica e a necessidade da percepção do todo; da inclusão das conclusões parciais obtidas pela observação participante no contexto mais geral do qual o foco privilegiado não

pode e não deve estar separado. Enfim, é a mesma tensão existente entre os estudos das sociedades tribais tradicionais e as pesquisas que enfatizam os conflitos entre índios e a sociedade nacional:

*"Situvar Velho dentro do pensamento agrário requer, a meu ver, considerar que, dentre os antropólogos, é ele quem mais deliberadamente se afasta do exame dos segmentos sociais como realidades auto-explicáveis. Situa-lo requer também considerar que, dentre os agraristas, foi ele quem mais explicativamente colocou em foco a problemática da integração dos diversos segmentos agrários.*

*Uma das características sempre presente nos trabalhos de Velho é que a unidade de estudo (segmentos agrários) é menor que a unidade de observação (a sociedade regional ou mesmo nacional). Por esta razão, a apreensão do objeto é feita muito menos a partir dele mesmo e muito mais a partir de uma estrutura social mais ampla.*

*Como [Darcy] Ribeiro e Cardoso de Oliveira, no contexto das sociedades indígenas, Velho não é, principalmente, um etnólogo do campesinato ou de qualquer outro segmento agrário. Ele é, antes de tudo um analista dos processos sociais e políticos em que estes segmentos estão envolvidos, dados determinados interesses do Estado e determinados conjuntos de relações no âmbito regional. Identificar esses processos analiticamente - seja na forma de identidade étnica ou integração das fronteiras - é, a meu ver, o objetivo último dos trabalhos desses autores." (Suárez: 1984, p. 308.).*

A partir da segunda metade dos anos 80, Otávio Velho iniciou um diálogo com o grupo do Instituto Superior de Estudos da Religião/ISER, principalmente Rubem César Fernandes e Luiz Eduardo Soares, de acordo com o seu interesse pela antropologia da religião. Na década de 90, algumas pesquisas produzidas no PPGAS/Museu Nacional, sob sua orientação, seguiram esta temática.

\*\*\*

Moacir Palmeira também chegou à Antropologia através de seus interesses pelos debates sociológicos travados no Brasil na década de 60.

Desde os tempos de graduação, já havia um interesse de sua parte em pensar sociologicamente o nordeste brasileiro, quando em 1962 participou do Curso de

Treinamento Básico em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais<sup>114</sup> da UFBA, Bahia, e escolheu como tema para o seu trabalho final o banditismo político naquela região e a sua estrutura social<sup>115</sup> (Palmeira: 1994, p. 38-41). No ano de 1964 foi professor-convidado da UFBA.

Moacir Palmeira terminou o curso que fazia na *Maison de France* junto com Otávio Velho e seguiu para Paris com uma Bolsa do governo francês em novembro de 1966 (Palmeira: 1994) para participar da pesquisa "Implicações Políticas do Desenvolvimento do Capitalismo no Campo" do *Institut des Hautes Etudes de L'Amérique Latine*. Quando descobriu que não existia o programa de pesquisa pelo qual tinha decidido viajar, deixou-se convencer por Pierre Monbeig a fazer o doutorado na França.

Não somente na França mas em todo o mundo, esses foram momentos de grandes discussões em torno do estruturalismo e da análise do discurso. As influências recebidas por Moacir Palmeira foram também nesta direção, principalmente de François Bourricaud, seu orientador, e das leituras de Michel Foucault e Louis Althusser, além da sua participação em seminários ministrados por Pierre Bourdieu. Palmeira afirmou que naquele momento seguiu os passos do que foi denominado pelos seus críticos, "estruturalismo marxista" de Althusser que rompia com a periodização mecânica da história e que mais tarde influenciou as suas pesquisas sobre *plantation* e campesinato no Brasil.

*"Informado por aquela literatura, lancei-me à análise de um debate que consumia muito da energia dos intelectuais brasileiros na época e do entusiasmo político das organizações de esquerda: aquele em torno da existência ou não de feudalismo no Brasil."* (Palmeira: 1994, p. 5).

Ao se encontrar com Roberto Cardoso de Oliveira em Paris, contato possível graças a indicação de Otávio Velho<sup>116</sup>, Moacir Palmeira foi convidado a participar do corpo docente

---

<sup>114</sup>Quando foi colega de Klaas Woortmann.

<sup>115</sup>**Banditismo Político e Estrutura Social** (trabalho não publicado mas citado pelo autor: 1994, p. 40).

<sup>116</sup>Roberto Cardoso de Oliveira (entrevista) afirma que foi ele, e não Otávio Velho, quem convidou Moacir Palmeira para lecionar no Museu Nacional (1994).

do Museu Nacional onde se tornou professor após o seu retorno ao Brasil no segundo semestre de 1969. Foi quando começou a entrar em contato com a bibliografia propriamente antropológica frequentando o seminário dado por Cardoso de Oliveira "Sociedades Camponesas" (Palmeira: 1994, p. 22). Palmeira afirma que esses foram momentos de crise do objeto antropológico e que os estudos sobre o campesinato estavam, então, na ordem do dia (Palmeira: 1994, p. 24).

*"De volta ao Brasil, na segunda metade de 1969, para trabalhar no PPGAS por indicação de Otávio Velho, tive oportunidade, inicialmente acompanhando o seminário 'Sociedades Camponesas' ministrado por Roberto Cardoso de Oliveira e, posteriormente, dando o seminário 'Sociedades Camponesas', de entrar em contato com a bibliografia propriamente antropológica sobre campesinato, extremamente extensa e diversificada, naquele momento de crise de objeto da antropologia e de glória dos chamados 'estudos camponeses' que se desenvolvem numa espécie de fronteira entre antropologia, sociologia, correntes da história social, certas tradições da economia e a vertente marxista de estudo da questão agrária, a que poderíamos somar os estudos latino-americanos sobre estrutura agrária, marcando uma certa oposição com a sociologia e a economia rurais convencionais."* (Palmeira: 1994, p. 22).

Este debate direcionou o percurso intelectual de Moacir Palmeira e o tipo de problemática que procurava responder politicamente a questões tais como: movimentos migratórios, políticas de mão-de-obra, estruturas sociais etc. Aliado ao interesse sociológico, havia também por parte do autor um contato significativo com o estilo antropológico de fazer pesquisa, através do diálogo constante com o grupo do Museu Nacional, principalmente Castro Faria com quem dividiu a direção de alguns cursos.

Os anos 70 foram anos produtivos para Moacir Palmeira que orientou nove dissertações sobre o campesinato brasileiro, criando um grupo em torno de seu projeto e contribuindo na consolidação desta área temática no PPGAS do Museu Nacional. Nos anos 80 o autor reduziu a sua carga horária para 20 horas, dedicando mais o seu tempo ao trabalho junto a sindicatos e movimentos rurais como assessor da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura/CONTAG (Palmeira: 1994).

Os projetos coordenados por Moacir Palmeira no Museu Nacional foram: "Os Mercados Locais Como Elemento de Mudança Numa Área de *Plantation*" (1970), "Sistemas de distribuições e Estruturas de Poder no Nordeste" (1974) e "Emprego e Mudança Sócio-Econômica no Nordeste" (1976), todos fazendo parte do grande projeto "guarda-chuva" coordenado por Roberto Cardoso de Oliveira e David Maybury-Lewis "Estudo Comparativo do Desenvolvimento Regional" com apoio financeiro da Fundação Ford no Brasil.

*"A medida que avançávamos nas pesquisas - e os resultados parciais obtidos por cada um eram amplamente discutidos e incorporados por toda a equipe (...) - novos processos sociais iam sendo identificados e novas questões iam sendo postas, ao mesmo tempo que se ia configurando um quadro mais completo das posições e oposições sociais de que se fazia aquele mundo da **plantation** (...)." (Palmeira: 1994, p. 19-20).*

A grande maioria de seus orientandos concentraram as suas respectivas pesquisas no nordeste brasileiro. Num primeiro momento, com os projetos de 1970 e 1974, todos se concentraram em Pernambuco, centro político e econômico da região. Com o projeto de 76, mais ambicioso também em relação à área geográfica estudada, que contou inclusive com um diálogo com economistas do Instituto de Pesquisas de Economia Agrária/IPEA, as pesquisas ficaram assim distribuídas: Beatriz Heredia no sul de Alagoas; na Paraíba, Afrânio Garcia Jr., Marie France Garcia e Eliane Cantarino; Alfredo Wagner e Neide Esterici no Ceará e Maranhão.

*"Enquanto, pessoalmente, ocupava-me mais diretamente dos barracões e das feiras, solicitei a Beatriz Heredia e Afrânio Garcia, então alunos do mestrado do PPGAS, como, aliás, todos os que participaram do estudo da **plantation** canavieira nessa época, a realização de estudos de caso que explorassem a questão do néo-campesinato. Lygia Sigaud, movida por uma preocupação pessoal com a questão das representações, juntou-se ao grupo, concentrando sua atenção sobre moradores e trabalhadores de ponta de rua.*

*Algumas surpresas me aguardavam nas primeiras idas a campo (final de 1969 e primeiro semestre de 1970). A maioria delas, no que dizia respeito às formulações teóricas da pesquisa, encontrar feiras dentro de usinas e até mesmo em alguns engenhos. Analisar essa 'exceção' às 'regras' que eu*

estava formulando, criava uma situação de quase experimento." (Palmeira: 1994, p. 16)

\*\*\*

O autor que mais orientou em todo o Brasil<sup>117</sup> foi Gilberto Velho. O autor é também um dos nomes mais significativos na compreensão da Antropologia no Museu Nacional e mais particularmente, na compreensão da construção da linha de pesquisa sobre problemas urbanos e no lugar de destaque ocupado pela temática no Brasil. Das pesquisas na área de antropologia urbana no Museu Nacional onze delas foram publicadas<sup>118</sup> sendo que cinco<sup>119</sup> entre as publicadas foram orientadas por Gilberto Velho, duas na década de 70 e três nos anos 80.

Na segunda metade dos anos 60, Gilberto Velho fez sua graduação em Ciências Sociais no IFCS-UFRJ (1965-1968) e em 1969 foi convidado a ingressar na carreira docente como Auxiliar de Ensino em Antropologia por sua professora Stella Maria Faria de Amorim. Nesse mesmo ano fez parte da segunda turma<sup>120</sup> do mestrado em Antropologia

---

<sup>117</sup>E aqui falo em relação aos sete mestrados em Antropologia Social no país que possuem dissertações defendidas: Museu Nacional, UNB, USP, Unicamp, UFPE, UFRS e UFSC. Na década de 90 também foram criados os mestrados em Antropologia Social da UFPR (1990) e da UFPA (1994). Até 1995 somente o PPGAS/UFPR teve uma dissertação de mestrado concluída.

<sup>118</sup>Sobre a relação de Gilberto Velho e Otávio Velho com a Editora Zahar: "No que diz respeito às minhas atividades editoriais, desejo fazer uma nota sobre a Ed. Zahar. Que é, até, uma relação familiar que herdamos, eu e Gilberto, do nosso pai. No meu caso, além da publicação de *Frentes de Expansão e Estrutura Agrária*, cabe mencionar uma tradução de livro (*As Elites e A Sociedade* de T. B. Bottomore) (...), várias revisões técnicas (inclusive de dois manuais de Antropologia, os de Lucy Mair e Godfrey Lienhardt) e, sobretudo, a direção de duas coleções: 'Textos Básicos de Ciências Sociais' e 'Agricultura e Sociedade'." (O. Velho: 1992, p. 54). E ainda: "Desde o início da minha carreira, antes mesmo de me formar, desenvolvi uma série de trabalhos e iniciativas de caráter editorial. Dirigi a Coleção de Antropologia Social da Zahar Editores de 1974 a 1985 (...), continuando diretor na nova Editora Jorge Zahar até os dias de hoje. A partir de 1967 organizei os quatro volumes da Coleção de Sociologia da Arte, Coleção Textos Básicos de Ciências Sociais (...), daquela editora. Fui organizador ou co-organizador de outras coletâneas como *Desvio e Divergência* (...) e *O Desafio da Cidade* (...)." (G. Velho: 1992, p. 21-22). No total, existem dezesseis dissertações do Museu Nacional publicadas pela Zahar nas décadas de 70 e 80.

<sup>119</sup>Das quais quatro foram publicadas pela Zahar além da dissertação de mestrado (003-MN) do próprio autor.

<sup>120</sup>Duas turmas foram admitidas em 1969 no Museu Nacional. No primeiro semestre o grupo foi constituído pelas seguintes pessoas: Carmem Moura de Freitas (abandonou), Gisélia Potengy Grabois, Maria Consuelo

Social do Museu Nacional, defendendo seu mestrado<sup>121</sup> em 1971, orientando de Shelton Davis.

Gilberto Velho também se beneficiou da Bolsa de estudo oferecida pela Fundação Ford e seguiu para Austin nos EUA, onde já se encontrava sua esposa, Yvonne Maggie, cursando o doutorado. Ao voltar ao Brasil em 1973, Gilberto Velho transferiu-se do IFCS para o Museu Nacional transformando-se no principal responsável pela formação e sustentação da problemática sobre desvios sociais, marginalidade e camadas médias (G. Velho: 1992).

Nesse mesmo período, Gilberto Velho ingressou no doutorado na USP, orientado por Ruth Cardoso<sup>122</sup>, defendendo sua tese em 1975<sup>123</sup>. Em 1976 foi para os Estados Unidos onde permaneceu por um curto período como *visiting scholar* na *Northwestern University*, Evanston, Illinois, quando começou a trabalhar com Howard Becker. Nesse período, aprofundou os seus conhecimentos sobre camadas médias urbanas e comportamentos desviantes com ênfase na temática indivíduo e sociedade nas áreas urbanas, por influência de Becker e Goffman além de Evans-Pritchard e Mary Douglas. Outra temática sempre presente em suas preocupações intelectuais foram os estudos de família e parentesco que, como veremos mais adiante, foi uma linha de pesquisa significativa no Museu Nacional. Mais recentemente, Gilberto Velho também se diz

---

Gorresen, Maria Helena Beozzo Lima, Paul Silberstein (abandonou) e Margarida Maria Moura (filha da antropóloga Maria Júlia Pourchet) que mais tarde como professora da USP, levou para esta instituição muito da experiência acumulada pelo grupo da antropologia do campesinato do Museu Nacional, particularmente ao grupo ligado a Moacir Palmeira de quem foi orientanda). No segundo semestre foi a seguinte: Gilberto Velho, Luis Antônio Machado, Luiz de G. Mendes Chaves, Giralda Seyferth, Yvonne Maggie Alves Velho, João Pompeu Souza Brasil (abandonou), Luiz Maria Gatti (abandonou), Maria Stella Faria de Amorim (abandonou), Maria Francisca de Moura (abandonou) e Terezinha Helena de A. Cunha.

<sup>121</sup> **A Utopia Urbana: Um Estudo de Ideologia e Urbanização** (1971).

<sup>122</sup> E como os demais orientandos de Ruth Cardoso, possui o título de Doutor em Ciência Social na área de Ciência Política. Gilberto Velho foi o primeiro orientando de Ruth Cardoso a defender a sua tese. Ver capítulo sobre a USP mais adiante.

<sup>123</sup> **Nobres e Anjos: Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia** (D-001-USP).

interessado pelas relações entre Antropologia e História, influenciado pelos estudos de Le Goff e Georges Duby no que tem se convencendo chamar "Nova História"<sup>124</sup> (G. Velho: 1992).

Seis das quatorze pesquisas orientadas por Gilberto Velho estiveram ligadas à Projetos coordenados por este autor: "Estudos Comparativo de Camadas Médias: Visões de Mundo e Estilos-de-Vida"<sup>125</sup> e "Propaganda Imobiliária e Aspirações Residenciais das Camadas Médias Urbanas do Grande Rio". Um dos conceitos que mais apareceram nessas dissertações foi o conceito de ideologia que esteve, muitas vezes, associado ao conceito de representações sociais e que compreende as noções de **projeto e visões de mundo** utilizadas por Gilberto Velho<sup>126</sup>. Segundo um de seus orientandos:

*"...entendo representação no sentido que lhe dá Durkheim (1968, Introdução) como 'as formas de conhecimento do mundo cuja natureza e conteúdo são sociais e que supõem um sistema de classificações'(...)." (MN-085: p. 2)*

\*\*\*

Se dizemos hoje que Roberto Cardoso de Oliveira foi o criador do PPGAS/MN, Roberto Da Matta foi seu consolidador, coordenando o Programa no período 1970-1976. Dos três primeiros alunos do curso de especialização em 1960, talvez Da Matta tenha sido aquele que mais se projetou, popularizando a Antropologia fora da academia.

Antes da graduação, os planos de Roberto Da Matta não incluíam a Antropologia. O autor queria ser artista, pintor e mais tarde ingressar na Faculdade de Arquitetura.

---

<sup>124</sup>Em sua formação básica na graduação, Gilberto Velho esteve muito próximo aos autores como Marx e Engels, mas também manteve um interesse constante pela Sociologia da arte de George Lukács e Lucien Goldman (G. Velho: 1992).

<sup>125</sup>Este projeto foi referido com diferentes títulos pelos autores.

<sup>126</sup>Ver sobre a utilização dos conceitos de representação e ideologia pelas pesquisas em antropologia no Brasil: Cardoso & Durham: 1986, p. 17-37.

Acabou por fazer graduação em História na Universidade Federal Fluminense - na mesma época em que Alcida Rita Ramos cursava Geografia - e se formou juntamente com Roque de Barros Laraia.

Nessa época no Museu Nacional, o professor Castro Faria era o diretor da Divisão de Antropologia e segundo Da Matta *"orquestrava todos os campos da antropologia"*: na Arqueologia, Maria Conceição Beltrão; na Linguística, Matoso Gama e mais tarde Yonne Leite; na Antropologia Social, Roberto Cardoso de Oliveira, Heloisa Fenelom Costa<sup>127</sup> e Dalton Araújo<sup>128</sup>.

Além do trabalho no Museu da Quinta da Boa Vista, Castro Faria também lecionava<sup>129</sup> Antropologia na UFF. Foi através de suas aulas que Da Matta foi seduzido para a Antropologia e convidado por ele, tornou-se estagiário<sup>130</sup> do Museu Nacional em 1958 onde fez pesquisas junto a grupos indígenas brasileiros sob a supervisão de Roberto Cardoso de Oliveira.

Em uma de suas viagens de pesquisa ao campo, Roberto Cardoso de Oliveira deixou uma tarefa ao seu estagiário:

*"Ele queria que eu escrevesse... eu tinha que ler um artigo de Redfield sobre antropologia, como ciência natural e antropologia como humanidades. Essa clássica divisão, essa tensão no campo da antropologia, essa interdisciplinariedade que é... que tem aspectos positivos e aspectos negativos e que dentro da disciplina é muito grande..."* (Da Matta: depoimento).

---

<sup>127</sup>Que pesquisava os Carajá.

<sup>128</sup>Dalton Araújo estudava pescadores (depoimento de Roberto Da Matta no Projeto História da Antropologia no Brasil em 6 de agosto de 1991 na Unicamp.

<sup>129</sup>Em seu depoimento, Da Matta conta que Castro Faria, recém chegado de uma rápida estadia em Chicago, era o tipo de professor que gesticulava muito, gritava e subia na mesa, o que também é retratado por Otávio Velho (1992) em seu memorial: *"Até hoje não sei ao certo com que grau de convicção foi que Castro Faria, no seu jeito caracteristicamente enérgico (como se estivesse numa sala de aula), brandindo o cachimbo, declarou ao tribunal militar que aluno dele não tinha tempo para fazer subversão."* (p. 45).

<sup>130</sup>Com Bolsa do CNPq.

Através de David Maybury-Lewis esteve no ano letivo de 1963-1964 como *special student* em Cambridge quando aprendeu que "...para fazer antropologia tem que ter paixão pelo negócio, pela antropologia, a paixão pelo campo, a paixão pelo debate..." (Da Matta: depoimento). Em 1964 voltou ao Brasil para pesquisa entre os Apinayé.

Foi no seminário organizado em Harvard (1966) por Davy Maybury-Lewis<sup>131</sup> que Roberto Da Matta decidiu-se por fazer o doutorado naquela universidade, onde permaneceu no período de 1967 a 1970.

"...não sei o que é 68, eu não estava no Brasil, eu não sei o que é tropicalismo..." (Da Matta: depoimento).

Da Matta afirmou em seu depoimento, que a idéia de estudar o Brasil como totalidade, constituiu-se nesse momento em que a saudade<sup>132</sup> e os discos<sup>133</sup> enviados por amigos brasileiros lhe proporcionaram o distanciamento necessário à tarefa (Da Matta: depoimento).

---

<sup>131</sup>Em seu depoimento Da Matta conta que no início dos anos 60, David Maybury-Lewis tinha se transferido para Harvard em consequência, principalmente, de dois artigos que escreveu enaltecendo a Antropologia inglesa. Nessa época, Maybury-Lewis já mantinha contatos frequentes com o Museu Nacional através do "Projeto Harvard-Brasil Central". Maybury-Lewis convidou para participar do evento, Roberto Cardoso de Oliveira, Júlio César Melatti e Roberto Da Matta, além de Roque de Barros Laraia que já se encontrava em Harvard como *special student* (Da Matta: depoimento).

<sup>132</sup>**Sociologia da Saudade**, publicado com o título de **Antropologia da Saudade** em Da Matta (1993). Texto sugestivo que inspirou um sentimento de pertencimento a um outro autor: "O Machado (Luiz Antônio) ficou nervoso quando lhe disse que já haviam se passado trinta anos da nossa pesquisa em Alagoas. Era o dia 12 de abril de 1992 e estávamos num ônibus especial, indo para a reunião da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) em Belo Horizonte. Olhando para os companheiros em volta, a sensação agradável era de família. Até mesmo no sentido estrito. Gilberto, Bárbara, Luiz Eduardo, Yvonne, Machado, José Sérgio, Giralda e os demais me transmitiam a impressão, rara, de estar 'no meu lugar'. Toda a reunião acabou tendo esse sentido, que é, afinal, o que a palavra deveria dizer. O lançamento do livro em homenagem a RCO de que eu era um dos colaboradores; a comovente conferência do Matta sobre a 'Sociologia da Saudade'; o Roque, presidindo e deixando a presidência da ABA. Dias depois o Matta me telefonaria falando dum sentimento de reconciliação e desejo de volta. Para mim foi uma concentração ritual de emoções; num momento em que a redação deste memorial me deixava particularmente vulnerável." (O. Velho: 1992, p. 34).

<sup>133</sup>Da Matta (depoimento) cita como exemplo o disco "Noite dos Mascarados" interpretado por Gilberto Gil e Nara Leão que o inspirou.

Em 1970, Roberto Da Matta retornou ao Brasil e assumiu a coordenação do PPGAS/Museu Nacional como substituto de Roberto Cardoso de Oliveira que encontrava-se nos Estados Unidos. Em 1971 defendeu seu doutorado<sup>134</sup> sob a orientação de David Maybury-Lewis.

No final da década de 70 iniciou-se o processo de abertura política no país e a anistia trouxe de volta os brasileiros que por imposição ou escolha, estiveram vivendo no exterior. Darcy Ribeiro, figura carismática e que pertenceu ao governo deposto pelos militares em 1964, foi um desses exilados. Travou-se entre Darcy Ribeiro e Roberto Da Matta, então, uma discussão etnológica que estava "no ar" naquele momento.

Logo após a sua chegada ao país, Darcy Ribeiro era requisitado constantemente pela imprensa e numa dessas entrevistas ao jornalista Edilson Martins na revista **Encontros com a Civilização Brasileira**<sup>135</sup>, fez declarações críticas e desqualificadoras às pesquisas dos etnólogos brasileiros. A controvérsia ganhou a imprensa<sup>136</sup> e o debate aconteceu em torno dos estudos das sociedades indígenas no Brasil que pareciam ignorar, segundo o autor, o contexto sócio-político desfavorável as mesmas.

Discorrendo sobre a formação cultural do povo brasileiro e a opressão sofrida por negros e índios nessa história, Darcy Ribeiro afirmou que o papel assumido pelos antropólogos foi insatisfatório e, na maioria das vezes, utilitarista em relação aos índios.

Isto porque, a versão de Darcy Ribeiro sobre a história da Antropologia no Brasil, afirma que o primeiro de nossos antropólogos, Hermann von Ihering<sup>137</sup>, chegou no final do século passado com os imigrantes alemães no sul do país. Mais tarde, Ihering se tornou

---

<sup>134</sup>Um Mundo Dividido. A Estrutura Social dos Índios Apinayé, mais tarde publicada pela Vozes (Da Matta: 1976).

<sup>135</sup>Número 12, 1979.

<sup>136</sup>Principalmente através da revista **Encontros com a Civilização Brasileira** (nº 15, setembro de 1979), mas também com uma entrevista de Darcy Ribeiro ao Jornal do Brasil e uma reportagem de capa da revista VEJA com o título "Guerra dos Tuxauas" (Da Matta: depoimento).

<sup>137</sup>Sobre a atuação de von Ihering no Museu Paulista ver Schwarcz (1989).

diretor do Museu Paulista e foi o responsável, segundo Ribeiro, pela introdução no Brasil de uma Antropologia que foi moldada no contexto do colonialismo e do racismo europeu. Frente às constantes disputas pela terra entre os índios Xokleng e os imigrantes alemães em Santa Catarina, von Ihering intimou publicamente o governo brasileiro, através da imprensa, a acabar de vez com o conflito entre índios e brancos em nome da "civilização". Ainda segundo Ribeiro, foi em função desse acontecimento, que em 1910 foi criado o Serviço de Proteção aos Índios, o antigo SPI. Esta Antropologia para o autor fez desenvolver mais tarde uma etnologia *"...interessada em tudo que é tema aleatório..."* (Ribeiro: 1979, p. 94).

Para Darcy Ribeiro, a outra vertente da Antropologia brasileira, que se desenvolveu no país, deve ser remetida às pesquisas desenvolvida por ele próprio, por Eduardo Galvão e por Curt Nimuendaju. Esta Antropologia, ao contrário da anterior, estaria mais, segundo ele, interessada nos destinos das populações indígenas no Brasil. Referindo-se diretamente ao Museu Nacional, o autor afirmou que a instituição carioca:

*"...recebeu há 30 anos todo o acervo da obra dele [Nimuendaju], com o compromisso de publicar e nunca publicou um só volume. O pessoal do Museu Nacional edita uma porção de bobagens deles, mas nunca publicou a obra de Kurt Nimuendaju."* (Ribeiro: 1979, p. 93).

Implícita nas declarações do autor, estava a crítica contra a etnologia produzida nas universidades brasileiras:

*"Em lugar de ir como o Nimuendaju a uma tribo, tentando entendê-la, ver o mundo com os olhos dos índios, dominar a compreensão do mundo deles e dar deles uma imagem, o que fazem é um trabalho de ilustração de teses estrangeiras, de qualquer Lévi-Strauss, de qualquer teórico boboca, francês ou norte-americano. Ilustram essas teses com exemplificações locais. (...).*

*Disso tudo resulta, que grande parte das ciências sociais, e particularmente da antropologia brasileira, é o que eu chamo de **cavalo-de-santo**. Porque são caras, por cuja boca, estão falando Levy-Strauss, ou qualquer inglês que esteja na moda."* (Ribeiro: 1979, p. 93-94).

Para Darcy Ribeiro, a Antropologia acadêmica não poderia substituir a atitude daqueles que como os indigenistas - por exemplo Claudio e Orlando Villas Boas que são enaltecidos na entrevista - lutavam pela preservação das sociedades tribais:

*"...não há uma antropologia que por ser antropologia possa substituir aquela atitude indigenista. Temos antropólogo que é inimigo do índio, temos antropólogo que é indiferente ao índio, ou antropólogo, o que é muito frequente, que está interessado em apreender do índio. Ele vai lá, tira do índio o que é necessário para fazer suas tesezinhas doutorais, para fazer sua carreirinha universitária, mas não quer saber do índio, senão para manipulá-lo em favor próprio. (...).*

*O objetivismo cientificista é tão burro para com o índio, é como se alguém decidisse estudar em 1945, a forma da família alemã e a moral alemã em Berlim. Em Berlim, 1945, debaixo das bombas, destruída dia e noite, não havia condição nenhuma de se estudar a forma nem a moral da família alemã. Debaixo daqueles bombardeios não havia instituição social, ou nenhuma moral, que se pudesse manter."<sup>138</sup> (Ribeiro: 1979, p. 94-95).*

Em seu depoimento Da Matta relata que ao ler a citada entrevista de Darcy Ribeiro, por ser seu amigo pessoal e por sentir-se diretamente atingido, escreveu uma carta-resposta remetendo-a através da mesma publicação<sup>139</sup>. A resposta de Da Matta parecia falar em seu nome e no de sua instituição de origem:

*"Olha, meu Maíra-Darcy, o pessoal do Museu Nacional não quer compaixão ou medalhas de louvor nem de você nem de ninguém, mas temos o direito de exigir o reconhecimento do nosso trabalho, assim como você teve do seu. E mais: temos o direito de exigir um lugar nesta sociedade para a qual temos*

---

<sup>138</sup>Mais tarde, em suas memórias, falando sobre o episódio, o autor reafirmou as suas concepções sobre a Antropologia no Brasil *"...incapaz de compreender com profundidade os povos que estudava. E, o que é pior, a tendência em que caíram muitos antropólogos de se converterem, como ocorre com tantos sociólogos, no que passei a chamar 'cavalos de santo'. Ou seja, pessoas por cuja boca falam sumidades metropolitanas que os deixam boquiabertos de admiração, tal como Exu e outras potestades dos cultos afro-brasileiros falam pela boca de seus 'cavalos' quando estes entram em possessão."*

*"Exemplifiquei certa vez - para desgosto de colegas meus, enfermos de consciência culposa - que estudar etnografias indígenas indiferente às condições de existência dos Índios que se observa, seria a mesma coisa que estudar a estrutura da família alemã debaixo dos bombardeios de Berlim durante a guerra." (Ribeiro: 1990, p. 43).*

<sup>139</sup>Ainda segundo Da Matta (depoimento), o editor da revista entregou a carta a Darcy Ribeiro para que ele pudesse publicar a resposta na mesma edição onde seria publicada a carta do antropólogo do Museu Nacional.

*trabalhado e transformado, mas onde só fica famoso quem grita e confunde populismo com verdade. Se você é tão generoso com os índios, porque não pode ser um pouco mais aberto e tolerante com seus colegas do Museu Nacional? Ou você não nos considera seus colegas? Ou será que você não tem colegas?"* (Da Matta: 1979, p. 85).

O propósito de Roberto Da Matta<sup>140</sup> em sua carta, foi o de demonstrar que estavam implícitas nessa problemática concepções diferenciadas da Antropologia no Brasil:

*"A sua visão do que seja o trabalho antropológico é errada. Você confunde Antropologia com 'objetivismo científico', um ideal da antropologia cultural norte-americana, a mais reacionária dos anos 50, infelizmente a única que você conhece."* (Da Matta: 1979, p. 87)

Das sociedades tribais, Da Matta seguiu numa direção onde existiam poucos trabalhos antropológicos: pensar o Brasil como um todo<sup>141</sup>, tentada também por Darcy

---

<sup>140</sup>Os objetivos da resposta de Roberto Da Matta a Darcy Ribeiro foram os seguintes: *"Minha intenção ao responder a Darcy Ribeiro era tripla: revelar a possibilidade de exercer concretamente a liberdade individual, rompendo com o velho esquema autoritário e hierárquico vigente no mundo intelectual brasileiro, segundo o qual ninguém deveria responder a uma 'figura' como um Darcy Ribeiro - 'pessoa' que pelo seu passado de lutas, era uma lenda viva, que no fundo era um bom sujeito, que o momento não era de debater com tais personalidades, e outras bobagens do gênero... Depois mostrar que o mundo social poderia ser efetivamente igualitário, com várias antropologias e estilos de trabalho em curso paralelo: a opção por um estilo de antropologia não ilegítimava ou extinguiu o outro e vice-versa. Finalmente, queria revelar que podia praticar uma antropologia voltada para problemas teóricos. Uma antropologia que pudesse bloquear o uso de um indigenismo de caráter evolucionista e 'vitoriano' como um estigma contra certas correntes teóricas e como uma camisa de força a impedir certas experiências. Se o 'indigenismo' era um legado precioso, ele não deveria se transformar em demagogia fácil, que falava muito em defender os 'índios', mas pouco fazia para conhecê-los e respeitá-los. Em suma, estava me posicionando contra a autoridade de um célebre patrão da disciplina. Mas - eis que publicada minha resposta - verifiquei imediatamente que estava sozinho e que meu ponto de partida acadêmico, contaminava-se politicamente."* (Da Matta: 1992, p. 72-73). A "solidão" a que se refere Da Matta foi a declaração oficial do PPGAS/Museu Nacional de que não se posicionaria na controvérsia dos dois antropólogos (Da Matta: depoimento).

<sup>141</sup>Ver, por exemplo, **Camavais, Malandros e Heróis (1990), A Casa e a Rua (1985)** etc.

Ribeiro<sup>142</sup>. Esta tendência mais generalizante em Roberto Da Matta, possui uma singularidade se comparada com os estudos sociológicos. É uma tentativa de compreensão do país, não através de uma visão politizada, isto é, de um projeto político para o Brasil; porém, uma tentativa de compreensão da nossa realidade através de sua cultura, do "ethos" de seu povo, de alguns aspectos que para o autor singularizam o nosso modo de vida como, por exemplo, o futebol, o carnaval etc.

Da Matta também foi um dos poucos autores entre nós a pensar e teorizar sobre a Antropologia como tradição<sup>143</sup> em seu livro **Relativizando: Uma Introdução A Antropologia Social** (1978).

O autor foi também orientador na temática de antropologia do campesinato no Museu Nacional, onde todas as dissertações foram defendidas na década de 70. Três das cinco dissertações foram concluídas no período em que estava na coordenação do Programa, e as duas restantes logo após deixar o cargo de direção. Duas destas pesquisas falam de comunidades propondo-se a entendê-las como unidades "fechadas"<sup>144</sup>. Foram classificadas como antropologia do campesinato porque se utilizaram de uma bibliografia e de conceitos desenvolvidos pela temática na época. No entanto, também foram citados autores como Victor Turner e Marshall Sahlins e conceitos como organização social, festas, parentesco etc.

Existe uma preocupação visível por parte deste conjunto de pesquisas em relação ao trabalho de campo e do seu desenvolvimento, especialmente do papel do antropólogo neste contexto e de uma possível inversão de papéis:

*"...um bando de mulheres e crianças se postaram diante da casa em que entrávamos. Da porta e das janelas, debruçadas e em silêncio,*

---

<sup>142</sup>Em **Os Brasileiros: Teoria do Brasil** (1981).

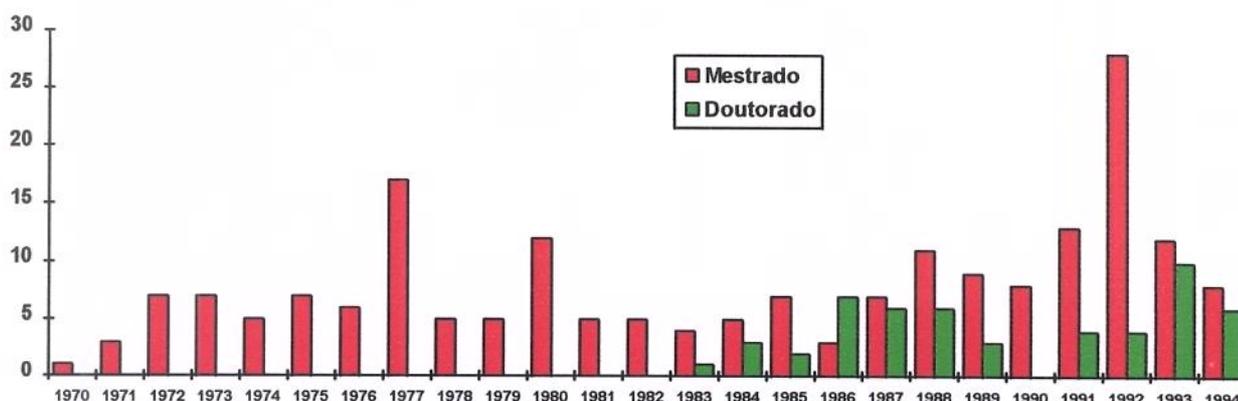
<sup>143</sup>Outros autores brasileiros que trabalharam nesta perspectiva foram Roberto Cardoso de Oliveira (1986) e Celso Azzan Jr. (1992). Eu própria também discuti a questão em Rubim: 1994.

<sup>144</sup>Uma delas explicitamente reconhece ser um estudo de comunidade na linha das pesquisas feitas entre os anos 40 e 50 no Brasil.

*acompanhavam por horas a fio as arrumações e desempacotamentos numa atitude de conhecimento que era ao mesmo tempo de controle do inusitado. Nos dias subsequentes o mesmo controle se averigou. Para trocarmos de roupa ou tomarmos banho, precisamos com delicadeza pedir que as pessoas que nos observavam da porta do quarto saíssem um pouquinho." (042-MN: p. 6)*

## 5- Os Números:

Até o ano de 1994, o Museu Nacional produziu duzentas dissertações de mestrado e cinquenta e uma teses de doutorado totalizando duzentas e cinquenta e uma pesquisas em Antropologia Social. O gráfico a seguir mostra a distribuição das dissertações e teses ao longo dos anos:

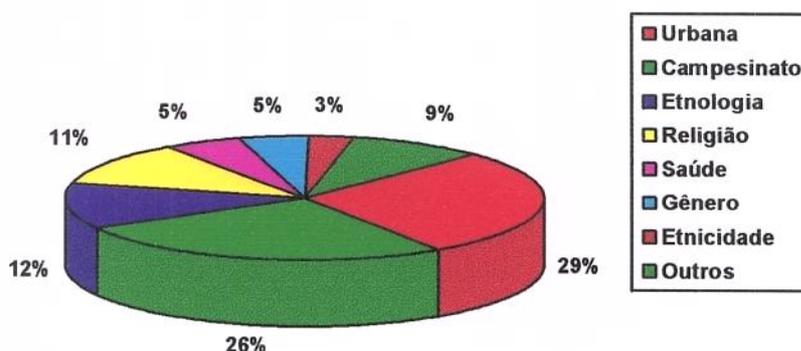


É, sem dúvida alguma, a instituição brasileira onde mais se tem produzido dissertações e teses em Antropologia Social, mesmo porque foi o primeiro PPGAS a ser criado no campo da Antropologia e, portanto, o único a ter uma produção considerável, quando comparado aos demais, na primeira metade dos anos 70 (ver tabela 29). Há uma certa estabilidade na quantidade de pesquisas produzidas, o mesmo acontecendo com as teses de doutorado. Na década de 70, o ano de 77 (17<sup>145</sup>) foi o período em que houve mais conclusões.

<sup>145</sup>Os números entre parênteses dizem respeito à quantidade de dissertações do mestrado nas décadas de 70 e 80. Será explicitado quando tratarmos do doutorado ou da década de 90.

Na década de 80, a produção foi maior no início<sup>146</sup> e no final<sup>147</sup>, havendo uma certa desaceleração entre 1981 e 1987<sup>148</sup> contudo sem se afastar muito de uma determinada média de cinco defesas no mestrado por ano<sup>149</sup>. Nos anos 90, seguindo uma tendência nacional, a média aumenta, sendo que este número cresce explosivamente no ano de 1992 para vinte e oito defesas de mestrado. O que também demonstra um esforço nacional por parte das instituições na aceleração das conclusões, principalmente, no que diz respeito ao mestrado, quando alunos considerados como desistentes (abandono) de antigas turmas<sup>150</sup> conseguiram completar os seus cursos.

As temáticas desenvolvidas nas décadas de 70 e 80 foram:



Em relação ao tempo gasto para integralização no mestrado, temos a seguinte tabela que demonstra a concentração no período de cinco/seis anos.

<sup>146</sup>O ano de 1980 com doze dissertações.

<sup>147</sup>Com onze e nove dissertações respectivamente para os anos de 1988 e 1989.

<sup>148</sup>O ano de 1986 foi o que teve menor produtividade com apenas três defesas.

<sup>149</sup>Esta tendência também pode ser observada na USP.

<sup>150</sup>Houve algumas defesas de mestrado de alunos de turmas bem antigas como a de 1975, 1976, 1977 (3), 1978, 1979 (2), 1980 (6) e aí por diante.

1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos
0,76%	6,10%	11,45%	26,71%	34,35%	12,97%	3,81%	2,29%	1,51%

A tendência de um tempo maior na década de 80 acompanhou a curva nacional que na década de 90, por força das pressões das agências de fomento e de uma nova concepção de mestrado, vem diminuindo cada vez mais.

Para o doutorado o tempo de integralização até 1994 foi de:

4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ de 11 anos
3,77%	13,20%	37,73%	15,09%	11,32%	3,77%	5,66%	7,54%

Quanto aos locais de pesquisa das dissertações nas duas décadas estudadas, podemos dizer que fora o estado do Rio de Janeiro - o que demonstra a força da antropologia urbana no Museu Nacional - o nordeste é a área onde se concentrou o maior número de pesquisas, principalmente o Estado de Pernambuco e Maranhão, confirmando também a predominância da antropologia do campesinato neste conjunto de pesquisas (ver tabela 50).

Quando se trata somente do mestrado nas décadas de 70 e 80 podemos dizer que Gilberto Velho (24) foi quem mais orientou seguido de Roberto Da Matta (22). Os demais orientadores foram Moacir Palmeira (11), Otávio Velho (10), Francisca Isabel Vieira Keller (8), Eduardo Viveiros de Castro (7), Luiz de Castro Faria (6), Lygia Sigaud (5), Roberto Cardoso de Oliveira (5), Neuma Aguiar (4), Anthony Seeger (4), José Sérgio Leite Lopes (4), Luiz Fernando Dias Duarte (4), Giralda Seyferth (3), Afrânio Garcia Jr. (2), João Pacheco de Oliveira Filho (2), Leôncio Martins Rodrigues (1), Peter Fry (1), Roger Boyd Walker (1), David Maybury-Lewis (1), Manoel Tosta Berlink (1), Rubem Cesar Fernandes

(1), Júlio Cesar Melatti (1), Shelton Davis (1) e a coorientação de Seeger/Viveiros de Castro (2).

Na composição das bancas novamente vamos encontrar Roberto Da Matta (50) e Gilberto Velho (48) entre os que mais participaram nos anos 70 e 80 ao lado de Otávio Velho (27), Francisca Isabel Vieira Keller (26), Luiz de Castro Faria (21), Moacir Palmeira (18), Luiz Fernando Dias Duarte (16), Eduardo Viveiros de Castro (16), Peter Fry (14), Giralda Seyferth (14), Anthony Seeger (14) e Roberto Cardoso de Oliveira (12).

Os convidados que mais participaram<sup>151</sup> foram Yvonne Maggie (4), Luis Antônio Machado (4), Maria Manuela Carneiro da Cunha (3) e Heloisa Buarque de Hollanda (3).

De um modo geral no mestrado as subtemáticas mais desenvolvidas foram, em primeiro lugar, o tema trabalho (15) seguido dos estudos afro-brasileiros (5), educação (5), organização social (5) e camadas médias (4). Os grupos escolhidos para o trabalho de campo foram camponeses (8), moradores de favelas (8), pequenos produtores (6) e pescadores (4).

Os financiamentos foram: CAPES (52), CNPq (49), Fundação Ford (40), FINEP (25)<sup>152</sup>, ANPOCS (16) e outras agências como a FUNARTE, IBGE e o CEMPLA por exemplo.

As palavras-chave mais recorrentes foram ideologia (49), representações (37), identidade social (33), estrutura (24), campesinato (16), cultura (16), ethos (15), organização social (15), camadas médias (13), parentesco (12), sistema simbólico (11) e *plantation* (10).

Quanto às orientações no mestrado na década de 90, temos os seguintes orientadores: João Pacheco de Oliveira (14), Gilberto Velho (10), Rubem Cesar Fernandes (8), Luiz Fernando Dias Duarte (7), José Sérgio Leite Lopes (5), Otávio Velho (5), Giralda Seyferth (4), Moacir Palmeira (4), Eduardo Viveiros de Castro (4), Roberto Da Matta (3),

---

<sup>151</sup>Sem contar Roberto Cardoso de Oliveira, em Brasília desde 1972.

<sup>152</sup>Através de vários outros órgãos.

Lygia Sigaud (2), Afrânio Garcia (1), Luiz de Castro Faria (1) e Afrânio Garcia/Luiz de Castro Faria (1).

### 5.1. Antropologia Urbana:

A antropologia urbana (37) é a linha de pesquisa que mais produção tem tido no Museu Nacional durante a sua história, uma tendência que não vem diminuindo nas décadas de 80 e 90. Praticamente todo o corpo docente do Museu Nacional tem orientado pesquisas nesta área, além do grande interesse de Gilberto Velho (14), figura central da antropologia urbana não somente no Museu Nacional mas também no Brasil através de seus alunos que se tornaram professores nos mais diferentes pontos do país. O autor foi e ainda é responsável pela formação de uma geração de antropólogos no Brasil e pela introdução de problemáticas como desvio social, marginalidade e camadas médias. Talvez seja, ao lado da etnologia, a temática mais propriamente antropológica no Museu Nacional pela sua supervalorização dos aspectos microscópicos da realidade social urbana e pela "marginalidade"<sup>153</sup> dos grupos estudados em relação à sociedade mais ampla.

Professores mais ligados a outras áreas - como, por exemplo, Otávio Velho (4)<sup>154</sup>, Francisca Isabel Vieira Keller (4), Roberto Da Matta (3), Giralda Seyferth (2), Castro Faria (2), Viveiros de Castro (1) e José Sérgio Leite Lopes (1) - também somaram esforços para a grande produtividade da temática no Rio de Janeiro. Além destes professores citados, podemos completar o quadro dos orientadores na temática de antropologia urbana no Museu Nacional da seguinte forma: Neuma Aguiar (2), Roberto Cardoso de Oliveira (1), Shelton Davis (1), Leôncio Martins Rodrigues (1) e Roger Walker (1).

---

<sup>153</sup>No sentido de desvio social: homossexualismo, *punks* etc.

<sup>154</sup>As quatro dissertações orientadas em antropologia urbana por Otávio Velho estariam mais de acordo com as pesquisas feitas no espaço urbano em São Paulo. Pesquisas orientadas principalmente por Eunice Durham e Ruth Cardoso e que enfatizaram os aspectos políticos dos movimentos sociais urbanos. A preocupação dos autores esteve ao lado daquilo que podemos entender como a reprodução da força de trabalho através dos trabalhadores autônomos, operários moradores em favelas ou dos movimentos sociais urbanos nos locais de moradia e nos sindicatos. Somente uma destas pesquisas foi publicada e pela editora Zahar.

Gilberto Velho participou em vinte e seis destas bancas, Da Matta em treze, Francisca Keller em sete, Giralda Seyferth e Otávio Velho em seis, Luiz Fernando Dias Duarte em cinco, José Sérgio Leite Lopes e Peter Fry em quatro delas, Eduardo Viveiros de Castro, Anthony Seeger e Neuma Aguiar em três, Ruben Cesar Fernandes, Luiz de Castro Faria e Yonne Leite em duas e Jorge Graciarema, Afrânio Garcia Jr., Roger Walker, Shelton Davis, Roberto Cardoso de Oliveira e Moacir Palmeira em uma banca cada um. Os convidados de outras instituições foram Yvonne Maggie, Luis Pereira, Eunice Durham, José Murilo de Carvalho, Luis Werneck Vianna, Tania Dauster, Antonio Gomes Penna, Luis Antonio Machado, Ruth Cardoso, com uma participação cada um, Heloisa Buarque de Holanda e Myriam Moraes Lins com duas participações. O que demonstra o diálogo existente da antropologia urbana no Museu Nacional com os outros campos das Ciências Sociais e Humanas, o que também pode ser verificado quando tratamos das palavras-chave e subtemáticas desenvolvidas.

As subtemáticas desenvolvidas foram em diferentes áreas como astrologia, militares, música, produção cultural, tribos urbanas, escola de samba, futebol, política parlamentar, propaganda e ecologia, contudo concentraram-se nas áreas da marginalidade<sup>155</sup>, trabalho (3), movimentos sociais urbanos<sup>156</sup> e classes médias (5) o que vem confirmar a influência de Gilberto Velho nesta área e o seu interesse pelo tema.

A grande maioria (28) destes trabalhos não citaram explicitamente o referencial teórico empregado. Entre os referenciais citados, somente a análise estrutural (2) foi recorrente.

Os financiamentos recebidos pelas agências de fomento vieram da CAPES (17), da Fundação Ford (11), do CNPq (10) e da FINEP através do PPGAS/MN (2), da Fundação Ford (2), da FUB/UFRJ (1) e da própria FINEP (3). Outras agências financiadoras:

---

<sup>155</sup>Favelas (8), meninos de rua (1).

<sup>156</sup>No sentido de marginalidade política: movimentos sociais (3), política sindical (1), habitação popular (1), urbanização de favelas (1), operários (1) e política de remoção de favelas (1).

ANPOCS, "Universidades Federais", Fundação Oliveira Vianna, CNDA/FUNARTE, Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais etc, além de seis pesquisas que não referiram os financiamentos recebidos.

A maioria destas pesquisas foram feitas no Estado do Rio de Janeiro (32) em favelas, bairros de classe média, zona sul e zona norte e outros municípios do Grande Rio como Niterói e Resende. Fortaleza/CE, Juiz de Fora/MG, Salvador/BA, Recife/PE e Brasília/DF estão entre as demais cidades brasileiras que compõem a distribuição da localização das pesquisas em antropologia urbana no Museu Nacional.

Entre as técnicas de pesquisa de campo mais empregadas estão as entrevistas (26) e a observação participante (25) além dos questionários, diários de campo, histórias de vidas, levantamentos estatísticos fotografias e testes psicológicos.

As palavras-chave encontradas com mais frequência nestas pesquisas foram: ideologia (18), representações (13), identidade social (9), *ethos* (8), classes médias (5), visões de mundo (5) e organização social (5).

Em onze destas dissertações seus autores não referiram explicitamente o tempo gasto na pesquisa empírica e em uma delas existiu o reconhecimento por parte de seu autor de não ter feito pesquisa de campo. Somente uma das dissertações explicitou que o tempo passado em campo foi de treze meses consecutivos (027-MN), sendo que em oito dissertações o tempo foi intermitente. Nas demais pesquisas o tempo esteve distribuído da seguinte forma:

1 mes	1
2 ½ meses	1
4 meses	1
5 meses	3
6 meses	1
7 meses	1
8 meses (intermitentes)	1

9 meses	1
10 meses	1
1 ano (+/-)	5 <sup>157</sup>
1 ½ anos (+/-)	2
2 anos	5 <sup>158</sup>
3 anos (intermitentes)	2
não refere	12

Em vinte e quatro destas dissertações não se aplicou a classificação de moradia no local por serem estes locais escolas de samba, sindicatos, bailes e festas, isto é, espaços da mesma cidade em que o pesquisador estava vivendo, além de que em alguns casos, não se aplicou a classificação<sup>159</sup>.

Quanto à bibliografia utilizada, os autores estrangeiros mais citados foram: Lévi-Strauss (19), Erving Goffman (19), Clifford Geertz (16), Pierre Bourdieu (15), Edmund Leach (15), Durkheim (13), Marcel Mauss (13), Howard Becker (12), Louis Dumont (11), Peter Berger (11), Victor Turner (11), George Simmel (11), Mary Douglas (10) e Michael Foucault (9). Entre os autores nacionais, os mais citados foram: Gilberto Velho (22), Roberto Da Matta (21) e Anthony Leeds (10).

## 5.2. Antropologia do Campesinato:

*"De uma maneira geral, trata-se do encontro de uma literatura antropológica com uma de origem política. Até então, a noção de camponês, embora já comum nessa última, pouco comparecia na Antropologia brasileira; embora fosse clássica na Antropologia de origem norte-americana que estudava o México e a América Central. Hoje pode parecer insólito, mas o aparecimento de uma disciplina de **Sociedades Camponesas** (até hoje um dos nossos*

<sup>157</sup>Duas delas com os seus tempos intermitentes.

<sup>158</sup>Sendo três delas com os seus tempos intermitentes.

<sup>159</sup>Festas, sindicatos etc.

*carros-chefe!) no recém-criado PPGAS não deixou de ser polêmico, soando para alguns como uma importação indevida. O que não deixava de ter analogia com a discussão política sobre a existência ou não do camponês entre nós." (O. Velho: 1992, p. 11).*

Apesar de não ser a área mais "produtiva", numericamente falando, a antropologia do campesinato tem sido um dos campos de pesquisa mais significativos no Museu Nacional. Foi através desta temática, e de um projeto ligado ao mundo rural brasileiro, que Roberto Cardoso de Oliveira conseguiu o financiamento inicial da Fundação Ford para o Programa no final dos anos 60. Foi através da antropologia do campesinato também, que segundo Otávio Velho (1992), a Antropologia no Brasil deslocou o seu interesse de investigação, passando dos estudos tradicionalmente indígenas, para as populações rurais.

*"Decisivo foi inicialmente o contato com RCO, um seminário sobre organização social e parentesco ministrado por Roque Laraia (e de que participamos um núcleo de recém-formados que depois estariam juntos no mestrado) e leituras vorazes introdutórias à moderna Antropologia, ao estruturalismo e aos debates da época onde avultava a oposição entre Antropologia Social e Antropologia Cultural que legitimava a presença dos 'sociólogos'." (O. Velho: 1992, p. 13).*

Foi uma área composta basicamente por quatro professores orientadores: Moacir Palmeira, Otávio Velho, Roberto Da Matta e Lygia Sigaud. Palmeira e Da Matta concentraram a sua dedicação<sup>160</sup> ao PPGAS na década de 70 e Velho e Sigaud na virada dos 70 para os 80. Apesar de sua grande produção, houve uma "desaceleração" nos anos 80 e 90 dos estudos sobre o mundo rural no Brasil. Também foi uma temática que valorizou o trabalho de campo em equipe, se preocupando com questões que foram centrais no pensamento social brasileiro em determinadas épocas, mais especificamente, a problemática do capitalismo x feudalismo, do campesinato x pequenos produtores, por exemplo, e onde podemos verificar a forte influência do pensamento marxista e da esquerda no Brasil dos anos 60 e 70.

---

<sup>160</sup>Período em que seus orientandos defenderam suas dissertações.

O contexto sócio-político naquela época, o golpe militar e a intervenção da esquerda neste processo são de fundamental importância na compreensão desse campo. Frente à necessidade de dar respostas e procurar caminhos de resistência ao autoritarismo vigente, era preciso que se formulasse um quadro-teórico que orientasse as lutas concretas contra a ditadura, compreendendo quem éramos nós e qual a nossa realidade para que se pudesse então, justificar determinadas intervenções na conjuntura nacional.

*"A atualidade e os frutos dessa orientação são inegáveis. Sobretudo na passagem, contemporânea, da Antropologia para uma atenção maior às temáticas da sociedade brasileira, permitindo uma visão, crítica, dos conflitos, das diferenciações e dos fenômenos que têm seus loci num plano microsocial que as orientações alternativas não podiam dar conta. E mobilizando e canalizando - o meu caso parece ilustrativo - toda uma geração. A Antropologia brasileira foi profundamente marcada por esse movimento." (O. Velho: 1992, p. 62).*

Foi nesse contexto que se criaram as condições para o desenvolvimento de uma antropologia dos trabalhadores rurais que concentrou as suas pesquisas no Nordeste brasileiro: espaço privilegiado pela presença de grande maioria dos movimentos sociais rurais, de resistência e organização.

Isto é, a observação participante antropológica nesse contexto, não deixou de ter um caráter militante, de participação e intervenção na realidade social vivenciada também pelo pesquisador<sup>161</sup> nesse processo.

*"...nossas intenções eram avaliadas menos por aquilo que dizíamos e muito mais pelas nossas atitudes, pelo fato de cumprirmos com os compromissos que assumíamos, comparecendo nos dias e horas marcadas com os informantes, tomando café na casa dos trabalhadores e comendo das suas refeições." (048-MN: p. 6)*

Foram no total trinta e quatro pesquisas orientadas por Moacir Palmeira (10), Otávio Velho (6), Roberto Da Matta (5), Lygia Sigaud (4), Afrânio Garcia Jr. (2), Francisca Isabel

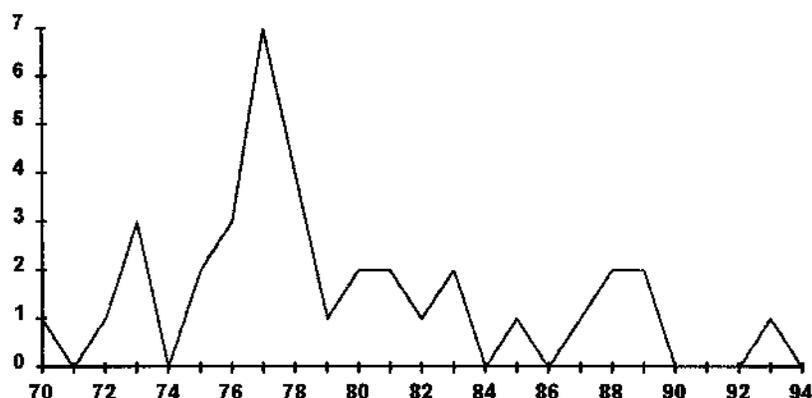
---

<sup>161</sup>É significativo que uma das três palavras-chave mais utilizadas pelas dissertações tenha sido o conceito de ideologia.

Vieira Keller (2), Luiz de Castro Faria (1), David Maybury-Lewis (1), Luiz Fernando Dias Duarte (1), Neuma Aguiar (1) e Roberto Cardoso de Oliveira (1).

Um ponto interessante nas composições das bancas foi a sua "internalidade". Somente Bernardo Sorj, Sheppard Forman, Aspásia Alcântara Camargo e José Roberto Pereira Novaes, com somente uma participação cada, foram convidados de outras instituições. Os demais - Beatriz Heredia, Luis Antônio Machado, Anthony Seeger, Maria Rosilene Barbosa Alvin e Roberto Cardoso de Oliveira - estiveram ligados de alguma forma ao Museu Nacional, como alunos ou professores convidados. Novamente foram Otávio Velho e Moacir Palmeira os que mais participaram em bancas, dezesseis vezes cada um, acompanhados de Roberto Da Matta (12), Lygia Sigaud (10), Francisca Isabel Vieira Keller (7) e Luiz de Castro Faria (7).

Os estudos sobre o campesinato foram objeto da maioria das pesquisas na década de 70, contando com vinte e duas das dissertações num total de sessenta e três; nos anos 80, foram quatorze pesquisas num conjunto de sessenta e oito dissertações. Algumas turmas contaram com vários de seus integrantes pesquisando na temática da antropologia do campesinato como as turmas de 70 (4), 73 (4), 75 (3) e 78 (3). Isto demonstra, inclusive, uma tendência no Museu Nacional na diminuição de pesquisas desenvolvidas sobre o tema.



Quanto aos locais de trabalho dos alunos, trinta deles tem privilegiado o Rio de Janeiro e praticamente todos trabalham como docentes nas seguintes instituições: Museu

Nacional/UFRJ (5), UFF (4), IFCS/UFRJ (2), UERJ (2), FEA/UFRJ (1), IUPERJ (1), UFRRJ (1), USP (1), UFCE (1), UNB/DF (2), Faculdade Cândido Mendes/RJ (1). Entre aqueles que não se tornaram docentes, um é psicanalista, dois trabalham no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, um na Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional/FASE, um na FINEP, um no CPDOC/FGV/RJ, um na Organização Não Governamental-ONG/Greenpeace, um no ISER, um na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos-EBCT/RJ, sendo que cinco deles estão com seus doutorados ativos no Museu Nacional (4) e Paris (1).

A subtemática trabalho foi a mais desenvolvida estando presente em doze destas pesquisas o que justifica a classificação de seus trabalhos por alguns autores como pesquisas de antropologia do trabalho como, por exemplo, José Sérgio Leite Lopes (026-MN). As outras subtemáticas desenvolvidas foram na área de barragens (2), organização social (2), comunidades (3), colonização (2), produção (3) e frentes de expansão (2).

Os grupos trabalhados pelas pesquisas foram os camponeses (8), pequenos produtores (6), pescadores (5) além de migrantes, colonos, caboclos e negros.

Vinte e cinco destas pesquisas não referem explicitamente o referencial teórico empregado. Uma se diz explicitamente marxista, outras duas estruturalistas, duas seguiram a linha da etnociência e uma outra o "sistema de patronagem"<sup>162</sup>.

Entre as técnicas de pesquisa mais usadas podemos citar as entrevistas (30), a observação participante (32), os questionários, os levantamentos estatísticos e os *surveys*.

Os autores estrangeiros mais citados foram: Pierre Bourdieu (27) e Eric Wolf (21) seguidos por Chayanov (16), Jerzy Tepich (14), Lévi-Strauss (13), Sidney Mintz (13), Boguslaw Galeski (12), Maurice Godelier (11), Karl Polany (11) e Theodor Shanin (11). Os autores nacionais: Moacir Palmeira (20), Otávio Velho (19), Afrânio Raul Garcia Jr. (17), Lygia Sigaud (15), Beatriz Heredia (14), Roberto Da Matta (13), Antônio Candido (11), Celso Furtado (11) e Caio Prado Jr. (11).

---

<sup>162</sup>O autor utiliza "sistema de patronagem" como referencial teórico.

Os financiamentos dessas pesquisas vieram da Fundação Ford (14), da CAPES (13), do CNPq (10) e da FINEP (12) através do CPDOC, da FIOCRUZ, da FUB/UFRJ, Museu Nacional (3) e da própria FINEP (6). As demais pesquisas receberam financiamento da ANPOCS (3), CEMPLA (1), UFCE e ANPEC/IPEA/PNPE (2).

Campeinato (14), capitalismo (11), ideologia (10), *plantation* (10) e representações (8) foram os conceitos que mais apareceram nestas dissertações.

A região brasileira onde mais se concentraram estas pesquisas, foi o nordeste brasileiro, especificamente o Estado de Pernambuco<sup>163</sup> e a sua Zona da Mata, mas também o Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais, Mato Grosso (MT) e o sudoeste do Paraná.

O tempo gasto com a pesquisa de campo, onde somente um autor não se referiu a este item, ficou distribuído da seguinte forma:

2 meses	4
3 meses	6
4 meses	8
5 meses	1
6 meses	5 <sup>164</sup>
7 meses	1
8 meses	2
9 meses (intermitentes)	1
10 meses	1
1 ½ ano	1
2 anos (intermitentes)	1

<sup>163</sup>Moacir Palmeira explicou no Memorial (1994) o seu interesse pelo estado de Pernambuco: "...pensar o nordeste, então mais região do que nunca, a partir do seu centro político - Pernambuco - fazendo tábula rasa das diferenças entre os estados (...) um centro concebido, como era esperável que ocorresse num momento de intensa mobilização popular por reforma sociais, fundamentalmente em termos de conflitos de classe, eu acabei projetando para esse centro e, conseqüentemente, para toda a região um esquema explicativo montado para um estado da periferia." (p. 41) .

<sup>164</sup>Uma delas diz ser o tempo intermitente.

3 anos (intermitentes)	1
não refere	2

Quanto aos projetos, as referidas pesquisas se agrupam basicamente em três deles: "Estudo Comparativo do Desenvolvimento do Nordeste e Brasil Central" (5), "Hábitos Alimentares em Camadas de Baixa Renda" (3) e "Emprego e Mudança Sócio-Econômica no Nordeste" (3).

### 5.3. Etnologia:

*"Durante muito tempo a etnologia indígena brasileira se confundiu com a própria antropologia brasileira."* (Laraia: 1987, p. 1).

No Brasil, os estudos sobre os grupos indígenas sempre se sobressairam na Antropologia, gozando de uma tradição que reconhece como "ancestrais" figuras quase "mitológicas" como Curt Nimuendaju. A Antropologia entre nós, nesses momentos, poderia ter sido definida em função de seu "objeto de estudo".

De um modo geral os estudos sobre as sociedades tribais em nosso país se desenvolveram em duas direções<sup>165</sup>. Uma que está expressa nas pesquisas ditas

---

<sup>165</sup>Poderíamos também dividir a etnologia brasileira entre o que ficou conhecido como os "jê-ólogos" e os "tupinólogos". Isto é, os estudiosos das sociedades Jê no Brasil: *"Quando em 1980, após vários anos de vivência com os Kayapó-Xikrin (Jê), visitei rapidamente, pela primeira vez, quatro grupos Tupi do médio Tocantins, onde surpreendeu-me o fato de estar entre Índios, recentemente pacificados, mas cujo idioma possuía muitos vocábulos que fazem parte da língua brasileira, veio-me uma sensação de exotismo caseiro. E ainda, ouvir o relato de mitos, idênticos àqueles registrados na bibliografia mais antiga, dava-me a impressão de encontrar-me entre 'Índios históricos'. Foi o impacto, quase que a nível existencial, de descobrir uma continuidade entre o passado e o presente, de modo concreto e ancorado. Locus imaginário da identidade? Sentimento, com certeza, que os Jê não poderiam provocar por serem eles estranhos (Tapuias) à bibliografia clássica, a história e a língua do Brasil. E porque os Jê fizeram a sua entrada na cena nacional em pleno século XX, de modo rápido e espetacular pela mediação de teorias antropológicas de grande eficácia interpretativa, conferindo à categoria Índio um novo status, o de 'Presente-Diferente'. Os Jê são o paradigma, ainda que imaginário, de um contraste estrutural irreduzível. Os Tupi-Guarani, relegados às suas divagações transcendentais ficariam as vítimas das transformações históricas e das teorias da deculturação. As pesquisas recentes, porém, tendem a modificar esta visão."* (Vidal: 1984/85, p. 3) e os estudiosos das sociedades Tupi no Brasil: *"A bibliografia Tupi-Guarani clássica confunde-se com a própria história do Brasil, desde a época da Conquista. E, sem dúvida, a língua e a cultura desses povos são as únicas manifestações indígenas que, pelo menos reconhecidamente, teriam contribuído para a formação da civilização brasileira. Para muitos, a palavra*

"tradicionais" e que tratam de cosmologia, organização social, religião e os aspectos ligados à organização interna desses grupos. A outra direção seguida pelos etnólogos está mais próxima à problemática do contato indígena com a sociedade nacional e relacionadas aos conflitos existentes entre esta e os grupos indígenas. Contudo, é importante salientar que mesmo os antropólogos que escolhem estudar os aspectos internos das sociedades tribais, na maioria das vezes não podem deixar de considerar também, o problema do contato com a sociedade nacional que é impossível não reconhecer no Brasil atualmente.

Roque de Barros Laraia (1987) enfatizou essa diferença ao se referir à "antropologia da ação" (p. 6) praticada nos anos 70 e às pesquisas etnológicas feitas no período posterior à abertura política:

*"...o final da década de 70 (...) foi marcado pela hegemonia de uma antropologia em sua forma mais tradicional, mas desta vez associada a uma atividade política paralela de mobilização de outros setores da vida nacional para a defesa da causa indígena. Foi o momento da luta contra o projeto governamental de emancipação dos índios. Projeto este que ocultava, debaixo de uma generosa denominação, uma perigosa intenção que era a de entregar simplesmente os mesmos 'à força infinitamente mais poderosas que lhe arrebatariam em curto prazo as suas terras, transformando-os em mão de obra barata'. O trabalho político dos antropólogos foi facilitado porque pela primeira vez, desde 1910, houve uma intensa mobilização de outros setores da sociedade civil a favor dos índios, que resultou na criação das entidades de apoio, denominadas 'Pró-Índios', etc." (Laraia: 1987, p. 6-7).*

No Museu Nacional foi uma temática importante nos anos 60. Os cursos de especialização funcionaram como "laboratório"<sup>166</sup> para várias etnografias<sup>167</sup> de seus alunos

---

*'Tupi' possui uma autêntica referência ao passado, algo mais ligado à História e à Literatura do que à Antropologia moderna. Daí o aparente paradoxo de uma retomada dos estudos Tupi." (Vidal: 1984/85, p. 2).*

<sup>166</sup>*"O primeiro [curso de especialização em 1960] teve a duração de nove meses e os dois seguintes, de um ano cada. De caráter intensivo, em dedicação exclusiva, com aulas e seminários e ainda um período de treinamento em pesquisa de campo..." (Melatti: 1984, p. 17).*

<sup>167</sup>*Não somente entre as sociedades tribais mas também nas chamadas "sociedades complexas": "...uma simulação de pesquisa foi realizada em favelas do Rio: Leme, Jacarezinho e Esqueleto." (Laraia: 1992, p. 20).*

e inspiraram teses defendidas mais tarde por Roque de Barros Laraia, Júlio César Melatti, Alcida Rita Ramos e Roberto Da Matta entre os índios do Brasil.

*"Em junho daquele ano, fomos todos ao campo aprender a fazer pesquisa entre os índios Terena espalhados pelas cidades de Mato Grosso (hoje do Sul), numa rara oportunidade em que iniciados aos segredos do trabalho de campo são acompanhados de professor e assistente."* (Ramos: 1994, p. 16).

No entanto, nos anos 70 não esteve muito presente no PPGAS, contando somente com cinco dissertações. A saída no final dos anos 60 e início dos 70 de Roque de Barros Laraia, Júlio César Melatti e Roberto Cardoso de Oliveira deixou um espaço que somente foi ocupado no final da década com a contratação do professor Anthony Seeger<sup>168</sup> e de dois alunos do doutorado no próprio Museu Nacional.

*"Seeger relançou a etnologia como uma área de trabalho no Museu Nacional, restabelecendo a continuidade com uma das linhas de pesquisa que ali se desenvolveram nos anos 60, aquela que deriva do projeto dos jê do Brasil Central. À outra linha, que remonta a Roberto Cardoso de Oliveira (e por ele a Darcy Ribeiro, a Galvão, Wagley, Baldus, e em outra direção ao Florestan das relações raciais), iria ser retomada em bases completamente novas por João Pacheco de Oliveira..."* (Viveiros de Castro: 1990, p. 5).

Eduardo Viveiros de Castro<sup>169</sup> e João Pacheco de Oliveira Filho<sup>170</sup> foram contemporâneos na graduação da PUC-RJ (1969-1973), e ambos escolheram a Antropologia como profissão, transformando-se em etnólogos. Fizeram os seus mestrados<sup>171</sup> respectivamente no Museu Nacional e UNB e novamente se encontraram na

---

<sup>168</sup>Professor no período de 1975-1982 (Corrêa: 1995). Quando Seeger chegou ao Museu Nacional era recém-doutor (1974) por Chicago, orientado por Terence Turner.

<sup>169</sup>*"Sou um entrólogo, isto é, aquela espécie de antropólogo que se interessa por sociedades simples, de tradição cultural não-ocidental, etc. (...). Sou, em seguida um 'americanista' - especialista nas 'terras baixas da América do Sul' -, conforme o totemismo geográfico praticado pela comunidade antropológica internacional. (...). Meio que por acaso, não estudei uma sociedade jê."* (Viveiros de Castro: 1990, p. 1, 2 e 8).

<sup>170</sup>João Pacheco de Oliveira Filho foi presidente da ABA na gestão 1994-1996.

<sup>171</sup>Ambas as dissertações foram defendidas em abril de 1977. João Pacheco de Oliveira foi orientado por Roberto Cardoso com a dissertação *As Fricções e a Ordem Política em uma Reserva Tukuna* (UNB-008).

primeira turma de doutorado do Museu Nacional em 1977, defendendo suas teses<sup>172</sup> respectivamente em 1984 e 1986 (Viveiros de Castro: 1990). Viveiros de Castro se aprofundou mais nos estudos de organização social, parentesco e nos sistemas dravidianos com ênfase na comparação<sup>173</sup>. João Pacheco privilegiou a política indigenista.

O conjunto das dissertações em etnologia do Museu Nacional, em sua grande maioria, escolheram como foco central, os grupos indígenas de língua Tupi<sup>174</sup> e concentraram-se na região geográfica do Alto Xingu<sup>175</sup>. Os grupos indígenas estudados foram: Potiguara [Tupi]<sup>176</sup>; Aweti [Aweti, Proto-Tupi]<sup>177</sup>; Yawalapiti [Aruak]<sup>178</sup>; Tiriyo [Caribe], Kaxúyana [Caribe], Ewarhoyána<sup>179</sup>; Kamayura [Tupy]<sup>180</sup>; Apinayé [Jê]<sup>181</sup>; Kaigang [Jê] e

---

Eduardo Viveiros de Castro foi orientado de Anthony Seeger com a dissertação *Indivíduo e Sociedade no Alto Xingu: Os Yawalapíti* (MN-037).

<sup>172</sup>Eduardo Viveiros de Castro foi orientado por Anthony Seeger com a tese *Araweté: Uma Visão da Cosmologia e da Pessoa Tupi-Guarani*; João Pacheco de Oliveira com a tese *O Nosso Governo: Os Tukuna e o Regime Tutelar* e foi orientado de Otávio Velho.

<sup>173</sup>Entrevista com Lux Vidal em 27 de março de 1966, São Paulo.

<sup>174</sup>O que ficou conhecido entre os etnólogos como "tupinologia". Ver Viveiros de Castro (1990).

<sup>175</sup>"O Alto Xingu compreende as terras que margeiam os formadores do Xingu, os rios Ronuro, Batovi e Culuene. (...) Em 1952 foi proposta a criação do Parque Indígena do Xingu, concretizada afinal em 1961, então com uma área de 22.000 km<sup>2</sup>. Em 1971, foi reformulada a área do Parque, com a abertura de sua parte norte a civilizados. O Parque foi aumentado para o sul, com uma área onde não há índios. Os objetivos da criação do parque do Xingu foram a garantia de terra aos índios, a proteção contra os efeitos dissociativos do contato interétnico e a assistência de saúde. Estão reunidos no Parque, não apenas os xinguanos, como outros grupos indígenas de origem diversa." (MN-006, p. 5-6).

<sup>176</sup>Reserva Indígena Potiguara/Município da Baía da Traição/Baía da Traição/PB.

<sup>177</sup>Aldeia Aweti (um pouco também os Kamaiurá, os lawalapiti, os Mehinaku e os Txicão), Alto Xingu (nascente do ribeirão Tuwatuwari, afluente do Culuene, no divisor de águas desse ribeirão com o Curisevu).

<sup>178</sup>Parque Nacional do Xingu/Alto Xingu/MT (próximo ao Posto Leonardo).

<sup>179</sup>Parque Indígena do Tumucumaque. Alto rio Paru de Oeste/Município de Óbidos/PA (aldeia do Paru, aldeia do Paimeru, aldeia do Kaxúyana do rio Wakapu).

<sup>180</sup>Alto Xingu/MT (área do uluri, parte sul do Posto Indígena do Xingu).

Guarani [Tupy]<sup>182</sup>; Kayabi [Tupy]<sup>183</sup>; Paresí [Aruak]<sup>184</sup>; Juruna [Juruna, Proto-Tupi]<sup>185</sup>; Potiguara [Tupi]<sup>186</sup>; Pirahã [Mura]<sup>187</sup>; Arara [Ramarama, Proto-Tupi]<sup>188</sup>; Warí ou Pakaa Nova [Txapakura]<sup>189</sup>. A duas das pesquisas não se aplicou a classificação do local de pesquisa pois tratavam de etnohistória.

Num total de dezesseis pesquisas, somente um terço foi concluída na década de 70, isto é, cinco dissertações. Os seus orientadores foram: Castro Faria, Roberto Cardoso de Oliveira, Melatti e Da Matta (2), o que demonstra que não houve a formação de um grupo de mestrandos ligados a um único professor-orientador, como aconteceu com a antropologia do campesinato e a antropologia urbana. Contudo, na segunda metade dos anos 80, formaram-se dois grupos de pesquisadores ligados a Eduardo Viveiros de Castro

---

<sup>181</sup>Município de Tocantinópolis/GO (extremo norte de Goiás, atual Estado de Tocantins, aldeia Apinayé e Posto Indígena Apinagés que fica na aldeia São José).

<sup>182</sup>Reserva Indígena de Nonoai, aldeia de Pinhalzinho, Município de Planalto/RGS. Também Reserva Indígena de Serrinha (antigo aldeamento de Nonoai) e de Ventarra, e com os Kaingang radicados em Péi-Kâr e em Iraí. A Reserva Indígena de Nonoai se encontra localizada em terras dos Municípios de Planalto, Nonoai e Alpestre (norte do Rio Grande do Sul). Serrinha está localizada nos atuais Municípios de Ronda Alta e Constantina. Os Guarani estão localizados na aldeia Guarani, dentro da Reserva Nonoai.

<sup>183</sup>Aldeia de Canísio/Parque Indígena do Xingu (Reserva Kayabi do rio dos Peixes/MT que por não ter posto indígena da FUNAI, está aos cuidados da Missão Anchieta sediada em Cuiabá) e aldeia Capivara.

<sup>184</sup>Aldeia Kotitikõ e Iyómoweké (rio Verde) e outra situada fora dos limites oficiais: aldeia Hóhako (Formoso).

<sup>185</sup>Aldeia de tubatuba e aldeia de Saúva (margem esquerda do rio Xingu, abaixo da foz do rio Maritsauá), Parque Nacional do Xingu.

<sup>186</sup>Aldeia de Rio Tinto, aldeia de Mamanguape e aldeia da Baía da Traição, Municípios do Rio Tinto, Mamanguape e Baía da Traição/PB.

<sup>187</sup>Baixo rio Maici (aldeia mais próxima do rio Madeira), sul do Estado do Amazonas/AM. Segundo o autor, as referências para a localização do grupo indígena são os rios Marmelo e Maici: *“Os Pirahã atualmente habitam um trecho das terras cortadas pelo rio Marmelos e quase toda a extensão ao longo do rio Maici. O Maici é formador do Marmelos que é tributário da margem direita do rio Madeira.”* (MN-122: p. 27).

<sup>188</sup>Aldeia do Laranjal (junto ao igarapé Laranjal), margem esquerda do rio Iriri, sul do Estado do Pará/PA.

<sup>189</sup>Posto Indígena Negro-Ocaia/RO.

e João Pacheco de Oliveira Filho. Estes grupos vêm tendo continuidade nos anos 90 com um conjunto de dissertações e teses já defendidas.

Entre onze dissertações em etnologia defendidas na década de 80, três foram orientadas por Anthony Seeger e três por Eduardo Viveiros de Castro, duas foram orientadas em parceria por Seeger & Viveiros de Castro<sup>190</sup>, duas por João Pacheco de Oliveira e uma por Da Matta. As duas dissertações orientadas por João Pacheco de Oliveira possuem uma certa coesão nos seus objetivos e orientações teóricas, sendo classificadas como pesquisas sobre política indigenista no Brasil<sup>191</sup>.

Entre as cinco pesquisas da década de 70 em etnologia, duas poderiam estar classificadas<sup>192</sup> dentro do que vou denominar de etnologia tradicional. Estas pesquisas foram orientadas por Roberto Da Matta e Júlio César Melatti. As outras três dissertações estariam incluídas no campo do que vou convencionar como contatos interétnicos. Estas pesquisas foram orientadas por Roberto Cardoso de Oliveira, Luiz de Castro Faria e Roberto Da Matta.

Nos anos 80, das onze dissertações no campo da etnologia, seis foram consideradas como temáticas tradicionais. Seus orientadores foram: Seeger (2), Viveiros de Castro (3) e Seeger/Viveiros de Castro (1); na área dos contatos interétnicos tivemos cinco pesquisas orientadas por Seeger (1), Seeger/Viveiros de Castro (1), João Pacheco de Oliveira(2) e Da Matta (1). O que demonstra uma certa conjugação de esforços da etnologia do Museu Nacional nas áreas das temáticas tradicionais e temáticas dos contatos interétnicos nas duas décadas igualmente.

---

<sup>190</sup>Somente serão referidas as coorientações consideradas como oficiais pelos PPGAS.

<sup>191</sup>História e distribuição de terras. Somente uma destas pesquisas se referiu explicitamente ao PETI (MN-105).

<sup>192</sup>Agradeço a Márcio Silva pela sua leitura cuidadosa das classificações feitas por mim na área de etnologia. É dele a sugestão da subclassificação utilizada aqui, que compreende dois grandes campos de estudo das populações indígenas: os estudos tradicionais (mitologia, parentesco, organização social etc) e os estudos sobre contatos. Márcio Silva foi o segundo orientado de Eduardo Viveiros de Castro a defender a tese de doutorado e atualmente é professor na Unicamp.

Em relação à análise bibliográfica, podemos encontrar uma forte concentração de referências nos seguintes autores estrangeiros: Lévi-Strauss (10), Victor Turner (6) e Marcel Mauss (6). Os autores nacionais mais citados foram: Anthony Seeger (10), Roberto Da Matta (10), Roberto Cardoso de Oliveira (8), Castro Faria (8), Eduardo Galvão (8), Darcy Ribeiro (8), Roque de Barros Laraia (7), Júlio César Melatti (7), Maria Manuela Carneiro da Cunha (7), Nimuendaju (7) e Egon Schaden (6).

A maioria destas pesquisas receberam financiamento do CNPq (9) e da CAPES (7), sendo que cinco receberam também apoio da Fundação Ford/ANPOCS e seis da FINEP através do Museu Nacional (3), da FUNAI (1) e diretamente da FINEP (2).

Somente três destas pesquisas foram publicadas sendo que nenhuma delas teve a sua defesa na década de 80. O tempo gasto para a conclusão do mestrado ficou entre cinco e seis anos.

O local de trabalho dos alunos egressos é basicamente o Rio de Janeiro (9), sendo sete na função docente - três no IFCS-UFRJ, dois no Museu Nacional, um na UERJ e um na UFF - e seis estão com o doutorado ativo no Museu Nacional. Dois são também docentes na UFPR e na FLACS/DF e os dois outros ex-alunos são profissionais na área da psicanálise e da produção de cinema educativo.

Em relação às bancas que compuseram estas defesas, sete delas foram convidados de outras instituições: Maria Manuela Carneiro da Cunha (3)(USP), Aracy Lopes da Silva (1)(USP), Júlio César Melatti (2)(UNB), Silvio Coelho dos Santos (1)(UFSC) e Pedro Agostinho da Silva (1)(UFBA). Os professores da casa foram: Anthony Seeger (7), Eduardo Viveiros de Castro (6), Roberto Da Matta (6), Luiz de Castro Faria (3) e João Pacheco de Oliveira (1).

As palavras-chave com maior presença nestas pesquisas foram: mitos (6), cosmologia (5), rituais (5), xamanismo (4), parentesco (4), ideologia (4), *ethos* (3), escatologia (3), estrutura social (3), identidade (3) e fricção interétnica (3).

Algumas destas dissertações (3) não referem o tempo gasto com o trabalho de campo. Em nenhuma delas houve referência a uma possível intermitência na permanência no campo. Nas demais, o tempo esteve assim distribuído:

2 meses	1
3 meses (+/-)	3
4 meses	3
6 meses (+/-)	1
7 meses (+/-)	3
8 meses	1
9 meses	1
não refere	3

#### 5.4. Antropologia da Religião:

Esta temática se transformou nas últimas décadas, num campo importante da Antropologia feita no Brasil<sup>193</sup>. Percebe-se contudo no Museu Nacional, uma desaceleração na segunda metade da década passada e uma maior concentração nos anos 70 e início dos anos 80. Além disso, possuem uma certa coesão expressa por um "sabor" estruturalista.

Roberto Da Matta foi uma figura central na consolidação desta linha de pesquisa orientando sete (46,66%) das quinze pesquisas existentes, sendo que três delas foram defendidas durante o seu período como coordenador do PPGAS, três logo em seguida a sua saída da chefia e a última na primeira metade dos anos 80. Os demais orientadores foram Gilberto Velho (2), Rubem Cesar Fernandes (1), Roberto Cardoso de Oliveira (1),

---

<sup>193</sup>No PPGAS da UFPE a antropologia da religião ocupa o primeiro lugar entre as temáticas. No PPGAS da UFRS, ocupa o segundo lugar juntamente com a temática gênero.

Lygia Sigaud (1), Eduardo Viveiros de Castro (1), Luiz de Castro Faria (1) e Anthony Seeger (1).

Na composição das bancas somente Pierre Sanchis (UFMG) e Pedro Ribeiro de Oliveira pertencem a outras instituições. Entre os professores da casa que estiveram presentes nestas composições, temos Roberto Da Matta (8), Peter Fry (7)<sup>194</sup>, Gilberto Velho (6), Francisca Isabel Vieira Keller (5), Anthony Seeger (3), Luiz de Castro Faria (3), Rubem Cesar Fernandes (2), Roberto Cardoso de Oliveira (2) Moacir Palmeira (1), Afrânio Raul Garcia Jr. (1), Otávio Velho (1), Eduardo Viveiros de Castro (1), Giralda Seyferth (1), Lygia Sigaud (1) e Yvonne Maggie (1).

Das cinco pesquisas publicadas, três foram orientadas por Roberto Da Matta: duas foram publicadas pela Zahar e uma pela Editora Vozes. As duas outras dissertações publicadas foram editadas pela Zahar e pela Marco Zero e orientadas respectivamente por Lygia Sigaud e Anthony Seeger.

Os tempos gastos nos mestrados dividiram-se entre quatro e seis anos e meio.

Entre estes alunos egressos, doze deles tornaram-se docentes nas seguintes instituições: IFCS/UFRJ (3), CIEC/UFRJ (1), Museu Nacional/UFRJ (1), UERJ (2), UFF (2), PUC/RJ (1), UNB/DF (1) e Unicamp/SP (1). Os outros três mestres estão atualmente no ISER/RJ, CNPq e como doutorando na ECO/UFRJ.

As subtemáticas desenvolvidas foram os estudos afro-brasileiros (5), espiritismo (2), pentecostalismo, devoção, religiosidade popular, cristianismo milenarista, movimentos messiânicos, Fraternidade Espiritualista Universal, ideologia das Testemunhas de Jeová e a viagem do Papa ao Brasil. Os grupos pesquisados foram os Adventistas do Sétimo Dia, Assembléia de Deus, Testemunhas de Jeová, Centro Umbandista, Centro Epírita, Cidade Eclética, comunidades rurais, festa de Nazaré, terreiros de umbanda etc.

---

<sup>194</sup>Em seis dessas bancas enquanto professor da Unicamp. Peter Fry esteve afastado da Unicamp a partir de 1983, mas é somente em janeiro de 1989 que se desligou definitivamente da instituição.

Entre os referenciais teóricos escolhidos por seus autores estão a análise estrutural (2), a teoria da identidade (2), o drama social (2), além da análise de discurso, e os estudos de parentesco. Neste conjunto, oito dissertações não citaram nenhum referencial teórico.

Quatro destas pesquisas não referiram o financiamento recebido. Entre as agências financiadoras estão o CNPq (8), a CAPES (6), a Fundação Ford/ANPOCS (2), a Fundação Ford (3), o ISER (1) e o GLIESP (1).

As palavras-chave mais recorrentes foram: rituais (8), ideologia (6), simbolismo (6), ethos (3), estrutura (3), representações (3), identidade (3), visões de mundo (3) e cosmologia (3).

Os locais das pesquisas de campo se concentraram na cidade do Rio de Janeiro (8), mas também foram referidas as cidades de Recife/PE, Belém/PA, Brasília/DF e a Zona do Agreste de Pernambuco. Além de sua não referência por parte de seis destas pesquisas e também em oito delas não se aplicar a classificação MORADIA NO LOCAL, o tempo passado nesses locais ficou assim distribuído:

1 mês (intermitentes)	1
1 ½ mês	1
3 ½ meses	1
5 meses	1
11 meses (intermitentes)	1
1 ½ ano (intermitentes)	1
2 anos (intermitentes)	1
3 anos (intermitentes)	1
não refere	6

Treze dissertações não referiram se estavam ligadas a grandes projetos.

Quanto à bibliografia empregada, os autores mais citados foram Victor Turner (13), Mary Douglas (11), Lévi-Strauss (11), Marcel Mauss (10), Max Weber (8), Clifford Geertz

(7), Edmund Leach (7) e Durkheim (7). Roberto Da Matta (12), Peter Fry (7), Yvonne Maggie (7), Nina Rodrigues (6), Roger Bastide (6) e Gilberto Velho (6) foram os autores brasileiros mais citados pela área de antropologia da religião no Museu Nacional.

### **5.5. Antropologia da Saúde:**

É uma área múltipla em relação às orientações de pesquisa. Para um total de sete dissertações defendidas, a maioria (4) concluída nos anos 80, tivemos seis orientadores: Gilberto Velho (2), Eduardo Viveiros de Castro, Peter Fry, Roberto Cardoso de Oliveira, Luiz Fernando Dias Duarte e Roberto Da Matta. Nas composições de bancas estiveram presentes Mariza Corrêa (Unicamp), Rafaelle Infante e Sérvulo Figueira como convidados de outras instituições. Os professores da casa que mais participaram foram Gilberto Velho (4), Luiz Fernando Dias Duarte (4), Roberto Da Matta (3) e Neuma Aguiar (2).

As subtemáticas também foram diversificadas: saúde mental (2), medicina comunitária, psicanálise, homeopatia, nojo do corpo e história do aparecimento do manicômio judiciário no Rio de Janeiro. Os grupos estudados foram: médicos, sociedades psicanalíticas, manicômios e hospitais psiquiátricos. Podemos citar como característica da área um número significativo de médicos, psicanalistas e psiquiatras.

Seis destas pesquisas não deixaram claro o referencial teórico escolhido e somente uma delas citou a análise de discurso. As técnicas de pesquisa se dividiram entre as entrevistas (6), a observação participante (5), os questionários (3), as histórias de vida e os levantamentos em arquivos.

Os financiamentos recebidos foram da Fundação Ford (3), Fundação Ford/ANPOCS (2), CNPq (2), CAPES e UNB. Duas delas não referiram qualquer ajuda financeira. Somente duas dissertações foram publicadas (031-MN e 033-MN) e ambas pela Achimé.

As palavras-chave recorrentes foram: representações (3), cura (2) e significados (2).

Foram pesquisas onde não se aplicou a classificação de MORADIA NO LOCAL. Os tempos no campo foram os seguintes: seis meses e meio, um ano (intermitente), um ano e meio, dois anos e meio e três anos (intermitente). Duas pesquisas não se referiram ao tempo de permanência do pesquisador no campo.

Quanto à bibliografia os autores estrangeiros mais citados foram: Lévi-Strauss (5), Irving Goffman (5) e Marcel Mauss (5); Durkheim (4), Evans-Pritchard (4), Michel Foucault (4), Clifford Geertz (4) e Louis Dumont (4). Entre os autores nacionais podemos citar Gilberto Velho (3) e Roberto Da Matta (3).

#### **5.6. Gênero:**

Das seis dissertações defendidas nesta área, somente duas delas foram publicadas: ambas pela Zahar e com orientação de Gilberto Velho<sup>195</sup>. Somente uma foi defendida na década de 70 e quase todas foram orientadas por Gilberto Velho (4). As duas outras receberam orientação de Luiz Fernando Dias Duarte e Roberto Da Matta. Além disso, Gilberto Velho compôs todas as bancas organizadas, que contaram também com a participação de Luiz Fernando Dias Duarte (2) e Francisca Isabel Vieira Keller (2). Os convidados foram Renato Raul Boshi, Yonne Leite, Margarida de Souza e Leni Silverstein.

Três desses alunos egressos são docentes na História/UFF, Escola de Serviço Social/UFRJ e UERJ; dois ex-alunos estão cursando o doutorado no Museu Nacional e na USP e o outro é técnico do Museu Nacional.

As subtemáticas dividiram-se entre o bandeirantismo, discursos feministas, prostituição feminina, camadas médias, imprensa feminina, rede de relações sociais, mulheres e telenovelas. Os grupos escolhidos foram a Federação das Bandeirantes no Brasil, os jornais femininos, as garotas de programas, as mulheres de Cunha, os homossexuais e as mulheres velhas e católicas do Rio de Janeiro.

---

<sup>195</sup>A dissertação 090-MN foi denominada pelo seu autor como uma pesquisa de antropologia urbana e tratou da prostituição em boates de Copacabana.

Cinco dessas dissertações não referiram o referencial teórico empregado e somente uma citou o *network*. As técnicas de campo foram: entrevistas (5), observação participante (3), fotografias (2), histórias de vida, diário de campo e levantamento bibliográfico.

Os financiamentos foram recebidos das seguintes agências: CNPq (3), CAPES (3), Fundação Ford (2), Fundação Ford/ANPOCS (2), FINEP (1), CLACSO (1), FUNARTE (1), PPGAS/MN (1) e Fundação Carlos Chagas (1). Somente uma das dissertações não se referiu ao financiamento recebido.

Quase todas as pesquisas foram realizadas no Rio de Janeiro com exceção de uma delas, feita na Cidade de Cunha no Vale do Paraíba em São Paulo. Os tempos gastos no trabalho de campo foram os seguintes: seis meses e meio, um ano (intermitentes), um ano e sete meses, dois anos e meio e três anos (intermitentes), sendo que duas delas não se referiram a este tempo.

As palavras-chave presentes nestes trabalhos foram: identidade (6), mulher (5), camadas médias (4), representações (3), sistemas simbólicos (2), educação (2), estigma (2) e feminismo (2).

Entre os autores estrangeiros mais citados tivemos: Marcel Mauss (5), Lévi-Strauss (4), Louis Dumont (4), Clifford Geertz (4) e Mary Douglas (4). Os autores brasileiros Gilberto Velho e Roberto Da Matta foram citados na totalidade das pesquisas.

### **5.7. Etnicidade:**

É uma área pequena com somente quatro dissertações<sup>196</sup> defendidas nas duas décadas estudadas. Três delas na década de 70 e uma em 1986. Cinquenta por cento das dissertações gastaram quatro anos para completar o mestrado e a outra metade cinco anos.

---

<sup>196</sup>A dissertação 016-MN foi denominada pelo seu autor como uma pesquisa da área de antropologia do campesinato.

Foram quatro os orientadores: Giralda Seyferth<sup>197</sup>, Francisca Isabel Vieira Keller, Luiz de Castro Faria e Manoel Tosta Berlinck. As composições das bancas foram totalmente "endogâmica" e, além dos orientadores, contou com a participação de Roberto Da Matta (2), Roberto Cardoso de Oliveira (2) e Peter Fry (1).

Somente Giralda Seyferth, como aluna egressa da área, tornou-se docente no próprio Museu Nacional e somente a sua pesquisa foi publicada<sup>198</sup>. As duas outras alunas egressas trabalham atualmente no IBGE e uma faz doutorado no próprio Museu Nacional.

As subtemáticas desenvolvidas nestas pesquisas foram a colonização e a identidade racial de alemães, judeus, portugueses e de famílias negras.

As técnicas utilizadas nas pesquisas foram a observação participante (3), entrevistas (3), histórias de vida, questionários e levantamento demográfico.

Somente uma das pesquisas referiu o financiamento recebido: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais e do CNPq.

As palavras-chave mais recorrentes foram: identidade, ideologia e representações que apareceram em metade destas dissertações.

Os autores estrangeiros mais citados: Karl Marx (2), Durkheim (2), Lévi-Strauss (2), Goodenough (2) e Max Weber (2). Entre os autores nacionais podemos citar: Roberto Cardoso de Oliveira (3), Gilberto Freyre (2), Roberto Da Matta (2) e Manuel Diegues Jr. (2).

Nenhuma destas pesquisas referiu-se a projetos. Duas delas gastaram dois meses na pesquisa de campo, a outra oito meses e a última não se referiu ao tempo gasto na pesquisa de campo. Duas escolheram como área geográfica a cidade do Rio de Janeiro e as demais, o Vale do Itajaí em Santa Catarina e a cidade de São Paulo.

---

<sup>197</sup>Giralda Seyferth também foi uma das mestrandas que defendeu sua dissertação nesta área no próprio Museu Nacional onde permaneceu como professora e orientadora.

<sup>198</sup>Publicada pela Editora Movimento.

## 5.8. Outros:

Resta-nos ainda discorrer sobre um grupo de pesquisas (12) que não foram classificadas em nenhum dos grupos anteriores. Isto não quer dizer que não exista classificação possível para elas.

Algumas poderiam estar incluídas entre as dissertações que enfatizaram a perspectiva do trabalho e foram classificadas como antropologia do campesinato. Este é o caso das dissertações sobre migrações (008-MN e 012-MN), ourivesaria (011-MN) e extrativismo (098-MN). Além destas, poderíamos contar com um pequeno conjunto de duas dissertações na área de antropologia simbólica (024-MN e 103-MN) orientadas por Da Matta e Viveiros de Castro. Uma na área de família (068-MN). As restantes poderiam ser agrupadas em um campo denominado de TEÓRICO e onde estariam incluídos temas como o pensamento de Gramsci (099-MN), literatura (114-MN), produção artística (116-MN), sistema judiciário (117-MN) e trajetória intelectual (056-MN).

Os autores estrangeiros mais recorrentes foram: Lévi-Strauss (9), Durkheim (6), Louis Althusser (6) e Pierre Bourdieu (6). O autor nacional mais citado foi Roberto Da Matta (7).

As publicadas foram cinco pelas seguintes editoras: Imago (1), UNB (2), Campus (1) e Dois Pontos (1).

Pode ser interessante esclarecer que estas pesquisas foram concluídas basicamente na década de 70 e início dos anos 80, portanto, parecendo existir uma tendência na diminuição da diversidade temática no Museu Nacional, o que concretamente não aconteceu. Nos anos 90 houve um aumento na pluralidade de temas que não podem ser agrupados nos oito grandes grupos temáticos citados. Portanto, em termos de escolhas, a Antropologia Social do Museu Nacional tem experimentado consideravelmente em relação aos objetos de estudo. No entanto, a disciplina tem permanecido fiel a alguns temas tidos como tradicionais e consagrados como a etnologia e a antropologia urbana.

#### IV- O CAMPO DA ANTROPOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA:

##### 1. Introdução:

Minha passagem por Brasília foi povoada por uma pluralidade de sentimentos contraditórios<sup>1</sup>. Ao mesmo tempo que estava num ambiente familiar, a universidade, sentia-me como uma estrangeira em busca de informações não tão fáceis de se conseguir. A leitura das dissertações, num primeiro momento me isolou na sala da chefia do DAN. No entanto, a pesquisa não se restringiu aos textos das dissertações. Foi preciso entrevistar professores e alunos, procurar documentos, obter informações, conseguir dados que, muitas vezes, não se encontravam impressos e objetivados nos arquivos do Departamento e nas memórias de seus personagens. E, ao contrário do que imaginei, pesquisar antropólogos não foi tão simples. Apesar da cordialidade e compreensão por parte de todos, eu não fazia parte daquela história.

*"Existem segredos que não podem ser revelados, assim como é preciso que a 'fachada' seja mantida. Não se pode permitir que o alienígena tenha acesso imediato aos 'espaços interiores' da sociedade, pois não se sabe o que ele fará com essas informações." (UNB-042).*

A viagem a Brasília foi fundamental pois me proporcionou o distanciamento necessário ao trabalho de campo<sup>2</sup>, a solidão, o estranhamento do cotidiano vivenciado por mim nas demais instituições por onde me movimentava com desenvoltura pois já possuía uma história no Museu Nacional, na USP e na Unicamp.

---

<sup>1</sup>A UNB foi a primeira instituição visitada por mim e a única em que ainda não tinha estado anteriormente.

<sup>2</sup>Além desta pesquisa estar circunscrita àquilo que nós cientistas sociais denominamos pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, no meu entender também experimentei a observação participante tão cara à Antropologia e com todas as críticas incorporadas pelo interpretativismo.

## 2. Antecedentes:

A Universidade de Brasília<sup>3</sup> nasceu com a Lei Nº 3998 de 15 de dezembro de 1961, mas somente começou a funcionar em 1962. O seu projeto já estava sendo pensado por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, juntamente com outros cientistas brasileiros, no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais/CBPE, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SPBC, Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas/CBPF e o Instituto Oswaldo Cruz/Manguinhos no final dos anos 50. A idéia da UNB foi de Darcy Ribeiro que afirma ter sido seduzido pela problemática da educação brasileira na sua convivência com Anísio Teixeira no CBPE/RJ (Ribeiro: 1990, p. 11). Este por sua vez, defendia um projeto de universidade dedicada somente à pós-graduação (Ribeiro: 1986), o que não foi possível de ser concretizado.

Graduado pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo em 1945, o mineiro Darcy Ribeiro deixou um emprego estável como funcionário da Justiça do Trabalho, para assessorar Rondon no antigo SPI no Rio de Janeiro. Permaneceu por quase dez anos como etnólogo indigenista da instituição entre vários grupos tribais: Kadiwéu, Kaapor, Bororo etc. Em 1950 ganhou o Prêmio Fábio Prado de ensaios pelo livro **Religião e Mitologia Kadiwéu** (1955) e fundou o Museu do Índio<sup>4</sup> em 1955, que dirigiu até a sua saída do SPI. No início de 1954 Darcy Ribeiro encontrou Roberto Cardoso de Oliveira em São Paulo, convidando-o a participar de um curso de aperfeiçoamento que estava sendo organizado por ele no Museu do Índio. Em 1957 transferiu-se para o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais/CBPE assumindo sua direção, onde foi apresentado a Anísio Teixeira por Charles Wagley (Ribeiro: 1990).

O final dos anos 50 foi especialmente percorrido por um sentimento de crise na educação brasileira e, particularmente, no ensino superior que já naquela época não conseguia responder às novas necessidades científicas e tecnológicas do país. O modelo

---

<sup>3</sup>Ver sobre o assunto Ribeiro (1973, 1978, 1978a e 1990), Fernandes (1990) e Corrêa (1995).

<sup>4</sup>Com apoio financeiro da CAPES (Ribeiro: 1990).

de Universidade vigente naquela época formava precariamente professores para o ensino secundário e não satisfazia à demanda de quadros para um Estado que se modernizava industrialmente. Intelectuais, estudantes e setores mais democráticos da sociedade civil começaram a discutir uma possível reforma para o ensino brasileiro.

Foi nesse contexto que cresceu a idéia de uma universidade alternativa na nova Capital Federal em construção. Ao contrário das demais universidades brasileiras, portanto, a UNB não nasceu da soma de Faculdades pré-existentes mas de um projeto que tinha como concepção a liberdade do ensino e a excelência do saber acadêmico, colocando-se como alternativa às instituições de ensino superior existentes no país (Ribeiro: 1990).

Em 1960 Darcy Ribeiro transferiu-se para Brasília e coordenou os trabalhos de fundação da sua universidade, tornando-se o seu primeiro reitor e contando com o apoio de vários intelectuais, brasileiros e estrangeiros, interessados em contribuir com o projeto de uma universidade nova. Este foi o caso, por exemplo, do humanista Robert Oppenheimer, de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, que foram os responsáveis pelo projeto urbanístico do conjunto arquitetônico da Universidade de Brasília, com sugestões referentes aos seus estatutos que estavam sendo discutidos naquele momento e que foram aprovados pelo Parecer Nº 152 de 17 de novembro de 1962 do CEF.

*"Nosso propósito era plantar na cidade-capital a sede da consciência-crítica brasileira que para lá convocasse todo o saber humano e todo o élan revolucionário, para a única missão que realmente importa ao intelectual dos povos que fracassaram na história: a de expressar suas potencialidades por uma civilização própria." (Ribeiro: 1990, p. 15)*

A proposta era fazer da UNB não somente um centro de excelência acadêmica, mas também de produção cultural que pudesse assessorar o governo brasileiro e transformar este país numa nação culturalmente pródiga. Com este intuito, um grupo de jovens intelectuais reconhecidos academicamente em suas respectivas áreas, transferiu-se para a nova Capital Federal.

*"O projeto de estruturação da Universidade de Brasília é toda uma inovação. Contrasta não só com a forma de organização de nossas universidades*

*tradicionais, como também com qualquer outro modelo de universidade existente.*" (Ribeiro: 1990, p. 119).

Eduardo Galvão foi um desses professores, encarregado de formar um núcleo de antropólogos e organizar o Departamento de Antropologia e o mestrado. Galvão tinha como principal objetivo fortalecer as pesquisas etnológicas e linguísticas e, neste sentido, criar o Centro de Estudos de Culturas e Línguas Indígenas sob coordenação de Aryon Rodrigues (Ramos: 1992). Voltou a Belém do Pará com a desativação do Departamento em consequência da crise na Universidade em 1965.

Darcy Ribeiro deixou a reitoria em 1962<sup>5</sup> para tornar-se Ministro da Educação do governo de João Goulart e, logo depois, Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Com o golpe militar de 1964, que interrompeu o processo de implantação da UNB, Ribeiro exilou-se com Jango no Uruguai.

Em 1964 foi nomeado pelo governo militar um interventor<sup>6</sup> para assumir as funções de Reitor na UNB. Nessa mesma época, o *Campus* foi invadido e vários de seus professores foram submetidos nus a sessões de interrogatórios durante uma noite inteira na Delegacia da cidade. No ano seguinte, duzentos e dez professores demitiram-se coletivamente da Universidade<sup>7</sup>, fato que ficou conhecido como o "Dia da Vergonha". Alguns dos professores que permaneceram, também deixaram a UNB no final dos anos 60 por não encontrar um espaço de trabalho favorável<sup>8</sup>. A crise de 1965 levou a uma

---

<sup>5</sup>Foi substituído no cargo por Anísio Teixeira.

<sup>6</sup>O interventor era Zeferino Vaz. Apesar de suas tentativas em se manter publicamente afastado, foi nomeado por Castelo Branco: *"Numa entrevista de 1977 ele revelou: '(...) eu me engajei na Revolução, me engajei mesmo (...)' Eis a razão porque foi convidado a ser reitor. Em suas palavras, o presidente Castelo Branco chamou-o às 2 horas da madrugada e lhe disse: 'Acabo de assinar um decreto nomeando o senhor reitor-interventor da Universidade de Brasília'. Vaz pediu para não ser envolvido, mas o presidente respondeu: 'Não. É uma missão. O senhor não se meteu na Revolução?'"* (Fernandes: 1990, p. 136, nota 16).

<sup>7</sup>O que representava mais de 90% do efetivo docente da UNB, alguns deles, inclusive, sendo proibidos de exercerem as suas profissões no país (Ribeiro: 1990, p. 126).

<sup>8</sup>Roque de Barros Laraia conta que este foi o caso do professor Vítor Nunes Leal, um dos que permaneceram nas Ciências Sociais. Quando Laraia chegou do Rio de Janeiro em 1969, Nunes Leal já tinha se desligado da UNB. O professor Vítor Nunes Leal, foi professor da Cátedra da Faculdade Nacional de

paralisação quase total da Universidade de Brasília, com aposentadorias compulsórias e o exílio de vários intelectuais brasileiros, abrindo um precedente para a contratação<sup>9</sup> de "professores" sem qualificação e de má reputação no mundo acadêmico.

O Departamento de Antropologia só voltaria a se estruturar alguns anos depois quando Roque de Barros Laraia e Júlio César Melatti chegaram à UNB.

### 3. O PPGAS/UNB:

Em 1967 Caio Benjamim Dias foi nomeado Reitor da UNB tendo como objetivo a reestruturação da universidade, de suas finanças e da situação docente que beirava o caos após a crise de 1965. Preocupou-se pessoalmente com as finanças e deixou por conta de seu Vice-Reitor, José Carlos de Azevedo, as contratações do corpo docente.

Em 1969 a Universidade já tinha conseguido se estabilizar financeiramente e começou-se a convidar novos professores para a UNB. Em viagem a Harvard, Azeredo encontrou-se com Roque de Barros Laraia<sup>10</sup> convidando-o para formar o Departamento de Ciências Sociais da UNB. O Departamento de Ciências Sociais foi criado com a chegada de Laraia<sup>11</sup> que obteve total liberdade para demissões e contratações<sup>12</sup> do corpo docente.

*"Era uma situação muito precária. Nós adotamos uma estratégia, logo que começamos a reorganizar o Departamento. Colocamos esses professores sob observação, e no decorrer de alguns semestres eles foram praticamente*

---

Filosofia/RJ e um dos criadores do Instituto de Ciências Sociais da UFRJ no início dos anos 60 (Castro Faria: 1993, p. 22).

<sup>9</sup>Segundo Roque de Barros Laraia (Woortmann: 1993), colocou-se uma placa de "Precisa-se de professores" na porta da Universidade, contratando-se qualquer um que se sujeitasse a trabalhar nas condições impostas pelos militares.

<sup>10</sup>Lembro que Laraia estava em Harvard participando do Seminário sobre sociedades tribais no Brasil, organizado por David Maybury-Lewis. Ver capítulo sobre o Museu Nacional.

<sup>11</sup>O Departamento de Ciências Sociais compreendia a Sociologia, a Antropologia Social, a Ciência Política e o Serviço Social. Na década de 80 a Ciência Política criou um Instituto próprio constituído pelos Departamentos de Ciência Política e Relações Internacionais.

<sup>12</sup>A UNB nesse período não possuía um corpo docente permanente pois os professores que permaneceram em Brasília não possuíam estabilidade desde a crise de 1965.

*todos desligados. Duas pessoas apenas foram mantidas, mas depois saíram por decisão própria. Como eram pessoas jovens, achamos que deveríamos dar uma oportunidade. Já tínhamos um núcleo de pessoas competentes, como o Fernando Correia Dias, o Glaucio Soares, Maurício Vinhas de Queiroz, e outros. Esse grupo então observava o desempenho dos professores em sala de aula, mas a maioria teve de ser desligada porque não tinha competência." (entrevista com Laraia apud Woortman: 1993, p. 3).*

Segundo Woortmann (1993, p. 7), Laraia transformou-se no "exterminador do passado" e reconstruiu as Ciências Sociais no Planalto Central. Chegou em inícios de 1969, juntamente com Melatti a quem tinha convidado para compor o novo departamento. No ano seguinte, também vieram Mireya Suarez<sup>13</sup> e Eurípedes da Cunha Dias<sup>14</sup>.

A primeira preocupação de Roque de Barros Laraia foi consolidar o pequeno grupo de sociólogos já existentes e, portanto, também a Sociologia na UNB. Segundo ele (entrevista), havia naquele momento uma demanda maior pela disciplina se comparada à Antropologia. Em agosto de 1970 foi criado o mestrado em Sociologia do Desenvolvimento no Departamento de Ciências Sociais/CIS. Os esforços do pequeno grupo de antropólogos de Brasília<sup>15</sup> passou a ser, então, a construção de uma pós-graduação em Antropologia Social nos moldes do já consagrado Programa de Mestrado do Museu Nacional/RJ. Roque de Barros Laraia afirmou que:

*"...foi um crescimento difícil porque embora a gente tivesse por parte da Universidade, a Universidade acreditou no Departamento, havia o interesse*

---

<sup>13</sup>Obteve seu doutorado pela Universidade de Cornell com a tese **Everlasting Golden Sertões: The Study of a Productive Process in the Brazilian Central Plateau** (1969), orientada por M. Barnett. Fez o mestrado na Escuela Nacional de Antropología e Historia, Argentina com a dissertação **Trabajo e Integración: Un Estudio de Cambio en Familias Migrantes** (1969).

<sup>14</sup>Eurípedes da Cunha Dias foi integrante da primeira turma do mestrado do Museu Nacional em agosto de 1968. Defendeu sua dissertação com o título **Fraternidade Eclética Espiritualista Universal** (1974), com orientação de Roberto Cardoso de Oliveira. Sua tese de doutorado foi **Fronteira Desmistificada: Uma Interpretação do Processo de Colonização Privada em Mato Grosso** (1991), orientada por José César Aprilante Gnaccarini (USP).

<sup>15</sup>Quando Roque Laraia chegou à UNB, encontrou somente um professor de antropologia que mais tarde se transferiu para o Departamento de Comunicações devido ao seu interesse pelo cinema, que era Gerardo da Rocha Moraes. Sobre a antropologia em Brasília ver Woortman (1991; 1993), Ramos (1991; 1992) e Mendoza (1994).

*em ter áreas de excelência dentro da Universidade. Então, a Universidade apostou em alguns Departamentos e a Antropologia foi um Departamento que ela apostou, as Ciências Sociais de um modo geral, porque a separação é uma coisa recente. Mas a grande dificuldade era atrair gente para Brasília, uma dificuldade que continuou até os dias de hoje, mais grave hoje porque naquele tempo a gente tinha um atrativo, a Universidade pagava mais. Hoje com isonomia todas as Universidades pagam igualmente, então fica mais difícil tirar alguma pessoa do Rio de Janeiro, de São Paulo. De qualquer maneira a gente conseguiu manter um grupo que foi responsável...<sup>16</sup>.*

No início de 1970, Roberto Cardoso de Oliveira se desentendeu<sup>17</sup> com a direção do Museu Nacional e se demitiu da chefia da Divisão de Antropologia, permanecendo apenas como Coordenador do PPGAS.

Sabendo do descontentamento por parte de Cardoso de Oliveira em continuar no Museu nacional, Roque de Barros Laraia entrevistou junto ao então Reitor da UNB, Amadeu Cury, no sentido de convidá-lo a se transferir para Brasília junto com sua equipe do Museu Nacional. Como Roberto Cardoso de Oliveira já tinha recebido um convite anterior para o pós-doutoramento em Harvard, preferiu seguir para os Estados Unidos e pensar um pouco mais no assunto. Em Cambridge foi procurado por João Paulo Magalhães<sup>18</sup> que também o convidou a integrar o corpo docente de uma jovem universidade no interior paulista: a Unicamp.

O regresso de Roberto Da Matta de seu doutorado em Harvard deixou Roberto Cardoso de Oliveira mais tranquilo quanto ao futuro do PPGAS, podendo assim escolher entre as duas opções que se apresentavam ao seu futuro profissional.

Em sua volta ao Brasil no início de 1972, Roberto Cardoso de Oliveira escolheu ir para Brasília onde tudo precisava ser feito, diz ele<sup>19</sup>, enquanto que na Unicamp iria

---

<sup>16</sup>Entrevista com Roque de Barros Laraia em 24 de setembro de 1992, UNB por Edgar Mendoza.

<sup>17</sup>Segundo Cardoso de Oliveira (entrevista), o desentendimento foi em função da contratação de profissionais não qualificados pela direção do Museu Nacional.

<sup>18</sup>Economista do instituto de Ciências Humanas da Unicamp que naquela época congregava também a Economia e a Linguística, além da Filosofia, História e Ciências Sociais.

<sup>19</sup>Entrevista de Roberto Cardoso de Oliveira ao professor Klaas Woortmann (1993).

simplesmente somar seus esforços aos demais professores do mestrado em Antropologia Social criado um ano antes. Além disso, Cardoso de Oliveira sentia-se "em família" com a equipe de antropólogos de Brasília com a qual não tinha perdido contato em função do Convênio firmado em 1969 entre a Divisão de Antropologia do Museu Nacional<sup>20</sup> e o Instituto de Ciências Humanas<sup>21</sup> da UNB chefiado por Roque Laraia<sup>22</sup>. Os demais professores do PPGAS/Museu Nacional não quiseram acompanhá-lo, segundo Cardoso de Oliveira, em função do apego ao Rio de Janeiro.

A primeira turma<sup>23</sup> foi admitida no segundo semestre de 1972<sup>24</sup>. O PPGAS/UNB foi credenciado em 08 de outubro de 1976 pelo Parecer 3.293/76 com apoio financeiro da Fundação Ford no Brasil que concedeu bolsas de estudos para os alunos, além de suplementação de verbas para pesquisas, biblioteca e pagamento de professores visitantes. Apesar da expectativa de criação do doutorado em 1975 ou 1976, só foi efetivado em 1981 com a primeira turma<sup>25</sup> sendo admitida no primeiro semestre desse mesmo ano. O doutorado foi credenciado em 06 de outubro de 1982 pelo Parecer 508/82.

---

<sup>20</sup>Da qual Roberto Cardoso de Oliveira era diretor.

<sup>21</sup>O Instituto de Ciências Humanas incluía também os Departamentos de Administração, Departamento de Economia, Departamento de Geografia, Departamento de História e Departamento de Comunicação Social. Em 1986 foi criado o Departamento de Antropologia/DAN, o Departamento de Sociologia/DS e o Departamento de Serviço Social/DSS, extinguindo-se o antigo Departamento de Ciências Sociais/CIS. Além de Roque de Barros Laraia, que foi Diretor do Instituto por seis anos, Roberto Cardoso de Oliveira também foi seu Diretor pelo período de oito anos (1976-1984), transformando-se numa das figuras centrais na construção da pós-graduação em Antropologia Social em Brasília.

<sup>22</sup>Em meados de 1976, Laraia decidiu deixar a direção do Instituto de Ciências Humanas e fazer uma viagem de atualização teórica a uma Universidade inglesa, onde permaneceu por um ano (1977)(Laraia: entrevista).

<sup>23</sup>O primeiro concurso para ingresso no mestrado da UNB foi feito no Museu Nacional/RJ em função do Convênio firmado entre as duas instituições citado anteriormente. A composição da turma foi a seguinte: Cleonice Pitanguí Mendonça (abandonou), Carlos Rodrigues Brandão, Maria das Graças Pinho Tavares, Maria Lígia Moura Pires, Maria Otília da Costa Telles, Mariza Gomes e Souza Peirano, Orlando Pilatti, Túlio Persio Maranhão e como aluno especial, o guatemalteco Carlos Rafael Cabárus.

<sup>24</sup>Ver entrevista de Roberto Cardoso de Oliveira in Woortmann (1993, p. 6-14).

<sup>25</sup>A primeira turma de doutorado foi composta por quatro alunos: Stephen Grant Baines, Delvair Montagner Melatti, Maria Rosário Carvalho (que excedeu o prazo) e Sonia Maria Otero Garcez (que abandonou o curso).

No segundo semestre de 1972 chegaram<sup>26</sup> a Brasília Alcida Rita Ramos<sup>27</sup> e seu marido Kenneth Ian Taylor<sup>28</sup> depois de uma breve passagem como professores visitantes pelo Museu Nacional. No ano seguinte também foram contratados David Price<sup>29</sup>, Peter Silverwood-Cope<sup>30</sup> (falecido) e Klaas Axel Woortmann<sup>31</sup>, os dois primeiros como professores visitantes. Em 1977 Lia Zanotta Machado<sup>32</sup> foi contratada e em 1980 Mariza Peirano<sup>33</sup>. Luiz Tarlei de Aragão<sup>34</sup> chegou em 1984 e no ano seguinte Rita Laura Segato<sup>35</sup>

---

<sup>26</sup>Segundo a documentação para o credenciamento da pós-graduação em Antropologia Social da UNB (1976) e a própria Alcida Rita Ramos (entrevista com Alcida Rita Ramos em 19 de outubro de 1992, UNB, por Edgar Mendoza), a professora e seu marido Kenneth Ian Taylor, chegaram a Brasília em agosto de 1972. Segundo Wortmann (1993), o casal chegou no primeiro semestre do ano seguinte.

<sup>27</sup>A professora Alcida Rita Ramos esteve por quatro anos fora do Brasil acompanhando seu marido, Kenneth Taylor, em estudos pela Escócia. Retomou em 1981 e, entre uma proposta de transferir-se para a Unicamp ou ir para a UNB, resolveu permanecer em Brasília.

<sup>28</sup>Como Alcida Rita Ramos, seu marido obteve também seu Ph.D. em Wisconsin em 1972 e, como ela, foi orientado por A. Strickton.

<sup>29</sup>Ph.D. pela Universidade de Chicago.

<sup>30</sup>Defendeu seu Ph.D. em Cambridge em 1973, orientado por Edmund Leach. Silverwood-Cope e David Price foram contratados em 1973 como professores visitantes e em 1977 o primeiro teve a sua contratação efetiva pelo Departamento de Ciências Sociais onde permaneceu até 1989 quando faleceu.

<sup>31</sup>Obteve seu Ph.D. em Harvard em 1973, orientado por David Maybury-Lewis. Ver mais adiante sobre a produção de Woortmann.

<sup>32</sup>Doutorou-se pela USP em 1980, orientada por Gabriel Cohn com a tese **Estado, Escola e Ideologia**. Seu mestrado foi obtido também na USP com a dissertação **Política Educacional e Ideologia (a eternização do presente na ideologia dos secretários de educação)** (1979), orientada por Luis Pereira.

<sup>33</sup>Em 1981 obteve seu Ph.D. em Harvard com orientação de David Maybury-Lewis. Ver mais adiante sobre a produção de Peirano.

<sup>34</sup>Doutorou-se na EHESS/França em 1981, orientado por Louis Dumont com a tese **Tradition et Modernisme dans la Ville Nouvelle de St. Quentin-en-Yvelines; Utilisation des Méthodes Anthropologiques dans l'étude d'une Ville Nouvelle**. O mestrado também foi obtido na França, Paris V, com a dissertação **Vie Sociale D'Un Groupe D'Ingénieurs en Électronique en Banlieu Parisienne**, orientado por Michel de Certeau em 1975.

<sup>35</sup>Obteve seu mestrado e doutorado pela Universidade de Belfast, Irlanda do Norte. A dissertação de mestrado foi **Social Conservatism and Cultural Conservatism. An Analysis of Traditionalism and heterogeneity in Latin American Nations** (1978). Com orientação de J. Blacking, a sua tese foi **A Folk Theory of Personality Types. Gods and their Symbolic Representation among Members of the Shango**

e José Jorge de Carvalho<sup>36</sup>. Em 1987 foram contratados Ellen Woortmann<sup>37</sup> e Luis Roberto Cardoso de Oliveira<sup>38</sup> e em 1988 Gustavo Lins Ribeiro<sup>39</sup>. Nos anos 90 foram contratados Stephen Grant Baines<sup>40</sup>, Wilson Trajano Filho<sup>41</sup> e Henyo Trindade Barreto Filho<sup>42</sup>.

O DAN/UNB foi o responsável pela criação do Anuário Antropológico<sup>43</sup> em 1977, tornando-se uma das publicações mais respeitadas no Brasil e no exterior e pela Série Antropologia já quase em seu número duzentos.

---

**Cult of Recife, Brazil (1984)** também na Irlanda do Norte. Rita Segato foi a responsável pela introdução no PPGAS/UNB dos estudos sobre o feminismo com uma perspectiva social. Até então, as pesquisas sobre mulheres enfatizavam somente o aspecto dos papéis sexuais em nossa sociedade (entrevista com Klaas Woortmann em 5 de outubro de 1992, UNB, por Edgar Mendoza).

<sup>36</sup>Terminou o seu Ph.D. pela Universidade de Belfast/Irlanda do Norte, orientado por J. Blacking com a tese **Ritual and Music of the Sango Cults of Recife, Brazil (1984)**. A dissertação de mestrado foi também defendida na Irlanda do Norte com o título **Studies of Afro-Brazilian Cults. A Critical and Historical Review of the Main Trends of Thought (1978)**. Foi o casal Rita Segato e José Jorge de Carvalho, os responsáveis pela introdução da temática antropologia da religião na Antropologia Social da UNB (Woortmann: entrevista).

<sup>37</sup>Mestre e doutora pela UNB em 1978 e 1988, orientada respectivamente por Mireya Suarez e Roque de Barros Laraia. A dissertação: **Sitiantes e Roceiros: A Produção Camponesa num Contexto de Pecuarização**. A tese foi: **Colonos e Sitiantes: Um Estudo Comparativo do Parentesco e da Reprodução Social Camponesa**.

<sup>38</sup>Obteve seu Ph.D. em Harvard com orientação de David Maybury-Lewis: **Fairness and Communication in Small Claims Courts (1989)**. Fez o mestrado no Museu Nacional com a dissertação **Colonização e Diferenciação: Os "Colonos" da Canarana (1981)** com orientação de Francisca Izabel Vieira Keller.

<sup>39</sup>Obteve seu Ph.D. na City University of New York em 1988, orientado por Eric Wolf. A dissertação **O Capital da Esperança: Brasília - Estudo sobre uma Grande Obra da Construção Civil** defendida na UNB em 1980 com orientação de Lígia Sigaud, quando foi professora visitante na instituição.

<sup>40</sup>Doutorado pela UNB em 1988 com orientação de Júlio Cesar Melatti com a tese **É a FUNAI que Sabe: A Frente de Atração Waimiri-Atroari**. Fez o mestrado na Universidade de Cambridge, Inglaterra com a dissertação **Recent Brazilian Government Indian Policy (1980)**.

<sup>41</sup>Que fez doutorado na Philadelphia University. Wilson Trajano fez o mestrado na UNB com a dissertação: **Músicos e Música no Meio da Travessia (1984)**. Sua banca foi sugestiva: Mariza Peirano, Alcida Rita Ramos e Roberto Cardoso de Oliveira. Sua orientadora, Mariza Peirano, foi orientanda de Alcida Rita Ramos no mestrado em 1974 também na UNB, que por sua vez foi orientada por Roberto Cardoso de Oliveira em 1960 no curso de especialização no Museu Nacional/RJ.

<sup>42</sup>Mestre pelo Museu Nacional em 1993 e orientado por João Pacheco de Oliveira com a dissertação **Tapaba, Tabetanos e Pemas-de-Pau: Etnogênese Como Processo Social e Luta Simbólica**.

Um dos pontos singulares do Regimento da Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB é a obrigatoriedade de dois semestres de residência em Brasília por parte dos alunos ingressantes. Esta regra acaba por propiciar uma convivência maior entre alunos e professores, com o acompanhamento recíproco das respectivas pesquisas, além da agilização na conclusão das dissertações e teses, segundo o depoimento de alguns alunos e professores.

Uma das diferenças entre o DAN/UNB e o PPGAS/MN apontada pelos antropólogos de Brasília é a dedicação, por parte deles, aos cursos também ministrados na graduação em Ciências Sociais. Todos os professores, mestres e doutores, se revezam nos cursos, desde os de Introdução à Antropologia no primeiro ano de graduação até os Seminários Avançados do Doutorado. Contribui assim para a formação básica em Antropologia dos alunos iniciantes, o que qualitativamente transformou a graduação em Ciências Sociais na UNB.

O PPGAS/UNB foi considerado em 1981 como centro de excelência para a América Latina pela Fundação Ford (Woortmann: 1993, p. 8), devido a grande procura por parte de estudantes da América Latina.

A "Catacumba"<sup>44</sup> é um espaço privilegiado onde encontram-se as salas de estudos dos alunos, todos os anos distribuídas e renegociadas entre eles. Ela está presente em quase todas as dissertações, fazendo história, como um ponto de encontro, trocas de experiências, estudos e discussões entre as turmas e grupos temáticos. A existência da "Catacumba" é constitutiva do PPGAS e formadora de gerações de mestres e doutores em Brasília, facilitando ações coletivas com a construção de uma tradição vivida pelo corpo discente e de um sentimento de pertencimento por parte desses grupos.

---

<sup>43</sup>O Anuário Antropológico conseguiu uma dimensão tamanha ao ponto de alguns professores afirmarem que é basicamente através de seus artigos, que a Antropologia de Brasília aparece no cenário antropológico nacional (Ramos: entrevista).

<sup>44</sup>A "catacumba" é um conjunto de salas localizados no subsolo do prédio central da UNB conhecido por "Minhocão" e reservada aos alunos de pós-graduação em Antropologia, além de uma sala coletiva para reuniões. Também o Programa de Pós-Graduação em Sociologia possui um espaço idêntico na UNB.

A Antropologia brasileira nasceu voltada para a etnologia, haja visto o núcleo central dos professores que iniciaram o Programa: Roque de Barros Laraia, Júlio Cesar Melatti, Roberto Cardoso de Oliveira e Alcida Rita Ramos, todos etnólogos com a única exceção de Klaas Woortmann. Das quatro instituições estudadas, Brasília é a que mais possui pesquisas em etnologia (17), praticamente empatando com a USP proporcionalmente ao conjunto produzido pela temática nas décadas de 70 e 80 (28,81%<sup>45</sup>).

Portanto, as primeiras gerações de antropólogos da UNB foram formadas pelos alunos<sup>46</sup> de Roberto Cardoso de Oliveira nos cursos de especialização no Rio de Janeiro no início dos anos 60<sup>47</sup>, além dele próprio.

As pesquisas feitas por estes etnólogos na década de 60 sofreram uma grande influência do estilo formalizante na Antropologia, com grande repercussão nos estudos de parentesco e organização social, reforçando a ilusão da objetividade do método antropológico no que foram também respaldadas pelo estruturalismo reinante naquele momento:

*"Naquele tempo, tinha-se a impressão de que a Antropologia tinha conseguido, afinal, produzir uma verdadeira notação científica." (Laraia: 1987, p. 5)*

---

<sup>45</sup>Na USP a proporção é de 29,09% para a temática etnologia.

<sup>46</sup>Ou seja, uma geração intelectual anterior aquela que permaneceu no Museu Nacional e que fez escola como Otávio Velho, Moacir Palmeira e Gilberto Velho. Não falamos aqui de idade biológica e sim de gerações intelectuais. Uma dessas gerações é composta pelos alunos de Roberto Cardoso de Oliveira nos cursos do início dos anos 60 onde também incluímos o nome de Klaas Woortmann, aluno do Curso de Pesquisa em Ciências Sociais em 57/58 no CBPE dirigido e organizado por Darcy Ribeiro e de Ruth Cardoso e Eunice Durham também formadas intelectualmente na década de 60. Uma outra geração intelectual é a de Otávio Velho, Moacir Palmeira, Lígia Sygaut, Giralda Seyferth etc. Outra é aquela da qual fazem parte Mariza Peirano, Mariza Corrêa, Carlos Rodrigues Brandão etc. Uma outra geração formada nos anos 80 e com os seus doutorados defendidos no início dos 90, começam hoje a criar em torno de si novos grupos de jovens antropólogos. Refiro-me a geração intelectual de Lília Schwarcz, Stephen Baines, Márcio Silva, Márcio Goldman etc.

<sup>47</sup>Roberto Da Matta foi o único dos alunos pertencentes a essa primeira geração que permaneceu como docente no Museu Nacional.

Mais tarde esses trabalhos passaram a ser uma tentativa de estudar a estrutura e organização social de uma determinada sociedade tribal através da **ideologia** que ela construía de si mesma, distinguindo-se entre os aspectos ênicos (do objeto) e éticos (do antropólogo) da análise científica. Nesta perspectiva, Melatti (1968) estudou a ideologia dos Krahó, Roberto Da Matta (1970) os Suyá, Laraia (1967) os Surui e Asurini e Alcida Rita Ramos (1972) os Sanumá.

*"...o estilo teórico da época, privilegiando a análise descarnada de sistemas sociais como se não fossem vividos por gente de três dimensões, tolheu toda e qualquer possibilidade de eu ir buscar numa linguagem alternativa os canais de expressão que dessem conta de maneira mais inteligível de um elenco de dados etnográficos que fugia aos cânones vigentes sobre como se comportam sistemas de relações de sociedades indígenas da América do Sul. Resultado: um trabalho duro, árido e pouco convincente (...) a língua inglesa parece acentuar ainda mais a preocupação com a imparcialidade, gerando um tom distante e impessoal, principalmente, nos estudos de parentesco."* (Ramos: 1990, p. 9-10).

Mas, os estudos sobre as sociedades tribais foram também influenciados pelas concepções de identidade e da fricção interétnica desenvolvidas por Roberto Cardoso de Oliveira naquele momento. A teoria da fricção interétnica do autor foi construída no contexto dos anos 60, influenciada pelas concepções marxistas de Florestan Fernandes em sua pesquisa sobre os negros na sociedade nacional de quem foi orientando na USP, e de Rodolfo Stavenhagem na América Latina<sup>48</sup>. Ao contrário do culturalismo de influência americana defendido por Darcy Ribeiro na década de 50, que se baseava numa concepção de absorção total das culturas indígenas pela sociedade mais abrangente, Roberto Cardoso de Oliveira elaborou uma teoria que teve no conceito de conflito a sua principal substância teórica. A noção de fricção interétnica propiciou uma compreensão diferente das sociedades indígenas no Brasil.

A concepção teórica na tese de doutorado de Roberto Cardoso de Oliveira (1966) e em outros trabalhos produzidos pelo autor naquela época, foram determinantes nos

---

<sup>48</sup>Ver capítulo anterior sobre o Museu Nacional.

estudos das sociedades tribais no Brasil e, de modo especial, nas dissertações de mestrados da UNB nas décadas de 70 e 80, mesmo aquelas não orientadas pelo autor. Nos anos 70, a UNB foi o centro dos estudos indígenas no país totalizando quase 80% do que foi produzido no subcampo na época. Estão entre estas pesquisas, por exemplo, as dissertações 005-UNB, 006-UNB, 008-UNB e 014-UNB.

Essa supremacia da etnologia em Brasília desde a criação do Programa, qualificou a Antropologia na UNB:

*"Os anos 70 conciliam, paradoxalmente, o desenvolvimento da etnologia indígena com o ápice da repressão política. Cresce, então, a preocupação com o destino das populações indígenas. Este crescimento é uma resposta necessária as ameaças decorrentes dos muitos projetos desenvolvimentistas. Nos discursos oficiais, surgem constantemente referências ao fato de que os índios não podem constituir um impedimento ao desenvolvimento nacional. É nesse período que viceja, entre nós, o que foi chamado 'a antropologia da ação', denominação esta proposta por Sol Tax e que implica em um maior comprometimento do antropólogo com a comunidade estudada. Para a efetivação dessa política, muitos antropólogos deixaram de lado as suas atividades eminentemente acadêmicas e aceitaram até mesmo o difícil desafio de trabalhar na Fundação Nacional do Índio. Projetos foram desenvolvidos entre os Maku...(...) Todos esses projetos foram desativados. Contra os pesquisadores estrangeiros, a FUNAI usou o dispositivo do Conselho de Segurança Nacional que proíbe o trabalho dos mesmos em áreas de fronteiras. Contra os demais utilizou-se até mesmo de acusações levianas que resultaram no afastamento dos antropólogos das áreas indígenas." (Laraia: 1987, p. 5-6).*

Entre os alunos que constituíram as primeiras turmas de mestrado em Antropologia da UNB, havia uma consciência antropológica no sentido malinowskiano da valorização e ritualização do trabalho de campo em lugares distantes e isolados. Estava presente também uma expectativa profissional futura de transformar-se em profissionais da Antropologia<sup>49</sup>, mesmo porque o PPGAS/Museu Nacional já tinha nessa época, conseguido se firmar enquanto um espaço de pesquisa antropológica influenciando novas gerações. As concepções predominantemente das chamadas tendências formalistas na

---

<sup>49</sup>Ver mais adiante a opção consciente pela Antropologia feita por Mariza Peirano e seus colegas de turma, ao contrário do que aconteceu com os integrantes da primeira turma de mestrado do Museu Nacional.

Antropologia, refletiram-se na distância formal entre pesquisadores e pesquisados nos textos das dissertações<sup>50</sup> de todas as temáticas com exceção da etnologia.

*"Nosso Programa foi criado durante o auge das abordagens formalizantes. Quando aqui cheguei, fui abordado por dois colegas que me alertaram: a verdadeira Antropologia é uma moeda com duas faces - 'ethnoscience' e 'decision making'. Tremi nas bases, pois nunca havia estudado nem uma nem outra, embora tivesse me doutorado numa Universidade de elite, membro da Ivy League, cujo corpo docente incluía, e ainda inclui, expoentes da Antropologia mundial. Felizmente eu havia estudado estruturalismo, que gozava de grande reputação nos meios acadêmicos de então. Na segunda metade dos anos 80, quando retornei depois de um ano em Florianópolis, fui advertido por um colega: a verdadeira Antropologia, a única que fazia sentido, era a pós-moderna. Se no primeiro momento me senti inseguro, pois era novo no pedaço, nesse segundo momento me senti marginal: durante todo esse tempo nunca encontrei a Verdade (por mais mutante que ela fosse); sempre labutei em erro." (Woortmann: 1993, p. 72-73).*

Esta distância a que me refiro, manifesta-se nos textos das dissertações através de um tratamento distante do antropólogo com relação a seus informantes.

*"Por muito tempo nós tratamos de estruturas e esquecemos das pessoas de carne e osso. Agora, com o interpretativismo, estamos tentando resgatar estas pessoas." (Woortmann: entrevista).*

No entanto, e contraditoriamente ao clima teórico existente, as pesquisas etnológicas da UNB da década de 70, não deixaram de considerar os conflitos, inspiradas que estavam na teoria da fricção interétnica e, portanto, imbuídas de uma concepção mais política dos contatos entre índios e brancos. Foram dissertações principalmente sobre os contatos dos grupos tribais com a sociedade nacional, de política indigenista e da luta pela terra.

No final dos anos 70, o estruturalismo começou a perder espaço nas Ciências Humanas no Brasil e começamos a perceber na UNB, então, uma mudança de qualidade

---

<sup>50</sup>As leituras dessas dissertações, suas apresentações, agradecimentos e introduções nos transmitiram um sentimento de identidade intelectual/profissional por parte do grupo de alunos de Brasília. Inclusive, através de suas leituras podemos acompanhar as diferentes turmas, os seminários organizados e as pesquisas de campo vivenciadas em equipes. As citações dos trabalhos de professores e alunos do próprio PPGAS são mais recorrentes nos textos em Brasília quando comparados as demais instituições estudadas.

no tratamento do antropólogo em relação aos seus informantes - da formalização cientificista para a subjetividade militante - com a escolha de temas mais sociais e políticos. As três dissertações do final dos anos 70 na UNB são emblemáticas, por exemplo, seguem o curso dos acontecimentos sociais e políticos da abertura do final da década de 70. São temas relativos à mulheres trabalhadoras (024-UNB), crianças faveladas (025-UNB) e seringueiros acreanos (026-UNB) em contraposição às temáticas desenvolvidas anteriormente e poderíamos dizer, mais descontextualizadas/"românticas": pescadores (002-UNB, 003-UNB e 004-UNB), xamanismo (009-UNB), o Vale do Amanhecer (010-UNB) etc.

#### 4. Trajetórias:

Na segunda metade da década de 50, Alcida Rita Ramos e Roberto Da Matta iniciaram as suas graduações na UFF, respectivamente em História e Geografia<sup>51</sup>. Tiveram, então, os seus primeiros contatos com a Antropologia através de uma disciplina feita em comum aos dois cursos, ministrada por Luiz de Castro Faria. No último ano da graduação, Roque de Barros Laraia<sup>52</sup> juntou-se aos dois para completar a sua licenciatura já iniciada em Minas Gerais. Primeiramente, Castro Faria conquistou Roberto Da Matta que começou a frequentar o Museu Nacional, a ler Radcliffe-Brown e a influenciar seus dois

---

<sup>51</sup>Pela Lei Nº 2.594 de 08 de setembro de 1955 foram criados dois cursos independentes de História e Geografia, pois até então faziam parte de uma mesma graduação regulamentada por um Decreto-Lei em 1939 (Castro Faria: 1993, p. 14). O modelo a ser seguido pelas demais instituições de ensino superior era o da Universidade Nacional/RJ. Isto foi o que aconteceu na UFF que foi criada a partir da Faculdade Fluminense de Filosofia, instituição de ensino privada localizada em Niterói.

<sup>52</sup>Roque de Barros Laraia conta que ao terminar a graduação na USP, foi convidado para trabalhar como auxiliar de ensino na Cadeira de Língua Tupi e Etnologia Brasileira na Universidade Nacional. Não aceitou o convite devido ao seu ingresso no curso de especialização do Museu Nacional que contava com uma Bolsa de estudos financeiramente significativa na época: cr\$ 15.000,00 (Laraia: entrevista; entrevista com Júlio César Melatti em 07 de outubro de 1992, UNB, por Edgar Mendoza). Interessante notar que como já existia uma Cátedra de Antropologia ocupada por Marina Vasconcelos, que herdou o lugar de seu mestre Arthur Ramos, foi criada uma outra Cátedra ocupada por Darcy Ribeiro e denominada Língua Tupi e Etnologia Brasileira, apesar de nenhum dos professores ocupantes, afirma Roque Laraia, ter o mínimo conhecimento do Tupi falado pelos índios brasileiros (Laraia: entrevista).

colegas que acabaram também por ser seduzidos pela disciplina e participando, os três, do primeiro curso de especialização em Antropologia Social dirigido e organizado por Roberto Cardoso de Oliveira no Museu Nacional em 1960. De uma turma de seis alunos, Laraia, Da Matta e Alcida Ramos foram os primeiros colocados e com isso ganharam o direito de se tornar estagiários no Museu Nacional ao lado de Castro Faria e Roberto Cardoso de Oliveira. Aquela foi uma época em que o Museu Nacional<sup>53</sup> estava passando por grandes transformações institucionais e foi possível a Roberto Cardoso de Oliveira conseguir três vagas de pesquisadores para a Divisão de Antropologia, no lugar de fazer um concurso externo.

Por ter a cidadania portuguesa, Alcida Rita Ramos teve dificuldades nessa contratação, permanecendo somente durante o ano de 1961 no Museu Nacional. Em seguida viajou para cursar o mestrado em Wisconsin, onde continuou no doutorado<sup>54</sup> e casou-se com Kenneth Ian Taylor<sup>55</sup>. A pesquisa do mestrado<sup>56</sup> defendida em 1965 sobre pescadores portugueses no Rio de Janeiro, não satisfaz antropologicamente Alcida Rita Ramos. Segundo ela, esses eram momentos em que a Antropologia se reduzia aos estudos sobre sociedades tribais e somente alguns poucos pesquisadores começavam a se interessar pela Antropologia feita na cidade<sup>57</sup>.

*"Para mim, pesquisa antropológica era ir para um lugar longe, viver lá mesmo, no interior de comunidades diferentes da minha casa, e foi o que acabei fazendo com os Sanumá."* (Ramos: entrevista).

---

<sup>53</sup>Anteriormente o Museu Nacional estava ligado diretamente ao Ministério da Educação e nesse momento foi incorporado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (Laraia: entrevista) onde permanece até os dias de hoje.

<sup>54</sup>Com a tese: **The Social System of the Sanumá of Northern Brazil** (1972).

<sup>55</sup>Segundo Roque de Barros Laraia (entrevista), Kenneth Taylor foi um dos responsáveis pela forte influência do "decision-making" na UNB, da qual a dissertação de Maria das Graças do Pinho Tavares (002-UNB) é uma das representantes.

<sup>56</sup>**Portuguese Fishermen in Rio de Janeiro. A Case of Luso-Brazilian Communion?** (1965).

<sup>57</sup>Entre eles, Eisenstadt e Raymond Firth (Ramos: entrevista).

Os cursos de especialização em Antropologia Social no início dos anos 60, tinham uma forte influência da Antropologia inglesa e do estruturalismo de Lévi-Strauss que começava a ser introduzido no pensamento social brasileiro. O curso tinha a duração de um ano, com aulas de duas horas por semana, sendo uma ministrada por Roberto Cardoso de Oliveira e a outra por Luiz de Castro Faria. O restante do tempo era dedicado a leituras feitas ao redor da antiga mesa da sala de Dona Heloisa Alberto Torres já aposentada nessa época. Também era exigido um estágio de três meses de pesquisa de campo, sendo os novatos acompanhados por pesquisadores mais experientes<sup>58</sup> e que já tivessem feito, pelo menos uma vez, pesquisa de campo.

*"...a minha preocupação central era parentesco e mitologia, as matérias primas utilizadas por Lévi-Strauss. É verdade que o projeto de pesquisa no campo era um projeto de duas faces, nós tínhamos que fazer também um estudo das relações interétnicas e eu acho que, de certa forma, esta segunda parte influenciou mais o nosso trabalho naquele momento em função da situação dramática dos índios que nós trabalhamos naquele instante, então, era muito difícil ficar pensando em parentesco, em mitologia, exclusivamente, a gente continuou pensando em parentesco, em mitologia, mas começamos a nos preocupar muito mais com a situação de contato. Então, no meu primeiro livro, que fiz junto com Roberto Da Matta, a gente dá uma ênfase maior à relação entre índios e castanheiros do que à estrutura social e à mitologia do grupo." (Laraia: entrevista).*

Júlio Cesar Melatti diz não ter feito escolhas quanto à sua carreira antropológica (entrevista). Fez História e Geografia nas Faculdades Católicas Metropolitanas de Petrópolis<sup>59</sup> onde os professores eram quase todos do Rio de Janeiro. Entre eles, como professora de Antropologia, Maria Lais Mousinho Guidi que participou do curso de 1957/58 no CBPE como colega de Klaas Woortmann, convidou Melatti para o curso de especialização no Museu Nacional<sup>60</sup>. Júlio Cesar Melatti (entrevista) afirmou que foi o valor

---

<sup>58</sup> Júlio Cesar Melatti conta que o pesquisador mais experiente que o acompanhou ao campo foi Roberto Da Matta que tinha passado pela mesma iniciação um ano antes.

<sup>59</sup> Atual Universidade Católica de Petrópolis.

<sup>60</sup> Na época foram oferecidas quinze Bolsas de Estudos, sendo que apenas oito candidatos apareceram para o concurso e somente quatro foram aprovados.

da Bolsa oferecida, o motivo que o levou a se interessar pelo referido curso, largando o seu emprego como professor de ginásio em Petrópolis e viajando diariamente ao Rio de Janeiro<sup>61</sup>. Participou, assim, do grupo de alunos da segunda turma, ingressantes em 1961<sup>62</sup> no curso de especialização. Melatti passou três meses de pesquisa de campo entre os Gaviões do Pará em companhia de Roberto Da Matta, juntando-se aos seus colegas<sup>63</sup> como estagiário no Museu Nacional no ano seguinte.

No espaço de tempo entre o fim dos cursos de especialização e a criação do PPGAS/Museu Nacional no final da mesma década, Roque de Barros Laraia<sup>64</sup> e Júlio César Melatti continuaram no Museu Nacional como pesquisadores ao mesmo tempo em que iniciavam os seus doutorados pela USP em 1968. Laraia foi orientado por Florestan Fernandes e defendeu a sua tese em 1972<sup>65</sup> já como docente em Brasília para onde se transferiu em 69. A escolha do orientador, responsável pela Cadeira de Sociologia I, foi devido ao fato de o autor considerar a sua própria tese como uma continuação do trabalho desenvolvido por Florestan Fernandes entre os Tupinambá. Segundo Laraia, Florestan Fernandes contribuiu mais com os estudos dos grupos Tupi do que as pesquisas feitas pelo responsável pela Cadeira de Antropologia I, Egon Schaden<sup>66</sup>. Em função do afastamento de Florestan Fernandes da universidade pelo governo militar, quem presidiu a

---

<sup>61</sup>Como quase todos no Museu Nacional nessa época usavam o transporte coletivo, Melatti se sentia privilegiado por poder viajar sentado até Petrópolis, município distante 60 km do Rio de Janeiro, ao contrário de seus colegas moradores no município que eram obrigados a viajar em pé para casa.

<sup>62</sup>Começou em 1º de março de 1961 e terminou em 28 de fevereiro de 1962 (Melatti: entrevista).

<sup>63</sup>Roque de Barros Laraia, Roberto Da Matta etc.

<sup>64</sup>Laraia logo passou a vice-diretor da Divisão de Antropologia do Museu Nacional.

<sup>65</sup>**Organização Social dos Tupi Contemporâneos (1972).**

<sup>66</sup>Para Laraia (entrevista), somente as suas alunas, Ruth Cardoso e Eunice Durham, iniciaram um estilo de pesquisa na USP, no sentido que hoje entendemos ser a Antropologia, isto é, com uma ênfase maior na pesquisa de campo.

Banca do doutorado de Roque de Barros Laraia foi o professor Luis Pereira<sup>67</sup>. Júlio Cezar Melatti defendeu o doutorado<sup>68</sup> em 1970, orientado por João Baptista Borges Pereira<sup>69</sup> responsável pela Cadeira de Antropologia, substituindo Egon Schaden que se aposentou nesse período.

\*\*\*

Em 1956 Klaas Woortmann licenciou-se em História e Geografia pela Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro e logo depois, em 1957/58, participou do Curso de Aperfeiçoamento em Ciências Sociais promovido pela CAPES e coordenado por Darcy Ribeiro no CBPE/RJ. Nessa ocasião conheceu Anísio Teixeira e, de certa forma, acompanhou as discussões e o projeto de construção de uma nova universidade a ser construída na futura Capital Federal.

O autor afirmou ter sido levado à Antropologia por sua professora de História Moderna e Contemporânea, Maria Yedda Leite Linhares, que o apresentou a Charles Wagley, que por sua vez o apresentou a Darcy Ribeiro no Museu do Índio. Incentivado por Darcy Ribeiro, Klaas Woortmann foi fazer o curso do Museu do Índio e trabalhou, juntamente com seu colega Roberto de La Casas, num projeto coletivo de pesquisa no Vale do Tapajós, supervisionado por Oracy Nogueira, também professor no CBPE naquela época. A pesquisa foi desenvolvida na linha dos estudos de comunidade, muito frequentes nos anos 50, pois era o tipo de trabalho que se esperava dos alunos do CBPE naquele momento<sup>70</sup>.

---

<sup>67</sup>Esta foi a primeira vez que Florestan Fernandes voltou à USP após a sua aposentadoria compulsória. Foi para assistir da platéia a defesa da tese que tinha orientado (Laraia: entrevista). Participaram da Banca, além do professor Luiz Pereira, Thekla Hartmann, João Baptista Borges Pereira, Roberto Cardoso de Oliveira e Júlio Cesar Melatti.

<sup>68</sup>Com a tese **O Sistema Social Krahó** (1970).

<sup>69</sup>Fizeram parte da Banca de doutorado Luiz Pereira, Ruy Coelho, David Maybury-Lewis e Egon Schaden além de João Baptista Borges Pereira.

<sup>70</sup>Consultar Corrêa (1988a).

Ao terminar o curso, Woortmann seguiu para pesquisas no Museu Paraense Emílio Goeldi onde permaneceu até 1964. Retornou ao Rio de Janeiro e foi convidado por Roberto Cardoso de Oliveira a ingressar no Museu Nacional, convite que não pôde aceitar por estar fichado no Serviço Nacional de Informações/SNI. Foi trabalhar, então, no Ministério da Educação. Thales de Azevedo, seu professor também no curso de aperfeiçoamento do CBPE, convidou-o a lecionar em Salvador, Bahia. Klaas Woortmann permaneceu na UFBA até ser convidado por David Maybury-Lewis para fazer doutorado em Harvard no final dos anos 60.

Em 1969, Klaas Woortmann defendeu o seu mestrado<sup>71</sup> em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Bahia onde também lecionava. Obteve seu Ph.D. pela Universidade de Harvard<sup>72</sup> (Cambridge, Massachusets) em 1975<sup>73</sup> já como professor da UNB. Em Harvard recebeu uma carta de Roberto Cardoso de Oliveira convidando-o a lecionar no mestrado em Brasília como professor responsável pela temática da antropologia urbana.

No primeiro semestre de 1973, Klaas Woortmann chegou a Brasília e iniciou uma série de cursos. As suas orientações marxista e da antropologia econômica estavam presentes em seus cursos onde o grande debate ficava por conta da dicotomia entre formalistas e substantivistas. Os cursos privilegiavam a problemática do campesinato no país, fazendo-se teoricamente a articulação entre autores como Marx, Chayanov e Kautski. A ênfase era dada à lógica interna da economia camponesa e à subordinação do campesinato ao capital. Nos anos 80, Klaas Woortmann começou a deslocar o seu interesse em relação ao problema do campesinato, tendo como referência uma experiência

---

<sup>71</sup>Com a dissertação **Grupo Doméstico e Parentesco Num Vale da Amazônia**.

<sup>72</sup>Com a tese **Marginal Men and Dominant Women: Kinship and Sex Roles Among the Poor of Bahia, 1975**.

<sup>73</sup>Klaas Woortmann conta que na véspera da defesa de seu projeto de doutorado em Harvard, recebeu uma carta da UFBA com o prazo de 72 horas para reassumir sua função como professor na instituição. Resolveu permanecer para a defesa em Harvard, demitindo-se da universidade baiana.

de campo em Sergipe<sup>74</sup>. A ênfase passou a recair sobre o ponto de vista nativo, de acordo com a tradição de Bronislaw Malinowski.

*"...e começamos, então, a explorar a perspectiva que nós chamávamos saber camponês, como os grupos camponeses conheciam a natureza e como organizavam seu processo de trabalho a partir de um saber que era próprio ao campesinato. Isso resultou, por exemplo, na dissertação de mestrado da Ellen; disso resultou também a dissertação e o artigo de Mariza Veloso (...) a partir dessa experiência, então, o ponto de vista nativo começou a ficar mais importante pra mim e escrevi alguns artigos mais ou menos dentro dessa perspectiva, No final dos anos 80, como uma...digamos, uma evolução a partir dessa questão eu comecei a chegar àquilo que eu chamaria da subjetividade camponesa e comecei a formular a idéia do campesinato como ordem moral, comecei com saber e acabei na ética camponesa já incorporando aí idéias do Bourdieu, idéias do Dumont e de Geertz. Embora Bourdieu e Dumont correspondam a modelos que não são os de Geertz, são úteis na medida em que se tornava possível entender o campesinato dentro do ponto de vista da idéia de hierarquia, e como no interior desse campesinato se configurava uma ordem moral em contraposição a uma ordem econômica..." (Woortmann: entrevista).*

Portanto, parte do grupo de antropólogos formado por Roberto Cardoso de Oliveira e Darcy Ribeiro no Rio de Janeiro no final dos anos 50 e início dos anos 60 nos cursos de aperfeiçoamento e especialização foi responsável pela criação da pós-graduação em Antropologia Social da UNB nessa nova etapa de reconstrução da universidade no início dos anos 70.

\*\*\*

Poucos foram os alunos que permaneceram como professores na Antropologia da UNB demonstrando um baixo grau de endogenia no DAN. Egressos do mestrado, podemos citar apenas Mariza Peirano<sup>75</sup>, Gustavo Lins Ribeiro, Ellen woortmann e Wilson

---

<sup>74</sup>A partir de 1979 Klaas Woortmann abandonou os estudos urbanos em função de sua participação no projeto de pesquisa coletivo em Sergipe ao lado de Ellen Woortmann, Mireya Suarez, Maria Yedda Linhares etc (Woortmann: entrevista). Ver o mapa das dissertações referentes a UNB onde existe uma concentração de pesquisas nesse Estado.

<sup>75</sup>Peirano foi a terceira aluna de Brasília a defender a dissertação de mestrado. O primeiro foi Carlos Rodrigues Brandão e a segunda foi sua colega de trabalho de campo em Icaraiá, Ceará, Maria das Graças Pinho Tavares.

Trajano Filho. Como egressos do doutorado, o índice é menor ainda, citando-se apenas Stephen Grant Baines e Ellen Woortmann.

Mariza Peirano, professora titular da UNB é, atualmente, uma das responsáveis pela influência sobre alguns antropólogos interessados na auto-reflexão da Antropologia feita entre nós.

Depois de uma passagem rápida pela Arquitetura da UNB em 1962/63, quando foi aluna de Perseu Abramo e José Albertino Rodrigues, Mariza Peirano escolheu cursar Ciências Sociais no IFCS/RJ (1966 a 1970), especializando-se em Sociologia e Ciência Política.

*"Foi um período de muita euforia, muita expectativa, de acreditar muito numa universidade nova. Eu tinha também amizades nas Ciências Sociais. As coisas se misturavam muito, se misturava a vida acadêmica, a vida afetiva. Era um tipo de 'communitas'".<sup>76</sup> (entrevista de Peirano apud Woortmann: 1993, p. 25).*

A segunda metade dos anos 60 foram particularmente difíceis para os setores populares e intelectuais comprometidos com os movimentos populares no Brasil. Foi uma época de cerceamento das liberdades democráticas, mas por outro lado, pareciam surgir resistências por toda parte e em todos os setores da sociedade civil. Nas universidades, especialmente nos cursos de Ciências Humanas, a resistência era visível e militante. Quem não estava engajado nos grupos políticos e clandestinos de então, encontrava um outro meio de participação e contestação. Eram os chamados alunos independentes.

No IFCS/UFRJ a situação não era diferente. Peirano (entrevista de Peirano apud Woortmann: 1993; Peirano: 1992) participou de vários grupos de estudos paralelos ao curso de Ciências Sociais<sup>77</sup> que tinham como objetivo discutir autores proibidos em sala de aula: Gurvitch, Gaston Bachelard etc. A personalidade carismática de Darcy Ribeiro no

---

<sup>76</sup>Nessa época Mariza Peirano casou-se com um professor de arquitetura da UNB, abandonando o seu curso de graduação e mudando-se para Recife/PE onde permaneceu por aproximadamente oito meses quando voltou ao Rio de Janeiro, sua cidade natal.

<sup>77</sup>Quando foi contemporânea de Gilberto Velho (1965-1968), que integrou a turma de Ciências Sociais dois anos antes da sua.

contexto de criação da UNB foi o tema de uma monografia de final de curso feita por Mariza Peirano nessa época quando também participou de pesquisas nos Censos do IBGE com o sociólogo Roger Walker.

Após formada e já casada com Túlio Pérsio Maranhão, juntou-se à equipe do Correio da Manhã com a proposta de contribuir com um trabalho mais engajado politicamente. Nesse período entrou em contato com Roberto Cardoso de Oliveira no Museu Nacional para um possível ingresso na instituição, uma atividade vista não muito comprometida com a militância política naquele momento e, portanto, uma intenção abandonada.

Algum tempo depois, cansada do trabalho como diagramadora no Correio da Manhã, Peirano decidiu juntamente com seu marido, fazer o mestrado em Sociologia na USP com Francisco Weffort. Pensando que não tinha sido aprovada, não foi ver o resultado. No entanto, Túlio Pérsio Maranhão começou a frequentar o mestrado na USP e em função de não estar disposto a viajar constantemente, resolveu frequentar um dos cursos oferecidos pelo Museu Nacional, escolhendo o de Kenneth Taylor (entrevista de Peirano apud Woortmann: 1993). Mariza Peirano citou esse fato como uma casualidade que a levou a se interessar pela Antropologia logo depois.

Através de Túlio Maranhão, Peirano começou a se familiarizar com a bibliografia antropológica e, seduzida pela disciplina e por uma perspectiva intelectual diferente daquela com a qual até então tinha familiaridade, resolveu prestar o concurso para o mestrado em Antropologia da UNB<sup>78</sup> (Peirano: 1992).

Passou três anos em Brasília estudando Antropologia e juntamente com mais dois colegas<sup>79</sup>, inspirados em Malinowski, resolveram estudar uma comunidade de pescadores isolados em Itapipoca, o "exótico possível" naquela época<sup>80</sup> (Peirano: 1992, p. 8).

---

<sup>78</sup>Ao responder à pergunta do por quê a opção pela UNB em lugar do Museu Nacional, localizado na mesma cidade em que morava, Peirano diz ter ficado empolgada com a perspectiva de voltar ao espaço da UNB abandonado quase dez anos antes.

<sup>79</sup>Maria das Graças Pinho Tavares e Túlio Pérsio Maranhão.

*"Nossa Melanésia foi o município de Itapipoca, não entre trobriandeses, mas entre os pescadores que viviam em condições semelhantes àqueles no distrito de Icarai: tínhamos o mar, os coqueiros, a beleza e o desconforto que Malinowski enfrentou." (Peirano: 1992, p. 8-9).*

Na segunda metade dos anos 70 foi convidada por David Maybury-Lewis a fazer o doutorado em Harvard. Entre várias temáticas propostas escolheu a Antropologia brasileira como objeto quando ao assistir a uma aula de Stocking Jr. percebeu que nada havia no curso sobre a disciplina ao sul do Equador.

A tese de Doutorado defendida em 1981, **Anthropology of Anthropology: The Brazilian Case** é uma tentativa de comparar três perspectivas, criando um diálogo entre Louis Dumont, Norbert Elias - e suas respectivas tradições intelectuais: francesa e germânica - e o caso etnográfico brasileiro através das carreiras intelectuais de seis cientistas sociais de diferentes gerações em nosso país: Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Antônio Candido, Roberto Cardoso de Oliveira, Roberto Da Matta e Otávio Velho (Peirano: 1992, p. 13-14).

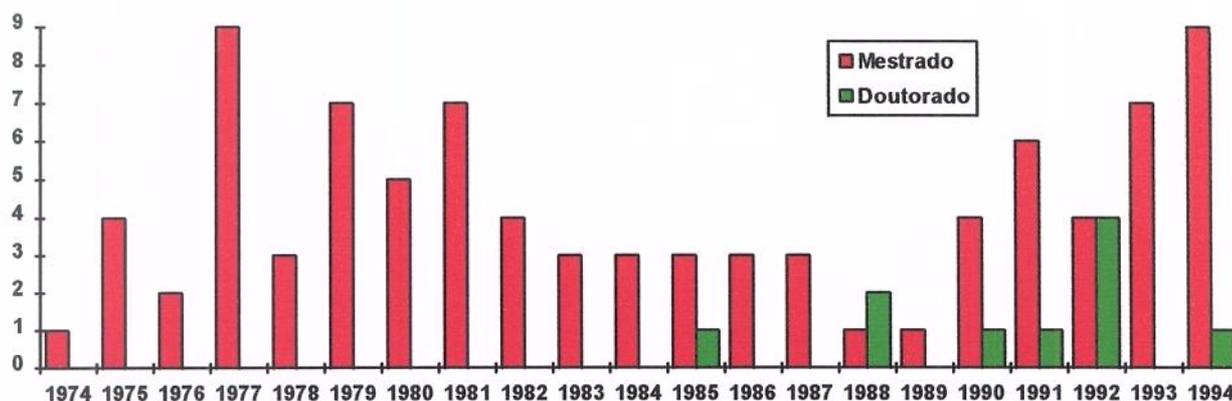
Em função desta problemática, Peirano foi para a Índia em 1987 com a perspectiva de fazer uma comparação do pensamento antropológico no Brasil, Índia e Estados Unidos e que teve como fruto o livro **Uma Antropologia no Plural - Três Experiências Contemporâneas** (1992).

---

<sup>80</sup> *"...espantava-me, então, por ter produzido uma tese de mestrado academicamente correta, mas que poderia ter sido escrita por um estudante norte-americano ou europeu, entre pescadores brasileiros, melanésios ou de qualquer ilha do Pacífico. Comprometida com o rigor analítico, ela se inspirava nos então recentes modelos da antropologia britânica sobre classificação simbólica, seguindo Edmund Leach e Mary Douglas. Esta tese, portanto, apenas procurava comprovar minha eventual competência analítica, com seu enfoque cognitivo e com grande influência do estruturalismo. Não é de se estranhar, então, que ela tenha despertado mais interesse entre estudantes norte-americanos que trabalhavam no Brasil que aos próprios brasileiros." (Peirano: 1992, p. 10).*

## 5. Os Números:

### Dissertações de Mestrado e Doutorado da UNB (1974-1994):



No doutorado foram defendidas dez teses a partir de 1985, sendo que os dois professores que mais orientaram foram Roberto Cardoso de Oliveira (2) e Gustavo Lins Ribeiro (2). Os demais foram Júlio Cezar Melatti, Peter Silverwood-Cope, Luis Roberto Cardoso de Oliveira, Rita Laura Segato, José Jorge de Carvalho e Mireya Suarez em coorientação com Roque de Barros Laraia.

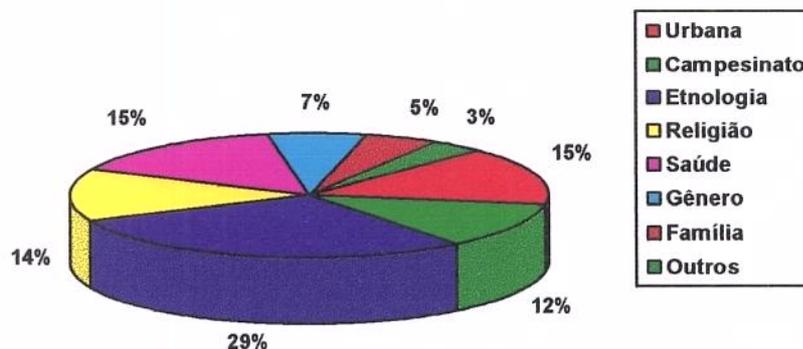
Do total dessas pesquisas de doutorado, três foram na área de etnologia, sendo que as demais pertenciam às seguintes linhas de pesquisa: antropologia do campesinato (2), pensamento social (2), etnicidade (2), gênero (1), antropologia da religião (1), antropologia da saúde (1) e antropologia urbana (1).

O tempo gasto no curso de doutorado (até 1994) variou da seguinte maneira:

4 ½ anos	5 a 6 anos	7 a 8 anos	8 anos e 2 meses
10%	30%	40%	20%

A linha de pesquisa que mais se desenvolveu no mestrado da UNB foi a etnologia com 28,8% das dissertações. Em segundo lugar praticamente empataram três temáticas: antropologia urbana e antropologia da saúde com 15,5% das dissertações cada uma delas

e antropologia da religião com 13,5% das pesquisas. A totalidade das temáticas desenvolvidas nas duas décadas foram:



Com relação ao tempo gasto no mestrado nas décadas de 70 e 80, o gráfico oficial do PPGAS/UNB fica da seguinte maneira:

1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	13 a 14 anos
1,69%	20,33%	57,62%	16,94%	1,69%	1,69%

A UNB foi a instituição que tem conseguido manter uma média de tempo nas três décadas considerada ideal pelas agências financiadoras: três anos e dez meses (mestrado) e seis anos e sete meses (doutorado). No entanto, se não levarmos em conta os desligamentos dos alunos por parte do DAN e automaticamente admitidos<sup>81</sup> nas turmas subsequentes do mestrado, esta média considerada excelente tende a aumentar: quatro anos e três meses. Este é um ponto importante na análise dos tempos gastos por cada Programa de Pós-Graduação, pois na USP, Unicamp e Museu Nacional<sup>82</sup>, este desligamento não acontecia e, portanto, os tempos são considerados demasiadamente

<sup>81</sup>Admitidos com o consentimento de seus respectivos orientadores.

<sup>82</sup>Na década de 90, o Museu Nacional tem tido uma prática parecida com a UNB em relação aos alunos que excedem os seus tempos de curso.

excessivos. Contudo, mesmo considerando-se essa nova média, a UNB continua possuindo uma média de tempo melhor que as demais instituições (ver tabela 75 e 76).

Roberto Cardoso de Oliveira (16) foi quem mais orientou no mestrado e nas décadas de 70 e 80, seguido por Júlio Cezar Melatti (12), Roque de Barros Laraia (9) e Klaas Woortmann (5). O grupo de professores constitutivos do Programa de Pós-Graduação, portanto, foi o responsável pela orientação de 71% da produção no mestrado em Antropologia Social da UNB.

Quase a metade (22) dessas pesquisas não se referiu explicitamente ao referencial teórico utilizado. Os demais referenciais teóricos citados foram: teoria da fricção interétnica (9), etnociência (6), antropologia interpretativa (5), estruturalismo (4), drama social (4), hermenêutica (2), *decision-making* (2), antropologia cognitiva (2), funcionalismo, sociolinguística, estudos de comunidades, análise situacional, análise do discurso, análise contextual etc.

Os financiamentos recebidos foram: CNPq (30), CAPES (26), Fundação Ford (15) além de outras agências de fomento à pesquisa como o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição/INAN, FINEP, etc.

A análise bibliográfica revelou que os autores estrangeiros mais citados na antropologia brasileira nas décadas de 70 e 80 foram Lévi-Strauss (31), Edmund Leach (25), Marcel Mauss (24), Irving Goffman (21), Durkheim (19), Victor Turner (19), Frederick Barth (17), Pierre Bourdieu (16), Evans-Pritchard (15), Mary Douglas (15), Clifford Geertz (14), Peter Berger (14), Raymond Firth (14), Eric Wolf (13), Karl Marx (12), Thomas Luckman (12), Waard Goodenough (12), Max Weber (11), Marshall Sahlins (11), Louis Dumont (10), Nicos Poulantzas (9), Radcliffe-Brown (9), Michael Foucault (9), Louis Althusser (9), Tambiah (8), Gramsci (7), Foster (7), Engels (7), Malinowski (7), Abner Cohen (6), Arnold Van Gennep (6), Van Velsen (5), Margareth Mead (5) e Rodolfo Stavenhagen (5).

Os autores nacionais mais recorrentes foram nos anos 70 e 80: Roberto Cardoso de Oliveira (33), Roberto Da Matta (23), Julio Cesar Melatti (18), Mariza Peirano (16), Klaas

Woortmann (13), Carlos Rodrigues Brandão (13), Eduardo Galvão (13), Martin Ibanez-Novion (12), Darcy Ribeiro (12), Roque de Barros Laraia (11), Otávio Velho (11), Alcida Rita Ramos (10), Antônio Cândido (9), Afrânio Garcia Jr. (9), Maria Isaura Pereira de Queiroz (8), Nimuendaju (7), Charles Wagley (7), José de Souza Martins (6), Egon Schaden (6), Florestan Fernandes (5), Celso Furtado (5), Herbert Baldus (5), Túlio Pérsio Maranhão (5), Gilberto Velho (5), Fernando Henrique Cardoso (5), Paul Singer (5) e Maurício Vinhas de Queiroz (5).

### **5.1. Etnologia:**

Na Universidade de Brasília a área de etnologia produziu dezessete dissertações de mestrado e definidora do perfil do PPGAS/UNB.

Das dezessete pesquisas na temática, cinco foram defendidas ainda na década de 70 e o restante (12) nos anos 80. No entanto, somente seis mestres ingressaram no mestrado na década de 80, apontando para uma tendência na diminuição de pesquisas sobre sociedades tribais na UNB. Os onze mestres restantes eram egressos de turmas admitidas nos anos 70, sendo que a turma que produziu mais etnólogos foi a do ano de 1978 (4).

Os locais de trabalho dos alunos egressos são: FUNAI (2), Museu Paraense Emílio Goeldi/PA (2), UFMT/MT (3), UFMG/MG (1), UFPR/PR (1), UFAC/AC (1), UFRRJ/RJ (1), UFGO/GO (1), UFPA/PA (1), UFSC/SC (1), Museu Nacional/RJ (1) e Universidade de Misiones/Argentina (1).

Foi uma área onde as orientações estiveram concentradas em apenas três professores: Roberto Cardoso de Oliveira, que orientou seis destas pesquisas e Laraia, que orientou duas, enquanto Melatti foi o orientador da maioria delas, isto é, nove. Em contraposição, as composições das bancas foram diversificadas. Além de Melatti (13), Cardoso de Oliveira (12), Laraia (10), participaram também Alcida Rita Ramos (2), Peter Silverwood-Cope (3), Mireya Suarez (2), Mariza Peirano (1) e Lia Zanotta Machado (1) do

DAN/UNB. Os convidados foram Daniel Gross<sup>83</sup>, Anthony Seeger (Museu Nacional), Eduardo Viveiros de Castro (Museu Nacional), Mauricio Vinhas de Queiroz (DS/UNB), Cecília Maria Vieira Helm (UFPr), George Cerqueira Zarhur (CLACSO) e Maria Lais Mousinho (INEP/Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais do MEC).

Da totalidade das dissertações em etnologia, somente duas estão classificadas como pesquisas tradicionais - a musicologia e a etnografia clássica foram as suas subtemáticas - defendidas uma em cada década. As demais (15) foram classificadas como estudos etnológicos de contato, o que reforça a influência de Roberto Cardoso de Oliveira na etnologia brasileira.

Os grupos indígenas estudados por estas pesquisas foram: Guarani [Tupi-Guarani]<sup>84</sup> e Kaingang [Jê]<sup>85</sup>; Kamayura [Tupi-Guarani]<sup>86</sup>; Tikuna [Tikuna]<sup>87</sup>; Kaxinawa [Pano]<sup>88</sup>; Bakairí [Karib]<sup>89</sup>; Chiquitanos ("Camba") e Terena [Aruak]<sup>90</sup>; Galibi [Karib] e Karipúna [Pano]<sup>91</sup>; Apurinã [Aruak]<sup>92</sup>; Pukoby/Timbira [Jê, Gaviões do Maranhão]<sup>93</sup>;

---

<sup>83</sup>Professor norte-americano visitante do DAN/UNB e que ficou um período relativamente longo em Brasília, ou seja, dois anos. As pesquisas do professor Daniel Gross poderiam estar classificadas naquilo que se conhece hoje por Ecologia Cultural e que foi por um período relativamente longo muito importante na Antropologia norte-americana. Esta temática está ligada a uma visão empiricista do marxismo. No Brasil, ao contrário, esta perspectiva não teve muita repercussão (Woortman: entrevista).

<sup>84</sup>Todas as informações entre colchetes foram feitas por mim segundo Grupioni (1994).

<sup>85</sup>Mangueirinha/PR.

<sup>86</sup>Parque Nacional do Xingu/Posto Leonardo/Margem sul da lagoa de Ipawu.

<sup>87</sup>Umariçu/Posto indígena do aldeamento Tikuna.

<sup>88</sup>Feijó/Morada Nova/Rio Envira/AC (Seringais do Murú, Tarauacá e Jordão, onde estão localizados os Kaxinawá).

<sup>89</sup>Posto Indígena de Santana e Posto Indígena Simões Lopes (mais tarde Posto Indígena Bakairí)/Município de Chapada dos Guimarães/Margem direita do rio Paranatinga/MT.

<sup>90</sup>Corumbá (Chiquitanos)/Aquidauana e Campo Grande (Terena)/MS.

<sup>91</sup>Área indígena do Uaçá/Oiapoque/Amapá.

<sup>92</sup>Manacapuru/Manaus/AM.

Tariâna [Aruak]<sup>94</sup>; Sateré-Mawé [Sateré-Mawé, Proto-Tupi]<sup>95</sup>; Mbyá-Guarani [Guarani]<sup>96</sup>; Fulniô [Macro-Jê]<sup>97</sup>; Miranha, Cambeba [Tupi-Guarani] e Majoruna [Tupi-Guarani]<sup>98</sup>; Tapuio [Jê]<sup>99</sup>; Pakaa-Nova [Txapakura]<sup>100</sup> e os migrantes indígenas do Alto Rio Negro para Manaus<sup>101</sup>.

Os referenciais teóricos utilizados foram a teoria da fricção interétnica (8), o drama social (2), a análise situacional (1), a etnociência (1), os estudos de redes sociais (1), a sociolinguística (1), a antropologia simbólica (1), a antropologia interpretativa (1) e os estudos situacionais (1), sendo que cinco dissertações não referiram explicitamente o referencial teórico.

Quanto às técnicas de pesquisas empregadas podemos citar a observação participante (9), as entrevistas (9), *survey* (4), diário de campo (4), censo (3), além da análise musicológica, fotografias, pesquisas bibliográficas, registro fonográfico, genealogia, história oral, notações musicais, pesquisas em jornais e questionários.

Os financiamentos recebidos ficaram por conta das seguintes agências: CNPq (10), CAPES (5), Fundação Ford (4), Centro Brasileiro de Estudos Indígenas, Divisão de Estudos e Pesquisas da FUNAI, Governo do Estado do Mato Grosso, *Consejo Nacional de Ciencia y Tecnologia do Mexico*, Levantamento dos Povos Indígenas no Brasil e

---

<sup>93</sup>Aldeia Governador/Amarante/MA.

<sup>94</sup>Índios do Rio/Alto rio Negro/Distrito de Iauaretê/Município de São Gabriel da Cachoeira/AM.

<sup>95</sup>Manaus/AM.

<sup>96</sup>Misiones/Argentina.

<sup>97</sup>Águas Belas/PE.

<sup>98</sup>Tefé/AM.

<sup>99</sup>Rubiataba/Município de Nova América/GO (aldeamento que se localiza entre a Serra Dourada e o rio Carretão).

<sup>100</sup>Guarajá-Mirim/Rondônia.

<sup>101</sup>Alto Rio Negro e Manaus/AM.

Organização dos Estados Americanos/OEA. Quatro autores não referiram nenhum financiamento recebido.

As palavras-chave mais recorrentes foram ideologia (14), identidade (13), frente de expansão (7) e representações (6).

O tempo gasto com a pesquisa de campo ficou assim distribuído:

3 a 4 meses	4
4 a 5 meses	2
5 a 6 meses	4
6 meses	1
7 meses	1
9 meses	1
3 anos	1
7 anos (intermitentes)	1
não refere	2

Quanto aos projetos de pesquisas, somente as dissertações 033-UNB, 039-UNB e 040-UNB - respectivamente as pesquisas de Marco Antônio Lazarin, Jorge Oswaldo Romano e Leonardo Fígoli - citam o Projeto "Índios Citadinos: Identidade e Etnicidade em Manaus, AM" sob a coordenação de Roberto Cardoso de Oliveira. Portanto, ao contrário do Museu Nacional/RJ, os chamados projetos "guarda-chuvas" não foram constitutivos do Programa da UNB, mesmo quando estes existiram, como é o caso, o único citado entre as cinquenta e nove dissertações de mestrado em Brasília nas décadas de 70 e 80.

A análise bibliográfica nos mostrou que os autores estrangeiros mais citados foram: Lévi-Strauss (9), Fredrik Barth (9), Eric Wolf (6), Pierre Bourdieu (5), Louis Althusser (5), Irving Goffman (5) e Edmund Leach (5). Os autores nacionais foram: Roberto Cardoso de Oliveira (17), Júlio Cesar Melatti (13), Darcy Ribeiro (11), Eduardo Galvão (8), Otávio Velho (8), Curt Nimuendaju (7), Roque de Barros Laraia (6), Egon Schaden (6), Roberto Da Matta (6), Alcida Rita Ramos (5) e João Pacheco de Oliveira Filho (5).

## 5.2. Antropologia Urbana:

Como aconteceu no Museu Nacional/RJ, esta foi também uma linha de pesquisa no DAN/UNB onde todo o corpo docente esteve engajado e contribuiu nas orientações das dissertações. Foram nove pesquisas, sendo três delas concluídas nos anos 70 e o restante na década seguinte.

Duas dessas dissertações foram orientadas por Roberto Cardoso de Oliveira e duas por Mariza Peirano. As demais tiveram como orientadores Júlio Cesar Melatti, Lygia Sigaud<sup>102</sup>, Klaas Woortmann, Lia Zanotta Machado e Mireya Suarez. As composições das bancas contaram com a participação de Fernando Correia Dias (DS/UNB e Ministério da Cultura/MINC) (4), Bárbara Freitag (DS/UNB), Gentil Martins Dias (DS/UNB), Júlio Sursis Nobre (UNB), Daniel James (UNB), Gilberto Velho (Museu Nacional/RJ) e Maria Lais Mousinho Guidi (INEP/Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais do MEC), além dos professores orientadores: Roberto Cardoso de Oliveira (4), Alcida Rita Ramos (3), Mariza Peirano (3), Klaas Woortmann (3), Júlio Cesar Melatti, Lia Zanotta Machado, Lygia Sigaud e Mireya Suarez.

A subtemática mais desenvolvida foi a própria cidade de Brasília (3) e as demais foram: comunidade, arquitetura, música, trabalho infantil, educação e idosos. Os grupos escolhidos foram os discursos dos técnicos de Brasília, os velhos asilados, as memórias dos operários construtores de Brasília, a festa do Divino Espírito Santo, as festas de Planaltina, os músicos profissionais, arquitetos, crianças faveladas e os educadores do ensino superior da cidade.

Os locais de trabalho desses alunos egressos são: como docentes na UNB/DF (3) e na UFAL/AL (1); CODEVASF/Consultoria; LBA/DF (1); MINC/DF (1); MEC/DF (1); como doutorandos na Unicamp (1) e Filadélfia (1); a outra aluna egressa faleceu.

---

<sup>102</sup>A professora Ligia Sygaud foi professora visitante da UNB na virada dos anos 70 para os 80 quando orientou duas dissertações: uma em antropologia urbana e a outra em antropologia do campesinato.

Quanto aos referenciais teóricos utilizados foram citados a antropologia interpretativa (2), a hermenêutica, o estruturalismo, a teoria da modernização, os estudos de comunidades, a instituição total de Irving Goffman e duas dessas dissertações não citaram o referencial teórico utilizado.

Em relação às técnicas de pesquisas aplicadas, podemos citar a observação participante (6), entrevistas (6), pesquisas em jornais (2), depoimentos (2), levantamento estatísticos, *survey*, questionários e a análise do discurso dos operários que construíram a cidade<sup>103</sup>.

Quanto aos financiamentos recebidos, estes foram provenientes do CNPq (5), CAPES (4) e Fundação Ford (1). Uma pesquisa não se referiu a qualquer ajuda financeira recebida.

As palavras-chave recorrentes foram ideologia (6), representação (3), rituais (2), comunidade (2), simbolismo (2) e identidade (2).

Os locais de pesquisas ficaram restritos a Brasília/DF (5), Planaltina/DF, Sobradinho/DF, Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP. O tempo gasto no campo ficou distribuído da seguinte forma:

3 meses	3 <sup>104</sup>
6 meses (intermitentes)	1
9 meses (intermitentes)	1
1 ano	1
1 ano e 3 meses	1
não refere	1

---

<sup>103</sup>Não confundir com **análise de discurso** enquanto referencial teórico, segundo principalmente o autor francês Michel Pêcheux.

<sup>104</sup>Uma destas pesquisas referiu-se ao tempo como sendo intermitente.

Os autores estrangeiros mais citados foram: Pierre Bourdieu (6), Marcel Mauss (6), Durkheim (5), Lévi-Strauss (5), Louis Dumont (4) e Victor Turner (4). Os autores nacionais recorrentes foram: Roberto Cardoso de Oliveira (5) e Roberto Da Matta (4), além de Mariza Peirano (3), Carlos Rodrigues Brandão (3), Lúcio Costa (3) e Oscar Niemeyer (3).

### 5.3. Antropologia da Saúde:

A área conta igualmente com nove pesquisas, sendo seis delas na década de 70 e três nos anos 80. Os orientadores da temática foram Roque de Barros Laraia (4), Alcida Rita Ramos (2), Roberto Cardoso de Oliveira (2) e Peter Silverwood-Cope (1). Além dos orientadores - Laraia (7), Roberto Cardoso de Oliveira (2), Alcida Rita Ramos (2) e Silverwood-Cope (2) - os professores da casa que participaram foram Klaas Woortmann (2), Júlio César Melatti (1), David Price (1), Luiz Tarlei de Aragão (1), Kenneth Taylor (2) e Mariza Peirano (1). Os convidados foram Gilberto Velho (1), Vera Silva Lustig-Arecco<sup>105</sup> (CIS/UNB), Ruth Cardoso (USP), George Cerqueira Zarhur (CLACSO) e Severino Márcio Pereira Meireles (UFMT).

As subtemáticas desenvolvidas foram alimentação (3), saúde mental (2), corpo humano, proibição alimentar, medicina oficial e alternativa, consumo médico, práticas terapêuticas e o sistema de saúde. Os grupos escolhidos para a pesquisa de campo foram as clientela de hospitais psiquiátricos, pescadores, operários rurais, migrantes rurais, pequenos proprietários e o sistema de cuidados médicos de Sergipe.

Os referenciais teóricos escolhidos foram o estruturalismo (2), a etnociência (2), a antropologia interpretativa (1), e o *decision-making* (1), sendo que quatro dessas pesquisas não citaram explicitamente o referencial teórico utilizado.

As técnicas de pesquisa aplicadas na coleta dos dados foram a observação participante (8), as entrevistas (8), questionários (3), *survey* (3), diário de campo (3) e depoimentos.

---

<sup>105</sup>Professora visitante no DAN/UNB.

Os financiamentos foram recebidos das seguintes agências: CAPES (6), CNPq (3), CAPES/PICD<sup>106</sup> (1), FINEP (1), Fundação Ford (1) e INAN (1). Uma dissertação não se referiu a qualquer tipo de financiamento.

As palavras-chave mais utilizadas foram ideologia (3), doença (3), saúde/doença (2), saúde (2), representações sociais (2), estrutura (2), identidade (2) e classificação (2).

Os locais de pesquisas foram Santo Antônio do Monte/MG (2), Icarai/CE, Cabedelo/PB, Sobradinho/DF, Planaltina/DF, Fortaleza/CE, Vigia/PA e Poço Verde-Frei Paulo-Gararu/SE.

Ficou assim distribuído o tempo de permanência do pesquisador em campo:

3 meses	1
3 ½ meses	2
4 meses	2
5 meses	2
6 meses	1
7 meses	1

Quanto à bibliografia, os autores estrangeiros mais recorrentes foram: Lévi-Strauss (7), Edmund Leach (6), Mary Douglas (5), Raymond Firth (5) e Victor Turner (5). Os autores nacionais mais citados foram: Martin Ibanez-Novion (7), Mariza Peirano (6), Roberto Da Matta (6) e Klaas Woortmann (4).

#### **5.4. Antropologia da Religião:**

Com somente uma pesquisa a menos que as duas temáticas desenvolvidas anteriormente, isto é, oito no total, esta foi uma temática que também se concentrou na década de 80 (5). Os professores orientadores foram: Roberto Cardoso de Oliveira (3), Peter Silverwood-Cope (2), Lia Zanotta Machado (1), Luiz Tarlei de Aragão (1) e Roque de Barros Laraia (1).

---

<sup>106</sup> Programa de Incentivo ao Corpo Docente da CAPES.

Na composição das bancas, os professores da casa ficaram distribuídos da seguinte maneira: Klaas Woortmann (5), Roberto Cardoso de Oliveira (4), Peter Silverwood-Cope (3), Luiz Tarlei de Aragão (3), Mariza Peirano (2), Júlio Cesar Melatti (2), Roque de Barros Laraia (1), Mireya Suarez (1), Lia Zanotta Machado (1) e José Jorge de Carvalho (1). Somente uma convidada compôs uma dessas bancas: a professora Maria Manuela Carneiro da Cunha, na época docente da Unicamp/SP.

As subtemáticas desenvolvidas foram as religiões enquanto culturas alternativas (2), o pentecostalismo (2), os estudos afro-brasileiros, os judeus, a terapêutica e a cura. Os grupos escolhidos para as pesquisas de campo foram os adeptos do *Bagwan*, o Desafio Jovem do Brasil, o Santo Daime, o Vale do Amanhecer, a Casa da Benção, os Marranos do Rio Grande do Norte, um terreiro de angola em Salvador, os Sannyasins e os ufólogos da Capital Federal.

A grande maioria dessas pesquisas não citou o referencial teórico utilizado (5). As demais se referiram ao estruturalismo, ao drama social e à instituição total como referenciais teóricos.

As técnicas de pesquisa empregadas foram a observação participante (5), as entrevistas (4) e o diário de campo. Duas dissertações não se referiram as técnicas empregadas nas pesquisas.

Os financiamentos vieram da CAPES (3), do CNPq (3), da Fundação Ford (1), da Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação da UNB. Duas dessas dissertações não referiram ajuda financeira.

As palavras-chave recorrentes foram: simbolismo (4), rituais (4), ideologia (3), religião (3), representações (3), identidade (3) e saúde (2).

Os locais de pesquisas foram Brasília/DF (4), Rio Branco/AC, Natal/RN, Salvador/BA, Taguatinga/DF, Planaltina/DF e São Paulo/SP.

Além de uma das pesquisas que não referiu o tempo passado em campo, as demais foram distribuídas da seguinte maneira:

7 meses	1
1 ano (+)	4 <sup>107</sup>
2 anos (intermitentes)	1
3 anos (intermitentes)	1
não refere	1

Quanto à bibliografia podemos dizer que os autores estrangeiros mais citados foram: Mary Douglas (6), Marcel Mauss (5), Durkheim (5), Lévi-Strauss (5), Victor Turner (5), Louis Dumont (4), Clifford Geertz (4), Irving Goffman (4), Edmund Leach (4), Max Weber (4), Van Gennep (4) e Tambiah (4). Os autores brasileiros mais referidos foram: Roberto Cardoso de Oliveira (5), Roberto Da Matta (3) e Maurício Vinhas de Queiroz (3).

### 5.5. Antropologia do Campesinato:

Foi uma temática pouco recorrente na Antropologia Social em Brasília. A professora Mireya Suarez (3) foi quem mais orientou dissertações sobre a temática. Do total de sete dissertações, quatro pesquisas foram concluídas nos anos 70 e três na década seguinte. Os demais orientadores foram: Kenneth Taylor (1), Klaas Woortmann (1), Roberto Cardoso de Oliveira (1) e Lygia Sigaud (1).

Para as composições das bancas foram convidados os professores Gentil Martins Dias (DS/UNB), Elmer Miller<sup>108</sup>, João Elmo Schneider, Sadi Dal-Rosso (UNB), Fernando Correia Dias (MINC), Luiz de Castro Faria (Museu Nacional) e Verena Stolcke (Unicamp). Quanto aos professores participantes da casa, tivemos Lygia Sigaud (4), Mireya Suarez (3), Klaas Woortmann (3), Alcida Rita Ramos, Kenneth Taylor, Roberto Cardoso de Oliveira e Júlio César Melatti.

<sup>107</sup> Duas pesquisas referiram o tempo passado no campo como intermitentes.

<sup>108</sup> Professor visitante no DAN/UNB.

Entre esse grupo de alunos, encontramos cinco que são docentes nas seguintes instituições: UNB/DF (2), UFGO/GO (1), UFPB/PB (1) e na St. Paul University. Os outros dois trabalham para o governo do Amapá e em Consultoria em São Paulo. Um destes ex-alunos faz o seu doutorado na UNB.

As subtemáticas desenvolvidas foram: movimentos sociais, seringueiros, etnia e patronagem, pesca artesanal, fazendas tradicionais, produção pecuária e classificação de pescados. Os grupos escolhidos foram os pescadores (2), camponeses, seringueiros, sitiantes, roceiros e trabalhadores em fazendas.

Quanto aos referenciais teóricos foram citados: antropologia cognitiva (2), etnociência (3), *decision-making* e antropologia interpretativa. Duas dessas pesquisas não citaram o referencial teórico utilizado e em uma delas o seu autor declarou explicitamente que não existiu este referencial.

As técnicas de pesquisas utilizadas foram: observação participante (3), entrevistas (3), *survey* (2), levantamentos estatísticos, genealógicos e históricos, fotografias, recenseamento, testes de *traides* e coletas de discursos.

Os financiamentos foram obtidos nas seguintes agências de fomento à pesquisa: CNPq (4), Fundação Ford (4), CAPES (2), INAN e Plano de Assistência à Pesca Artesanal.

As palavras-chave mais citadas foram: parentesco (2), pecuária (2), organização social (2) e campesinato (2).

Os locais de pesquisas ficaram distribuídos da seguinte forma: Icaraiá/CE (2), Itabi/SE, Ribeirópolis/SE, Campo Alegre/GO, Arroio/GO e Recife/PE. O tempo passado no campo foi de dois, três, quatro, cinco, sete e dez meses em cada uma das pesquisas, sendo que uma delas não se referiu a este tempo.

A análise bibliográfica nos mostrou que entre os autores nacionais, os mais citados foram Afrânio Garcia Jr. (4), Mariza Peirano (3), Antônio Cândido (3), Klaas Woortmann (2), José Sérgio Leite Lopes (2), Moacir Palmeira (2), Roberto Cardoso de Oliveira (2), Túlio Pérsio Maranhão (2), Alcida Rita Ramos (2), Celso Furtado (2) e Otávio Velho (2). Entre os autores estrangeiros mais citados encontramos: Ward Goodenough (3), Chayanov (2),

Rosa de Luxemburgo (2), Edmund Leach (2), George Foster (2), Lévi-Strauss (2), Raymond firth (2) e Roger Kesting (2).

#### 5.6. Gênero:

Foi uma área pequena composta somente de quatro dissertações: duas na década de 70 e duas no início dos anos 80. E o interessante deste grupo de alunos é que três deles levaram exatamente três anos e oito meses para a obtenção do grau de mestre, enquanto o outro obteve o título com quatro anos e dois meses. Os locais de trabalho são a UFPAPA (2) e a UFC/CE (1). Outro é funcionário da FUNAI.

As quatro dissertações foram orientadas por Júlio Cesar Melatti (2), Klaas Woortmann (1) e Roque de Barros Laraia (1). Na composição das bancas, os convidados foram Maria Lais Mousinho Guidi(2)(INEP) e Vera Silva Lustig-Arecco (2). Os professores da casa que compuseram as bancas foram Julio Cesar Melatti (3), Roque de Barros Larais (2), Klaas Woortmann (2) e Lia Zanotta Machado (1).

As subtemáticas desenvolvidas foram as mulheres trabalhadoras, seu papel no mundo de hoje, seu corpo e a prostituição feminina. As operárias da castanha, as mulheres de uma comunidade de pesca, as mulheres de baixa renda e as prostitutas de baixo meretrício estão entre os grupos escolhidos como objeto pelos seus autores.

Além de duas destas dissertações não terem deixado explícito o referencial teórico utilizado, uma optou pelo drama social de Turner e a outra pela "análise contextual". As técnicas utilizadas foram: observação participante (4), entrevistas (3), *survey* (2), histórias de vida, questionários e os depoimentos. As palavras-chave recorrentes foram ideologia (2), representações (2), cotidiano (2), identidade (2), simbolismo (2), trabalho (2) e mulheres (2).

Três pesquisas receberam financiamento do CNPq, duas da CAPES, uma da Fundação Ford, uma da Financiadora de Estudos e Projetos, uma da Divisão de Estudos e Pesquisas da FUNAI e uma da Fundação Carlos Chagas.

Os locais escolhidos para as pesquisas de campo foram: Brasília, Planaltina e Sobradinho no Distrito Federal; Belém e Vigia no Pará; Aragarças em Goiás; Barra do Garças em Mato Grosso e Fortaleza no Ceará. O tempo gasto nestas pesquisas de campo foram: três, quatro, sete (intermitentes) e doze meses.

Quanto à bibliografia, os autores estrangeiros mais citados: foram Margareth Mead<sup>109</sup> (3), Mary Douglas (2), Evans-Pritchard (2), Edmund Leach (2), Lévi-Strauss (2), Luc Boltanski (2), Peter Berger (2), Marcel Mauss (2) e Frederich Engels (2). Entre os autores nacionais podemos citar: Martin Ibañez-Novion (3), Roberto Da Matta (2), Klaas Woortmann (2) e Carlos Rodrigues Brandão (2).

### **5.7. Família:**

Foi a menor das linhas de pesquisas do DAN/UNB quantitativamente falando. Totalizaram somente três pesquisas: duas na década de 70 e uma na década de 80. Dois desses alunos levaram dois anos para completar o mestrado e o outro três anos e oito meses. Os locais de trabalho atuais são a UCMG/MG, Ministério da Educação e cultura/MEC e Organização Internacional do Trabalho-OIT/Suíça.

Klaas Woortmann orientou duas dissertações e Roque de Barros Laraia uma. Nas composições das bancas somente Maria Helena Fernandes Trindade Henriques e Eunice Ribeiro Durham (USP) foram convidadas. Os demais integrantes pertenciam ao corpo de professores da casa: Roque de Barros Laraia (3), Klaas Woortmann (2), Mariza Peirano (1) e Lia Zanotta Machado (1).

Foram desenvolvidas as seguintes subtemáticas: dissoluções de casamentos, migrações, famílias operárias e rede de relações. Os grupos escolhidos foram os pescadores, famílias imigrantes do Piauí e famílias operárias.

---

<sup>109</sup>Esta foi a única vez em que um autor norte-americano apareceu como recorrente nas bibliografias por linha de pesquisa na UNB.

O funcionalismo e a rede de relações sociais foram os referenciais teóricos escolhidos e explicitamente declarados. Uma destas pesquisas não se referiu à questão.

As técnicas usadas na coleta dos dados foram: entrevistas (3), observação participante (2), depoimentos, questionários e pesquisa documental.

Os financiamentos vieram da Fundação Ford (2), CAPES (1), CNPq (1) e a "Universidade Católica de Minas Gerais".

Entre as palavras-chave utilizadas somente representações (2) foi recorrente.

Brasília/DF, Sobradinho/DF, Teresina/PI, e Contagem/MG foram os locais escolhidos para as pesquisas de campo. Os tempos permanecidos em campo foram: seis meses e um ano, sendo que uma das dissertações não se referiu ao tempo em campo.

Não existiu nesse grupo de pesquisas, recorrência quanto aos autores estrangeiros. No entanto, no que diz respeito aos autores nacionais, podemos citar: Eunice Ribeiro Durham (2), Afrânio Garcia Jr. (2), Elizabeth Bott (2), Roque de Barros Laraia (2) e Klaas Woortmann (2).

#### **5.8. Outros:**

São somente duas as dissertações classificadas no item OUTROS: uma sobre etnicidade (001-UNB) que foi a primeira defendida na UNB e que foi influência da teoria da fricção interétnica de Roberto Cardoso Oliveira aplicada aos trabalhadores negros e brancos da antiga capital de Goiás; a outra pesquisa (057-UNB) possui como tema o itinerário intelectual de Oswald de Andrade e foi defendida na segunda metade da década de 80 que se utilizou da hermenêutica como referencial teórico. O primeiro é professor da Unicamp e o segundo aluno egresso é atualmente docente na UFPR/PR. Coincidentemente ambos foram orientados por Roberto Cardoso de Oliveira e contaram na composição das suas respectivas bancas com a presença de Mariza Peirano e Roque de Barros Laraia, além de Fernando Correia Dias (MINC) e Roberto Da Matta (Museu Nacional) como convidados.

As duas pesquisas receberam financiamento da CAPES, uma delas também do CNPq e a outra também da Fundação Ford. O único autor recorrente nestas duas dissertações foi Roberto Cardoso de Oliveira.

Christina de Rezende Rubim

# Antropólogos Brasileiros e a Antropologia no Brasil: A Era da Pós-Graduação

Tese de Doutorado apresentada ao  
Departamento de Antropologia Social do  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de Campinas, sob  
orientação da Profª Drª Mariza Corrêa.

Este exemplar corresponde à  
redação final da tese defendida e  
aprovada pela Comissão Julgadora  
em 018/96

Banca:

Profª Drª Mariza Corrêa *Mariza*  
Profº Drº Roberto Cardoso de Oliveira *Roberto*  
Profº Drº Roque de Barros Laraia *Roque*  
Profº Drº Octávio Ianni *Octávio*  
Profº Drº Otávio Velho *Velho*  
Profº Drº Antônio Augusto Arantes  
Profº Drº Niuvenius Junqueira Paoli

Campinas, Julho de 1996

R824a  
v.2  
28462/BC

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	R824a
02 Ex.	
	28462
	667196
	0   K
	R\$ 11,00
	04/09/96
N.º CPD	

CM-00091776-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

RS24a

**Rubim, Christina de Rezende**

**Antropólogos brasileiros e a antropologia no Brasil: a era da pós-graduação / Christina de Rezende Rubim. - - Campinas, SP: [s.n.], 1996.**

**Orientador: Mariza Corrêa.**

**Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Antropologia - Brasil. 2. Pós-graduação. 3. Ciências - História. 4. Teses. 5. \* Trajetórias intelectuais. I. Corrêa, Mariza. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

  
**Volume II**

## V- O CAMPO DA ANTROPOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO:

### 1. Introdução:

O que dizer sobre São Paulo? Uma cidade de números enormes e de uma multiplicidade cultural efervescente. Se, por um lado, o Rio de Janeiro representa o país do carnaval, do jogo de Bicho, da praia, do malandro de camisa listrada, da favela, São Paulo transpõe no *ethos* brasileiro pelo seu lado pluricultural e de grandiosidade.

O Estado de São Paulo é rico, poderoso e com as grandes contradições sociais da modernidade. Se no Rio existem limites claramente delimitados entre a pobreza e a riqueza, a Zona Sul e a Zona Norte, entre as favelas e os bairros residenciais, na capital paulista estas diferenças parecem conviver num mesmo espaço e por todo lado.

No entanto, o que para alguns parece ser confusão, cimento e fumaça, para a Antropologia é riqueza, é multiplicidade, é diversidade e originalidade. É a seleção do objeto de estudo singularizado pelo "olhar antropológico" que capta a diversidade do real, característica constitutiva da nação brasileira e da Antropologia nesse país<sup>1</sup>. A multiplicidade e originalidade do objeto antropológico é, na disciplina o que, de certa forma, está presente na origem e desenvolvimento do pensamento social brasileiro contemporâneo, basicamente constituído nos anos 40/50 e que tem na cidade de São Paulo um dos centros mais importantes de seu desenvolvimento.

A história da Universidade de São Paulo é cercada por uma áura de romantismo, de luta e *intelligentsia*. Os intelectuais da década de 20, a Missão Francesa, Lévi-Strauss, Florestan Fernandes, a Maria Antônia...

---

<sup>1</sup>A capacidade da disciplina em captar diferenças é, inclusive, uma singularidade reconhecida pelas Ciências Sociais. Mesmo que algumas vezes esta originalidade apareça como negativa, como é o caso da crítica que alguns cientistas políticos lançam sobre a disciplina (ver Peirano: 1992).

Não foi possível viver muito o clima da Antropologia na USP. Mesmo porque, penso que ele não "existe"<sup>2</sup>. Ou melhor, inicia-se nos anos 90 quando os alunos reivindicam um espaço próprio, mesas e até uma revista - **Cadernos de Campo** - e o pensamento antropológico, consolidado no resto do país, começa a influenciar diretamente as pesquisas realizadas na USP através de uma nova geração de professores<sup>3</sup>. Mas, isso tudo é muito novo, é muito recente.

## 2. Antecedentes:

A história das Ciências Sociais paulistana não está restrita à Universidade de São Paulo<sup>4</sup>. Como falar do pensamento social paulista, fundamental entre nós brasileiros de todos os lugares, sem citar também a Escola Livre de Sociologia e Política/ELSP e, mais recentemente, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo? Como falar de Florestan Fernandes e não falar também em Herbert Baldus e Donald Pierson<sup>5</sup>? Como lembrar da época de Florestan Fernandes na Maria Antônia, quando escreveu **A Função Social da Guerra entre os Tupinambá** (1951), e deixar de falar sobre **A Revolução Burguesa no Brasil** (1975) que publicou quando professor da PUC/SP? Como reconstruir o pensamento social em São Paulo sem referir o grupo de intelectuais da Escola Livre de Sociologia e Política? Como resgatar o fazer antropológico no período que estou denominando *era da pós-graduação* sem levar em conta os antropólogos da PUC-SP e as pesquisas que nesta instituição foram produzidas<sup>6</sup>?

---

<sup>2</sup>Não existe nos moldes dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UNB e Unicamp. Isto também não significa que considero a não existência de um pensamento antropológico na USP nesse período. Significa somente que na Universidade de São Paulo, a disciplina se realiza de forma diferente das demais instituições estudadas.

<sup>3</sup>Falo aqui de Dominique Galois, José Guilherme Cantor Magnani, Paula Montero e Lilia Schwarcz.

<sup>4</sup>Sobre a história da USP ver os textos de Limongi (1989), Souza Campos (1954), Fernandes (1966, 1984), Araújo (1980), Irene Cardoso (1982), Loschiavo dos Santos (1988), Paulo Arantes (1994), Roberto Schwarcz (1995), Massi (1989, 1991) entre outros.

<sup>5</sup>Ver Corrêa (1987).

<sup>6</sup>E não é sem importância a quantidade de trabalhos produzidos nas Ciências Sociais da PUC-SP. No entanto, sentimos dificuldades na delimitação dos campos da Antropologia, da Sociologia e da Ciência Política,

A campanha dos intelectuais na década de 20<sup>7</sup>, particularmente a influência do grupo d'O Estado de S. Paulo, para a criação de uma universidade na capital paulista<sup>8</sup> foi o que culminou na fundação da USP em 1934. A chegada das Missões Estrangeiras, e da Missão Francesa<sup>9</sup> no que diz respeito à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foram marcos dessa história.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/FFCL foi criada juntamente com a USP em 1934 e compreendia três seções (Souza Campos: 1954):

- Filosofia, abrangendo: Filosofia, História da Filosofia, Filosofia da Ciência e Psicologia;
- Ciências, abrangendo: Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências Naturais, Ciências Sociais<sup>10</sup> e Políticas e Geografia e História;
- Letras, abrangendo: Linguística, Filologia Comparada, Filologia Portuguesa, Literatura Luso-Brasileira, Língua e Literatura Grega, Língua e Literatura Latina, Língua e Literatura Francesa, Língua e Literatura Italiana, Língua e Literatura Inglesa, Língua e Literatura Alemã, Língua Tupi-Guarani e Técnica e Crítica Literária.

---

porque não existe na PUC-SP uma separação por área ou por departamento como nas demais instituições. Este também é o caso do mestrado em Ciências Humanas da UFBA que, além das Ciências Sociais, inclui a História. Ao contrário, mesmo onde não havia a departamentalização por disciplina nas Ciências Sociais, como é o caso da UNB, USP e Unicamp, as três áreas estavam claramente delimitadas, não havendo dúvidas quanto às suas origens. Apesar da existência dos Departamentos de Antropologia, Departamento de Sociologia e Departamento de Ciência Política na PUC-SP, as dissertações e teses não estão departamentalizadas.

<sup>7</sup>Sobre o contexto intelectual de criação da USP no período, ver os textos de Souza Campos (1954), Schwartzman (1979) e Limongi (1989).

<sup>8</sup>Desde que a USP foi criada, existiu uma discussão sobre a construção de uma cidade universitária segundo os moldes europeus. No entanto, este projeto só se concretizou, após várias paralizações e desencontros, no início dos anos 50 na antiga Fazenda Butantã pertencente ao Instituto do mesmo nome. Os primeiros a serem transferidos para o novo espaço foram o Instituto de Pesquisas Tecnológicas/IPT e a Física Nuclear (Souza Campos: 1954). A FFCL só se transferiu definitivamente em 1969, após os acontecimentos do dia 03 de outubro do ano anterior, quando foi incendiada e vários de seus professores aposentados ou exilados.

<sup>9</sup>Ver a respeito Massi (1991).

<sup>10</sup>Ao contrário do que afirma Peirano (1991), as Ciências Sociais não estavam incluídas na Filosofia: "...no Brasil, as ciências sociais foram institucionalizadas nos anos 30 sob o manto da filosofia, que abrigava na época os estudos hoje diferenciados como sociologia, antropologia e ciência política." (p. 44). Consultar também Peirano: 1981.

A grade curricular do curso de Ciências Sociais e Política estava organizada da seguinte forma (Souza Campos: 1954):

1º Ano: História da Civilização, Sociologia Geral, Psicologia Social, Antropologia Social<sup>11</sup>;

2º Ano: História da civilização Brasileira (interpretação econômica), Sociologia Política, Economia Política;

3º Ano: Estatística Econômica, História das Doutrinas Econômicas, Direito Político.

Fazia parte também do Decreto Nº 6.283 de 25 de janeiro de 1934 que criou a USP, em seu Artigo 12º, a regulamentação da Pós-Graduação que dizia:

*"Para o doutoramento em cada uma das secções ou sub-secções, o licenciado é obrigado, a um curso e estágio de dois anos, em seminários ou laboratórios, findos os quais lhe será conferido o grau de doutor se aprovado na defesa de trabalho original, de pesquisa ou de alta cultura."* (Souza Campos: 1954, p. 104).

Mas, foi somente em 1953 que se publicou o Decreto Nº 21.780 de 15 de outubro de 1952, aprovando e regulamentando o Regimento de Doutorado da FFCL da USP assinado por Lucas Nogueira Garcez, então Governador do Estado de São Paulo. O diploma de doutor seria conferido somente nas seguintes condições:

*"a) a todos os candidatos aprovados em concurso para professor catedrático nos termos do artigo 64 (parágrafo 2º) do Regulamento da Faculdade de Filosofia; e*

*b) aos bacharéis que forem aprovados em defesa de tese, depois de, pelo menos, dois anos de estudos sob a orientação do docente da disciplina escolhida, e em exames de duas disciplinas subsidiárias da mesma secção, ou de secção afim, ou das matérias do curso de Especialização que fizer.*

---

<sup>11</sup>Alguns autores não concordam com esta grade no que diz respeito à Antropologia como, por exemplo, Castro Faria (1993b) e Borges Pereira (1966). Afirmam eles que não existia a qualificação de social para a disciplina ministrada na FFCL. Existe a possibilidade, no entanto, dessa qualificação ter sido incluída no final dos anos 40 quando da regulamentação da Cadeira N. 49 - Cadeira de Antropologia da FFCL - ou das várias modificações sofridas pelo Regimento da FFCL, pois o livro escrito por Souza Campos é posterior a este período, ou seja, foi publicado em 1954. Contudo, penso que esta possibilidade é remota pelo cuidado e minúcia que acompanharam Souza Campos na pesquisa e redação do referido livro. Detalhadamente, o autor apontou as inclusões feitas posteriormente no Regimento de fundação da USP em 25 de janeiro de 1934. O trabalho feito por Souza Campos mereceu o seguinte comentário do professor Florestan Fernandes: *"...livro que vale principalmente pela concatenação de informações gerais e de alguns documentos fundamentais."* (Fernandes: 1984).

*Parágrafo único - Será concedido também o diploma de doutor aos candidatos que, não sendo bacharéis por Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, satisfizerem às exigências do presente Regulamento." (Decreto Nº 21.780 de 15/10/52).*

No início dos anos 60, algumas seções<sup>12</sup> começaram a se transferir para a Cidade Universitária. A princípio, somente os laboratórios foram transferidos, sendo as aulas teóricas ministradas ainda na Maria Antônia.

Os acontecimentos de outubro de 1968 na FFCL criaram uma ferida que somente doze anos depois começou a cicatrizar com o Decreto da Anistia concedida<sup>13</sup> pelo Governo Federal. Os alunos da Faculdade Mackenzie, sua vizinha da frente, invadiram a FFCL apedrejando e quebrando tudo, no que eram apoiados pela Polícia Militar<sup>14</sup>. Muitos professores e alunos foram perseguidos, exilados, mortos...

Seguiu-se uma crise nas universidades brasileiras que, no entanto, não impediu, pelo menos no campo das Ciências Sociais, a formação de uma nova geração intelectual<sup>15</sup> que foi criada na década seguinte com os Programas de Pós-Graduação. Os professores

---

<sup>12</sup>Por exemplo, a Seção de Química em 1962.

<sup>13</sup>Concedido até certo ponto porque houve, na época, uma campanha nacional que mobilizou vários setores populares e políticos da sociedade pela anistia ampla, geral e irrestrita que culminou em 1979 com a anistia do governo e a volta dos exilados políticos e a reintegração de alguns professores aposentados compulsoriamente pelo AI-5.

<sup>14</sup>Ver sobre o tema: *Maria Antônia: Uma Rua na Contramão* (1988) organizado por Maria Cecília Loschiavo dos Santos.

<sup>15</sup>Talvez seja isso que Roberto Cardoso de Oliveira (1992; Corrêa: 1991) quiz dizer quando afirmou por duas vezes que não houve perseguição aos antropólogos do Museu Nacional. O que não foi inteiramente correto. Otávio Velho, por exemplo, respondeu a um processo militar por subversão, no qual contou com os depoimentos do próprio Roberto Cardoso de Oliveira e de Luiz de Castro Faria: *"Apesar de todos os conselhos de prudência (partidos, sobretudo, de meus 'co-réus' que já haviam optado pelo exílio), bem como das antecipações de sobressaltos e ameaças que em parte se concretizaram e teriam um efeito de reclusão muito grande, eu voltei. E essa volta também é ilustrativa, em termos das nossas relações com a 'repressão'. Primeiro, porque ofereci a minha demissão a RCO para preservar a instituição e ele recusou. Segundo, porque ele e Luiz de Castro Faria (numa época em que isso envolvia algum risco) foram minhas testemunhas de defesa (...). Terceiro, porque apesar de tudo foi possível trabalhar, ao contrário do que muitos supunham. A minha relação com o juiz do processo teve a ver com a minha identidade de antropólogo; já que num determinado momento ele imaginou contar com o meu aval técnico (de 'antropologista') para a sua 'teoria' de que nas favelas cariocas se podia encontrar 'espécimes vivos do elo perdido de que nos falava Darwin'." (O. Velho: 1992, p. 45).*

exilados/asilados, muitos deles permaneceram por perto, na América Latina, acompanhando e influenciando o pensamento social brasileiro<sup>16</sup>. O campo intelectual e institucional paulistano se deslocou, no período de maior repressão na USP, desta instituição para a PUC-SP e para os recém-criados órgãos de pesquisas como, por exemplo, o CEBRAP.

Ou seja, a crise deflagrada pelo regime militar nas universidades e na ciência brasileira foi inteligentemente contornado pelos cientistas sociais que ocuparam outros espaços. Continuaram com os olhos e o pensamento voltados para o país, formulando idéias e encontrando saídas para a censura política e a falta de liberdades democráticas. Enfim, não "abandonaram" o Brasil, retomando na virada dos anos 70/80. Pelo menos foi o que aconteceu com uma parte significativa dos cientistas brasileiros, ou seja, aqueles pertencentes às Ciências Humanas.

A Escola Livre de Sociologia e Política<sup>17</sup> de São Paulo foi criada um ano antes da USP, em 1933, e ao contrário daquela - que tinha como ideal a universalidade acadêmica - objetivava o desenvolvimento do pensamento científico somente nas Ciências Sociais.

Contudo, a criação da USP no ano seguinte à criação da ELSP, contribuiu com a diminuição do número de alunos e dos financiamentos recebidos pela ELSP<sup>18</sup>. A necessidade de demarcar campos distintos de atuação entre a FFCL e a ELSP, foi sentida por ambas as instituições. A primeira tinha como objetivo a formação de professores secundários e a segunda a formação de "funcionários técnicos" para as administrações do país (Limonge: 1989, p. 219) o que se refletiu no privilegiamento das pesquisas de campo por parte da ELSP.

Como a princípio, o número de alunos matriculados na FFCL também foi pequeno, Fernando de Azevedo, então diretor do Instituto de Educação, tomou a iniciativa de

---

<sup>16</sup>Este foi o caso, por exemplo, de Fernando Henrique Cardoso e Ruth Cardoso que estiveram asilados no Chile e de Darcy Ribeiro que esteve exilado em vários países "...remendando universidades..." como o Uruguai, a Venezuela, o Peru e a Argélia no período de 1964 a 1975 (Ribeiro: 1990, p. 11).

<sup>17</sup>Ver sobre o tema, os artigos de Limonge (1989).

<sup>18</sup>Essa ajuda financeira contava basicamente com a doação de particulares.

incentivar os normalistas candidatos aos seus cursos de especialização, a se interessarem pela graduação na FFCL (Limongi: 1989, p. 157-158). Este foi o caso na FFCL onde existia:

*"...um grupo de jovens estudiosos que se interessam cada vez mais pelas culturas brasileiras, especialmente Egon Schaden, Gioconda Mussolini, Florestan Fernandes, Lucila Hermann, Jurn Philipson, Carlos Drummond, Lavínia Vilela, Nice Lecocq Muller, Antonio Candido e Gilda de Melo, todos alunos desta Faculdade e, na sua maioria, também da Escola Livre de Sociologia e Política." (Pierson & Vieira da Cunha: 1947).*

A origem intelectual da criação da Escola Livre de Sociologia e Política foi o movimento modernista que se desenvolveu na década anterior, e que sob a liderança de Sérgio Milliet, se ligou ao Departamento de Cultura do município de São Paulo (Limongi: 1989, p. 220 e seguintes). Conseqüentemente, as primeiras pesquisas produzidas pela ELSP estavam ligadas à cultura e tinham como objeto de estudo a cidade de São Paulo. A grade curricular da ELSP estava, nessa época, organizada da seguinte maneira (Limonge: 1989, p. 221):

1º Ano: Psicologia Social, Biologia, Introdução à Economia, Psicologia do Trabalho, Psicotécnica, Estatística, Sociologia Geral e Economia Social;

2º ano: Sociologia e Ciência Política, Economia Social, Economia Internacional, Finanças Públicas, Psicologia do Trabalho, Economia Brasileira, Organização do Trabalho, Contabilidade, Serviços Sociais, Psicologia Social, História das Doutrinas Econômicas, Biologia Social, Estatística e Psicotécnica.

Em 1939 Donald Pierson<sup>19</sup> chegou à ELSP, o que mudou substancialmente o desenvolvimento programático da instituição. O autor imprimiu uma base acadêmica aos objetivos da escola: no lugar da formação de técnicos para o Estado, procurava-se incentivar a formação de cientistas na área social através da pesquisa empírica. Donald Pierson também foi o responsável, em 1941, pela criação da pós-graduação na ELSP, uma das primeiras escolas superiores no Brasil a criar cursos pós-graduados com um formato mais sistemático.

---

<sup>19</sup>Ver sobre a trajetória de Pierson no Brasil, depoimento dado pelo autor em Corrêa (1987).

*"...recebi convite para voltar ao Brasil, a fim de ajudar um grupo dedicado de brasileiros em São Paulo no desenvolvimento de uma instituição pioneira no País, dedicada exclusivamente às Ciências Sociais... (...) Fiz o que pude durante os dezesseis anos seguintes...(...) organizando e dirigindo, logo depois de chegar a São Paulo, o Departamento de Sociologia e Antropologia que logo se tornou a Divisão de Estudos Pós-Graduados, em que dei, pela primeira vez no País, que eu saiba, aulas de Ciências Sociais acima do nível de graduação..." (Pierson apud Corrêa: 1987, p. 41).*

Isto só foi possível na ELSP, pela existência de professores-doutores em seus quadros com a contratação de Herbert Baldus e Emílio Willems<sup>20</sup> ambos alemães. Willems já possuía trabalhos de pesquisas desenvolvidos no Brasil e inspirados pela Escola de Chicago. Uma das tendências desta linha de pensamento foi a supervalorização da visão cientificista do conhecimento nas Ciências Sociais, comparando-se a Sociologia com as Ciências Biológicas. A formação de cientistas sociais, portanto, seguia o modelo da formação de jovens internos na carreira de médicos (Limonge: 1989).

*"A atividade mais importante de todas, sem dúvida - aliás a atividade **central** - foi o preparo de futuros pesquisadores nas Ciências Sociais através de pesquisas feitas por eles mesmos, sob a orientação de pessoas mais experientes nisso, desenvolvendo-se, no processo, qualquer outra atividade necessária para sua realização... (...) Estes esforços para preparar jovens pesquisadores em São Paulo nasceram da minha convicção de que deve-se criar, no campo das Ciências Sociais, algo semelhante ao **internship** (sistema de 'internos') de médicos em formação trabalhando em hospitais sob supervisão estreita de médicos experientes. (...) Mais tarde, iniciei a segunda fase desse plano em desenvolvimento para preparar jovens pesquisadores, ou seja, fazer pesquisa de muito maior vulto, e isto **no interior** do Estado, os alunos trabalhando, mais uma vez, porém, sob nossa estreita supervisão. (...) Mais tarde ainda, levei o plano para o terceiro passo, ou seja, aquele em que, ao invés de jovens pesquisadores receberem diretamente minha orientação e supervisão, eles pesquisavam, como membros de turmas de pesquisadores, cada turma sob a supervisão de um jovem pesquisador já mais preparado e experiente, incluindo 'assistentes' e jovens professores, e todos sob minha orientação e supervisão gerais. Tal pesquisa foi levada a efeito no Vale do importante rio São Francisco." (Pierson apud Corrêa: 1987, p. 42, 43, 44 e 46).*

---

<sup>20</sup>Ver sobre Willems, depoimento dado pelo autor em Corrêa (1987).

Muitos foram os professores e alunos que passaram pela ELSP que foi a responsável pelo desenvolvimento de uma linha de pesquisas que se desenvolveu nas décadas de 40 e 50: os estudos de comunidades<sup>21</sup>.

Os chamados estudos de comunidade feitos pelo professor Emílio Willems, também professor da Universidade de São Paulo, foram fundamentais na consolidação da Antropologia no país. Segundo João Baptista Borges Pereira (1994, p. 250-251) foi deste autor alemão (Willems: 1961) o primeiro estudo de comunidade feito no Brasil: **Uma Vila Brasileira - Tradição e Mudança**:

*"A Willems devem-se pesquisas de campo e reflexões que tiraram a Antropologia feita no país de seu interesse apenas pelo biológico e pelo tribal e a colocaram como ciência preocupada com a análise e interpretação de aspectos cruciais da sociedade complexa brasileira."* (Borges Pereira: 1994, p. 250).

Os estudos de comunidades enfatizavam a vida social do conjunto de habitantes de áreas distantes dos locais urbanos de maior densidade demográfica. Oracy Nogueira<sup>22</sup> (1955) afirmou que, embora também possam ser aplicadas aos grupos indígenas, tal perspectiva metodológica se desenvolveu em nossa tradição entre os agrupamentos populacionais integrados na estrutura social nacional. A própria realidade social e demográfica do Brasil na época, com a ampla diversidade cultural, os grandes vazios demográficos e um certo isolamento de determinados grupos propiciou o desenvolvimento desta concepção. Estas pesquisas tinham como ponto principal a aplicação de ações práticas na realidade social brasileira e o critério de escolha dessas comunidades eram: a de que não tivessem sido estudadas anteriormente; a sua representatividade frente a uma série de outras comunidades análogas; e a aplicação ou repercussão de um fato econômico ou político local<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup>Sobre os estudos de comunidades consultar Nogueira (1955) e Woortmann (1972).

<sup>22</sup>Professor da ELSP.

<sup>23</sup>Oracy Nogueira (1955) listou dezessete pesquisas feitas até aquele momento, sendo quatro delas já publicadas: **Cunha, Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil** (1947) de Emílio Willems, **Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num Período de Trezentos Anos** (1948) de Lucila Hermann, **Cruz das Almas, A Brazilian Village** (1951) de Donald Pierson e **Amazon Town, A Study of Man in the Tropics** (1953) de Charles Wagley.

A Pontifícia Universidade Católica<sup>24</sup> de São Paulo foi criada em 13 de agosto de 1946<sup>25</sup>, com a integração de duas Faculdades já existentes anteriormente: A Faculdade de Filosofia e Letras de São Bento e a Faculdade Paulista de Direito. No ano seguinte o Papa Pio XII outorgou o título de Pontifícia à instituição recém-criada<sup>26</sup>.

A pós-graduação em Ciências Sociais na PUC-SP começou a funcionar em 1969 e abrigou vários professores perseguidos pelo regime militar de 1964 como Florestan Fernandes, Octávio Ianni, José Arthur Gianotti e Paulo Freire. Transformou-se na década de 70 em um centro avançado e alternativo na área das Ciências Sociais no Brasil e de liberdade de expressão nos momentos mais difíceis do cerceamento das liberdades políticas e sociais em nosso país. Foi em seu *Campus* que se realizou a XXIX Reunião Anual da SPBC em 1977, quando foi invadida violentamente pela Polícia Militar. Abrigou também as primeiras reuniões de reconstrução da União Nacional dos Estudantes/UNE<sup>27</sup> no final dos anos 70, tornando-se a primeira Universidade brasileira a eleger democraticamente o seu reitor no início dos anos 80 (PUC-SP: 1995). A PUC-SP ocupou um espaço importante na década de 70 e parte dos anos 80, e hoje é uma das raras exceções no campo do ensino privado neste país, dedicando-se à formação de pesquisadores de excelência.

### 3. O PPGAS/USP:

As Ciências Sociais na USP, mais do que em qualquer outro lugar do país, foi marcada por um estilo próprio de fazer pesquisa e pensar a nação a partir de São Paulo. É um estilo de pensamento nas suas mais diferentes vertentes - antropológica, sociológica, histórica etc -, que foi marcado pela tradição racionalista francesa, mas que também foi

---

<sup>24</sup>Sobre a criação das Pontifícias Universidades Católicas no Brasil, consultar Salen (1982).

<sup>25</sup>Foi reconhecida oficialmente pelo governo em 22 de agosto do mesmo ano.

<sup>26</sup>Funcionou precariamente na Av. Higienópolis, Nº 890, em frente ao Colégio Sion, onde atualmente está a Cúria Metropolitana de São Paulo. Em seguida foi transferida para a rua Monte Alegre, no bairro de Perdizes, terreno e prédio do antigo convento doado pelas Irmãs Carmelitas (PUC-SP: 1995).

<sup>27</sup>A UNE foi criada em 1938 e colocada na ilegalidade em 1964.

emoldurado por uma realidade plural em consequência da complexidade dos acontecimentos históricos ocorridos a partir do fim da IIª Guerra Mundial. São Paulo se transformou nesse momento da história brasileira, no centro econômico, cultural e político do país e não é por acaso, portanto, que o pensamento social brasileiro foi definitivamente marcado pela Sociologia paulistana. Donald Pierson, Herbert Baldus, Florestan Fernandes e mais tarde, Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Gianotti e toda uma geração de intelectuais brasileiros que tinham como problemática central de suas trajetórias intelectuais, pensar o Brasil e responder aos problemas colocados pela nossa política e nosso desenvolvimento.

Foi uma época de grandes transformações no país que culminou nos anos 50/60 com a Bossa Nova, o Centro Popular de Cultura da UNE, a industrialização acelerada, a construção de Brasília, a primeira conquista da Copa do Mundo de Futebol em 1958, o estruturalismo dominando as diferentes disciplinas das Ciências Humanas e Filosofia<sup>28</sup>. "A marcha para o futuro" representada pelo desenvolvimentismo do período Juscelino Kubitschek, também influenciou a produção artística, cultural, musical e científica do país.

A história da Antropologia uspiana na pós-graduação difere dos demais Programas estudados. É uma história muitas vezes contraditória e pontuada por vários conflitos. Segundo Castro Faria (1993b) e Borges Pereira (1966), a FFCL criou a sua primeira Cadeira no campo da Antropologia em 1935 e que foi extinta em 1963<sup>29</sup>: "Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani". Seu primeiro catedrático foi Plínio Ayrosa<sup>30</sup> que teve como assistente Carlos Drummond. Em 03 de setembro de 1954, Café Filho, então

---

<sup>28</sup>Ver sobre este assunto o livro de Paulo Arantes (1994) **Um Departamento Francês de Ultramar**, especialmente o primeiro capítulo: *"...o momento mais alto da metodologia científica em História da Filosofia, uma jovem disciplina que o método dito 'estrutural' afinal elevava à real objetividade das ciências rigorosas e em torno da qual gravitaria o ensino da filosofia entre nós. O termo 'estrutura' parece anunciar a próxima temporada da Ideologia Francesa ainda por vir..."* (Arantes: 1994, p. 17).

<sup>29</sup>Em seu lugar foi criada a Cadeira de Línguas Indígenas do Brasil (Borges Pereira: 1966).

<sup>30</sup>Tomou-se catedrático com a tese **Dos índices de Relação Determinativa de Posse no Tupi-Guarani** (Castro Faria: 1993b).

Presidente da República, instituiu a obrigatoriedade da Cadeira<sup>31</sup> em todas as Faculdades de Filosofia e Letras do país (Castro Faria: 1993b).

Mas, ainda de acordo com Borges Pereira (1966), desde 1936 já se vinha incluindo, intermitentemente, a Antropologia nos cursos de Etnografia Geral e Sociologia. No início dos anos 40, a Antropologia apareceu oficialmente no *Curriculum* da FFCL com o Decreto Nº 12.038 de 1941 que alterou o Regimento Geral da Faculdade em função do Decreto Federal Nº 1.190 de 04 de abril de 1939, estabelecendo um padrão nacional para todas as Faculdades de Filosofia e Letras do país (Borges Pereira: 1966). A Portaria Ministerial 497, de 15 de outubro de 1947 criou os cursos de especialização em Antropologia, Sociologia e Política<sup>32</sup>. No ano seguinte, a Lei Nº 231 de 23 de dezembro de 1948 transformou a disciplina de Antropologia em Cadeira de Antropologia<sup>33</sup>, criando também o Departamento de Sociologia e Antropologia que abrigava as Cadeiras de Antropologia<sup>34</sup>, Política e Sociologia I e Sociologia II. Em 1962, este Departamento foi extinto e criado em seu lugar o Departamento de Ciências Sociais que sobreviveu até 1986, quando as três áreas se separaram em departamentos distintos existentes até os nossos dias.

*"Desde que o ensino da Antropologia foi oficialmente instituído na Faculdade, todos os programas desenvolvidos nos diferentes cursos foram organizados tendo como fundamento uma concepção lata de Antropologia: disciplina que engloba numa síntese científica preocupações tanto pelo homem como ser biológico, quanto como ser cultural. Por motivos históricos, por fatores ligados a natureza dos cursos em que a matéria é lecionada, e até por imposição da própria realidade mais ampla, a ênfase em tais programas tem sido dada a temas ligados ao aspecto cultural, diretamente ligado à realidade nacional.*

*O programa estabelecido para 1966 - atual ano letivo - exemplifica muito bem esta orientação. Assim, no Curso de Ciências Sociais, são desenvolvidos*

---

<sup>31</sup>Etnografia Brasileira e Língua Tupi a exemplo do que acontecia na FNF/RJ. Ver capítulo sobre o Museu Nacional.

<sup>32</sup>O curso criado foi de especialização em Política e não Ciência Política como hoje.

<sup>33</sup>Cadeira Nº 49 da FFCL da Universidade de São Paulo.

<sup>34</sup>A Cadeira de Antropologia se desdobrava em três disciplinas: Antropologia que tinha como objetivo "...o estudo da origem do homem, das variações raciais e sobretudo das suas técnicas de análise morfológica - técnicas osteométricas e somatométricas." (Castro Faria: 1993b, p. 246); Etnografia; e Etnografia do Brasil (Castro Faria: 1993b).

*tópicos - ligados à evolução hominida, às variedades humanas atuais e às relações entre sociedade e cultura (1º e 2º anos); à compreensão de culturas e sociedades indígenas brasileiras (3º e 4º anos) e à análise estruturalista de culturas indígenas do Brasil (curso de pós-graduação). No Curso de Psicologia, os temas se concentram em torno das relações entre sociedade, cultura e personalidade (2º ano); finalmente, no curso optativo, o programa focaliza itens relacionados com a dimensão biológica e a sócio-cultural da vida humana e com a realidade étnica brasileira."* (Borges Pereira: 1966).

Em 1937, Emílio Willems concorreu como livre-docente para a Cadeira de Sociologia Educacional na FFCL, sendo aprovado e nomeado no ano seguinte como assistente<sup>35</sup>. No início da década de 40, Willems foi convidado por Fernando de Azevedo para lecionar a disciplina<sup>36</sup> de Antropologia na mesma instituição. A Cadeira de Antropologia<sup>37</sup>, que só foi oficialmente criada em 1948, foi ocupada por Emílio Willems por um curto período de tempo. Com a ida de Willems para os Estados Unidos em 1949, Egon Schaden assumiu a Cadeira e em 1965 conseguiu a Cátedra com a tese **Aculturação Indígena**.

Em 1955, Gioconda Mussolini tornou-se assistente de Egon Schaden na Cadeira de Antropologia, permanecendo até a sua morte (Borges Pereira: 1966) em 1969. Em 1958, a Cadeira dirigida por Schaden, contava também com mais duas "assistentes extra-numerárias": Ruth Correa Leite Cardoso e Eunice Ribeiro Durham (Castro Faria: 1993b).

A **Revista de Antropologia**, a primeira a ser publicada no país em nossa área foi criada por Egon Schaden em 1953, seu diretor até a sua aposentadoria no final dos anos 60. Em 1955, transformou-se no órgão oficial da Associação Brasileira de Antropologia/ABA<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup>Segundo Borges Pereira (1966, p. 4) e Castro Faria (1993b), Willems era professor substituto da Cadeira de Sociologia Educacional e não professor-assistente como afirmou o autor em seu depoimento publicado em Corrêa (1987).

<sup>36</sup>Para lecionar a disciplina de Antropologia e não reger a Cadeira de Antropologia que oficialmente não existia. Castro Faria (1993b) reforçou esta diferença importante em seu texto.

<sup>37</sup>Existe um consenso entre os autores que discutem a questão de que a Cadeira criada em 1948 foi a Cadeira de Antropologia sem o qualificativo **social**.

<sup>38</sup>Na década de 60 voltou a área de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da USP. Atualmente, a **Revista de Antropologia** é publicada pelo Departamento de Antropologia.

Até a implantação do Novo Regimento<sup>39</sup>, a USP oferecia somente a possibilidade de se fazer o doutorado como forma de ascensão na carreira docente<sup>40</sup>. Não existiam cursos sistematicamente organizados com seleção de candidatos e turmas como acontece atualmente. O candidato, na grande maioria das vezes, era convidado pelo orientador a se inscrever no doutorado. A inscrição tornava oficial o ingresso do candidato na pós-graduação e se efetivava no mesmo livro em que eram feitas as Atas das defesas, segundo o modelo abaixo:

*"Térmo de inscrição ao doutoramento de Eunice Ribeiro Durham. Aos 12 de março de 1962, deu entrada no Protocolo desta Faculdade um requerimento de Da. Eunice Ribeiro Durham, licenciada em Ciências Sociais por esta Faculdade, solicitando inscrição ao doutoramento na Cadeira de Antropologia, sob a orientação do Prof. Egon Schaden. Encaminhado o processo (303/62), o professor aceitou a orientação da tese, indicando as cinco matérias subsidiárias, das quais a interessada escolheu: Sociologia aplicada e Economia Política. E, para constar, eu, Eduardo Marques da Silva Ayrosa, Secretário-substituto, assino o presente térmo. São Paulo, 20 de julho de 1962."*

Os cursos de especialização funcionavam segundo os mesmos moldes do doutorado, sem contudo haver a defesa de pesquisa inédita.

Possivelmente o período do final dos anos 50 introduziu os cursos de mestrado<sup>41</sup> na FFCL, ainda segundo os padrões do Antigo Regimento Geral da Universidade de São

---

<sup>39</sup>A Reforma do Ensino da década de 60 extinguiu a obrigatoriedade existente anteriormente da Antropologia Física nos programas dos cursos de Ciências Sociais e Geografia e História (Castro Faria: 1993b). Em consequência da particularidade da história da disciplina na USP que concebia a Antropologia como um todo, o papel da professora Gioconda Mussolini com os seus cursos de Antropologia Física foram fundamentais: *"Eu acho que aqui a Antropologia é muito politizada, com problemas raciais, com problemas sociais e as vezes é mais uma Sociologia do que uma Antropologia (...). A antropologia física depois que a Gioconda Mussolini morreu não tem mais. Então, quer dizer, não tem antropologia física, não tem pré-história (...)."* (entrevista com Haiganuch Sarian em outubro de 1994, MAE-USP).

<sup>40</sup>Entrevista com João Baptista Borges Pereira em outubro de 1994, USP.

<sup>41</sup>Existe por parte da maioria daqueles que viveram àquela época, um consenso acerca da existência da especialização e do doutorado. Com a Reforma do Ensino na segunda metade dos anos 60, cada vez mais se tornava necessário a obtenção de um título de pós-graduação por parte do corpo docente. O que aconteceu na USP provavelmente, foi que as monografias feitas para a especialização começaram a ser apresentadas como dissertações de mestrado por seus autores com o consentimento dos orientadores. Esta é a opinião de Durham (entrevista), Arantes (entrevista) e alguns outros professores com quem conversei como, por exemplo, Octávio Ianni.

Paulo. Não foi possível localizar exatamente o ano e a portaria que regeu a institucionalização destes cursos na USP. O **Regime Especial do Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais** foi transcrito, sem data e sem referência, por Borges Pereira em 1966 e constava de 20 itens que regiam o curso de mestrado em Ciências Sociais na FFCL. As únicas referências atestando que o Regime Especial citado acima dizem respeito ao mestrado são:

*"1. O Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais é feito em dois (2) anos.*

*(...)*

*5. Além de cursos teóricos da especialidade, pode o orientador indicar quaisquer outros, dentre os ministrados na Faculdade ou em outra instituição de ensino superior, que a seu critério sirvam à formação específica do aluno.*

*6. Exigir-se-á também a participação em cursos de seminários e em quaisquer outras atividades suplementares que o orientador indique ao aluno.*

*(...)*

*8. Além dos demais trabalhos que lhe sejam exigidos, elaborará o candidato ao título de Mestre uma tese a ser defendida perante banca examinadora especialmente aprovada para esse fim pelo Conselho Técnico-Administrativo.*

*(...)*

*12. A tese deverá ser apresentada em quatro (4) vias, ficando uma delas arquivada na respectiva Cadeira.*

*(...)*

*18. No diploma de Mestre em Ciências Sociais indicar-se-á entre parênteses, a respectiva especialização: Sociologia, Antropologia, Política ou Economia Política.*

*19. O aluno que, aprovado nos cursos que lhe tenham sido exigidos, não entregar a tese, poderá requerer um certificado de conclusão do curso de Pós-graduação, sem direito ao título de Mestre." (Borges Pereira: 1966, p. 48-50).*

A primeira referência encontrada em relação ao mestrado na FFCL é da tese<sup>42</sup> defendida por Fernando Henrique Cardoso<sup>43</sup> em 1953 na Cadeira de Sociologia I e que

---

<sup>42</sup>Anteriormente ao Novo Regime da pós-graduação na USP, a pesquisa realizada no mestrado era também denominada de tese.

<sup>43</sup>Evolução da Indústria em São Paulo.

teve Florestan Fernandes como orientador. De acordo com o depoimento de Eunice Durham<sup>44</sup>, a introdução do mestrado na FFCL aconteceu na segunda metade dos anos 50 com o Regime Especial:

*"...você tinha o doutorado, você tinha duas outras disciplinas complementares. Você tinha que fazer uma monografia para cada uma delas. Eu não me lembro como chamava isto, mas era um sistema que eliminava o mestrado. Depois foi introduzido o mestrado daí não se fazia mais. Não sei como se chamava nessa época, mas tinha um nome. Tinha doutorado desde o início (...) pelos franceses. E o mestrado, na verdade, foi uma introdução feita em São Paulo a partir da Escola de Sociologia e Política e as demais Universidades Federais só tinham livre-docência, não tinham doutorado e nem mestrado. Elas começaram a pensar nisso a partir de 64..."<sup>45</sup>*

Na área de Antropologia, foram doze dissertações<sup>46</sup> de mestrado defendidas nesse período anteriormente a institucionalização dos novos Programas de Pós-Graduação. O prazo máximo para apresentação de teses e dissertações a serem defendidas segundo o Antigo Regimento da USP foi o de 31 de dezembro de 1972. Por este motivo houve uma concentração grande de defesas nesse ano e no ano de 1973 (USP: 1977, p. 10).

Na década de 60 e com as novas exigências impostas pelo plano de carreira docente, além das novas regras colocadas pela Reforma do Ensino em 1965, os títulos de

---

<sup>44</sup>Entrevista com Eunice Ribeiro Durham em outubro de 1994, USP.

<sup>45</sup>Entrevista com Eunice Durham em outubro de 1994, USP.

<sup>46</sup>Eunice Ribeiro Durham: *Mobilidade e Assimilação: A História do Imigrante Italiano num Município Paulista*, 1964, orientada por Egon Schaden; Thekla Olga Hartmann: *Nomenclatura Botânica dos Bororo*, 1966, orientada por Egon Schaden; Amadeu José Duarte Lanna: *Aspectos Econômicos da Organização Social dos Suyá*, 1966, orientada por Gioconda Mussolini; Antônio Augusto Arantes Neto: *Compadrio no Brasil Rural: Análise Estrutural de Uma Instituição Ritual*, 1970, orientada por Eunice Ribeiro Durham; Yara de Oliveira: *Sobre O Processo Retro-Articular em Crânios Brancos, Negros, Mulatos e Amarelos em Ambos os Sexos*, 1970, orientada por João Baptista Borges Pereira; Angelina Cabral de Teves: *A Mulher Tribal Brasileira: Aspectos Obstétricos e Educacionais*, 1970, orientada por João Baptista Borges Pereira; Solange Martins Couceiro: *O Negro na Televisão de São Paulo: Estudos de Relações Raciais*, 1971, orientada por João Baptista Borges Pereira; Hunaldo Beiker: *Pobres e Favelados em São Paulo: Um Estudo de Caso*, 1972, orientada por João Baptista Borges Pereira; João Antônio Carreno Gimenes: *O Analfabetismo Como Manifestação de "Demora Cultural" em Segmentos Urbano-Industriais da Sociedade Brasileira*, 1972, orientada por João Baptista Borges Pereira; Delvair Montagner: *Aspectos da Atual Organização Social dos Kaingang Paulistas*, 1972, orientada por João Baptista Borges Pereira; Maria de Lourdes B. Sant'Ana: *Os Ciganos: Aspectos da Organização Social de um Grupo Cigano em Campinas*, 1972; Lux Boelitz Vidal: *Mê-Rê-Rê-Mê: Uma Cerimônia dos Índios Xikrin*, 1972, orientada por João Baptista Borges Pereira.

mestre e de doutor passaram a ser cada vez mais requisitados pelas universidades. Tomou-se possível então aos portadores de títulos de especialistas - cumprindo certas exigências como, por exemplo, a apresentação da dissertação - conseguir a titulação de mestre<sup>47</sup>.

Já faziam parte da área de Antropologia os seguintes professores doutores: João Baptista Borges Pereira, Eunice Ribeiro Durham e Thekla Hartmann, que somavam-se aos demais professores do Departamento de Ciências Sociais ministrando cursos: Fernando Mourão, Ruy Coelho, Egon Schaden, Hiroshi Saito, Lúcia Maria Sálvia Coelho, Erasmo d'Almeida Magalhães, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Luciana Palestrini, Ulpiano Bezerra de Menezes, Haiganush Sarian, Carlos Drummond, Maria Alice Forachi, José de Souza Martins, Leôncio Martins Rodrigues, Antônio Augusto Arantes e José Francisco Quirino dos Santos (Processo Nº 1216/70 de Credenciamento das áreas de Antropologia, Sociologia e Ciência Política do Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP em 05/11/70).

Com a aposentadoria de Egon Schaden, que foi convidado a integrar o corpo docente da Universidade de Bonn, Alemanha<sup>48</sup>, no final dos anos 60, João Baptista Borges Pereira ocupou o seu lugar e as orientações que vinham sendo feitas por ele na Cadeira de Antropologia no final dos anos 60. Em 1971, João Baptista Borges Pereira assumiu a coordenação da organização do Programa de Pós-Graduação na área de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da USP, que foi credenciado em 23 de maio de 1972 pelo Processo Nº 1216/70 com parecer de Martha Steiberg.

A Antropologia enquanto um Programa de Pós-Graduação se constituiu em 1971 pelo chamado Novo Regimento da USP baseado no Parecer Sucupira de 1965, tentando criar um espaço próprio para a disciplina na Universidade de São Paulo. Após os

---

<sup>47</sup>Possivelmente este foi o caso de Ruth Cardoso, Eunice Durham e Antônio Augusto Arantes que concluíram os seus mestrados antes da institucionalização dos Programas de Pós-Graduação na USP. Arantes (entrevista com Antônio Augusto Arantes em 7 de novembro de 1995, Unicamp) afirmou que este foi provavelmente o caminho seguido por ele e seus contemporâneos, mas não pode afirmar com certeza.

<sup>48</sup>Por motivos pessoais Schaden (1913-1991) acabou por não viajar à Europa (Borges Pereira: entrevista) participando até a sua morte de alguns cursos e bancas na USP, apesar de sua aposentadoria ter sido efetivada.

acontecimentos de 1968 na Maria Antônia, a FFCL se transferiu para o *Campus* do Butantã. Em 1970, com o Decreto Estadual Nº 52.326 de 16 de dezembro de 1969, conforme os Estatutos da Reforma Universitária, a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras passou a denominar-se Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH e os professores "...catedráticos passaram à denominação de titulares...". (USP: 1977, p. 10).

Nos anos que se seguiram à implantação do PPGAS/USP, foram credenciados os seguintes professores para orientações e cursos no mestrado e doutorado na área de Antropologia Social e que já faziam parte do corpo docente da Universidade: Ruth Cardoso<sup>49</sup>, Renate Brigitte Viertler<sup>50</sup>, Lux Vidal, Oracy Nogueira, Teófilo de Queiroz Jr.<sup>51</sup>, Amadeu José Duarte Lanna<sup>52</sup>, Ruy Galvão de Andrada Coelho<sup>53</sup> e Ulpiano Bezerra de Menezes<sup>54</sup>.

Em 1973 foram contratados Teófilo de Queiroz Jr., Liana Sálvia Trindade<sup>55</sup> e Maria Lúcia Montes<sup>56</sup>. No ano seguinte Sylvia Caiuby Novaes<sup>57</sup>, Maria Aracy Lopes da Silva<sup>58</sup> e

---

<sup>49</sup>Parecer favorável pela CPG em 01/10/73. Ruth Cardoso já integrava o corpo docente da FFCL desde o final dos anos 50, inclusive, quando foi professora de João Baptista Borges Pereira (entrevista).

<sup>50</sup>A dissertação **Os Kamayurá e o Alto Xingu** foi defendida pelo Antigo Regimento da USP em 1967, orientada por Gioconda Mussolini. Obteve o doutorado com a tese **As Aldeias Bororo: Alguns Aspectos de sua Organização Social** (1972), orientada por João Baptista Borges Pereira também pelo Antigo Regimento da USP.

<sup>51</sup>Doutorou-se com a tese **O Intelectual, Ponto Crítico da Sociedade** em 1972, orientado por Ruy Coelho (USP).

<sup>52</sup>Fez o mestrado e doutorado pelo Antigo Regimento da USP. A tese **Economia e Sociedades Tribais no Brasil: Uma Contribuição ao Estudo das Estruturas de Troca** (1972), orientado por Eunice Ribeiro Durham. A dissertação **Aspectos Econômicos da Organização Suyá**, orientada por Gioconda Mussolini, provavelmente foi defendida em 1966 na USP. Não encontrei o registro oficial desta defesa.

<sup>53</sup>Estes seis professores tiveram os seus pareceres favoráveis aprovados pela Comissão de Pós-Graduação/CPG da FFCL da USP em 12/11/73. O professor Ruy Coelho defendeu sua livre-docência (Sociologia II) em 1961 com a tese **Indivíduo e Sociedade na Teoria de Augusto Comte** (USP). A cátedra (Sociologia II) foi obtida em 1964 com a tese **Estrutura Social e Personalidade** (USP).

<sup>54</sup>Parecer favorável pela CPG em 07/10/74.

<sup>55</sup>Sua dissertação **O Pensamento Conservador e a Síntese Sociológica: Estudo sobre o Pensamento Místico e Social de Joseph de Maistre** foi defendida em 1972, orientada por Ruy Coelho (USP). Em 1980 doutorou-se na USP com a tese **Exu: Símbolo e Função**, orientada também por Ruy Coelho. Obteve a livre-

Renato da Silva Queiroz<sup>59</sup>. Em 1980 foram contratados Carlos Moreira Henrique Serrano<sup>60</sup> e Kabengele Munanga<sup>61</sup>. Em 1984 foi contratada a professora Maria Manuela Carneiro da Cunha<sup>62</sup> e no ano seguinte José Guilherme Cantor Magnani<sup>63</sup>, Dominique Gallois<sup>64</sup>, Margarida Maria Moura<sup>65</sup> e Carmem Cinira Macedo<sup>66</sup>. Paula Montero<sup>67</sup> e Lilia Schwarcz<sup>68</sup> foram contratadas em 1988.

---

docência em 1991 na USP com a tese **Construções Míticas e História: Estudo sobre as Representações Simbólicas e Relações Raciais em São Paulo no Século XVIII à Atualidade**.

<sup>56</sup>Sua dissertação de mestrado (*Master of Arts*) foi defendida em 1974 na Universidade de Essex, Inglaterra, com o título **Messianic Movements and Social Banditry as a Project of Social Change**. Sua tese **Lazer e Ideologia: A Representação do Social e do Político na Cultura Popular** foi defendida em 1979 na USP.

<sup>57</sup>Sua dissertação **Mulheres, Homens e Heróis: Dinâmica e Permanência através do Cotidiano da Vida Bororo** foi defendida em 1980, orientada por Thekla Hartmann (USP). A tese **Jogo de Espelhos: Imagens da Representação de si através dos outros** foi defendida em 1990, orientada também por Thekla Hartmann (USP).

<sup>58</sup>Obteve seu doutorado em 1980 com a tese **Nomes e Amigos: Da Prática Xavante a uma Reflexão sobre os Jê**, orientada por Lux Vidal na USP.

<sup>59</sup>Sua dissertação **Os Caipiras Negros do Vale do Ribeira: Um Estudo de Antropologia Econômica** (1980) foi orientada por João Baptista Borges Pereira (USP). A tese **O Saci: Migração e Metamorfose de um Mito** (1986) também foi orientada pelo professor João Baptista Borges Pereira (USP). Obteve a livre-docência em 1993 na USP com a tese **A Procura do Paraíso - Estudo Antropológico sobre o Surto Messiânico/Milenarista do Catulé**.

<sup>60</sup>Obteve seu doutorado com a tese **Angola: Nasce uma Nação - Um Estudo sobre a Construção da Identidade Nacional** (1988), orientada por Fernando Augusto Albuquerque Mourão (DS-USP).

<sup>61</sup>Sua tese **Os Basanga de Shaba (Zaire): Aspectos Sócio-Econômicos e Político-Religiosos** (1977) foi orientada por João Baptista Borges Pereira na USP.

<sup>62</sup>Ver capítulo seguinte sobre a Unicamp.

<sup>63</sup>Sua tese de doutorado **Festa no Pedaco: O Circo Teatro e Outras Formas de Lazer e Cultura Popular** foi defendida em 1982, orientada por Ruth Cardoso (USP).

<sup>64</sup>Foi orientada no mestrado e doutorado por Lux Vidal. A dissertação **Contribuição ao Estudo do Povoamento Indígena da Guiana Brasileira - Um Caso Específico: Os Waiãpi** foi defendida em 1980 (USP). A tese **O Movimento da Cosmologia Waiãpi: Criação, Expansão e Transformação do Universo** foi defendida em 1988 (USP).

<sup>65</sup>Sua dissertação **Os Sítiantes e a Herança** foi defendida no Museu Nacional em 1973, orientada por Moacir Palmeira. Sua tese **Os Deserdados da Terra - A Lógica Costumeira e Judicial dos Processos de Expulsão e Invasão de Terra Camponesa no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais** foi concluída em 1984, orientada por José de Souza Martins (USP).

No ano de 1974 foi contratado como professor-visitante Pierre Clastres e em 1975, a professora da Universidade Estadual de Nova York, Dolores Newton, quando ambos ministraram cursos nos respectivos períodos em que estiveram no Brasil.

Segundo o depoimento do professor João Baptista Borges Pereira (entrevista), a denominação para o novo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP foi uma imposição dos órgãos governamentais. Quanto à escolha desta denominação, encontramos a seguinte declaração da Comissão de Pós-Graduação/CPG da FFLCH da USP em 21 de agosto de 1972:

*"Esta CPG tomou ciência, ontem, em sua reunião ordinária, do despacho de V.Excia. de fls. 229 do Proc. Rusp. nº 19.618/72 no qual comunica a aprovação por essa alta Câmara de Credenciamento solicitado da área de Antropologia e sugere providências.*

*"Convocamos, o prof. Dr. João Baptista Borges Pereira, que coordena a estruturação da Área por delegação do Departamento de Ciências Sociais, manifestou reserva de ordem teórica em relação à mudança de nome da Área por implicar a nomenclatura proposta em compromisso de escola, mas, reconhecendo a procedência do argumento de inexistência de Programas de Antropologia Física, uma vez a ênfase foi posta na Antropologia Cultural, asqueceu com a mudança sugerida do designativo - ANTROPOLOGIA SOCIAL, reservando-se porém, para no futuro, voltar a suscitar a questão. Esta CPG por sua vez concordou com a modificação proposta. (...)"*

---

<sup>66</sup>Sua dissertação **A Reprodução da Desigualdade: O Projeto de Vida Familiar de um Grupo Operário** foi defendida em 1977, orientada por Eunice Durham (USP). Sua tese **Nós, a Comunidade - O Estudo de uma CEB na Periferia de São Paulo** (1985) também orientada por Eunice Durham na USP.

<sup>67</sup>Obteve o mestrado pela Universidade de Paris VIII, França, com a dissertação **La Possession Religieuse dans le Culture Umbandiste** (1974), orientada por Claude Passeron e Jean Pierre Martinon. Em 1983 defendeu o doutorado na USP com a tese **Da Doença à Desordem: A Cura Mágica na Umbanda**, orientada por Eunice Durham. Em 1992 também na USP obteve a livre-docência com a tese **Modernidade e Cultura: Para Uma Antropologia das Sociedades Complexas**.

<sup>68</sup>Sua dissertação **Imagens de Negros - A Imprensa Paulista no Final do Século XIX, e Como Através de suas Páginas, os Brancos Viam os Negros** foi defendida em 1986 na Unicamp, orientada por Antônio Augusto Arantes. A tese **Homens de Ciencia e a Raça dos Homens: Cientistas, Instituições e Teorias Raciais no Brasil de Finais do Século XIX** foi defendida na USP em 1992, orientada por Maria Manuela Cameiro da Cunha.

A proposta de um grupo de professores, entre eles João Baptista Borges Pereira, era dar um caráter mais amplo a pós-graduação em Antropologia no início dos anos 70, que incluísse também a Arqueologia<sup>69</sup>:

*"Você sabe que nós começamos a pós-graduação em 1971 nos modelos atuais, (...) uma introdução de fora para dentro, dentro de um modelo que se chamaria de norte-americano. Antes nós tínhamos o doutorado, nós não tínhamos o mestrado, nós tínhamos o doutorado pelo sistema francês do patronato, então foi nessa fase que você provavelmente deve ter visto, por exemplo, que eu orientei o trabalho do Melatti, o trabalho do Silvio Coelho dos Santos, da Thekla Hartmann, da Renate Brigitte Viertel, da Lux Vidal, (...) do Igor Schmyz na arqueologia, da Lina Kneip na arqueologia... Pois bem, esta fase é uma fase interessante porque para você entender melhor, porque pelos nosso regulamento só poderia orientar (...) o responsável pela cadeira, está claro? Só excepcionalmente um professor associado, naquele tempo tinha professor livre-docente, alguém que não era dono da cadeira, poderia orientar desde que o responsável autorizasse. Bom, então, por estas questões da vida que não se pode explicar, o Schaden que era o titular, o catedrático da cadeira, era o responsável pela cadeira que orientava todos nós, o Schaden se aposentou (...) Então ele se aposentou prematuramente e eu era o livre-docente, o único livre-docente, e por razões de certo várias, o livre-docente assumia imediatamente a cadeira e ao assumir respondia também por toda essa herança. Então, na verdade, você pode se interrogar também porque que eu sendo alguém muito mais ligado a relações raciais..... e não indígena, porque eu visitei mas nunca trabalhei sistematicamente, orientei Melatti e todo esse pessoal, é porque institucionalmente eu tinha este compromisso... (...) Então, na verdade, esse pessoal era um pessoal que tinha uma autonomia intelectual muito grande, independia de orientador e orientação. Nessa fase também era uma orientação muito a distância. Você vinha, escolhia o tema, e de vez em quando você vinha discutir o assunto com*

---

<sup>69</sup>Sobre a trajetória da Arqueologia na USP, consultar Funari (1994) e Duarte (1994 [1977]): "A História da Arqueologia no Brasil sofreu de forma muito particular o jugo militar por mais de duas décadas. A Arqueologia, à diferença de outras ciências humanas e sociais, depende muito diretamente do acesso a verbas vultosas para poder levar a cabo seu trabalho de campo, para armazenar seu material e para analisá-lo em laboratório. (...) A Arqueologia, como disciplina acadêmica, viria a desenvolver-se no país apenas desde a década de 1950, graças ao humanista Paulo Duarte. As vicissitudes do projeto de uma Arqueologia acadêmica e humanista de Paulo Duarte estão consubstanciadas na trajetória do Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo. O objetivo primeiro deste trabalho consiste, justamente, na publicação de dois documentos inéditos, custodiados no Arquivo Paulo Duarte da UNICAMP, intitulados *Pla Dignidade Universitária*, visando dar a público algumas das suas considerações a respeito da História do Instituto de Pré-História e da sua cassação." (Funari: 1994, p. 155-156). O Instituto de Pré-História foi extinto no final dos anos 60 e o Museu de Arte e Arqueologia foi transformado no atual Museu de Arqueologia e Etnologia/MAE, processo que ficou sob responsabilidade de Ulpiano Bezerra de Menezes e que foi duramente criticado por Paulo Duarte em seu citado artigo. Para uma história da Arqueologia no Brasil consultar Funari (1992; 1994; 1994b; 1994c).

*seu orientador e ia embora, só isso, não tinha curso, não tinha nada, era direto. Então esse pessoal, todos eles que eu citei agora constam no meu Curriculum como sendo meus orientandos, (...) mas com absoluta autonomia intelectual. Quer dizer, eu sabia que eu poderia mantê-los porque eles sabiam fazer as coisas independentemente de mim, sabiam muito mais do assunto do que eu, normalmente, inclusive eu nunca trabalhei sistematicamente com índio, e o papel do orientador era um papel muito mais de interlocutor válido, institucionalizado, aquele que tem obrigação de ler, que a coisa mais difícil do mundo é que tenha alguém com tempo prá ler seu trabalho. Então, a minha função era ler e trocar idéias com meus orientandos, com todos eles, trocávamos idéias, mandava cortar aqui, eu tinha uma certa experiência, vai por aqui, coisa e tal. (...) Então por aí você deve ter notado que se você examinar esse período, os trabalhos estão muito nessa linha...ou está na arqueologia ou está com trabalhos sobre populações indígenas. E você deve ter notado também que aí é o campo muito claro da antropologia da época. Aí sim, você pode ver que todos os trabalhos da época eram feitos no campo da Antropologia na época, Lux, Melatti, Renate, já mostrando uma certa influência estruturalista, Melatti escandalosamente e Lux nem tanto e Renate mais ou menos etc. Quer dizer, mas ao mesmo tempo pairava ainda uma grande visão culturalista no sentido tradicional. (...)” (entrevista: Borges Pereira).*

Talvez por este motivo, as primeiras pesquisas defendidas na área de Antropologia Social foram na sub-área de Arqueologia<sup>70</sup>. Essa aproximação não foi somente pela inclusão da Arqueologia no Departamento de Antropologia Social, refletindo-se nos autores citados nessas dissertações.

*“...a Antropologia fazia parte do Departamento de Ciências Sociais e ela não tinha uma pós-graduação. Quando começou a pós-graduação de Antropologia havia necessidade de doutores para compor o quadro, e havia doutores arqueólogos nos Museus. O João Baptista que estava à frente da organização da pós-graduação em Antropologia Social, convidou os arqueólogos dos Museus, doutores para integrar a pós-graduação de Antropologia Social com uma sub-área de arqueologia. E aí entramos eu, isto foi em 1973, entramos eu, Luciana Palestrini, Ulpiano Bezerra de Menezes e ficamos nós três na pós-graduação e formamos alguns mestres e doutores na Antropologia Social. A Luciana formou um doutor, o José Luiz de Moraes que por sua vez passou a orientar mestres e doutores também em Antropologia*

---

<sup>70</sup>As primeiras dissertações defendidas pelo Novo Regimento datam de dezembro de 1974 e são da sub-área de Arqueologia. No total são dezenove dissertações de mestrado na sub-área de Arqueologia defendidas de acordo com o Novo Regimento até 1989. Em 1990, a Arqueologia se constituiu em um departamento interdisciplinar próprio que inclui também professores da História.

*Social. Então, nós éramos estes até 89. Ulpiano do Departamento de História, eu do Museu de Arqueologia, a Luciana do Museu Paulista e o José Luiz do Museu Paulista. Nós tínhamos a intenção, nós quatro da arqueologia, nós tínhamos a intenção de integrar mais a arqueologia na Antropologia Social porque a gente estava funcionando como um verdadeiro gueto lá na pós-graduação. Não havia uma obrigatoriedade de disciplinas de Antropologia para os arqueólogos e de arqueologia para os antropólogos como acontece nos Estados Unidos em que a arqueologia está inteiramente integrada na Antropologia e quem se forma em Antropologia tem que forçosamente passar pela arqueologia... Esta é uma tradição americana que vem desde Boas. Arqueologia nos Estados Unidos saiu da Antropologia no fins do século XIX, então, há uma tradição nas universidades entre a Antropologia e arqueologia. (...) Em 89 foi criado, depois de vários estudos, foi criado pela Faculdade de Filosofia uma pós-graduação interdepartamental cuja administração esta centralizada no Museu de Arqueologia...(...) Eu acho uma pena muito grande este divórcio, sabe, eu acho que a Antropologia mereceria um aprimoramento nos estudos de arqueologia, principalmente no tocante à cultura material, os antropólogos não sabem lidar com a cultura material, a arqueologia tem uma metodologia desenvolvida há mais de cem anos, teria muito a oferecer nesse sentido, e por outro lado os arqueólogos precisam da formação teórica do antropólogo..."*

*- "Mas professora, por que a proposta em 1973 de juntar a arqueologia com a Antropologia? Só por que faltavam professores doutores?"*

*- "Eu acho que foi mais a nível burocrático do que a nível intelectual, não houve uma preocupação intelectual desde o começo... O fato de ser Antropologia Social é um erro muito sério, por que não Antropologia Cultural? Por que não Antropologia da evolução? Por que não pré-história? Por que não Antropologia do Velho Mundo com arqueologia? Então eu acho que ela perde muito, mas é uma tradição no Brasil. Por causa do modelo no Museu Nacional, a pós-graduação em Antropologia aqui, acabou sendo pós-graduação em Antropologia Social. Aliás, quando nós estávamos interessados em nos integrar mais à Antropologia, antes do divórcio em 79, a gente tinha proposto ao Departamento dois cursos de pós-graduação: um Curso de Pós-Graduação de Antropologia Social e um Curso de Pós-Graduação de Antropologia Cultural ou então um Curso de Pós-Graduação de Antropologia, só antropologia, mas eu tenho a impressão que é a Eunice que faz absoluta questão que seja Antropologia Social (...) Aqui no Brasil a Antropologia é a Antropologia do Índio, ou a Antropologia do negro ou a Antropologia da marginalidade, só. Antropologia do branco sem ser marginal não existe. Quer dizer é muito pobre. Eu sou uma arqueóloga clássica, eu tenho uma outra visão no contato com os meus colegas...(...)". (Sariam: entrevista).*

Uma das razões do pequeno número de dissertações e teses nos anos 70 na USP, segundo a professora Lux Vidal, foi devido ao fato de Egon Schaden não ter formado antropólogos na área de etnologia:

*"O Schaden não teve seguidores na verdade, ele não formou seguidores. Ele era uma pessoa muito centrada sobre si, ele era a etnologia, mas ele realmente não fez escola, quem reiniciou [este trabalho em etnologia] foi a Thekla (...) ele não tinha discípulos..."<sup>71</sup>*

Nessa época, praticamente todos os professores estavam envolvidos com as suas pesquisas de doutorado como Thekla Hartmann, Lux Vidal, Renate Viertler etc, o que adiou a formação de novos antropólogos.

#### **4. Da Antropologia à Antropologia Social: O Caso da USP.**

No Brasil, as definições em relação ao campo da Antropologia foram acompanhadas pela conjuntura ditatorial e a sua conseqüente política anti-popular que levou a uma situação de miséria e exclusão quase absoluta de índios, negros e populações marginais na periferia das grandes cidades. Essa situação teve como conseqüência um comprometimento cada vez maior por parte dos pesquisadores da área em defesa dos direitos dos grupos estudados.

A década de 60 foi especialmente um momento de escolhas no cenário da Antropologia no Brasil. Não somente quanto aos aspectos políticos e estruturais de transformações no ensino brasileiro, na carreira docente, nas pesquisas realizadas e na formação das trajetórias intelectuais, mas também um período de opção teórica da disciplina em favor da Antropologia Social britânica e do estruturalismo francês.

Anteriormente, percorremos o itinerário seguido por Roberto Cardoso de Oliveira, a sua formação na FFCL/USP, a orientação recebida de Florestan Fernandes, a convivência com Darcy Ribeiro no Rio de Janeiro e as escolhas feitas pelo autor quando da organização dos cursos de especialização no início dos anos 60 no Museu Nacional. Vimos também como seus alunos formados nesse contexto se transferiram para a nova Capital

---

<sup>71</sup>Entrevista com Lux Vidal em 27 de março de 1996, São Paulo.

Federal e levaram adiante um novo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social nos moldes do que foi implantado no Museu Nacional.

A influência do professor Florestan Fernandes<sup>72</sup> na Antropologia brasileira é visível não somente pelas obras que escreveu mas também pelas orientações a alguns fundadores da disciplina entre nós como Roberto Cardoso de Oliveira<sup>73</sup> e Roque de Barros Laraia, além de Ruth Cardoso entre outros.

*"É costume dizer entre os antropólogos que a Antropologia ganha fóruns mais teóricos com a obra de Lévi-Strauss e se esquecem que o professor Florestan Fernandes tinha essas preocupações (...) ...o que é uma verdade, não no caso brasileiro somente, porque se compara a Antropologia americana que tinha uma influência muito grande na época, nós vemos que estava ausente, praticamente ausente preocupações epistemológicas e o Florestan tinha essas preocupações. Isso tudo eu estou falando para dar uma idéia de como o professor atraiu um jovem estudante de Filosofia com seus ensinamentos, trabalhando num nível de discurso que eu só estava habituado na leitura dos filósofos clássicos, que eram os filósofos dados no meu tempo de estudante na USP."<sup>74</sup> (Cardoso de Oliveira: Homenagem a Florestan Fernandes em 24 de setembro de 1995, Unicamp).*

Antes de ser professor, Florestan Fernandes estudou e obteve o seu mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo em 1947<sup>75</sup>, quando foi orientado por Herbert Baldus e aluno de professores como Pierson e Radcliffe-Brown<sup>76</sup>. Tinha uma

---

<sup>72</sup>Consultar sobre Florestan Fernandes e sua obra principalmente Ianni (1989), Peirano (1981; 1991) e Arruda (1995).

<sup>73</sup>Roberto Cardoso de Oliveira foi o único aluno de um curso ministrado por Florestan Fernandes durante um ano na graduação em Filosofia (1950-1953) na Maria Antônia. Roberto Cardoso de Oliveira conta que nessas aulas eram discutidas o que foi mais tarde a tese de docência de Florestan Fernandes: **O Método de Interpretação Funcionalista na Sociologia** e também o texto **O Problema da Indução na Sociologia** (Cardoso de Oliveira: Homenagem a Florestan Fernandes em 24 de setembro de 1995, Unicamp, SP).

<sup>74</sup>Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem a Florestan Fernandes em 24 de setembro de 1995, Unicamp.

<sup>75</sup>Com a dissertação **A Organização Social dos Tupinambá**. Doutorou-se em 1951 com a tese **A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá**, sendo orientado por Fernando de Azevedo. Obteve a livre-docência em 1953 com a tese **Ensaio Sobre o Método de Interpretação Funcionalista na Sociologia** e a cátedra em 1964 com a tese **A Integração do Negro à Sociedade de Classes**.

<sup>76</sup>Radcliffe-Brown foi professor-visitante na ELSP por um curto período no início dos anos 40 (Pierson in Corrêa: 1987).

origem humilde e para concluir seus estudos estudava à noite trabalhando como professor no secundário durante o período diurno<sup>77</sup>.

A trajetória intelectual de Florestan Fernandes seguiu caminhos diferenciados daqueles percorridos por Egon Schaden. Os dois estudaram na FFCL da USP onde também começaram as suas respectivas carreiras como docentes, responsáveis por uma geração de intelectuais formados nos anos 50 e 60.

Florestan Fernandes tornou-se catedrático da Cadeira de Sociologia I e como sociólogo influenciou toda uma geração de cientistas sociais engajados com a problemática da realidade brasileira e influenciados pelas teorias dos conflitos sociais, da luta de classes e das tensões políticas existentes em nossa sociedade.

Egon Schaden, catedrático da Cadeira de Antropologia e afinado com a visão culturalista, manteve-se apegado à tradição alemã da disciplina.

A definição em torno de um Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na USP foi fruto de uma disputa acirrada que teve como pano de fundo a conjuntura política e os acontecimentos de 1968 que professores, alunos e funcionários da Universidade de São Paulo foram obrigados a enfrentar.

*"A minha interpretação, a minha visão era que havia uma disputa de hegemonia dentro da Cadeira que estava em processo de transformação no Departamento... (...) Era uma luta pela extinção da cátedra vitalícia, pela criação dos departamentos e o Schaden era totalmente identificado com a cátedra vitalícia. Ele queria fazer o sucessor, ele queria deixar o sucessor como sendo uma pessoa que desse continuidade a um certo tipo de orientação. Fez isso e pôs o João Baptista lá dentro nesses termos (...) naquela época foi uma entrada muito, muito difícil. Foi quase uma intervenção..." (Arantes: entrevista).*

A discussão entre os aspectos culturais e sociais na Antropologia brasileira, teve como contexto a conjuntura política e a adesão teórica ao marxismo por parte de um grupo de cientistas sociais. Essa posição refletiu-se na Antropologia através principalmente da crítica ao funcionalismo e a sua conseqüente visão conservadora dos grupos estudados,

---

<sup>77</sup>Ver a sua auto-biografia publicada em Fernandes (1980) e também Arruda (1995).

que não contemplava os conflitos sociais internos e externos com a sociedade mais abrangente.

*"Tomemos como referência o funcionalismo tal como foi desenvolvido no estudo de sociedades tribais. A análise antropológica consiste em construir sistemas a partir de uma realidade que aparece, de início, como fragmentada. A aparência fragmentada e destituída de significação decorre da exterioridade do observador e a construção de sistemas coerentes pela Antropologia deve corresponder a uma integração real, constantemente realizada pelos membros da sociedade portadores da cultura, através de processos que são, o mais das vezes, inconscientes. Esse tipo de investigação pressupõe uma noção de totalidade integrada cuja reconstrução é o objetivo último do pesquisador." (Durham: 1986, p. 21).*

Para Antônio Augusto Arantes, aluno e professor da USP naquele momento "...o que era emergente na USP era a Antropologia Social..." (entrevista). Ou seja, frente ao contexto ditatorial e de conflitos sociais latentes, foram as concepções teóricas da Antropologia Social, nascida nas universidades inglesas e refinada nas periferias dos centros urbanos africanos através das pesquisas empíricas<sup>78</sup>.

O que aconteceu com o grupo de antropólogos da USP foi consequência dos acontecimentos políticos em nosso país e das tensões específicas existentes na Antropologia em geral. Com a possibilidade da aposentadoria de Egon Schaden na segunda metade dos anos 60, começou-se a discutir a sua sucessão. Não se cogitava de questionar as regras de ascensão à Cátedra que exigia o título de doutor ou livre-docente. Gioconda Mussolini, a mais antiga na carreira depois do próprio Schaden, não tinha título de doutor. A docente que mais se aproximava dessa exigência era a professora Eunice Durham que defendeu o seu mestrado em 1966 e trabalhava, então, em sua tese de doutorado. Mas Durham era claramente uma representante da Antropologia que Arantes chamou de emergente.

*"...mas por trás dessas acusações pessoais de feitiçaria... pelo menos é essa a visão que eu tinha como ex-aluno e recém-colega. Eu estudei lá quatro anos e trabalhei dois, são seis anos... Mas de qualquer maneira havia essa discussão violentíssima. Tanto que havia uma discussão entre Eunice e João Baptista e o João Baptista chegou com a livre-docência pronta quando a*

---

<sup>78</sup>Ver Feldman-Bianco (1987).

*Eunice estava terminando o doutorado. E eu era um dos que torcia para que a Eunice acabasse o doutorado depressa. E ele veio substituir o Schaden (...) ...a chegada dele foi uma chegada no meio de um conflito e o Schaden, ele conduziu isso muito mal porque ele tomou partido claro, partido claríssimo, contra uma certa tendência mais crítica, mais moderna, mais inovadora que havia, que era essa que se afastava do culturalismo norte-americano... mais generalista e também uma disciplina menos envolvida com a agenda política e cultural da época. Era uma Antropologia na verdade travestida de etnologia digamos assim. Que era uma etnologia evidentemente. Mas que era uma etnologia que não era como a que o Roberto Cardoso, por exemplo, fazia, que era uma etnologia crítica da situação que os índios enfrentavam nas periferias das cidades da Amazônia, que era uma Sociologia da fricção interétnica. Então, essa era uma etnologia que tinha tudo a ver. Mas o Schaden insistia em dar aquelas aulas sobre os viajantes, aqueles índios idealizados, aquela situação de isolamento, aquela coisa que era totalmente criticada, desprestigiada na USP. Uma coisa muito desacreditada, muito idealizada, muito fora da realidade e que tinha como substrato teórico a Antropologia norte-americana." (Arantes: entrevista).*

João Baptista Borges Pereira foi o sucessor escolhido por Egon Schaden, assumindo a responsabilidade dos projetos iniciados pelo mestre e por suas orientações, além da transição, implantação e consolidação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social nos moldes exigidos pela Reforma do Ensino.

## **5. Trajetórias:**

Quase no mesmo período em que Florestan Fernandes esteve à frente da Cadeira de Sociologia I da FFCL da USP, Egon Schaden foi o catedrático que ocupou a Cadeira de Antropologia. Schaden cursou a Faculdade de Letras e Filosofia de São Paulo em 1934 e 1935 e formou-se em Filosofia pela FFCL entre 1935-1937. Doutorou-se<sup>79</sup> também pela USP em 1945, orientado por Fernando Azevedo. Obteve a livre-docência<sup>80</sup> em 1954 e a cátedra<sup>81</sup> em 1964.

---

<sup>79</sup>Com a tese **Ensaio Etno-Sociológico sobre a Mitologia Heróica de algumas Tribos Indígenas do Brasil**.

<sup>80</sup>Com a tese **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani (USP)**.

<sup>81</sup>Com a tese **Aculturação Indígena: Ensaio sobre Fatores e Tendências da Mudança Cultural de Tribos Índias em Contato com o Mundo dos Brancos (USP)**.

Segundo o depoimento de Roque de Barros Laraia (entrevista), que esteve na USP fazendo seu doutorado na segunda metade da década de 60, não havia uma tradição uspiana de se fazer trabalho de campo. Foram os alunos de Schaden que inauguraram esta prática: Gioconda Mussolini, Ruth Cardoso, Eunice Durham, Thekla Hartmann e João Baptista Borges Pereira.

Egon Schaden, que foi criado na colônia têuto-brasileira de São Bonifácio em Santa Catarina no Vale do Capivari (Castro Faria: 1993b) tinha uma postura mais "alemã" de distanciamento com os seus orientandos. Ao contrário, por exemplo de Herbert Baldus que apesar de ter nascido na Alemanha era mais descontraído, com uma postura mais brasileira (Laraia: entrevista).

Com a aposentadoria de Egon Schaden no final dos anos 60, João Baptista Borges Pereira assumiu a coordenação da área de Antropologia e começou a implementar um projeto próprio que incluía pesquisas com ciganos e negros, além da temática educação.

*"...porque eu venho de uma formação muito híbrida, eu fui muito influenciado pela Sociologia, eu realmente tenho uma sólida, eu não digo sólida mas histórica formação em Sociologia porque o nosso curso era de Ciências Sociais, o nosso departamento estava na Sociologia e eu fui muito influenciado pelo Florestan Fernandes. O meu trabalho de mestrado é escola secundária numa área, como que chama? **Escola Secundária Sobre Mudança**, é um trabalho profundamente influenciado do começo ao fim por Antônio Cândido enquanto sociólogo, e pelo Florestan Fernandes, tem muito pouco de Antropologia a não ser assim a visão de comunicação, uma visão mais leve da coisa. Mas ele é muito formal esse trabalho, é um trabalho escandalosamente sociológico e é minha herança de estudante porque eu trabalhei, enquanto estudante desde o segundo ano eu já pesquisava e pesquisava com Florestan, com Fernando Henrique, com Otávio Ianni e a Ruth nas pesquisas da UNESCO, no sul do país, não é... então tinha um contato mais íntimo com a Sociologia embora cultivasse a Antropologia com prazer..." (Borges Pereira: entrevista)*

Mas, antes disso, João Baptista Borges Pereira já possuía uma trajetória próxima a Schaden. Ao terminar a graduação, Borges Pereira (entrevista) foi convidado por Charles Wagley para ir para Columbia fazer o doutorado. Como havia a condição de que ele antes fizesse o mestrado, ele ingressou na ELSP com esse objetivo. Conviveu e foi aluno de vários professores doutores como Sérgio Buarque de Holanda (História), Fábio Barbosa,

Cézar Pastore (Economia), Emílio Willems (Antropologia), Oracy Nogueira (Sociologia) - seu orientador -, Otavio da Costa Eduardo (Antropologia) e Hiroshi Saito (Antropologia), concluindo o mestrado em 1961<sup>82</sup>. Nas aulas, a ênfase era grande na Sociologia:

*"...a minha adesão definitiva à Antropologia se deu com o rompimento, não intelectual..., o rompimento que eu chamaria..., nem institucional, como eu poderia chamar? ...um rompimento... talvez...institucional, porque eu queria me doutorar com um trabalho que eu estava fazendo há muito tempo... que era sobre comunicação e relações raciais, isso era o que me fascinava porque eu vinha trabalhando isto há tempos com o Ianni, com Fernando Henrique Cardoso... A Ruth tinha me ajudado, ela tinha sido minha professora no primeiro ano, ela tinha me dado as primeiras idéias, eu vinha fazendo aquilo com muito carinho. E quando eu apresentei no regime francês ao Florestan, o Florestan disse assim: ah, sobre negros eu já falei tudo que eu tinha que falar e eu disse, não, eu estou aproveitando os subprodutos do seu trabalho porque... na opinião dele, hipoteticamente, havia duas áreas em que o negro tinha gozado de uma situação excepcional. Uma era o futebol e outra era a música, a comunicação de massa... eu fiz a música através do rádio que era mais fácil que através da televisão. Então estas áreas não foram testadas. Se elas são excepcionais, em que pontos elas são excepcionais? E Florestan falou não. Eu quero que você faça um estudo sobre comunidade de... Pelo amor de Deus, isso é tirar de mim toda a inspiração e isso eu não gosto. Ele falou, então eu não te oriento. Bom, o catedrático não quis me orientar, não adiantava...(...) Bem, eu fui para o interior e fiquei um mês fazendo um survey e descobri a cidade de Chavantes... na fazenda de café, eu exatamente tinha um survey, um levantamento prévio e trouxe prá ele e ele achou excelente e naquela hora, uhmmm, sabe, eu talvez nunca tenha falado isso mas pode gravar, naquela hora eu fiquei extremamente revoltado, eu estava sendo violentado no meu desejo por um trabalho, aí o Florestan disse assim: eu gostei, pode fazer, eu peguei e rasguei, na frente dele. Eu não gostei, está aqui, não faço. Desci, a Antropologia era embaixo e falei com Seu Schaden: eu quero fazer doutorado, mas neste campo, o senhor me aceita? Ele falou: eu não me preocupo com o campo, se você fizer bem, você faça o trabalho, na mesma hora, com absoluta liberdade, trabalhe a vontade. A partir daí, então, eu me vinculei mais institucionalmente a Antropologia...Quando eu terminei o meu curso já havia um convite da área de Antropologia para eu ficar, mas não quis ficar porque auxiliar naquele tempo era instrutor, não tinha verba..." (Borges Pereira: entrevista).*

---

<sup>82</sup>Com a dissertação *Escola Secundária numa Sociedade em Mudança* (1960).

Terminado o mestrado, João Baptista Borges Pereira foi para Presidente Prudente trabalhar na Cadeira de Antropologia da UNESP onde permaneceu por apenas dois anos e meio. Nessa época, Egon Schaden conseguiu verbas para mais duas contratações na FFCL, convidando Roberto Cardoso de Oliveira e João Baptista Borges Pereira<sup>83</sup>. Como o primeiro não aceitou o convite, em seu lugar foi contratada Thekla Hartmann (Borges Pereira: entrevista).

Segundo Borges Pereira, de sua parte existia uma aversão tanto às influências culturalistas, quanto às orientações marxistas e neo-marxistas. Segundo as suas concepções, estas vertentes teóricas eliminavam da análise antropológica o conceito de cultura e privilegiavam somente as relações interétnicas, empobrecendo o pensamento antropológico.

*"...se você examinar o meu trabalho de... (...) doutorado, você vai ver que todo o meu trabalho é feito na linha de Radcliffe-Brown, da escola tradicional inglesa (...), Nadel, conceito de estrutura etc e tal... (...)." (Borges Pereira: entrevista).*

Nesse sentido, o autor afirmou ter optado por uma visão eclética na Antropologia mais apropriada aos conceitos de mobilidade social e alienação simbólica trabalhados por ele em suas pesquisas.

*"...havia uma opção clara por um certo sociologismo através do marxismo ou a opção clara pela Antropologia mais o culturalismo, e eu não queria nem uma opção nem outra. E foi nessa linha que sempre trabalhei." (Borges Pereira: entrevista).*

\*\*\*

As duas assistentes extra-numerárias de Egon Schaden, no período de 1956 a 1960, Eunice Ribeiro Durham e Ruth Correa Leite Cardoso<sup>84</sup>, também tiveram um papel

---

<sup>83</sup> João Baptista Borges Pereira acabou por fazer seu doutorado na USP. Sua tese **Cor, Profissão e Mobilidade: O Negro e o Rádio de São Paulo** foi defendida em 1965. A banca de sua defesa de tese foi: Oracy Nogueira, Octávio Ianni, Ruy Galvão de Andrada Coelho, Florestan Fernandes e Egon Schaden (orientador). Tomou-se livre-docente em 1966 com a tese **Aculturação de Italianos**, mais tarde publicada como **Italianos no Mundo Rural Paulista**.

<sup>84</sup> Infelizmente esta pesquisa se realiza num momento em que as professoras Ruth Cardoso e Eunice Durham encontram-se comprometidas com afazeres governamentais, impedindo o levantamento mais detalhado de suas respectivas trajetórias intelectuais.

fundamental na formação de um grupo de antropólogos formados pela FFCL/USP nas décadas de 70 e 80.

Ruth Cardoso graduou-se em 1952 pela USP, sendo contemporânea de outros cientistas sociais como Roberto Cardoso de Oliveira (1950-1954), Fernando Henrique Cardoso (1949-1952), Eunice Durham (1951-1954), José Arthur Gianotti<sup>85</sup> entre outros.

Juntamente com Fernando Henrique Cardoso (Sociologia), José Arthur Gianotti (Filosofia), Paul Singer (Economia), Fernando Novaes (História) e Octávio Ianni (Sociologia) - todos jovens professores na FFCL - e os novatos, ainda estudantes, Bento Prado (Filosofia), Francisco Weffort (Sociologia), Michel Lowy (Sociologia), Gabriel Bolaffi (Sociologia) e Roberto Schwarz (Crítica Literária), Ruth Cardoso participou, já como assistente da Cadeira de Antropologia, do grupo de estudo sobre **O Capital**<sup>86</sup> de Marx organizado a partir de 1958 na Maria Antônia. Este grupo se formou dentro daquele ambiente cultural fortemente marcado pela presença do marxismo que foi fundamental na trajetória intelectual de todos eles. Obtiveram suas pós-graduações e tomaram-se professores na década seguinte, influenciando toda uma geração de intelectuais brasileiros na área das Ciências Humanas e da Filosofia.

---

<sup>85</sup>Não foi possível localizar o período exato da graduação do professor Gianotti. Mas, com certeza, foi no início dos anos 50.

<sup>86</sup>"Não era aluno há seis meses quando Giannotti apresentou em concurso de livre-docência as *Origens da Dialética do Trabalho*, primeiro ato conclusivo de um roteiro cuja realidade e significado evidentemente me escapavam. Foi então que fiquei sabendo da existência do hoje fabuloso Seminário Marx, que na virada dos anos 50 para os 60 reuniu um grupo de jovens assistentes da faculdade interessados em 'ler' *O Capital*, possivelmente cansados de conhecer Marx por ouvir dizer e certamente empenhados em demonstrar a respeitabilidade científica da *Dialética*, como exigiam os novos costumes acadêmicos. O propósito não podia ser mais cordato, mas não se diria o mesmo dos efeitos, muito conforme ao destino peculiar da cultura uspiana, daquele jovem marxismo de cátedra, se pensarmos no respeitável ciclo ensaístico de interpretação do Brasil que promoveu a partir de meado dos anos 60. Por outro lado, era a própria abrangência da obra em questão que exigia para a sua leitura o concurso de várias especialidades universitárias, atestando não só a emvergadura de quem a concebera como a idade da sociedade capitalista em que tal pensamento alcançara o seu zênite, enquanto a compartimentação que se procurava sanar assinalava a um tempo a complexidade da nova era e o recuo em ordem dispersa da força explicativa correspondente, como se poderia verificar na indigência dos marxismos oficiais. O cenário acadêmico era indício de baixa temperatura política, mas também sinal de que algo ocorrera no processo de fundo, a ponto de aglutinar em lugar tão inóspito o mais afiado da força produtiva intelectual." (P. E. Arantes: 1994, p. 43).

Na primeira metade da década de 70<sup>87</sup> as professoras doutoras Eunice Durham<sup>88</sup> e Ruth Cardoso<sup>89</sup> provavelmente credenciaram-se como orientadoras na área de Ciência Política do Departamento de Ciências Sociais. Nas décadas de 70 e 80, Ruth Cardoso e Eunice Durham foram as responsáveis pela formação de um grupo de antropólogos, ou melhor, de duas gerações intelectuais que hoje estão formando novos profissionais em todo o Brasil. Uma geração<sup>90</sup> que obteve os seus mestrados<sup>91</sup> e doutorados<sup>92</sup> na segunda metade dos anos 70 e na década de 80.

---

<sup>87</sup> Não podemos precisar exatamente esta data que não foi também lembrada por nenhum dos professores envolvidos. Também não encontramos registros nos arquivos da FFLCH. Podemos afirmar somente que foi no período entre 1973 e 1975.

<sup>88</sup> Eunice Durham doutorou-se em 1967, orientada por Egon Schaden com a tese: **Migração, Trabalho e Família: Aspectos do Processo de Integração do Trabalho de Origem Rural à Sociedade Urbano-Industrial**. Sua dissertação **Mobilidade e Assimilação: A História do Imigrante Italiano num Município Paulista** foi defendida em 1964 também na USP, orientada por Egon Schaden.

<sup>89</sup> Sua dissertação **O Papel das Associações Juvenis na Aculturação dos Japoneses** foi defendida em 1970 (USP), orientada por Florestan Fernandes. Sua tese **Estrutura Familiar e Mobilidade Social - Estudo dos Japoneses no Estado de São Paulo** foi defendida em 1972 (USP), orientada por Eunice Durham.

<sup>90</sup> Sobre a opção pela orientação das antropólogas no Departamento de Ciência Política: *"As estranhas políticas internas às academias explicam o fato de que eu tenha escolhido um curso de mestrado em ciência política e não em antropologia. Na verdade, o fator decisivo para mim era trabalhar com a professora Ruth Cardoso, uma antropóloga que, naquele momento, desenvolvia interessantes pesquisas sobre as camadas trabalhadoras urbanas e seus movimentos sociais, e que estava vinculada ao departamento de ciência política."* (Caldeira: 1993, p. 1).

<sup>91</sup> Os seguintes alunos foram orientados por Ruth Cardoso no mestrado: Arthur Shaker Fauzi Eidi (1975), Maria de Lourdes Scarfon (1976), Guíta Grin Debert (1977), José Ricardo Ramalho (1979), Mauro William Barbosa de Almeida (1980), Eduardo Piragibe Graeff (1981), Tereza Caldeira (1982), Maria Filomena Gregori (1988), Célia Sakurai (1988), Danielle Ardaillon (1989), Ana Cristina Braga Martes (1991), Atílio Machado Peppe (1992), Simone de Castro Tavares Coelho (1992) e Cátia Aida Pereira da Silva (1994) todos no campo da Ciência Política. Orientados por Eunice Durham no mestrado, podemos citar: Célia Penço (1976), Carmen Cinira Macedo (1977), Geraldo Romanelli (1979), Sílvia Jane Zveibil (1980), Helena Maria Sampaio (1989) e Alberto Sanches Parede (1994) no campo da Antropologia Social e Elizabeth Dória Bilac (1977), Benedito Miguel Gil (1980) e Márcia Mendes de Almeida (1982) na Ciência Política.

<sup>92</sup> Ruth Cardoso orientou as seguintes teses no doutorado da Ciência Política: Gilberto Velho (1975), Giralda Seyferth (1976), Sérgio Roanet (1979), José Guilherme Cantor Magnani (1982), Mariza Corrêa (1982), Maria de Lourdes Scarfon (1983), Neide Esterici (1985), Claudia Menezes (1985), Ana Maria de Niemeyer (1985), Guíta Grin Debert (1986), José Ricardo Ramalho (1987), Claudio Vouga (1987), Oscar Landi (1988) e Ana Maria Doimo (1993). Eunice Durham, também na Ciência Política orientou as seguintes teses: Paula Montero (1983), Elizabeth Dória Bilac (1983) e Benedito Miguel Gil (1988).

*"...embora estivesse na Ciência Política, ficava bem claro que as nossas teses eram antropológicas, inclusive pela temática com a qual a gente trabalhava... Você trabalhava com uma temática que fazia sentido nos dois lados e para a qual uma certa abordagem antropológica fosse muito importante. Então, o que a gente tentava fazer era uma análise de problemas politicamente relevantes utilizando um debate e uma abordagem antropológica (...) Como a gente estava na Ciência Política, obviamente que a gente fazia uma força para que as teses se parecessem de ciência política mesmo... (...) A tese da Célia que era ciência política estrito senso (...), a revolução, a inconfidência mineira, era uma temática muito de Ciência Política... Boa parte do pessoal daqui trabalhou muito com o grupo de operários, quer dizer com o sindicato operário... Então, houve toda uma versão sindicalista, além de que a Ciência Política também incorporou uma parte da sociologia... uma temática urbana, muito com o movimento eleitoral. Mas a nossa temática era antropológica porque ela decidia que iria ver como é que a população vê o voto e escolhe o candidato. A gente usava, na verdade, uma abordagem muito antropológica na Ciência Política..." (Eunice Durham: entrevista)*

As dissertações desse grupo de antropólogos seguiram basicamente na linha das pesquisas sobre favelas e estudos de gênero com ênfase nos aspectos políticos e sociais.

No final dos anos 80, Eunice Durham retornou à área de Antropologia Social onde permanece até os dias de hoje<sup>93</sup>. Ruth Cardoso se aposentou no Departamento de Ciência Política nos anos 90, mas continua com orientações aos alunos de Antropologia Social<sup>94</sup> no Departamento de Ciência Política.

\*\*\*

A professora Thekla Hartmann foi também aluna de Egon Schaden. Thekla Hartmann diplomou-se em biblioteconomia em 1951 pela Escola de Biblioteconomia de São Paulo, anexa à ELSP. Em 1952 e 1953 tornou-se bibliotecária da Escola Livre de Sociologia e Política quando começou a se interessar pela Antropologia, então, decidindo-se pela graduação em Ciências Sociais e licenciando-se em 1957 (Hartmann: s.d.).

---

<sup>93</sup>Em 27 de novembro de 1995 a professora Eunice Durham entrou oficialmente com o pedido de sua aposentadoria na FFLCH/USP. Nos anos 90 a professora não orientou nenhuma pesquisa na Ciência Política ou Antropologia Social.

<sup>94</sup>No último dia 24 de outubro de 1995 foi votado positivamente o pedido de recondução para orientações no Departamento de Antropologia da FFCL da professora Ruth Cardoso. Este pedido foi feito oficialmente por uma de suas atuais orientandas no doutorado em Antropologia Social: Maria Filomena Gregori, professora na Unicamp.

Com o professor Egon Schaden, Hartmann iniciou a especialização na área de Antropologia quando foi indicada por ele para uma Bolsa de Estudo do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico para onde Thekla Hartmann se transferiu em outubro de 1958. Como aluna da Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt na República Federal da Alemanha e com orientação do Professor Ad. E. Jensen, Hartmann iniciou um programa de estudos teóricos e práticos que incluíram a etnologia, arqueologia, museologia, culturas megalíticas e culturas indígenas da América do Norte entre outras disciplinas. Nesse período teve a oportunidade de trabalhar com várias coleções museográficas, interesse que acompanhou sua trajetória intelectual futura.

Em 1960, quando voltou ao Brasil, começou a lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientae" da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba onde

*"... 'naturalizei' a prática alemã de vincular os conteúdos do ensino à sua aplicação em campo (excursões com os alunos à aldeias indígenas acessíveis, a núcleos caiçaras ou a sítios arqueológicos) e à sua comunicação para a comunidade local, principalmente através de exposições e eventos. Mais tarde, já na Universidade de São Paulo, procurei manter-me fiel a esse esquema, tanto em nível de graduação quanto na pós-graduação."*  
(Hartmann: s.d.).

Com o apoio financeiro da FAPESP, Thekla Hartmann coletou material para a sua pesquisa no Museu Regional Dom Bosco em Campo Grande/Mato Grosso do Sul, durante as férias escolares. Em 1963 e 1964 fez pesquisas de campo entre várias aldeias nessa região. Em 1964 começou a frequentar regularmente os seminários de especialização em Antropologia da USP. Nesse mesmo ano foi convidada por Egon Schaden a integrar como instrutora em tempo parcial a Cadeira de Antropologia, responsabilizando-se pela antiga Cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani<sup>95</sup> e pela biblioteca do setor. Também nesse período redigiu seu trabalho de especialização que em maio de 1965 foi apresentado como dissertação de mestrado<sup>96</sup>.

---

<sup>95</sup>Recém-extinta pela Reforma do Ensino e incorporada à Cadeira de Antropologia.

<sup>96</sup>A Nomenclatura Botânica dos Bororo.

Em 1966, a professora Hartmann participou do Simpósio sobre a Organização de Museus Etnográficos ao Ar Livre na Romênia como substituta do Professor Egon Schaden que não pode comparecer. Foi convidada, então, pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico a permanecer por mais oito meses no país com um estágio no Museu de Etnologia de Munique com orientação do americanista Otto Zerries.

Doutorou-se em 1970<sup>97</sup> orientada por João Baptista Borges Pereira e no mesmo ano foi credenciada na pós-graduação para orientações na área de Antropologia Social.

*"Iniciei-me na nova responsabilidade com um semestre de aulas versando sobre aculturação indígena (1970), continuando a nível de graduação com a disciplina de Sociedades e Culturas Indígenas do Brasil."* (Hartmann: s.d., p. 7-8).

Em 1972, Thekla Hartmann iniciou o seu trabalho no Museu do Ipiranga<sup>98</sup> como chefe do setor de etnologia, continuando com as orientações e cursos de sua especialidade na USP.

A partir de então, a autora esteve estudando e organizando várias coleções museográficas pelo mundo, como a coleção do *Museu Preistorico ed Etnografico Luigi Pigorini* em Roma, a do Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra e várias coleções de Museus no interior de São Paulo.

Thekla Hartmann deu continuidade ao valioso trabalho iniciado por Herbert Baldus (1954) que escreveu a **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira**, volume I e o volume II publicado na Alemanha em 1968. O volume III foi preparado por ela (Hartmann: 1984) e também publicado na Alemanha<sup>99</sup>.

\*\*\*

---

<sup>97</sup>Com a tese **A Contribuição da Iconografia para o Conhecimento de Índios Brasileiros do Século XIX**.

<sup>98</sup>Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

<sup>99</sup>Agradeço as informações sobre essas publicações, ao professor Wilmar D'Angelis.

A professora Lux Vidal nasceu na Alemanha mas teve a sua educação escolar básica na França<sup>100</sup>. Depois de ter morado em países como a Alemanha, Inglaterra, França e Espanha, mudou-se com a família para Nova York em 1948.

Logo ao chegar aos Estados Unidos, vindo da Espanha franquista, participou de um programa de férias organizado por professores idealistas, onde jovens de todas as nações e raças viviam juntos por três meses. Esta experiência proporcionou a Lux Vidal uma visão múltipla da realidade que se refletiu mais tarde em sua escolha do curso na graduação. Foi para um *College* próximo a Nova York, uma instituição somente de mulheres com alguns professores veteranos de guerra e ideais de "esquerda". Foi aluna de Josephe Campbell e Isabel Garcia Lorca entre outros. No final dos anos 40, o sistema de avaliação nesse *College* era feito apenas através de *papers* e seminários. Entre os três cursos que se deveriam escolher anualmente, um deveria ser obrigatoriamente na área de Artes. Formou-se em Artes em apenas dois anos.

Nesse contexto, apaixonou-se pela Literatura espanhola e pelo Teatro<sup>101</sup>. O interesse pela Antropologia nasceu nesse momento em que viveu nos Estados Unidos quando fez o seu primeiro curso da disciplina com Irving Goldman, seu grande incentivador. O que se estudava na época como afirmou Lux Vidal, era essencialmente Ruth Benedict, mas também Malinowski, Boas e os africanistas.

Ao terminar a graduação, voltou à França para se casar e começou a trabalhar como tradutora na UNESCO. Chegou ao Brasil em 1952 devido à transferência de seu marido que tinha como função auxiliar a instalação da fábrica de automóveis Renault em Porto Alegre<sup>102</sup>.

---

<sup>100</sup>Bacharelado do ensino secundário (Filosofia, Seção A, com Latim e Grego) pela Universidade de Paris.

<sup>101</sup>A paixão de Lux Vidal pelo teatro foi fundamental em sua atuação posterior como professora. A autora afirmou que a sua experiência como atriz contribui com as suas aulas e, portanto, com o aprendizado dos alunos. Parte de sua carreira como professora foi no colegial o que também influenciou o seu desempenho em sala de aula na universidade (entrevista com Lux Vidal em 27 de março de 1996, São Paulo).

<sup>102</sup>A instalação da Renault não se concretizou naquela época. Somente no ano passado foi anunciado a instalação da fábrica em Curitiba, Paraná.

Decidindo-se por permanecer no país, mudou-se com a família para São Paulo onde durante vários anos foi professora da Aliança Francesa no Colégio Sion. Em 1963 entrou no Liceu Pasteur, onde lecionava Literatura inglesa e americana.

*"Em 68 minha filha mais velha faleceu num acidente... Martina. Foi aí que as coisas se precipitaram um pouco. (...) Naquela época nós morávamos no Alto da Lapa, eu tinha conhecido a Thekla Hartmann que morava em frente, eu tinha falado prá ela que eu teria gostado de pegar Antropologia. E ela me apresentou ao professor Schaden e isso ainda era na Maria Antônia (...) me apresentou ao João Baptista que foram muito receptivos. Assiti algumas aulas do ..., algumas aulas da Gioconda, Gioconda Mussolini e um pouquinho trabalhando com a Thekla. O que eu tinha é que antes de sair dos Estados Unidos eu tinha sido aceita na Columbia University para estudos de pós-graduação em Antropologia, tanto que tinha prometido a meu pai que antes de voltar para a França eu faria isso, porque ele pensava que se eu entrasse na Columbia University eu ficaria nos Estados Unidos e não voltaria para a Europa. Mas enfim, eu não fui muito leal, eu fiz os exames, passei, e disse a meu pai, tchau, agora eu volto para a Europa. Mas eu sempre tive esse documento que foi o documento que me permitiu também poder de novo começar a pós-graduação... (...) Eu ia fazer um trabalho sobre antropologia urbana, em educação, sobre a trajetória do Liceu frances ligada a toda idéia de positivismo em São Paulo... (...) lá fazer isso, mas como em 68 faleceu minha filha e ela era do Liceu Pasteur e nós tínhamos uma grande comunicação as duas, enfim, com relação a este trabalho, aí me cortou a possibilidade de continuar este trabalho. Em 68 teve toda aquela coisa que aconteceu na França, teve repercussões no Liceu frances, as vezes eu estava de um lado e ela do outro como representante dos alunos... foi uma coisa muito forte, não deu para eu continuar o trabalho de maneira nenhuma. Naquela época tinha um padre dominicano, o padre (...), chamado Frei José e ele trabalhou com os Gaviões do Pará e depois foi trabalhar com os Xikrin do Cateté que na bibliografia de Nimuendaju já eram considerados extintos. Mas ele estava lá, trabalhando com eles e tentando recuperar... E aí uma vez me visitando depois da morte de minha filha, ele me disse: 'Por que que você não vem comigo para o Cateté e lá você vai ver um pouquinho, uma tribo quase extinta, mulheres que perderam três ou quatro filhos...? E esse pessoal está se recuperando prá viver, enfim, porque uma sociedade pequena não pode se extinguir...' Como eu já tinha estudado Antropologia etc, etc, eu achei interessante. Mas foi assim apenas prá ir para ver. Junto comigo foi também um filho de uma professora do Liceu que estava muito revoltado com certas coisas etc, etc, e que era Vincent Careli que hoje em dia é aquele que faz todos os videos sobre as aldeias indígenas, sobre o projeto video nas aldeias... Bem, lá fomos nós. Aí eu me dei conta chegando lá nos Xikrin, isso foi em 69... Bom, uma sociedade de 99 pessoas, era uma coisa*

*absolutamente extraordinária, não existia absolutamente nada sobre esse pessoal, eu vi a possibilidade de pesquisa... Que aí no meio de um ritual de Mê-Rêrê-Mê que depois eu descrevo até no meu livro... eu tive a sorte de ver aquilo e ter a liberdade de estar na aldeia, estava morando na casa do chefe e o padre (...) deixou eu fazer totalmente como eu queria, o que eu queria, foi... ótimo!" (Vidal: entrevista).*

Quando voltou dessa viagem, Lux Vidal<sup>103</sup> foi convidada por João Baptista Borges Pereira a ingressar na USP e fazer pesquisas em etnologia<sup>104</sup>, no que também foi influenciada por Gioconda Mussolini. Optou então, por trabalhar com o ritual dos Xikrin do Cateté muito em função desse acaso. Percebeu também que existiam outros antropólogos pesquisando Jê no Brasil: Maybury-Lewis com o *Central Brazil Harvard Project* no Museu Nacional. Lux Vidal foi para o Rio conversar com Roberto Da Matta e lá encontrou também Terence Turner e Joana Bamberg que estavam trabalhando com os Gorotire. Defendeu a dissertação de mestrado<sup>105</sup> em 1972 e doutorou-se<sup>106</sup> no ano seguinte, em ambas ocasiões orientada por João Baptista Borges Pereira.

*"Fiz o doutorado com aquela pressão, com a criançada toda abandonada na rua etc, etc. Aquela pressão toda, eu saí do Liceu Pasteur, mas aí eu não tinha mais dinheiro e eu não conseguia mais viver. A Thekla até me ajudou um pouco, um dia ela chegou em casa, não tinha o que comer, não tinha nada e ela chegou daquele jeito... Eu estava escrevendo minha tese, tentando escrever em português mas não conseguia mais, então escrevia em francês. A Thekla ajudou a traduzir e a Sylvia [Caiuby] ajudou um pouco também... Eu escrevi essa tese de doutorado em dois meses, sem ficha sem nada, mas eu estava com tudo na cabeça. Então, a tese, o livro refletem isso..." (Vidal: entrevista).*

Com a ida da professora Thekla Hartmann para o Museu do Ipiranga, Lux Vidal passou a ser responsável pelo acervo de Antropologia da USP. Segundo a autora, esse foi um período muito difícil, com poucos recursos e com os professores ainda preocupados com as suas próprias formações. Dava aulas de etnologia, especialmente de organização

---

<sup>103</sup>Também licenciada em Ciências Sociais pela FFCL/USP em 1968.

<sup>104</sup>Foi contratada em julho de 1969 e durante seis meses não recebeu salário.

<sup>105</sup>*Mê-Rêrê-Mê: Uma Cerimônia dos Índios Xikrin.*

<sup>106</sup>*Put-Karot: Grupo Indígena do Brasil Central.*

social e parentesco e começou a se especializar em etnoestética: pintura corporal, arte plumária, ornamentação etc. O significado simbólico foi central para a compreensão de grande parte da cosmologia, da organização social e do ritual Kaiapó.

Para a professora Lux Vidal, o *Harvard Central Brazil Project* foi fundamental no desenvolvimento dos estudos Jê no Brasil. As escolhas por grupos Tupi ou Jê, segundo a autora, foram muito em função dos orientadores e da área geográfica escolhidos e não em função dos temas. Por exemplo, ela pesquisava na área do Pará e teve alguns alunos que começaram a trabalhar com Jê e depois passaram para Tupi porque naquela região também se encontram esses grupos.

*"...no primeiro curso que eu dei de etnologia na USP, eu tive como aluna a Aracy [Lopes da Silva]... E ela já tinha tido algum contato com Xavante porque as irmãs delas já tinham ido lá numa viagem uma vez... E o que que ela fez? Nós tínhamos o livro do Maybury-Lewis sobre os Xavante que já tinha saído, mas em inglês. Então, a Aracy foi traduzindo, porque ela sabia bem o inglês. Ela foi traduzindo capítulo por capítulo em português e nós trabalhamos o semestre todo sobre essa monografia. Resultado, não só depois ela vai ser a tradutora do livro, mas ela vai ser a grande pesquisadora dos Xavante e depois professora da USP com alunos trabalhando também nos Xavantes, com os Jê. Então, essa geração sucessiva de jê-ólogos, ela vai se formando dessa maneira. Eu tive, então, alunos como a Maria Elisa Ladeira (...), como o Gilberto Azanha e outros que foram trabalhar com os Gaviões, que foram trabalhar com os Krahó, que foram trabalhar com os Apinajé... É tudo Jê. Mas tem outros que também trabalharam com Jê, que foi o caso do Melatti, por exemplo, que também trabalhava com os Krahó, tem a Stela que também trabalhava com os Kayapó, isso só na USP..." (Vidal: entrevista).*

Juntamente com Roque de Barros Laraia, Lux Vidal organizou em novembro de 1982<sup>107</sup> o Primeiro Encontro Tupi que resultou numa série de artigos publicados na **Revista de Antropologia** (1984/85).

*"Essa coisa Tupi e Jê é uma coisa bastante artificial... Ela existe no sentido de que os jê-ólogos que trabalharam com os Jê desenvolveram certos modelos*

---

<sup>107</sup> "Durante a XIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, realizada em abril de 1982, na USP, certo número de pesquisadores participou de um grupo de trabalho sobre 'Os Tupi Atuais'. No final da Reunião, devido ao interesse suscitado pelas apresentações e discussões, todos concordaram em organizar o '1o. Encontro Tupi', que se realizaria ainda naquele ano, de 3 a 5 de novembro, na PUC/SP, com a participação de mais de trinta antropólogos e linguistas de várias instituições do País, e com a presença do Professor Charles Wagley, da Universidade da Flórida e do Pe. Bartolomeu Meliá. O Encontro foi financiado com auxílio concedido pelo CNPq." (Vidal: 1984/85, p. 1).

*teóricos, esses modelos teóricos estão muito ligados digamos à organização social, à morfologia social, de parentesco também. Espaço, tempo, corporalidade... E depois, digamos, isso somado à influência de Viveiros de Castro que foi estudar os Araweté que é uma sociedade Tupi, ele começou a elaborar um modelo Tupi de conversa, digamos, não de oposição, mas que reflete e que conversa com o modelo Jê, elaborado para o Jê, mas um pouco também para as terras baixas. Então, ele deu muito mais ênfase à cosmologia. Então houve um tempo essa oposição: Jê é morfologia social, espaço e os Tupi estariam mais relacionados aos estudos de cosmologia e também uma noção do tempo diferente que aceitaria o devir, digamos. Mas hoje em dia, isso que é a grande coisa da etnologia brasileira eu acho (...), é que frente a esses dois modelos, os novos estudos requestionam tudo isso e você tem jê-ólogos mais jovens que tem trabalhado muito com a cosmologia Jê, influenciados por esses trabalhos Tupi que os tupinólogos, como o trabalho de Viveiros de Castro agora, que se voltaram muito para o estudo realmente de parentesco também, da organização social entre os Tupi... Então, isso foi realmente um grande avanço. Pessoalmente, então, tenho formado muitos alunos e continuo formando, mas não somente eu... (...) Há uma certa continuidade, falando de USP, nesse sentido..." (Vidal: entrevista).*

A professora Lux Vidal considera que a sua contribuição para a Antropologia no Brasil foi a pesquisa em etnoestética que teve como objetivo desvendar a estrutura do sistema gráfico dos Kayapó como um sistema semiótico de signos altamente estruturado.

Outro aspecto da trajetória de Lux Vidal iniciou-se nos anos 70 com a sua atuação na política indigenista no país. A segunda metade da década de 70 foi um período de grandes movimentos sociais e que os antropólogos começaram a se organizar criando várias entidades de apoio aos índios. Nesse sentido, aquele foi um momento de grande mobilização em torno da demarcação das terras indígenas, de apoio aos índios e quando várias entidades foram criadas pela autora e seus alunos: o CEDI, a Comissão Pró-Índio e o Centro de Trabalho Indigenista/CTI. Nos anos 80, esta atuação se refletiu no trabalho mais profissional na Constituinte que foi prioridade para alguns antropólogos naquele momento<sup>108</sup>, entre eles Lux Vidal. Uma luta que para a autora continua até os dias de hoje e que tem muito trabalho pela frente. No entanto, a autora reconhece que ao se fazer um

---

<sup>108</sup>Lux Vidal citou o nome da professora Maria Manuela Carneiro da Cunha, presidente da ABA (gestão 1986-1988), como a principal antropóloga a atuar nesse processo.

balanço da atuação dos estudiosos em Antropologia nas últimas décadas no Brasil, foram grandes as contribuições desses profissionais em nome dos direitos indígenas.

Para Lux Vidal, o final dos anos 80 iniciou-se a da questão ambientalista na etnologia brasileira, de se pensar uma certa autogestão para os índios nas suas atividades econômicas com o objetivo de preservação de sua cultura, na busca de novos caminhos e de um desenvolvimento auto-sustentável.

*"Então, toda essa política indigenista, ela têm grandes períodos também. De contestação, todos os trabalhos legais, jurídicos, congressos, fóruns internacionais, a formação das ONGS, das entidades, a profissionalização... muitas publicações também, um grande trabalho também de banco de dados sobre a questão indígena... E depois então, esse período da questão ambiental e de se passar do protesto para se construir uma coisa nova que é esse período agora..."* (Vidal: entrevista).

Em 1992 se aposentou mas continua com um grupo de pesquisa na USP, em parceria com Dominique Gallois<sup>109</sup>, fazendo trabalho de campo com vários alunos de graduação, mestrado e doutorado.

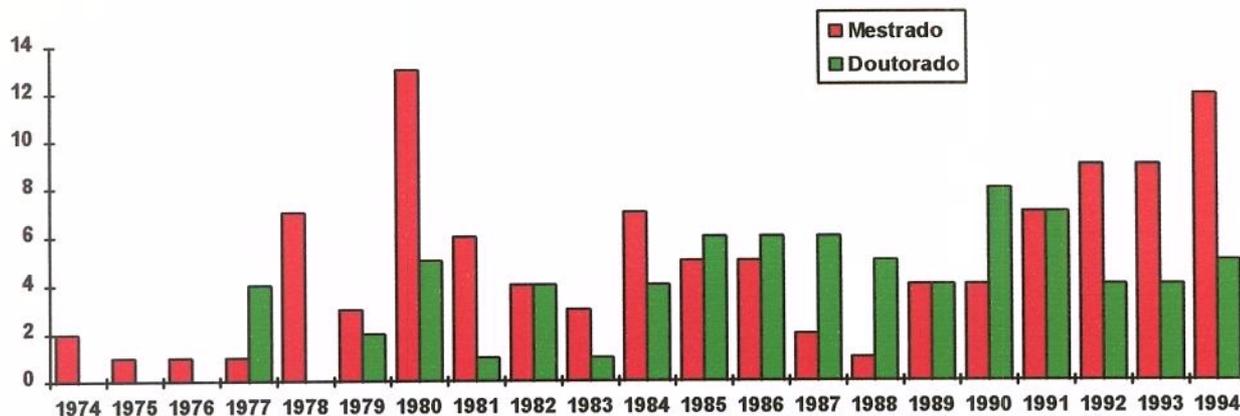
## **6. Os Números:**

Os números da Antropologia Social da USP são vários. A USP passou por vários períodos, administrações e os caminhos percorridos pela burocracia foram muitos, existindo uma fragmentação nessa história difícil de ser reconstruída. Conseguir esses dados foi trabalhoso na medida em que a história da Universidade de São Paulo está dispersa pelas suas inúmeras faculdades e muito se perdeu com o passar dos anos.

De acordo com o Novo Regimento e até 1994, isto é, incluindo-se a Arqueologia, são oficialmente cento e seis dissertações de mestrado defendidas no atual Departamento de Antropologia Social da FFLCH/USP e na área de Antropologia Social do antigo Departamento de Ciências Sociais.

---

<sup>109</sup>Sua aluna no Liceu Pasteur e como orientanda no mestrado e doutorado na USP.

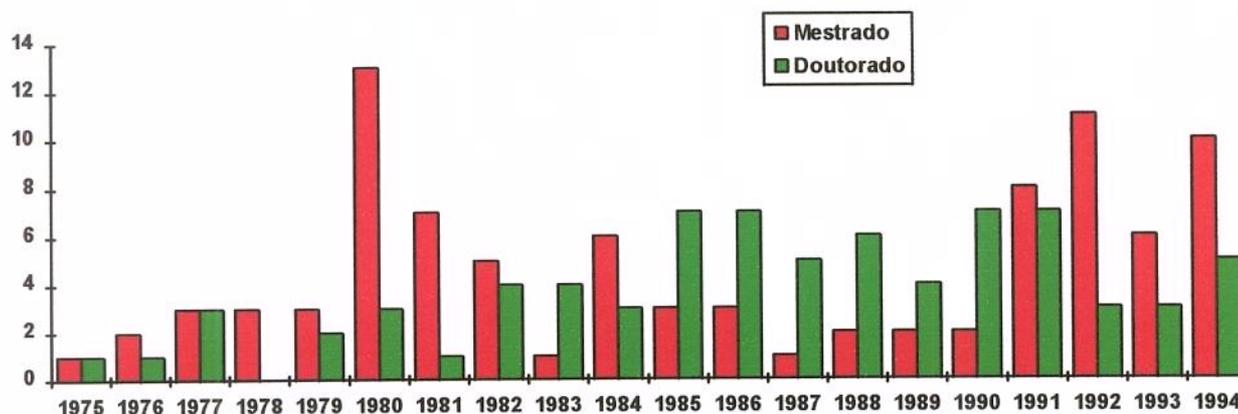


Segundo a minha amostra para comparação com as demais instituições estudadas no mesmo período, não considerei as dissertações defendidas pelo Antigo Regimento<sup>110</sup> nem as dissertações de Arqueologia<sup>111</sup> defendidas no Regime Atual. No entanto, inclui na amostra as dissertações orientadas por Ruth Correa Leite Cardoso e Eunice Durham na área de Ciência Política<sup>112</sup>. Ruth Cardoso e Eunice Durham se consideram e são consideradas como antropólogas pelos profissionais em Antropologia e Ciências Sociais no Brasil. O mesmo foi aplicado para o doutorado nas três décadas (até 1994) onde não considerei as teses defendidas pelo Antigo Regimento<sup>113</sup> e as pesquisas na área da Arqueologia. No entanto, também incluirei nessa amostra as teses orientadas por Eunice Durham (2) e Ruth Correa Leite Cardoso (15) defendidas na Ciência Política (ver tabelas 15 e 16).

<sup>110</sup>Que totalizam treze pesquisas: doze em Antropologia Social e uma em Arqueologia.

<sup>111</sup>Que totalizaram vinte e seis pesquisas até 1994 pelo Novo Regimento. Apesar da saída da Arqueologia em 1989 do atual Departamento de Antropologia Social, a professora Haiganuch Sarian

A amostra considerada para a pesquisa qualitativa nas décadas de 70 e 80 totalizou cinquenta e cinco dissertações<sup>114</sup>. A distribuição das dissertações e teses até 1994 é a seguinte segundo a minha amostra:



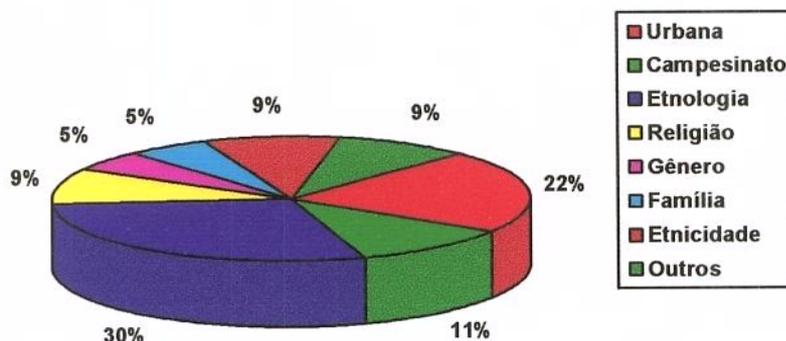
Considerando-se a amostra do mestrado (55) até 1989, os tempos gastos para a obtenção do título foram:

1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos
1,81%	5,45%	7,27%	10,90%	9,09%	12,72%	16,36%	36,36%

A tabela para os tempos de integralização no doutorado até 1994 é:

1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ 11 anos
1,31%	1,31%	6,57%	14,47%	14,47%	18,42%	28,94%	9,21%	2,63%	1,31%	1,31%

Com exceção das temáticas etnologia, antropologia urbana e etnicidade, as demais linhas de pesquisa na USP não se configuraram enquanto grupos, mas como pesquisas dispersas ao sabor de iniciativas individuais. O gráfico temático das pesquisas do mestrado em Antropologia Social da USP, segundo a minha amostra, nas décadas de 70 e 80 é o seguinte:



Na década de 90, os professores que orientaram foram: José Guilherme Cantor Magnani (6), Maria Aracy Lopes da Silva (5), Ruth Correa Leite Cardoso (4), Paula Montero (4), Dominique Gallois (3), Liana Maria Salvia Trindade (3), Margarida Maria Moura (2), Maria Manuela Carneiro da Cunha (2), José Francisco Quirino dos Santos (2), Renato da Silva Queiroz (2), além de Eunice Durahm (1), Kabengele Munanga (1), Thekla Hartmann (1) e Maria Lúcia Montes (1).

Os professores convidados para compor as bancas foram: José Reginaldo Prandi (2), Regina Polo Muller (2), José César Gnaccarini (2), Maria Regina Cunha de Toledo Sader (2), Maria Tereza Aina Sadek (2), Robin Wrigth (2), Edgard de Assis Carvalho, João Pacheco de Oliveira Filho, Patrícia Birman, Roque de Barros Laraia, Josildeth Consorte, Eduardo Viveiros de Castro, Júlio Cezar Melatti, Alba Zaluar, Marco Antônio da Silva, Roberto Da Matta, Vera Lúcia Gonçalves Felício, Sedi Hirano, Argelina Maria Cheilub Figueiredo, Suely Gondolfi Dallari, Gabriel Cohn, Maria Helena Augusto, Maria Hermínia

Amélia Cohn, Celso Fernando Favareto e Heloisa Helena Pereira de Souza Martins. Os professores da casa que compuseram as bancas foram: José Guilherme Cantor Magnani (9), Lux Vidal (8), Paula Montero (7), Maria Lúcia Montes (6), Maria Aracy Lopes da Silva (5), Renato da Silva Queiroz (5), Dominique Gallois (4), Ruth Correa Leite Cardoso (4), Liana Maria Sálvia Trindade (3), Carlos Moreira Serrano (3), Margarida Maria Moura (2), Eunice Durham (2), José Francisco Quirino dos Santos (2), Kabengele Munanga (2), Maria Manuela Carneiro da Cunha (2), Lilia Schwarcz (2), Sylvia Maria Caiuby Novaes, João Baptista Borges Pereira e Thekla Hartmann.

### **6.1. Etnologia:**

A etnologia foi a temática quantitativamente mais produtiva (16). Entre as quatro instituições consideradas, proporcionalmente foi a que mais produziu (29,09%). Contudo, diferentemente de Brasília e do Rio de Janeiro, locais onde as pesquisas empíricas estavam mais concentradas em algumas poucas áreas geográficas, em São Paulo os locais escolhidos estavam mais dispersos pelo território nacional. A etnologia na instituição conta com pesquisas entre os grupos Jê, Tupi, Pano e de etnohistória<sup>115</sup> (entrevista: Vidal). Em termos de comparação, um bom exemplo são as pesquisas do Museu Nacional, praticamente todas concentradas em torno do Parque Nacional do Xingu, o que se explica pela influência de dois professores: Anthony Seeger e Eduardo Viveiros de Castro.

Somente duas dissertações em etnologia foram produzidas e defendidas nos anos 70, sendo que ambas na linha da etnologia tradicional. Das quatorze dissertações defendidas na década de 80, sete também devem ser incluídas na etnologia tradicional e as outras sete na linha dos contatos interétnicos.

As turmas que mais contribuíram com pesquisas entre as sociedades tribais foram as que ingressaram em 1976 (5) e 1973 (3).

---

<sup>115</sup>Grupo de alunos orientados por Manuela Carneiro da Cunha.

Os locais de trabalho atuais dos alunos egressos da área de etnologia são: USP/SP (2), Museu Paraense Emílio Goeldi/PA (2), CTI/ONG/SP (2), UNESP/SP (2)(Araraquara e Marília), UFGO/GO, UFSC/SC e o Museu de Arqueologia da USP.

Quanto aos orientadores foram: Thekla Harttman (6), Lux Vidal (6), Renate Brigitte Viertler (2), Amadeu José Duarte Lanna (1) e João Baptista Borges Pereira (1).

Os professores convidados para as bancas foram: Erasmo D'Almeida Magalhães (4)(DS-USP), Antônio Porro (3)(DS-USP), Carlos Drummond (3)(DS-USP), Oswaldo Ravagnani, Maria Silvia de Carvalho Franco (DS-USP) e Silvia Maria Schimuziger. Os professores da casa foram: Lux Vidal (10), Thekla Harttman (8), Renate Brigitte Viertler (7), Amadeu José Duarte Lanna (3), Maria Manuela Carneiro da Cunha (3), Egon Schaden (2), João Baptista Borges Pereira (1) e Eunice Durham (1).

As subtemáticas desenvolvidas pela temática foram: contatos interétnicos (3), cestaria (2), alimentação, culinária, cultura, funeral, parentesco, artefato plumário, cotidiano, estratégias de sobrevivência, etnohistória, povoamento, identidade e resistência.

Os grupos indígenas escolhidos foram: Karajá [Macro-Jê]<sup>116</sup>; Boé-Bororo [Macro-Jê]<sup>117</sup>; Bororo [Macro-Jê]<sup>118</sup>; Bororo [Macro-Jê]<sup>119</sup>; Yawalapiti [Aruak]<sup>120</sup>; Waiapi [Tupi-Guarani]<sup>121</sup>; Nandeva [Guarani]<sup>122</sup>; Múra [Mura], Kawahiwa [Tupi-Guarani], Matanawi,

---

<sup>116</sup>Área cultural Tocantins-Xingu (Galvão: 1960), Aldeia de Santa Izabel do Morro/Ilha do Bananal/TO.

<sup>117</sup>Planalto oriental de Mato Grosso. Quatro aldeias: "...uma no curso médio do rio São Lourenço (Córrego Grande), uma no baixo curso do mesmo rio (Pirigára), uma na margem esquerda do rio Vermelho, afluente do São Lourenço (Pobóre) e uma na Missão Salesiana 'Sagrado Coração de Jesus', no planalto à leste de Cuiabá (Meruri)." (USP-009: p. 10).

<sup>118</sup>Aldeia do Córrego Grande/Mato Grosso, Missão Salesiana do Meruri e aldeia do Tadarimana.

<sup>119</sup>Aldeia de Córrego Grande (às margens do médio rio São Lourenço), no Posto Indígena "General Gomes Carneiro" e na aldeia da colônia indígena "Sagrado Coração de Jesus", situada na localidade de Meruri, no planalto e administrada pelos salesianos.

<sup>120</sup>Posto Leonardo, Alto Xingu.

<sup>121</sup>São os Waiapi meridionais: "Os Waiapi da região do Amapari são denominados pelos demais Waiapi como *Waiapi-puku*." (USP-025: p. 1). Localização: rio Nipuku e Igarapé Onça, região do Amapari, Território do Amapá/Amapá.

<sup>122</sup>Itariri (norte), Bananal (ou Posto Indígena de Peruíbe), Silveira (Barra do Una, próximo a Bertoga), Ubatuba (Ubatuba); aldeamento dos Guarani no litoral do Estado de São Paulo/SP.

Mundurukú [Macro-Tupi] e Arara [Ramarama]<sup>123</sup>; Timbira [Jê]<sup>124</sup>; Parakanã [Akwáwa, Tupi-Guarani]<sup>125</sup>; Gaviões/Timbira [Jê, Gaviões do Pará] (Parkatêjê)<sup>126</sup>; Bororo/Macro-Jê (Boé)<sup>127</sup>; Wayana-Aparai [Karib]<sup>128</sup>; Maxakali [Macro-Jê]<sup>129</sup>; Krahô [Jê], Mâkrare e Pãrekramekra-Kenpokatejê (Jê-Timbira)<sup>130</sup>; Apiaká<sup>131</sup>.

Os referenciais teóricos foram a etnohistória (2), redes sociais, análise situacional, "relações conjuntivas", análise dos grafos, padrão cultural e a teoria da fricção interétnica.

Quanto à aplicação das técnicas nas pesquisas de campo, as mais recorrentes foram a observação participante (9), entrevistas (2), desenhos (2), fotos (2) e *survey* (2).

Os financiamentos recebidos vieram das seguintes agências de fomento à pesquisa: FAPESP (8), CAPES (5), Fundação Ford (3), CNPq (2), Centro de Trabalho Indigenista, Sociedade Antônio Vieira/Missão Anchieta e Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, sendo que cinco dessas dissertações não se referiram aos financiamentos recebidos.

As palavras-chave mais utilizadas foram: ritual (4), história (3), identidade (3), contatos interétnicos (3), cultura material (3), cultura (2), estrutura (2), vida social (2), organização social (2), assimilação (2) e simbolismo (2).

---

<sup>123</sup>Área Tapajós-Madeira.

<sup>124</sup>Município de Barra da Corda/MA ((Ramkokamekra e Apanjekra); município de Itacajá e Goiatins/GO [atualmente no Estado de Tocantins](Krahó da aldeia de Galheiro).

<sup>125</sup>Reserva de Pucuruí, Igarapé Lontra, rio Anapú (região sudeste do Pará, próximo a Marabá e Altamira.

<sup>126</sup>Posto Indígena Igarapé Mãe Maria/Marabá/PA (aldeia "Trinta" e aldeia "Maranhão" ou "Ladeira Vermelha").

<sup>127</sup>Aldeia de Córrego Grande, aldeia de Tadarimana/MT.

<sup>128</sup>Alto rio Paru de Leste (aldeia Xuxuimó e mais três outras aldeias), aldeia Apalai.

<sup>129</sup>Posto indígena Maxakali e Posto Indígena Pradinho, Município de Bertópolis/MG (cabeceras do rio Itanhaem).

<sup>130</sup>Aldeia do Galheiro (aldeia de Pedra Branca, aldeia de Pedra Furada, aldeia Manoel Alves, aldeia Cachoeira, aldeia Rio Vermelho, aldeia do Galheiro, aldeia Santa Cruz, aldeia Morro do Boi), região do Tocantins [atual Estado de Tocantins].

<sup>131</sup>Reserva Indígena Apiaká (margem direita do rio dos Peixes), Município de Juara/Mato Grosso (aldeia de Nova Esperança e aldeia de Mayrob).

Os tempos gastos nas pesquisas de campo foram:

1 mês	1
4 meses	3 <sup>132</sup>
6 meses (intermitentes)	1
9 meses (intermitentes)	1
10 meses (intermitentes)	1
1 ano e 8 meses	2 <sup>133</sup>
2 anos (efetivamente)	1
3 anos e 4 meses	1
5 anos (intermitentes)	1
7 anos (intermitentes)	1
não refere	3

Os projetos citados foram: **A Lógica do Mundo Primitivo: Os Bororo de Mato Grosso**<sup>134</sup>, **Projeto de Alfabetização da Funai**, **Projeto de Emergência para a Coordenação da Safra de Castanha pelos Gaviões do Posto Indígena Mãe Maria**, **Estudo Comparado das Sociedades Indígenas do Brasil**<sup>135</sup>, **Projeto de Desenvolvimento Integrado da Comunidade Maxakali (Funai)**, **Projeto de Desenvolvimento Comunitário (Funai)**.

Quanto à bibliografia, os autores estrangeiros mais recorrentes foram: Lévi-Strauss (12), Pierre Clastres (5), Edmund Leach (5), William Crocker (5) e Victor Turner (4). Os autores nacionais mais citados foram: Herbert Baldus (9), Florestan Fernandes (7), Darcy

---

<sup>132</sup>Uma dessas dissertações se refere ao tempo como intermitente.

<sup>133</sup>Uma dessas dissertações se refere ao tempo como intermitente.

<sup>134</sup>Projeto informal da USP que envolveu vários professores e alunos, com a coordenação de Thekla Hartmann e Renate Brigitte Viertel.

<sup>135</sup>Coordenado por Roberto Cardoso de Oliveira, sendo que a pesquisa referente aos Maxakali coube ao etnólogo M. M. Rubinger que não pôde concluí-la.

Ribeiro (7), Roberto Cardoso de Oliveira (7), Renate Brigitte Viertler (7), Roberto Da Matta (6), Roque de Barros Laraia (6), Curt Nimuendaju (6), Eduardo Galvão (6) e Lux Vidal (6).

## 6.2. Antropologia Urbana:

A antropologia urbana na USP tem sido uma temática reveladora na medida em que reflete os problemas enfrentados por uma megalópolis como São Paulo. A linha de pesquisa caracterizou-se fundamentalmente pela ênfase na política e na utilização de autores consagrados pela "Escola de Sociologia de São Paulo", o que justifica, de certo modo, o lugar onde se encontravam duas de suas orientadoras: a área de Ciência Política do Departamento de Ciências Sociais.

São doze dissertações defendidas em sua maioria na década de 80. As turmas de 1974 (4), 1978 (3) e 1972 (2) foram as que mais contribuíram com pesquisadores na área.

Entre esses doze alunos egressos, sete se tornaram docentes nas seguintes instituições: Unicamp/SP (2), UNESP/SP<sup>136</sup> (2), IFCS-UFRJ/RJ, UNIMEP/SP e Universidade Municipal de Santo André/SP. Os demais trabalham nos seguintes órgãos de pesquisas: CEBRAP/SP, IDESP/SP e NUPES-USP/SP.

Os professores-orientadores foram: Ruth Correa Leite Cardoso (5), Eunice Durham (3), Teófilo de Queiroz Jr. (2), Lux Vidal (1) e Fernando Augusto Albuquerque Mourão (1)(DS-USP).

Os professores da casa que participaram das bancas foram: Ruth Cardoso (5), Eunice Durham (5), João Baptista Borges Pereira (3), Teófilo de Queiroz Jr. (2), Lux Vidal, Cândido Procópio Ferreira de Camargo, Fernando Augusto Mourão e Maria Lúcia Montes. Os professores convidados foram: Gabriel Cohn (2)(DCP-USP), Bolivar Lamounier (DCP-USP), Celso de Rui Beisiegel (DCP-USP), Evaldo Amaro Vieira, Gilberto Velho (Museu Nacional), José Augusto Guilhon Albuquerque (DS-USP), Maria Hermínia Tavares de Almeida (DS-USP), Peter Fry (Unicamp), Antônio Flávio Pierucci (DS-USP), Décio Saes

---

<sup>136</sup>Araraquara e Ribeirão Preto.

(Unicamp), Izidoro Blikstein (DCP-USP), Lúcio Kowarick (DCP-USP), Aziz Simão (DCP-USP), Carmem Cinira Macedo (PUC-SP) e Maria Thereza Aina Sadek (DCP-USP).

As subtemáticas mais desenvolvidas foram: trabalho (2), camadas médias urbanas, história sindical, violência, discurso político, associações de bairros, mercado editorial, bairros populares, educação, participação popular e velhice. Os grupos escolhidos para estudo foram: livros didáticos, penitenciárias, grupos de moradores, bancários, criminosos, populações marginais, sindicatos, cozinha comunitária, discursos de médicos, discursos de governadores de Estados, profissionais liberais e sociedades de amigos de bairros.

Os referenciais teóricos utilizados nas pesquisas foram o "estudo de caso", a análise do discurso, "análise globalizante", sendo que nove dessas dissertações não referem explicitamente a sua adesão a qualquer referencial teórico. As técnicas recorrentes foram as entrevistas (9), a observação participante (6), pesquisa quantitativa (3), histórias de vida (2), questionários (2) e *surveys* (2).

Sobre os financiamentos recebidos, seis foram da FAPESP, três da CAPES e quatro não fizeram referência às agências de fomento.

As palavras-chave mais usadas foram ideologia (5), classes sociais (3), representações (3), capitalismo (3), Estado (2), trabalhadores (2) e trabalho (2).

Os locais de pesquisas se restringiram às seguintes cidades do estado de São Paulo: capital (5), Araraquara, Carapicuíba, Rio Claro, Baurú, Osasco, São Miguel Paulista, Mauá e Piracicaba.

Os períodos das pesquisas de campo foram os seguintes:

1 mês	1
7 meses (intermitentes)	1
9 meses	1
1 ano	1
1 ano e 5 meses (inter.)	1
4 anos (intermitentes)	2
não referem	6

Os autores estrangeiros mais citados foram Karl Marx (5), Erving Goffmann (3) e Louis Althusser (3). Os autores nacionais recorrentes foram: Francisco de Oliveira (9), Fernando Henrique Cardoso (7), Paul Singer (7), Eunice Durham (5), Lúcio Kowarick (5), Francisco Weffort (4), Juarez Rubens Brandão Lopes (4) e Octávio Ianni.

### **6.3. Antropologia do Campesinato:**

Foi uma temática pouco concentrada nos subtemas e orientadores. Contam seis pesquisas defendidas em sua maioria nos anos 80.

Seus orientadores foram Amadeu José Duarte Lanna (2), Oracy Nogueira, Eunice Durham, Thekla Hartmann e João Baptista Borges Pereira.

Os professores convidados para as composições das bancas foram Wanda Silveira Nava (2), Lia Fukui (DS-USP), Rosa Ester Rossini (DS-USP), Celso de Rui Beisiegel (FE-USP), Lilitana Laganá, Edgard de Assis Carvalho (PUC-SP) e José de Souza Martins (DS-USP). Os professores da casa que compuseram as bancas foram Amadeu José Duarte Lanna (3), João Baptista Borges Pereira (2), Eunice Durham, Thekla Hartmann, Ruth Cardoso, Oracy Nogueira e Teófilo de Queiroz Jr.

As subtemáticas desenvolvidas foram o trabalho (2), a educação, as relações de trabalho, a pesca e os projetos agropecuários. Os grupos escolhidos para estudo foram os bóias-frias, os pequenos produtores, os pescadores, trabalhadores da lavoura, ilheus da Ilha Grande e uma Escola Prática de Agricultura.

Somente uma destas dissertações cita explicitamente o referencial teórico usado que é o marxismo. As técnicas mais utilizadas foram: entrevistas (5), observação participante (2) e questionários (2).

Os financiamentos recebidos foram da FAPESP (2), CNPq (1) e Museu Paraense Emílio Goeldi.

As palavras-chave mais utilizadas foram capital (2), força de trabalho (2) e produção (2).

Os locais de pesquisas escolhidos foram a região da Alta Sorocabana em São Paulo, Presidente Prudente/SP, Junqueirópolis/SP, Riachão/MA, Marapanim/PA e a ilha fluvial de Sete Quedas entre os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul.

Os períodos passados em campo pelos pesquisadores foram:

1 mês (intermitentes)	1
4 meses (intermitentes)	1
6 meses (+/-)	1
3 anos (intermitentes)	1
9 anos (intermitentes)	1
não refere	1

Somente uma das pesquisas refere sua ligação com um projeto maior de pesquisa: "Pesquisa Exploratória de um Programa de Estudos do Museu Paraense Emílio Goeldi sobre as Condições Sociais, Econômicas e Culturais dos Habitantes da Zona Fisiográfica do Salgado<sup>137</sup> no Nordeste Paraense".

Os autores estrangeiros mais referidos foram Eric Wolf (4), Maurice Godelier (3), Marshall Sahlins (3), Malinowski (2) e Marcell Mauss (2). Os autores nacionais citados foram, entre outros Antônio Cândido (4), Eunice Durham (3), José de Souza Martins (3), Florestan Fernandes (3), Maria Isaura Pereira de Queiroz (3), Octávio Ianni (3), Afrânio Raul Garcia Jr. (2), Manuel Diegues Jr. (2), Juarez Brandão Lopes (2), Maria da Conceição D'Incao (2), Oracy Nogueira (2) e Maria da Conceição Tavares de Almeida (2).

#### **6.4. Antropologia da Religião:**

As pesquisas na linha da antropologia da religião (5) foram todas defendidas na década de 80. Foi identificado apenas um dos alunos egressos quanto ao local atual de trabalho: UFAL/Maceió/AL.

---

<sup>137</sup>Atualmente micro-região homogênea do Salgado.

Os professores-orientadores foram: João Baptista Borges Pereira (2), Oracy Nogueira, Liana Maria Salvia Trindade e Eunice Durham.

Nas composições das bancas, participaram como convidados Maria Helena Villasboas Concone (2)(PUC-SP), Lísias Nogueira Negrão (2)(DS-USP), Ana Maria Afonso Fernandes, Carlos Guilherme da Motta (DS-USP) e Jo\_é Augusto Guilhon Albuquerque (DS-USP). Os professores da casa foram: Liana Maria Salvia Trindade (3), João Baptista Borges Pereira (2), Oracy Nogueira e Eunice Durham.

As subtemáticas desenvolvidas na área foram: estudos afro-brasileiros (2), Igreja Católica/Estado, relações raciais e catolicismo popular. Os grupos escolhidos foram: calabreses, cerignolanos, negros, candomblé ketu-Bangbose, Cursilhos de Cristandade, Mórmons, negros do Candomblé de Angola e a festa religiosa de Nossa Senhora Achiropita.

Os referenciais teóricos citados foram: análise funcional, análise estrutural, dialética e concepção sistêmica. As técnicas utilizadas foram: observação participante (3), entrevistas (3), fotografias (2), formulários e caderneta de campo.

Os financiamentos recebidos foram das seguintes agências: FAPESP (2) e CAPES (1). Duas dissertações não se referiram as agências de fomento.

As palavras-chave mais utilizadas foram: ideologia (3), estrutura (2), organização social (2), ritual (2) e identidade étnica (2).

Os locais de pesquisas escolhidos foram a capital paulista (2), Niterói/RJ, São Gonçalo/RJ e Maceió/AL.

Os tempos passados em campo pelos pesquisadores foram: nove meses (intermitentes), um ano e um mês (intermitentes) e três anos (intermitentes), sendo que duas destas pesquisas não se referiram ao tempo passado em campo.

Quanto à bibliografia, os autores estrangeiros mais citados foram: Clifford Geertz (3), Arnold Van Gennep (2), Eric Hobsbawn (2), George Balandier (2), Raymond Firth (2), Marcel Mauss(2), Lévi-Strauss (2), Pierre Verger (2) e Victor Turner (2). Os autores nacionais recorrentes foram: Roberto Da Matta (3), Roger Bastide (3), Oracy Nogueira (2),

René Ribeiro (2), Maria Isaura Pereira de Queiroz (2), Edison Carneiro (2) e Yvonne Maggie (2).

### 6.5. Etnicidade:

O grupo de pesquisas referentes à linha de pesquisa sobre etnicidade também foram, em sua totalidade (5), defendidas nos anos 80. Os alunos egressos tomaram-se docentes nas seguintes instituições: USP/SP, PUC/SP, UFRN/RN, UFMS/MS e UFMT/MT.

O professor que mais orientou foi João Baptista Borges Pereira (3). Também orientaram Teófilo de Queiroz Jr. e Eunice Durham.

Em relação às composições das bancas, os convidados foram: Arnaldo Daraya Contier, Gabriel Bolaffi, Liliana Laganá, Carlos Guilherme Motta (DH-USP), Heinrich Rattner (DS-USP) e Pasquale Petrone (DG-USP). Os professores da casa foram: João Baptista Borges Pereira (4), Teófilo Queiroz Jr. (2), Amadeu José Duarte Lanna, Eunice Durham e Ruy Coelho.

As subtemáticas desenvolvidas foram: política partidária, contatos interétnicos, identidade étnica, economia e negros. Os grupos escolhidos para pesquisa foram: negros do antigo Quilombo de Palmares, negros de um bairro rural, negros nas eleições de 1982, judeus e Escolas de Samba<sup>138</sup>.

Quanto aos referenciais teóricos, somente uma dissertação citou explicitamente a "Escola Sociológica Paulista". As técnicas de pesquisas utilizadas foram: entrevistas (5), observação participante (3), questionários (3), histórias de vida (2), diário de campo, pesquisas em periódicos, *snow-ball method*, levantamentos quantitativos e registros sonoros.

Os financiamentos recebidos foram das seguintes agências de fomento: FAPESP (2), CAPES (2), CNPq, sendo que duas dissertações não se referiram a qualquer financiamento recebido.

As palavras-chave recorrentes foram: política partidária (2) e etnias (2).

---

<sup>138</sup>Mangueira, Beija-Flor, Imperatriz Leopoldinense e União da Ilha do Governador.

Os locais escolhidos para as pesquisas foram: São Paulo/SP (2), Eldorado/SP, Rio de Janeiro/RJ e Garanhuns/PE.

O período de permanência dos pesquisadores em campo foram os seguintes: quatro meses, um ano e três anos (intermitentes), sendo que uma destas pesquisas não referiu o tempo gasto na pesquisa de campo.

Quanto à bibliografia, foram citados recorrentemente os seguintes autores estrangeiros das Ciências Sociais: Marcel Mauss (3), Melville Herskovits (3), Franz Boas (2), Karl Marx (2), Lévi-Strauss (2), Marshall Sahlins (2), Victor Turner (2) e Pierre Clastres (2). Os autores nacionais mais mencionados foram: João Baptista Borges Pereira (4), Emilio Willems (3), Oracy Nogueira (3), Roger Bastide (3), Arthur Ramos (3), Florestan Fernandes (3), Gilberto Freyre (2), Antônio Cândido (2), Gilberto Velho (2), José de Souza Martins (2), Maria Isaura Pereira de Queiroz (2), Octávio Ianni (2) e Roberto Da Matta (2).

#### **6.6. Gênero:**

Um grupo pequeno de dissertações (3) que começaram a ser defendidas na segunda metade dos anos 80. Foram localizados dois dos alunos egressos da área: o primeiro é docente na Unicamp/SP e o outro é secretário particular da Presidência da República.

A professora Ruth Correa Leite Cardoso orientou duas dissertações e o professor Teófilo de Queiroz Jr. a terceira pesquisa da temática.

Compuseram as bancas, os seguintes professores convidados: Eni de Mesquita Samara (DH-USP), Maria Theresa Aina Sadek (DCP-USP), Lia Fukui (DS-USP), Peter Fry (Unicamp), Vilmar Faria (Unicamp, CEBRAP) e Maria Hermínia Tavares de Almeida (DS-USP). Os professores da casa foram somente os próprios orientadores: Ruth Cardoso (2) e Teófilo de Queiroz Jr.

As subtemáticas desenvolvidas foram as mulheres de elite, o trabalho e a violência. Os grupos escolhidos para as pesquisas de campo foram as mulheres que trabalham fora de casa, o SOS-Mulher de São Paulo e Dona Veridiana Valesia da Silva Prado.

Nenhum dos autores se referiu explicitamente ao referencial teórico utilizado. As técnicas de pesquisas foram: entrevistas (3), observação participante, história de vida, levantamento em arquivos, tabelas de dados e notas de campo.

Os financiamentos recebidos foram da FAPESP, CAPES, CNPq, Fundação Ford e CEBRAP-Novib.

Não houve recorrência quanto às palavras-chave utilizadas que foram: conformidade, autonomia, comportamento, consciência, estabilidade, ideologia, opressão, violência, estereótipos, mito, vítima, elite, ethos, identidade social, papéis sociais, representações, urbanização etc.

As três dissertações escolheram como local de pesquisa de campo a capital paulista.

Uma das pesquisas não se referiu ao tempo gasto em campo. Nas demais dissertações, os períodos foram de um ano (aproximadamente) e um ano e quatro meses.

Os autores estrangeiros mais referidos foram: Roland Barthes (2), Betty Friedan (2) e Simone de Beauvoir (2). Os autores nacionais recorrentes foram: Guita Grin Debert (3), Mariza Corrêa (2), Paul Singer (2), Eunice Durham (2), Francisco de Oliveira (2), Ruth Correa Leite Cardoso (2), Tereza Caldeira (2), Danielle Ardaillon (2), Eva Alterman Blay (2), Gilberto Velho (2), Heloisa Pontes (2), Maria Célia Paoli (2) e Tânia Salem (2).

### **6.7. Família:**

Juntamente com a temática gênero, a linha de pesquisa sobre família foi também pequena (3). Contudo, ao contrário da área anterior, todas as pesquisas foram realizadas e concluídas na década de 70.

Foram localizados os atuais locais de trabalho de somente dois dos alunos-egressos: PUC/SP e UNESP/SP (Marília).

Eunice Durham orientou duas das dissertações e João Baptista Borges Pereira a terceira. Os convidados para compor as bancas foram: Leôncio Martins Rodrigues (Unicamp), Carmem Junqueira (PUC-SP) e Erasmo D'Almeida Magalhães (DS-USP). Os

professores da casa que participaram das bancas foram: Eunice Durham (2), João Baptista Borges Pereira, Cândido Procópio Ferreira, Luiz Pereira e Teófito de Queiroz Jr.

As subtemáticas desenvolvidas foram: relações raciais, trabalho familiar, reprodução da mão-de-obra e socialização. Os grupos pesquisados foram as famílias negras, famílias operárias e famílias trabalhadoras.

Somente um dos autores se referiu explicitamente ao referencial teórico utilizado: "análise globalizante". As técnicas de pesquisa citadas na coleta dos dados foram: análise quantitativa (3), entrevistas (2), formulários (2), histórias de vida e questionários.

Os financiamentos recebidos foram da FAPESP e CAPES, sendo que a terceira dissertação não se referiu à agência financiadora.

As palavras-chave utilizadas foram: família (3), classes sociais (2), estrutura social, ideologia, representações, processo produtivo, discriminação, relações capitalistas, trabalhadores manuais, estrutura de classe e relações raciais.

As pesquisas sobre Família foram realizadas em São Paulo/SP, Campinas/SP e Rio Claro/SP. Uma das dissertações não deixou explícito o período passado em campo e as demais citam um e cinco meses.

Os autores estrangeiros mais citados foram: Talcott Parsons (3), Wrigth Mills (2), Karl Marx (2) e Meyer Fortes (2). Os autores nacionais recorrentes foram: Antônio Cândido (3), Emilio Willems (2), Eunice Durham (2), Fernando Henrique Cardoso (2), Luiz Pereira (2), Octávio Ianni (2), Paul Singer (2) e Heleieth Saffioti (2).

## **6.8. Outros:**

O conjunto de pesquisas classificadas no item OUTROS foram cinco, defendidas em ambas as décadas consideradas. Somente três dos alunos-egressos foram localizados quanto ao local de trabalho: dois tomaram-se docentes na Unicamp/SP e UFGO/GO e o terceiro trabalha atualmente como Assessor da Presidência da República.

Os temas que não puderam se encaixar nas temáticas anteriores foram: banditismo social rural, desenvolvimento econômico, história da arte, literatura e tecelagem artesanal. As subtemáticas desenvolvidas foram: artesanato, literatura de cordel, política de

investimentos, cangaço, modelo associado, realismo/romantismo e obra de arte. Os grupos escolhidos para a pesquisa foram: grupo de tecelões, cangaceiros do bando de Lampião, retratos femininos, folhetos nordestinos e a Instrução Número 113.

Seus orientadores foram: Ruth Correa Leite Cardoso (3), Liana Maria Sálvia Trindade e Thekla Hartmann. Os convidados para as composições das bancas foram: Antônio Augusto Arantes (Unicamp), Liliana Laganá, Victor Knoll (Unicamp), Duglas Teixeira Monteiro (DS-USP), João Manoel Cardoso de Mello (Unicamp), Maria do Carmo Carvalho e Reynaldo Xavier. Os professores da casa que participaram das bancas foram: Ruth Correia Leite Cardoso (3), João Baptista Borges Pereira, Ruy Coelho, Eunice Durham, Liana Maria Salvia Trindade e Thekla Hartman.

Nenhuma das dissertações se referiu explicitamente ao referencial teórico utilizado. As técnicas de pesquisas foram: entrevistas (3), observação participante (2), história de vida, questionários, fotografias, descrição, catalogação, comparação e observação das obras.

Os financiamentos recebidos foram da FAPESP (4) e da Fundação Ford, sendo que uma das pesquisas não se referiu ao financiamento.

As palavras-chave usadas foram: arte, burguesia nacional, estado populista, marginalidade, política, retrato, tecelagem, classes sociais, cultura de folhetos, estética, história social, movimento operário, realismo, romantismo, ritual, tipologia, artesanato, classificação, sociabilidade, violência etc.

Os locais de realização das pesquisas de campo foram Hidrolândia/GO, Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP, municípios dos Estados de Pernambuco, Paraíba, Bahia, Alagoas e Ceará e Museus do Rio de Janeiro e São Paulo.

Somente dois autores citaram os períodos das pesquisas de campo, que em ambos os casos foram de dois meses, sendo um deles intermitente. As demais dissertações (3) não se referiram ao tempo ou a classificação não se aplicou.

Os autores estrangeiros mais citados pelas bibliografias foram: George Lukacs (2), Friedrich Engels (2), Eric Hobsbawn (2), Karl Marx (2) e Lévi-Strauss (2). Os autores nacionais mais citados foram: Caio Prado Jr. (4), Antônio Cândido (3), Donald Pierson (2),

Fernando Henrique Cardoso (2), Luiz da Câmara Cascudo (2), Maria Sylvia Carvalho Franco (2), Celso Furtado (2), Antônio Augusto Arantes (2) e Paul Singer (2).

## VI- O CAMPO DA ANTROPOLOGIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS:

### 1. Introdução:

Das instituições estudadas, a Universidade Estadual de Campinas é a mais jovem e a única localizada no interior, contrastando com as demais instituições de ensino superior relevantes no país. Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, sem dúvida nenhuma, além de capitais, são pólos políticos, econômicos e culturais geradores de poder, de moda, idéias e cultura. Campinas é também um centro brasileiro econômico e cultural importante mas não é uma capital. Notabiliza-se por ser um núcleo produtor de alta tecnologia e pesquisas avançadas que inclui órgãos governamentais como a Empresa Brasileira de Pesquisas Agrárias/EMBRAPA, o Instituto Agrônomo de Campinas/IAC e indústrias como a BOSCH, 3M, Mercedez, além das instituições de ensino como a Unicamp, a Escola de Cadetes da Aeronautica e a PUCCAMP. Ou seja, a região de Campinas transformou-se nos últimos anos no centro econômico mais importantes do interior de São Paulo e em uma das regiões mais industrializadas do país. Porém, ao contrário de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, Campinas é também uma cidade universitária, possuindo uma população flutuante significativa que a transforma em diferentes períodos do ano e que a singulariza em relação a qualquer outra capital.

Campinas era parte do que se costumou chamar "oeste paulista": grandes plantações, senhores de escravos, núcleos de fixação de grupos de imigrantes, produção de açúcar e como centro eleitoral de lideranças políticas o que acontece até os dias de hoje. Até mesmo o espaço em que foi erguido o *Campus* da Universidade Estadual de Campinas, no passado foi uma plantação de café.

Barão Geraldo, onde está localizada a Universidade, cresceu muito desde então, mas conserva um ar de interior, daquelas cidades pequenas onde todos se conhecem. A

Unicamp, que recebe gente do mundo inteiro e de todo o país<sup>1</sup>, contrasta com a calma e perturba o ritmo do sub-distrito de Campinas que já não é o mesmo de tempos atrás.

Mas, ao contrário das demais instituições, não apenas "passei" pela Unicamp. Possuo uma história que é também parte da história desta Universidade e que está definitivamente impressa em minha memória. E não é, portanto, apesar dos esforços, que falo isenta de valores, positivos ou negativos, sobre a Antropologia Social do IFCH/Unicamp. É o espaço onde me formei, onde vivo, de onde falo e sobre o qual, agora, passo a analisar. Mas, difícil é falar sobre nós mesmos. Corremos o risco ou de ser muito críticos, ou então demasiadamente complacentes e pouco perspicazes.

A reconstrução dessa história exige um distanciamento difícil de ser conseguido<sup>2</sup>. É uma história compartilhada e vivenciada cotidianamente entre conflitos e alegrias, entre paixões e decepções. É uma história que além de plural é também negociada porque antes disso, ela é uma confrontação de diferentes versões e de múltiplas verdades...

## 2. Antecedentes:

A Universidade de Campinas<sup>3</sup> foi criada oficialmente pela Lei Nº 7655 em 28 de dezembro de 1962 e limitava-se a uma única escola: a Faculdade de Ciências Médicas<sup>4</sup> que foi criada em 1958 pela Lei Nº 4996. Mas, a descentralização do ensino superior no Brasil, que se iniciou através do seu pólo mais industrializado e desenvolvido cultural e politicamente, começou em fins dos anos 40 com a criação de instituições de ensino superior no interior do Estado de São Paulo<sup>5</sup>. Além de responder ao crescente número de

---

<sup>1</sup>É uma das poucas Universidades no Brasil onde existe um vestibular nacional.

<sup>2</sup>Na pesquisa de campo, a Unicamp foi o contraponto com a UNB.

<sup>3</sup>Consultar Lima (1989), Meneguel (1994) e Peña de Flores (1995).

<sup>4</sup>Que recebeu a sua primeira turma somente no ano de 1965, ocupando parte da Maternidade de Campinas e passando por vários outros endereços até a sua definitiva implantação no *Campus* de Barão Geraldo.

<sup>5</sup>Também foram criadas nesse período as Universidades Federais nas capitais brasileiras das regiões periféricas ao centro-sul.

alunos excedentes nos vestibulares da capital, a "marcha para o oeste" paulista das Faculdades foi também uma reivindicação das populações interioranas e do desenvolvimento econômico na região.

As primeiras instituições de ensino superior criadas no interior pela Lei Estadual Nº 161 de 1948 foram: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Faculdade de Engenharia de São Carlos e a Faculdade de Direito de Campinas<sup>6</sup> (Lima: 1989).

A história da Unicamp está definitivamente ligada ao nome do professor Zeferino Vaz que a partir de São Paulo construiu uma trajetória de vida e de intelectual respeitada pela comunidade científica de todo o país. Fundou a Faculdade de Medicina Veterinária da USP em 1935 e por muito tempo foi seu diretor, consagrando-se também como pesquisador competente na área de Parasitologia (Meneghel: 1994).

Desde então, Zeferino Vaz acalentou planos de criar um centro de pesquisas científicas avançadas e de pós-graduação no interior paulista.

*"...uma das preocupações do Conselho Universitário da USP tem sido a descentralização do ensino. Descentralização como necessidade vital à evolução brasileira, o mesmo fator que foi de indiscutível preponderância no progresso da Alemanha e dos Estados Unidos. (...) O interior é grandemente lacunoso em cultura, enquanto já se desenvolveu economicamente. Haveria, então, a grande necessidade de criação do pensamento original interiorano, para que este deixasse de ocupar, neste sentido, a posição de inferioridade que ocupa em relação à Capital."<sup>7</sup>*

Sem abandonar o trabalho que vinha desenvolvendo na USP, Zeferino Vaz criou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto na década de 50 transformando-a, na época, num dos centros de excelência na área médica com vários pesquisadores de renome nacional e internacional, além de uma produção científica respeitada. No entanto, esse projeto não dissuadiu Zeferino Vaz de seus interesses administrativos e políticos à frente

---

<sup>6</sup>E que não se concretizou de fato.

<sup>7</sup>Zeferino Vaz - "O Significado e os Ideais da FMRP" - Diário de Notícias, 31/03/1954, Ribeirão Preto.

da reitoria da USP. Foi derrotado por duas vezes como candidato ao cargo de reitor: em 1960 e em 1964.

Com o golpe militar de 1964 e a destituição de Anísio Teixeira da reitoria da UNB, Zeferino Vaz foi nomeado reitor-interventor em Brasília pelo então Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco em 21 de abril de 1964. Permanecia por dois ou três dias na semana à frente da reitoria e nos demais continuava o seu trabalho como presidente do Conselho Estadual de Educação em São Paulo. Demitiu-se da UNB em 12 de agosto de 1965 com a intenção de implementar o seu projeto no interior paulista: a Universidade de Campinas.

O projeto de criação da Unicamp foi um projeto modernizador que não tinha como objetivo formar as elites governantes do país, a exemplo do que aconteceu quando da criação da USP. Seu objetivo maior foi a formação de cientistas e pesquisadores de alto nível com uma íntima ligação com as indústrias de tecnologia de ponta que se encontravam instaladas na região. Conseqüentemente, os primeiros cursos implantados foram os cursos da área de Exatas, de acordo com a demanda do setor produtivo. Os cursos de Humanas somente foram criados na década de 70 e os cursos do campo das Artes, nos anos 80.

Nas Ciências Humanas a prioridade foi a criação do Departamento de Economia e Planejamento Econômico e Social/DEPES. Vários profissionais perseguidos pelo regime militar e proibidos de trabalhar em outras instituições, foram contratados pela Unicamp sustentados politicamente por Zeferino Vaz. Esse foi o caso, por exemplo, do grupo de economistas ligados a Comissão Econômica para a América Latina/CEPAL que foi contratado no final dos anos 60 para criar o DEPES. Foi do DEPES que surgiu em 1968 o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/IFCH e os primeiros cursos de graduação como o de Ciências Sociais em 1970. O professor Fausto Castilho<sup>8</sup> foi convidado por Zeferino Vaz

---

<sup>8</sup>O professor Fausto Castilho fez licenciatura em Filosofia na Sorbone no período de 1949 a 1953 quando foi aluno de Gaston Bachelard, Merleau-Ponty, Jean Piaget, George Gurvitch entre outros.

para a criação dessa nova unidade que veio substituir o Instituto de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro em 1968. O IFCL/RC tinha sido incorporado à Universidade de Campinas para efeito de cumprimento da Lei de Diretrizes Básicas para a Educação como veremos mais adiante.

Portanto, havia um alinhamento do projeto de criação da Unicamp com o projeto desenvolvimentista do regime militar que favoreceu o crescimento da jovem Universidade e a sua consolidação enquanto um centro de pesquisas avançado no interior paulista. Zeferino Vaz teve uma relativa autonomia para deliberar sobre os destinos da instituição. Nesse sentido, sustentou vários pesquisadores considerados como ideologicamente inconvenientes para os governos militares como, por exemplo, o citado grupo da Comissão Econômica para a América Latina/CEPAL.

Antes mesmo da implantação da nova lei que organizou o sistema universitário - Lei da Reforma Universitária, Nº 5540, regulamentada em 28 de novembro de 1968 - a Unicamp já vinha sendo organizada segundo essas novas diretrizes. Mas, ao contrário das demais instituições de ensino superior do país, sobreviveu à conjuntura ditatorial sem invasões militares, sem intervenções governamentais sem grandes traumas políticos, administrativos e financeiros<sup>9</sup>.

Como a Lei de Diretrizes Básicas/LDB para a educação determinava a união de no mínimo cinco unidades básicas para a criação de uma universidade, foram anexadas em 1966 as seguintes Faculdades pela Comissão Organizadora/CO<sup>10</sup>: Faculdade de Engenharia Civil de Limeira, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, a Faculdade de

---

<sup>9</sup>Para uma visão mais crítica da história da Unicamp, ver a publicação da ADUNICAMP (1991).

<sup>10</sup>Em 05 de outubro de 1966 foi colocada a pedra fundamental da Universidade em Barão Geraldo, que contou com a presença do presidente da República, o General Humberto de Alencar Castelo Branco. Na gestão do reitor Paulo Renato de Souza, esta foi a data escolhida para a comemoração do aniversário da Unicamp (entrevista com Irineu Ribeiro dos Santos em 01 de novembro de 1995, Campinas).

Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro<sup>11</sup>, a Faculdade de Engenharia de Campinas<sup>12</sup> e a Faculdade de Ciências Médicas de Campinas.

Contudo, a Universidade de Campinas só começou a funcionar de fato em 21 de dezembro de 1967<sup>13</sup> quando o professor Zeferino Vaz<sup>14</sup> foi nomeado reitor pelo então governador de São Paulo, Laudo Natel. O professor Zeferino Vaz foi antes disso, coordenador da Comissão Organizadora da Universidade de Campinas instituída pelo Governador Adhemar de Barros em setembro de 1965, para implantar a universidade no interior de São Paulo que já existia por Lei desde 1962. Somente com o Decreto do Governador Laudo Natel Nº 52.255 de 30 de julho de 1969, foi que a Universidade passou a ser denominada Universidade Estadual de Campinas/Unicamp<sup>15</sup>.

Em agosto de 1968 foi inaugurado o primeiro prédio em Barão Geraldo que abrigou o curso médico e aos poucos a Universidade foi se organizando nesse espaço. O projeto

---

<sup>11</sup>Que permaneceu como parte da Universidade de Campinas somente até 10 de setembro de 1968, quando voltou a ser uma instituição de ensino superior isolada e mais tarde incorporada à UNESP (Meneghel: 1984).

<sup>12</sup>Que só foi criada em 1967.

<sup>13</sup>Esse também foi o ano do primeiro exame vestibular da Unicamp.

<sup>14</sup>O primeiro reitor foi Cantídio de Moura Campos que assumiu em janeiro de 1963 e permaneceu somente até outubro do mesmo ano quando Mário Dagnini assumiu a reitoria (Meneghel: 1994).

<sup>15</sup>Até meados dos anos 70, as regras que regiam a Universidade de Campinas tinham como base o Estatuto vigente na Universidade de São Paulo, ou seja, o Antigo Regimento que regulamentava as cátedras. Toda uma organização universitária que, na época, já estava ultrapassada. Consequentemente, existiram algumas dissertações de mestrado que foram defendidas nesse período, como a de Carmem Junqueira, *Os Kamaiurá e o Parque Nacional do Xingu em 1967* (Rio Claro, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/Unicamp) que foi defendida ainda quando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro estava anexada à Universidade de Campinas para efeito do cumprimento da LDB. A dissertação de Décio Azevedo Marques de Saes, *O Civilismo das Camadas Médias Urbanas na Primeira República (1889-1930)*, em setembro de 1971, orientada por Michel Debrun, foi a primeira a ser defendida nas Ciências Sociais da Unicamp também de acordo com o Antigo Regimento. Foram defendidas posteriormente e também segundo o Regimento Antigo da USP, algumas teses de doutorado como, por exemplo, a de Maria Manuela Cameiro da Cunha e Luiz Mott. A institucionalização da Unicamp somente na década de 80 (1984/1985) contribuiu com as defesas de teses/dissertações ainda no Antigo Regimento.

arquitetônico do Campus em Barão Geraldo não tinha como objetivo a ostentação e, portanto, se diferencia das demais universidades brasileiras:

*"A arquitetura proposta para a Unicamp, porém, foi distinta da UnB, apesar de ambas manifestarem a mesma intenção de que a função integradora dos Institutos ficasse refletida na edificação do campus. A UnB, segundo a visão de Zeferino, rompera fisicamente com o conceito de universidade do conhecimento ao distanciar os edifícios de Ciências Humanas, Artes, Biblioteca Central e Reitoria de si mesmos e do Instituto Central de Ciências. A USP, por sua vez, tinha um projeto de cidade universitária completamente desagregador, impondo enormes distâncias entre as diversas Faculdades e Institutos (...). Na Unicamp esta questão seria resolvida com a criação de uma praça circular, rodeada por todos os Institutos Centrais, Reitoria e Biblioteca (...). Os edifícios das Faculdades, Hospital, Serviços etc. seriam dispostos em redor dos principais por afinidade de atividades (...)." (Meneghel: 1994, p. 105).*

O projeto de organização da Unicamp, segundo Meneghel, foi idealizado de acordo com o modelo norte-americano de universidade e já tinha sido tentado pela UNB no início dos anos 60:

*"A Unicamp foi, portanto, organizada em consonância com os princípios que caracterizam a Universidade tecnocrática (racionalidade, eficiência, produtividade, economia), devendo ser vista como uma empresa que dá lucro pois estava voltada para o desenvolvimento industrial do país (na formação de mão-de-obra especializada, de uma política de ciência e tecnologia), servindo ao modelo de crescimento econômico adotado pelo Estado."*

*Não obstante, também havia em sua proposta a preocupação com propiciar uma orientação humanista para os alunos, visando dar-lhes uma consciência crítica do país e da sociedade." (Meneghel: 1994, p. 149).*

Essas concepções se diferenciavam das demais instituições de ensino superior no país:

*"- a Unicamp foi totalmente planejada como um **campus** integrado (...); - a Unicamp não iria realizar estudos desinteressados, tampouco tinha por objetivo a solução de problemas sociais. Ela deveria ocupar-se de desenvolver pesquisas que visassem o desenvolvimento científico e tecnológico de modo a atender às necessidades econômicas do país, embora o avanço científico pudesse, indiretamente, auxiliar na resolução de questões sociais; - a despeito da preocupação da C.O. [Comissão Organizadora] com a formação humanística dos alunos, não era seu objetivo formar elites culturais*

*nem os futuros dirigentes da nação; ela pretendia formar um pólo de desenvolvimento tecnológico que suprisse à demanda de indústrias e empresas (...).*" (Meneghel: 1994, p. 150).

A burocracia, portanto, não foi um entrave para Zeferino Vaz e a Unicamp que estava criando uma universidade de acordo com o projeto da reforma do ensino implantada pelo governo militar, usufruindo de uma certa "autonomia" naquele período:

*"...o projeto da Unicamp era de interesse direto do Estado, a medida que investir na produção de ciência e tecnologia auxiliava em muito na conquista da independência deste setor em relação aos países do primeiro mundo (...) Zeferino Vaz era a pessoa exata para executar o projeto adequado no momento certo, tendo selecionado cuidadosamente as pessoas que poderiam com ele colaborar.*

*...Zeferino Vaz e a Universidade que ele ajudou a construir usufruíram de uma **autonomia consentida** pelo Estado Militar, o que possibilitou o trabalho de cientistas das mais variadas posturas ideológicas sem que houvesse nenhum tipo de controle ou pressão..."*

*"...em face do caráter moderno das suas propostas, cuja execução ficou a cargo de um reitor da confiança da ditadura, autoritário e centralizador, mas com um ideal acadêmico, compreender as condições políticas e financeiras que viabilizaram a sua implantação." (Meneguel: 1994, p. 158-159).*

Foi também uma das inovações do projeto de criação da Unicamp a carreira de pesquisador que o desobrigava das funções de docente<sup>16</sup> que ficou na intenção até a década de 90 quando foi finalmente aprovado.

A personalidade de Zeferino Vaz, a sua competência como homem de ciência e a experiência que adquiriu como administrador de instituições de ensino superior, ao lado do seu alinhamento ideológico com o regime militar e dos bons contatos que mantinha com políticos governistas, resguardou a Unicamp da crise que se instalou nas universidades brasileiras no período da virada dos anos 60 para os anos 70. Ao contrário do caso da

---

<sup>16</sup> *"...satisfazendo a concepção dominante nos meios intelectuais e políticos da época de que a Universidade brasileira, para responder ao desafio de superação do atraso em relação aos países desenvolvidos, deveria investir na produção de ciência e tecnologia." (Meneghel: 1994, p. 94).*

USP, da intervenção na UnB e dos conflitos na UFRJ, entre outros acontecimentos traumáticos para a ciência em nosso país, a Unicamp no mesmo período dava continuidade a sua implantação e consolidação enquanto instituição de ensino e pesquisa.

O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/IFCH foi criado em 1968, composto por três departamentos: Ciências Sociais<sup>17</sup>, Economia e Planejamento Econômico e Linguística. Os mestrados em Antropologia Social e o mestrado em Linguística foram criados em 1971 e os de Sociologia e Ciência Política em 1974; o Departamento e o Mestrado em História foram criados em 1976; em 1977 foi criado o Departamento de Filosofia e o Mestrado e o Doutorado em Lógica e Filosofia da Ciência<sup>18</sup>, além do Doutorado em Filosofia. No entanto, foi somente em 1992 que se iniciou o Mestrado em Filosofia. Em 1984 foram criados os Doutorados em História e Ciências Sociais<sup>19</sup> e em 1993, o doutorado em Demografia. Em agosto de 1991, o antigo Departamento de Ciências Sociais se desmembrou nos três departamentos atuais: Antropologia Social, Sociologia e Ciência Política.

Desde 1975, existiam discussões sobre a criação de uma unidade na área econômica que somente em 1984 foi efetivada com a transformação do departamento em Instituto de Economia e Planejamento Econômico. Em 1985 também a Linguística desmembrou-se do IFCH constituindo-se no atual Instituto de Estudos da Linguagem/IEL.

---

<sup>17</sup>Com o conjunto das seguintes disciplinas: Antropologia, Sociologia, Ciência Política, Filosofia e História (Arantes: entrevista).

<sup>18</sup>Que atualmente conta com uma área de concentração em Filosofia Política que começou a funcionar em 1982.

<sup>19</sup>A primeira turma só ingressou no ano seguinte (1985). O doutorado em Ciências Sociais tem como proposta a interdisciplinariedade sem contudo eliminar a integridade das disciplinas constituintes (Antropologia Social, Sociologia e Ciência Política) e atualmente é composto por dez áreas temáticas: Agricultura e Questão Agrária; Cultura e Política; Estado, Políticas Públicas e Processos Políticos Contemporâneos; Estudos de População; Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber; Ambiente, Tecnologia e Desenvolvimento; Trabalho e sindicalismo; Desenvolvimento e Pensamento Social; Família e Relações de Gênero; Sociedades Indígenas; Etnologia, História e Política.

Em 1978 Zeferino Vaz deixou a reitoria passando a presidir a recém-criada Fundação de Desenvolvimento da Unicamp/FUNCAMP. Assumiu em seu lugar, Plínio Alves de Moraes e em sua gestão, no ano de 1981, o Governador Paulo Maluff decretou a intervenção na Universidade. Na gestão do Reitor subsequente, José Aristodemo Pinotti<sup>20</sup>, iniciou-se sua institucionalização que só foi completamente efetivada em 1985.

### 3. O PPGAS/Unicamp:

O mestrado em Antropologia Social criado em 1971 era composto basicamente por três professores antropólogos: Verena Martinez-Alier<sup>21</sup>, Peter Fry e Antônio Augusto Arantes. Também participaram desse início, Roberto Da Matta e Francisca Isabel Vieira Keller como professores-visitantes. Mais tarde passaram pela Unicamp os seguintes professores estrangeiros: Mário Bick, Diana Brown, Daniel Gross, Peter Worsley, David Price, Dolores Newton, entre outros.

No início dos anos 70, tudo estava por fazer no IFCH/Unicamp. As festas, os confrontos com os economistas, o relacionamento estreito com os alunos e a infraestrutura artesanal da universidade, obrigavam a uma dedicação quase exclusiva por parte de todos. Em seu depoimento<sup>22</sup> Verena Martinez-Alier conta que a Unicamp<sup>23</sup> era rodeada por campos de algodão e de café, pertencendo à área rural da cidade e por isso considerada como um locus privilegiado para pesquisas de campo pelos antropólogos ingleses.

Seguindo a tradição da Antropologia Social inglesa na formação dos alunos, prioridade foi dada ao trabalho de campo. De acordo com as palavras de Mariza Corrêa

---

<sup>20</sup>Seguiram-se os seguintes reitores: Paulo Renato, Carlos Vogt e José Martins.

<sup>21</sup>Hoje Verena Stolcke.

<sup>22</sup>Depoimento em video de Verena Stolcke e de Antônio Augusto Arantes à professora Mariza Corrêa dentro do Projeto História da Antropologia no Brasil em 26 de agosto de 1993, Unicamp.

<sup>23</sup>O IFCH instalou-se primeiramente na cidade e logo depois transferiu-se para Barão Geraldo onde funcionou inicialmente, em um galpão que dividia com a Engenharia ao lado da reitoria.

(depoimento), para Martinez-Alier, no Brasil fazia-se teoria sobre um país que não se conhecia suficientemente. Segundo Antônio Augusto Arantes<sup>24</sup>, o lema do mestrado em Antropologia Social da Unicamp sempre foi: "*Quem não pesquisa não tem direito à palavra.*".

Outra característica da Antropologia Social de Campinas nesses primeiros tempos, foi a valorização dos movimentos sociais e o conseqüente comprometimento político por parte de seus pesquisadores (Arantes: depoimento). As primeiras dissertações defendidas foram sobre sexualidade, movimentos de pastoral, movimentos populares de arte, quebra-quebras e bóias-frias<sup>25</sup>.

Existia uma situação diferenciada entre a Unicamp e as demais universidades. O Museu Nacional elegeu principalmente o nordeste como foco de pesquisa, e talvez este tenha sido o caminho encontrado para estar próximo aos movimentos sociais<sup>26</sup>. A USP, debilitada no que diz respeito ao seu corpo docente e passando por momentos difíceis nas Ciências Sociais, tentava se reorganizar internamente em torno dos que tinham conseguido permanecer na instituição o que se refletiu no número de dissertações e teses que foram quantitativamente minoria em relação aos demais PPGAS existentes. Na UNB, especialmente pela sua localização na Capital da República, somente no final dos anos 70 começaram a aparecer pesquisas sobre problemas sociais e políticas conjunturais. Isto é, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, por serem centros políticos fundamentais para o governo, próximos aos poderes políticos, econômicos e culturais, conseqüentemente foram os mais atingidos pela repressão dos governos militares na época. A Unicamp, pela

---

<sup>24</sup>Depoimento à professora Mariza Corrêa dentro do Projeto História da Antropologia no Brasil/PHAB em 26 de agosto de 1993, Unicamp.

<sup>25</sup>Nessa época começava-se a se discutir os Estatutos dos Trabalhadores Rurais, o que foi um divisor de águas entre os especialistas das pesquisas agrárias. Consultar o capítulo sobre o PPGAS/Museu Nacional.

<sup>26</sup>É bom lembrar que a maioria das pesquisas do Museu Nacional foram feitas no nordeste, principalmente em Pernambuco. O engajamento político naquele momento foi uma condição *si ne qua non* para toda uma geração de cientistas sociais.

singularidade de ser uma instituição de ensino nova, portanto sem tradições de luta e com uma organização ainda não estruturada por parte de alunos, professores e funcionários, além é claro, do respaldo garantido pela personalidade e autoridade de Zeferino Vaz, manteve-se como um espaço relativamente intocável pela repressão, possibilitando particularmente na Antropologia Social, o desenvolvimento de pesquisas engajadas com os movimentos sociais na região.

Quer dizer, existia no IFCH dos anos 70 um contexto especialmente propício ao debate que contrastava com o clima de terror e suspeição existentes na UNB, USP e demais universidades brasileiras. Existia um diálogo saudável e competitivo com os economistas, os primeiros a chegar nas Ciências Humanas da Unicamp<sup>27</sup> e que faziam das grandes teorias as suas trincheiras. A problemática teórica concentrava-se em torno da questão do avanço do capitalismo no campo e da proletarização do campesinato. Os antropólogos por sua vez, faziam suas observações através das pesquisas de campo<sup>28</sup>.

Verena Martinez-Allier deixou a Unicamp em 1979, transferindo-se para Barcelona na Espanha onde se encontra até hoje. Em 1983 Peter Fry foi para o Museu Nacional e em seguida tomou-se o representante da Fundação Ford no Brasil, permanecendo por aproximadamente quatro anos na África. Atualmente é professor do IFCS/UFRJ no Rio de Janeiro. Antônio Augusto Arantes é o único do grupo inicial que continua até hoje em Campinas.

Maria Manuela Carneiro da Cunha foi aluna da primeira turma do mestrado em Antropologia Social/Unicamp em 1971. Foi contratada como docente em 1972<sup>29</sup> e optou

---

<sup>27</sup>Ordem de chegada no IFCH: os economistas, o filósofo Fausto Castilho, os cientistas sociais, os linguistas e, por último, os historiadores.

<sup>28</sup>Verena Martinez-Alier conta em seu depoimento que a complexidade e singularidade da existência de um grupo considerável de mulheres bóias-frias na região, por exemplo, era "invisível" aos economistas muito preocupados com a teorização do capitalismo nas áreas rurais.

<sup>29</sup>Transferiu-se para a USP em 1984 e em 1996 foi para a Universidade de Chicago.

por fazer o doutorado<sup>30</sup> e defendeu sua tese em 1975 em Campinas. Carneiro da Cunha participou da primeira seleção para o mestrado em Antropologia Social da Unicamp com uma carta de recomendação de Lévi-Strauss, o que causou surpresa entre os antropólogos em Campinas. Segundo Arantes:

*"...eu me lembro da Manuela na seleção do mestrado... (...) eu me lembro que foi uma das primeiras [turmas], ela chegou aqui como candidata que tinha assim uma recomendação do Lévi-Strauss... (...) que era uma coisa inusitada devido à clientela que a gente tinha aqui (...) foi uma aluna brilhante... e aí ela foi contratada, eu não me lembro como ela foi contratada... (...) ela já tinha feito o mestrado lá em Paris e pesquisas avançadas..."* (Arantes: entrevista).

Luiz Mott completou a sua graduação em Ciências Sociais na USP em 1968 e fez mestrado na Sorbone em Paris V, França<sup>31</sup>. Ao voltar ao Brasil, soube da necessidade de contratação de antropólogos por parte da Unicamp para onde se transferiu, sendo contratado em 1972. Mott também defendeu seu doutorado baseado no Antigo Regimento em 1975<sup>32</sup> na Unicamp. Luiz Mott foi o responsável pela introdução da temática saúde em Campinas. Em 1978 deixou a Unicamp e foi para a UFBA e, atualmente, é um dos intelectuais mais engajados na militância em defesa dos direitos dos homossexuais no país<sup>33</sup>.

A segunda turma foi composta por José Luiz dos Santos e Suely Kofes que foram contratados no mesmo ano em que ingressaram no mestrado (1972). Ele, nascido em

---

<sup>30</sup>É bom lembrar que existia na época a possibilidade de se fazer diretamente o doutorado segundo o Antigo Regimento da USP no qual a Unicamp se baseava pela falta de um Estatuto próprio. Sua tese **Os Mortos e os Outros. Uma Análise do Sistema Funerário e da Noção de Pessoa entre os Índios Krahó** foi orientada por Peter Fry.

<sup>31</sup>Sua dissertação **Structures de Production d'une Communauté Paysanne au Nord-Est du Brésil**, orientado por Jean Guiart (1971).

<sup>32</sup>Com a tese **A Feira de Brejo Grande - Estrutura e Função de uma Instituição Econômica numa Comunidade Sergipana do Baixo São Francisco**, orientada por Verena Martinez-Alhier.

<sup>33</sup>Luiz Mott foi fundador do Grupo Gay da Bahia, um dos grupos mais ativos nesta luta. Sobre a sua militância nos movimentos homossexuais e de sua trajetória na Antropologia, consultar Mott (1995).

Santos, fez sua graduação em Ciências Sociais na FFCL/USP entre 1967 e 1971. Ela, nascida em Goiás, graduou-se em História no período de 1967 a 1970.

Após as defesas de suas dissertações em agosto de 1976, José Luiz dos Santos<sup>34</sup> seguiu para a Inglaterra e Suely Kofes<sup>35</sup> para a França. José Luiz dos Santos obteve o Ph.D. na University College e defendeu sua tese<sup>36</sup> em 1981 com orientação de Joel Kahn. Suely Kofes, após sua breve estada na França, fez doutorado na USP com Eunice Durham, defendendo sua tese<sup>37</sup> em 1991.

Em 1975 foram contratados Alba Zaluar<sup>38</sup>, Carlos Rodrigues Brandão e Ana Maria de Niemeyer<sup>39</sup>. Rubem César Fernandes<sup>40</sup> e Mariza Corrêa foram contratados como docentes em 1976. Em 1977 foram contratados Carlos Alberto Ricardo<sup>41</sup>, Mauro William

---

<sup>34</sup>Sua dissertação **Família e História: Estudo de um Caso e de uma Questão** foi defendida em 1976, orientada por Verena Martinez-Alier (Unicamp).

<sup>35</sup>Sua dissertação **Entre Nós, Os Pobres, Eles, Os Pretos** foi defendida em 1976, orientada por Verena Martinez-Alier (Unicamp).

<sup>36</sup>**Homeopathy in Campinas (Brazil): A Study os a Socio-Symbolic Field.**

<sup>37</sup>**Diferença e Identidade nas Armadilhas da Igualdade e Desigualdade: Integração entre Patroas e Empregadas Domésticas.**

<sup>38</sup>Sua dissertação **Os Homens de Deus: Um Estudo Comparativo do Catolicismo Popular em algumas Áreas do Brasil Rural** foi defendida em 1974, orientada por Roberto Da Matta no Museu Nacional. A tese **A Máquina e a Revolta** foi defendida em 1984, orientada por Eunice Durham na USP. Obteve a livre-docência na Unicamp em 1991 com a tese **Cidadãos não vão ao Paraíso.**

<sup>39</sup>Seu mestrado foi defendido em Paris IV, França, com o título **La Favela dans L'Agglomération de Rio de Janeiro** (1970), orientada por Michel Rochefort (Geografia). A tese de doutorado **O Lugar da Pobreza, Moradia e Controle de Espaço na Favela: São Paulo, 1972-1977** (1985), orientada por Ruth Cardoso na USP.

<sup>40</sup>Rubem César Fernandes, com doutorado na Polônia, transferiu-se do Departamento de Filosofia da Unicamp para a Antropologia em 1976 e em 1981 foi para o Museu Nacional. Consultar capítulo referente ao Museu Nacional.

<sup>41</sup>Que permaneceu em Campinas apenas dois anos (1977-1979).

Barbosa de Almeida<sup>42</sup> e Mércio Pereira Gomes<sup>43</sup>; em 1980 Guillermo Raúl Ruben<sup>44</sup> e Bela Feldman Bianco<sup>45</sup> e, no ano seguinte, José Guilherme Cantor Magnani<sup>46</sup> e Anthony Herman<sup>47</sup>. Em 1983 foram contratados Vanessa Léa<sup>48</sup> e Luiz Eduardo Soares<sup>49</sup>. Em 1984, Tereza Caldeira<sup>50</sup> e em 1985, Roberto Cardoso de Oliveira<sup>51</sup>, Hugo Rodolfo Lovisoló<sup>52</sup>,

---

<sup>42</sup>Sua dissertação **A Literatura de Cordel no Nordeste Brasileiro** foi defendida em 1979 na USP, orientada por Ruth Cardoso. Seu doutorado **Rubber-Tapers of the Upper Jurua River: The Making of a forest Peasantry** foi obtido em 1992 em Cambridge, orientada por Stephen Hugh-Jones.

<sup>43</sup>O professor Mércio Gomes saiu da Unicamp em 1991 e trabalha atualmente no Rio de Janeiro.

<sup>44</sup>Sua dissertação **Formation à la Recherche en Anthropologie Social** foi defendida em 1973 em Paris VI e seu doutorado em Paris VII, com a tese **Les Mapuche: L'illusion de L'Indianité** (1981), orientada por Isaac Chiva. Fez pós-doutorado em Montreal, Canadá, em 1990 e livre-docência na Unicamp em 1993 com a tese **Encontros Antropológicos**.

<sup>45</sup>Obteve o seu doutorado em 1980 pela Universidade de Columbia com a tese **The Pety Supporters of a Stratified Order: The Economic Entrepreneurs of Matriz (1877-1974)**, orientada por Joan Vincent. A autora não fez o mestrado.

<sup>46</sup>Em 1985, Magnani transferiu-se para a USP.

<sup>47</sup>Anthony Herman demitiu-se em 1989, voltando a trabalhar na Inglaterra.

<sup>48</sup>Seu mestrado **The Mapuche Indians of Chile. Their Struggle for Land** foi obtido (1976) em Oxford, Inglaterra. O doutorado **Nomes e Nekrets Kayapó: Uma Concepção de Riqueza** foi obtido em 1986, orientada por Anthony Seeger (Museu Nacional).

<sup>49</sup>Que transferiu-se para o IUPERJ em 1987. Sua dissertação de mestrado **Campesinato: Ideologia e Política** foi defendida em 1981, orientada por Otávio Velho (Museu Nacional). Sua tese **A Invenção do Sujeito Universal: Hobbes e a Política como Experiência Democrática do Sentido** foi defendida em 1990 no IUPERJ.

<sup>50</sup>Sua dissertação **Imagens do Poder e da Sociedade (O Mundo Cotidiano de Moradores da Periferia)** foi defendida em 1982 na USP, orientada por Ruth Cardoso. Seu Ph.D. **City of Walls: Crime, Segregation, and Citizenship in São Paulo** foi obtido em 1992 em Berkeley, Califórnia, orientado por Paul Rabinow.

<sup>51</sup>Que se aposentou em 1990. Consultar capítulos anteriores sobre o Museu Nacional e UNB.

<sup>52</sup>Que transferiu-se para o CPDOC-FGV em 1988. Sua dissertação **Terra, Trabalho e Capital: Produção Familiar e Acumulação** foi defendida em 1982, orientada por Otávio Velho (Museu Nacional). O doutorado foi obtido em 1988 também com orientação de Otávio Velho com o título **A Construção da Modernidade: Iluminismo e Romantismo na Educação Popular** (Museu Nacional).

Nádia Farage<sup>53</sup>, Heloisa Pontes<sup>54</sup>, Lilia Schwarcz<sup>55</sup>, Paula Montero<sup>56</sup>, Néstor Perlonguer<sup>57</sup>, Robin Wright<sup>58</sup> e Guita Grin Debert<sup>59</sup>. Em 1991 transferiu-se para o Departamento de Antropologia Social, Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira<sup>60</sup>. Em 1989 foram contratados Maria Filomena Gregori<sup>61</sup> e Rita de Cássia Lahoz Morelli<sup>62</sup> e, finalmente, em 1994, Emília Pietrafesa de Godoi<sup>63</sup> e John Manuel Monteiro<sup>64</sup>. Márcio D'Olive Campos transferiu-se do

---

<sup>53</sup>Obteve seu mestrado em 1986 com o título **As Muralhas do Sertões: Os Povos Indígenas no Rio Branco e a Colonização**, orientada por Maria Manuela Cameiro da Cunha (Unicamp). Atualmente Farage faz doutorado na USP com orientação de Maria Manuela Cameiro da Cunha.

<sup>54</sup>Sua dissertação **Do Palco aos Bastidores: O SOS-Mulher (SP) e as Práticas Femininas Contemporâneas** em 1986, orientada por Mariza Corrêa (Unicamp). Atualmente Heloisa Pontes faz doutorado na USP com orientação de Maria Arminda do Nascimento Amuda.

<sup>55</sup>Em 1988 transferiu-se para a USP.

<sup>56</sup>Que transferiu-se também para a USP em 1988.

<sup>57</sup>Sua dissertação **O Negócio do Michê - Prostituição Viril em São Paulo** foi defendida em 1986, orientada por Mariza Corrêa. Falecido em 1992.

<sup>58</sup>Obteve o mestrado com a dissertação **Ritual Organization in Northwest Guatemala: A controlled Comparison of Three Communities** (1974) em Stanford, Califórnia. Sua tese **The History and Religion of the Baniwa Peoples of the Upper Rio Negro Valley** (1981) também em Stanford, Califórnia, orientada por Renato Rosaldo.

<sup>59</sup>Sua dissertação **Representações Políticas no Período Populista** foi defendida em 1977 (USP), orientada por Ruth Cardoso. A tese de doutorado **A Política do significado no Início dos Anos 60: O Nacionalismo na Escola Superior de Guerra (ESG) e no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)** foi defendida em 1986 (USP), orientada por Ruth Cardoso.

<sup>60</sup>Sua dissertação **Família e Reprodução** foi defendida em 1972, orientada por Aparecida Joly Gouveia (US). Sua tese **A Produção da Vida - A Mulher nas Estratégias de Sobrevivência da Família Trabalhadora na Agricultura** foi defendida em 1982, orientada por Luis Pereira (USP).

<sup>61</sup>Sua dissertação **Violência Contra a Mulher: A Prática do SOS Mulher (SP), Queixas e Cenas** foi defendida em 1988, orientada por Ruth Cardoso (USP). Atualmente Gregori faz o doutorado na USP sob orientação de Ruth Cardoso.

<sup>62</sup>Obteve seu mestrado **Indústria Fonográfica: Um Estudo Antropológico** em 1988 (Unicamp), orientada por Guilherme Raul Ruben. Atualmente Morelli faz doutorado na Unicamp com orientação de Guilherme Raul Ruben.

<sup>63</sup>Obteve seu mestrado **O Trabalho da Memória: Um Estudo Antropológico de Ocupação Camponesa no Sertão do Piauí** em 1993, orientada por Carlos Rodrigues Brandão (Unicamp). Atualmente faz o seu doutorado em Paris X, Nanterre, França, orientada por Carmen Bemand.

Departamento de Física Aplicada para o Departamento de Antropologia Social em janeiro de 1995, onde já vinha atuando através de cursos ministrados desde 1990<sup>65</sup>.

#### 4. Trajetórias:

Como vimos anteriormente, os anos 60 na FFCL/USP foram fundamentais na formação de vários dos professores atualmente trabalhando nos departamentos de nossas universidades. Ou melhor, de toda uma geração intelectual que tem sido responsável pela formação de novos cientistas sociais e o conseqüente desenvolvimento de um pensamento social brasileiro com uma qualidade cada vez mais aprimorada.

Contribuíram na formação desses professores, tanto o contexto político e os arredores culturais da Maria Antônia, quanto os clássicos aprendidos em sala de aula.

*"Na Faculdade, tão importante quanto as salas de aula, eram o saguão de entrada e os bares vizinhos onde a sociabilidade, a política e a discussão intelectual eram intensamente vivenciados. Conversávamos sobre cinema: a **nouvelle vague**, Antonioni, Fellini e o cinema novo; sobre a produção do CPC da UNE; os shows e peças montados pelo Arena (...) e pelo Oficina (...). Frequentávamos o João Sebastião Bar e a Baiúca, onde ouvíamos atentos os últimos lançamentos da bossa nova. Jantávamos no Gigetto ou no Redondo. Discutíamos política, filosofia, estética, psicanálise. Tínhamos horror à pequena burguesia: a sua falta de horizontes, as suas pequenas ambições, o seu mau gosto, a sua falsa cultura. Considerávamo-nos parte de uma elite e queríamos aliança com os trabalhadores: operários e camponeses; nos momentos de excitação cívica (revolucionária) nos considerávamos 'trabalhadores intelectuais'." (Arantes: 1995, p. 4).*

---

<sup>64</sup>Obteve seu mestrado **Institutional Reform Without Change in Nineteenth-Century Brazil** em 1980 (Chicago). A tese de doutorado **São Paulo in the Seventeenth Century: Economy and Society** em 1985 (Chicago), orientado por John Coatsworth.

<sup>65</sup>A dissertação **Aspects de la Recombinaison dans le Gasb Naturel et Composé au Tellure** foi orientada por Michel Sarvelli na Universidade de Montpellier, França (1969). A tese **Accepteurs Residuels et des Donneurs Soufre au Transport dans GaxIn1-xSb. Aspects de la Recombinaison dnas GaSb de Type p** foi orientada também por Michel Savelli na Universidade de Ciência e Tecnologia de Languedoc, Montpellier, França (1972). Ambos os títulos foram em Ciências Físicas.

Antônio Augusto Arantes foi o único dos três professores contratados inicialmente para o mestrado em Antropologia Social do IFCH formado intelectualmente pela FFCL/USP. Mas essa socialização foi fundamental nas escolhas posteriormente feitas e no formato assumido pela Antropologia Social em Campinas.

O professor Arantes frequentou como aluno regular a Maria Antônia de 1962 a 1966 quando se formou em Ciências Sociais. Optou<sup>66</sup> pela Antropologia e se tornou instrutor da Cadeira presidida por Egon Schaden<sup>67</sup> ao mesmo tempo que lecionava na Escola Livre de Sociologia e Política e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara<sup>68</sup>. Durante a graduação, influenciado pela teoria da fricção interétnica de Roberto Cardoso de Oliveira e pelos conflitos recorrentes no campo indigenista em nosso país, Antônio Augusto Arantes fez estágio na seção de Etnologia do Museu Paulista<sup>69</sup> e participou de um curso de extensão no Museu de Arte de São Paulo com Vilma Chiara. Frequentou também o curso interdisciplinar **O Cangaço na Cultura e na Realidade Brasileira**, organizado por Manuel Cavalcanti Proença no Instituto de Estudos Brasileiros/IEB da USP<sup>70</sup> e ministrado por vários especialistas. Já nessa época, Arantes tinha escolhido a Antropologia como área de concentração de seus estudos no curso de Ciências Sociais<sup>71</sup>.

---

<sup>66</sup>Arantes (entrevista) também foi convidado por Paula Beiguelman para ser professor-instrutor da Cadeira de Política na FFCL.

<sup>67</sup>Sobre o convite que recebeu para esse cargo, Arantes (entrevista) afirmou que Egon Schaden fazia questão de deixar claro que não tinha sido ele quem o escolheu para tal função (Arantes: 1995, p. 6). Antônio Augusto Arantes foi convidado por seus professores - Ruth Cardoso, Eunice Durham, Amadeu Lanna e José Francisco Quirino dos Santos - com quem mais se identificava teoricamente na defesa da Antropologia Social britânica e do estruturalismo francês.

<sup>68</sup>Hoje UNESP/Araraquara.

<sup>69</sup>Que estava, então, sob a direção do professor Herbert Baldus.

<sup>70</sup>Na época dirigido por José Gerardo Castelo.

<sup>71</sup>Segundo o Regime Especial em vigor naquele momento na USP, era possível aos alunos do curso de Ciências Sociais escolher uma área de concentração dentre as três existentes no curso: Antropologia, Sociologia e Ciência Política. Antônio Augusto Arantes diz que oscilou durante toda a sua carreira entre as suas duas paixões: a Antropologia e a Ciência Política (entrevista).

Por dois anos (1967-1968) depois de graduado, Arantes permaneceu na FFCL como professor-instrutor, cada vez mais influenciado pela Antropologia Social britânica perpassada pela obra de Lévi-Strauss.

Nessa época iniciou uma pesquisa entre os pescadores na ilha de Santo Amaro (SP) quando foi orientado por Gioconda Mussolini que também foi a orientadora do seu projeto **A Visão de Mundo e O Universo Social do Sertanejo**.

Segundo o próprio Arantes (1995), ele seguia nesse momento três orientações teóricas básicas: a crítica aos estudos de comunidade feita por Gioconda Mussolini, que o aproximava de autores como Julian Steward, Sidney Mintz e Eric Wolf; a crítica ao culturalismo, feita por Eunice Durham que o aproximava dos estudos de fricção interétnica de Roberto Cardoso de Oliveira e a antropologia política de George Balandier; e as influências levi-straussianas, através de livros como o **Pensamento Selvagem** e **O Totemismo Hoje**, lidos no curso de Ruth Cardoso.

Essas influências teóricas foram aprofundadas nos debates presentes nos seminários de pós-graduação ministrados pelos professores Eunice Durham, Ruth Cardoso, José Francisco Quirino e Amadeu Duarte Lanna. Conseqüentemente, colocava-se no campo oposto às orientações teóricas propostas por professores como Egon Schaden e Thekla Hartmann, defensores de uma visão mais culturalista para a Antropologia. Estava presente nessa opção uma tensão própria da época<sup>72</sup> e que definiu a disciplina feita entre nós nas décadas seguintes através dos Programas de Pós-Graduação: o debate clássico entre a Antropologia Cultural norte-americana e a Antropologia Social inglesa. Isto é, o embate entre a predominância do social sobre o cultural ou vice-versa, que já se encontrava presente nas obras de autores como Radcliffe-Brown que, por sua vez, foi influenciado pelo racionalismo francês através de Durkheim.

---

<sup>72</sup>Também citada por Otávio Velho (1992) em seu memorial como uma das principais discussões e das mais acaloradas entre os integrantes da primeira turma de mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional.

Esse debate estava atravessado, naquele momento, pela influência marcante do estruturalismo francês através de Lévi-Strauss<sup>73</sup>.

Nesse momento fundamental de definições antropológicas e de transição política e administrativa na USP, Arantes foi auxiliar de pesquisa de Daniel Gross em seu doutorado, acompanhando-o ao sertão baiano, e de Eunice Durham com as pesquisas sobre os "*...seguidores do líder messiânico Pedro Batista, em Santa Brígida (Ba)*." (Arantes: 1995, p. 8).

O contexto politicamente conturbado do final da década de 60, contribuiu no interesse por parte de Arantes, em aprofundar-se na problemática do campesinato no Brasil<sup>74</sup> e em suas visões de mundo, com ênfase nas transformações pelas quais vinham passando esses grupos (Arantes: 1995, p. 5). Havia, por parte do autor e segundo ele próprio, a necessidade de compreender a problemática social e política do país e contribuir de alguma maneira para a sua transformação. Esse era o desejo de todos que, como ele, viam na atividade intelectual uma prática transformadora e no mundo acadêmico, a exemplo de outros nossos professores, um caminho possível de construção de uma sociedade mais justa. Mas o clima de terrorismo e perseguição que se abateu sobre a FFCL na capital paulista, não era promissor e o autor não vislumbrava nenhuma perspectiva para uma vida intelectual futura na instituição.

Em 1968, duas alternativas se colocaram para Antônio Augusto Arantes: frequentar o mestrado recém-criado no Museu Nacional/RJ ou aceitar o convite feito por Fausto Castilho para a formação do IFCH e, particularmente, do campo da Antropologia Social e do mestrado em Campinas. O que fez Antônio Augusto Arantes (entrevista) decidir pelo

---

<sup>73</sup>Veremos mais adiante como se dava esta influência.

<sup>74</sup>Quando fez pesquisa de campo no interior da Bahia, que serviria mais tarde para a redação de sua dissertação de mestrado, foi auxiliado por seu aluno na FFCL/USP Luiz Mott que mais tarde transferiu-se para a Unicamp como professor. José Luiz dos Santos, também aluno de Arantes na FFCL, era seu auxiliar nessa pesquisa, contudo, não pôde viajar ao campo pois adoeceu (entrevista com José Luiz dos Santos em 07 de novembro de 1995, Unicamp).

interior paulista<sup>75</sup>, foi a interdisciplinariedade da proposta de Fausto Castilho que incluía Ciências Sociais, Linguística e Economia num mesmo projeto intelectual e teórico.

*"Quando ele [Fausto Castilho] nos procurou...o argumento para nós era o de um projeto intelectual que tinha um forte matiz estruturalista e se identificava com os modelos, os quadros formais dos estudos de parentesco, dos estudos de troca, mesmo o marxismo estava sendo lido de maneira estruturalista, por Poulantzas, tanto que o André [André Villa Lobos da sociologia] fez o mestrado com o Poulantzas... Então, havia razões de ordem intelectual que identificavam a centralidade da linguística no projeto do IFCH, uma disciplina que perpassava a economia, a antropologia, a sociologia... Por que Bensaçon? Porque Bensaçon é que era a matriz de onde eles começaram a organizar o IEL. Então, havia um acordo com Yves Gentilhomme, que era um professor de linguística em Bensaçon, que dirigia o Centro de Linguística Aplicada naquela Universidade e que organizaria o Centro de Linguística Aplicada aqui na Unicamp. (...)." (Arantes: entrevista).*

No mesmo mês de novembro em que foi contratado pela Unicamp, Antônio Augusto Arantes foi para um estágio de aproximadamente um ano (1969) em Bensaçon<sup>76</sup>, instituição francesa com a qual a Unicamp mantinha um convênio para a formação de quadros para o IFCH. Após essa passagem obrigatória pela França estudando Linguística<sup>77</sup>, o autor seguiu para Cambridge<sup>78</sup> onde se formou intelectualmente, sendo

---

<sup>75</sup>Seu contrato com a Unicamp foi encaminhado ao Reitor Zeferino Vaz em 15 de outubro de 1968. Quando o prédio da FFCL foi incendiado e interditado em 03 de outubro de 1968, Antônio Augusto Arantes estava presente e ainda não tinha decidido a sua transferência para Campinas.

<sup>76</sup>Além de Arantes (entrevista), também foram contratados e viajaram para França André Villalobos (Sociologia), Luiz Benedito Lacerda Orlandi (Filosofia) e Haqira Osakabe (Linguística).

<sup>77</sup>Para Fausto Castilho, era condição *si ne qua non* que todos aqueles que aceitassem a contratação pela Unicamp, passariam obrigatoriamente por um estágio em Bensaçon, França, onde estava implícito que também nesse país fizessem os seus respectivos doutorados. No entanto, de acordo com a sua opção teórica na Antropologia Social, Antônio Augusto Arantes tinha como objetivo estudar em Cambridge. E esta foi a imposição de Arantes para aceitar o convite de Fausto Castilho. Também André Villalobos acabou por estudar Sociologia na França segundo o seu interesse pessoal (Arantes: entrevista).

<sup>78</sup>Além de Cambridge, Arantes (entrevista) foi aceito também em Oxford e na London School e recebeu um convite para ir para Chicago/EUA.

escolhido como seu orientador Edmund Leach<sup>79</sup>. Permaneceu na Inglaterra por um ano<sup>80</sup> e em 1970 voltou ao Brasil. Como precisava de um título para iniciar o seu trabalho na pós-graduação da Unicamp, defendeu sua dissertação de mestrado na USP, orientado por Eunice Durham<sup>81</sup>. Em anos subsequentes voltou por mais dois períodos<sup>82</sup> à Inglaterra e em 1978 defendeu seu doutorado<sup>83</sup> também orientado por Edmund Leach.

A partir do final dos anos 70, Antônio Augusto Arantes começou a se interessar pela problemática do patrimônio histórico e cultural do país através do movimento popular de revitalização da Capela de São Miguel Paulista, obra seiscentista localizada no município do mesmo nome. Essa época também foi para o autor um momento de crítica ao estruturalismo e de descoberta de autores como Victor Turner e Clifford Geertz que contribuíram teoricamente na sua compreensão das diferentes vertentes políticas existentes nos movimentos populares do Brasil (Arantes: 1995).

Começou então, para ele, uma fase de participação ativa na gestão de políticas culturais para o Município e o Estado. Em 1983, Arantes assumiu a presidência do CONDEPHAT/SP<sup>84</sup>, quando começou a se interessar por compreender a problemática da preservação do patrimônio cultural e artístico<sup>85</sup> através de contribuições, não somente da

---

<sup>79</sup>A escolha de Leach por Arantes (entrevista), deu-se em função da dupla inserção do autor no estruturalismo francês e inglês.

<sup>80</sup>De agosto de 1969 a julho de 1970.

<sup>81</sup>Na verdade, Eunice Durham somente iniciou a orientação quando da pesquisa de campo no Brasil e presidiu mais tarde a banca do mestrado. O trabalho de redação foi orientado por Leach na Inglaterra (Arantes: entrevista). Sua dissertação teve como título **Compadrio no Brasil Rural: Análise Estrutural de Uma Instituição Ritual** (1970, USP).

<sup>82</sup>A exigência por parte da Universidade em Cambridge era de quatro anos de residência. Como Arantes já tinha permanecido na instituição em 1970, precisou somente de outros três anos para a totalização de seu doutorado.

<sup>83</sup>**Sociological Aspects of Folheto's Literature in Northeast Brazil.**

<sup>84</sup>Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Tecnológico de São Paulo.

<sup>85</sup>Em novembro de 1984 assumiu a Secretaria de Cultura em Campinas onde permaneceu até dezembro de 1988 (Arantes: 1995).

Arquitetura, mas também da História e da Arqueologia. Nessa época organizou a coletânea **Produzindo o Passado** (Arantes: 1984) onde estavam presentes muitas dessas discussões.

Ao ser contratado pela Unicamp em 1969, Antônio Augusto Arantes recebeu do professor Fausto Castilho a incumbência de contratar antropólogos que se interessassem em se transferir por um longo período para a Unicamp e participar na formação de um mestrado em Antropologia. Inicialmente, Arantes procurou candidatos na França através de Lévi-Strauss e com Emmanuel Terray que se interessou pela proposta<sup>86</sup>. Não se concretizando essas possibilidades e com a sua ida para Cambridge, o autor começou a procurar no lugar intelectual onde realmente estava interessado em conseguir candidatos: a Antropologia Social inglesa.

*"...a minha incumbência era mais que contatar pessoas, era estruturar o núcleo de um departamento de antropologia, ou seja, pensar em programas da graduação, pensar em bibliografia... Com vinte e cinco anos nas costas, pensar em bibliografia para comprar livros para a biblioteca porque a biblioteca não tinha um volume se quer, um livro. Tinha que comprar os livros para começar, material didático, uns filmes, achar os professores, fazer os programas, gente que tivesse disposição não só de vir ao Brasil mas vir e ficar no Brasil, porque não adiantava alguém que aceitasse a viagem e ficasse um ano aqui porque naquela época não havia gente titulada e como a intenção era criar um mestrado, a pós-graduação, a curto prazo tinha que ter gente titulada." (Arantes: entrevista).*

Através de amigos e de seu orientador na Inglaterra, Arantes chegou até Peter Fry que mostrou interesse em construir sua carreira intelectual num país de língua portuguesa com a qual já tinha tido contatos em pesquisas anteriores em Portugal e em suas colônias africanas. Peter Fry tinha estudado em Cambridge, orientado no doutorado por Mary Douglas.

---

<sup>86</sup>Segundo o autor não havia um número de professores previamente determinado para contratação pela Unicamp. As duas contratações feitas por Arantes foram opções e escolhas exclusivamente suas. Arantes (entrevista) poderia ter contratado outras pessoas, inclusive na França onde esteve, mas optou por Peter Fry e Verena Martinez-Alier, segundo os seus próprios critérios: *"...eu queria uma pessoa daquele meio intelectual [Inglaterra], mais que um americano... [mais que um francês]"*.

Com a ajuda do Cônsul brasileiro em Londres, Ovídio Mello, contatado anteriormente por Fausto Castilho, Arantes encontrou-se com Verena Martinez-Alier<sup>87</sup> que tinha recém chegado de sua pesquisa em Cuba (1966-1968). Muito desconfiada devido à sua orientação teórica marxista e com grandes ressalvas em relação a um país onde vigorava uma ditadura militar, Verena Martinez-Alier<sup>88</sup> ficou indecisa. Após contatos menos formais com Antônio Augusto Arantes e a confirmação por parte dele de que teriam liberdade intelectual<sup>89</sup> e de pesquisa, ficou combinado que Verena Martinez-Alier defenderia sua tese de doutorado naquele mesmo ano e seguiria para o Brasil em seguida.

Em seu depoimento, Martinez-Alier afirmou que a intenção inicial era a de contratar Edmund Leach ou Peter Rivière que não se interessaram pela proposta em nenhum momento. Por outro lado, os perfis de Fry e Martinez-Alier eram significativamente diferentes embora ambos pertencessem a uma mesma tradição teórica na Antropologia. Ele, africanista e interessado pelos fenômenos religiosos, concentrava-se nos estudos de situação, drama e redes sociais. Verena Martinez-Alier, por outro lado, politizada e marxista, tinha feito pesquisas sobre família<sup>90</sup> e relações raciais em Cuba, com influência

---

<sup>87</sup>Verena Martinez-Alier foi indicada por Peter Riviere, seu orientador em Oxford (Arantes: entrevista). Sua tese *Racismo y Sexualidad en la Cuba Colonial* foi publicada em 1979 pela Alianza Editorial (Madrid).

<sup>88</sup>Juan Martinez-Alier, seu marido na época, um economista espanhol, tinha interesse na América Latina e contatos com o Peru onde pretendia fazer pesquisas com camponeses andinos. A própria Verena Martinez-Alier também se interessava pela América Latina pois fora criada na Argentina. A autora veio para o Brasil com a família, as duas filhas pequenas, o que causou uma certa apreensão por parte do professor Fausto Castilho levando-o à afirmação de que nunca mais contrataria uma mulher. Depois disso, segundo a própria Verena Martinez-Alier, contratou várias (Stolcke: depoimento).

<sup>89</sup>Segundo Arantes, Verena Martinez-Alier tinha experiência política e por isto sabia que seria difícil produzir intelectualmente num país onde não houvesse liberdade de expressão.

<sup>90</sup>A autora em seu depoimento conta que encontrou nos arquivos de Havana muito da discussão feminista que estava começando a aparecer naquela época na Inglaterra. Apesar de Heleyeth Saffioti ter sido uma precursora no Brasil com a publicação de *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade* em 1969 (Editora Quatro Artes, SP e mais tarde editado pela Vozes em 1976 e 1978, Petrópolis), essa polêmica de fato, só assume proporções significativas no Brasil em 1975, Ano Internacional da Mulher. Martinez-Alier (depoimento) afirma também que sua pesquisa era singular, inclusive, por ela não ter feito trabalho de campo, o que na Antropologia Social inglesa é considerado uma heresia.

de Evans-Pritchard e do estruturalismo revisado de Oxford (Martinez-Alier e Arantes: depoimentos).

Em julho de 1970, Arantes e Peter Fry viajaram ao Brasil e nesse mesmo mês, Verena Martinez-Alier defendeu sua tese de doutorado, seguindo para Campinas algumas semanas depois.

\*\*\*

Carlos Rodrigues Brandão é um dos mais típicos exemplares de antropólogos brasileiros. Foi um dos primeiros mestres formados pelos novos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social no Brasil e o primeiro dos antropólogos a fazer um Memorial<sup>91</sup> (1988).

Brandão excursionou por várias atividades: foi militante da Juventude Universitária Cristã/JUC, da Ação Popular/AP e do Movimento de Educação de Base/MEB, além de excursionista, alpinista, funcionário público, psicólogo, antropólogo e professor de pelo menos dez universidades no Brasil e exterior (Brandão: 1994). Na Antropologia interessou-se por diferentes temáticas que vão da cultura à natureza<sup>92</sup> como a própria problemática substantiva da disciplina. Começou como aluno na Filosofia da PUC-RJ em 1961, migrando no ano seguinte para o curso de Psicologia onde se graduou em licenciatura (1965) e em bacharelado (1969).

Paralelamente à graduação em Psicologia foi um militante incansável. Interessava-se por tudo que dizia respeito à realidade brasileira, ao marxismo, à produção do Instituto Superior de Estudos Brasileiros/ISEB e a cultura popular:

---

<sup>91</sup>E o único a ter feito dois Memórias: 1988 e 1994. O Memorial de 1988 caracterizou-se por ser minucioso, detalhista e poético. Está dividido em duas partes que falam sobre um mesmo tempo cronológico: **Memorial**, mais acadêmico e similar a um *Curriculum Vitae*; **Minhas Memórias**, mais pessoal e narrativo. A obrigatoriedade de se fazer um Memorial para ascensão a carreira docente, isto é, uma exposição de fatos e motivos da trajetória intelectual dos professores em diferentes momentos de suas vidas em que já possuem uma respeitável experiência de docência e pesquisa, tem garantido à história da ciência no Brasil, uma documentação inestimável às gerações intelectuais futuras.

<sup>92</sup>Projeto Homem, Saber e Natureza/HOSANA.

*"Tratava-se de resgatar com urgência 'a cultura legítima de nosso povo'; tratava-se de fazê-lo subir aos seus negados lugares de direito, o palco e o leme do drama e do barco da história. Para tanto era missão nossa torná-lo finalmente consciente 'de si mesmo, de seus valores' e, mais adiante, do seu lugar na condução das transformações sociais e da criação de uma nova sociedade."* (Brandão: 1988, p. 21).

Em 1964 ingressou no Movimento de Educação de Base e transformou-se desde então num profissional engajado. Essa experiência levou Brandão a sua primeira pesquisa de campo, conhecendo então segundo ele, a verdadeira realidade do povo brasileiro fora do circuito Rio-São Paulo: fez um estágio como educador popular em Garanhuns, Pernambuco.

Em 1966 casou-se com Maria Alice, goiana de Mossâmedes e também militante do MEB. Juntos sondaram possibilidades de se fazer um mestrado em Antropologia com Eduardo Galvão em Brasília ou com Roberto Cardoso de Oliveira no Museu Nacional. Estes contatos não frutificaram e nesse mesmo ano viajaram a Pátzcuaro, México, para um curso de alfabetização de adultos no Centro de Educação Fundamental para o Desenvolvimento da Comunidade na América Latina/CREFAL<sup>93</sup> com uma Bolsa de Estudos da Organização dos Estados Americanos/OEA onde permaneceram por oito meses. A influência teórica e política de Paulo Freire foi determinante em suas pesquisas sobre cultura e educação popular e no itinerário intelectual do autor.

Ao retornar ao Brasil, Brandão foi para Brasília onde tornou-se funcionário do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária/IBRA, ao mesmo tempo em que conseguiu o seu primeiro emprego como professor universitário na Faculdade de Educação da UNB (1967-1968). Pouco mais de um ano depois, já tinha concluído um mestrado em Psicologia da Comunicação no Departamento de Comunicação Social da UNB.

Em 1967 foi aprovado no concurso para a Faculdade de Filosofia<sup>94</sup> e para a Faculdade de Educação da UFGO, ao mesmo tempo em que ingressou como psicólogo e

---

<sup>93</sup>Instituto da UNESCO.

<sup>94</sup>Mais tarde Instituto de Ciências Humanas e Letras.

professor da Universidade Católica de Góias. Nesse período viajou por vários países da América Latina proferindo conferências e participando de discussões sobre educação popular, interesse do qual nunca se afastou inteiramente<sup>95</sup>.

Por sua participação ativa e política na UFGO, Brandão foi aconselhado por seu amigo e reitor a se afastar por um ano da cidade e da universidade. Sem perspectivas, o autor retornou ao Rio de Janeiro e ao curso de Psicologia quando conseguiu o diploma de Psicólogo.

*"Como explicar aos amigos que fugiam em busca de Paris ou Estocolmo, que o meu pequeno tempo de exílio forçado foi em minha própria terra de origem?"* (Brandão: 1988, p. 49).

Foi através da Psicologia e de seus estudos sobre cultura e personalidade, que Brandão teve os seus primeiros contatos com a Antropologia, particularmente, com a Antropologia Cultural norte-americana:

*"No primeiro semestre deste ano organizei com um grupo de alunos voluntários um Seminário de Estudos de Cultura e Personalidade, Éramos mais de vinte e nos reuníamos até em tardes de sábado. Eu consegui multiplicar, mimeografadas, páginas de Margareth Mead, de Abrahan Kardiner e de outros autores a meio caminho entre a Psicologia, a Psicanálise, a Sociologia e a Antropologia."* (Brandão: 1988, p. 56).

O seu interesse pela cultura popular, a partir de seu estágio no México, levaram-no a ler vários autores norte-americanos:

*"...tratava-se de partir das idéias dos movimentos de cultura popular e, especialmente, de Paulo Freire, e superá-las. Arrancar delas a lógica dualista, um culturalismo inveterado e algumas falhas visíveis na análise da ideologia e da consciência dos 'homens do povo'. (...) A partir de Paulo Freire e tão eclético quanto ele - quanto eu, ao tempo - o livro convoca a uma mesa de debate a Durkheim, Firth, Werner Jaeger, Abrahm Kardiner, Mill, Mannheim, Merton, mas também Lenine, Lukács, Fernando Henrique Cardoso, Cirigliano, Antônio Gramsci, Marta Harnecker e Peter Berger, ao lado de Sartre e Poulantzas."* (Brandão: 1988, p. 52-53)

---

<sup>95</sup> Mesmo depois de sua confessada decisão de se afastar definitivamente das pesquisas e discussões nessa área, Brandão continuou envolvido com a educação popular (Brandão: 1994).

No início dos anos 70 recusou um convite de Aroldo Rodrigues, seu antigo professor da PUC-RJ, para fazer um doutorado em Psicologia nos Estados Unidos e ingressar como professor nessa instituição. Como consequência de um segundo encontro com Roberto Cardoso de Oliveira em Brasília, decidiu pelo mestrado em Antropologia Social na UNB, fazendo parte de sua primeira turma<sup>96</sup>. Foi o primeiro a defender a dissertação de mestrado em 1974, orientado por Roberto Cardoso de Oliveira<sup>97</sup>. Foi a partir dessa experiência que Carlos Rodrigues Brandão começou a ter um contato mais estreito com a Antropologia Social inglesa:

*"Os estudos de Antropologia Social, do mestrado em diante, levaram-me ao conhecimento de uma leitura muito especializada na própria Antropologia. (...) Durante todo o tempo do curso de doutorado, leituras de e sobre o estruturalismo, por exemplo, importantes em alguns breves momentos de meu mestrado, deram lugar a estudos sobre as condições sociais da produção e reprodução de lógicas e símbolos. Não me interessava então, tanto, perguntar a cultura qual o seu sentido e como ela o diz, mas saber como e sob que condições sociais os homens, vistos como categorias de sujeitos, são culturalmente levados a viverem e pensarem; a politicamente ordenarem formas diferentes e diferenciais de vida social e a atribuírem a isto um sentido legitimador." (Brandão: 1988, p. 77-78).*

Carlos Rodrigues Brandão conheceu Duglas Teixeira Monteiro na SBPC em 1975 e foi convidado por ele a ingressar no doutorado em Sociologia da USP, o que fez em 1976 quando começou a estudar os sistemas religiosos. No ano anterior, quando preparava-se para ingressar na USP, soube da necessidade por parte da Unicamp em contratar mestres em Antropologia Social. Candidatou-se e nesse mesmo ano começou a lecionar em Campinas onde permanece até hoje.

---

<sup>96</sup>Quando foi colega de Mariza Peirano, Túlio Pérsio Maranhão, Maria das Graças do Pinho Tavares, Maria Lígia Moura Pires etc.

<sup>97</sup>Peões, Pretos e Congos: Relações de Trabalho e Identidade Étnica em Goiás.

Defendeu sua tese de doutorado em 1979<sup>98</sup> e desde então vem estudando as religiões populares. Com a saída de Luiz Mott da Unicamp para a Bahia em 1980, Brandão assumiu seus orientandos e criou um grupo de discussão sobre antropologia da saúde do qual participou Peter Worsley durante sua estadia em Campinas como professor-visitante.

Na primeira metade da década de 80, juntamente com Paulo Freire<sup>99</sup>, Vanilda Paiva, Luiz Antônio Cunha e Rubem Alves, Brandão foi convidado para integrar a recém-criada área de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicada à Educação. Foi o único antropólogo, entre vários sociólogos, a integrar o grupo que criou a área de **Agricultura e Campesinato** no doutorado em Ciências Sociais da Unicamp em 1985<sup>100</sup>.

Se podemos dizer que existe um fio condutor na carreira intelectual de Carlos Rodrigues Brandão, este fio é dado pela prática da pesquisa participante e pelo conceito de **popular** que atravessam todas as suas pesquisas, sejam elas sobre religião, educação, cultura ou campesinato.

\*\*\*

Enquanto professores e alunos resistiam à invasão e apedrejamento do prédio da FFCL e ao cerco da polícia que invadiu e interditou o prédio incendiado, uma jornalista da VEJA, Mariza Corrêa recolhia depoimentos e impressões dos acontecimentos do dia 03 de outubro de 1968 na Maria Antônia.

*"Só frequentei a Maria Antônia como repórter, para entrevistar líderes estudantis ou para cobrir a 'guerra dos estudantes' - modo pelo qual o Dops determinou que o assunto fosse tratado na imprensa - mas ainda que não a compreendesse inteiramente na época, não posso esquecer a expressão no rosto de Florestan Fernandes, dos últimos que encontrei no prédio em chamas, enquanto os bombeiros salvavam o que era possível dele." (Corrêa: 1995, p. 31, nota 3).*

---

<sup>98</sup>Os Deuses de Itapira - Um Estudo Sobre a Religião Popular, orientado por José de Souza Martins que substituiu Douglas Teixeira Monteiro após a sua morte. Tomou-se livre-docente em 1988.

<sup>99</sup>Que tinha retornado ao Brasil com a anistia em 1979.

<sup>100</sup>Na época cogitou-se da vinda para Campinas de Klaas Woortmann (Brandão: 1988).

Mariza Corrêa graduou-se em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRS no período de 1965 a 1968. Seus planos eram o de seguir a carreira de jornalista e mais tarde fazer uma pós-graduação na área. A crise econômica que se abateu sobre a revista VEJA no início de 1969 levou a repórter de volta ao Rio Grande do Sul e logo em seguida a Michigan, acompanhando seu marido, Plínio Dentzien inscrito no doutorado em Ciência Política em Ann Arbor. Em Michigan, onde permaneceu até 1972, Mariza Corrêa começou a se interessar pela problemática feminista que vinha sendo discutida naquele momento nos Estados Unidos. Em sua volta ao Brasil, veio para Campinas acompanhando o marido que foi convidado a lecionar na Unicamp. Corrêa, então, planejava fazer um mestrado em Literatura na USP com Antônio Cândido. No entanto, conheceu Peter Fry de quem se tornou amiga e foi seduzida pela Antropologia através de um clássico da disciplina presenteado por ele: **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande** de Evans-Pritchard<sup>101</sup>.

Mariza Corrêa integrou a terceira turma do mestrado em Antropologia Social, foi a primeira a defender sua dissertação<sup>102</sup> em 1975, sob orientação de Verena Martinez-Alier e no ano seguinte foi contratada como professora para o então conjunto de Antropologia Social do IFCH. Em 1978 iniciou o seu doutorado com Ruth Cardoso na área de Ciência Política da USP, defendendo a tese em 1982<sup>103</sup>. Seu interesse residia, a princípio, em refletir sobre *"...como um grupo de pessoas assume o poder de dirigir os corpos dos outros..."* numa perspectiva influenciada por Michael Foucault, já presente em seu trabalho de mestrado (Corrêa: entrevista). O projeto para o doutorado que apresentou na USP era ainda uma continuação de seu interesse na área de estudos de família gênero, transformado depois em artigo (Corrêa: 1982b). Ao analisar a trajetória intelectual de Nina Rodrigues, no entanto, começou a se interessar pela história da Antropologia no país.

---

<sup>101</sup>Entrevista com Mariza Corrêa em 09 de novembro de 1995, Unicamp.

<sup>102</sup>**Os Atos e os Autos: Representações Jurídicas de Papéis Sexuais.**

<sup>103</sup>**As Ilusões da Liberdade: A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil.**

*"Minha tese de doutorado foi um desdobramento do interesse despertado pelas teorias médico-judiciárias do final do século dezenove e início do século vinte a respeito da posição das mulheres na sociedade brasileira no decorrer da pesquisa para a dissertação de mestrado (Corrêa, 1983). Analisando a produção de médicos e juristas a respeito dessa questão, percebi a importância que um grupo de médicos - também responsáveis pela institucionalização da Medicina Legal no país - tivera para a constituição da antropologia como disciplina. Ao contrário da Sociologia, fortemente influenciada pelos estudos jurídicos, a Antropologia recebeu, até a década de quarenta, uma grande influência da Medicina - tendo sido médicos boa parte de seus praticantes no início do século e alguns de seus decanos até hoje."* (Corrêa: 1994, p. 2).

Uma das consequências mais produtivas da pesquisa de doutorado da professora Mariza Corrêa é que ela passou a coordenar<sup>104</sup>, na Unicamp, um projeto de pesquisa sobre a história da Antropologia no Brasil. Interessante neste projeto são os depoimentos gravados<sup>105</sup> dos personagens mais significativos de nossa história e que constituem um arquivo singular para as Ciências Sociais no país. Desde então os interesses de Mariza Corrêa tem seguido duas direções: os estudos de gênero e a história da Antropologia<sup>106</sup>.

## 5. Os Números:

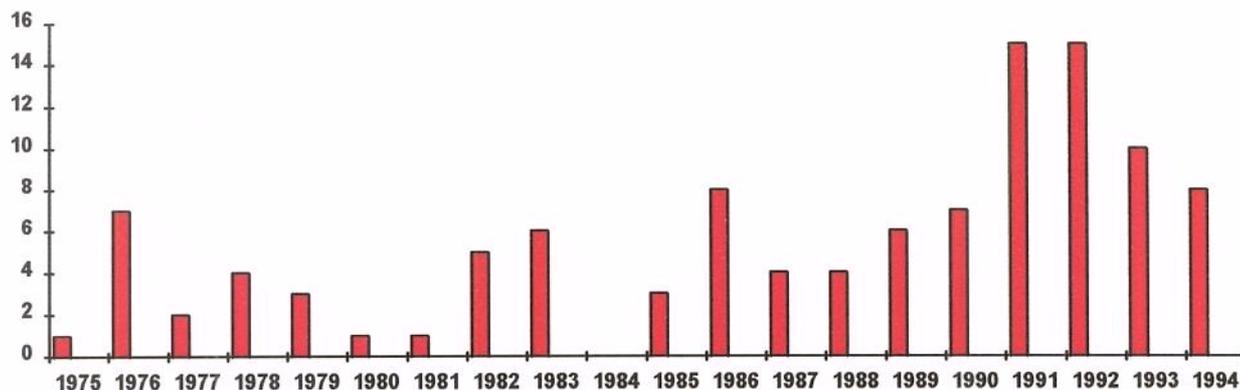
No total são cinquenta e cinco dissertações de mestrado em Antropologia Social nas duas décadas estudadas, como mostra o gráfico abaixo:

---

<sup>104</sup>"O impulso original do projeto foi de Maria Manuela Carneiro da Cunha e, já que a idéia era produzir um trabalho coletivo, vários professores da área de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp colaboraram de uma maneira ou de outra em variadas etapas de sua concretização (...) Foi quase por acaso, e devido mais às circunstâncias do que a um planejamento racional, que fiquei encarregada de pô-lo em prática, no âmbito de seminários ocorridos no primeiro e no segundo semestre do ano de 1984, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social." (Corrêa: 1987, p. 23, nota 1).

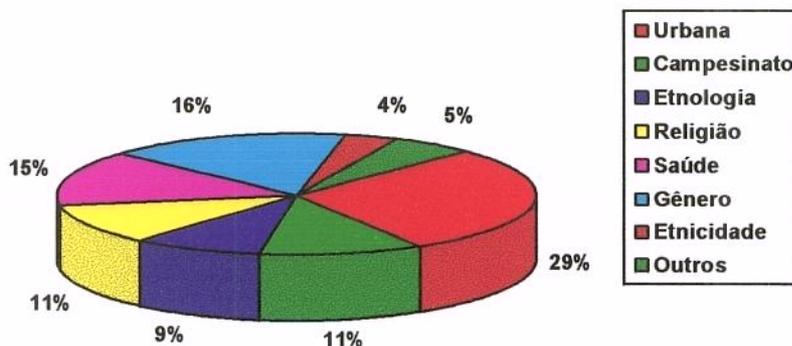
<sup>105</sup>E que deu origem também ao livro organizado pela autora (Corrêa: 1987): **História da Antropologia no Brasil (1930-1960) - Testemunhos: Emilio Willems e Donald Pierson**. Alguns desses depoimentos gravados em video foram utilizados como fonte nesta pesquisa. Ver também Corrêa (1995).

<sup>106</sup>Mariza Corrêa é coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero/PAGU da Unicamp e presidente da ABA (gestão 1996-1998).



Uma singularidade que deve ser notada e que percorre a grande maioria das pesquisas em Antropologia Social da Unicamp é a sua preocupação com a história e, conseqüentemente com a contextualização dos objetos de estudo escolhidos.

As temáticas desenvolvidas foram:



A etnologia, que de certa forma teve um espaço próprio e bem delimitado nos outros três PPGAS<sup>107</sup> no mesmo período, através da formação de um núcleo de professores que orientaram pesquisas sobre sociedades tribais, não foi decisivo no formato que assumiu a Antropologia Social em Campinas. No entanto, pelo passado recente da Unicamp também passaram alguns poucos etnólogos - Maria Manuela Carneiro da Cunha (1972-1984) e

Mércio Pereira Gomes (1977-1991) - que plantaram algumas sementes que vem frutificando no presente.

Essa situação começa a mudar nos anos 90, com a formação de uma nova geração intelectual de etnólogos formados em diferentes contextos: Márcio Silva e Vanessa Lea no Museu Nacional; Robin Wrigth em Stanford/EUA; John Monteiro em Chicago; e Nádia Farage na própria Unicamp. Este pequeno grupo vem se desenvolvendo rapidamente como demonstra a criação de uma nova área temática em etnologia no doutorado em Ciências Sociais em 1995 e a formação de um Centro de Etnologia Indígena no IFCH (1996).

O que caracterizou de fato a Antropologia Social feita na Unicamp foram os estudos de gênero e a antropologia da saúde, além da antropologia urbana e os seus temas ligados aos movimentos sociais da região.

O tempo de totalização dessas dissertações de mestrado está distribuído da seguinte forma até 1989<sup>108</sup>:

1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ 11 anos
1,81%	1,81%	5,45%	20,00%	29,09%	12,72%	10,90%	5,45%	3,63%	1,81%	7,27%

As dissertações defendidas nos anos 90 também somam cinquenta e cinco pesquisas, totalizando cento e dez dissertações desde a criação do mestrado em 1971 até o ano de 1994. Os professores que orientaram nos anos 90, foram: Carlos Rodrigues Brandão (9), Ana Maria de Niemeyer (7), Mariza Corrêa (6), Guita Grin Debert (5), Vanessa Lea (4), Alba Maria Zaluar (4), Antônio Augusto Arantes (3), Roberto Cardoso de Oliveira (3), José Luiz dos Santos (3), Guillermo Raul Ruben (2), Hugo Lovisoló (2), Robin Wright

---

<sup>108</sup>Essa situação se modifica nos anos 90.

(2), Maria Manuela Carneiro da Cunha (2), Renato Ortiz (1), Regina Aparecida Polo Muller (1) e Ana Maria Goldani (1).

Compuseram as bancas nos anos 90, os seguintes professores convidados: Eni Orlandi (3), Rubem Alves (2), Regina Aparecida Polo Muller (2), Ruth Corrêa Leite Cardoso (2), Paula Montero (2), Sérgio Micelli (2), Silvia Lara (2), Eduardo Viveiros de Castro (2), Sérgio Adorno (2), Anibal Eusébio Faundes Latham, Antônio Cândido, Celi Regina Jardim Pinto, Edgar De Decca, Gilson Schwartz, Ivan Santo Barbosa, José Jorge de Carvalho, Pierre Sanchis, Luiz Roberto Benedeti, Maria de Nazareth Braudel Wanderley, Renato Ortiz, Anita Liberalesso Neri, Daniel Hogan, João Pacheco de Oliveira, Kabengele Munanga, Luiz Roberto Cardoso de Oliveira, Marcos Pazzanete Lanna, Michael Hall, Paulo Argemiro Silva, Sergio Adorno, Yoshito Tanabe, José Mário Ortiz, Dominique Gallois, Lília Schwarcz, Marcia Regina da Costa, Maria Celia Pinheiro Machado Paoli, Maria Stella Martins Bresciani e Miriam Moreira Leite. Entre os professores da casa que participaram das bancas temos: Mariza Corrêa (15), Maria Suely Kofes (15), Carlos Rodrigues Brandão (14), Ana Maria de Niemeyer (13), Guita Grin Debert (12), Robin Wright (8), Vanessa Lea (7), Alba Maria Zaluar (6), Guillermo Raul Ruben (6), Roberto Cardoso de Oliveira (4), José Luiz dos Santos (4), Maria Manuela Carneiro da Cunha (3), Antônio Augusto Arantes (3), Hugo Lovisolo (2), Ana Maria Goldani (1), John Monteiro (1), Tereza Pires do Rio Caldeira (1), Márcio Ferreira da Silva (1), Mauro de Almeida (1) e Bela Feldman-Bianco (1).

A formação de um novo quadro temático nessa primeira metade dos anos 90 mostra que algumas áreas surgidas na década anterior começam a concluir pesquisas como, por exemplo, a temática sobre a história da antropologia e os estudos de ecologia. Outras áreas, no entanto, que no passado singularizaram o mestrado em Antropologia Social da Unicamp, e este é o caso da antropologia da saúde e dos estudos de gênero, tem diminuído quantitativamente a sua produção. Mas, esta é apenas uma tendência que pode ou não se fortalecer com o passar dos anos.

### **5.1. Antropologia Urbana:**

A antropologia urbana produzida pela Unicamp esteve nas duas últimas décadas acompanhando os movimentos sociais e populares na região, como comprovam a trajetória de Carlos Rodrigues Brandão e o depoimento de Verena Martinez-Alier. Nesse período, a temática foi marcada por pesquisas com grupos populares, seguindo a tendência do subcampo presente também na USP.

Das pesquisas na área de antropologia urbana, 18,75% foram defendidas na década de 70 e a grande maioria, 81,25% nos anos 80. As turmas que mais contribuíram com pesquisas nessa linha, foram as que ingressaram nos anos de 1976 (5), 1980 (3) e 1971 (2).

Quanto ao local de trabalho desses mestres em Antropologia Social, dez se tomaram docentes nas seguintes universidades: UFES/ES (3), UFSC/SP, UEL/PR, PUCAMP/SP, Unicamp/SP, UFCE/CE, PUC/SP e UFPA/PA. Uma dessas alunas egressas é atualmente coordenadora do SOS-Ação Mulher de Campinas; a outra aluna trabalha no Museu do Índio no Rio de Janeiro e dois deles são doutorandos na USP (2) e Unicamp. Um desses alunos trabalha em um projeto da SBPC em São Paulo.

Os orientadores das pesquisas sobre temáticas urbanas foram: Feter Fry (3), Carlos Rodrigues Brandão (3), Antônio Augusto Arantes (2), Alba Maria Zaluar (2), Bela Feldman-Bianco (2) e Rubem Cesar Fernandes (2), além de Verena Martinez-Alier e Guilherme Raul Ruben.

Nas composições de bancas, participaram como convidados: Heloisa Rodrigues Fernandes (DS-USP), Manoel Tosta Berlinck (IFCH/Unicamp), José Augusto Guilhon Albuquerque (USP), Maria da Glória Gohn (FE/Unicamp), Marilena Chauí (USP), Regina Aparecida Polo Muller (IA/Unicamp), Sidney Chalhoub (IFCH/Unicamp), André Maria Pompeu Villalobos (IFCH/Unicamp), Haqaira Osakabe (2)(IEL/Unicamp), Maria Machado Malta e Renato Ortiz (IFCH/Unicamp). Entre os professores da casa, os participantes foram: Carlos Rodrigues Brandão (7), Antônio Augusto Arantes (5), Alba Maria Zaluar (5),

Verena Martinez-Alier (3), Mariza Corrêa (3), Ana Maria de Niemeyer (3), Peter Fry (2), Rubem Cesar Fernandes (2), Guilherme Raul Ruben (2), Diana Brown (1), Maria Manuela Carneiro da Cunha (1), Bela Fendman-Bianco (1) e José Guilherme Cantor Magnani<sup>109</sup> (1).

A subtemática mais recorrente foi movimentos sociais (2), mas também foram problematizadas questões sobre criminalidade, justiça, violência, partidos políticos, classes médias na periferia, educação, música popular, cultura popular, organização social e educação. Os grupos escolhidos para pesquisa foram: artistas de favelas, comerciantes, programas de rádios, tribunal do júri, bairros populares, creches, escolinhas, favelas, circo-teatro, feira de artesanato, partidos políticos e movimentos de transportes.

Quanto ao referencial teórico, dez dessas pesquisas não se referem explicitamente às suas escolhas teóricas, sendo que as demais optaram por: estruturalismo (2), drama social, análise situacional, fenomenologia, pesquisa participante, teoria da comunicação e análise do discurso.

As técnicas utilizadas na coleta dos dados foram: observação participante (10), entrevistas (9), pesquisas em jornais (5), diário de campo (3), fotografias (3), questionários (2), histórias de vida (2), além de levantamentos estatísticos e pesquisas em documentos e arquivos.

Os financiamentos para as pesquisas vieram principalmente da FAPESP (7), CNPq (4) e CAPES (4), mas também foram citados o Fundo de Apoio à Pesquisa/FAP, Fundação Ford/ANPOCS, OIT, Funart, Finep, Sub-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFES e Bolsa de Incentivo Acadêmico da Unicamp.

As palavras-chave mais recorrentes foram: ideologia (8), política (7), identidade (6), representações (6), cotidiano (4), cultura popular (3), cultura de massa (3) e cultura (2).

Os tempos gastos nas pesquisas de campo foram:

---

<sup>109</sup>Na época, professor do IFCH/Unicamp.

10 dias	1
1 ano	3 <sup>110</sup>
1 ½ ano (+/-)	4 <sup>111</sup>
6 anos (intermitentes)	1
não refere	7

## 5.2. Gênero:

Tradicionalmente esta tem sido uma temática trabalhada somente por pesquisadoras mulheres. Portanto, não é de estranhar que isso ocorra também na Unicamp onde um grupo de antropólogas se engajou nos movimentos feministas de nosso tempo e foi responsável pela criação de um Núcleo de Estudos do Gênero - Pagu. A primeira dissertação a respeito de papéis sexuais<sup>112</sup> - de um conjunto considerável de pesquisas sobre o tema presentes hoje em diferentes instituições e diferentes disciplinas - foi defendida por Mariza Corrêa (001-Unicamp) em 1975 no mestrado em Antropologia Social. O mesmo aconteceu com uma das primeiras pesquisas sobre prostituição: a de Regina Maria Mazzariol (010-Unicamp) em 1977<sup>113</sup>.

<sup>110</sup>Duas dessas pesquisas referem o tempo da pesquisa de campo como intermitente.

<sup>111</sup>Três dessas pesquisas referem o tempo como intermitente e uma cita o tempo aproximado gasto com a pesquisa de campo.

<sup>112</sup>É interessante notar como cresceu e se transformou a trajetória da temática em torno da problemática do sexo na Antropologia brasileira. Nos anos 70, essas pesquisas foram tratadas como estudos sobre papéis sexuais. Mais para o final dos anos 70, no Museu Nacional, sob a orientação de Gilberto Velho e as influências teóricas de Howard Becker e Irving Goffmann, foram feitas pesquisas sobre desvios sociais que tratavam da prostituição e do homossexualismo como, por exemplo, a de Carmem Dora Guimarães (050-MN): *O Homossexual visto por Entendidos* (1977). Nos anos 80, juntamente com a proliferação dos movimentos sociais e um maior engajamento das mulheres em suas fileiras, apareceram nessas pesquisas uma perspectiva feminista e feminina e paralelamente começaram a surgir pesquisas sobre a prostituição masculina. A década de 90 inclui sob a denominação de estudos de gênero todos esses trabalhos que hoje contam com grupos de estudiosos de várias outras áreas.

<sup>113</sup>"*Mal Necessário*" - Ensaio Sobre o Confinamento da Prostituição na Cidade de Campinas.

Uma nova geração formada nos anos 80 e hoje com os seus doutorados em andamento, foi a consequência direta desse trabalho em conjunto que se iniciou com Verena Martinez-Alier, Peter Fry, Luiz Mott, Mariza Corrêa e Suely Kofes. Mas, se no início do PPGAS o grupo interessado em estudos sobre a sexualidade contava com pesquisadores homens, ele atualmente é totalmente formado por antropólogas mulheres.

Foram nove dissertações de mestrado na área de gênero até 1989, sendo quatro delas nos anos 70 e cinco na década de 80. Foi justamente a turma de 1973, turma a que pertenceu a professora Mariza Corrêa, a que mais contribuiu com pesquisas na área: 33%.

Com exceção de uma aluna que se tornou artesã e pintora em Porto Seguro, os demais alunos egressos seguiram a carreira docente nas seguintes instituições: Unicamp/SP (3), UFV/MG, UFRGS/RGS e UFPR/PR. Uma delas é doutoranda na *University College* em Londres, Inglaterra.

Os orientadores foram Peter Fry (4), Mariza Corrêa (2), Verena Martinez-Alier, Antônio Augusto Arantes e Bela Feldman-Bianco.

Os professores da casa que mais participaram na composição das bancas foram: Peter Fry (6), Mariza Corrêa (4), Verena Martinez-Alier (2) e Antônio Augusto Arantes (2), além de Maria Manuela Carneiro da Cunha, Paula Montero e Roberto Da Matta. Como convidado, quem mais participou foi a professora Elizabeth Souza Lobo Gouveia<sup>114</sup> (2). Os demais foram: Marília Andrade (Fundação Carlos Chagas), Eva Alterman Blay (USP), Maria Hermínia Tavares de Almeida (USP), Wainice Nogueira Galvão (USP), Everardo Duarte Nunes, Ruth Cardoso (USP), Luiz Orlandi (IFCH/Unicamp) e Maria Valéria Junho Pena (UFRJ).

As subtemáticas desenvolvidas na área foram: aborto, feminismo, mulheres de elite, processos jurídicos, homossexualismo, mulheres operárias, mulheres casadas, prostituição feminina e prostituição masculina. Os grupos escolhidos para pesquisa foram: donas de

---

<sup>114</sup>Socióloga da USP, falecida, foi importante no estímulo à criação do Núcleo de Estudos de Gênero/PAGU.

casa, gueto gay, zona de meretrício, mulheres universitárias, sindicalistas textéis, mulheres que abortaram, mulheres vítimas de violência, grupo de mulheres do SOS-Ação Mulher e o grupo de teatro *Dzi Croquette*.

Quanto aos referenciais teóricos utilizados, foram citados o drama social (2), a descrição densa (1) e o estruturalismo (1). As técnicas de pesquisa mais utilizadas: entrevistas (7), observação participante (5), histórias de vida (3) e fotografias (2), além de questionários e diário de campo.

As agências de fomento que investiram nestas pesquisas foram: FAPESP (2), Fundação Ford (2), Fundação Carlos Chagas (2), além da "Obra Ecumênica de Estudos de Bochum"<sup>115</sup> e da CAPES (demanda social e PICD).

As palavras-chave mais recorrentes foram: mulheres (6), identidade (5), ideologia (4), significados (4), simbolismo (4), estrutura (3) e prostituição (3).

Os locais mais pesquisados foram a cidade de Campinas (3) e a cidade de São Paulo (3), mas também Ponte Nova/MG, Lisboa/Portugal, São José do Rio Pardo/SP e Porto Alegre/RGS.

O tempo gasto nas pesquisas de campo ficou assim distribuído:

1 ano	2 <sup>116</sup>
2 a 3 anos	3 <sup>117</sup>
3 a 4 anos (intermitentes)	1
4 anos (intermitentes)	1
5 anos (intermitentes)	1
não refere	1

Os autores nacionais mais citados foram Verena Martinez-Alier (5), Peter Fry (5), Eunice Durham (5), Gilberto Velho (5), Mariza Corrêa (5), Roberto Da Matta (4), Heleieth

---

<sup>115</sup>Ou *Okumenisches Studienwerk de Bochum*, agência financiadora da República Federal da Alemanha.

<sup>116</sup>Uma dessas pesquisas refere que o tempo passado no campo foi intermitente.

<sup>117</sup>Uma dessas pesquisa refere que o tempo passado no campo foi intermitente.

Saffioti (4) etc. Entre os autores estrangeiros, os mais citados foram: Victor Turner (7), Michael Foucault (5) e Roland Barthes (5) entre outros.

### **5.3. Antropologia da Saúde:**

Luiz Mott foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento desta linha de pesquisa que conta oito dissertações de mestrado no período considerado. Metade desses alunos foram integrantes da turma do mestrado de 1976 e a maioria das dissertações foram defendidas nos anos 80.

Um desses alunos egressos é ginecologista na Clínica Lane em Campinas e um outro é pesquisador do Núcleo de Estudos Psicológicos/NEP da Unicamp. Os demais são docentes nas seguintes instituições: UFSC/SP (2), UFPE/PE, UFPR/PR e UNESP/Araraquara/SP.

Carlos Rodrigues Brandão (3) e Peter Fry (3), além de Maurício Tragtenberg e Maria Manuela Carneiro da Cunha foram seus orientadores.

Os professores convidados que compuseram as bancas foram Maurício Tragtenberg (2) (FE/Unicamp), Ana Maria Canesqui (FE/Unicamp), Fábio Antônio Herman (psicanalista), Carlos Vogt (IEL/Unicamp), Luiz Fernando Dias Duarte (Museu Nacional), Maria Stella Ferreira Levy (USP), Everardo Duarte Nunes, José Aristodemo Pinotti (FCM/Unicamp) e Maria Cecília Donnatelo. Os professores da casa que participaram das bancas foram: Carlos Rodrigues Brandão (3), Peter Fry (3), Mariza Corrêa (2), José Luiz dos Santos, Maria Manuela Carneiro da Cunha, Ana Maria de Niemeyer, Guita Grin Debert, Paula Montero<sup>118</sup> e Antônio Augusto Arantes.

As subtemáticas escolhidas referem-se à cura (2), medicina comunitária, medicina popular, saúde mental, psicanálise, sistema de saúde, previdência social, clínica e medicina alternativa. Os grupos escolhidos para a pesquisa de campo foram: benzedadeiras, medicina

---

<sup>118</sup>Na época Paula Montero era professora do IFCH/Unicamp.

ancestral, agências de saúde, pescadores, movimento psicanalítico e os programas materno-infantis.

Os referenciais teóricos restringiram-se à análise situacional, à descrição densa e ao *extend-case metod*, sendo que as demais dissertações não citaram explicitamente as opções teoricamente feitas. As técnicas mais utilizadas nas pesquisas foram a observação participante (7), as entrevistas (6), a prática do diário de campo (4), os questionários (2) e as pesquisas em arquivos (2), além dos depoimentos, mapas, histórias de vida e levantamentos estatísticos.

Quanto ao financiamento, eles vieram das seguintes agências de fomento à pesquisa: FAPESP (4), CAPES, CNPq e IPEA.

Recorrentemente, as palavras-chave foram: medicina (9)(oficial, erudita e popular), doença/saúde (5), estrutura (3) e ethos (3), além de organização social (2), cultura (2), capitalismo (2), cura (2), ideologia (2) etc.

Os locais escolhidos para a pesquisa de campo foram as cidades de Campinas/SP (3), Paulínia/SP, Iguape/SP, São Paulo/SP, Natividade de Goiás/GO e Itamarandiba no nordeste de Minas Gerais. Os tempos gastos em campo foram os seguintes:

1 semana	1
3 meses	1
9 meses	1
1 ano	1
1 ano e 7 meses	1
2 anos e 5 meses	1
não refere	2

Os autores estrangeiros mais citados foram: Evans-Pritchard (7), Lévi-Strauss (7), Max Gluckman (5), Malinowski (4), Victor Turner (5) e Michael Foucault (4). Os autores nacionais recorrentes foram: Pete Fry (5), Paul Singer (4), Sérgio Arouca (4) e Eunice Durham (3).

#### 5.4. Antropologia do Campesinato:

A antropologia do campesinato (6) foi uma temática que se distribuiu igualmente nas duas décadas pesquisadas e que teve como orientadores os professores fundadores basicamente.

Entre seus integrantes, hoje, três deles são docentes na UFMA/MA, sendo que um deles é também Deputado Federal. Os dois outros são professores na UFRS/RS e UFRN/RN.

Verena Martinez-Alier (2) foi quem mais orientou, além de Carlos Rodrigues Brandão, Luiz Mott, Peter Fry e Antônio Augusto Arantes.

Os convidados para compor as bancas foram Jorge Miglioli (2)(IFCH), Octavio Ianni (2)(PUC-SP), Ana Maria Beck, Maria Conceição D'Incao (IFCH/Unicamp), Maria de Nazareth Braudel Wanderley (IFCH/Unicamp), Ruth Cardoso (USP) e Silvia Maria Montreal. Os professores da casa que integraram as bancas foram: Verena Martinez-Alier (3), Guilherme Raul Ruben (2), Peter Fry, Antônio Augusto Arantes, Carlos Rodrigues Brandão e Luiz Mott.

As subtemáticas desenvolvidas pela antropologia do campesinato foram os trabalhadores volantes (2), a disputa pela terra, a produção do gado, os movimentos sociais, trabalho e reconstrução histórica. Os grupos escolhidos para pesquisa foram: bóias-frias, pequenos produtores, trabalhadores volantes, fazendeiros e pescadores.

Nenhuma dessas pesquisas refere explicitamente o referencial teórico em que se baseou. As técnicas de coleta dos dados foram a observação participante (5), entrevistas (4), histórias de vida, diário de campo e as fotografias.

A maioria (4) dessas dissertações não cita qualquer financiamento recebido. As demais receberam financiamento da CAPES/PICD e *Okumenisches Studienwerk de Bochum*.

As palavras-chave recorrentes foram: representações (4), trabalhadores rurais (3), cultura (2), conflitos (2), economia (2) e força de trabalho (2).

Os locais escolhidos para as pesquisas de campo foram: Cravinhos/SP (2), Parati/RJ, Itapira/SP, Rio Pardo/RGS e Santo Antônio do Salto da Onça no agreste potiguar, Rio Grande do Norte.

O período passado no campo pelos pesquisadores foram: três meses (1) e aproximadamente um ano (3). Duas das pesquisas não se referiu ao tempo passado em campo.

Quanto aos autores estrangeiros mais citados pelas dissertações, temos: Eric Wolf (2), Marshall Sahlins (2) e Mauricio Godelier (2). Entre os autores nacionais podemos citar: Octávio Ianni (5), Paul Singer (3), Verena Martinez-Alier (3), Eunice Durham (3) e Vinicius Caldeira Brandt (3).

### **5.5. Antropologia da Religião:**

A antropologia da religião (6) foi também uma temática orientada pelos fundadores e seus primeiros alunos. Essas pesquisas totalizaram seis dissertações, distribuídas em sua maioria (60%) na década de 80.

A totalidade desses alunos egressos tomaram-se docentes nas seguintes universidades: UFSE/SE, UFMG/MG, UFPR/PR, UFPA/PA e UNESP/SP.

Os orientadores foram Peter Fry (3), Antônio Augusto Arantes, Maria Manuela Carneiro da Cunha e Carlos Rodrigues Brandão.

Os professores da casa que participaram na composição das bancas foram: Peter Fry (5), Diana Brown (2), Antônio Augusto Arantes, Carlos Rodrigues Brandão, Maria Manuela Carneiro da Cunha, Ana Maria de Niemeyer e Bela Feldman-Bianco. Os professores convidados foram: Cândido Procópio Ferreira (2)(USP), João Baptista Borges Pereira (USP), Oswaldo Xidieh (UNESP/Marília), Lisias Nogueira Negrão (DS/USP) e Rubem Alves (FE/Unicamp).

As seguintes subtemáticas foram desenvolvidas: estudos afro-brasileiros (4), pentecostalismo (glossolalia) e catolicismo oficial/catolicismo popular. Os grupos escolhidos

foram: candomblé, cultos nagô, umbanda, federação umbandista, Igreja do Evangelho Quadrangular, renovação carismática e pentecostais.

Os referenciais teóricos utilizados foram a análise do discurso, análise situacional, rede de relações sociais e drama social. As técnicas aplicadas na coleta dos dados foram as entrevistas (6), observação participante (4), histórias de vida (2), questionários (2) e diário de campo (2).

Os financiamentos foram recebidos da FAPESP (2), CAPES/PICD (2), CAPES, CNPq, Fundação Ford/UNB e Conselho de Pesquisa da UFMG.

As palavras-chave mais usadas foram identidade (3), ritual (2), magia (2), relações sociais (2), umbandista (2), competição (2), classes populares (2), candomblé (2), partidos políticos (2) e negros (2).

Entre as cidades escolhidas para as pesquisas de campo, tivemos: Belém/PA, Marília/SP, Embu/SP, Laranjeiras/SE e Salvador/BA. Os tempos passados nas respectivas áreas estudadas foram:

3 meses	1
4 meses	1
10 meses	1
3 anos (intermitentes)	1
7 anos	1
não refere	1

Em relação à bibliografia utilizada, podemos citar os seguintes autores estrangeiros: Pierre Boudieu (4), Seth Leacock (4) e Lévi-Strauss (3) entre outros. Os autores nacionais: Peter Fry (6), Roger Bastide (4), Renato Ortiz (4), Ruth Landes (3), Yvonne Maggie (3), Eunice Durham (3), Carlos Rodrigues Brandão (3), Diana Brown (3), Edison Carneiro (3) etc.

## 5.6. Etnologia:

Apesar de pequena, a etnologia foi uma área temática que deu à Unicamp dois de seus atuais professores: Nádya Farage no Departamento de Antropologia Social do IFCH e Regina Pólo Muller, atual diretora do Instituto de Artes. Entre os demais alunos egressos da área, dois são doutorandos nas Ciências Sociais do IFCH/Unicamp e na Antropologia da USP e outros dois são professores da UFGO/GO e UNESP/Assis/SP.

De um total de cinco dissertações defendidas em etnologia, somente a primeira - de Regina Polo Muller - pode ser classificada no grupo que venho chamando de etnologia tradicional. As pesquisas restantes sobre as sociedades tribais enfatizam os contatos entre índios e a sociedade nacional e também a etnohistória.

Seus orientadores foram Maria Manuela Carneiro da Cunha (2), Mércio Pereira Gomes, Peter Fry e Rubem Cesar Fernandes. Os professores convidados para participar das bancas foram Eduardo Viveiros de Castro (Museu Nacional), Peter Silverwood-Cope (UNB) e Renate Brigitte Viertler (USP). Também participaram das bancas, os seguintes professores da casa: Maria Manuela Carneiro da Cunha (2), Robim Wright (2), Rubem Cesar Fernandes (2), Mércio Pereira Gomes (2), Carlos Rodrigues Brandão, Peter Fry, Mariza Corrêa e Guillermo Raul Ruben.

As subtemáticas desenvolvidas pelas pesquisas em etnologia foram: a história indígena (2), a arte, as sobrevivências culturais e os contatos interétnicos. Os grupos indígenas estudados foram: Xavante [Jê]<sup>119</sup>; Kaiowá [Guarani]<sup>120</sup>; Guarani [Guarani], Kayapó [Jê] e Karajá [Macro-Jê]<sup>121</sup>; Macuxi [Karib] e Wapixana [Aruak]<sup>122</sup>; Macuxi [Karib]<sup>123</sup>.

---

<sup>119</sup>Aldeia de Sangradouro e aldeia de São Marcos; aldeia de Areões e aldeia de Rio das Mortes (próximas a cidade de Xavantina); aldeia de Culuene e aldeia de Couto Magalhães/Mato Grosso.

<sup>120</sup>Posto Indígena de Panambi, Município de Dourados/MT.

<sup>121</sup>Aldeias Guarani da região Grande Dourados/MT, especialmente o grupo Nandeva da Reserva de Pirajúy; Porto Nacional/GO (norte), atualmente Tocantins/TO; Conceição do Araguaia/PA (sul); Convento Dominicano em Perdizes/SP.

<sup>122</sup>Área nordeste de Roraima, fronteira com a República da Guiana/RO.

Os referenciais teóricos citados foram a análise estrutural, etnociência, semiologia e a gramática transformacional. As técnicas aplicadas foram: a ilustração dos ornamentos, a observação, fotografias, entrevistas, pesquisas em arquivos e bibliotecas.

Os financiamentos vieram das seguintes agências de fomento a pesquisa: FAPESP (4), CNPq (2), CAPES, CEDI, Fundação Ford, Ministério da Reforma Agrária e Diocese de Roraima.

As palavras-chave recorrentes foram: identidade (3), contatos (3), política indigenista (3), ideologia (2), significados (2), missões (2), organização social (2) e índios (2).

O tempo gasto em campo pelos pesquisadores foi de seis meses e um ano, ambos intermitentes. As demais (3) dissertações não se referiram explicitamente ao tempo da pesquisa empírica.

Quanto à bibliografia, os autores estrangeiros mais referidos foram: Marshall Sahlins (3), Helène Clastres (3), Victor Turner (2) e Simone Dreyfus (2). Entre os autores nacionais, Curt Nimuendaju (4) foi o mais citado seguido por Roberto Cardoso de Oliveira (3), Roberto Da Matta (3), Herbert Baldus (3) e Darcy Ribeiro (3).

### **5.7. Etnicidade:**

Somente duas pesquisas foram feitas na Antropologia da Unicamp dentro desta linha temática: a 006-Unicamp e a 034-Unicamp, respectivamente professoras dos Departamentos de Antropologia Social da Unicamp e da USP atualmente. Ambas escolheram como subtemática a relação entre negros e brancos, sendo que a segunda, caracterizou-se por ser uma pesquisa histórica (1870-1900) em jornais e arquivos. A primeira foi feita na Vila 31 de Março em Campinas com entrevistas e observação participante por dez meses consecutivos.

---

<sup>123</sup>Cabeceiras do rio Branco e rio Rupununi (território partilhado entre Brasil e Guiana); nordeste de Roraima; os campos ao sul, ao norte uma área de serras coberta de florestas/RO.

A dissertação 034-Unicamp foi orientada por Antônio Augusto Arantes e a 006-Unicamp por Verena Martinez-Alier. Participaram das bancas como convidados Octavio Ianni (PUC-SP) e Robert Slenes (IFCH/Unicamp), além dos seguintes professores da casa: Peter Fry, Maria Manuela Carneiro da Cunha e os respectivos orientadores.

A FAPESP financiou ambas as dissertações e a CAPES também contribuiu com a dissertação 034-Unicamp.

O único autor estrangeiro recorrente às duas dissertações foi Edmund Leach. Os autores nacionais citados por ambas as pesquisas foram Florestan Fernandes, Carlos Rodrigues Brandão, Eunice Durham, Octávio Ianni, Roger Bastide e Roberto Da Matta.

### **5.8. Outros:**

Somente três dissertações num total de cinquenta e cinco, não foram possíveis de classificação nas temáticas citadas anteriormente. São elas: família (Unicamp-007), teorias antropológicas (Unicamp-043) e literatura (Unicamp-020). Seus orientadores foram Verena Martinez-Alier, Antônio Augusto Arantes e Roberto Cardoso de Oliveira respectivamente. Os integrantes das bancas, além dos orientadores, foram: Guilherme Raul Rubem e Carlos Rodrigues Brandão. Os convidados foram Marlyse Meyer (IA/Unicamp), Eduardo Viveiros de Castro (Museu Nacional) e Peter Eisenberger (IFCH/Unicamp).

As subtemáticas desenvolvidas e os seus respectivos recortes foram: família extensa, literatura popular e a Antropologia inglesa.

Entre os referenciais teóricos podemos citar o estruturalismo (2), o romantismo alemão, a hermenêutica e o interpretativismo. A única técnica citada foi a história de vida. A FAPESP financiou duas destas pesquisas e o CNPq uma delas. A terceira não se referiu explicitamente aos financiamentos recebidos.

Essas três dissertações utilizaram-se de palavras-chave recorrentes que foram: ideologia (3), estrutura (2), identidade (2), casamento (2) e tradição (2).

Foram os seguintes os locais escolhidos para as pesquisas de campo: o norte da ilha de São Luiz do Maranhão e em Ribeirão Preto/SP. À terceira dissertação não se aplica essa classificação pela especificidade de ser uma pesquisa bibliográfica e não empírica. Nenhuma delas se referiu explicitamente ao tempo gasto na pesquisa de campo.

A recorrência dos autores estrangeiros também foi constatada: Lévi-Strauss (2) e Malinowski (2). Entre os autores nacionais somente houve concordância em relação a Eunice Durham (2). Os demais autores citados, entre outros, foram: Antônio Candido, Ecléa Bosí, Carlos Rodrigues Brandão, Marilena Chauí, Roberto Cardoso de Oliveira, Verena Martinez-Alier, Gilberto Freyre, Roberto Da Matta, José de Souza Martins.

## VII- CONCLUSÃO:

### 1. Introdução:

Uma das características da pós-graduação, anteriormente ao período estudado, era que a formação de pesquisadores de alto nível dependia mais de esforços individuais do que institucionais. Conseqüentemente, as trocas de experiências internas entre os grupos eram esporádicas e os contatos com o exterior, praticamente inexistiam. O período do pós-guerra e o novo formato que assumiu a economia internacional, contribuíram para que, no Brasil, se criassem as condições para o desenvolvimento da pós-graduação no período posterior: criação das universidades federais, católicas, institutos de pesquisas, associações profissionais, CNPq, CAPES e o aumento da população universitária.

A *era da pós-graduação* inaugurou uma fase de formação profissional no sentido de capacitação institucional - financeira, orientação sistemática, cursos, bibliotecas etc - que qualitativamente transformou o caráter da pesquisa científica no país<sup>1</sup>. Do autodidatismo do período anterior, passou-se a uma fase de iniciativas institucionais e, por este motivo, o meu recorte foi exclusivamente institucional.

A Antropologia, anteriormente à institucionalização dos Programas de Pós-Graduação, estava restrita a pequenos grupos como o do Museu Nacional no Rio de Janeiro, da USP e da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. No caso paulista, a Antropologia caminhava conjuntamente com as orientações presentes na Sociologia, que servia de referência para as demais Ciências Sociais, no que se convencionou chamar de

---

<sup>1</sup>Ao contrário do que aconteceu no mesmo período em países da América Latina como, por exemplo, México e Argentina, onde a tradição de uma graduação em Antropologia contrasta com a incipiência dos estudos pós-graduados. Ver especialmente Ratier & Stagnaro (1996) e Rabiela (1996) que compararam as suas respectivas tradições numa Mesa Redonda organizada para a XX Reunião da ABA neste ano (1996) em Salvador, Bahia.

"Escola de Sociologia Paulista"<sup>2</sup> pela própria especificidade histórica de criação da Universidade de São Paulo e do grupo de intelectuais franceses que contribuíram para esta formação. A tradição funcional-culturalista, na época, fez com que a vertente antropológica de Florestan Fernandes<sup>3</sup>, por exemplo, fosse deixada de lado pelos estudiosos das Ciências Sociais, valorizando-se mais as pesquisas sociológicas do autor.

Alguns intelectuais formados nesta tradição e que escolheram as Ciências Sociais como profissão, transferiram-se para o Rio de Janeiro na década de 50/60 - como Roberto Cardoso de Oliveira na Antropologia, que foi para o Museu Nacional - e levaram consigo uma concepção de Ciência Social aprendida e praticada em São Paulo com os mestres franceses. Os anos 60 - momento fundamental e de transição quanto às definições metodológicas que iriam se consolidar no período seguinte - foi um período em que o estruturalismo francês começou a se projetar nas Ciências Sociais, particularmente na Antropologia e, através desta disciplina, começou a influenciar o pensamento social brasileiro.

Um outro espaço da Antropologia carioca foi aquele formado pela cadeira de Antropologia e Etnologia da Faculdade Nacional de Filosofia, composta, principalmente, pelo grupo ligado a Arthur Ramos, que foi influenciado por autores norte-americanos como Melville Herskovits<sup>4</sup>. É interessante perceber como a corrente do pensamento

---

<sup>2</sup>Segundo Egon Schaden: *"Nunca chegou a esboçar-se, felizmente, na Universidade de São Paulo, algo que pudesse denominar-se 'escola antropológica paulista'. Por sorte, os interesses foram sempre variados, com tendência crescente para estudos interdisciplinares. Desde cedo se acentuou, entretanto, a perspectiva sociológica, por influência, principalmente, de Claude Lévi-Strauss, que, vindo em 1935, era oficialmente professor de sociologia. Não tardou a ser fascinado pelos temas antropológicos, para os quais acabou convergindo quase todo o seu ensino. Por esse e outros antecedentes, continua a antropologia em São Paulo como conjunto de disciplinas vinculadas predominantemente, pelo menos de forma indireta, a estudos sociais e políticos."* (1984, p. 254).

<sup>3</sup>Ver Peirano (1981).

<sup>4</sup>Veja sobre este assunto o livro de Paulo Roberto Azeredo (1986).

antropológico que privilegiava o conceito de cultura<sup>5</sup> e o desenvolvimento isolado dos grupos sociais, praticamente hegemônica até esse período, quase desapareceu na década seguinte. Refiro-me ao culturalismo norte-americano que teve em Darcy Ribeiro um de seus mais eminentes representantes.

Com a reforma do ensino e a implantação dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social, na segunda metade dos anos 60, a disciplina conquistou um espaço temático e uma identidade fortemente delimitada por um estilo antropológico de fazer pesquisa<sup>6</sup> e, mais particularmente, pela supervalorização da observação participante por si só, que seguiu a tradição antropológica de Malinowski e Boas.

*"Há algo curioso na antropologia: ao mesmo tempo em que se vangloria de ter uma das tradições mais sólidas entre as ciências sociais - na qual se reconhecem cronologicamente os mesmos autores 'clássicos' quer se esteja no Brasil, nos Estados Unidos, na Índia ou na Inglaterra -, a disciplina abriga estilos bastante diferenciados, na medida em que fatores como contexto de pesquisa, orientação teórica, momento sócio-histórico e até personalidade do pesquisador e **ethos** dos pesquisados influenciam o resultado obtido. Essa característica, ao mesmo tempo que pode ser apropriada positivamente como um dos aspectos mais ricos e complexos da disciplina, por outro lado oferece o perigo de, não respeitado o equilíbrio sutil entre teoria e pesquisa, resvalar para uma situação na qual existam tantas antropologias quanto antropólogos."* (Peirano: 1992, p. 31).

---

<sup>5</sup>Ver Cardoso de Oliveira (1986) sobre o desenvolvimento da Antropologia, seus principais personagens e conceitos mais utilizados, na primeira metade deste século. Ver também o texto de Corrêa (1987).

<sup>6</sup>Muitas vezes este estilo de fazer pesquisa tem sido criticado por alguns cientistas sociais. Como exemplo temos a Mesa Redonda **Teoria e Método e as Ciências Sociais Brasileiras na Atualidade** realizada na XIV Encontro Anual da ANPOCS, em outubro de 1990, Caxambu/MG. Participaram do evento Mariza Peirano, Luiz Felipe de Alencastro, Simon Schwartzman, Fábio Wanderley Reis (expositores) e Vilmar Faria (debatedor). A polêmica iniciada entre Reis (Ciência Política) e Peirano (Antropologia Social) foi novamente retomada no XVIII Encontro Anual da ANPOCS no Fórum **O Ensino das Ciências Sociais em Questão: O Caso da Antropologia**. Ver textos de Peirano (1991), Alencastro (1991), Schwartzman (1991) e Reis (1991).

<sup>7</sup>Este não é, de modo geral, o caso da Antropologia Social feita no Brasil, ao contrário do que parece acontecer com o chamado movimento pós-moderno nos Estados Unidos (Reynoso: 1991).

A criação da pós-graduação não teve como base um ensino de graduação consolidado<sup>8</sup> e com claros objetivos profissionais, mas sim uma produção de pesquisas relativamente sedimentada, principalmente nos museus. Contudo, justamente pelo espaço que nossos autores souberam inteligentemente ocupar, o primeiro Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social nasceu forte e com conceito "A" (Woortmann: 1993), criando terreno para a formação de outros PPGAS e de uma graduação em Ciências Sociais mais competente nos dias atuais mas ainda inconsistente em termos profissionais<sup>9</sup>.

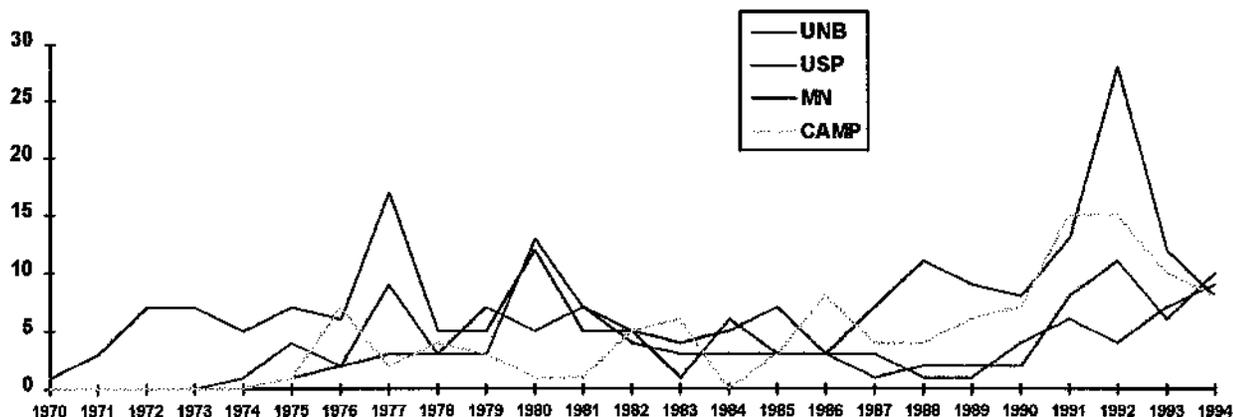
A década de 70 foi um momento de consolidação dessa busca de fazer pesquisa antropológica no Brasil que caminhou paralelamente a uma conjuntura de repressão política e de desenvolvimento econômico no país.

---

<sup>8</sup>Como, por exemplo, a História e a Geografia que nasceram na graduação não com o objetivo de pesquisa, mas de atuação de seus profissionais no ensino médio: *"No Brasil, as ciências sociais são marcadas pela exiguidade de seu campo de atuação e a debilidade de seus vínculos com o sistema universitário. As ciências sociais mais tradicionais - a história e a geografia - se expandiram a partir dos anos 40 para atender ao magistério de nível médio, dentro de uma tradição francesa que não conseguiu se renovar antes de sucumbir à deterioração dramática que sofreu o ensino secundário no país (...). As ciências sociais em sentido mais estrito se desenvolveram ao redor de pequenos grupos ou personalidades, para as quais o campo educacional e universitário, e a função educativa, nunca foi o mais importante, ou o mais significativo."* (Schwartzman: 1991, p. 55).

<sup>9</sup>O que acontece até os dias atuais. Ver Schwartzman (1991) sobre a necessidade da definição profissional do cientista social brasileiro através da conquista de um espaço social: *"...proporcionar a este meio milhão de estudantes uma educação minimamente adequada seria o grande desafio para as ciências sociais brasileiras. Para que este desafio seja enfrentado, não basta que os professores e pesquisadores dos cursos de pós-graduação se disponham a ensinar nos cursos de graduação, como já ocorre em algumas de nossas universidades; é necessário ir muito mais além, a começar pelo questionamento da noção cômoda, mas equivocada, de que o conteúdo a ser ensinado nos cursos de graduação deve decorrer naturalmente dos interesses e preocupações dos pesquisadores e professores dos mestrados e doutorados (...). A realidade é que as ciências humanas e sociais predominam em todos os sistemas de ensino superior em qualquer parte do mundo, entre outras razões pelo fato de que o número de atividades profissionais que requerem uso adequado da língua e conhecimentos gerais sobre a sociedade e o mundo contemporâneo é muito maior do que o das que requerem conhecimentos especializados e técnicos. Se os cientistas sociais não atenderem esse público, ninguém o fará."* (p. 57) e o autor, ainda afirma a necessidade de aplicação, direcionando os seus cursos para os interesses das áreas mais técnicas: *"Seria ingênuo acreditar que essa incorporação da missão universitária às ciências sociais possa ser fácil. Existem obstáculos de todo tipo, que incluem as limitações de formação dos cientistas sociais, o preconceito contra as áreas mais aplicadas e a própria resistência de outras disciplinas a uma tentativa de seu terreno por sociólogos, antropólogos e cientistas políticos. Não são, no entanto, obstáculos insuperáveis."* (p. 58).

## DISSERTAÇÕES DE MESTRADO NO MN, USP, UNICAMP E UNB (DÉCADAS DE 70/80/90)(ATÉ 94)



As pesquisas na área das Ciências Sociais que até então vinham sendo feitas, direcionaram o pensamento antropológico. Por exemplo, a influência da tradição da Antropologia britânica na década de 70 na UNB, Museu Nacional e Unicamp contrastou radicalmente com a linha "sociologizante" presente nas pesquisas antropológicas do mesmo período na USP<sup>10</sup>, dando a impressão, através da leitura de suas dissertações, de que a Antropologia chegou "tardiamente" à Universidade de São Paulo. No entanto, no Museu Nacional as experimentações no estilo literário das etnografias, já estão presentes nos textos à partir da metade dos anos 70.

Portanto, apesar de inseridos dentro de um mesmo contexto nacional, os grupos de antropólogos formados e formadores dos PPGAS se constituíram e se desenvolveram de acordo com a singularidade específica à cada instituição.

A particularidade da institucionalização da Antropologia no Museu Nacional - formadora do grupo de etnólogos nos cursos de especialização no início dos anos 60 - influenciou o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na UNB pela

<sup>10</sup> Mesmo a temática etnologia na década de 70 na USP - que é caracterizadora da disciplina no país -, totalizou somente duas dissertações das pesquisas institucionalmente consideradas como Antropologia Social.

transferência de parte deste grupo para Brasília. A grande maioria das pesquisas sobre sociedades tribais na década de 70 foram desenvolvidas no PPGAS em Brasília.

A Unicamp, que foi criada no interior paulista, iniciou o seu mestrado com dois antropólogos formados na tradição inglesa, Verena Martinez-Alier e Peter Fry, além de Antônio Augusto Arantes que, apesar de ter concluído o seu mestrado na USP em 1970, fez o seu doutorado em Cambridge na Inglaterra, sendo o responsável pela contratação de antropólogos com formação na Inglaterra. Podemos dizer, então, que a Antropologia na Unicamp nasceu ligada à tradição inglesa do pensamento antropológico.

De um modo geral, e devido a estas especificidades históricas, na UNB, Museu Nacional e Unicamp, ao contrário do que acontecia no mesmo período na USP, as pesquisas foram mais empiristas nos anos 70 e os autores mais citados foram os ingleses. O estruturalismo esteve também presente em todo esse período nas quatro instituições e, muitas vezes, ao lado do marxismo que apareceu como uma influência frequente nas pesquisas, contribuindo por reforçar o pensamento europeu na Antropologia brasileira.

O estruturalismo francês que chegou ao pensamento social brasileiro no período anterior, se fortaleceu na Antropologia com algumas correntes formalistas<sup>11</sup> como a etnocência e o *decision-making*<sup>12</sup>, além das concepções de drama social, ritos de passagem, representações sociais<sup>13</sup> que foram conceitos da Antropologia inglesa recorrentes nas pesquisas do período. Claude Lévi-Strauss foi o autor praticamente obrigatório em todas as dissertações com a exceção dos estudos sobre o campesinato que foram mais influenciados pela tradição marxista através dos autores russos - Chayanov, Galeski e Tepich - e franceses - Althusser, Gramsci, Godelier, Balandier etc. Moacir

---

<sup>11</sup>Ver Woortmann (1993).

<sup>12</sup>Principalmente no PPGAS/UNB, quando estas correntes do pensamento antropológico foram introduzidas por Kenneth Tylor no início dos anos 70.

<sup>13</sup>Principalmente na Unicamp.

Palmeira e Otávio Velho foram os orientadores centrais neste campo até o início da década seguinte.

A Antropologia feita na cidade se consolidou e as temáticas sobre a sociedade nacional ganharam importância e assumiram a liderança entre as pesquisas antropológicas no Brasil. No Rio de Janeiro a antropologia urbana se desenvolveu em torno da problemática das classes médias e dos "desvios sociais" como o homossexualismo, a prostituição, os estilos de vida, as visões de mundo etc. As orientações de Gilberto Velho foram fundamentais neste processo. Os autores americanos - Margareth Mead, Howard Becker, Irving Goffman por exemplo - foram citados quase que somente através das orientações feitas por Gilberto Velho e Roberto Da Matta. Foi também por meio dos orientandos de Da Matta, por exemplo, que Clifford Geertz e uma nova vertente do pensamento norte-americano foi introduzida no Museu Nacional já naquela época<sup>14</sup>. As dissertações orientadas por Da Matta também se utilizaram de autores franceses como Maurice Godelier, George Balandier, Michael Foucault e Lévi-Strauss.

Em São Paulo, os movimentos sociais urbanos foram privilegiados pelas análises da antropologia urbana, fundamentalmente através das orientações de Ruth Cardoso e Eunice Durham. Reflexo do lugar em que se encontravam as autoras, as pesquisas foram fortemente influenciadas pela problemática política o que definiu a direção tomada pela antropologia urbana no país e aproximou ainda mais a Antropologia em São Paulo, da perspectiva sociológica predominante nas Ciências Sociais da USP.

Os estudos etnológicos na instituição, no entanto, devem ser analisados como um conjunto de pesquisas à parte. Seguindo uma tradição fundamentalmente antropológica e de acordo com as etnografias clássicas da disciplina, as dissertações sobre sociedades tribais

---

<sup>14</sup>Lembro que a primeira publicação de *O Ofício de Etnólogo ou como ter "Anthropological Blues"* foi de setembro de 1974 nas *Comunicações do PPGAS*. Neste texto, Da Matta discute a problemática da Antropologia com uma clara influência do livro *A Interpretação das Culturas* de Clifford Geertz publicado no ano anterior nos Estados Unidos.

não foram quantitativamente representativas no período, somando apenas 13,33% da produção no PPGAS oficial da USP<sup>15</sup>.

Em Brasília, o tema central foram os estudos de grupos tribais, também fortemente influenciados pelo contexto político daquele momento e pela proximidade da Antropologia da UNB com o governo central<sup>16</sup>, além da tradição de estudo das populações indígenas levado pelo grupo fundador do PPGAS. Foi um momento de grandes definições em relação à política indigenista no país com a demarcação das terras indígenas, a criação do Parque Nacional do Xingu e a entrada em cena do índio como personagem e produtor de suas reivindicações através da criação de suas próprias entidades<sup>17</sup>. Também os movimentos populares se organizaram e criaram entidades de apoio aos grupos indígenas como, por exemplo, a Associação Nacional de Apoio aos Índios/ANAI e a Pastoral do Índio.

Na Unicamp, os estudos dos moradores da periferia, aliado ao interesse mais geral pela história e pelos estudos sobre a situação da mulher de Verena Martinez-Alier, além da tradição inglesa dos primeiros professores - mais tarde reforçada pela contratação de José Luiz dos Santos, Maria Manuela Carneiro da Cunha e Luiz Mott -, direcionaram as temáticas escolhidas pela Antropologia em Campinas. É significativo para a posição que os estudos de gênero ocupam hoje na história da Antropologia em Campinas, que a primeira dissertação defendida na Unicamp possa ser incluída entre estas pesquisas<sup>18</sup>. Ao contrário

---

<sup>15</sup>No mesmo período, as dissertações em Arqueologia foram de 53,33% do total.

<sup>16</sup>Até hoje esta proximidade se reflete na quantidade de mestres em Antropologia Social que ocupam funções públicas em órgãos governamentais como a FUNAI, a Procuradoria da República, o CNPq e, recentemente, o Hospital Sarah Kubitcheck. A perspectiva antropológica está presente tanto na contratação de antropólogos formados na UNB pela matriz no Distrito Federal, quanto em suas filiais em Salvador/BA e São Luiz/MA.

<sup>17</sup>União Nacional Indígena/UNI.

<sup>18</sup>*Minha intenção original ao pensar este trabalho era investigar de que elementos se compõem as idéias sobre a mulher em nossa sociedade. Das notícias sobre o debate ocorrido no julgamento do marido e assassinato de Jô de Souza Lima, em Belo Horizonte, surgiu o projeto de observar a discussão dessas idéias através de processos jurídicos.* (Unicamp-001, p. iv).

das outras instituições estudadas, e de um modo geral, as escolhas temáticas das dissertações da Unicamp nos anos 70 não seguiram uma mesma direção. A pluralidade de temas foi a característica desses primeiros momentos que incluiu a antropologia urbana, a antropologia do campesinato, a antropologia da religião, as relações raciais, a etnologia, a família, a antropologia da saúde e os estudos de gênero. A ênfase nesta última temática já estava presente naquele momento<sup>19</sup>. A contratação, um pouco mais tarde, de Mariza Corrêa reforçou ainda mais esta tendência. Na Unicamp, as pesquisas na linha da antropologia do campesinato seguiram na direção tomada por Otávio Velho no Museu Nacional nos anos 80, no que foram influenciadas pelas orientações teóricas seguidas por Verena Stolcke, Antônio Augusto Arantes e Carlos Rodrigues Brandão:

*"...reconhecidas as grandes diferenças de objeto e método, a Antropologia de Velho emerge do mesmo processo que a de Roberto Da Matta, Lygia Sigaud e, mais recentemente, a do grupo de Campinas como um todo." (Suárez: 1984, p. 308).*

Neste contexto, o papel assumido pelas agências internacionais como a Fundação Ford e a Fundação Fulbright, e instituições nacionais de fomento à pesquisa como o CNPq, CAPES, FINEP, FAPESP foram imprescindíveis ao desenvolvimento da pesquisa antropológica nesse primeiro momento de implantação dos primeiros PPGAS. CAPES e CNPq assumiram a liderança no apoio às dissertações em Antropologia Social, seguido pela Fundação Ford e FAPESP, o que transformou a tendência apontada por Forjaz (1989) no período anterior à *era da pós-graduação*, de uma concepção diferenciada em relação às Ciências Sociais enquanto um campo produtor de pesquisa científica no país quando comparado às Ciências Exatas e Biológicas por parte desses órgãos.

Foi uma época rica para a nossa disciplina em termos da quantidade do que se produziu na pós-graduação e em relação à pluralidade das escolhas temáticas. Rompeu-se definitivamente nesse período, com uma concepção da disciplina exclusivamente ligada

---

<sup>19</sup>Foram 23,52% de dissertações concluídas na temática gênero contra 17,64% em antropologia do campesinato e antropologia urbana. Houve também, 11,76% de pesquisas nas temáticas antropologia da religião e antropologia da saúde no mesmo período.

aos estudos étnicos. Os antropólogos brasileiros se profissionalizaram, as temáticas se diversificaram, o diálogo com o exterior intensificou-se e as trocas de experiências internas transformou-se qualitativamente através do reaparecimento, na segunda metade da década, de associações profissionais como a ABA<sup>20</sup> e a criação de outras como a ANPOCS.

Além da ANPOCS, em 1977 foi criado o doutorado em Antropologia Social do Museu Nacional e fundado o **Anuário Antropológico** na UNB. A **Revista de Antropologia** que tinha deixado de ser publicada no início dos anos 70, retornou em 1978 ainda sob a direção do professor Egon Schaden<sup>21</sup>, já aposentado, e com apoio institucional do Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP. Outros Programas de Pós-Graduação, fora do eixo Rio-São Paulo, começaram a ser implantados também nessa fase: UFRS<sup>22</sup> e UFPE<sup>23</sup>.

A década de 70 foi plural no que se refere à produção de várias linhas de pesquisa, ao aprofundamento das temáticas que nas décadas anteriores vinham sendo desenvolvidas e, enfim, na busca de um caminho próprio ao fazer/pensar antropológico em

---

<sup>20</sup>As reuniões da ABA foram esvaziadas a partir de 1964. No período de 12 a 14 de dezembro de 1974 foi realizada a IX reunião da Associação Brasileira de Antropologia em Florianópolis, sendo eleito presidente o professor Thales de Azevedo. Os sócios eram, nessa época, quase duzentos.

<sup>21</sup>"Ora, no quarto de século decorrido desde a fundação da revista, iniciativa na época tida como temerária ou audaciosa, mudou bastante o panorama das atividades antropológicas em nosso País. Éramos então um punhado de estudiosos que acreditavam na necessidade de promover o ensino e a pesquisa da Antropologia segundo métodos e padrões modernos, superando os entraves do amadorismo. O estudo e a pesquisa dos problemas antropológicos, que então existiam em apenas uma ou outra instituição, fazem parte agora de dezenas de dezenas de Universidades e Faculdades pelo Brasil afora. Contamos com toda uma nova geração de antropólogos competentes, cujos trabalhos, muito deles de alto nível, já não deixam lugar a dúvidas quanto ao vigor que hoje marca a Antropologia em nossa terra." (Schaden: 1978, p. 1).

<sup>22</sup>Na UFRS em 1974 foi criado o Curso de Especialização em Antropologia Social; em 1979, o mestrado em Ciências Sociais com concentração nas áreas de Antropologia, Sociologia e Ciência Política, que em 1986 se separou em três Programas diferenciados. O doutorado em Antropologia Social foi criado no início dos anos 90 (entrevista com o professor Rubem Oliven em 10 de abril de 1995, UFRJ).

<sup>23</sup>No início dos anos 70 foi criado na UFPE o mestrado integrado em Sociologia e Economia; em 1976, a especialização em Antropologia Social e em 1977 o mestrado em Antropologia Social (entrevista com o professor Russel Parry-Scott em 11 de abril de 1995, UFRJ).

nossa realidade específica. A dinâmica do campo da Antropologia Social nesse momento, contrastou com a falta de liberdade mais geral e a crise econômica enfrentada pela sociedade nacional. Como afirmaram Otávio Velho (1980), Eunice Durham (1986) e Ruth Cardoso (1986), esta produção - diversificada tematicamente e quantitativamente superior em relação a tudo o que foi produzido até então - não foi acompanhada de uma discussão à respeito do que se fazia no campo da Antropologia Social.

O final da década de 70 marcou o início da auto-consciência da Antropologia brasileira, do pensamento crítico em relação ao nosso lugar como intelectuais e cidadãos neste país. Começou-se a perceber que para produzir conhecimento criativo e significativo não bastava fazer ciência, mas era preciso também que se pensasse e se questionasse sobre o quê e como ela era produzida. Iniciou-se um saudável processo de diferenciação teórica e prática que, conseqüentemente, fez com que se explicitassem divergências<sup>24</sup>.

Em relação ao contexto mais amplo, esse foi um momento extremamente fértil em termos de discussão e produção do pensamento social brasileiro. A anistia política em 1979 e a abertura "lenta, gradual e segura" criou um clima de liberdade e agitação intelectual; os movimentos sociais começaram a aparecer no cenário político nacional; novas idéias circularam rapidamente e o diálogo interno e externo se intensificou; o interesse por novas temáticas era visível, particularmente na Antropologia Social, onde começou a se produzir pesquisas sobre uma parcela da população que até então encontrava-se marginalizada social e/ou politicamente: favelados, meninos de rua, operariado etc (Cardoso: 1986; Durham: 1986).

Nos anos 80 a crise econômica voltou a fazer parte de nosso dia-a-dia ao mesmo tempo em que o processo democrático se acelerou. A campanha pelas eleições diretas para Presidente da República ganhou as ruas.

A influência da antropologia interpretativa - a problemática do projeto da Antropologia enquanto ciência e do trabalho de campo - começou a ser discutida nas

---

<sup>24</sup>Ver capítulos sobre o Museu Nacional e USP.

dissertações. O espaço ocupado por Lévi-Strauss no período anterior, passou a ser ocupado por Clifford Geertz na década de 80, tornando-se uma referência quase obrigatória.

A exaustão do pensamento estruturalista começou a ser percebida nas Ciências Sociais, na História e na Filosofia. A Antropologia norte-americana voltou a influenciar a disciplina no Brasil. Primeiramente através do interpretativismo de Clifford Geertz e, mais tarde, com os chamados autores pós-modernos. Nesse período, a hermenêutica foi uma tendência quase hegemônica nas dissertações da UNB, um pouco menos na Unicamp e no Museu Nacional, praticamente inexistindo na USP que começou naquele momento a se "antropologizar"<sup>25</sup>. As orientações das professoras Thekla Hartmann e Lux Vidal foram decisivas<sup>26</sup> na formação de um grupo de etnólogos na USP. Mais tarde este grupo foi reforçado com a contratação de uma ex-aluna, Dominique Gallois, e de Maria Manuela Carneiro da Cunha, aluna egressa e docente da Unicamp. Na década de 80, as pesquisas sobre as sociedades tribais somaram 26,92% do total oficial em Antropologia Social<sup>27</sup>. Na

---

<sup>25</sup>Mesmo assim, nos anos 80 ainda foram concluídas dissertações no campo da Antropologia Social que explicitamente se utilizavam do referencial teórico denominado pelo próprio autor de "Escola Sociológica de São Paulo": *"Tal qual está projetada, esta pesquisa situa-se metodológica e teoricamente na linha de estudos sociológicos da chamada Escola Sociológica de São Paulo, com suas discussões sobre raça e classe e onde estão situados autores como: Florestan Fernandes (...); Roger Bastide (...); Octávio Ianni (...) e Fernando Henrique Cardoso (...). Porém, apresenta um compromisso teórico, metodológico e técnico com a Antropologia na medida em que incorpora à discussão os tópicos ligados à representação e a identidade étnica, o que faz com que a discussão passe obrigatoriamente por reflexões ligadas à cultura, à identidade cultural e à manipulação da etnicidade. Neste sentido, também espera-se contribuir para a análise de outras dimensões do comportamento político-eleitoral, estudo até então à cargo da Sociologia e da Ciência Política que, ao utilizarem principalmente técnicas quantitativas, deslocam para um plano secundário o conjunto de representações e valores que os indivíduos tem, o que em certa medida, limita a compreensão global do fenômeno em análise."* (USP-044, p. 4-5).

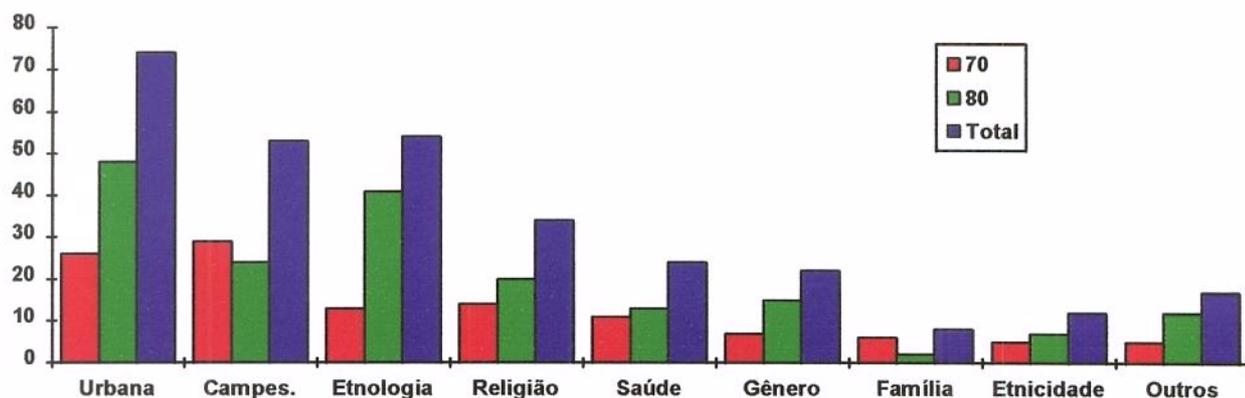
<sup>26</sup>Ambas orientaram 11,11% do total da produção em etnologia nas décadas de 70 e 80 entre as quatro instituições consideradas.

<sup>27</sup>Contra 32,69% na sub-área de Arqueologia.

contagem geral das quatro instituições e nas duas décadas consideradas, a USP foi a que mais pesquisas acumulou em etnologia: 29,09%<sup>28</sup>.

Nesse período, no Museu Nacional iniciou-se um processo de desaceleramento das pesquisas na temática da antropologia do campesinato. Moacir Palmeira e Otávio Velho afastaram-se das orientações cedendo lugar aos professores mais novos como Lygia Sigaud, José Sérgio Leite Lopes e Afrânio Garcia Jr. principalmente.

Ao mesmo tempo os estudos sobre os grupos urbanos se multiplicaram nos quatro PPGAS, tornando-se a grande maioria no cômputo geral das décadas de 70 e 80.



Na UNB, as pesquisas sobre as sociedades indígenas continuaram na mesma direção do período anterior: os contatos com a sociedade nacional e a política indigenista foram enfatizados ainda mais.

No Museu Nacional, com a contratação de um grupo de etnólogos no fim do período anterior - Anthony Seeger, Eduardo Viveiros de Castro e João Pacheco de Oliveira -, intensificaram-se as pesquisas referentes às sociedades ameríndias do Brasil, além das orientações em andamento de Roberto Da Matta em etnologia.

<sup>28</sup>Contra 28.81% na UNB. 12.21% no Museu Nacional e 9.09% na Unicamp para o mesmo período. Se

A contratação de novos antropólogos na Unicamp reforçou temáticas que já vinham sendo desenvolvidas como os estudos feministas<sup>29</sup> e de cultura popular. As dissertações orientadas por Antônio Augusto Arantes e Carlos Rodrigues Brandão em antropologia do campesinato, antropologia da saúde, antropologia da religião e antropologia urbana foram permeadas pela problemática da cultura popular de um modo geral.

Nos anos 80 foram criados o doutorado em Antropologia Social da UNB (1981) e o doutorado em Ciências Sociais na Unicamp (1984). A produção no mestrado cresceu ainda mais nos anos 80 com exceção da UNB, onde houve um declínio que se acentuou no final da década<sup>30</sup>.

Uma característica das quatro instituições estudadas, no que diz respeito aos locais escolhidos para a realização da pesquisa de campo, foi o próprio Estado onde está localizada a universidade. Ou seja, na UNB, o local mais pesquisado foi o Distrito Federal (31,74%), seguido pelo Amazonas (11,11%) o que refletiu a maioria das pesquisas em etnologia na instituição. São Paulo (29,78%) foi o Estado mais pesquisado pelos mestres em Antropologia Social da USP, seguido pelo Mato Grosso (12,76%) o que também se justifica pela liderança dos estudos sobre as sociedades tribais na instituição. No Museu Nacional, o Rio de Janeiro (43,04%) foi o estado mais estudado de acordo, inclusive, com a liderança da antropologia urbana, seguido por Pernambuco (8,60%) o que refletiu a ênfase nas pesquisas em antropologia do campesinato realizadas no nordeste. Na Unicamp, o Estado de São Paulo (51,56%) também assumiu a liderança nas escolhas das pesquisas de campo.

Em termos gerais, nas quatro instituições<sup>31</sup>, os Estados da federação mais estudados pelos mestres em Antropologia Social foram o Rio de Janeiro (19,97%), São

---

<sup>29</sup>Hoje denominados estudos de gênero.

<sup>30</sup>É interessante notar que nas duas instituições onde concentraram-se a maioria das pesquisas etnológicas - USP e UNB - houve uma redução acentuada desta temática na segunda metade da década de 80.

<sup>31</sup>Seria fundamental, por exemplo, fazer o levantamento das localidades pesquisadas pelos PPGAS do Nordeste e do Sul. Poderíamos perceber mais detalhadamente, onde existem "espaços" ainda não

Paulo (18,05%), Mato Grosso (8,89%), Pernambuco (7,00%), Distrito Federal (5,92%) e Pará (5,92%). A região geográfica mais pesquisada, conseqüentemente, foi o Sudeste (40,70%), seguido pelo Nordeste (18,59%) e o Centro-Oeste (18,32%). As regiões Norte (13,20%) e Sul (2,69%) foram as menos privilegiadas. O exterior contou com apenas 0,53% das pesquisas de campo.

Entre as cinquenta e quatro dissertações de mestrado em etnologia nas quatro instituições estudadas, somente 12,96% citaram explicitamente conhecer a língua do grupo indígena onde foi feita a pesquisa<sup>32</sup>. Desse total, 33,33% afirmaram explicitamente não conhecer a língua dos grupos indígenas, e 50% não referiram se conheciam ou não a língua nativa, sendo que somente em 3,7% não se aplicou a classificação<sup>33</sup>. O Museu Nacional é a instituição que mais possui afirmativas de conhecimento da língua nativa entre as dissertações em etnologia: 57%.

*"Empreender um trabalho sobre a literatura oral de uma sociedade e ter que se satisfazer em realiza-lo com base em traduções jamais deveria ser aceitável em nossos dias. Disto tenho plena consciência. Sem querer justificar a minha própria situação, farei, no entanto, duas observações. A aprendizagem de uma língua não se faz numa temporada de uns quatro meses. (...) Além disso, não se deveria minimizar o fato de que a língua dos mitos não recubra exatamente a língua corriqueira: não somente é mais rica em palavras e, muitas vezes, mais arcaica, mas também recorre constantemente a formas de estilo elíptico e poético, que supõem não apenas um conhecimento seguro da língua como também seu perfeito domínio (...)."*  
(MN-074, p. 105).

No entanto, são os autores das pesquisas com sociedades indígenas os que mais tem morado no local de pesquisa, pelo menos é esta a afirmação encontrada nos textos.

---

suficientemente privilegiados pelas pesquisas antropológicas. Mas, com certeza, e considerando-se somente os primeiros PPGAS criados no país, seria suficiente para afirmar que os antropólogos incluíram em suas preocupações todos os Estados brasileiros sem exceção.

<sup>32</sup>Para uma posição diferente, consultar Viveiros de Castro (1993).

<sup>33</sup>Porque eram trabalhos de etnohistória, ou política indigenista ou, ainda, o grupo já tinha perdido a linguagem nativa.

Contudo, foram os antropólogos que estudaram na cidade os que afirmam ficar mais tempo em contato com os grupos estudados<sup>34</sup>.

As sete instituições que atualmente oferecem o mestrado em Antropologia Social superaram as suas respectivas produções nos anos 90. Um destaque deve ser dado à Unicamp que produziu nos cinco primeiros anos desta década, quase que uma vez e meia a mais do que tinha produzido durante todos os anos do período anterior. Em números proporcionais, significa 8,47% em relação à produção dos sete PPGAS nas três décadas, só ficando atrás da produção de dissertações do Museu Nacional (10,63%). Para o mesmo período, a USP produziu 5,70%, a UFRS 4,77%, a UNB e a UFPE 4,62% e a UFSC 3,85% em relação ao conjunto de dissertações em Antropologia Social nas três últimas décadas. Um novo PPGAS, o da UFPR, iniciou no período a sua produção de dissertações<sup>35</sup>.

Na segunda metade da década de 80, a produção na UNB diminuiu consideravelmente em relação ao período anterior, mantendo-se estável até a virada dos anos 90, quando começou a crescer novamente. É também a partir de 87/88 que aparecem muitos pedidos para reformulações das pesquisas<sup>36</sup> em Brasília, pois o tempo ideal de três anos parece ter ficado difícil de ser cumprido, começando a ser dilatado nesse momento. Inclusive, a década de 70 na UNB, ao contrário das outras instituições, possuiu uma produção maior que o período subsequente.

O tempo médio de integralização dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado, era menor nos anos 70. Começaram a dilatar nos anos 80, uma tendência

---

<sup>34</sup>O que está de acordo com os baixos custos da maioria das pesquisas urbanas quando comparadas aquelas realizadas junto aos grupos indígenas.

<sup>35</sup>Com o trabalho de Ciméia Barbato Bevilaqua com o título *Se Esconder o Leão Pega, Se Mostrar o Leão Come (Um Estudo Antropológico do Imposto de Renda)*, orientada por Maria Cecília Solheid da Costa e defendida em setembro de 1995.

<sup>36</sup>Na UNB e no Museu Nacional, ao contrário do que parece acontecer na Unicamp e USP, existe a reprovação para reformulação da pesquisa com novo prazo de entrega (no máximo 180 dias). Contudo, nenhum desses trabalhos foram reprovados ao ser apresentado. O mais comum é que o aluno consiga reformular, com as devidas modificações indicadas pela Banca e defender, neste caso sendo aprovado. Caso contrário, desistindo da reformulação e contando, então, como desistente.

ainda presente na década atual<sup>37</sup>, mas em declínio na USP e Unicamp. Considerando-se a média aritmética nas três décadas e nas quatro instituições estudadas, o menor tempo ainda continua sendo o da UNB (3 anos e 10 meses) e o maior o da USP (6 anos). Entre as sete instituições que possuem produção no mestrado na década de 90 (até 1994), a melhor média de tempo de integralização é da UFRS (3 anos e 10 meses) seguida pela UFSC (4 anos e 3 meses) e UNB (4 anos e 4 meses). O Museu Nacional tem a maior média aritmética no mestrado para os anos 90: 6 anos e 10 meses<sup>38</sup>.

Considerando as décadas de 70 e 80, se formos analisar a bibliografia utilizada nestas pesquisas, serão poucas aquelas que seguiram exclusivamente uma única tradição teórica. Autores como Marx e Engels, Gluckman e Malinowski, Lévi-Strauss e Godelier aparecem nas mais diferentes combinações em determinadas épocas. Esta tendência de mesclar diferentes tradições foi uma constante tanto nos anos 70 quanto nos anos 80 com a predominância de alguns autores em detrimento de outros dependendo da época focalizada. Portanto, quando afirmamos que uma determinada tradição foi predominante num determinado período, não estamos descartando o aparecimento de autores ligados à outros momentos ou diferentes tradições. Como exemplo podemos citar Clifford Geertz e Louis Dumont combinados com nomes como Lévi-Strauss, Victor Turner, Max Gluckman etc, como autores recorrentes na década de 80 que continuam sendo citados até os nossos dias, mas não predominantemente. Algumas ausências, no entanto, são claramente sentidas como é o caso dos marxistas e da chamada antropologia econômica<sup>39</sup> no final dos anos 80. Na década de 90, a tendência tem sido a diminuição cada vez maior

---

<sup>37</sup> Apesar de que o tempo maior para as conclusões nos mestrados e doutorados na década de 90, se deve a um outro motivo: a pressão por parte dos PPGAS e das agências de fomento para a conclusão das pesquisas dos alunos ainda pendentes ou a sua exclusão.

<sup>38</sup> Em função da grande quantidade de alunos pertencentes a antigas turmas que concluíram suas pesquisas na década, principalmente no ano de 1992.

<sup>39</sup> Maurice Godelier, Balandier etc que são atuantes ainda hoje na Antropologia francesa.

da presença de autores estruturalistas que vem se refletindo principalmente pela pouca frequência de Lévi-Strauss nas bibliografias.

De um modo geral, o caminho seguido pelas bibliografias nas duas décadas foi: no início do Programa eram aqueles autores ligados à etnociência<sup>40</sup>, Lévi-Strauss e a teoria da fricção inter-étnica<sup>41</sup>. Subsequentemente começou a existir uma mistura dos marxistas<sup>42</sup> com Lévi-Strauss. Na virada das décadas de 70 para os anos 80, as referências aos autores franceses como Pierre Clastres, George Balandier, Maurice Godelier se intensificaram e aproximadamente por volta de 82/83, os hermeneutas começaram a aparecer mais sistematicamente nos textos<sup>43</sup>. A teoria da fricção inter-étnica foi menos referida no final da década de 70 e retornou às dissertações no início dos anos 80. Os autores que cruzaram toda esta bibliografia, principalmente a partir do final da década de 70, foram Victor Turner, Mary Douglas, Peter Berger e Thomas Luckmann. Os autores estrangeiros mais citados nas duas décadas foram Lévi-Strauss e Pierre Bourdieu; os autores nacionais foram Roberto Da Matta, Gilberto Velho e Roberto Cardoso de Oliveira.

Os autores estrangeiros mais citados na década de 70 foram: Lévi-Strauss (204), Edmund Leach (127), Victor Turner (95), Pierre Bourdieu (92), Karl Marx (77), Irving Goffmann (68), Mary Douglas (58), Ward Goodenough (58), Marcel Mauss (51), Raymond Firth (42), Maurice Godelier (36), Evans-Pritchard (34), Marshall Sahlins (34), Max Weber (32), Max Gluckman (28), Clifford Geertz (24), Louis Althusser (23), Malinowski (21), Durkheim (18), Peter Berger (17), Louis Dumont (15), Michael Foucault (14), Nicos Poulantzas (14) e Howard Becker (13). Os autores nacionais nos anos 70 foram: Roberto Da Matta (126), Gilberto Velho (52), Roberto Cardoso de Oliveira (44), Otávio Velho (43),

---

<sup>40</sup>Ward Goodenough principalmente.

<sup>41</sup>Roberto Cardoso de Oliveira e Frederick Barth (identidade contrastiva).

<sup>42</sup>Principalmente Karl Marx, Nico Poulantzas e Louis Althusser.

<sup>43</sup>Paul Ricoeur e Clifford Geertz principalmente.

Caio Prado Jr. (32), Paul Singer (30), Octavio Ianni (24), Antônio Cândido (20), Fernando Henrique Cardoso (19), Afrânio Raul Garcia Jr. (19), Maria Isaura Pereira de Queiroz (18), Júlio César Melatti (17), Peter Fry (9), Anthony Seeger (11), Roque de Barros Laraia (10), Eunice Durham (9) e Florestan Fernandes (8).

Os autores estrangeiros mais referidos nos anos 80 foram: Lévi-Strauss (286), Pierre Bourdieu (172), Michael Foucault (114), Edmund Leach (109), Victor Turner (106), Marcel Mauss (102), Karl Marx (96), Clifford Geertz (95), Marshall Sahlins (77), Durkheim (72), Evans-Pritchard (71), Irving Goffman (66), Max Weber (65), Louis Dumont (65), Mary Douglas (56), Malinowski (55), Max Gluckman (49), Antônio Gramsci (49), Peter Berger (34), Arnold Van Gennep (34), Pierre Clastres (32), Raymond Firth (29), Frederick Barth (26), Roland Barthes (24), Howard Becker (22), Maurice Godelier (21), Thomas Luckmann (21), Eric Wolf (20), Engels (19), Radcliffe-Brown (18), George Balandier (18), Louis Althusser (17), Thompson (17) e Eric Hobsbawm (16). Os autores nacionais mais citados na década foram: Roberto Da Matta (188), Gilberto Velho (161), Eunice Durham (89), Roberto Cardoso de Oliveira (74), Peter Fry (68), Júlio César Melatti (59), Octávio Ianni (49), Antônio Cândido (43), Otávio Velho (39), Carlos Rodrigues Brandão (38), Anthony Seeger (37), Florestan Fernandes (37), Paul Singer (30), Roque de Barros Laraia (28), Eduardo Viveiros de Castro (28), Fernando Henrique Cardoso (27), Maria Isaura Pereira de Queiroz (25) e Afrânio Raul Garcia Jr. (22).

Portanto, uma das conclusões a que podemos chegar é que, ao contrário do que parece acontecer nos Estados Unidos (Reynoso: 1991, p. 17), a Antropologia brasileira, de um modo geral nos últimos trinta anos, possui uma tradição mais cosmopolita<sup>44</sup> em relação a citação de autores estrangeiros ligados à várias tradições da disciplina: franceses, ingleses e norte-americanos.

---

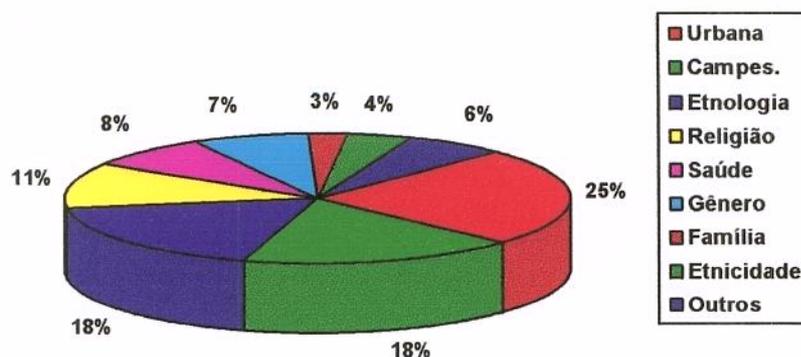
<sup>44</sup>E que Fábio Wanderley Reis denomina "provincianismo dependente": "...o fato de que estaremos lendo o que se produz internacionalmente (coisa que, afinal, fazemos avidamente em nosso provincianismo dependente)..." (1991, p. 31).

Nacionalmente falando, os professores que mais orientaram pesquisas no mestrado até 1994 foram Gilberto Velho (5,39%), Roberto Cardoso de Oliveira (3,85%) e Roberto Da Matta (3,85%). Na década de 70, foram Roberto Da Matta (3,66%) e Roberto Cardoso de Oliveira (2,24%); nos anos 80 foram Gilberto Velho (3,66%) e Roberto Cardoso de Oliveira (2,24%) e nos anos 90 (até 1994) foram João Pacheco de Oliveira (2,85%) e Gilberto Velho (2,03%).

Entre as quatro instituições consideradas, os professores que mais orientaram nas décadas de 70 e 80 na temática de antropologia urbana foram Gilberto Velho (18,91%) e Ruth Cardoso (6,75%). Entre os professores na linha de pesquisa da antropologia do campesinato citamos Moacir Palmeira (18,86%) e Otávio Velho (11,32%). Em etnologia os orientadores foram Júlio César Melatti (18,51%) e Roberto Cardoso de Oliveira (11,11%). Em antropologia da religião, Roberto Da Matta (20,58%) e Roberto Cardoso de Oliveira (11,76%). Na temática etnicidade, João Baptista Borges Pereira (25%) foi quem mais orientou. Em gênero, foram Gilberto Velho (17,39%) e Peter Fry (17,39%) e na temática família, Eunice Durham (25%) e Klaas Woortmann (25%).

Na década de 90, os professores que mais orientaram no mestrado em Antropologia Social da UNB foram José Jorge de Carvalho (16,66%) e Rita Laura Segato (13,33%). Na USP, José Guilherme Cantor Magnani (16,21%) e Aracy Lopes da Silva (13,51%). No Museu Nacional, João Pacheco de Oliveira (20,28%) e Gilberto Velho (14,49%) e na Unicamp, Carlos Rodrigues Brandão (16,36%) e Ana Maria de Niemeyer (12,72%).

Em termos das quatro instituições e das duas décadas consideradas, as temáticas mais recorrentes foram a antropologia urbana (24,66%), a etnologia (18,00%), a antropologia do campesinato (17,66%), a antropologia da religião (11,33%), a antropologia da saúde (8%), gênero (7,33%), etnicidade (4%) e família (2,66%).



Excluindo-se as quatro instituições estudadas e considerando-se somente os mestrados em Antropologia Social que já possuem produção até 1994 - UFPE, UFRS e UFSC -, os professores que mais orientaram em Pernambuco foram: Russel Parry-Scott (20,31%) e Roberto Motta (20,31%) seguidos por Danielle Rocha Pitta e Gisélia Franco Potengy, ambas com 10,93% das orientações; No Rio Grande do Sul: Ruben Oliven (17,64%) seguido por Ari Pedro Oro e Claudia Fonseca, ambos com 16%; Na UFSC, Esther Jean Langdon (34,88%) e Dennis Wayne Warren (13,95%) (ver tabelas 65, 66 e 67).

Ao analisar o tempo necessário para a obtenção do título de mestre, concluímos que os gaúchos gastaram entre quatro e cinco anos para a obtenção do título de mestre. Santa Catarina e Pernambuco concentraram os seus tempos entre cinco e seis anos para a finalização de seus cursos.

As temáticas mais desenvolvidas no Rio Grande do Sul foram antropologia urbana em primeiro lugar, seguida pela antropologia da religião e os estudos de gênero. Também em Santa Catarina a antropologia urbana assumiu a liderança entre as temáticas, seguida pela antropologia do campesinato e a etnologia, ambas em segundo lugar na instituição. Em Pernambuco foi a antropologia da religião que assumiu a primeira colocação, seguindo-se da antropologia urbana e dos estudos de gênero.

Anteriormente à era da pós-graduação, podemos dizer que as temáticas desenvolvidas<sup>45</sup> se restringiam praticamente a duas: etnologia<sup>46</sup> e minorias étnicas<sup>47</sup>. A institucionalização dos PPGAS inaugurou um período plural em relação ao objeto de estudo da Antropologia Social. Não somente as temáticas consideradas tradicionais na disciplina se intensificaram - existindo uma tendência cada vez maior no crescimento da etnologia, por exemplo - como várias outras linhas de pesquisas emergiram<sup>48</sup> e ganharam espaço no campo da Antropologia brasileira: religião, saúde, desvios sociais etc. A subtemática pesca, no entanto, praticamente desapareceu nos anos 80 e 90. Hoje podemos dizer que quase tudo é possível de ser estudado antropologicamente<sup>49</sup>.

Esta tem sido a característica central da Antropologia Social no Brasil, isto é, a capacidade singular da disciplina em captar como temáticas os aspectos polêmicos de nossa realidade. Foi assim no passado com os índios, negros e minorias étnicas. Acontece ainda em nossos dias com as discussões sobre AIDS, ética na política, empregadas domésticas etc. Conseqüentemente, o objeto de estudo da disciplina possui a capacidade, tanto de se transformar no decorrer do tempo, quanto o de conseguir ser plural em um determinado momento histórico através da diversidade de seus temas. Muito do sucesso alcançado pela disciplina entre os cientistas sociais e o público mais geral, está relacionado a esta capacidade "plástica" da Antropologia Social em se adaptar a diferentes espaços

---

<sup>45</sup>Os estudos de comunidade (Wagley: 1953; Willems: 1947 etc) não podem ser incluídos nesta tradição pois ficaram restritos a um determinado período - final da década de 40 e início dos anos 50 - sem contudo se tomar uma linha de pesquisa recorrente no tempo na Antropologia brasileira.

<sup>46</sup>Eduardo Galvão, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes e mais recentemente na década de 60, Roberto Cardoso de Oliveira.

<sup>47</sup>Tradição que remonta a Nina Rodrigues (Corrêa: 1981), Arthur Ramos (Azeredo: 1986) e nos anos 60, João Baptista Borges Pereira que basicamente elegeu o negro como objeto central de análise.

<sup>48</sup>Algumas temáticas se consolidaram no tempo, outras diminuíram o ritmo da produção e uma parte delas praticamente desapareceu nos anos 80.

<sup>49</sup>Ver o crescimento proporcional do item OUTROS na classificação temática das dissertações.

nacionais e diferentes momentos históricos. A vocação "pluralista" das Ciências Sociais do passado que dominava as primeiras gerações de cientistas sociais, segundo Antônio Cândido (Apud Peirano: 1992, p. 45), parece ter sido herdada pela Antropologia Social contemporânea e criativamente ampliada. É um pluralismo saudável e enriquecedor do pensamento antropológico e que levou à afirmação pejorativa por parte de Castro Faria:

*"Se a antropologia social não se dissolveu na sociologia ao promover seu afastamento das disciplinas que compunham o espectro da antropologia geral, nem por isso criou uma identidade própria. Ao contrário, a meu ver, ela se tornou apenas uma espécie de abrigo, ou recolhimento para desamparados da sociologia, da economia, da história, da ciência política, e até da medicina, do direito, da arquitetura. Isto lhe dá o direito de insinuar-se em todas essas áreas. O qualificativo de antropologia insinuante fica-lhe bem."* (Castro Faria: 1993, p. 99).

Uma das características da Antropologia Social dos anos 90 no Brasil tem sido a sua preocupação consigo mesma. Quem somos nós e o que temos feito de concreto são perguntas recorrentes entre os antropólogos brasileiros. Pesquisas sobre esta temática tem se multiplicado e hoje podemos dizer que se transformou em uma linha de pesquisa da disciplina presente em quase todas as instituições e em vários Grupos de Trabalho, Seminários e Mesas Redondas que vêm acontecendo em nossos encontros nacionais e regionais. A preocupação com a reconstrução de nossa história e com a busca da compreensão de nossas tradições teóricas é uma constante tanto entre os antropólogos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul<sup>50</sup>, quanto na USP<sup>51</sup> e Unicamp<sup>52</sup>, como também em Pernambuco, Rio de Janeiro e no Museu Emílio Goeldi no Pará. O lugar ocupado pela Antropologia da Unicamp, neste contexto, tem sido de fundamental

---

<sup>50</sup>Ruben Oliven (entrevista) afirma que existe um esforço em sua instituição na reconstrução do pensamento antropológico gaúcho.

<sup>51</sup>Neste sentido é que entendemos os esforços do professor José Guilherme Cantor Magnani que como coordenador da Pós-Graduação em Antropologia, encontra-se empenhado no mapeamento do corpo docente e discente e suas respectivas pesquisas desenvolvidas nesta instituição.

<sup>52</sup>O Projeto História da Antropologia no Brasil coordenado pela professora Mariza Corrêa tem contribuído neste sentido.

importância. É nesta instituição onde encontramos pesquisas sobre a história da disciplina<sup>53</sup> e da trajetória intelectual de autores como Roquete Pinto e Charles Wagley, além dos arquivos de Donald Pierson e Roberto Cardoso de Oliveira, no âmbito do Projeto História da Antropologia no Brasil.

Existe hoje um contexto favorável no campo antropológico e das Ciências Sociais no país, que possibilitam e até mesmo incentivado esta discussão. A tendência cada vez maior por parte de antropólogos formados no Brasil em pesquisar fora do país<sup>54</sup>, demonstra não somente um amadurecimento da Antropologia brasileira, como a afirmação de um estilo nosso de fazer pesquisa, escolher temáticas e levantar problemas. Mas, com certeza, também fazemos parte da tradição da Antropologia mundial, preservando tradições, recorrendo aos seus clássicos e transmitindo e compartilhando essa história.

## **2. As dissertações Produzidas nos PPGAS:**

As dissertações de mestrado das quatro instituições estudadas são pesquisas que se apresentam como etnografias no sentido clássico do termo, isto é, objetivamente se propõem a descrever minuciosamente uma situação ou um micro cosmo determinado. A

---

<sup>53</sup>Somente a UNB possui uma dissertação sobre a história da Antropologia, particularmente do PPGAS de Brasília (Mendoza: 1994).

<sup>54</sup>Temos os seguintes pesquisadores que fazem ou fizeram pesquisas no exterior: Ruy Coelho (1960), *Os karaib Negros de Honduras*; George de Cerqueira Zarur (1975), *Seafood Gatherers in Mullet Springs; Economic Rationality and the Social System*; Luis Tarlei de Aragão (1980), *Tradition et Modernisme dans la Ville Nouvelle de St. Quentin-en-Yvelines; Utilisation des Méthodes Anthropologiques dans l'étude d'une Ville Nouvelle*; Maria Manuela Liege Cameiro da Cunha (1985), *Negros, Estrangeiros; Os Escravos Libertos e sua Volta à África*; Leonardo Figoli (1990), *A Ciência sob o Olhar Etnográfico - Estudo da Antropologia Argentina*; Mariza Peirano (1991), *Uma Antropologia no Plural - Três Experiências Contemporâneas*; Claudia Fonseca (1993), *Crime, Corps, Drame et Humour: Famille et Quotidien dans la Culture Populaire*; Stephen Baines (1993), *Primeiras Impressões sobre a Etnologia Indígena na Austrália*; Federico Neiburg (1993), *A Invenção do Peronismo e a Constituição das Ciências Sociais na Argentina*; Gustavo Lins Ribeiro (1994), *Transnational Capitalism and Hidropolitics in Argentina*; Celso Azzan Junior (1995), *Fragmentos de uma Disciplina: A Antropologia do Quebec vista de Dentro*; Wilson Trajano Filho (tese de doutorado em andamento na Guiné-Bissau); Marta Tepel (tese de doutorado em andamento em Israel); Guillermo Raul Ruben (pesquisa em andamento na Argentina e Canadá); Roberto Cardoso de Oliveira (pesquisa em andamento na Espanha).

apresentação etnográfica é rica em detalhes, determinações e imagens que, muitas vezes, somos levados a acreditar que mais do que uma leitura, estamos inseridos no contexto do vivido como participantes ativos. É a força da apresentação antropológica, da construção do texto, dos argumentos desenvolvidos e dos recursos literários e etnográficos usados que nos fazem seguir com atenção os passos percorridos pelo autor. Basicamente, o que se transformou nesse período de tempo foi a presença do autor como personagem no texto e o relacionamento entre ele e os seus informantes, além da apresentação detalhada das condições do trabalho de campo.

*"Interessado na localidade, meu problema inicial era o de como estudá-la. Não apenas qual o objeto de minhas reflexões como, de maneira mais prática, por onde começar.*

*Seguiu-me de imediato a idéia de prestar ajuda na pescaria de arastão, realizada todos os dias na praia. Isso porque entendo que a construção de uma relação (de um "objeto") deve seguramente iniciar-se por algum tipo de participação que envolva pesquisador e pesquisado. Ajudar na pescaria era para mim, que precisava de informações, a maneira mais evidente de construir uma relação, fundada na reciprocidade. Desta forma, passei a frequentar sistematicamente a praia e a colaborar na "puxada" (puxar a rede de arrasto para a praia), a partir do final de 1976." (MN-054, p. 10-11).*

A necessidade de colocar-se no lugar do "outro" (Malinowski: 1978 [1922]) não foi uma prática abandonada, muito pelo contrário. O viver o "outro" foi reforçado e muitas vezes exageradamente enfatizado:

*"A estratégia adotada tem sido a de procurar uma integração sistemática e eficiente com as populações do 'gueto gay' do centro da cidade. Esta foi facilitada tanto por experiências anteriores - meu trabalho sobre a prostituição masculina em Buenos Aires (...) - quanto por fatores residenciais. Não necessitei - como Maria Dulce Gaspar, na sua pesquisa sobre 'garotas de programa' cariocas - alugar um apartamento na área, já que residia na mesma zona de **trottoir**, a poucos quarteirões dos pontos principais da pesquisa. (...)...não há melhor maneira de estudar o **trottoir** do que fazendo **trottoir**." (Unicamp-035, p. 26).*

O que atravessa a quase totalidade das dissertações são os seus autores terem estado "lá" (Geertz: 1984; 1984b) e presenciado o fato estudado. Portanto, são etnografias

realistas, tendo como um de seus principais objetivos a descrição minuciosa da realidade escolhida, onde o que se propõe conhecer é o que qualifica a pesquisa e, dentro deste recorte, a delimitação do espaço é um elemento chave da análise. Ao contrário do tempo, que praticamente em todos os casos é o tempo vivido pelo pesquisador, o espaço quase sempre é um outro, diferente daquele ocupado pelo antropólogo. É um espaço deliberadamente e cuidadosamente escolhido em função daquilo que se quer conhecer, isto é, a escolha do espaço depende, muitas vezes, do objeto de estudo escolhido. Quando o espaço é continuamente o mesmo para o pesquisador e seu informante, o antropólogo se coloca de fora, na medida do possível, para melhor conhecê-lo através de seu estranhamento.

Nas leituras das dissertações dos anos 70, muitas vezes transparece a distância entre pesquisador e objeto de estudo<sup>55</sup>. Como no exemplo da pergunta feita pelo antropólogo a um informante, sobre como pensa poder curar-se da doença sofrida. A resposta recebida foi a seguinte: "*\_ Se o Sr. que é médico, não sabe, imagine eu.*"<sup>56</sup> (UNB-029). Está clara na resposta a relação entre ciência e poder, entre o antropólogo e seu informante, que mesmo considerado "louco"<sup>57</sup>, lucidamente mostrou conhecer as regras do jogo. Além disso, nos ensina que a busca de significados/sentidos em Antropologia passa necessariamente pelo "outro", mas em última instância, a análise antropológica é nossa<sup>58</sup>, isto é, está comprometida com as escolhas feitas por nós no contexto de nossas vivências em nosso tempo. Para os informantes, portanto, as respostas que procuramos devem ser

---

<sup>55</sup>Como exemplo temos UNB-30, onde tem-se a impressão que os informantes são secundários na pesquisa, isto é, são coadjuvantes do antropólogo e não personagens centrais. É um trabalho de cunho essencialmente histórico onde a Antropologia, segundo o que deixou transparecer o próprio texto, se restringiu à memória dos operários entrevistados.

<sup>56</sup>O pesquisador era médico já formado e, quando desta pesquisa, aprendiz de antropólogo.

<sup>57</sup>A referida pesquisa procura "...analisar uma situação existente em nossa sociedade, que é a de determinada categoria de indivíduos manipular a loucura como estratégia de sobrevivência." (UNB-029, p. 2).

<sup>58</sup>Isto é, está historicamente localizada no pensamento ocidental moderno (Dumont: 1993 [1983]).

dadas por nós, pelo "doutor". O que não fica claro para eles, por outro lado, é que esta resposta deve estar necessariamente intermediada por eles mesmos, que o conhecimento antropológico, apesar de nosso, passa inevitavelmente através deles, ou como querem os autores pós-modernos, pela negociação e o diálogo entre o "eu" e o "outro"<sup>59</sup>.

*"Em geral os entrevistados sempre me pareciam bem, embora sempre houvesse uma dose de desconfiança quanto aos reais objetivos da pesquisa. Muitos perguntavam se não era para ser publicado nos jornais. Esclarecidos sobre as finalidades da pesquisa se mostravam mais receptivos. A finalidade científica forneceu respeitabilidade e confiança a pesquisa, uma vez que nestes círculos a ciência é altamente valorizada. Outros preocupavam-se com as aplicações práticas da pesquisa, achando que era de vital importância pois serviria como subsídio para trabalhos futuros de remoção de favelas. Em geral não se conformavam quando eu esclarecia quanto as finalidades puramente acadêmicas e me faziam preleções sobre a necessidade das pesquisas aplicadas ou me pediam opinião sobre determinados aspectos ligados a remoção." (MN-014, p. 9).*

Esta tendência se refinou nos anos 80 e o diálogo entre sujeito e objeto se tornou mais visível nos textos. As histórias de vida e as falas do "outro" multiplicaram-se nas dissertações. O relacionamento mais amistoso entre pesquisador e informante começaram a transparecer nos textos e as condições de pesquisas ocuparam cada vez mais, um espaço maior nas dissertações e um destaque mais relevante nas análises.

Nos anos 80, parece que ao tentar resgatar a subjetividade do discurso científico na direção do que mais tarde ficou conhecido como meta-antropologia (Reynoso: 1991) - como crítica fundamental ao positivismo e ao formalismo estruturalista - muitas vezes se descartou também a contextualização teórica da etnografia de acordo com a tradição dos

---

<sup>59</sup>"Por detrás daquele gênero particular de ficção, que chamamos de 'etnografia', existem muitos e muitos diálogos, aquela 'fala alternada', ou para usar, literalmente, a tradução do grego, 'fia-logos', ou seja, 'falando de um lado para o outro'. (...) É bem verdade que no campo, nós, antropólogos, fazemos muitas coisas além de dialogar. Podemos observar os nossos sujeitos caçando, ou colhendo, ou reunindo as ovelhas, ou capinando a roça, ou debulhando o milho; (...) Se a antropologia sócio-cultural se fundamentasse em nada mais do que observações silenciosas, não haveria nada que a distinguisse das ciências naturais. Mas, a partir do momento em que falamos sobre essa caça ou canção com as pessoas que participaram de uma ou de outra, nós entramos no território que é a esfera de ação específica das ciências sociais." (Tedlock: 1988, p. 184).

autores clássicos da Antropologia. Isto é, na tentativa de se eliminar o formalismo, algumas vezes eliminou-se também o rigor do discurso e da prática antropológica através da "eliminação" dos referenciais teóricos resvalando-se muitas vezes para a literatura.

*"...abismados pela descoberta da contaminação subjetiva da teoria, os antropólogos de vanguarda americanos decidiram eliminar a subjetividade eliminando a teoria (...) e nesse movimento - pela mecânica do princípio do bumerangue - o positivismo, expulso com grande alarde pela porta da frente, regressa silenciosamente **through the back door**." (Sena: 1987, p. 13).*

A "vertente histórica"<sup>60</sup> está presente na quase totalidade destes trabalhos na primeira metade da década de 80 e a análise antropológica aparece, algumas vezes, somente como coadjuvante de peso na pesquisa. Por exemplo, na dissertação UNB-030, o autor reconhece explicitamente que não fez trabalho de campo e que seu objetivo foi fazer uma reconstrução histórica, sendo que a Antropologia estava restrita à memória dos operários entrevistados:

*"...procurando desvendar as construções ideológicas existentes sobre o tema, nossa intenção foi recuperar as grandes linhas da experiência histórica da classe, entendida enquanto sujeito de si mesma, como concretamente ocorreu em Brasília. Para tanto delimitamos como núcleo central da nossa reflexão o período histórico entre 1957 e abril de 60, quando da inauguração da cidade [Brasília]." ((UNB-030, p. iv).*

No início dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social, as pesquisas eram feitas dentro de um formato mais didático: na sua organização, o referencial teórico estava explícito na maioria das vezes, o relato de como os dados foram colhidos e obtidos (intermediação) estavam presentes na redação em forma de relato<sup>61</sup>, além de como a pesquisa foi colocada em prática, qual a sua relevância e como se chegou ao tema. Com o passar da década, estes textos foram se tornando menos "pesados" e passaram a utilizar uma linguagem mais discursiva. O relacionamento entre o pesquisador e seu informante se

---

<sup>60</sup>Existiu nas dissertações de mestrado nos quatro PPGAS, uma tendência à historização da Antropologia no início dos anos 80, assim como no presente, existe uma tendência a antropologização da História (Burke: 1991).

<sup>61</sup>Geralmente o pronome utilizado era na primeira pessoa do plural.

transformou naquilo que hoje se convencionou chamar de diálogo. No entanto, as análises teóricas tomaram-se mais "difusas" no texto, sendo que algumas dissertações chegam a não apresentar explicitamente um claro referencial teórico<sup>62</sup>.

*"Os antropólogos tem como tradição darem o testemunho da sua experiência pessoal na elaboração do trabalho etnográfico. Desse testemunho Malinowski e seu indiscreto diário são os precursores, acredito das contribuições posteriores dos antropólogos dilacerados entre o desespero e o insuspeito da situação e, particularmente, destacando como a experiência profissional se confunde com a própria experiência do pesquisador. (...) Esta dissertação tem uma longa história, que, ao se constituir em um projeto intelectual e profissional, se confundiu com a minha história pessoal." (Unicamp-037, s.p.).*

A antropologia interpretativa inaugurou um período onde se tornou imperativo o aparecimento do antropólogo como personagem no texto, algumas vezes levando a transcrições estafantes dos diários de campo no corpo da dissertação e transformando o texto numa linguagem quase que somente literária:

*"Surdos. Surdos e compassados. Poder-se-ia pensar que as batidas se elevam de um pequeno e escuro lugar, perdido num ponto não identificado nos mapas e envolto numa neblina que não permite estabelecer marcos de referência. Apuro bem o ouvido. Não são batidas. Nenhum atabaque percurte em surdina. São sim 'pizzicati' de um 'cello', e sua gravação emerge de moderna aparelhagem eletrônica. A ambiguidade se instala desde o primeiro instante: enquanto as sensações produzidas pela música apelam a recônditas áfricas, a razão remete às campanhas publicitárias que possibilitaram a compra daquela parnafenália em alguma loja de eletrodomésticos." (MN-062, p. 1).*

Mais que a habilidade<sup>63</sup> em escrever ou descrever, a riqueza dos aspectos apresentados é influenciada pelo relacionamento entre o antropólogo e seu informante qu...

---

<sup>62</sup>Como, por exemplo, UNB-019. Pareceu-me pela leitura do texto, que o autor por ter vivido dois anos como adepto junto ao grupo escolhido, acabou por fazer somente uma descrição rica e detalhada, mas, em contraposição, pobre no que se refere ao referencial teórico. O autor não construiu, portanto, uma etnografia conforme as etnografias clássicas na disciplina, restringindo-se à descrição do vivido: "...*(a) a pesquisa de campo e a tradição teórica da antropologia se relacionam no dia-a-dia dos especialistas, (b) a pesquisa de campo, concebida como o encontro com o 'outro' é constitutiva do conhecimento disciplinar, (c) a teoria antropológica se desenvolve colada no conhecimento etnográfico, (d) teoria e história da antropologia são inseparáveis, talvez se possa detectar alguns pontos de estrangulamento, nos quais má feitura e má leitura ocorram e afetem negativamente a própria antropologia e as disciplinas afins.*" (Peirano: 1992, p. 43).

contribuiu no refinamento da teoria antropológica. Relacionamento este que vai da simples simpatia ou indiferença à mais completa paixão ou aversão<sup>64</sup>. As diferentes maneiras de aproximação do antropólogo com o objeto são fundamentais na definição da pesquisa - isto é, no aprimoramento entre teoria e prática - e arrisco até mesmo a dizer, que é a partir deste relacionamento que o trabalho de campo segue determinados caminhos<sup>65</sup> e que a sua apresentação coloca-se como mais visual.

Esta visualidade presente na grande maioria das pesquisas antropológicas é o que Geertz denominou poeticamente de "lanterna mágica" em relação ao estilo de Evans-Pritchard:

*"Cómo lo hace: la principal característica del enfoque etnográfico de E-P y la principal fuente de su poder envolvente es su enorme capacidad para construir representaciones visualizables de fenómenos culturales, diapositivas antropológicas. Lo que hace: el principal efecto, y el principal propósito, de esta linterna mágica de la etnografía, es demostrar que los marcos de percepción social establecidos, aquellos sobre los que institivamente nos apoyamos, son plenamente adecuados para captar cualquier tipo de rareza que las diapositivas puedan poner ante nuestra vista."* (Geertz: 1989, p. 74).

No meu entender, o estilo etnográfico construído pelos antropólogos nos textos consegue ser mais "visual", "realista", convincente<sup>66</sup> e legitimador que, muitas vezes,

---

<sup>63</sup>Apesar de que esta habilidade também se coloca como fundamental no contexto da pesquisa e da redação, no sentido de que entendemos a observação (prática) e a síntese (teorização) como dois momentos de um mesmo processo. Ou seja, o que valorizamos priorizar na análise está intimamente ligado com o modo como conhecemos. A nossa curiosidade é movida pelos nossos interesses epistemológicos que são também significativos daquilo que deixamos de conhecer, "esquecemos" ou entendemos como secundário.

<sup>64</sup>Veja Crapanzano (1987). O interesse intelectual do autor pelos africanos - filhos de ingleses nascidos na África do Sul -, parte de uma inicial antipatia pelo racismo e o *apartheid* ao reconhecimento posterior - após a pesquisa de campo - de que estes são também simpáticos e agradáveis.

<sup>65</sup>Uma das características da Antropologia Social presente na maioria destes textos é o reconhecimento explícito da mudança de rumo nos objetivos iniciais da pesquisa.

<sup>66</sup>Por isto a impressão que nos passam, certas etnografias, de terem resvalado para a linguagem "romanceada". Existe um limite tênue entre os dois estilos - etnográfico e literário - no qual nós, antropólogos, não podemos esquecer. Nestas diferenças estão implícitas o compromisso da Antropologia com a busca da verdade, do "rigor", do apego à tradição aos autores clássicos. O romancista goza de uma liberdade que o antropólogo, de fato, não possui.

fotografias, pinturas, diapositivos ou filmes. Explicando melhor, é a capacidade proporcionada ao antropólogo, pela socialização dentro de uma determinada tradição, em construir imagens através do texto etnográfico o que, de fato, produz um estilo bem nosso de argumentar sobre o vivido. O estilo antropológico que, segundo Clifford Geertz, se iniciou com a Antropologia inglesa. Nesse sentido, toda construção etnográfica e, portanto, toda Antropologia, é uma construção essencialmente visual<sup>67</sup>, é uma "Antropologia visual".

*"...com la aparición de la llamada 'Escuela' británica de antropología social, que utiliza conjuntamente esta manera de poner las cosas en prosa más que ninguna otra especie de teoría consensuada o método establecido, ha pasado a ser el más proeminente. (Lo que E-P, A. R. Radcliffe-Brown, Meyer Fortes, Max Gluckman, Edmund Leach, Raymond Firth, Audrey Richards, S. F. Nadel, Godfrey Lienhardt, Mary Douglas, Emrys Peters, Lucy Mair y Rodney Needham comparten, por encima de sus rivalidades, es el tono, aunque, naturalmente, algunos de ellos lo dominan mucho mejor que otros.)"* (Geertz: 1989, p. 69).

E ainda:

*"La pasión por lo simple, por las frases con estructura sujeto-verbo-predicado, si ornato ni torsión, es intensa. (...) Aunque E-P hablaba al menos francés e italiano con fluidez, no hay en sus escritos la menor frase extranjera, si exceptuamos, claro está, las frases nativas que aparecen en sus textos etnográficos. Apesar de su extensa cultura, la alusiones literarias tienen un verdadero profesional, la ausencia de jerga gremial en sus escritos, tanto antropológicos como de otro tipo, resulta casi ostentosa. El único tipo de acto discursivo que aparece con frecuencia es el llanamente declarativo. Las interrogaciones enigmáticas, los condicionales vacilantes o las apóstrofes meditativas simplemente no aparecen."* (Geertz: 1989, p. 70).

No entanto, apesar da riqueza e singularidade deste "olhar" que chamamos antropológico, desta forma peculiar de apreensão da realidade, sentimos falta de uma

---

<sup>67</sup> Existe atualmente uma tendência em usar técnicas audio-visuais que começam a ser chamadas de "antropologia visual". Algumas vezes, estes esforços, no lugar de enriquecer a visualização da descrição etnográfica, transformam o sentido do "texto" empobrecendo-o. Não é a esta inovação que me refiro aqui.

análise macro-social na maioria de nossas dissertações, uma preocupação explícita com o todo, com o contexto mais geral<sup>68</sup> por parte destas pesquisas.

Como afirmou anteriormente Ruth Cardoso (1986) existiu uma descontinuidade nas pesquisas antropológicas nesse período, entre compreender o objeto vivendo-o e compreender teorizando sobre ele e que nos fazem perceber o descompasso entre as introduções teóricas e as etnografias<sup>69</sup>. Algumas vezes, esta constatação está explícita nos textos das dissertações como, por exemplo, as afirmações finais de Unicamp-002:

*"...mas estas colocações finais são apenas reflexões sobre dados empíricos que talvez possam ser a base de um trabalho mais profundo, no caso de serem melhor elaborados." (p. 208).*

Outras mudanças significativas ocorreram nestas duas décadas que se refletiram nas pesquisas dos professores, nas disciplinas ofertadas, na organização dos Programas e, também, nos textos das dissertações de mestrado. Por exemplo, o conceito de ideologia utilizado nos anos 70 foi qualitativamente diferente de como foi usado na década seguinte. No início dos PPGAS, o conceito de ideologia esteve próximo do que hoje entendemos como representações sociais:

*"Estou consciente de que as representações que pude reconstruir neste trabalho não foram criadas na e pela situação da vila. Elas são parte de um*

---

<sup>68</sup>Em última instância, para alguns autores esta é a concepção da Antropologia, inclusive alguns cientistas políticos. De minha parte, concordo que apesar da disciplina tratar do objeto de forma microscópica, o seu objetivo último não se resume a estas análises e conclusões que serão sempre parciais. Michel Fischer (1985) critica Geertz em seus trabalhos mais recentes por deixar de responder às questões colocadas pela Antropologia: *"Existem símbolos e formas culturais que possuem maior força dentro de uma formação social específica e não se deve descambar para uma posição segundo a qual o que quer que impressione a imaginação do etnógrafo tem igual utilidade para o texto etnográfico, como 'Descrição Densa' parece sugerir. Realmente, qualquer forma de 'descrição densa' ou micro-análise torna-se trivial se não for colocada dentro de esquemas mais abrangentes."* (p. 63-64). Repare a semelhança da citação acima com a de um outro autor conhecido nosso: *"As vezes ouço dizer que qualquer pessoa pode estudar e escrever um livro sobre um povo primitivo. Talvez qualquer um possa, mas não vai estar necessariamente acrescentando algo à antropologia. Na ciência, como na vida, só se acha o que se procura. Não se pode ter as respostas se não se sabe quais as perguntas. Por conseguinte, a primeira exigência para que se possa realizar uma pesquisa de campo é um treinamento rigoroso, para que se saiba como o que observar, e o que é teoricamente significativo. É essencial percebermos que os fatos, em si, não têm significado. Para que o possuam, deve ter certo grau de generalidade. É preciso saber exatamente o que se quer saber..."* (Evans-Pritchard: 1978, p. 229).

<sup>69</sup>Reafirmado por Reis (1991) e Peirano (1992).

*universo ideológico mais amplo, de cujo repertório esses moradores retiram determinadas categorias e suas respectivas significações, às vezes reelaborando umas e outras. Se a desigualdade permeia o conjunto das relações sociais, a vila oferece-nos uma situação específica em que se aguça a necessidade de marcá-la.*" (Unicamp-006, p. 6)

Nos final dos anos 70 e início do anos 80, o conceito de ideologia esteve relacionado a autores como Marx, Lévi-Strauss e Althusser.

Na década de 90 vem se discutindo com uma qualidade diferente do período anterior, a construção do texto etnográfico. Agora, as experimentações propostas pelos autores pós-modernos, são problematizadas e questionadas numa direção que não procura negar a tradição acumulada pelas etnografias clássicas.

No entanto, esta tendência já vinha se manifestando desde os anos 80, quando estavam explícitas as tentativas de experimentação de novos estilos na redação. Em algumas pesquisas, esta mudança aconteceu paralelamente às transformações de perspectivas teóricas utilizadas até então.

*"Estas características constituem o paradigma hermenêutico, que vem sendo atualizado através da experimentação de estilos, da problematização do trabalho de campo, e no próprio fazer do antropólogo como autor de suas etnografias."* (UNB-057, p. 164-165)

Mesmo os trabalhos que não se utilizaram da antropologia interpretativa, tentaram uma nova linguagem<sup>70</sup> na década de 80. Podemos citar, como exemplo, a dissertação UNB-036. O autor contextualiza empiricamente o modelo teórico utilizado ("o dra. além de inovar na linguagem, o referencial teórico está trabalhado explicitamente e a postura do pesquisador não se pretende neutra. A descrição do drama inicial vivido pelo autor, além do relato sobre como foi feita a pesquisa de campo, é essencialmente visual. O drama está construído no texto como narrativa. O autor parte do empírico - a descrição - para então, teorizar. Apesar de explicitamente usar o referencial teórico de Victor Turner,

---

<sup>70</sup>UNB-47: A primeira parte do texto parece ter resvalado para o romance. O autor fala sobre coisas com as quais estamos familiarizados (como o nervosismo da primeira visita ao campo, da volta a academia, a solidão na redação etc.) de uma maneira distante da tradição etnográfica: sem referência aos autores clássicos.

na prática o autor constrói um texto na linha da antropologia pós-moderna. Quer dizer, em Antropologia, o importante parece não ser tanto o referencial teórico escolhido, mas a "utilização" criativa que se faz desta escolha.

Portanto, com a antropologia interpretativa parece haver uma necessidade saudável e compreensível de repensar não somente a Antropologia enquanto conhecimento e as etnografias como texto<sup>71</sup>, como gênero científico e/ou literário mas, principalmente, o trabalho de campo e o encontro com o "outro". Conseqüentemente, o que se enfatiza como fundamental nesta discussão, são os limites e possibilidades do conhecimento antropológico enquanto ciência e de sua legitimidade no campo científico como um todo. Na maioria das vezes, a discussão tem girado em torno do trabalho de campo porque é com a observação participante que a disciplina tem-se refinado e aprimorado teoricamente. Com a pesquisa de campo o antropólogo consegue captar a singularidade do objeto, introduzindo a originalidade necessária à crítica e avanço do conhecimento antropológico. É a diferença que marca o conhecimento antropológico e que hoje influencia as demais Ciências Humanas.

### **3. Antropologia: Uma Pluralidade de Pluralidades.**

O PPGAS/Museu Nacional nasceu e se desenvolveu em função dos grandes projetos realizados por suas equipes de professores e financiados por diferentes agências. Esta foi e continua sendo a marca da Antropologia Social no Rio de Janeiro que em função da proposta coletiva da maioria de suas pesquisas conseguiu uma eficiência exemplar, o que não deve ser somente explicada pela sua existência num período mais longo de tempo, desde a primeira defesa de mestrado em 1970 até o final do período estudado aqui. É esta a singularidade que distingue as pesquisas no Museu Nacional e que proporciona um sentimento de pertencimento entre seus autores.

---

<sup>71</sup>UNB-42 também é exemplar da inovação na construção do texto etnográfico e da descrição de como foi feito o trabalho de campo ("Lógica e Emoção no Trabalho de Campo"). No entanto, o referencial teórico não fica claro no texto, nem tão pouco os conceitos utilizados pelo autor.

O espaço de estudo que os alunos possuem no PPGAS/UNB, facilita encontros, críticas e discussões coletivas entre professores e alunos. Proporciona um trabalho coletivo por parte do corpo discente e influencia a formação de grupos de pesquisas que se concentram em determinadas temáticas<sup>72</sup>. Este "detalhe" está relacionado com as condições do trabalho intelectual e está presente nos agradecimentos das dissertações, nas auto-referências e, portanto, na socialização da produção do conhecimento e no seu aprendizado em Brasília. A possibilidade do espaço criou práticas coletivas que possibilitaram a construção de uma consciência de identidade, de história e de tradições construídas em conjunto. Uma história compartilhada não somente pelos que ensinam, mas também entre os que aprendem.

As pesquisas feitas na Unicamp se caracterizam pelo estilo visual das etnografias e pelo diálogo entre pesquisador e pesquisado, presente na maioria das dissertações desde o início do PPGAS<sup>73</sup>. Mesmo que não explicitamente, a relação de proximidade e do que hoje se convencionou chamar de "diálogo" transparece na maioria destas pesquisas. Nas demais instituições, principalmente na UNB, existe um fluxo temático que parece seguir quase sempre num mesmo sentido. Ao contrário, a Unicamp é mais plural em relação a sua produção e às temáticas desenvolvidas. Talvez pela especificidade do contato constante e diário com filósofos, sociólogos, cientistas políticos e historiadores. Esta "aparente" diluição das diferentes áreas das Ciências Humanas contribui também com uma interdisciplinariedade mais intensa e um diálogo maior entre as diferentes disciplinas<sup>74</sup>.

Na USP, os orientadores e suas temáticas foram os referenciais para as escolhas feitas pelo corpo discente. Portanto, os orientandos de Ruth Cardoso e Eunice Durham, pe-

---

<sup>72</sup>Foi assim com o grupo composto por UNB-003, UNB-002 e UNB-004 que foram estudar os pescadores de Icarai, Ceará, no início dos anos 70; foi assim na década seguinte também com as pesquisas de UNB-033, UNB-039 e UNB-040 que pesquisaram os índios citadinos em Manaus, Amazonas.

<sup>73</sup>O que Geertz (1989) diz ser a característica da Antropologia inglesa.

<sup>74</sup>Não é por acaso, portanto, que um doutorado em Ciência Sociais tenha sido criado justamente na Unicamp.

exemplo, se consideram e são considerados no campo das Ciências Sociais no Brasil como antropólogos, mesmo com os seus diplomas exibindo o título de cientistas políticos<sup>75</sup>. Os arqueólogos e os etnólogos compõem um outro grupo com as suas respectivas singularidades; os orientandos de João Baptista Borges Pereira - nas temáticas educação e etnicidade - formam um grupo diferenciado. Nos anos 90, a situação começa a se transformar, muito em função, no meu entender, do novo formato que o Departamento de Antropologia Social vem assumindo com a contratação de uma nova geração de professores e a conseqüente abertura do leque temático na instituição.

Ou seja, o formato da organização dos respectivos espaços institucionais, acabaram por influenciar as suas produções. No entanto, e apesar de suas singularidades, fica claro na história destas quatro instituições que é impossível falar de uma delas sem se referir às demais. Mesmo a Antropologia Social em Campinas, que aparentemente nasceu mais "independente", deixou explícito na sua trajetória e na de seus principais personagens que o PPGAS da Unicamp se desenvolveu em função das crises e discussões teóricas travadas no final da década de 60 na USP. As escolhas feitas por Antônio Augusto Arantes não foram casuais naquele momento.

A Antropologia na USP seguiu essencialmente a tradição racionalista francesa. O PPGAS do Museu Nacional herdou muito desta tradição através da influência de um de seus personagens socializado intelectualmente no ambiente das Ciências Sociais paulista, mas também pela contratação de Moacir Palmeira que se formou na própria França. Contudo, o Museu Nacional também recebeu influências da tradição da Antropologia Social inglesa através de Otávio Velho (Manchester, Inglaterra) e do próprio Roberto da Costa Oliveira que naquele momento esteve muito próximo à tradição britânica, inclusive pela influência de David Maybury-Lewis. Também a tradição norte-americana esteve presente

---

<sup>75</sup>Ou de cientistas sociais na área de Ciência Política, o que acontecia antes do desmembramento do Departamento de Ciências Sociais em 1986.

no Museu Nacional através de Gilberto Velho (Austin, EUA) e Roberto Da Matta (Harvard, EUA).

Do grupo de antropólogos do Museu Nacional nasceu o PPGAS da UNB que, por sua vez, possuía parte de seus mais eminentes representantes doutorados pela Universidade de São Paulo: Roque de Barros Laraia, Júlio César Melatti e o próprio Roberto Cardoso de Oliveira. Por outro lado, o Programa em Brasília foi também influenciado pela Antropologia norte-americana através, principalmente, de Alcida Rita Ramos (Wisconsin, EUA) e de Keneth Ian Tylor.

O PPGAS/Unicamp como vimos, foi criado em função das escolhas teóricas de Antônio Augusto Arantes no contexto antropológico existente na USP no final dos anos 60. Um pouco mais tarde, parte dos que se tornaram seus professores na segunda e terceira geração intelectual, também foram formados de acordo com determinada perspectiva da Antropologia na FFLCH/USP.

A USP, queiramos ou não, foi a origem da maioria de nossos professores e, em última instância, dos professores daqueles que atualmente são nossos professores.

Hoje a Antropologia no Brasil possui algumas características que a tornam diferente da Antropologia praticada em outros países. A principal delas é a de ser uma Antropologia sócio-cultural. Ou seja, não existe uma tradição em nosso país de se pensar em termos de Antropologia Física<sup>76</sup>, por exemplo. Os esforços existentes neste sentido, são quase sempre consequência de iniciativas individuais e só ocorrem em algumas poucas instituições do país. A Arqueologia<sup>77</sup> e a Linguística seguem trajetórias específicas e até

---

<sup>76</sup>Para Lux Vidal (entrevista), a Antropologia Física evoluiu tanto nos últimos anos, que hoje necessita de laboratórios de genética para as suas pesquisas, o que fez com que a disciplina se desenvolvesse melhor na Biologia e na própria Genética.

<sup>77</sup>Na Faculdade Cândido Mendes no Rio de Janeiro também existe um curso de graduação em Arqueologia. Segundo a professora Lux Vidal (entrevista), a Arqueologia no Brasil está se desenvolvendo muito em tomo de grandes polêmicas como, por exemplo, a datação do homem americano e brasileiro. No entanto, é uma disciplina complicada no país porque as nossas populações ameríndias não chegaram a ser Civilizações-Estados como na Meso-América e os arqueólogos trabalham com pouco material em consequência da acidez do solo, o que torna os testemunhos perecíveis e pouco preservados.

certo ponto "independentes" das discussões teóricas e problemas levantados pelo campo da Antropologia no Brasil<sup>78</sup>.

O cosmopolitismo presente em grande parte das dissertações influenciou a sua produção e contribuiu na construção de uma visão original e dinâmica do pensamento antropológico entre nós. Neste sentido, foram fundamentais o estilo etnográfico "visual" herdado da Antropologia Social emergente no início dos PPGAS, principalmente através da produção da Unicamp, mas também do Museu Nacional e da UNB. Também o interpretativismo de Clifford Geertz que, quase na mesma época, começou a influenciar a Antropologia, inicialmente no Museu Nacional e mais tarde nas demais instituições, inclusive a USP nos anos 80; e do estruturalismo que atravessou a quase totalidade desta produção nas duas décadas consideradas. Uma concepção de militância política<sup>79</sup> através do marxismo foi incorporada pela prática da pesquisa de campo. Somou-se a isso a crítica da antropologia pós-moderna dos anos 80 e temos, então, a Antropologia Social dos anos 90 no Brasil.

Atualmente, a Antropologia Social não é somente a constatação de que "eu" estive lá e vi, o que Geertz (1989 [1973]) já afirmou e confirmou; mais que isto, é: "eu" vivi o "outro", tentei sentir o que ele sentia sem abandonar a minha própria perspectiva e, finalmente, consegui compreendê-lo objetivamente - através do distanciamento e da consciência crítica - e subjetivamente - através da vivência. Agora, este "outro", antes estranho e desconhecido, faz parte da minha própria história de vida e conseqüentemente

---

<sup>78</sup>Se a Antropologia tem a capacidade de "insinuar-se" em várias outras áreas, como afirma Castro Faria já citado (1993), no que concordo, é porque a disciplina conquistou esta legitimidade pela singularidade de seu "olhar", pela capacidade de percepção da especificidade em diferentes campos do conhecimento. Talvez um este motivo, é que mais que as outras disciplinas sociais, a Antropologia tem sido requisitada na graduação: tanto na área médica, quanto na área de Comunicações, Letras, Artes, Biológicas e até na Arquitetura.

<sup>79</sup>Ou "populismo" segundo Otávio Velho (1980). Para Peirano "...se as diversas conjunturas com que o antropólogo se defronta o fazem repensar a teoria sociológica clássica ocidental, isto - que é a força da antropologia - pode tornar-se a sua fraqueza, se apenas o exótico é privilegiado. No Brasil, o efeito pernicioso aumenta quando, num pretensso engajamento político, tentamos estranhar e resgatar camadas oprimidas da população e acabamos muitas vezes fazendo-lhes o desfavor de revelá-las, por exemplo, nos tais relatos entediantes sobre as mulheres da periferia urbana." (Peirano: 1992, p. 38).

de minha subjetividade também. E é esta capacidade de transmitir o "outro" através de nós mesmos, textualizando-o, que é também uma das principais características do texto antropológico.

*"Mas, para melhor entendermos isso nos termos de nossa disciplina, cabe ainda algum esclarecimento sobre a questão desse sentido alcançado pela compreensão. Diria, portanto, que enquanto a explicação dá conta daquelas dimensões do real susceptíveis de tratamento metódico (por métodos funcionais e/ou estruturais, por exemplo), a compreensão capta aquilo que Ricoeur chama de "excedente de sentido" (surcroît de sens). Não é difícil para nós apreender, mesmo intuitivamente, o que significa esse excesso de sentido, desde que consideremos que tudo aquilo possuidor de alguma significação que seja irreduzível a métodos, pode ser de alguma maneira recuperado pela via da compreensão. Aliás, é por aí que nos reencontramos com a distinção gadameriana entre "verdade" e "método"<sup>80</sup>, segundo a qual toda a "verdade" (ou simplesmente a veracidade) não se alcança pelo caminho exclusivo do método. Esse algo mais que lhe escapa não só pode, mas deve ser alcançado pela via da compreensão." (Cardoso de Oliveira: 1994, p. 24-25)*

#### **4. A Antropologia Social na Era da Pós-Graduação:**

Como afirmou Peirano (1981, p. 227) *"...the nation was central unit of analysis for most of the authors considered."* Ou seja, o desenvolvimento da Antropologia no Brasil está relacionado à compreensão do país e à construção de uma identidade nacional. O caminho do reconhecimento do território nacional foi a direção que se impôs à Antropologia brasileira<sup>81</sup>. Existe entre nós uma obsessão cultural pelo tema da identidade entre as Ciências Humanas de um modo geral. A Antropologia não fugiu à regra. A sua trajetória demonstra um esforço pela compreensão de quem somos nós e de como nos distribuímos

---

<sup>80</sup>A mesma questão podemos fazer em relação à Antropologia: o importante não é saber se é "ciência" ou "literatura"; fundamental é entender que é um tipo de conhecimento relevante e indispensável no mundo atual.

<sup>81</sup>Ver o interesse da integração nacional por parte dos militares a partir do golpe militar de 1964. Havia na época, um desconhecimento quase total do espaço geográfico brasileiro. Por analogia, a Antropologia Social fez com o Brasil na era da pós-graduação, o que o Marechal Rondon tinha feito no início do século: "reconheceu" o território e implantou marcos.

neste espaço diversificado que é o país. Contudo, podemos afirmar que, não somente as temáticas são escolhidas em função da cidadania de seus autores, mas também em função de suas trajetórias dentro de uma determinada tradição e, portanto, de acordo com as especificidades encontradas em cada instituição que, por sua vez, possuem uma história estreitamente ligada às trajetórias de seus docentes. Assim como estamos ligados teoricamente aos clássicos da Antropologia - Malinowski, Evans-Pritchard, Victor Turner, Lévi-Strauss, Clifford Geertz etc -, também fazemos parte dos diferentes grupos formadores dos PPGAS. Seguimos, na maioria das vezes, as "linhagens" sedimentadas em nossa tradição.

Nos anos 30, o mito das três raças formadora do país influenciaram a trajetória da disciplina. Foram pesquisas sobre os segmentos de nossa população: grupos tribais, negros e imigrantes. As análises tinham como concepção teórica a idéia da harmonia interna dos grupos e, portanto, a análise proporcionava uma compreensão destes segmentos sociais como grupos isolados da sociedade nacional.

A Antropologia Social no Brasil escolheu como objeto de estudo, os socialmente marginalizados - no sentido social, político e econômico -, o que contribuiu para a direção temática e teórica da disciplina e com os rumos do pensamento social brasileiro.

A teoria da fricção interétnica de Roberto Cardoso de Oliveira se desenvolveu na década de 60 e se "popularizou" na academia nos anos 70, com uma perspectiva diferente das pesquisas que até então vinham sendo feitas. Ao contrário do que afirmava a teoria da democracia racial de Gilberto Freyre, do relacionamento entre culturas/sociedades diferentes como um processo absorvido sem grandes crises, Roberto Cardoso de Oliveira enfatizou o conflito de nossa formação cultural e com isto, contemplou as necessárias relações de poder existentes entre brancos, negros e índios no Brasil.

*"...essa triangulação étnica, pela qual se arma geometricamente a fábula das três raças, tornou-se uma ideologia dominante, abrangente, capaz de permear a visão do povo, dos intelectuais, dos políticos e dos acadêmicos de esquerda e de direita, uns e outros gritando pela mestiçagem e se utilizando*

*do 'branco', do 'negro' e do 'índio' como as unidades básicas através das quais se realiza a exploração ou a redenção das massas.*

*O que parece ter ocorrido no caso brasileiro foi uma junção ideológica básica entre um sistema hierarquizado real, concreto e historicamente dado e a sua legitimação ideológica num plano muito profundo." (Da Matta: 1987, p. 63).*

A teoria da fricção interétnica foi o contraponto do mito da democracia racial no país, que nos anos 60 já não conseguia explicar satisfatoriamente - nem cientificamente, nem em relação ao senso comum - a realidade vivenciada. O contexto social existente nesse período, com uma qualidade diferente dos anos 20 e 30, proporcionou ao pensamento social brasileiro o desenvolvimento de uma alternativa ao que vinha sendo afirmado até então.

As transformações sociais, econômicas e políticas que estavam ocorrendo possibilitaram esta transformação. Anteriormente, foram as Ciências Sociais através de seu principal teórico, Gilberto Freyre, que proporcionaram uma explicação "oficial" para a cultura brasileira. A década de 60 introduziu novos atores na cena política nacional, o que possibilitou o desenvolvimento de teorias como a do desenvolvimento dependente de Fernando Henrique Cardoso e da fricção interétnica de Roberto Cardoso de Oliveira. A Antropologia respondeu com uma interpretação de forma mais consistente e convincente das contradições vividas pelos diferentes segmentos culturais formadores da sociedade nacional, o que, por outro lado, veio também contribuir com uma aproximação diferente do antropólogo em relação aos seus informantes e com uma qualidade diferente na prática de pesquisa de campo. Uma prática que vem se caracterizando por um comprometimento diferenciado do cientista social em relação aos fatos sociais por ele estudado o que favoreceu uma visão mais crítica em relação aos "perigos" da "participação observante", isto é, da militância política<sup>82</sup>. Conseqüentemente, as pesquisas tem sido realizadas, na sua maioria, em relação a nós mesmos e somente agora começa a existir um interesse por

---

<sup>82</sup>O compromisso do antropólogo em relação ao grupo estudado é diferente da militância política. Este compromisso se manifesta principalmente pela solidariedade e honestidade no tratamento com os informantes.

ultrapassar as fronteiras nacionais. Estamos vivenciando um momento de transição no contexto mundial e nacional e, portanto, começamos a perceber um deslocamento da perspectiva antropológica e da escolha de seu objeto que, com certeza, tem se manifestado na produção dos PPGAS<sup>83</sup>, prometendo contribuições futuras mais diversificadas teoricamente.

O que mais podemos dizer sobre a Antropologia nacional? Que apesar de verificarmos a existência de linhas de pesquisas que fazem parte da história da Antropologia no Brasil - como por exemplo, etnologia, antropologia do campesinato, antropologia urbana - a disciplina tem se caracterizado pela sua diversidade temática<sup>84</sup>, tanto em relação ao seu objeto de estudo quanto nas metodologias empregadas, na textualização e nas tradições teóricas utilizadas. A história da Antropologia Social demonstra que no Brasil, a disciplina não pode e não deve ser definida em função da escolha de seu objeto de estudo. Uma possível definição deve necessariamente considerar este aspecto plural da disciplina na percepção do mundo, da vida e da ciência. Ou seja: "*O fato é que não é possível definir a antropologia com base num cânone sobre o qual todos concordariam.*" (Clifford: 1996, p. 10). Outra questão importante nessa história é que apesar das divergências e da multiplicidade substancial da Antropologia entre nós, encontramos-nos organizados e unificados numa única instituição que tem conseguido refletir essa pluralidade: a Associação Brasileira de Antropologia<sup>85</sup>.

Qual a contribuição dos conhecimentos adquiridos nessas pesquisas para o avanço das teorias antropológicas entre nós e com o auto-conhecimento da nossa sociedade?

---

<sup>83</sup>A necessidade de analisar a produção nos PPGAS criados recentemente no nordeste e sul do país, além do acompanhamento dos mais antigos é uma tarefa fundamental na atualidade, na crítica antropológica no país e, portanto, também no desenvolvimento da disciplina entre nós.

<sup>84</sup>Por exemplo, a diminuição relativa das pesquisas etnológicas na UNB nos anos 80 foi, na verdade, o crescimento das demais áreas temáticas. Consultar anexos.

<sup>85</sup>Como o constatado pelo último **Cadastro de Teses e Dissertações em Antropologia da ABA, 1994/95**, o número de seus sócios é praticamente o mesmo da quantidade de mestres e doutores formados em nossos PPGAS.

Excluindo-se o já exposto e, em última instância, o projeto da Antropologia Social não tem como objetivo a compreensão da realidade em sua totalidade. Esta tarefa é de responsabilidade das Ciências Sociais. Sociologia, Ciência Política e Antropologia Social estarão unidas para alcançar este objetivo.

A Antropologia Social assume, neste conjunto, a tarefa de compreensão dos aspectos singularizadores da nação e, portanto, as suas pesquisas se desenvolveram mais em função de uma perspectiva microscópica no sentido da desmistificação das diferenças e da desnaturalização do poder, do preconceito e da harmonia social. No entanto, é imperativo que a disciplina não perca a perspectiva do todo.

Nesses últimos vinte e cinco anos a Antropologia no mundo e no Brasil se transformou, como também o próprio mundo e a própria história. Hoje, já não existe consenso em relação ao objeto de estudo da disciplina. O objeto de estudo da Antropologia, de um modo geral, está inserido num conjunto de "outros": histórico, geográfico, cultural, intelectual, de classe, de gênero etc.

Consequentemente, a observação participante e os seus objetivos também se modificaram nesses últimos anos. Transformou-se o antropólogo que atualmente está mais consciente de seus limites enquanto representante da ciência, questionando a objetividade e a neutralidade de suas pesquisas e, portanto, a legitimidade do conhecimento produzido. Nossos informantes, por sua vez, estão mais sabedores de seus direitos e, portanto, encaram com mais perspicácia o trabalho do antropólogo. O relacionamento entre ambos possui hoje um significado diferenciado, apesar de ainda haver hierarquia. Mas, o respeito entre o antropólogo e seu informante é visível, existindo uma tentativa de unificação dos objetivos de ambos atualmente. A antropologia interpretativa e o que ficou conhecido como antropologia pós-moderna<sup>86</sup> permitiu que se avançasse na discussão, contribuindo com o refinamento do pensamento e da prática antropológica. No entanto, a trajetória do pensamento antropológico, a tradição de seus clássicos e as experiências de pesquisa de

---

<sup>86</sup>Que como afirmou Reynoso (1991) não é um movimento unitário.

campo acumuladas até então, não podem ser negadas como parece acontecer com alguns autores<sup>87</sup>. Hoje, a necessidade da crítica constante ao pensamento antropológico é um dos consensos seguidos pelos antropólogos de todas as tradições.

Consequentemente, o projeto científico da Antropologia no mundo atual não pode permanecer o mesmo do passado. O conhecimento antropológico abandonou, por exemplo, a pretensão de querer explicar a humanidade como um todo através da descoberta de "leis" gerais. A busca do conhecimento antropológico, atualmente, está associada à compreensão das diferenças - quaisquer que sejam elas - para uma melhor convivência, desmistificando preconceitos e prepotências que venham justificar a violência e a opressão.

O objetivo prioritário da Antropologia brasileira foi, nessas últimas décadas, o conhecimento do Brasil, o mapeamento do seu território e a compreensão da diversidade cultural de sua formação. Neste sentido, conjuntamente com as suas irmãs - a Sociologia, a Ciência Política, a História e a Economia - a disciplina tem efetivamente contribuído na construção de um pensamento social criativo e original sobre o país.

Finalmente, uma das conclusões a que cheguei é que a verdade, como já afirmaram outros autores<sup>88</sup>, não é uma certeza absoluta mas a sua eterna busca. Redescobrir esta verdade através de uma pesquisa que teve uma motivação pessoal, não é repetir um jargão. É compreendê-la. Consequentemente, a resposta à problemática central desta tese é também provisória, mas com certeza, no momento, suficiente pela inexistência de

---

<sup>87</sup> Refiro-me a Stephen Tyler que defende a antropologia pós-moderna como uma "voz livre" (1991, p.300), isto é, possível de falar qualquer coisa: *"La evocación - que es decir 'la etnografía' - es el discurso del mundo posmoderno, porque el mundo que hizo la ciencia, y esa ciencia hecha, han desaparecido, y el pensamiento científico es ahora un modo arcaico de conciencia que sobrevive por un tiempo, en una forma degradada, sin el contexto etnográfico que lo creó y lo sostuvo. El pensamiento científico sucumbió por haber violado la primera ley de la cultura, la que dice que 'cuanto más el hombre controla algo, más incontrolable se vuelven ambos'. en la retórica totalizadora de su mitología, la ciencia implicaba su propia justificación y pretendía controlar y tomar autónomo su discurso; y cuanto más controlaba su discurso sujetándolo al criterio de la prueba, más incontrolable se tomaba su discurso. Su propia actividad fragmentaba constantemente la unidad del conocimiento que ella pretendía. Cuanto más sabía, más quedaba por conocer."* (p. 298).

<sup>88</sup> Heidegger (1970), Gadamer (1992), Ricoeur (1968 [1955]), Schaff (1991 [1971]), Bourdieu (1996) etc.

de qualquer levantamento mais sistemático sobre a produção em Antropologia Social na pós-graduação brasileira. A Antropologia Social é uma constante dialética entre a limitação da textualização do vivido - através das fronteiras impostas pelos conceitos - e a necessidade do novo, da criatividade e da originalidade que faz avançar todo conhecimento.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRANCHES, Sérgio Henrique . As Ciências Sociais e o Estado: Comentários sobre a Política Científica e Tecnológica e a Institucionalização da Ciência Social no Brasil . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 13, p. 37-48, 1º sem. 1982.
- AGOSTINHO, Pedro . Ensino Pós-Graduado, Teoria e Pesquisa Antropológica . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 22, p. 133-142, 1979.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe . “Não Sabem Dizer Coisa Certa” . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 6, nº 16, p. 61-65, jul. 1991.
- ALVES, Meigle Darluce Rafael . **Representações do Fazer Antropológico: Uma Abordagem Metadisciplinar** . Salvador. UFBA. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - UFBA, 1995.
- ARAGÃO, Luiz Tarlei de . **Tradition et Modernisme dans la ville Nouvelle de St. Quentin-en-Yvelines; Utilisation des Méthodes Anthropologiques dans l'étude d'une Ville Nouvelle** . Paris: École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Tese (Doutorado) - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1980.
- ARANTES Neto, Antônio Augusto . **Avaliações & Perspectivas: Antropologia Social** . Brasília, CNPq, 1978. (Avaliações e Perspectivas)
- \_\_\_\_\_ (org.) . **Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural** . São Paulo: Brasiliense/CONDEPHAAT, 1984.
- \_\_\_\_\_ (ed.) . **Guia: Antropologia em América Latina** . Campinas: Associação Latino-Americana de Antropologia, 1993.
- \_\_\_\_\_ . **Memorial** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1995.
- ARANTES, Paulo Eduardo . **Um Departamento Francês de Ultramar: Estudos sobre a Formação da Cultura Uspiana (Uma Experiência nos Anos 60)** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- ARAUJO, Bráz José de (org.) . **A Crise da USP** . São Paulo: Brasiliense, 1980.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento . A Modernidade Possível: Cientistas e Ciências Sociais em Minas Gerais . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: IDESP/Editora Vértice/FINEP, 1989. (Volume 1).

\_\_\_\_\_ . A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a "Escola Paulista" . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: Sumaré, 1995. (Volume 2).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA . Estatuto . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 24, p. 174-180, 1981a.

\_\_\_\_\_ . Novas Regionais da ABA e seus Regimentos . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 24, p. 180-187, 1981b.

\_\_\_\_\_ . **Catálogo de Antropólogos: Teses, Pesquisas, Antropólogos** . Florianópolis: ABA, 1993.

\_\_\_\_\_ . **Cadastro de Teses e Dissertações em Antropologia** . Rio de Janeiro: ABA, 1994/95.

ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS . **ADUNICAMP: Em Defesa da Universidade** . Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

AZZAN, Celso . **Antropologia e Interpretação** . Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

AZEREDO, Paulo Roberto . **Antropólogos e Pioneiros: A História da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia** . São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

AZEVEDO, Thales . Primeiros Mestres da Antropologia nas Faculdades de Filosofia . **Antropológico** 82, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 259-279, 1984.

BACHELAR, Gaston . **O Novo Espírito Científico** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

\_\_\_\_\_ . **Epistemologia: Trechos Escolhidos por Dominique Lecourt** . Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BAUDUS, Herbert . Ensaios sobre a História da Etnologia Brasileira . **Boletim Bibliográfico**, vol. 1, São Paulo, p. 59-69, 1943.

\_\_\_\_\_. **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira** . São Paulo: Comissão do IVº Centenário da Cidade de São Paulo, 1954. (Volume 1).

\_\_\_\_\_. **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira** . Hannover: Münsteman, 1968. (Volume 2).

BECKER, Howard S. . "Foi por Acaso": Reflexões sobre a Coincidência . **Anuário Antropológico** 93, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas . **A Construção Social da Realidade** . Petrópolis: Vozes, 1973 [1966].

BOCK, Philip K. . Anthropology at the University of New Mexico, 1928-1988: A Trial Formulation . **Journal of Anthropological Research**, v. 45, nº 1, p. 1-14, spring 1989.

BOMENY, Helena M. B. . A Reforma Universitária de 1968: 25 Anos depois . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 9, nº 26, p. 51-65, out. 1994.

BONELLI, Maria da Glória . **Identidade Profissional e Mercado de Trabalho dos Cientistas Sociais: As Ciências Sociais no Sistema das Profissões** . Campinas: Unicamp. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - IFCH/Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. No Mundo das Ciências Sociais . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: Editora Sumaré, 1995. (Volume 2).

BORGES PEREIRA, João Baptista . **Cadeira de Antropologia - Organização e Atividades** . São Paulo, FFCL/USP, 1966.

\_\_\_\_\_. Estudos Antropológicos das Populações Negras na Universidade de São Paulo . **Revista de Antropologia**, v. 24, p. 63-74, 1981.

\_\_\_\_\_. Emilio Willems e Egon Schaden na História da Antropologia . **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, nº 22, p. 249-253, 1994.

BOURDIEU, Pierre . Esboço de uma Teoria da Prática . In: ORTIZ, Renato (org.) . **Pierre Bourdieu** . São Paulo: Ática, 1983 [1972].

\_\_\_\_\_. O Campo Científico . In: ORTIZ, Renato (org.) . **Pierre Bourdieu** . São Paulo: Ática, 1983b [1976].

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação** . Campinas: Papirus, 1996 [1994].

\_\_\_\_\_, CHAMBOREDON, Jean-Claude & PASSERON, Jean-Claude . **El Oficio de Sociólogo** . México: Siglo Veintiuno Editores, 1994 [1973].

BRANDÃO, Carlos Rodrigues . **Minha Memória I** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. **Minha Memória II** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1994.

\_\_\_\_\_. O Professor Roberto . In: CORRÊA, Mariza & LARAIA, Roque de Barros . **Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1992.

BRICEÑO, Jacqueline Clarac de . Estatutos y Características Cognitivas de la Antropología en Venezuela . **Alteridade**, México, año 3, nº 6, p. 17-26, 1993.

BURKE, Peter . **A Escola dos Annales (1929-1989) A Revolução Francesa da Historiografia** . São Paulo: Editora da UNESP, 1991 [1990].

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio . A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia . **Novos Estudos CEBRAP**, nº 21, p. 133-157, jul. 1988.

\_\_\_\_\_. **Memorial** . Campinas: Unicamp. IFCH/Unicamp, 1993.

CANCLINI, Néstor Garcia . Antropólogos Sob a Lupa ou Como Falar das Tribos Quando as Tribos São Eles Mesmos . **Ciência Hoje**, v. 15, nº 90, p. 26-32, mai. 1993.

CANDOTTI, Ennio . O Sistema Federal de Ensino: Problemas das Alternativas . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 8, nº 23, p. 38-41, out. 1993.

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. **A Universidade da Comunhão Paulista : O Projeto de Criação da Universidade de São Paulo** . São Paulo: Cortez, 1981.

CARDOSO, Luiz Claudio & MARTINIÈRE, Guy . **Brasil-França: Vinte Anos de Cooperação (Ciência e Tecnologia)** . IPRI/Fundação Alexandre de Gusmão, 1989.

CARDOSO, Ruth Correa Leite . **Movimentos Sociais Urbanos: Balanço Crítico** . In: TAVARES DE ALMEIDA, Maria Hermínia & SORJ, Bia . **Sociedade e Política no Brasil Pós-64** . São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_ . **Aventuras de Antropólogos em Campo ou Como Escapar das Armadilhas do Método** . In: \_\_\_\_\_ (org.) . **A Aventura Antropológica** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_ & SAMPAIO, Helena . **Estudantes Universitários e o Trabalho** . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 9, nº 26, p. 30-50, out. 1994.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto . **Saudação a Roque de Barros Laraia** . **Anuário Antropológico 92**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

\_\_\_\_\_ . **Extensão e Emancipação: Reflexões Sobre a Socialização da Produção Antropológica** . **Cadernos de Extensão**, Brasília, Decanato de Extensão/UNB, s.d.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto . **Brasil 1** . **Anuário Indigenista**, México, v. 27, p. 47-53, Diciembre 1967.

\_\_\_\_\_ . **Entre o Estruturalismo e a Hermenêutica** . **Anuário Antropológico 82**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 289-294, 1984.

\_\_\_\_\_ . **O Que é isso que Chamamos de Antropologia Brasileira?** . **Anuário Antropológico 85**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

\_\_\_\_\_ . **A "Categoria da Causalidade" na Formação da Antropologia** . **Anuário Antropológico 83**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985b.

\_\_\_\_\_ . **Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia** . **Anuário Antropológico 84**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985c.

\_\_\_\_\_ . **A Categoria de (Des)Ordem e a Pós-Modernidade da Antropologia** . **Anuário Antropológico 86**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

- \_\_\_\_\_. **Sobre o Pensamento Antropológico** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/MCT/CNPq, 1988.
- \_\_\_\_\_. Depoimento: Rememorando um Programa . **Comunicações do PPGAS**, Rio de Janeiro, nº 2, p. 45-56, nov. 1992.
- \_\_\_\_\_. O Movimento dos Conceitos em Antropologia . **Revista de Antropologia**, São Paulo, nº 36, p. 13-31, 1994.
- \_\_\_\_\_. A Antropologia e a "Crise" dos Modelos Explicativos . **Primeira Versão**, Campinas: IFCH/Unicamp, 1994a.
- \_\_\_\_\_. Olhar, Ouvir, Escrever . **Aula Inaugural**, Campinas: IFCH/Unicamp, p. 5-29, 1994b.
- \_\_\_\_\_. A Honra Acadêmica (ou da Condição de Emérito) . **Anuário Antropológico 92**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994c.
- CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela . **Negros, Estrangeiros; Os Escravos Libertos e sua volta à África** . São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Antropologia do Brasil - Mito, História, Etnicidade** . São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986.
- \_\_\_\_\_. Introdução . **Revista de Antropologia**, v. 30/31/32, p. 1-8, 1987/88/89.
- CARVALHO, Guido Ivan de . **Ensino Superior: Legislação e Jurisprudência** . Brasília: MEC/COE, 1969.
- CARVALHO, José Jorge de . A Antropologia e o Nihilismo Filosófico Contemporâneo . **Anuário Antropológico 86**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- CASTRO FARIA, Luiz de . A Antropologia no Brasil: Depoimento sem Compromisso de um Militante em Recesso . **Anuário Antropológico 82**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 228-250, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Devoção Antropológica - As Quatro Estações de uma Vida Triunfal** . In: CORRÊA, Mariza & LARAIA, Roque de Barros . **Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1992.

- \_\_\_\_\_. Uma Antropologia Social Tupiniquim . **Comunicações do PPGAS**, Rio de Janeiro, nº 2, p. 57-75, 1992b.
- \_\_\_\_\_. A Antropologia no Brasil - Depoimento sem Compromissos de um Militante em Recesso In: \_\_\_\_\_ . **Antropologia - Espetáculo e Excelência** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Editora UFRJ, 1993.
- \_\_\_\_\_. Museu Nacional - O Espetáculo e a Excelência . In: \_\_\_\_\_ . **Antropologia - Espetáculo e Excelência** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Editora UFRJ, 1993b.
- \_\_\_\_\_. Uma Antropologia Social Tupiniquim . In: \_\_\_\_\_ . **Antropologia - Espetáculo e Excelência** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Editora UFRJ, 1993c.
- \_\_\_\_\_. Manuel Diégues Júnior (1912-1991) . **Anuário Antropológico 91**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 227-234, 1993d.
- \_\_\_\_\_. Egon Schaden (1913-1991) . **Anuário Antropológico 91**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993e.
- CHALMERS, Alan . **A Fabricação da Ciência** . São Paulo: Editora da UNESP, 1994 [1990].
- CLIFFORD, James . **As Fronteiras da Antropologia** . **Boletim da Associação Brasileira de Antropologia**, nº 25, mar. 1996.
- \_\_\_\_\_. & MARCUS, George E. (ed.) . **Retóricas de La Antropologia** . Barcelona: Anthropos, 1991 [1986].
- CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, XXI . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 2, nº 2, p. 155-159, 1954.
- CONSORTE, Josildeth Gomes . Camem Cinira de Andrade Macedo . **Anuário Antropológico 91**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 235-240, 1993.

CÓRDOVA, Rogério de Andrade, GUSSO, Divonzir, Arthur & LUNA, Sérgio Vasconcelos . **A Pós-Graduação na América Latina: O Caso Brasileiro** . Brasília, DF, UNESCO/CRESALC/MEC/SESu/CAPEs, ago. 1986.

CORRÊA, Mariza . **Avaliação e Perspectivas: A Antropologia nos Anos 80** . s.d. (mimeo).

\_\_\_\_\_ . **As Ilusões da Liberdade - A Escola Nina Rodrigues & A Antropologia no Brasil** . São Paulo: USP. 2 volumes. Tese (Doutorado em Ciência Política) - FFLCH/USP, 1982.

\_\_\_\_\_ . **Repensando a Família Patriarcal Brasileira** . In: KOFES [de Almeida], Maria Suely (org.) . **Colcha de Retalhos: Estudos sobre a Família no Brasil** . São Paulo: Brasiliense, 1982b.

\_\_\_\_\_ . **Os Atos e Os Autos: Representações Jurídicas de Papéis Sexuais** . Rio de Janeiro: Graal, 1983.

\_\_\_\_\_ . **Memorial** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1994.

\_\_\_\_\_ . **História da Antropologia no Brasil (1930-1960) - Testemunhos: Emilio Willems e Pierson** . São Paulo: Editora Vértice/Editora da Unicamp, 1987.

\_\_\_\_\_ . **Traficantes do Excêntrico: Os Antropólogos no Brasil dos anos 30 aos 60** . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 3, nº 6, p. 79-98, fev. 1988.

\_\_\_\_\_ . **A Revolução dos Normalistas** . **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 66, p. 13-24, ago. 1988a.

\_\_\_\_\_ . **An Interview with Roberto Cardoso de Oliveira** . **Current Anthropology**, v. 32, nº 3, p. 333-343, jun. 1991.

\_\_\_\_\_ . **Breve Esbozo de la Antropología Brasileña Reciente (1960-1980)** . **Alteridade**, México, año 3, nº 6, p. 13-16, 1993.

\_\_\_\_\_ . **A Antropologia no Brasil (1960-1980)** . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: Editora Sumaré, 1995. (Volume 2).

\_\_\_\_\_. Damas & Cavalheiros de fina estampa, Dragões & Dinossauros, Héreis & Vilões . **O Ensino da Antropologia no Brasil - Temas para uma Discussão**, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Antropologia, p. 42-43, mar. 1995b.

\_\_\_\_\_. Florestan Fernandes: Esboço de uma Trajetória . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 40, p. 3-25, 2º sem. 1995c.

\_\_\_\_\_ & LARAIA, Roque de Barros (ed.) . **Roberto Cardoso de Oliveira - Homenagem** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1992.

CRAPANZANO, Vicent . **Waiting: The Whites of South Africa** . New York: Vintage Books, 1985.

CRIVOS, Marta, BRUNAZZO, Graciela, GARCÍA, Stella Maris & MIOTTI, Laura . Una Experiencia de enseñanza de la Teoria antropológica . **Alteridades**, México, año 3, nº 6, p. 81-85, 1993.

CUNHA, Celso Ferreira da . **Gramática da Língua Portuguesa** . Rio de Janeiro: FAE, 1990 [1972].

CUNHA, Luiz Antônio . **A Universidade Reformada - O Golpe de 1964 e a Modernização do Ensino Superior** . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

DAL-ROSSO, Sadi & TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz . Ponto de Vista: A Crise da Universidade Brasileira - Os Mistérios da Caixa preta: Mecanismos de participação na Política de Ciência e Tecnologia . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 19, p. 21-41, 1985.

DA MATTA, Roberto . O Ofício de Etnólogo, ou como Ter "Anthropological Blues" . In: NUNES, Fernando (ed.) . **A Aventura Sociológica - Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Etnologia** . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Relativizando: Uma Introdução a Antropologia Social** . Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. A Antropologia Brasileira em Questão: Carta Aberta a Darcy Ribeiro . **Encontros com a Civilização Brasileira**, nº 15, p. 81-92, 1979.

\_\_\_\_\_. **A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil** . São Paulo: Brasiliense, 1985.

- \_\_\_\_\_. **Camavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro** . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Para Uma Antropologia da Tradição Brasileira (ou: A Virtude Está no Meio)** . **Comunicações do PPGAS**, Rio de Janeiro, nº 2, p. 23-44, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Relativizando o Interpretativismo** . In: CORRÊA, Mariza & LARAIA, Roque de Barros (org.) . **Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1992b.
- \_\_\_\_\_. **Antropologia da Saudade** . In: \_\_\_\_\_ . **Conta de Mentiroso: Sete Ensaios de Antropologia Brasileira** . Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DEBERT, Guita Grin . **Problemas Relativos à Utilização da História de Vida e História Oral** . In: CARDOSO, Ruth Corrêa Leite (ed.) . **A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO MEC . **Plano Nacional de Pós-Graduação** . Ministério da Educação e Cultura, Conselho Nacional de Pós-Graduação, Brasília/DF 1975.
- DOUGLAS, Mary . **Pureza e Perigo** . São Paulo: Perspectiva, 1976 [1966].
- DUARTE, Luiz Fernando Dias . **Formação e Ensino na Antropologia Social: Os Dilemas da Universalização Romântica** . **O Ensino da Antropologia no Brasil - Temas para uma Discussão** . Rio de Janeiro, p. 10-17, mar. 1995.
- DUARTE, Paulo . **Pela Dignidade Universitária** . **Idéias**, ano 1, nº 1, p. 159-179, jan./jun. 1994 .
- DUBY, Georges . **A História Continua** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: Editora UFRJ, 1993 [1991].
- DUMONT, Louis . **Individualismo; Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna** . Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1985.
- DURHAM, Eunice Ribeiro . **Memorial** . São Paulo: FFLCH/USP, 1984.

- \_\_\_\_\_. A Política de Pós-Graduação e as Ciências Sociais . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 21, p. 41-55, 1º sem. 1986.
- \_\_\_\_\_. Os Problemas Atuais da Pesquisa Antropológica no Brasil . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 25, p. 159-170, 1982.
- \_\_\_\_\_. A Pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: Problemas e Perspectivas . In: CARDOSO, Ruth Corrêa Leite (org.) . **A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- \_\_\_\_\_. O Sistema Federal de Ensino Superior: Problemas e Alternativas . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 8, nº 23, p. 5-37, out. 1993.
- DURHAM, Eunice Ribeiro & CARDOSO, Ruth Correa Leite . O Ensino da Antropologia no Brasil . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 9, nº 1 e 2, p. 91-107, jun./dez. 1961.
- DURKHEIM, Émile . **As Régras do Método Sociológico** . São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- ELIAS, Norbert . **O Processo Civilizador; Uma História dos Costumes** . Rio de Janeiro: Jorge Editor, 1994. (Volumes 1 e 2).
- ERASMUS, Charles J. & SMITH, Waldemar R. . Cultural Anthropology in the United States since 1900: A Quantitative Analysis . **Southwestern Journal of Anthropology**, v. 23, nº 2, p. 111-137, summer 1967.
- EVANS-PRITCHARD, E. . **História do Pensamento Antropológico** . Lisboa: Edições 70, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande** . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FELDMAN-BIANCO, Bela . Introdução . In: \_\_\_\_\_ (org.) . **Antropologia das Sociedades Contemporâneas - Métodos** . São Paulo: Global, 1987.
- FERNANDES, Ana Maria . **A Construção da Ciência no Brasil e a SBPC** . Brasília: Editora da UNB/ANPOCS/CNPq, 1990.

- \_\_\_\_\_. **A Comunidade Acadêmica no Brasil: Problemas Atuais da Gestão Democrática da Pesquisa e do Ensino** . In: Encontro Anual da ANPOCS, XVIII . Caxambu/MG, 23-27 de nov. 1994.
- \_\_\_\_\_, SANTOS, Sales A. dos & COSTA, Joaze B. . **A Sociologia na Universidade de Brasília** . **Sociedade e Estado**, v. 7, nº 1 e 2, p. 118-157, jan./dez. 1992.
- FERNANDES, Florestan . **A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá** . São Paulo: EDUSP/Pioneira Editora, 1970 [1951].
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica** . São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959
- \_\_\_\_\_. **A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica** . Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- \_\_\_\_\_. **A Investigação Etnológica no Brasil e Outros Ensaio** . Petrópolis: Vozes, 1975b.
- \_\_\_\_\_. **A Universidade Brasileira: Reforma ou Revolução?** . São Paulo: Alfa-Ômega, 1975c.
- \_\_\_\_\_. **A Sociologia no Brasil: Contribuição para o Estudo de sua Formação e Desenvolvimento** . Petrópolis: Vozes, 1980..
- \_\_\_\_\_. **A Questão da USP** . São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FERNANDES, Ruben César . "Religiões Populares": Uma Visão Parcial da Literatura Recente . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 18, p. 238-273, 1984.
- FÍGOLI, Leonardo H. G. . **A Ciência sob o Olhar Etnográfico: Estudo da Antropologia Argentina** . Brasília: UNB. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - DAN/UNB, 1990.
- FIGUEIREDO, Marcus Faria . **O Financiamento das Ciências Sociais . A Estratégia de Fomento da Fundação Ford e da Finep - 1966-1985** . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 26, p. 38-55, 2º sem. 1988.

- \_\_\_\_\_ & CHEIBUB, José Antônio Borges . A Abertura Política de 1973 a 1981: Quem Disse o Quê, Quando - Inventário de um Debate . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 14, p. 29-61, 2º sem. 1982.
- FIRTH, Raymond . **Human Types: An Introduction to Social Anthropology** . London: Thomas Nelson, 1956.
- FISCHER, Michael . **Da Antropologia Interpretativa à Antropologia Crítica** . Anuário Antropológico 83, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- FLORES, Elizabeth Duenas Peña de . **A Pós-Graduação em Educação: O Caso da Unicamp na Opinião de Professores, Ex-Alunos e Alunos** . Campinas: Unicamp. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação/Unicamp, 1995.
- FONSECA, Claudia . **Crime, Corps, Drame et Humour. Famile et Quotidien dans la Culture Populaire** . Nanterre: Université de Nanterre. Tese (Doutorado) - Université de Nanterre, 1993.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina . **Cientistas e Militares no Desenvolvimento do CNPq (1950-1985)** . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 28, p. 71-99, 2º sem. 1989.
- FRESTON, Paul . Um Império na Província: O Instituto Joaquim Nabuco em Recife IN: MICELI, ... (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: IDESP/Editora Vértice/FINEP, 1989. (Volume 1).
- FRY, Peter . **Formação ou Educação: Os Dilemas dos Antropólogos perante a Grade Curricular** . **O ensino da Antropologia no Brasil** - Temas para uma Discussão, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Antropologia, p. 26-41, mar. 1995.
- FUKS, Mario . **Considerações a Respeito do Lugar das Humanidades na História da Ciência** IN: ... **DADOS**, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 35, nº 1, p. 117-135, 1992.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu . **La Arqueología en Brasil: Política y Academia en una Encrucijada** . In: POLITIS, Gustavo (ed.) . **Arqueología en América Latina Hoy** . Bogotá: Biblioteca Banco Popular, 1992.
- \_\_\_\_\_ . **Paulo Duarte e o Instituto de Pré-História: Documentos Inéditos** . **Idéias**, ano 1, nº 1, p. 155-158, jan./jun. 1994.

\_\_\_\_\_. Arqueologia Brasileira: Visão Geral e Reavaliação . *Revista da História da Arte e Arqueologia*, Campinas, nº 1, p. 23-41, 1994b.

\_\_\_\_\_. Rescuing Ordinary People's Culture: Museums, Material Culture and Education in Brazil . In: STONE, Peter & MOLYNEAUX, Brian (ed.) . **The Presented Past: Heritage, Museums and Education** . London/New York: Routledge, 1994c.

FURTADO, Lourdes de Fátima Gonçalves . Expedito Arnaud (1916-1992) . *Anuário Antropológico 92*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994 .

GAARDER, Jostein . **O Mundo de Sofia** . São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GADAMER, Hans George . **Verdad y Metodo: Fundamentos de uma Hermenêutica Filosófica** . Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992.

\_\_\_\_\_. **Verdad y Metodo II** . Salamanca, Ediciones Sígueme, 1992b.

GAMBOA, Silvio Ancizar Sanchez . **Epistemologia da Pesquisa em Educação: Estruturas Lógicas e Tendências Metodológicas** . Campinas: Unicamp. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação/Unicamp, 1987.

GEERTZ, Clifford . The Way We Think Now: Toward an Ethnography of Modern Thought . In: \_\_\_\_\_. **Local Knowledge - Further Essays in Interpretive Anthropology** . New York: Basic Books, Inc., Publishers, 1984.

\_\_\_\_\_. **El Antropólogo como Autor** . Barcelona: Ediciones Paidós, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Interpretação das Culturas** . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989b [1973].

GELLNER, Ernest . Introdução . IN: EVANS-PRITCHARD, E. . **História do Pensamento Antropológico** . Lisboa: Edições 70, p. 15-38, 1981.

GINZBURG, Carlos . **O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição** . São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GLUCKMAN, Max . Fofoca & Escândalo . *Current Anthropology*, v. 4, nº 3, jun. 1963.

GRACIANI, Maria Stela Santos . **O Ensino Superior no Brasil: A Estrutura de Poder na Universidade em Questão** . Petrópolis: Vozes, 1982.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.) . **Índios no Brasil** . Brasília: MEC, 1994.

GUIMARÃES, Jorge A. . **Perspectivas para as Instituições Federais de Ensino Superior** . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 8, nº 23, p. 42-47, out. 1993.

HABERMAS, Jurgen . **Conhecimento e Interesse** . Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALBWACHS, Maurice . **A Memória Coletiva** . São Paulo: Vértice, 1990 [1968].

HARTMAN, Thekla Olga . **Memorial** . São Paulo: FFLCH/USP, s.d.

\_\_\_\_\_ . **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira** . Berlin: Dietrich Verlag, 1984. (Volume 3).

HEIDEGGER, Martin . **Identidade e Diferença** . São Paulo: Editora Abril Cultural, 1970. (OS Pensadores).

HERMANN, Lucila . **Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num Período de Trezentos Anos** . **Revista de Administração**, São Paulo, ano 2, nº 5/6, p. 1-326, 1948.

IANNI, Octávio . **Sociologia da Sociologia** . São Paulo: Ática, 1989

KROTZ, Esteban . **La Producción de la Antropología en el Sur: Características, Perspectivas, Interrogantes** . **Alteridades**, México, año 3, nº 6, p. 5-11, 1993.

KUHN, Thomas S. . **A Estrutura das Revoluções Científicas** . São Paulo: Perspectiva, 1991.

KUPER, Adam . **Antropólogos e Antropologia** . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978 [1973].

LAGROU, Eijsje Maria . **Hermenêutica e Etnografia - Uma Reflexão sobre o Uso da Metáfora da Textualidade para "ler" e "inscrever" Culturas Ágrafas** . **Revista de Antropologia**, v. 37, p. 35-56, 1994.

LAKATOS, Imre . O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científica . In: LAKATOS, Imre & MUSGRAVE, Alan (org.) . **A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento** . São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1979 [1965].

LAMOUNIER, Bolívar . A Ciência Política no Brasil dos Anos 80 . In: \_\_\_\_\_ (org.) . **A Ciência Política nos Anos 80** . Brasília: Editora da UNB, 1982.

LAPLANTINE, François . **Aprender Antropologia** . São Paulo: Brasiliense, 1988.

LARAIA, Roque de Barros . Avaliação & Perspectivas: Antropologia . **Avaliação & Perspectivas**, Brasília, SEPLAN/CNPq, 1982.

\_\_\_\_\_. Histórias ainda não Contadas . **Anuário Antropológico 82**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 339-343, 1984.

\_\_\_\_\_. Etnologia Indígena Brasileira: Um Breve Levantamento . **Série Antropologia**, Brasília, nº 60, 1987.

\_\_\_\_\_. Os Estudos de Parentesco no Brasil . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 23, p. 3-17, 1º sem. 1987.

\_\_\_\_\_. A Comunidade de Origem . In: CORRÊA, Mariza & LARAIA, Roque de Barros . **Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. O "Campo Antropológico" no Brasil . s.d. (mimeo).

LEACH, Edmund . **Rethinking Anthropology** . London: Athlone, 1961.

LEITE LOPES, José Sérgio . 20 Anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ . **Comunicações do PPGAS**, Rio de Janeiro, nº 2, p. 1-8, nov. 1992.

LESSA, Júnia França . **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas** . Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude . A Crise Moderna da Antropologia . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 10, p. 19-26, 1962 [1960].

\_\_\_\_\_ . **Tristes Trópicos** . Lisboa: Edições 70, 1986 [1955].

\_\_\_\_\_ . Raça e História . In: \_\_\_\_\_ . **Antropologia Estrutural II** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989 [1948].

\_\_\_\_\_ . Critérios Científicos nas Disciplinas Sociais e Humanas . In: \_\_\_\_\_ . **Antropologia Estrutural II** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989 [1973].

\_\_\_\_\_ . O Campo da Antropologia . In: \_\_\_\_\_ . **Antropologia Estrutural II** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989 [1973].

\_\_\_\_\_ . Lugar da Antropologia nas Ciências Sociais e Problemas Colocados por seu Ensino” . In: \_\_\_\_\_ . **Antropologia Estrutural** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991 [1954].

\_\_\_\_\_ & ERIBON, Didier . **De Perto e de Longe** . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 [1988].

LIMA, Eloi José da Silva . **A Criação da Unicamp: Administração e Relações de Poder numa Perspectiva Histórica** . Campinas: Unicamp. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação/Unicamp, 1989.

LIMA, Roberto Kant de . **A Antropologia da Academia: Quando os Índios somos Nós** . Petrópolis: Editora Vozes/UFF, 1985.

LIMONGI, Fernando . Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo . In: MICELI, Sérgio (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: IDESP/Editora Vértice/FINEP, 1989. (Vol. 1).

\_\_\_\_\_ . A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo . In: MICELI, Sérgio (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: IDESP/Editora Vértice/FINEP, 1989b. (Volume 1).

LOSCHIAVO DOS SANTOS, Maria Cecília (org.) . **Maria Antônia: Uma Rua na Contramão** . São Paulo: Nobel, 1988.

MACIEL, Alba Costa & ANDRADE, Diva & VALE, Eunides do . A Antropologia na Universidade de São Paulo: Histórico e Situação Atual . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 21 (1ª parte), p. 117-143, 1978.

MAGNANI, José Guilherme Cantor . O Campo da Antropologia . **Cadernos de História de São Paulo: Os Campos do Conhecimento e o Conhecimento da Cidade**, São Paulo, nº 1, p. 45-56, 1992.

\_\_\_\_\_. Discurso e Representação ou de como os Baloma de Kiriwana Podem Reencarnar-se nas Atuais Pesquisas . In: CARDOSO, Ruth Corrêa Leite (org.) . **A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MALINOWSKI, Bronislaw . **Os Argonautas do Pacífico Ocidental** . São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1922]. (Os Pensadores).

MARCUS, George E. . O Que Vem (Logo) Depois do "Pós": O Caso da Etnografia . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 37, p. 7-34, 1994.

MARTINS, Carlos Benedito . Caminhos e Descaminhos das Universidades Federais . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 8, nº 23, p. 48-54, out. 1993.

MARTINS, José de Souza . **O Cativo da Terra** . São Paulo: Lech, 1979.

MARTINS, Luciano . A Gênese de uma *Intelligentsia*: Os Intelectuais e a Política no Brasil, 1920 a 1940 . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 2, nº 4, p. 65-87, jun. 1987.

MASSI, Fernanda Peixoto . Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930-1960) . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: IDESP/Editora Vértice/FINEP, 1989. (Volume 1).

\_\_\_\_\_. **Estrangeiros no Brasil: A Missão Francesa na Universidade de São Paulo** . Campinas: Unicamp. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - IFCH/Unicamp, 1991.

MAYBURY-LEWIS, David . O Relativismo na Antropologia Norte-Americana . **Comunicações do PPGAS**, Rio de Janeiro, nº 2, p. 9-22, 1992.

MEAD, Margareth . **Macho e Fêmea** . Petrópolis: Vozes, 1971 [1949].

MEDINA, Andrés . La Etnografía como Reflexión en torno a la Nación: Tres Esperiencias . **Alteridades**, México, año 3, nº 6, p. 67-72, 1993.

MELATTI, Julio Cezar . Situação e Problemática da Antropologia no Brasil . **América Indígena**, México, Instituto Indigenista Americano, v. 40, nº 2, p. 225-279, abr./jun. 1980.

\_\_\_\_\_ . A Antropologia no Brasil: Um Roteiro . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 17, p. 3-52, 1º sem. 1984.

\_\_\_\_\_ . Situação e Problemática da Antropologia no Brasil . **América Indígena**, México, v. 40, nº 2, p. 225-279, 1980.

\_\_\_\_\_ . A Antropologia no Brasil. Apresentação . **Anuário Antropológico 82**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 227-228, 1984.

\_\_\_\_\_ . Uma Presença Efetiva . **Anuário Antropológico 92**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

MENDOZA, Edgar Salvador Gutierrez . Uma "Aldeia" de Antropólogos: A Antropologia em Brasília . Brasília: UNB. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - DAN/UNB, 1994.

MENEGUEL, Steia . Zeferino Vaz e a UNICAMP: Uma Trajetória e um Modelo de Universidade . Campinas: Unicamp. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação/Unicamp, 1994.

MENEZES, Eduardo Diatay Bezerra de . A Pesquisa como base para o Ensino de Pós-Graduação . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 22, p. 143-149, 1979.

\_\_\_\_\_ . Professores Estrangeiros no Brasil: Uma Perspectiva Histórica . **Ciência Hoje**, v. 14, nº 83, p. 38-48, ago. 1992.

MERCIER, Paul . **História da Antropologia** . Lisboa: Teorema, 1986 [1966].

MERLEAU-PONTY, Maurice . **Fenomenologia da Percepção** . São Paulo: Martins Fontes, 1994 [1945].

- MICELI, Sérgio . Por uma Sociologia das Ciências Sociais no Brasil . In: \_\_\_\_\_ (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: IDESP/Editora Vértice/FINEP, 1989. (Volume 1).
- \_\_\_\_\_ . Condicionantes do Desenvolvimento das Ciências Sociais . In: \_\_\_\_\_ (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: IDESP/Editora Vértice/FINEP, 1989b. (Volume 1).
- \_\_\_\_\_ (org.) . **A Fundação Ford no Brasil** . São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP, 1993.
- \_\_\_\_\_ . O Cenário Institucional das Ciências Sociais no Brasil . In: \_\_\_\_\_ (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: Editora Sumaré, 1995. (Volume 2).
- \_\_\_\_\_ . A Fundação Ford e os Cientistas Sociais no Brasil, 1962-1992 . In: \_\_\_\_\_ (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: Editora Sumaré, 1995b. (Volume 2).
- MILLS, Wright . **A Imaginação Sociológica** . Rio de Janeiro: Zahar, 1975 [1959].
- MONTERO, Paula . **Modernidade e Cultura - Para uma Antropologia das Sociedades Complexas** . São Paulo: USP. Tese (Livre-Docência) - FFLCH/USP, 1992.
- \_\_\_\_\_ . Apresentação . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 36, p. 5-12, 1994.
- \_\_\_\_\_ . Tendências da Pesquisa Antropológica no Brasil . **O Ensino da Antropologia no Brasil - Temas para uma Discussão** . Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Antropologia, p. 18-25, mar 1995.
- MOTT, Luís . De Taturana a Borboleta: A Metamorfose de um Antropólogo Enrustido em Militante Gay . **Alteridades**, Salvador, ano 2, nº 2, p. 35-44, abr./set. 1995.
- MURPHY, Robert F. . Anthropology at Columbia: A Reminiscence . **Dialectical Anthropology**, v. 16, nº 1, p. 65-81, 1991.
- NOGUEIRA, Oracy . Os Estudos de Comunidades no Brasil . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 3, p. 95-103, 1955.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi de . As Ciências Sociais no Rio de Janeiro . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: Sumaré, 1995. (Volume 2).

OLIVEN, Ruben George . A Antropologia e a Cultura Brasileira . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 27, 1º sem. 1989.

\_\_\_\_\_ . A Antropologia e a Diversidade Cultural no Brasil . **Revista de Antropologia**, v. 33, p. 120-139, 1990.

PALMEIRA, Moacir Gracindo Soares . **Memorial** . Rio de Janeiro: Museu Nacional. Museu Nacional/UFRJ, 1994.

PAOLI, Niuvenius J. . A Institucionalização dos Cursos de Pós-Graduação no Brasil e a Profissionalização do Sociólogo: Algumas Reflexões . **Ciências Sociais Hoje**, Associação Nacional de Cientistas Sociais e ASEB, Salvador, 1978.

\_\_\_\_\_ . **Para Repensar a Universidade e a Pós-Graduação** . Campinas: Editora da Unicamp, 1985.

PEIRANO, Mariza . **Anthropology of Anthropology: The Brazilian Case** . Boston: Harvard University. Tese (Ph.D.), Harvard University, 1981.

\_\_\_\_\_ . Além da Descrição Densa . **Anuário Antropológico 80**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

\_\_\_\_\_ . Uma Introdução Brasileira à Antropologia . **Anuário Antropológico 81**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

\_\_\_\_\_ . A Antropologia Esquecida de Florestan Fernandes: Os Tupinambá . **Anuário Antropológico 82**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

\_\_\_\_\_ . O Encontro Etnográfico e o Diálogo Teórico . **Anuário Antropológico 85**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

\_\_\_\_\_ . **Uma Antropologia no Plural - Três Experiências Contemporâneas** . Brasília: Editora da UNB, 1991.

\_\_\_\_\_ . Os Antropólogos e suas Linhagens . In: CORRÊA, Mariza & LARAIA, Roque de Barros (org.) . **Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. **Não Foi Só Por Acaso: Um Depoimento** . Brasília: DAN/UNB, 1992b.

\_\_\_\_\_. **A Favor da Etnografia** . **Anuário Antropológico 92**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 197-224, 1994.

PERFIL Institucional: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional/UFRJ . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, ANPOCS, nº 3, p. 5-8, 1978.

PERFIL Institucional: Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Política e Sociologia da UFRGS . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, ANPOCS, nº 9, p. 7-9, 1980.

PERFIL Institucional: Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, ANPOCS, nº 15, p. 57-62, 1983.

PESSANHA, Elina G. da Fonte & ALVIM, Maria Rosilene Barbosa . **Usos “Legítimos” e “Ilegítimos” de Fontes Oraís: As Ligações Perigosas entre a Antropologia e a História** . In: Encontro Anual da ANPOCS, XVIII . Caxambu/MG, 23 a 27 de novembro de 1994.

PIERSON, Donald . **Cruz das Almas; A Brazilian Village** . Washington, Smithsonian Institution, institution of Social Anthropology, nº 12, 1951.

PONTES, Heloisa . **Retratos do Brasil: Editores, Editoras e “Coleções Brasileiras”** . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: IDESP/Editora Vértice/FINEP, 1989. (Volume 1).

\_\_\_\_\_. **Brasil com Z . A Produção Estrangeira sobre o País, Editada aqui, sob a Forma de Livro, entre 1930 e 1988** . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: Editora Sumaré, 1995. (Volume 2).

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO . **História da PUC-SP** . São Paulo: Assessoria de Comunicações Institucional da PUC-SP, 1995.

QUEIROZ Jr., Teófilo de . **Luis Pereira: 1933-1985** . **Revista de Antropologia**, v. 29, p. 197-198, 1986.

QUEM é a Elite Científica Brasileira . **Folha de São Paulo**, São Paulo, domingo, 21 de maio de 1995.  
Caderno Mais!

QUIRÓS, E. Guillermo . La Antropología, uma Disciplina en Campo Impróprio. Perspectivas desde la Antropología Económica . **Alteridades**, México, año 3, nº 6, p. 27-38, 1993.

RABIELA, Teresa Rojas . **Las Agrupaciones de Antropólogos en México**. Una Historia de Familia . In: Comunicação apresentada à Mesa Redonda "Formas de Organização e Intervenção Social dos Antropólogos", Reunião da ABA, XX . Salvador, 15-18 de abril de 1996.

RAMOS, Alcida Rita . A Antropologia Brasileira vista através do Anuário Antropológico . **Série Antropologia**, Brasília, nº 67, 1988.

\_\_\_\_\_ . Ethnology Brazilian Style . **Cultural Anthropology**, v. 5, nº 4, p. 452-472, nov. 1990.

\_\_\_\_\_ . **Antropologia em Brasília: Vinte Anos de Pós-Graduação** . Brasília: UNB/ICH/DAN, 1992.

\_\_\_\_\_ . Paciência e Resignação . **Anuário Antropológico 92**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

\_\_\_\_\_ . O Índio Hiper-Real . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 10, nº 28, p. 5-14, jun. 1995.

RATIER, Hugo E. & STAGNARO, Adriana A. . **Organización de la Comunidad de Antropólogos** . In: Comunicação apresentada à Mesa Redonda "Formas de Organização e Intervenção Social dos Antropólogos", Reunião da ABA, XX . Salvador, 15-18 de abril de 1996.

REIS, Fábio Wanderley . O Tabelaõ e a Lupa: Teoria, Método Generalizante e Idiografia no Contexto Brasileiro . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 6, nº 16, p. 27-42, jul. 1991.

REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, VII . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 14, p. 131-132, 1966.

\_\_\_\_\_ , IX . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 21 (2ª parte), p. 213-214, 1978.

\_\_\_\_\_ , X . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 21 (2ª parte), p. 214-215, 1978a.

\_\_\_\_\_, XI . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 21 (2ª parte), p. 215-216, 1978b.

\_\_\_\_\_, XII . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 24, p. 171-174, 1981.

REYNOSO, Carlos (comp.) . **El Surgimiento de la Antropología Posmoderna** . México: Gedisa, 1991.

RIBA, João Baptista Cintra . **O Brasil é dos Brasileiros: Medicina, Antropologia e Educação na Figura de Roquete Pinto** . Campinas: Unicamp. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - IFCH/Unicamp, 1990.

RIBEIRO, Darcy . **Religião e Mitologia Kadiwéu** . Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Conselho Nacional de Proteção aos Índios, SPI, nº 6, 1955.

\_\_\_\_\_. **UNB: Invenção e Descaminho** . Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

\_\_\_\_\_. **A Universidade Necessária** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978a.

\_\_\_\_\_. **Antropologia ou a Teoria do Bombardeio de Berlim** . **Encontros com a Civilização Brasileira**, nº 12, p. 81-100, jun. 1979.

\_\_\_\_\_. **A Antropologia Brasileira em Questão: Por Uma Antropologia Melhor e Mais Nossa** . **Encontros com a Civilização Brasileira**, nº 15, p. 93-96, 1979b.

\_\_\_\_\_. **Os Brasileiros: Teoria do Brasil** . Petrópolis: Vozes, 1981. (Livro 1).

\_\_\_\_\_. **Universidade para que?** . Brasília: Editora da UNB 1986.

\_\_\_\_\_. **Testemunho** . São Paulo: Edições Siciliano, 1990.

RICOEUR, Paul . **História e Verdade** . São Paulo: Forense, 1968 [1955].

\_\_\_\_\_. **Interpretações e Ideologias** . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ROSA, Francisco Tadeu Ribas . **A Aliança e a Diferença: Uma Leitura do Itinerário Intelectual de Charles Wagley** . Campinas: Unicamp. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - IFCH/Unicamp, 1993.

RODRIGAN, Wilhelm . **Ethnology Brazilian Style? Eine Untersuchung Zur Historischen Entwicklung Des Ethnologischen Selbstverständnisses in Brasilien** . München: Ludwig-Maximilians Universität. Dissertação (Mestrado) - Ludwig-Maximilians-Universität, 1993.

RUBEN, Guilherme Raul . **A Teoria da Identidade na Antropologia: Um Exercício de Etnografia do Pensamento Moderno** . In: CORRÊA, Mariza & LARAIA, Roque de Barros (org.) . **Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1992.

RUBIM, Christina de Rezende . **A Objetividade como Critério de Cientificidade na Antropologia** . **Temáticas**, ano 2, nº 4, p. 141-180, 2º sem. 1994.

\_\_\_\_\_ . **Um Pedaco de nossa História: Historiografia da Antropologia no Brasil** . Abril de 1995 (mimeo).

RUBINO, Silvana . **Clubes de Pesquisadores . A Sociedade de Etnologia e Folclore e a Sociedade de Sociologia** . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: Editora Sumaré, 1995. (Volume 2).

SADER, Eder & PAOLI, Maria Célia . **Sobre "Classes Populares" no Pensamento Sociológico Brasileiro (Notas de Leituras sobre Acontecimentos Recentes)** . In: CARDOSO, Ruth (org.) . **A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa** . São Paulo: Paz e Terra, 1986.

SÁEZ, Juan Solano . **El Proceso de Desarrollo de la antropología en la Sierra Central: Perú** . **Alteridades**, México, año 3, nº 6, p. 73-80, 1993.

SAFFIOTI, Heleyeth . **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade** . Petrópolis: Vozes, 1976 [1969].

SAITO, Hiroshi . **Estudos e Pesquisas sobre os Imigrantes Japoneses no Brasil** . In: SCHADEN, Egon (org.) . **Homem, Cultura e Sociedade no Brasil: Seleções da Revista de Antropologia** . Petrópolis: Vozes, p.99-101, 1972.

SALEN, Tânia . **Do Centro D. Vital à Universidade Católica** . In: SCHWARTZMAN, Simon (org.) . **Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro** . Brasília: CNPq, 1982.

SANCHES, Neuza . Inflação de Mestres e Doutores . **VEJA**, São Paulo, Editora Abril, ano 28, nº 26, p. 64-71, 28 de jun. 1995.

SANCHIS, Pierre . Uma Leitura dos Textos da Mesa Redonda sobre "O Ensino das Ciências Sociais em Questão: a Antropologia" . **O Ensino da Antropologia em Questão - Temas para uma Discussão**, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Antropologia, p. 44-49, mar. 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza . **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna** . Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos . **Ordem Burguesa e Liberalismo Político** . São Paulo: Duas Cidades, 1978.

SÃO PAULO (Estado) . Decreto Nº 21.780 de 15 de outubro de 1952 . **Regimento de Doutorado** . Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Secção de Publicações, 1953.

SCHADEN, Egon . Problemas do Ensino da Antropologia . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 2, nº 1, p. 1-10, jun. 1954.

\_\_\_\_\_ . Brasil 2 . **Anuário Indigenista**, México, v. 27, p. 53-60, dez. 1967.

\_\_\_\_\_ . Os Primeiros Tempos da Antropologia em São Paulo . **Anuário Antropológico** 82, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 251-258, 1984.

SCHAFF, Adam . **História e Verdade** . São Paulo: Martins Fontes, 1991 [1971].

SCHWARCZ, Lilia Moritz . O Nascimento dos Museus Brasileiros (1870-1910) . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: Vértice, 1989. (Volume 1).

\_\_\_\_\_ . **O Espetáculo das Raças - Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870-1930** . São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_ . Complexo de Zé Carioca - Sobre uma Certa Ordem da mestiçagem e da Malandragem . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 10, nº 29, p. 49-64, out. 1995

SCHWARCZ, Roberto . Um Seminário de Marx . **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 de outubro de 1995, p. 4-5. Caderno MAIS!

SCHWARTZMAN, Simon . **Formação da Comunidade Científica no Brasil** . São Paulo: Editora Nacional/FINEP, 1979.

\_\_\_\_\_ . **Ciência, Universidade e Ideologia: A Política do Conhecimento** . Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_, BOMENY, Helena Maria Bousquet & COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema** . Rio de Janeiro: Paz e Terra/EDUSP, 1984.

\_\_\_\_\_ & CASTRO, Claudio de Moura . **Pesquisa Universitária em Questão** . Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

\_\_\_\_\_ . As Ciências Sociais nos Anos 90 . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 6, nº 16, p. 51-60, jul. 1991.

SEEGER, Anthony & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo . Pontos de Vista Sobre Os Índios Brasileiros: Um Ensaio Bibliográfico . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 2, p. 11-35, 1977.

SENA, Custódia Selma . Em Favor da Tradição ou Falar é Fácil, Fazer é que são Elas . **Série Antropologia**, nº 63, Brasília, UNB/DAN, 1987.

SHWEDER, Richard A. . La Rebelión Romántica de la Antropología contra el Iluminismo, o el Pensamiento es más que razón y Evidencia . In: REYNOSO, Carlos (comp.) . **El Surgimiento de la Antropología Posmoderna** . México: Gedisa, 1991.

SILVERMAN, Sydel (ed.) . **Totems and Teachers - Perspectives on the History of Anthropology** . New York: Columbia University Press, 1981.

SORJ, Bernardo . Estratégias, Crises e Desafios das Ciências Sociais no Brasil . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: Sumaré, 1995. (Volume 2).

SOUZA, Maria Tereza Sadek R. . Análises sobre Pensamento Social e Político Brasileiro . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 12, p. 7-21, 1982.

SOUZA CAMPOS, Ernesto de . **História da Universidade de São Paulo** . São Paulo: USP, 1954.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de . **Aos Fetichistas, Ordem e Progresso** - Um Estudo do Campo Indigenista no seu Estado de Formação . Rio de Janeiro: Museu Nacional. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional/UFRJ, 1985.

\_\_\_\_\_. Os Museus de História Natural e a Construção do Indigenismo: Notas para uma sociologia das relações entre campo intelectual e campo político no Brasil . **Revista de Antropologia**, v. 30/31/32, p. 277-329, 1989.

STAGNARO, Adriana Alejandrina . La Antropología en la comunidade Científica: Entre el Origen del Hombre y la Caza de Cráneos-Trofeo (1870-1910) . **Alteridades**, México, año 3, nº 6, p. 53-66, 1993.

STOCKING Jr., George W. . **Race, Culture, and Evolution** - Essays in the History of Anthropology . New York: The Free Press, London: Collier-Macmillan Limited, 1968.

\_\_\_\_\_. (ed.) . **Observers Observed** - Essays on Ethnographic Fieldwork . Winconsin: The University of Wisconsin Press, 1983. (History of Anthropology, Volume 1).

\_\_\_\_\_. (ed.) . **Bones, Bodies, Behavio**: Essays on biological Anthropology . Madison: University of Wisconsin, 1988. (History of Anthropology, Volume 5).

\_\_\_\_\_. **Victorian Anthropology** . New York: The Free Press, 1991.

STOLCKE, Verena . **De Padres, Filiaciones y Malas Memorias** - Que Historias de que Antropologias? s.d. (mimeo).

SUÁREZ, Mireya . Sociedade e Agricultura: (Auto?) Crítica . **Anuário Antropológico** 82, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 302-316, 1984.

SUCUPIRA, Newton (relator) . **Definição dos Cursos de Pós-Graduação**, Parecer Nº 977/65, CESu . Separata da Documenta 44, Conselho Federal de Educação, MEC, dez. 1965.

TAVARES DE ALMEIDA, Maria Hermínia . Castelos na Areia: Dilemas da Institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro (1930-1964) . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 24, p. 41-60, 2º sem. 1987.

- \_\_\_\_\_. Dilemas da Institucionalização das Ciências no Rio de Janeiro . In: MICELI, Sérgio (org.) . **História das Ciências Sociais no Brasil** . São Paulo: IDESP/Editora Vértice/FINEP, 1989. (Volume 1).
- TEDLOCK, .Dennis . A Tradição Analógica e o Surgimento de uma Antropologia Dialógica . **Anuário Antropológico 85**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- THOMAS, Nicholas . Against Ethnography . **Cultural Anthropology**, v. 6, nº 3, p. 306-321, 1991.
- TRAJANO Filho, Wilson . Que Barulho é esse, o Dos Pós-Modernos? . **Anuário Antropológico 86**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- TYLER, Stephen . Etnografia Posmoderna: Desde el Documento de lo Oculto al Oculto Documento . In: CLIFFORD, James & MARCUS, George (ed.) . **Retóricas de La Antropología** . Barcelona: Júcar, 1991 [1986]..
- TYLOR, Edward. **Primitive Culture** . Nova York: Harper Torchbooks, 1958 [1871].
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO . **Dissertações e Teses Defendidas na FFLCH/USP: 1939-1977** . São Paulo: FFLCH/USP, Boletim Especial nº 1, 1977.
- USP 50 Anos - Ciências Sociais . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 29, p. 155-161, 1986.
- VAZ, Zeferino . O Significado e os Ideais da FMRP . **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 31 de março de 1954.
- VÁZQUEZ, Héctor . La Crisis de los *Paradigmas teóricos* en Antropología Sociocultural y sus Derivaciones en la Construcción de la Disciplina en los Países Periféricos . **Alteridades**, México, año 3, nº 6, p. 47-52, 1993.
- VELHO, Gilberto Alves . Sobre Conhecimento e Heresia . In: \_\_\_\_\_ (org.) . **O Desafio da Cidade** . Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Memorial** . Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1992.

VELHO, Otávio Guilherme Alves . **Antropologia para Sueco Ver . Dados**, Rio de Janeiro, v. 23, nº 1, p. 79-91, 1980.

\_\_\_\_\_ . **Sociedade e Agricultura** . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

\_\_\_\_\_ . **Processos Sociais no Brasil Pós-64: As Ciências Sociais** . s.d. (mimeo).

\_\_\_\_\_ . **Memorial**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1992.

\_\_\_\_\_ . De novo, os valores? . In: CORRÊA, Mariza & LARAIA, Roque de Barros (org.) . **Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1992b.

VEYNE, Paul . **Como se Escreve a História** . Brasília: Editora da UNB, 1995 [1971].

VIANNA, Luiz Wernick, CARVALHO, Maria Alice Rezende de & MELO, Manuel Palácios Cunha . **As Ciências Sociais no Brasil: A Formação de um Sistema Nacional de Ensino e Pesquisa**, **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 40, p. 27-63, 2º sem. 1995.

VIDAL, Lux Boelitz . **O I Encontro Tupi: Uma Apresentação** . **Revista de Antropologia**, v. 27/28, p. 1-5, 1984/85.

VIEIRA DA CUNHA, Mário Wagner . **Possibilidades de Exercício de Atividades Docentes, de Pesquisa e Técnico-Profissional por Antropólogos no Brasil** . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 3, p. 105-114, 1955.

VILLAS BÔAS, Gláucia . **A Vocação das Ciências Sociais (1945/64)**. Um Estudo da sua Produção em Livro . São Paulo: USP. Tese (Doutorado em Sociologia) - FFLCH/USP, 1992.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo . **Bibliografia Etnológica Básica Tupi-Guarani** . **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 27/28, p. 7-24, 1984/85.

\_\_\_\_\_ . **Araweté: Os Deuses Canibais** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ANPOCS, 1986.

\_\_\_\_\_ . **O Campo na Selva visto da Praia** . **Estudos Históricos**, nº 10, 1993.

- \_\_\_\_\_. Sobre a Antropologia Hoje: Te(i)mas para Discussão . **O Ensino da Antropologia no Brasil - Temas para uma Discussão** . Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Antropologia, p. 5-9, mar. 1995.
- VOEGELIN, Erminie W. . Anthropology in American Universities . **American Anthropologist**, v. 52, nº 3, p. 350-391, jul./sep. 1950.
- WAGLEY, Charles . **Amazon Town; A Study os Man in the Tropics** . New York: The Macmillan Company, 1953.
- \_\_\_\_\_. Estudos de Comunidades no Brasil sob Perspectiva Nacional . **Sociologia**, v. 16, nº 2, São Paulo, 1954.
- WEBER, Max . A "Objetividade" do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política . In: \_\_\_\_\_ . **Metodologia das Ciências Sociais** . Campinas: Editora da Unicamp/Cortez Editora, 1992, p. 107-154. (Parte 1).
- WILLEMS, Emilio . **Cunha, Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil** . São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria de Agricultura, 1947.
- \_\_\_\_\_. **Uma Vila Brasileira - Tradição e Mudança** . São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.
- WOORTMANN, Klaas Axel . A Antropologia Brasileira e os Estudos de Comunidade . **Universitas**, Salvador, nº 11, p. 103-140, 1972.
- \_\_\_\_\_. Repensando a (Pós-Graduação em) Antropologia . **Série Antropologia**, Brasília, nº 118, 1991.
- \_\_\_\_\_. Crônica (Informativa, Levemente Crítica e um Tanto Apologética) de um Programa de Pós-Graduação: A Antropologia na UNB . **Série Antropologia**, Brasília, nº 142, 1993.
- \_\_\_\_\_. Breve Contribuição Pessoal: Discussão sobre a Formação de Antropólogos . **Série Antropologia**, Brasília, nº 182, 1995.
- WORSLEY, Peter . **The Third World** . London: Weirden Fild and Nicolson, 1967.

ZALUAR, Alba . Os Movimentos "Messiânicos" Brasileiros: Uma Leitura . **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**, nº 6, p. 9-21, 1979.

\_\_\_\_\_ . Teoria e Prática do Trabalho de Campo: Alguns Problemas . In: CARDOSO, Ruth Corrêa Leite (org.) . **A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_ . **Memorial da Violência** . Campinas: IFCH/Unicamp, 1994.

ZARUR, George de Cerqueira Leite . **Seafood Gatherers in Mullet Springs; Economic Rationality and the Social System** . Florida: University of Florida. Tese (Ph.D.) - University of Florida, 1975.

\_\_\_\_\_ . Família e Mérito: O Processo de Formação de Grupos na Cultura e na Ciência Brasileira . **Interciência**, v. 15, nº 3, p. 154-160, mai./jun. 1990.

# **ANEXOS**

# **SOCIOLOGIA**

**Tabela Nº 1**  
**Número de Dissertações de Mestrado em Sociologia**  
**da UNB, USP\*, IFCS/UFRJ e Unicamp (até 1994):**

ANO	UNB	USP	IFCS	UNICAMP
1973	7			
1974	3	6		
1975	5	8		
1976	4	7		1
1977	14	5		1
1978	11	9		2
1979	11	12		-
1980	6	11		3
1981	3	6		4
1982	4	4		1
1983	3	3	1	6
1984	3	4	1	7
1985	3	4	5	3
1986	3	5	2	7
1987	1	3	3	1
1988	8	5	3	1
1989	5	11	6	5
1990	6	7	3	8
1991	2	6	9	4
1992	4	9	17	14
1993	6	4	9	5
1994	3	7	15	12
<b>Total</b>	<b>115</b>	<b>136</b>	<b>74</b>	<b>85</b>

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da UNB, USP, IFCS e Unicamp.  
 \*Novo Regimento.

**Tabela Nº 2**  
**Número e Proporção de Dissertações de Mestrado em Sociologia**  
**da UNB, USP\*, IFCS/UFRJ e Unicamp nas Décadas de 70, 80 e 90 (até1994):**

DÉCADAS	QUANTIDADES					(% )				
	UNB	USP	IFCS	CAMP	Total	UNB	USP	IFCS	CAMP	Total
70	55	47	-	4	106	13,41%	11,46%	-	0,97%	25,85%
80	39	56	21	38	154	9,51%	13,65%	5,12%	9,26%	37,56%
90	21	33	53	43	150	5,12%	8,04%	12,92%	10,48%	36,58%
<b>Total</b>	<b>115</b>	<b>136</b>	<b>74</b>	<b>85</b>	<b>410</b>	<b>28,04%</b>	<b>33,17%</b>	<b>18,04%</b>	<b>20,73%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da UNB, USP, IFCS e Unicamp.  
 \*Novo Regimento.

**Tabela Nº 3**  
**Número de Teses de**  
**Doutorado em Sociologia**  
**da UNB e USP\* (até 1994):**

ANO	UNB	USP
1974		2
1975		1
1976		1
1977		5
1978		6
1979		6
1980		14
1981		6
1982		11
1983		4
1984		8
1985		7
1986		5
1987	2	15
1988	1	6
1989	1	12
1990	1	6
1991	5	12
1992	-	14
1993	11	7
1994	6	14
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>162</b>

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da UNB e USP.

\*Novo Regimento.

**Tabela Nº 4**  
**Número e Proporção**  
**de Teses de Doutorado em Sociologia**  
**da UNB e USP\* nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

DÉCADAS	QUANTIDADES			(%)		
	UNB	USP	Total	UNB	USP	Total
70	-	21	21	-	11,11%	11,11%
80	4	88	92	2,11%	46,56%	48,67%
90	23	53	76	12,16%	28,04%	40,21%
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>162</b>	<b>189</b>	<b>14,28%</b>	<b>85,71%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da UNB e USP.

\*Novo Regimento.

**Tabela N° 5**  
**Tempo de Integralização**  
**nos Mestrados em Sociologia da**  
**UNB, USP\*, IFCS/UFRJ e Unicamp (até 1994):**

	1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ de 11 anos
UNB	3,03%	15,15%	48,48%	27,27%	-	3,03%	-	-	3,03%	-	-
USP	-	2,94%	11,76%	10,29%	16,91%	8,82%	11,76%	37,50%	-	-	-
IFCS	1,35%	6,75%	10,81%	31,08%	20,27%	14,86%	6,75%	4,05%	2,70%	1,35%	-
CAMP	2,35%	5,88%	20,00%	15,29%	15,29%	11,76%	10,58%	7,05%	3,52%	2,35%	5,88%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da USP, IFCS e Unicamp. A UNB não soube informar os dados referentes à sua Pós-Graduação no período anterior à 1984. Portanto, para a UNB, o total é 33, isto é, 28,69% do total.

\*Novo Regimento.

**Tabela N° 6**  
**Tempo de Integralização nos Doutorados em Sociologia da UNB e USP\* (até 1994):**

	1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ de 11 anos
UNB	-	11,11%	11,11%	22,22%	18,50%	7,40%	29,62%	-	-	-	-
USP	-	2,46%	8,02%	9,87%	19,13%	11,11%	18,51%	3,70%	13,58%	1,85%	11,72%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da UNB e USP.

\*Novo Regimento.

**Tabela Nº 7**  
**Proporção de Dissertações por Professor**  
**Orientador no Mestrado em Sociologia da UNB (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Vilma Figueiredo	20,86%
Fernando Correia Dias	13,04%
Sadi Dal Rosso	7,82%
Barbara Freitag	6,95%
Gentil Martins Dias	6,08%
David Verge Fleischer	6,08%
Lúcio de Brito Castelo Branco	4,34%
Carlos Benedito Martins	3,47%
Maurício Vinhas de Queiroz	3,47%
Glaucio Ary Dillon Soares	3,47%
Maria Salete Machado	2,60%
Elbio Neris Gonzales	1,73%
Yves Chalout	1,73%
Elimar Pinheiro do Nascimento	1,73%
João Gabriel Lima C. Teixeira	1,73%
Zevedei Barbu	1,73%
Brasilmar Ferreira Nunes	1,73%
Pedro Demo	1,73%
Ana Maria Fernandes	0,86%
Hélcio Saraiva	0,86%
Maria Angélica Brasil Madeira	0,86%
Maria Lúcia Alvares Maciel	0,86%
Maria Stela Grossi	0,86%
Argemiro Procópio Filho	0,86%
Benício Viero Schmidt	0,86%
Maria Helena Fernandes	0,86%
Maria Luiza Belloni	0,86%
Fernanda Sobral	0,86%
Maria Helena Figueiredo	0,86%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da UNB.

**Tabela Nº 8**  
**Proporção de Dissertações por Professor**  
**Orientador no Mestrado em Sociologia da USP\* (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Gabriel Cohn	10,29%
Aparecida Joly Golveia	10,29%
Fernando Augusto Mourão	8,82%
José de Souza Martins	5,88%
Luiz Pereira	5,14%
Lísias Nogueira Negrão	4,41%
Leôncio Martins Rodrigues	4,41%
Maria Isaura Pereira de Queiroz	4,41%
Lia de Freitas Fukui	3,67%
Azis Simão	3,67%
Francisco Weffort	3,67%
Paulo Argimiro da Silveira Filho	2,94%
Eva Alterman Blay	2,94%
Sérgio Adorno	2,94%
Irene de Arruda Ribeiro	2,94%
Diva Benevides Pinho	2,20%
Heinrich Rattner	2,20%
Sedi Hirano	2,20%
Brasílio João Sallun	2,20%
José Reginaldo Prandi	1,47%
Heloisa Rodrigues Fernandes	1,47%
Maria Helena Oliva Augusto	1,47%
José César Gnaccarini	1,47%
José Pastore	1,47%
Ruy Coelho	1,47%
Antônio Flávio Pierucci	1,47%
José Carlos Bruni	0,73%
José Carlos Pereira	0,73%
José Jeremias de Oliveira Filho	0,73%
Régis Stephan de C. Andrade	0,73%
Fábio Rubens da Rocha Leite	0,73%
Teófilo de Queiroz Jr.	0,73%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da USP.

\*Novo Regimento.

**Tabela N° 9**  
**Proporção de Dissertações por Professor Orientador**  
**no Mestrado em Sociologia do IFCS/UFRJ (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Madel Therezinha Luz	17,56%
Yvonne Maggie	13,51%
Maria Rosilene Barbosa Alvim	6,75%
Bila Sorj	6,75%
Elina G. da Fonte Pessanha	5,40%
Neide Esterci	5,40%
Luiz Antônio Machado	5,40%
Oswaldo Herbster Gusmão	5,40%
Alice de Paiva Abreu	4,05%
José Flávio Pessoa de Barros	4,05%
Regina Lúcia de Moraes Morel	4,05%
Beatriz Maria Alasia de Heredia	2,70%
José Ricardo Ramalho	2,70%
Bernardo Sorj	2,70%
Regina Célia Reys Novaes	2,70%
Paola Cappellin Giuliani	2,70%
Vera Lúcia Calheiros Mata	1,35%
Ana Maria Galano Linhart	1,35%
Maria Stella Amorin	1,35%
Antônio Celso Pereira	1,35%
José Paulo Bandeira da Silveira	1,35%
Marie-France Garcia	1,35%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia do IFCS/UFRJ.

**Tabela Nº 10**  
**Proporção de Dissertações por Professor Orientador**  
**no Mestrado em Sociologia da Unicamp (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Maria Nazareth B. Wanderley	18,82%
Daniel Hogan	14,11%
Manoel Tosta Berlinck	9,41%
André Pompeu Villalobos	8,23%
Edmundo Fernandes Dias	7,05%
Maria Conceição D'Incao	4,70%
Ricardo Antunes	4,70%
Décio Saes	2,35%
Renato Ortiz	2,35%
Antônio Carlos de Oliveira	2,35%
Evaldo Amaro Vieira	2,35%
Michel Thiollent	2,35%
João Manuel Cardoso de Melo	1,17%
José César Gnaccarini	1,17%
Maria Helena Oliva Augusto	1,17%
Maurício Tragtemberg	1,17%
Neide Lopes Patarra	1,17%
Roberto Romano	1,17%
Vera Lúcia Botta Ferrante	1,17%
Joel Martins	1,17%
Leila da Costa Ferreira	1,17%
Maria da Glória M. Cohn	1,17%
Michael McDonald Hall	1,17%
Octávio Ianni	1,17%
Sandra Negraes Brizzola	1,17%
Walquiria G. Leão Rego	1,17%
Jorge Lobo Miglioli	1,17%
Maria de Lourdes Manzini	1,17%
Maria Tereza Salles	1,17%
Sérgio Miceli	1,17%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da Unicamp.

**Tabela Nº 11**  
**Proporção de Dissertações por Professor**  
**Orientador em Relação ao Total de Dissertações Produzidas**  
**nos Mestrados em Sociologia da UNB, USP\*, IFCS/UFRJ e Unicamp (até 1994):**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Vilma Figueiredo	UNB	5,85%
Maria Nazareth B. Wanderley	UNICAMP	3,90%
Fernando Correia Dias	UNB	3,65%
Gabriel Cohn	USP	3,41%
Aparecida Joly Gouveia	USP	3,41%
Madel Therezinha Luz	IFCS	3,17%
Daniel Hogan	UNICAMP	2,92%
Fernando Augusto Mourão	USP	2,92%
Yvonne Maggie	IFCS	2,43%
Sadi Dal Rosso	UNB	2,19%
Barbara Freitag	UNB	1,95%
José de Souza Martins	USP	1,95%
Manoel Tosta Berlinck	UNICAMP	1,95%
André Pompeu Villalobos	UNICAMP	1,70%
Luis Pereira	USP	1,70%
Gentil Martins Dias	UNB	1,70%
David Fleischer	UNB	1,70%
Leôncio Martins Rodrigues	USP	1,46%
Maria Isaura Pereira de Queiroz	USP	1,46%
Edmundo Fernandes Dias	UNICAMP	1,46%
Lisias Nogueira Negrão	USP	1,46%
Francisco Weffort	USP	1,21%
Lúcio de Brito Castelo Branco	UNB	1,21%
Lia de Freitas Fukui	USP	1,21%
Asis Simão	USP	1,21%
Bila Sorj	IFCS	1,21%
Maria Rosilene Barbosa Alvim	IFCS	1,21%
Eva Alterman Blay	USP	0,97%
Glauco Ary Dillon Soares	UNB	0,97%
Maurício Vinhas de Queiroz	UNB	0,97%
Neide Esterci	IFCS	0,97%
Oswaldo Herbster Gusmão	IFCS	0,97%
Paulo Argimiro da Silveira Filho	USP	0,97%
Sérgio Adorno	USP	0,97%
Elina G. da Fonte Pessanha	IFCS	0,97%
Irene de Arruda Ribeiro	USP	0,97%
Maria Conceição D'Incao	UNICAMP	0,97%
Carlos Benedito Martins	UNB	0,97%
Luiz Antônio Machado	IFCS	0,97%
Ricardo Antunes	UNICAMP	0,97%
Alice de Paiva Abreu	IFCS	0,73%
Brasílio João Sallum	USP	0,73%
Maria Helena Oliva Augusto	USP	0,73%
Maria Salete Machado	UNB	0,73%

Diva Benevides Pinho	USP	0,73%
Heinrich Rattner	USP	0,73%
José Flávio Pessoa de Barros	IFCS	0,73%
Regina Lúcia de Moraes Morel	IFCS	0,73%
José César Gnaccarini	USP	0,73%
Sedi Hirano	USP	0,73%
Antônio Flávio Pierucci	USP	0,48%
Décio Saes	UNICAMP	0,48%
Elbio Neris Gonzales	UNB	0,48%
Heloisa Rodrigues Fernandes	USP	0,48%
José Pastore	USP	0,48%
José Ricardo Ramalho	IFCS	0,48%
Regina Célia Reys Novaes	IFCS	0,48%
Renato Ortiz	UNICAMP	0,48%
Zevedei Barbu	UNB	0,48%
Antônio Carlos de Oliveira	UNICAMP	0,48%
Bernardo Sorj	IFCS	0,48%
Brasilmar Ferreira Nunes	UNB	0,48%
Evaldo Amaro Vieira	UNICAMP	0,48%
Yves Chalout	UNB	0,48%
Beatriz Maria Alásia de Heredia	IFCS	0,48%
Elimar Pinheiro do Nascimento	UNB	0,48%
João Gabriel Lima C. Teixeira	UNB	0,48%
José Reginaldo Prandi	USP	0,48%
Michel Thiollent	UNICAMP	0,48%
Paola Cappellin Giuliani	IFCS	0,48%
Pedro Demo	UNB	0,48%
Ruy Coelho	USP	0,48%
Benício Viero Schmidt	UNB	0,24%
Fernanda Sobral	UNB	0,24%
João Manoel Cardoso de Melo	UNICAMP	0,24%
José Carlos Bruni	USP	0,25%
Maria Angélica Brasil Madeira	UNB	0,24%
Maria de Lourdes Manzini	UNICAMP	0,24%
Maria Luiza Belloni	UNB	0,24%
Maria Tereza Salles	UNICAMP	0,24%
Vera Lúcia Botta Ferrante	IFCS	0,24%
Walquíria Leão Rego	UNICAMP	0,24%
Ana Maria Fernandes	UNB	0,24%
Argemiro Procópio Filho	UNB	0,24%
Joel Martins	UNICAMP	0,24%
José Carlos Pereira	USP	0,24%
José Paulo Bandeira da Silveira	IFCS	0,24%
Maria Helena Fernandes	UNB	0,24%
Maria Stela Grossi	UNB	0,24%
Marie-France Garcia	IFCS	0,24%
Michel McDonald Hall	UNICAMP	0,24%
Neide Lopes Patarra	UNICAMP	0,24%
Roberto Romano	UNICAMP	0,24%
Sandra Negraes Brizzola	UNICAMP	0,24%

Sérgio Miceli	USP	0,24%
Vera Lúcia Calheiros Mata	IFCS	0,24%
Ana Maria Galano Linhart	IFCS	0,24%
Antônio Celso Pereira	IFCS	0,24%
Fábio Rubens da Rocha	IFCS	0,24%
Hélcio Saraiva	UNB	0,24%
Jorge Lobo Miglioli	UNICAMP	0,24%
José Jeremias de Oliveira Filho	USP	0,24%
Leila da Costa Ferreira	UNICAMP	0,24%
Maria da Glória M. Cohn	UNICAMP	0,25%
Maria Helena Figueiredo	UNB	0,24%
Maria Lúcia Alvares Maciel	UNB	0,24%
Maria Stella Amorim	IFCS	0,24%
Maurício Tragtemberg	UNICAMP	0,24%
Octávio Ianni	UNICAMP	0,24%
Regis Stephan de C. Andrade	USP	0,24%
Teófilo de Queiroz Jr.	USP	0,24%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da UNB, USP, IFCS e Unicamp.

\*Novo Regimento.

**Tabela Nº 12**  
**Proporção de Teses por Professor Orientador**  
**no Doutorado em Sociologia da UNB (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Brasilmar Ferreira Nunes	18,51%
Ana Maria Fernandes	11,11%
Maria Angélica Brasil Madeira	11,11%
Sadi Dal Rosso	11,11%
Carlos Benedito Martins	7,40%
Vilma Figueiredo	7,40%
Benício Viero Schmidt	7,40%
Fernanda Sobral	3,70%
Bárbara Freitag	3,70%
Gentil Martins Dias	3,70%
Maria Stela Grossi	3,70%
Elimar Pinheiro do Nascimento	3,70%
João Gabriel Lima C. Teixeira	3,70%
Pedro Demo	3,70%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da UNB.

**Tabela N° 13**  
**Proporção de Teses por Professor Orientador**  
**no Doutorado em Sociologia da USP\* (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Heinrich Rattner	10,49%
Gabriel Cohn	9,25%
Maria Isaura Pereira de Queiroz	8,02%
Fernando Augusto Mourão	5,55%
Aziz Simão	4,93%
Aparecida Jouly Gouveia	4,93%
Leôncio Martins Rodrigues	4,93%
Ruy Coelho	4,93%
Francisco Weffort	3,70%
José César Gnaccarini	3,08%
Sedi Hirano	3,08%
Eva Alterman Blay	3,08%
Luiz Pereira	3,08%
Antônio Flávio Pierucci	2,46%
Maria Célia Pinheiro	2,46%
Orlando Pinto de Miranda	2,46%
Teófilo de Queiroz Jr.	2,46%
José de Souza Martins	2,46%
Lisias Nogueira Negrão	2,46%
José Pastore	1,85%
Lia de Freitas Fukui	1,85%
Paulo Argimiro da Silveira Filho	1,85%
Heloisa Rodrigues Fernandes	1,85%
José Reginaldo Prandi	1,23%
José Carlos Pereira	1,23%
José Jeremias de Oliveira Filho	1,23%
Brasílio João Sallum	0,61%
José Carlos Bruni	0,61%
Sérgio Adorno	0,61%
Carlos Marques Pinheiro	0,61%
Fábio Rubens da Rocha Leite	0,61%
Octávio Ianni	0,61%
Sérgio Micelli	0,61%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da USP.

\*Novo Regimento.

**Tabela N° 14**  
**Proporção de Teses por Professor**  
**Orientador nos Doutorados em Sociologia da UNB e USP\* (até 1994):**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Heinrich Rattner	USP	8,99%
Gabriel Cohn	USP	7,93%
Maria Isaura Pereira de Queiroz	USP	6,87%
Fernando Augusto Mourão	USP	4,76%
Aziz Simão	USP	4,23%
Aparecida Joly Gouveia	USP	4,23%
Ruy Coelho	USP	4,23%
Francisco Weffort	USP	3,17%
José César Gnaccarini	USP	2,64%
Eva Alterman Blay	USP	2,64%
Sedi Hirano	USP	2,64%
Brasilmar Ferreira Nunes	UNB	2,64%
Luiz Pereira	USP	2,64%
Antônio Flávio Pierucci	USP	2,11%
José de Souza Martins	USP	2,11%
Lisias Nogueira Negrão	USP	2,11%
Maria Célia Pinheiro	USP	2,11%
Teófilo de Queiroz Jr.	USP	2,11%
Oriando Pinto de Miranda	USP	2,11%
Ana Maria Fernandes	UNB	1,58%
José Pastore	USP	1,58%
Lia de Freitas Fukui	USP	1,58%
Maria Angélica Brasil Madeira	UNB	1,58%
Paulo Argimiro da Silveira Filho	USP	1,58%
Sadi Dal Rosso	UNB	1,58%
Heloisa Rodrigues Fernandes	USP	1,58%
Benício Viero Schmidt	UNB	1,05%
Carlos Benedito Martins	UNB	1,05%
José Reginaldo Prandi	USP	1,05%
José Carlos Pereira	USP	1,05%
José Jeremias de Oliveira Filho	USP	1,05%
Vilma Figueiredo	UNB	1,05%
Elizabeth de Souza	USP	0,52%
Fernanda Sobral	UNB	0,52%
João Gabriel Lima C. Teixeira	UNB	0,52%
Maria Stela Grossi	UNB	0,52%
Sérgio Miceli	USP	0,52%
Brasílio João Sallum	USP	0,52%
Carlos Marques Pinheiro	USP	0,52%
Gentil Martins Dias	UNB	0,52%
José Carlos Bruni	USP	0,52%

Octávio Ianni	USP	0,52%
Pedro Demo	UNB	0,52%
Bárbara Freitag	UNB	0,52%
Elimar Pinheiro do Nascimento	UNB	0,52%
Fábio Rubens da Rocha Leite	USP	0,52%
Sérgio Adorno	USP	0,52%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia da UNB e USP.

\*Novo Regimento.

# **CIÊNCIA POLÍTICA**

**Tabela Nº 15**  
**O Caso da Antropologia Social**  
**e da Ciência Política na USP (Novo Regimento)(até 1994):**

ANO	Antropologia Oficial*		Ciência Política Oficial**		Antropologia (MA)***	
	Mest.	Dout.	Mest.	Dout.	Mest.	Dout.
1974	2	-	-	-		
1975	1	-	1	2	1	1
1976	1	-	1	2	2	1
1977	1	4	2	-	3	3
1978	7	-	-	1	3	-
1979	3	2	4	1	3	2
1980	13	5	2	1	13	3
1981	6	1	6	6	7	1
1982	4	4	5	10	5	4
1983	3	1	9	8	1	4
1984	7	4	2	3	6	3
1985	5	6	3	6	3	7
1986	5	6	2	4	3	7
1987	2	6	2	4	1	5
1988	1	5	5	4	2	6
1989	4	4	1	5	2	4
1990	4	8	2	3	2	7
1991	7	7	3	3	8	7
1992	9	4	9	3	11	3
1993	9	4	3	6	6	3
1994	12	5	8	-	10	5
Total	106	76	70	72	92	76

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Antropologia Oficial = dissertações e teses defendidas oficialmente no Departamento de Antropologia Social, isto é, incluindo-se as pesquisas em Arqueologia e excluindo-se as pesquisas orientadas pelas professoras Ruth Cardoso e Eunice Durham.

\*\*Ciência Política Oficial = dissertações e teses defendidas oficialmente no Departamento de Ciência Política, isto é, incluindo-se as pesquisas orientadas pelas professoras Ruth Cardoso e Eunice Durham.

\*\*\*Antropologia (MA = minha amostra) = dissertações e teses defendidas no Departamento de Antropologia Social, com a exclusão das pesquisas em Arqueologia e a inclusão das pesquisas orientadas pelas professoras Ruth Cardoso e Eunice Durham.

**Tabela Nº 16**  
**Número de Dissertações e Teses**  
**Orientadas pelas Professoras Ruth Cardoso e Eunice Durham nos**  
**Departamentos de Antropologia Social e Ciência Política da USP\* (de 1970 a 1994):**

RUTH CARDOSO				EUNICE DURHAM			
30				20			
Antropologia		Ciência Política		Antropologia		Ciência Política	
1		29		15		5	
Mestrado	Doutorado	Mestrado	Doutorado	Mestrado	Doutorado	Mestrado	Doutorado
-	1	14	15	6	9	3	2

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social e Ciência Política da USP.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 17**  
**Número de Dissertações**  
**de Mestrado em Ciência Política**  
**da UNB, USP\* e Unicamp (até 1994):**

ANO	UNB	USP	UNICAMP
1975		1	1
1976		1	4
1977		2	2
1978		-	-
1979		4	2
1980		2	2
1981		6	-
1982		5	3
1983		9	1
1984		2	1
1985		3	1
1986		2	5
1987		2	3
1988	1	5	3
1989	4	1	3
1990	4	2	4
1991	1	3	9
1992	10	9	10
1993	4	3	5
1994	5	8	6
Total	29	70	65

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da UNB, USP e Unicamp.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela N° 18**  
**Número e Proporção de Dissertações de Mestrado em**  
**Ciência Política da UNB, USP\* e Unicamp nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

DÉCADAS	QUANTIDADES				(%)			
	UNB	USP	CAMP	Total	UNB	USP	CAMP	Total
70	-	3	9	12	-	2,04%	6,12%	8,16%
80	5	29	22	56	3,40%	19,72%	14,96%	38,09%
90	24	21	34	79	16,32%	14,28%	23,12%	53,74%
Total	29	53	65	147	19,72%	36,05%	44,21%	100%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da UNB, USP e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 19**  
**Número e Proporção de Dissertações de Mestrado em**  
**Ciência Política da UNB, USP\* e Unicamp nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

DÉCADAS	QUANTIDADES				(%)			
	UNB	USP	CAMP	Total	UNB	USP	CAMP	Total
70	-	8	9	17	-	4,87%	5,48%	10,36%
80	5	37	22	64	3,04%	22,56%	13,41%	39,02%
90	24	25	34	83	14,63%	15,24%	20,73%	50,60%
Total	29	70	65	164	17,68%	42,68%	39,63%	100%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da UNB, USP e Unicamp.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela N° 20**  
**Número de Teses de Doutorado em Ciência Política\* da USP\*\* (até 1994):**

	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	Tot
USP	2	2	-	1	1	1	6	10	8	3	6	4	4	4	5	3	3	3	6	-	72

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da USP.

\*O Doutorado em Ciência Política só existe na USP e na UFMG. Recentemente também foi criado na UNB, mas não conta ainda com produção científica.

\*\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela Nº 21**  
**Número e Proporção**  
**de Teses de Doutorado em Ciência Política**  
**da USP\* nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

DECADAS	QUANTIDADES			Total	USP (%)	
	USP	Total	USP		Total	
70	6	6	8,33%	8,33%	8,33%	
80	51	51	70,83%	70,83%	70,83%	
90	15	15	20,83%	20,83%	20,83%	
Total	72	72	100%	100%	100%	

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da USP.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela Nº 22**  
**Tempo de Integralização**  
**no Mestrado em Ciência Política da UNB, USP\* e Unicamp (até 1994):**

	Tempo de Integralização										
	1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ de 11 anos
UNB	3,44%	24,13%	44,82%	31,03%	3,44%	-	-	-	-	-	-
USP	1,42%	5,71%	14,28%	14,28%	14,28%	11,42%	5,71%	30,00%	1,42%	1,42%	-
CAMP	3,07%	7,69%	9,23%	18,46%	12,30%	13,84%	10,76%	6,15%	9,23%	3,07%	6,15%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da UNB, USP e Unicamp.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela Nº 23**  
**Tempo de Integralização no Doutorado em Ciência Política da USP\* (até 1994):**

	Tempo de Integralização										
	1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ de 11 anos
USP	1,38%	4,16%	5,55%	13,88%	9,79%	15,27%	29,16%	4,16%	12,50%	1,38%	1,38%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da USP.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela N° 24**  
**Proporção de Dissertações por Professor Orientador**  
**no Mestrado em Ciência Política da UNB (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
David Verge Fleischer	41,37%
Venicio de Lima	10,34%
Walder Tavares de Goes	10,34%
Nelson Lehmann da Silva	10,34%
Ruy Mauro de Araujo Marini	6,89%
Maria das Graças Ruas	3,44%
Luiz Pedone	3,44%
Mary Dayse Kinzo	3,44%
Tania Navarro Swain	3,44%
Lytton Leite Guimaraes	3,44%
Vania Gelape Bampirra	3,44%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da UNB.

**Tabela N° 25**  
**Proporção de Dissertações por Professor Orientador**  
**no Mestrado em Ciência Política da USP\* (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Ruth Cardoso	20,00%
Braz Jose de Araújo	12,85%
Jose Augusto G. Albuquerque	7,14%
Lucio Kowarick	7,14%
Juarez Brandão Lopes	7,14%
Oliveiros da Silva Ferreira	7,14%
Maria Tereza Aina Sadek	5,71%
Regis Stephan de C. Andrade	5,71%
Eunice Durham	4,28%
Leoncio Martins Rodrigues	4,28%
Jose Alvaro Moises	2,85%
Paulo Sérgio Pinheiro	2,85%
Francisco Weffort	2,85%
Eduardo Kugelmas	1,42%
Maria do Carmo C. Campello	1,42%
Carlos Estevam Martins	1,42%
Celia Nunes Galvao	1,42%
Gabriel Cohn	1,42%
Simon Schwartzman	1,42%
Maria Dalva Gil Kinzo	1,42%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da USP.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela Nº 26**  
**Proporção de Dissertações por Professor Orientador**  
**no Mestrado em Ciência Política da Unicamp (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Décio Saes	16,92%
Paulo Sérgio Pinheiro	10,76%
Maria Herminia T. de Almeida	9,23%
Sebastião Carlos V. e Cruz	7,69%
Caio Navarro de Toledo	7,69%
Sonia Miriam Draibe	6,15%
Leôncio Martins Rodrigues	6,15%
Armando Boito Jr.	4,61%
Michel Debrun	4,61%
Ricardo Antunes	3,07%
Eliezer Rizzo de Oliveira	3,07%
Thomas Patrick Dwyer	3,07%
Evelina Dagnino	3,07%
Luciano Martins	3,07%
Shiguenoli Miyamoto	3,07%
Vilmar Faria	1,53%
Reginaldo Carmello C. Moraes	1,53%
Juarez Brandão Lopes	1,53%
Argelina Maria C. Figueiredo	1,53%
Maria Conceição D'Incao	1,53%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da Unicamp.

**Tabela Nº 27**  
**Proporção de Teses por Professor Orientador**  
**no Doutorado em Ciência Política da USP\* (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Oliveiros da Silva Ferreira	14,54%
Francisco Weffort	12,72%
Lúcio Kowarick	12,72%
Leôncio Martins Rodrigues	12,72%
Juarez Brandão Lopes	9,09%
Célia Nunes Galvão	7,27%
Braz José de Araújo	7,27%
José Augusto G. de Albuquerque	5,45%
Maria do Carmo Campello	5,45%
Maria Tereza Sadek	3,63%
Gabriel Cohn	1,81%
Maria Dalva Gil Kinzo	1,81%
Maria Lúcia Montes	1,81%
Paulo Sérgio Pinheiro	1,81%
José Álvaro Moises	1,81%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da USP.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela N° 28**  
**Proporção de Dissertações por Professor**  
**Orientador em Relação ao Total de Dissertações Produzidas**  
**nos Mestrados em Ciência Política da UNB, USP\* e Unicamp (até 1994):**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Ruth Cardoso	USP	8,54%
David Verge Fleischer	UNB	7,31%
Décio Saes	UNICAMP	6,70%
Braz José de Araújo	USP	5,48%
Paulo Sérgio Pinheiro	USP	4,26%
Leôncio Martins Rodrigues	USP - UNICAMP	4,26%
Juarez Brandão Lopes	USP - UNICAMP	3,65%
Maria Herminia Tavares	UNICAMP	3,65%
Caio Navarro de Toledo	UNICAMP	3,04%
José Augusto Guilhon	USP	3,04%
Lúcio Kowarick	USP	3,04%
Oliveiros da Silva Ferreira	USP	3,04%
Sebastião Carlos V. e Cruz	UNICAMP	3,04%
Maria Tereza Aina Sadek	USP	2,43%
Regis Stephan de C. Andrade	USP	2,43%
Sonia Miriam Draibe	UNICAMP	2,43%
Nelson Lehmann	UNB	1,82%
Venício de Lima	UNB	1,82%
Armando Boito Jr.	UNICAMP	1,82%
Walder Tavares	UNB	1,82%
Eunice Durham	USP	1,82%
Michel Debrun	UNICAMP	1,82%
Francisco Weffort	USP	1,21%
José Álvaro Moisés	USP	1,21%
Ricardo Antunes	UNICAMP	1,21%
Shiguenoli Miyamoto	UNICAMP	1,21%
Eliezer Rizzo de Oliveira	UNICAMP	1,21%
Luciano Martins	UNICAMP	1,21%
Ruy Mauro de Araújo	UNB	1,21%
Thomas Dwyer	UNICAMP	1,21%
Evelina Dagnino	UNICAMP	1,21%
Argelina Maria C. Figueiredo	UNICAMP	0,60%
Célia Nunes Galvão	USP	0,60%
Eduardo Kugelmas	USP	0,60%
Luiz Pedone	UNB	0,60%
Maria Dalva Gil Kinzo	USP	0,60%
Mary Dayse Kinzo	UNB	0,60%
Tânia Navarro Swain	UNB	0,60%
Gabriel Cohn	USP	0,60%

Lytton Leite Guimarães	UNB	0,60%
Maria das Graças Ruas	UNB	0,60%
Reginaldo Carmello C. Moraes	UNICAMP	0,60%
Simon Schwartzman	USP	0,60%
Vilmar Faria	UNICAMP	0,60%
Carlos Estevam Martins	USP	0,60%
Maria Conceição D'Incao	UNICAMP	0,60%
Maria do Carmo C. Campello	USP	0,60%
Vânia Gelape Bambirra	UNB	0,60%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política da UNB, USP e Unicamp.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

# **ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Tabela Nº 29**  
**Número de Dissertações de Mestrado em Antropologia Social da UNB, USP\*, Museu Nacional/MN e Unicamp (até 1994):**

ANO	UNB	USP	MUSEU	UNICAMP
1970			1	
1971			3	
1972			7	
1973			7	
1974	1		5	
1975	4	1	7	1
1976	2	2	6	7
1977	9	3	17	2
1978	3	3	5	4
1979	7	3	5	3
1980	5	13	12	1
1981	7	7	5	1
1982	4	5	5	5
1983	3	1	4	6
1984	3	6	5	-
1985	3	3	7	3
1986	3	3	3	8
1987	3	1	7	4
1988	1	2	11	4
1989	1	2	9	6
1990	4	2	8	7
1991	6	8	13	15
1992	4	11	28	15
1993	7	6	12	10
1994	9	10	8	8
Total	89	92	200	110

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 30**  
**Número e Proporção de Dissertações de Mestrado em Antropologia Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

DÉCADAS	QUANTIDADES					(% )				
	UNB	USP	MN	CAMP	Total	UNB	USP	MN	CAMP	Total
70	26	12	63	17	118	5,29%	2,44%	12,83%	3,46%	24,02%
80	33	43	68	38	182	6,72%	8,75%	13,84%	7,73%	37,04%
90	30	37	69	55	191	6,10%	7,53%	14,05%	11,20%	38,88%
Total	89	92	200	110	491	18,12%	18,73%	40,73%	22,40%	100%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 31**  
**Número de Dissertações de Mestrado em Antropologia Social**  
**no Brasil (UNB+USP\*\*+Museu Nacional+Unicamp+UFPE+UFRS+UFSC)(até 1994):**

ANO	UNB	USP	MUSEU	UNICAMP	UFPE	UFRS	UFSC
1970			1				
1971			3				
1972			7				
1973			7				
1974	1		5				
1975	4	1	7	1			
1976	2	2	6	7			
1977	9	3	17	2			
1978	3	3	5	4			
1979	7	3	5	3			
1980	5	13	12	1			
1981	7	7	5	1	2		1
1982	4	5	5	5	-		-
1983	3	1	4	6	6	1	5
1984	3	6	5	-	1	4	-
1985	3	3	7	3	8	3	3
1986	3	3	3	8	5	2	1
1987	3	1	7	4	5	4	3
1988	1	2	11	4	6	2	1
1989	1	2	9	6	1	4	4
1990	4	2	8	7	4	4	1
1991	6	8	13	15	6	5	8
1992	4	11	28	15	9	7	8
1993	7	6	12	10	3	6	3
1994	9	10	8	8	8	9	5
Total	89	92	200	110	64	51	43

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN, Unicamp, UFPE, UFRS e UFSC.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 32**  
**Número e Proporção de Dissertações de Mestrado**  
**em Antropologia Social no Brasil (UNB+USP\*+MN+Unicamp+UFPE+UFRS+UFSC) nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

Décadas	NÚMEROS ABSOLUTOS											(%)					
	UNB	USP	MN	CAMP	UFPE	UFRS	UFSC	Total	UNB	USP	MN	CAMP	UFPE	UFRS	UFSC	Total	
70	26	12	63	17	-	-	-	118	4,00%	1,84%	9,70%	2,61%	-	-	-	18,18%	
80	33	43	68	38	34	20	18	254	5,08%	6,62%	10,47%	5,85%	5,23%	3,08%	2,77%	39,13%	
90	30	37	69	55	30	31	25	277	4,62%	5,70%	10,63%	8,47%	4,62%	4,77%	3,85%	42,68%	
Total	89	92	200	110	64	51	43	649	13,71%	14,17%	30,81%	16,94%	9,86%	7,85%	6,62%	100%	

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN, Unicamp, UFPE, UFRS e UFSC.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 33**  
**Proporção de Dissertações por Professor Orientador em**  
**Relação ao Total da Produção de Dissertações nos Mestrados em Antropologia**  
**Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Gilberto Velho	Museu Nacional	8,00%
Roberto Cardoso de Oliveira	UNB - UNICAMP	7,36%
Roberto Da Matta	Museu Nacional	7,36%
Peter Fry	UNICAMP - Museu Nacional	5,33%
Júlio César Melatti	UNB	4,33%
Moacir Palmeira	Museu Nacional	3,66%
Ruth Cardoso	USP	3,33%
Otávio Velho	Museu Nacional	3,33%
Roque de Barros Laraia	UNB	3,00%
Francisca Keller	Museu Nacional	2,66%
Thekla Hartmann	USP	2,66%
Eunice Durham	USP	2,66%
João Baptista Borges Pereira	USP	2,66%
Carlos Rodrigues Brandão	UNICAMP	2,66%
Antônio Augusto Arantes	UNICAMP	2,33%
Eduardo Viveiros de Castro	Museu Nacional	2,33%
Lygia Sigaud	Museu Nacional	2,33%
Lux Vidal	USP	2,33%
Verena Stolcke	UNICAMP	2,00%
Luiz de Castro Faria	Museu Nacional	2,00%
Klaas Woortmann	UNB	1,66%
José Sérgio Leite Lopes	Museu Nacional	1,33%
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu Nacional	1,33%
Neuma Aguiar	Museu Nacional	1,33%
Anthony Seeger	Museu Nacional	1,33%
Mireya Suarez	UNB	1,33%
Rubem César Fernandes	UNICAMP - Museu Nacional	1,33%
Manuela Carneiro da Cunha	UNICAMP - USP	1,33%
Teófilo de Queiroz Jr.	USP	1,33%
Amadeu Duarte Lanna	USP	1,00%
Bela Feldman-Bianco	UNICAMP	1,00%
Peter Silverwood-Cope	UNB	1,00%
Giralda Seyferth	Museu Nacional	1,00%
Afrânio Garcia Jr.	Museu Nacional	0,66%
Liana Maria Sálvia	USP	0,66%
Mariza Corrêa	UNICAMP	0,66%
Alba Maria Zaluar	UNICAMP	0,66%
Mariza Peirano	UNB	0,66%
Oracy Nogueira	USP	0,66%
Alcida Rita Ramos	UNB	0,66%
Seeger/Viveiros de Castro	Museu Nacional	0,66%

João Pacheco de Oliveira	Museu Nacional	0,66%
Lia Zanotta Machado	UNB	0,66%
Renate Brigitte Viertler	USP	0,66%
Guilherme Raul Ruben	UNICAMP	0,33%
Mércio Gomes	UNICAMP	0,33%
Shelton Davis	Museu Nacional	0,33%
Leôncio Martins Rodrigues	Museu Nacional	0,33%
Luiz Mott	UNICAMP	0,33%
Luiz Tarlei de Aragão	UNB	0,33%
Manoel Tosta Berlinck	Museu Nacional	0,33%
David Maybury-Lewis	Museu Nacional	0,33%
Fernando Augusto Mourão	USP	0,33%
Kenneth Taylor	UNB	0,33%
Maurício Tragtemberg	UNICAMP	0,33%
Roger Walker	Museu Nacional	0,33%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 34**  
**Proporção de Dissertações**  
**por Temáticas Desenvolvidas nos**  
**Mestrados em Antropologia Social da UNB,**  
**USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

TEMÁTICAS	(%)
Antropologia Urbana	24,66%
Etnologia	18,00%
Antropologia do Campesinato	17,66%
Antropologia da Religião	11,33%
Antropologia da Saúde	8,00%
Gênero	7,33%
Etnicidade	4,00%
Família	2,66%
Literatura	1,66%
Trajetória Intelectual	1,00%
Migrações	0,66%
Outros	3,00%

Fonte: Dissertações de Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 35**  
**Proporção de Dissertações por**  
**Professor Orientador na Temática Antropologia Urbana**  
**nos Mestrados da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Gilberto Velho	Museu Nacional	18,91%
Ruth Cardoso	USP	6,75%
Otávio Velho	Museu Nacional	5,40%
Francisca Keller	Museu Nacional	5,40%
Carlos Rodrigues Brandão	UNICAMP	4,05%
Eunice Durham	USP	4,05%
Peter Fry	UNICAMP	4,05%
Roberto Cardoso de Oliveira	UNB	4,05%
Roberto Da Matta	Museu Nacional	4,05%
Alba Maria Zaluar	UNICAMP	2,70%
Antônio Augusto Arantes	UNICAMP	2,70%
Giralda Seyferth	Museu Nacional	2,70%
Neuma Aguiar	Museu Nacional	2,70%
Rubem Cesar Fernandes	UNICAMP	2,70%
Bela Feldman-Bianco	UNICAMP	2,70%
Luiz de Castro Faria	Museu Nacional	2,70%
Mariza Peirano	UNB	2,70%
Teófilo de Queiroz Jr.	USP	2,70%
José Sérgio Leite Lopes	Museu Nacional	1,35%
Leôncio Martins Rodrigues	USP	1,35%
Lux Vidal	USP	1,35%
Mireya Suarez	UNB	1,35%
Roger Walker	UNB	1,35%
Shelton Davis	Museu Nacional	1,35%
Verena Stolcke	UNICAMP	1,35%
Fernando Augusto Mourão	USP	1,35%
Júlio César Melatti	UNB	1,35%
Lia Zanotta Machado	UNB	1,35%
Lygia Sigaud	Museu Nacional	1,35%
Eduardo Viveiros de Castro	Museu Nacional	1,35%
Guilhermo Raul Ruben	UNICAMP	1,35%
Klaas Woortmann	UNB	1,35%

Fonte: Dissertações e Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 36**  
**Proporção de Dissertações por Professor**  
**Orientador na Temática Antropologia do Campesinato**  
**nos Mestrados da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Moacir Palmeira	Museu Nacional	18,86%
Otávio Velho	Museu Nacional	11,32%
Roberto Da Matta	Museu Nacional	9,43%
Lygia Sigaud	Museu Nacional	9,43%
Mireya Suarez	UNB	5,66%
Afrânio Gracia Jr.	Museu Nacional	3,77%
Francisca Keller	Museu Nacional	3,77%
Amadeu Duarte Lanna	USP	3,77%
Roberto Cardoso de Oliveira	UNB - UNICAMP	3,77%
Verena Stolcke	UNICAMP	3,77%
Carlos Rodrigues Brandão	UNICAMP	1,88%
Klaas Woortmann	UNB	1,88%
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu Nacional	1,88%
David Maybury-Lewis	Museu Nacional	1,88%
João Baptista Borges Pereira	USP	1,88%
Luis Mott	UNICAMP	1,88%
Neuma Aguiar	Museu Nacional	1,88%
Peter Fry	UNICAMP - Museu Nacional	1,88%
Thekla Hartmann	USP	1,88%
Antônio Augusto Arantes	UNICAMP	1,88%
Eunice Durham	USP	1,88%
Keneth Taylor	UNB	1,88%
Luiz de Castro Faria	Museu Nacional	1,88%
Oracy Nogueira	USP	1,88%

Fonte: Dissertações e Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 37**  
**Proporção de Dissertações**  
**por Professores Orientador na Temática Etnologia**  
**nos Mestrados da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Júlio César Melatti	UNB	18,51%
Roberto Cardoso de Oliveira	Museu Nacional - UNB	12,96%
Thekla Hartmann	USP	11,11%
Lux Vidal	USP	11,11%
Roberto Da Matta	Museu Nacional	5,55%
Anthony Seeger	Museu Nacional	5,55%
Eduardo Viveiros de Castro	Museu Nacional	5,55%
Seeger/Viveiros de Castro	Museu Nacional	3,70%
João Pacheco de Oliveira	Museu Nacional	3,70%
Manuela Carneiro da Cunha	UNICAMP - USP	3,70%
Renate Brigitte Viertler	USP	3,70%
Roque de Barros Laraia	UNB	3,70%
Amadeu Duarte Lanna	USP	1,85%
Peter Fry	UNICAMP - Museu Nacional	1,85%
João Baptista Borges Pereira	USP	1,85%
Luiz de Castro Faria	Museu Nacional	1,85%
Mércio Gomes	UNICAMP	1,85%
Rubem César Fernandes	UNICAMP - Museu Nacional	1,85%

Fonte: Dissertações e Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 38**  
**Proporção de Dissertações por**  
**Professor Orientador na Temática Antropologia da Religião**  
**nos Mestrados da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Roberto Da Matta	Museu Nacional	20,58%
Roberto Cardoso de Oliveira	UNB - UNICAMP	11,76%
Peter Fry	UNICAMP - Museu Nacional	8,82%
Gilberto Velho	Museu Nacional	5,88%
João Baptista Borges Pereira	USP	5,88%
Peter Silverwood-Cope	UNB	5,88%
Liana Maria Sálvia	USP	2,94%
Lygia Sigaud	Museu Nacional	2,94%
Antônio Augusto Arantes	UNICAMP	2,94%
Eduardo Viveiros de Castro	Museu nacional	2,94%
Luiz de Castro Faria	Museu Nacional	2,94%
Manuela Carneiro da Cunha	UNICAMP - USP	2,94%
Roque de Barros Laraia	UNB	2,94%
Carlos Rodrigues Brandão	UNICAMP	2,94%
Eunice Durham	USP	2,94%
Lia Zanotta Machado	UNB	2,94%
Luiz Tarlei de Aragão	UNB	2,94%
Oracy Nogueira	USP	2,94%
Rubem César Fernandes	UNICAMP - Museu Nacional	2,94%
Anthony Seeger	Museu Nacional	2,94%

Fonte: Dissertações e Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 39**  
**Proporção de Dissertações por Professor Orientador**  
**na Temática Antropologia da Saúde nos Mestrados em Antropologia**  
**Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Roque de Barros Laraia	UNB	16,66%
Peter Fry	UNICAMP - Museu Nacional	16,66%
Roberto Cardoso de Oliveira	MN - UNB - UNICAMP	12,50%
Carlos Rodrigues Brandão	UNICAMP	12,50%
Alcida Rita Ramos	UNB	8,33%
Gilberto Velho	Museu Nacional	8,33%
Eduardo Viveiros de Castro	Museu Nacional	4,16%
Manuela Carneiro da Cunha	USP	4,16%
Peter Silverwood-Cope	UNB	4,16%
Maurício Tragtemberg	UNICAMP	4,16%
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu Nacional	4,16%
Roberto Da Matta	Museu Nacional	4,16%

Fonte: Dissertações e Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.  
 \*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 40**  
**Proporção de Dissertações por Professor**  
**Orientador na Temática Etnicidade nos Mestrados em Antropologia**  
**Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
João Baptista Borges Pereira	USP	25,00%
Antônio Augusto Arantes	UNICAMP	8,33%
Giralda Seyferth	Museu Nacional	8,33%
Manoel Tosta Berlink	Museu Nacional	8,33%
Verena Stolcke	UNICAMP	8,33%
Eunice Durham	USP	8,33%
Roberto Cardoso de Oliveira	UNB - UNICAMP	8,33%
Francisca Keller	Museu Nacional	8,33%
Luiz de Castro Faria	Museu Nacional	8,33%
Teófilo Queiroz Jr.	USP	8,33%

Fonte: Dissertações e Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.  
 \*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 41**  
**Proporção de Dissertações por Professor**  
**Orientador na Temática Gênero nos Mestrados em Antropologia**  
**Social da UNB, USP\*, Museu Nacional, Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Gilberto Velho	Museu Nacional	17,39%
Peter Fry	UNICAMP - Museu Nacional	17,39%
Mariza Corrêa	UNICAMP	8,69%
Júlio César Melatti	UNB	8,69%
Ruth Cardoso	USP	8,69%
Antônio Augusto Arantes	UNICAMP	4,34%
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu Nacional	4,34%
Teófilo de Queiroz Jr.	USP	4,34%
Bela Feldman-Bianco	UNICAMP	4,34%
Roque de Barros Laraia	UNB	4,34%
Verena Stolcke	UNICAMP	4,34%
Klaas Woortmann	UNB	4,34%
Roberto Da Matta	Museu Nacional	4,34%

Fonte: Dissertações e Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 42**  
**Proporção de Dissertações por Professor**  
**Orientador na Temática Família nos Mestrados em Antropologia**  
**Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Eunice Durham	USP	25,00%
Klaas Woortmann	UNB	25,00%
Gilberto Velho	Museu Nacional	12,50%
Roque de Barros Laraia	UNB	12,50%
João Baptista Borges Pereira	USP	12,50%
Verena Stolcke	UNICAMP	12,50%

Fonte: Dissertações e Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 43**  
**Tempo de Integralização nos Mestrados em Antropologia Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ de 11 anos
1,33%	8,00%	18,66%	20,66%	22,33%	10,33%	6,66%	8,66%	1,33%	0,33%	1,33%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 44**  
**Proporção de Dissertações por Agências Financiadoras nos Mestrados em Antropologia Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80\* (dados aproximados):**

CAPES	CNPq	FORD	FINEP	FAPESP	ANPOCS	Não refere
34,66%	31,00%	21,33%	9,00%	16,33%	5,66%	22,66%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*A Soma é maior que 100% porque cada pesquisa pode ter recebido mais que um financiamento de diferentes Agências Financiadoras.

**Tabela N° 45**  
**Proporção de Alunos Egressos dos Mestrados em Antropologia Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp (Décadas de 70 e 80) por Local de Trabalho Atual (Universidades) (dados aproximados):**

UNICAMP	IFCS/UFRJ	Museu Nac	UERJ	UNB	UFF	UNESP	UFPR	Outras Uni
5,00%	4,66%	4,00%	4,00%	4,00%	3,00%	3,33%	2,66%	30,00%

Fonte: Professores das Pós-Graduações em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 46**  
**Proporção de Dissertações por Técnicas de**  
**Pesquisa de Campo Utilizadas nos Mestrados em Antropologia**  
**Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80\*\*:**

Entrevistas	Obs. Participante	Diário de Campo	Questionários	Histórias de Vida	Fotografias	Survey
64,66%	64,00%	14,66%	11,66%	10,66%	9,00%	7,66%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

\*\*A soma é maior que 100% porque cada pesquisa pode ter se utilizado de duas ou mais técnicas de pesquisa de campo.

**Tabela Nº 47**  
**Proporções de Dissertações por**  
**Palavras-Chave Utilizadas nos Mestrados em Antropologia**  
**Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80\*\*:**

Ideologia	Identidade	Representações	Estrutura	Simbolismo	Cultura	Capitalismo	Organização Social
37,33%	29,00%	28,00%	17,66%	15,33%	14,66%	12,66%	10,66%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha Amostra; Novo Regimento.

\*\*A soma é maior que 100% porque cada pesquisa pode ter se utilizado de duas ou mais palavras-chave. Foram computados o conceito central e seus derivados como, por exemplo, capital, capitalismo capital monopolista etc.

**Tabela Nº 48**  
**Proporção de Dissertações por**  
**Locais\* das Pesquisas de Campo no Mestrado em**  
**Antropologia Social da UNB nas Décadas de 70 e 80:**

ESTADOS/DF	(%)
Distrito Federal	31,74%
Amazonas	11,11%
Goiás	7,93%
Mato Grosso	4,76%
Mato Grosso do Sul	4,76%
Acre	4,76%
Minas Gerais	3,17%
Ceará	3,17%
Sergipe	3,17%
Pará	3,17%
Pernambuco	3,17%
Paraná	1,58%
São Paulo	1,58%
Paraíba	1,58%
Bahia	1,58%
Piauí	1,58%
Amapá	1,58%
Maranhão	1,58%
Rio Grande do Norte	1,58%
Rondonia	1,58%
Rio de Janeiro	1,58%
Misiones/Argentina	1,58%
não refere	1,58%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da UNB.

\*Foram consideradas como unidades, os municípios e as aldeias indígenas.

**Tabela N° 49**  
**Proporção de Dissertações por**  
**Locais\*\*\*\* das Pesquisas de Campo no Mestrado em**  
**Antropologia Social da USP\* nas Décadas de 70 e 80\*\*:**

ESTADOS	(%)
São Paulo	29,78%
Mato Grosso	12,76%
Pernambuco	11,70%
Pará	11,70%
Paraíba	6,38%
Rio de Janeiro	4,25%
Tocantins	4,25%
Maranhão	3,19%
Amapá	2,12%
Minas Gerais	2,12%
Goiás	1,06%
Paraná	1,06%
Alagoas	1,06%
Ceará	1,06%
Bahia	1,06%
Amazonas	1,06%
não se aplica	3,19%
não refere	2,12%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da USP.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

\*\*A Aldeia do Galheiro está localizada em 3 Estados: Tocantins (Krahó, Apinajé), Maranhão (perto de Marabá) e Pará (Krikati).

\*\*\*\*Foram consideradas como unidades, os municípios e as aldeias indígenas.

**Tabela Nº 50**  
**Proporção de Dissertações por Locais\* das**  
**Pesquisas de Campo no Mestrado em Antropologia**  
**Social do Museu Nacional nas Décadas de 70 e 80:**

ESTADOS/DF	(%)
Rio de Janeiro	43,04%
Pernambuco	8,60%
Mato Grosso	7,94%
Pará	4,63%
São Paulo	3,31%
Paraíba	3,31%
Bahia	3,31%
Minas Gerais	2,64%
Maranhão	1,98%
Ceará	1,98%
Rio Grande do Sul	1,98%
Amazonas	1,98%
Goiás	1,32%
Santa Catarina	1,32%
Distrito Federal	1,32%
Piauí	0,66%
Paraná	0,66%
Tocantins	0,66%
não se aplica	5,29%
não refere	3,97%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social do MN.

\*Foram consideradas como unidades, os municípios e as aldeias indígenas.

**Tabela Nº 51**  
**Proporção de Dissertações por Locais\***  
**das Pesquisas de Campo no Mestrado em**  
**Antropologia Social da Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

ESTADOS	(%)
São Paulo	51,56%
Mato Grosso	9,37%
Rio de Janeiro	4,68%
Pará	3,12%
Rio Grande do Sul	3,12%
Minas Gerais	3,12%
Roraima	3,12%
Mato Grosso do Sul	3,12%
Tocantins	3,12%
Ceará	1,56%
Maranhão	1,56%
Sergipe	1,56%
Espírito Santo	1,56%
Rio Grande do Norte	1,56%
Bahia	1,56%
Liaboa/Portugal	1,56%
não se aplica	3,12%
não refere	1,56%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da Unicamp.

\*Foram consideradas como unidades, os municípios e as aldeias indígenas.

**Tabela N° 52**  
**Proporção de**  
**Dissertações por Locais das Pesquisas**  
**de Campo em Relação ao Total da Produção**  
**nos Mestrados em Antropologia Social da UNB,**  
**USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

ESTADOS/DF	(%)
Rio de Janeiro	19,97%
São Paulo	18,05%
Mato Grosso	8,89%
Pernambuco	7,00%
Distrito Federal	5,92%
Pará	5,92%
Paraíba	3,23%
Amazonas	2,96%
Minas Gerais	2,69%
Maranhão	2,15%
Bahia	2,15%
Goiás	2,15%
Tocantins	1,88%
Ceará	1,88%
Rio Grande do Sul	1,34%
Mato Grosso do Sul	1,34%
Paraná	0,80%
Acre	0,80%
Sergipe	0,80%
Amapá	0,80%
Piauí	0,53%
Rio Grande do Norte	0,53%
Santa Catarina	0,53%
Roraima	0,53%
Exterior	0,53%
Espírito Santo	0,26%
Rondônia	0,26%
Alagoas	0,26%
não se aplica	3,50%
não refere	2,69%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 53**  
**Proporção de Dissertações por**  
**Locais das Pesquisas de Campo em**  
**Relação ao Total da Produção nos Mestrados**  
**em Antropologia Social no UNB, USP\*, Museu**  
**Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80 (Regiões):**

REGIÕES	(%)
Sudeste	40,70%
Nordeste	18,59%
Centro-Oeste	18,32%
Norte	13,20%
Sul	2,69%
Exterior	0,53%
não se aplica	3,50%
não refere	2,69%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social na UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 54**  
**Autores Nacionais Mais Citados no Mestrado**  
**da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80\*\*:**

AUTORES	Década de 70	Década de 80	TOTAL
Roberto Da Matta	126	188	314
Gilberto Velho	52	161	213
Roberto Cardoso de Oliveira	44	74	118
Eunice Durham	9	89	98
Octávio Ianni	24	49	97
Peter Fry	9	68	77
Júlio César Melatti	17	59	76
Otávio Velho	43	39	82
Antônio Cândido	20	43	63
Paul Singer	30	30	60
Caio Prado Jr.	32	19	51
Anthony Seeger	11	37	48
Fernando Henrique Cardoso	19	27	46
Florestan Fernandes	8	37	45
Maria Isaura Pereira de Queiroz	18	25	43
Afrânio Garcia Jr.	20	22	42
Carlos Rodrigues Brandão	-	38	38
Roque de Barros Laraia	10	28	38
Eduardo Viveiros de Castro	1	28	29

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 55**  
**Autores Estrangeiros Mais Citados no Mestrado**  
**da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80\*\*;**

AUTORES	Década de 70	Década de 80	TOTAL
Lévi-Strauss	204	286	490
Pierre Bourdieu	92	172	264
Edmund Leach	127	109	236
Victor Turner	95	106	201
Karl Marx	96	173	173
Marcel Mauss	51	102	153
Irving Goffman	68	66	134
Michael Foucault	14	114	128
Clifford Geertz	24	95	119
Mary Douglas	58	56	114
Marshall Sahlins	34	77	111
Evans-Pritchard	34	71	105
Max Weber	32	65	97
Durkheim	18	72	90
Louis Dumont	15	65	80
Max Gluckman	28	49	77
Bronislaw Malinowski	21	55	76
Raymond Firth	42	29	71
Ward Goodenough	58	3	61
Maurice Godelier	36	21	57
Peter Berger	17	34	51
Antonio Gramsci	2	49	51
Louis Althusser	23	23	46

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 56**  
**Tempo de Permanência no Mestrado**  
**em Antropologia Social da UNB, USP\*, Museu Nacional nas Décadas de 70 e 80 (até 1994):**

	1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ de 11 anos	Total
UNB	1,69%	20,33%	57,62%	16,94%	1,69%	-	-	-	-	-	1,69%	100%
USP	1,81%	5,45%	7,27%	10,90%	9,09%	12,72%	16,36%	36,36%	-	-	-	100%
Museu	0,76%	6,10%	11,45%	26,71%	34,35%	12,97%	3,81%	2,29%	1,51%	-	-	100%
CAMP	1,81%	1,81%	5,45%	20,00%	29,09%	12,72%	10,90%	5,45%	3,63%	1,81%	7,27%	100%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, Museu Nacional, Unicamp.  
 \*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 57**  
**Proporção de Defesas por Turma (até 1989)**  
**nos Mestrados da UNB, Museu Nacional e Unicamp (Defendidas até 1994)\*:**

TURMAS	UNB	MUSEU	UNICAMP
2 sem. de 1968	-	84,60%	-
1 sem. de 1969	-	66,66%	-
2 sem. de 1969	-	60,00%	-
1 sem. de 1970	-	57,14%	-
2 sem. de 1970	-	57,14%	-
1 sem. de 1971	-	90,00%	80%**
2 sem. de 1971	-	80,00%	-
1 sem. de 1972	87,50%	75,00%	80%**
2 sem. de 1972	-	100%	-
1 sem. de 1973	33,33%	71,42%	100%**
2 sem. de 1973	-	100%	-
1 sem. de 1974	71,42%	90,90%	0%
2 sem. de 1974	-	-	-
1 sem. de 1975	71,42%	88,88%	46,66%
2 sem. de 1975	-	33,33%	-

1 sem. de 1976	70,00%	37,50%	77,77%
2 sem. de 1976	-	50,00%	-
1 sem. de 1977	100%	50,00%	33,33%
2 sem. de 1977	-	100%	-
1 sem. de 1978	80,00%	54,54%	50,00%
2 sem. de 1978	-	66,66%	-
1 sem. de 1979	40,00%	77,77%	42,85%
2 sem. de 1979	-	100%	-
1 sem. de 1980	57,14%	83,33%	80,00%
2 sem. de 1980	-	33,33%	-
1 sem. de 1981	75,00%	66,66%	83,33%
2 sem. de 1981	-	-	-
1 sem. de 1982	33,33%	30,76%	40,00%
2 sem. de 1982	-	-	-
1 sem. de 1983	40,00%	82,35%	33,33%
2 sem. de 1983	-	50,00%	-
1 sem. de 1984	28,57%	80,00%	60,00%
2 sem. de 1984	-	-	-
1 sem. de 1985	28,57%	50,00%	54,54%
2 sem. de 1985	-	100%	-
1 sem. de 1986	37,50%	66,66%	62,50%
2 sem. de 1986	-	-	-
1 sem. de 1987	60,00%	90,90%	38,88%
2 sem. de 1987	-	100%	-
1 sem. de 1988	60,00%	90,90%	44,44%
2 sem. de 1988	-	64,28%	-
1 sem. de 1989	77,77%	0%	63,63%
2 sem. de 1989	-	-	-

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, MN e Unicamp.

\*Não foi possível reconstruir as turmas da USP.

\*\*Não foi possível reconstruir inteiramente as turmas ingressantes nestes anos.

Tabela Nº 58

Tempo de Permanência no Mestrado em

Antropologia Social da UNB, USP, Museu Nacional e Unicamp na Década de 90 (até 1994):

	1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ de 11 anos
UNB	-	-	26,6%	60%	10%	-	-	3,33%	-	-	-
USP	-	2,70%	10,81%	21,62%	35,13	10,81%	8,10%	8,10%	2,70%	-	-
Museu	-	1,44%	14,49%	33,33%	17,39%	1,44%	-	2,89%	1,44%	5,79%	18,84%
CAMP	-	3,63%	14,54%	27,27%	14,54%	14,54%	10,90%	1,81%	5,45%	-	7,27%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

**Tabela N° 59**  
**Proporção de Dissertações por**  
**Professor Orientador no Mestrado em**  
**Antropologia Social da UNB na Década de 90 (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
José Jorge de Carvalho	16,66%
Rita Laura Segato	13,33%
Alcida Rita Ramos	10,00%
Roque de Barros Laraia	10,00%
Júlio César Melatti	10,00%
Klaas Woortmann	10,00%
Gustavo Lins Ribeiro	6,66%
Luiz Tarlei de Aragão	6,66%
Mariza Peirano	3,33%
Lia Zanotta Machado	3,33%
Ellen Woortmann	3,33%
Luis R. Cardoso de Oliveira	3,33%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB.

**Tabela N° 60**  
**Proporção de Dissertações**  
**por Professor Orientador no Mestrado em**  
**Antropologia Social da USP\* na Década de 90 (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
José Guilherme Cantor Magnani	16,21%
Aracy Lopes da Silva	13,51%
Ruth Cardoso	10,81%
Paula Montero	10,81%
Dominique Gallois	8,10%
Liana Maria Sálvia	8,10%
Margarida Maria Moura	5,40%
Manuela Carneiro da Cunha	5,40%
José Francisco Quirino	5,40%
Renato da Silva Queiroz	5,40%
Eunice Durham	2,70%
Kabengele Munanga	2,70%
Thekla Hartmann	2,70%
Maria Lúcia Montes	2,70%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da USP.

\*Minha amostra.

**Tabela Nº 61**  
**Proporção de Dissertações por Professor**  
**Orientador no Mestrado em Antropologia**  
**Social do Museu Nacional na Década de 90 (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
João Pacheco de Oliveira	20,28%
Gilberto Velho	14,49%
Rubem Cesar Fernandes	11,59%
Luiz Fernando Dias Duarte	10,14%
Otávio Velho	7,24%
José Sérgio Leite Lopes	7,24%
Giralda Seyferth	5,79%
Eduardo Viveiros de Castro	5,79%
Moacir Palmeira	5,79%
Roberto Da Matta	4,34%
Lygia Sigaud	2,89%
Afrânio Garcia Jr.	2,89%
Luiz de Castro Faria	1,44%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social no MN.

**Tabela Nº 62**  
**Proporção de Dissertações por**  
**Professores Orientadores no Mestrado em**  
**Antropologia Social da Unicamp na Década de 90 (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Carlos Rodrigues Brandão	16,36%
Ana Maria de Niemeyer	12,72%
Mariza Corrêa	10,90%
Guita Grin Debert	9,09%
Alba Maria Zaluar	7,27%
Vanessa Lea	7,27%
Antônio Augusto Arantes	5,45%
Roberto Cardoso de Oliveira	5,45%
José Luiz dos Santos	5,45%
Guilherme Raul Ruben	3,63%
Hugo Lovisolo	3,63%
Robin Wright	3,63%
Manuela Carneiro da Cunha	3,63%
Regina Polo Muller	1,81%
Renato Ortiz	1,81%
Ana Maria Goldani	1,81%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp.

**Tabela N° 63**  
**Proporção de Dissertações**  
**por Professor Orientador em Relação ao Total da**  
**Produção no Mestrado em Antropologia Social no Brasil (UNB+USP\*+Museu**  
**Nacional+Unicamp+UFPE+UFRS+UFSC) nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Gilberto Velho	Museu Nacional	5,39%
Roberto Cardoso de Oliveira	MN - UNB - UNICAMP	3,85%
Roberto Da Matta	Museu Nacional	3,85%
Carlos Rodrigues Brandão	UNICAMP	2,61%
João Pacheco de Oliveira	Museu Nacional	2,61%
Júlio César Melatti	UNB	2,46%
Peter Fry	UNICAMP - Museu Nacional	2,31%
Esther Jean Langdon	UFSC	2,31%
Moacir Palmeira	Museu Nacional	2,31%
Otávio Velho	Museu Nacional	2,31%
Ruth Cardoso	USP	2,15%
Russel Parry-Scott	UFPE	2,00%
Roberto Motta	UFPE	2,00%
Roque de Barros Laraia	UNB	2,00%
Rubem César Fernandes	UNICAMP - Museu Nacional	1,84%
Eduardo Viveiros de Castro	Museu Nacional	1,69%
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu Nacional	1,69%
Antônio Augusto Arantes	UNICAMP	1,54%
Ruben George Oliven	UFRS	1,38%
Eunice Durham	USP	1,38%
José Sérgio Leite Lopes	Museu Nacional	1,38%
Lygia Sigaud	Museu Nacional	1,38%
Thekla Hartmann	USP	1,38%
Ari Pedro Oro	UFRS	1,23%
Claudia Fonseca	UFRS	1,23%
Sérgio Alves Teixeira	UFRS	1,23%
Francisca Vieira Keller	Museu Nacional	1,23%
João Baptista Borges Pereira	USP	1,23%
Klaas Woortmann	UNB	1,23%
Mariza Corrêa	UNICAMP	1,23%
Manuela Carneiro da Cunha	USP	1,23%
Danielle Rocha Pitta	UFPE	1,07%
Giselia Franco Potengy	UFPE	1,07%
Ondina Fachel Leal	UFRS	1,07%
Ana Maria de Niemeyer	UNICAMP	1,07%
Giralda Seyferth	Museu Nacional	1,07%
Luiz de Castro Faria	Museu Nacional	1,07%

Lux Vidal	USP	1,07%
Dennis Wayne Werner	UFSC	0,92%
Judith Hoffnagel	UFPE	0,92%
Alba Zaluar	UNICAMP	0,92%
José Guilherme Cantor Magnani	USP	0,92%
Verena Stolcke	UNICAMP	0,92%
Ilka Boaventura	UFSC	0,77%
Rafael Menezes Bastos	UFSC	0,77%
Alcida Rita Ramos	UNB	0,77%
Guita Grin Debert	UNICAMP	0,77%
José Jorge de Carvalho	UNB	0,77%
Liana Maria Salvia	USP	0,77%
Aracy Lopes da Silva	USP	0,77%
Anamaria Beck	UFSC	0,77%
Silvio Coelho dos Santos	UFSC	0,61%
Maria do Carmo Brandão	UFPE	0,61%
Afrânio Garcia Jr.	Museu Nacional	0,61%
Anthony Seeger	Museu Nacional	0,61%
Mariza Peirano	UNB	0,61%
Neuma Aguiar	Museu Nacional	0,61%
Mireya Suarez	UNB	0,61%
Peter Silverwood-Cope	UNB	0,61%
Paula Montero	USP	0,61%
Rita Laura Segato	UNB	0,61%
Teófilo de Queiroz Jr.	USP	0,61%
Vanessa Lea	UNICAMP	0,61%
Celina Hutzler	UFPE	0,46%
Pedro Ignacio Schimitz	UFRS	0,46%
Amadeu Duarte Lanna	USP	0,46%
Bela Feldman-Bianco	UNICAMP	0,46%
Dominique Gallois	USP	0,46%
Guilherme Raul Rubem	UNICAMP	0,46%
José Luiz dos Santos	UNICAMP	0,46%
Lia Zanotta Machado	UNB	0,46%
Luiz Tarlei de Aragão	UNB	0,46%
Arthur Blasio	UFRS	0,30%
Luiz Gonzaga de Melo	UFPE	0,30%
René Ribeiro	UFPE	0,30%
Miriam Grossi	UFSC	0,30%
Robert Shirley	UFRS	0,30%
Seeger/Viveiros de Castro	Museu Nacional	0,30%
Gustavo Lins Ribeiro	UNB	0,30%
Hugo Lovisolo	UNICAMP	0,30%
José Francisco Quirino	USP	0,30%
Oracy Nogueira	USP	0,30%
Renate Brigitte Viertler	USP	0,30%
Renato da Silva Queiroz	USP	0,30%
Robin Wright	UNICAMP	0,30%
José de Legório Lavareda	UFPE	0,30%
José Joaquim Brochado	UFRS	0,15%

Maria Gabriela Ávila	UFPE	0,15%
Heraldo Pessoa	UFPE	0,15%
Ilse Sherer-Warren	UFSC	0,15%
Nádia Fernanda de Amorim	UFPE	0,15%
Ano Alvarez Kern	UFRS	0,15%
Silke Weber	UFPE	0,15%
Ana Maria Goldani	UNICAMP	0,15%
David Maybury-Lewis	Museu Nacional	0,15%
Ellen Woortmann	UNB	0,15%
Fernando Augusto Mourão	USP	0,15%
Keneth Taylor	UNB	0,15%
Kabengele Munanga	USP	0,15%
Luiz R. Cardoso de Oliveira	UNB	0,15%
Leôncio Martins Rodrigues	Museu Nacional	0,15%
Luiz Mott	UNICAMP	0,15%
Manoel Tosta Berlinck	Museu Nacional	0,15%
Maria Lúcia Montes	USP	0,15%
Mércio Gomes	UNICAMP	0,15%
Maurício Tragtemberg	UNICAMP	0,15%
Renato Ortiz	UNICAMP	0,15%
Roger Walker	Museu Nacional	0,15%
Regina Polo Muller	UNICAMP	0,15%
Shelton Davis	Museu Nacional	0,15%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN, Unicamp, UFPE, UFRS e UFSC.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 64**  
**Tempo de Integralização nos**  
**Mestrados em Antropologia Social no Brasil (UNB+USP\*+Museu**  
**Nacional+Unicamp+UFPE+UFRS+UFSC) nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ 11 anos
0,92%	5,85%	18,79%	26,96%	22,65%	8,01%	5,39%	5,23%	2,00%	0,77%	3,38%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN, Unicamp, UFPE, UFRS e UFSC.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 65**  
**Proporção de Dissertações**  
**por Professor Orientador no Mestrado**  
**em Antropologia Social da UFPE (1981/1994):**

PROFESSORES	(%)
Russel Parry Scott	20,31%
Roberto Mota	20,31%
Danielle Rocha Pitta	10,93%
Gisélia Franco Potengy	10,93%
Judith Hoffnagel	9,37%
Maria do Carmo Brandão	6,25%
Celina Hutzler	4,68%
René Ribeiro	3,12%
Luiz Gonzaga de Melo	3,12%
José de Legório Lavareda	3,12%
Maria Gabriela Ávila	1,56%
Silke Weber	1,56%
Heraldo Pessoa	1,56%
Nádia Fernanda de Amorim	1,56%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPE.

**Tabela Nº 66**  
**Proporção de Dissertações**  
**por Professor Orientador no Mestrado**  
**em Antropologia Social da UFRS (1983/1994):**

PROFESSORES	(%)
Ruben George Oliven	17,64%
Ari Pedro Oro	15,68%
Claudia Fonseca	15,68%
Sérgio Alves Teixeira	15,68%
Ondina Fachel Leal	13,72%
Pedro Inácio Schmitz	5,88%
Arthur Blasio	3,92%
Robert Shirley	3,92%
José Joaquim Brochado	1,96%
Arno Alvarez Kern	1,96%
Peter Silverwood-Cope	1,96%
Gilberto Velho	1,96%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRS.

**Tabela Nº 67**  
**Proporção de Dissertações**  
**por Professor Orientador no Mestrado**  
**em Antropologia Social da UFSC (1981/1994):**

PROFESSORES	(%)
Esther Jean Langdon	34,88%
Dennis Wayne Warren	13,95%
Anamaria Beck	11,62%
Ilka Boaventura	11,62%
Rafael Menezes Bastos	11,62%
Silvio Coelho dos Santos	9,30%
Miriam Grossi	4,65%
Ilse Sherer-Warren	2,32%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC.

**Tabela Nº 68**  
**Tempo de Integralização**  
**nos Mestrados em Antropologia Social da UFPE, UFRS e UFSC (até 1994):**

	1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos
UFPE	1,56%	1,56%	15,62%	26,56%	35,93%	7,81%	6,25%	1,56%	3,12%
UFRS	-	9,80%	33,33%	39,21%	11,76%	1,96%	3,92%	-	-
UFSC	2,32%	9,30%	20,93%	27,90%	34,88%	4,65%	-	-	-

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPE, UFRS e UFSC.

**Tabela Nº 69**  
**Temáticas Desenvolvidas**  
**nos Mestrados em Antropologia Social da UFPE, UFRS e UFSC (até 1994):**

TEMÁTICAS	UFPE	UFRS	UFSC
Antropologia Urbana	10,93%	39,21%	27,90%
Antropologia do Campesinato	4,68%	-	16,27%
Etnologia	4,68%	7,84%	16,27%
Antropologia da Religião	18,75%	13,72%	2,32%
Antropologia da Saúde	10,93%	7,84%	2,32%
Etnicidade	4,68%	9,80%	6,97%
Gênero	14,06%	13,72%	13,95%
Família	4,68%	-	-
Trajetória Intelectual	6,25%	-	-
Artesanato	3,12%	-	-
Outros	4,68%	-	-
(???)*	12,50%	7,84%	13,95%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPE, UFRS e UFSC.

\*Pesquisas cuja classificação temática somente pelo título mostraram-se problemáticas.

**Tabela N° 70**  
**Proporção de Dissertações**  
**por Temáticas Desenvolvidas nos**  
**Mestrados em Antropologia Social da UNB, USP\*,**  
**Museu Nacional e Unicamp na Década de 90 (até 1994):**

TEMÁTICAS	(%)
Antropologia Urbana	27,22%
Etnologia	19,37%
Antropologia da Religião	12,04%
Gênero	6,80%
Etnicidade	5,75%
Antropologia do Campesinato	4,71%
Antropologia da Saúde	3,66%
Teorias Antropológicas	2,61%
Trajetórias Intelectuais	1,57%
Família	1,04%
Museus	1,04%
Ecologia	1,04%
História da Antropologia	1,04%
Literatura	1,04%
Outros	1,04%
(???)**	9,94%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra.

\*\*Pesquisas cuja classificação temática somente pelo título mostraram-se problemáticas.

**Tabela N° 71**  
**Proporção de**  
**Dissertações por Professor Orientador**  
**em Relação ao Total da Produção nos Mestrados em Antropologia**  
**Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp na Década de 90 (até 1994):**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
João Pacheco de Oliveira	Museu Nacional	7,32%
Gilberto Velho	Museu Nacional	5,23%
Carlos Rodrigues Brandão	UNICAMP	4,71%
Rubem Cesar Frnandes	Museu Nacional	4,18%
Ana Maria de Niemeyer	UNICAMP	3,66%
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu Nacional	3,66%
Mariza Corrêa	UNICAMP	3,14%

José Guilherme Cantor Magnani	USP	3,14%
José Sérgio Leite Lopes	Museu Nacional	2,61%
Aracy Lopes da Silva	USP	2,61%
Otávio Velho	Museu Nacional	2,61%
Guita Grin Debert	UNICAMP	2,61%
José Jorge de Carvalho	UNB	2,61%
Alba Zaluar	UNICAMP	2,09%
Eduardo Viveiros de Castro	Museu Nacional	2,09%
Paula Montero	USP	2,09%
Vanessa Lea	UNICAMP	2,09%
Giralda Seyferth	Museu Nacional	2,09%
Manuela Carneiro da Cunha	USP	2,09%
Moacir Palmeira	Museu Nacional	2,09%
Rita Laura Segato	UNB	2,09%
Ruth Cardoso	USP	2,09%
Dominique Gallois	USP	1,57%
Klaas Woortmann	UNB	1,57%
Roberto Cardoso de Oliveira	UNICAMP	1,57%
Roque de Barros Laraia	UNB	1,57%
Júlio Cezar Melatti	UNB	1,57%
Roberto Da Matta	Museu Nacional	1,57%
Alcida Rita Ramos	UNB	1,57%
Antônio Augusto Arantes	UNICAMP	1,57%
José Luiz dos Santos	UNICAMP	1,57%
Liana Maria Sálvia	USP	1,57%
Afrânio Garcia Jr.	Museu Nacional	1,04%
Guilherme Raul Ruben	UNICAMP	1,04%
Hugo Lovisolo	UNICAMP	1,04%
Luiz Tarlei de Aragão	UNB	1,04%
Renato da Silva Queiroz	USP	1,04%
Lygia Sigaud	Museu Nacional	1,04%
Mariza Peirano	UNB	1,04%
Gustavo Lins Ribeiro	UNB	1,04%
José Francisco Quirino	USP	1,04%
Margarida Maria Moura	USP	1,04%
Robin Wrieth	UNICAMP	1,04%
Eunice Durham	USP	0,52%
Luis R. Cardoso de Oliveira	UNB	0,52%
Thekla Hartmann	USP	0,52%
Ana Maria Goldani	UNICAMP	0,52%
Lia Zanotta Machado	UNB	0,52%
Luiz de Castro Faria	Museu Nacional	0,52%
Maria Lúcia Montes	USP	0,52%
Renato Ortiz	UNICAMP	0,52%
Ellen Woortmann	UNB	0,52%
Regina Polo Muller	UNICAMP	0,52%
Kabengele Munanga	USP	0,52%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra.

**Tabela Nº 72**  
**Tempo de Integralização por Décadas (70+80+90)**  
**nos Mestrados em Antropologia Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp (até 1994):**

	1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ 11 anos	Total
70	0,40%	2,44%	6,10%	6,31%	5,09%	2,24%	0,61%	0,81%	-	-	-	24,00%
80	0,40%	2,44%	5,29%	6,31%	8,55%	4,07%	3,46%	4,48%	0,81%	0,20%	1,01%	37,02%
90	-	0,81%	6,10%	13,16%	7,33%	2,64%	1,83%	1,42%	1,42%	0,81%	3,46%	38,98%
Total	0,81%	5,70%	17,51%	25,66%	20,97%	8,96%	5,90%	6,72%	2,24%	1,01%	4,48%	100%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra, Novo Regimento.

**Tabela Nº 73**  
**Proporção de Temáticas Desenvolvidas por Década (70+80+90)**  
**nos Mestrados em Antropologia Social da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp (até 1994):**

TEMÁTICAS	70	80	90	Total
Antropologia Urbana	5,29%	9,77%	10,59%	25,65%
Antropologia do Campinato	6,10%	4,88%	1,83%	12,81%
Etnologia	2,44%	8,35%	7,53%	18,32%
Antropologia da Religião	2,85%	4,07%	4,68%	11,06%
Antropologia da Saúde	2,24%	2,64%	1,42%	6,30%
Gênero	1,42%	3,05%	2,64%	7,11%
Família	1,22%	0,40%	0,40%	2,02%

Etnicidade	1,01%	1,42%	2,24%	4,67%
Teorias Antropológicas	-	0,20%	1,01%	1,21%
Trajetória Intelectual	0,20%	0,40%	0,61%	1,21%
Museus	-	-	0,40%	0,40%
Ecologia	-	-	0,40%	0,40%
História da Antropologia	-	-	0,40%	0,40%
Literatura	0,20%	0,61%	0,40%	1,21%
Outros	1,01%	1,22%	0,20%	2,43%
(???)	-	-	3,86%	3,86%
<b>TOTAL</b>	<b>23,98%</b>	<b>37,01%</b>	<b>38,61%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

Tabela Nº 74

**Proporção de Dissertações por Professor Orientador em Relação**

**ao Total da Produção nos Mestrados da UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	Década de 70	Década de 80	Década de 90	TOTAL
Gilberto Velho	Museu Nacional	1,22%	3,66%	2,03%	6,91%
Roberto Cardoso de Oliveira	MN - UNB - UNICAMP	2,24%	2,24%	0,61%	5,09%
Roberto Da Matta	Museu nacional	3,66%	0,81%	0,61%	5,08%
Carlos Rodrigues Brandão	UNICAMP	-	1,62%	1,83%	3,45%
João Pacheco de Oliveira	Museu Nacional	-	0,40%	2,85%	3,25%
Júlio César Melatti	UNB	1,22%	1,42%	0,61%	3,25%
Peter Fry	UNICAMP - Museu Nacional	1,83%	1,42%	-	3,25%
Moacir Palmeira	Museu Nacional	2,03%	0,20%	0,81%	3,04%
Otávio Velho	Museu Nacional	0,20%	1,83%	1,01%	3,04%
Ruth Cardoso	USP	0,81%	1,22%	0,81%	2,84%
Roque de Barros Laraia	UNB	1,01%	0,81%	0,61%	2,43%
Ruben Cesar Fernandes	UNICAMP - Museu Nacional	-	0,81%	1,62%	2,43%
Eduardo Viveiros de Castro	Museu Nacional	-	1,42%	0,81%	2,23%
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu Nacional	-	0,81%	1,42%	2,23%

Antônio Augusto Arantes	UNICAMP	-	1,42%	0,61%	2,03%
Eunice Durham	USP	0,81%	0,81%	0,20%	1,82%
José Sérgio Leite Lopes	Museu Nacional	-	0,81%	1,01%	1,82%
Lygia Sigaud	Museu Nacional	0,61%	0,81%	0,40%	1,82%
Thekla Hartmann	USP	0,61%	1,01%	0,20%	1,82%
Francisca Vieira Keller	Museu Nacional	1,22%	0,40%	-	1,62%
João Baptista Borges Pereira	USP	0,20%	1,42%	-	1,62%
Klaas Woortmann	UNB	0,81%	0,20%	0,61%	1,62%
Mariza Corrêa	UNICAMP	-	0,40%	1,22%	1,62%
Manuela Carneiro da Cunha	USP	0,20%	0,61%	0,81%	1,62%
Ana Maria de Niemeyer	UNICAMP	-	-	1,42%	1,42%
Giralda Seyferth	Museu Nacional	-	0,61%	0,81%	1,42%
Luiz de Castro Faria	Museu Nacional	1,01%	0,20%	0,20%	1,41%
Lux Vidal	USP	-	1,42%	-	1,42%
Alba Zaluar	UNICAMP	-	0,40%	0,81%	1,21%
José Guilherme Cantor Magnani	USP	-	-	1,22%	1,22%
Verena Stolcke	UNICAMP	1,22%	-	-	1,22%
Alcida Rita Ramos	UNB	0,40%	-	0,61%	1,01%
Guita Grin Debert	UNICAMP	-	-	1,01%	1,01%
José Jorge de Carvalho	UNB	-	-	1,01%	1,01%
Liana Maria Sálvia	USP	-	0,40%	0,61%	1,01%
Aracy Lopes da Silva	USP	-	-	1,01%	1,01%
Afrânio Garcia Jr.	Museu Nacional	-	0,40%	0,40%	0,80%
Anthony Seeger	Museu Nacional	-	0,81%	-	0,81%
Mariza Peirano	UNB	-	0,20%	0,40%	0,60%
Neuma Aguiar	Museu Nacional	0,81%	-	-	0,81%
Mireya Suarez	UNB	0,20%	0,61%	-	0,81%
Peter Silverwood-Cope	UNB	0,20%	0,40%	-	0,60%
Paula Montero	USP	-	-	0,81%	0,81%
Rita Laura Segato	UNB	-	-	0,81%	0,81%
Teófilo de Queiroz Jr.	USP	-	0,81%	-	0,81%
Vanessa Léa	UNICAMP	-	-	0,81%	0,81%
Amadeu Duarte Lanna	USP	-	0,61%	-	0,61%
Bela Feldman-Bianco	UNICAMP	-	0,61%	-	0,61%

Dominique Gallois	USP	-	-	0,61%	0,61%
Guilherme Raul Ruben	UNICAMP	-	0,20%	0,40%	0,60%
José Luiz dos Santos	UNICAMP	-	-	0,61%	0,61%
Lia Zanotta Machado	UNB	-	0,40%	0,20%	0,60%
Luiz Tarlei de Aragão	UNB	-	0,20%	0,40%	0,60%
Seeger/Viveiros de Castro	Museu Nacional	-	0,40%	-	0,40%
Gustavo Lins Ribeiro	UNB	-	-	0,40%	0,40%
Hugo Lovisolo	UNICAMP	-	-	0,40%	0,40%
José Francisco Quirino	USP	-	-	0,40%	0,40%
Oracy Nogueira	USP	-	0,40%	-	0,40%
Renate Brigitte Viertel	USP	-	0,40%	-	0,40%
Renato da Silva Queiroz	USP	-	-	0,40%	0,40%
Margarida Maria Moura	USP	-	-	0,20%	0,20%
Robin Wrighth	UNICAMP	-	-	0,40%	0,40%
Ana Maria Goldani	UNICAMP	-	-	0,20%	0,20%
David Maybury-Lewis	Museu Nacional	0,20%	-	-	0,20%
Ellen Woortmann	UNB	-	-	0,20%	0,20%
Fernando Augusto Mourão	USP	-	0,20%	-	0,20%
Keneth Taylor	UNB	0,20%	-	-	0,20%
Kabengele Munanga	USP	-	-	0,20%	0,20%
Luiz R. Cardoso de Oliveira	UNB	-	-	0,20%	0,20%
Leôncio Martins Rodrigues	Museu Nacional	0,20%	-	-	0,20%
Luiz Mott	UNICAMP	0,20%	-	-	0,20%
Manoel Tostia Berlinck	Museu Nacional	0,20%	-	-	0,20%
Maria Lúcia Montes	USP	-	-	0,20%	0,20%
Mércio Gomes	UNICAMP	-	0,20%	-	0,20%
Maurício Tragtenberg	UNICAMP	-	0,20%	-	0,20%
Renato Ortiz	UNICAMP	-	-	0,20%	0,20%
Roger Walker	Museu Nacional	0,20%	-	-	0,20%
Regina Pollo Muller	UNICAMP	-	-	0,20%	0,20%
Shelton Davis	Museu Nacional	0,20%	-	-	0,20%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 75**  
**Tempo Médio de Integralização nos Mestrados da**  
**UNB, USP\*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994)\*\*:**

Décadas	UNB	USP	MUSEU	UNICAMP
70	3 anos e 4 meses	5 anos e 1 mes	4 anos e 9 meses	4 anos e 10 meses
80	3 anos e 10 meses	6 anos e 10 meses	5 anos e 2 meses	6 anos e 4 meses
90	4 anos e 4 meses	5 anos e 5 meses	6 anos e 10 meses	5 anos e 10 meses
Total	3 anos e 10 meses	6 anos	5 anos e 7 meses	5 anos e 10 meses

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

\*\*Números aproximados calculado por média aritmética.

**Tabela N° 76**  
**Tempo Médio de**  
**Integralização nos Mestrados da UNB, USP, Museu**  
**Nacional, Unicamp, UFPE, UFRS e UFSC nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

	70	80	90	Total
UNB	3 anos e 4 meses	3 anos e 10 meses	4 anos e 4 meses	3 anos e 10 meses
USP	5 anos e 1 mes	6 anos e 10 meses	5 anos e 5 meses	6 anos
MUSEU	4 anos e 9 meses	5 anos e 2 meses	6 anos e 10 meses	5 anos e 7 meses
UNICAMP	4 anos e 10 meses	6 anos e 4 meses	5 anos e 10 meses	5 anos e 10 meses
UFPE	-	5 anos e 6 meses	4 anos e 8 meses	5 anos e 1 mes
UFRS	-	4 anos e 7 meses	3 anos e 10 meses	4 anos e 2 meses
UFSC	-	4 anos e 8 meses	4 anos e 3 meses	4 anos e 5 meses

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN, Unicamp, UFPE, UFRS e UFSC.

\*Números aproximados calculados por média aritmética.

**Tabela N° 77**

**Número de Teses de Doutorado em Antropologia Social da UNB, USP\* e Museu Nacional (até 1994):**

ANO	UNB	USP	MUSEU
1975		1	
1976		1	
1977		3	
1978		-	
1979		2	
1980		3	
1981		1	
1982		4	
1983		4	1
1984		3	3
1985	1	7	2
1986	-	7	7
1987	-	5	6
1988	2	6	6
1989	-	4	3
1990	1	7	-
1991	1	7	4
1992	4	3	4
1993	-	3	10
1994	1	5	6
Total	10	76	52

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP e MN.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

Tabela Nº 78

**Número de Teses de Doutorado em Antropologia Social da UNB, USP\* e Museu Nacional nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

DÉCADAS	Nº ABSOLUTOS			Total (%)				
	UNB	USP	MUSEU	Total	UNB	USP	MUSEU	Total
70	-	7	-	7	-	5,07%	-	5,07%
80	3	44	28	75	2,17%	31,88%	20,28%	54,34%
90	7	25	24	56	5,07%	18,11%	17,39%	40,57%
Total	10	76	52	138	7,24%	55,07%	37,68%	100%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP e MN.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

Tabela Nº 79

**Tempo de Integralização no Doutorado em Antropologia Social da UNB, USP\* e Museu Nacional nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

	Tempo de Integralização no Doutorado em Antropologia Social da UNB, USP e MN.										
	1 a 2 anos	2 a 3 anos	3 a 4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	6 a 7 anos	7 a 8 anos	8 a 9 anos	9 a 10 anos	10 a 11 anos	+ de 11 anos
UNB	-	-	-	10%	30%	-	40%	20%	-	-	-
USP	1,31%	1,31%	6,57%	14,47%	14,47%	18,42%	28,94%	9,21%	2,63%	1,31%	1,31%
Museu	-	-	-	3,77%	13,20%	37,73%	15,09%	11,32%	3,77%	5,66%	7,54%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP e MN.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela Nº 80**

**Tempo Médio de Integralização nos Doutorados da UNB, USP\* e Museu Nacional nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994)\*\*:**

	DÉCADA DE 70	DÉCADA DE 80	DÉCADA DE 90	Total
UNB	-	5 anos e 8 meses	7 anos	6 anos e 7 meses
USP	4 anos e 3 meses	6 anos e 10 meses	6 anos e 1 mes	6 anos e 4 meses
MUSEU	-	7 anos e 1 mes	7 anos e 8 meses	7 anos e 4 meses

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP e MN.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

\*\*Números aproximados calculados por média aritmética.

**Tabela Nº 81**

**Proporção de Teses de Doutorado por Professor Orientador em Antropologia Social da UNB (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Roberto Cardoso de Oliveira	20%
Gustavo Lins Ribeiro	20%
Júlio César Melatti	10%
Mireya Suarez	10%
Peter Silverwood-Cope	10%
Luis R. Cardoso de Oliveira	10%
Rita Laura Segato	10%
José Jorge de Carvalho	10%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB.

**Tabela Nº 82**  
**Proporção de Dissertações por**  
**Professor Orientador no Doutorado**  
**em Antropologia Social da USP\* (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Ruth Cardoso	21,05%
João Baptista Borges Pereira	19,73%
Eunice Durham	14,47%
Lux Vidal	7,89%
Amadeu Duarte Lanna	6,57%
Liana Maria Salvia	6,57%
Renate Brigitte Viertel	5,26%
Oracy Nogueira	3,94%
Kabengele Munanga	2,63%
Luciana Palestrini	1,31%
Maria Lúcia Montes	1,31%
Teófilo de Queiroz Jr.	1,31%
Fernando Augusto Mourão	1,31%
Manuela Carneiro da Cunha	1,31%
Thekla Hartmann	1,31%
Haiganuch Sarian	1,31%
Margarida Maria Moura	1,31%
Ruy Coelho	1,31%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social da USP.

\*Minha amostra: Novo Regimento.

**Tabela Nº 83**  
**Proporção de Dissertações por**  
**Professor Orientador no Doutorado**  
**em Antropologia Social do Museu Nacional (até 1994):**

PROFESSORES	(%)
Gilberto Velho	15,09%
Otávio Velho	13,20%
Luiz de Castro Faria	9,43%
Roberto Da Matta	9,43%
Rubem César Fernandes	7,54%
José Sérgio Leite Lopes	5,66%
Giralda Seyferth	5,66%
Moacir Palmeira	5,66%
Eduardo Viveiros de Castro	5,66%
Afrânio Garcia Jr.	3,77%
Lygia Sigaud	3,77%
Anthony Seeger	3,77%
Peter Fry	3,77%
Yonne Leite	1,88%
João Pacheco de Oliveira	1,88%
Luiz Fernando Dias Duarte	1,88%

Fonte: Pós-Graduação em Antropologia Social do MN.

**CIÊNCIA POLÍTICA,  
SOCIOLOGIA  
E  
ANTROPOLOGIA SOCIAL**

Tabela Nº 84

Número e Proporção de Dissertações de Mestrado em Antropologia Social, Sociologia e Ciência Política na UNB por Ano (até 1994):

ANO	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA		CIÊNCIA POLÍTICA	
	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)	(%)	Nº Absolutos
1973			7	3,00%		
1974	1	0,42%	3	1,28%		
1975	4	1,71%	5	2,14%		
1976	2	0,85%	4	1,71%		
1977	9	3,86%	14	6,00%		
1978	3	1,28%	11	4,72%		
1979	7	3,00%	11	4,72%		
<b>70</b>	<b>26</b>	<b>11,15%</b>	<b>55</b>	<b>23,60%</b>		
1980	5	2,14%	6	2,57%		
1981	7	3,00%	3	1,28%		
1982	4	1,71%	4	1,71%		
1983	3	1,28%	3	1,28%		
1984	3	1,28%	3	1,28%		
1985	3	1,28%	3	1,28%		
1986	3	1,28%	3	1,28%		
1987	3	1,28%	1	0,42%		
1988	1	0,42%	8	3,43%	1	0,42%
1989	1	0,42%	5	2,14%	4	1,71%
<b>80</b>	<b>33</b>	<b>14,16%</b>	<b>39</b>	<b>16,73%</b>	<b>5</b>	<b>2,14%</b>
1990	4	1,71%	6	2,57%	4	1,71%
1991	6	2,57%	2	0,85%	1	0,42%
1992	4	1,71%	4	1,71%	10	4,29%
1993	7	3,00%	6	2,57%	4	1,71%
1994	9	3,86%	3	1,28%	5	2,14%
<b>90</b>	<b>30</b>	<b>12,87%</b>	<b>21</b>	<b>9,01%</b>	<b>24</b>	<b>10,30%</b>
Total	89	38,19%	115	49,35%	29	12,44%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia da UNB.

**Tabela Nº 85**  
**Número e Proporção de Teses de Doutorado**  
**em Antropologia Social e Sociologia da UNB por Ano (até 1994):**

ANO	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA	
	Nº Absolutos	%	Nº Absolutos	%
1985	1	2,70%		
1986	-	-		
1987	-	-	2	5,40%
1988	2	5,40%	1	2,70%
1989	-	-	1	2,70%
80	3	8,10%	4	10,81%
1990	1	2,70%	1	2,70%
1991	1	2,70%	5	13,51%
1992	4	10,81%	-	-
1993	-	-	11	29,72%
1994	1	2,70%	6	16,21%
90	7	18,91%	23	62,16%
Total	10	27,02%	27	72,97%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia Social da UNB.

Tabela N° 86

Número e Proporção de Dissertações de  
Mestrado em Antropologia Social\*, Sociologia e Ciência Política\* na USP por Ano (até 1994):

ANO	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA		CIÊNCIA POLÍTICA	
	N° Absolutos	(%)	N° Absolutos	(%)	N° Absolutos	(%)
1974			6	2,12%		
1975	1	0,35%	8	2,82%		
1976	2	0,70%	7	2,47%		
1977	3	1,06%	5	1,76%		
1978	3	1,06%	9	3,18%		
1979	3	1,06%	12	4,24%	3	1,06%
70	12	4,24%	47	16,77%	3	1,06%
1980	13	4,59%	11	3,88%	-	-
1981	7	2,47%	6	2,12%	5	1,76%
1982	5	1,76%	4	1,41%	3	1,06%
1983	1	0,35%	3	1,06%	9	3,18%
1984	6	2,12%	4	1,41%	2	0,70%
1985	3	1,06%	4	1,41%	3	1,06%
1986	3	1,06%	5	1,76%	2	0,70%
1987	1	0,35%	3	1,06%	2	0,70%
1988	2	0,70%	5	1,76%	3	1,06%
1989	2	0,70%	11	3,88%	-	-
80	43	15,19%	56	19,78%	29	10,24%
1990	2	0,70%	7	2,47%	2	0,70%
1991	8	2,82%	6	2,12%	2	0,70%
1992	11	3,88%	9	3,18%	7	2,47%
1993	6	2,12%	4	1,41%	3	1,06%
1994	10	3,53%	7	2,47%	7	2,47%
90	37	13,07%	33	11,66%	21	7,42%
Total	92	32,50%	136	48,05%	55	19,43%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da USP.

\*Minha amostra, Novo Regimento.

Tabela Nº 87

**Número e Proporção de Dissertações de Mestrado em Antropologia Social\*, Sociologia e Ciência Política\* da USP por Ano (até 1994):**

ANO	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA		CIÊNCIA POLÍTICA	
	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)
1974	2	0,64	6	1,92		
1975	1	0,32	8	2,56	1	0,32
1976	1	0,32	7	2,24	1	0,32
1977	1	0,32	5	1,60	2	0,64
1978	7	2,24	9	2,88	-	-
1979	3	0,96	12	3,84	4	1,28
70	15	4,80	47	15,06	8	2,56
1980	13	4,16	11	3,52	2	0,64
1981	6	1,92	6	1,92	6	1,92
1982	4	1,28	4	1,28	5	1,60
1983	3	0,96	3	0,96	9	2,88
1984	7	2,24	4	1,28	2	0,64
1985	5	1,60	4	1,28	3	0,96
1986	5	1,60	5	1,60	2	0,64
1987	2	0,64	3	0,96	2	0,64
1988	1	0,32	5	1,60	5	1,60
1989	4	1,28	11	3,52	1	0,32
80	50	16,02	56	17,94	37	11,85
1990	4	1,28	7	2,24	2	0,64
1991	7	2,24	6	1,92	3	0,96
1992	9	2,88	9	2,88	9	2,88
1993	9	2,88	4	1,28	3	0,96
1994	12	3,84	7	2,24	8	2,56
90	41	13,14	33	10,57	25	8,01
Total	106	33,97	136	43,58	70	22,43

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da USP.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela Nº 88**  
**Número e Proporção de Teses de Doutorado em**  
**em Antropologia Social\*, Sociologia e Ciência Política\* da USP por Ano (até 1994):**

ANO	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA		CIÊNCIA POLÍTICA	
	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)
1974			2	0,68%		
1975	1	0,34%	1	0,34%	1	0,34%
1976	1	0,34%	1	0,34%	1	0,34%
1977	3	1,02%	5	1,70%	-	-
1978	-	-	6	2,04%	1	0,34%
1979	2	0,68%	6	2,04%	-	-
<b>70</b>	<b>7</b>	<b>2,38%</b>	<b>21</b>	<b>7,16%</b>	<b>3</b>	<b>1,02%</b>
1980	3	1,02%	14	4,77%	1	0,34%
1981	1	0,34%	6	2,04%	6	2,04%
1982	4	1,36%	11	3,75%	8	2,73%
1983	4	1,36%	4	1,36%	5	1,70%
1984	3	1,02%	8	2,73%	3	1,02%
1985	7	2,38%	7	2,38%	3	1,02%
1986	7	2,38%	5	1,70%	3	1,02%
1987	5	1,70%	15	5,11%	2	0,68%
1988	6	2,04%	6	2,04%	2	0,68%
1989	4	1,36%	12	4,09%	5	1,70%
<b>80</b>	<b>44</b>	<b>15,01%</b>	<b>88</b>	<b>30,03%</b>	<b>38</b>	<b>12,96%</b>
1990	7	2,38%	6	2,04%	3	1,02%
1991	7	2,38%	12	4,09%	3	1,02%
1992	3	1,02%	14	4,77%	3	1,02%
1993	3	1,02%	7	2,38%	5	1,70%
1994	5	1,70%	14	4,77%	-	-
<b>90</b>	<b>25</b>	<b>8,53%</b>	<b>53</b>	<b>18,08%</b>	<b>14</b>	<b>4,77%</b>
Total	76	25,93%	162	55,29%	55	18,77%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da USP.

\*Minha amostra; Novo Regimento.

**Tabela N° 89**  
**Número e Proporção de Teses de Doutorado**  
**em Antropologia Social\*, Sociologia e Ciência Política\* da USP por Ano (até 1994):**

ANO	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA		CIÊNCIA POLÍTICA	
	N° Absolutos	(%)	N° Absolutos	(%)	N° Absolutos	(%)
1974			2	0,64%		
1975			1	0,32%	2	0,64%
1976			1	0,32%	2	0,64%
1977	4	1,29%	5	1,61%	-	-
1978	-	-	6	1,93%	1	0,32%
1979	2	0,64%	6	1,93%	1	0,32%
70	6	1,93%	21	6,77%	6	1,93%
1980	5	1,61%	14	4,51%	1	0,32%
1981	1	0,32%	6	1,93%	6	1,93%
1982	4	1,29%	11	3,54%	10	3,22%
1983	1	0,32%	4	1,29%	8	2,58%
1984	4	1,29%	8	2,58%	3	0,96%
1985	6	1,93%	7	2,25%	6	1,93%
1986	6	1,93%	5	1,61%	4	1,29%
1987	6	1,93%	15	4,83%	4	1,29%
1988	5	1,61%	6	1,93%	4	1,29%
1989	4	1,29%	12	3,87%	5	1,61%
80	42	13,54%	88	28,38%	51	16,45%
1990	8	2,58%	6	1,93%	3	0,96%
1991	7	2,25%	12	3,87%	3	0,96%
1992	4	1,29%	14	4,51%	3	0,96%
1993	4	1,29%	7	2,25%	6	1,93%
1994	5	1,61%	14	4,51%	-	-
90	28	9,03%	53	17,09%	15	4,83%
Total	76	24,51%	162	52,25%	72	23,22%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da USP.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela Nº 90**  
**Número e Proporção de Dissertações de Mestrado**  
**em Antropologia Social e Sociologia da UFRJ por Ano (até 1994):**

ANO	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA	
	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)
1970	1	0,36%		
1971	3	1,09%		
1972	7	2,55%		
1973	7	2,55%		
1974	5	1,82%		
1975	7	2,55%		
1976	6	2,18%		
1977	17	6,20%		
1978	5	1,82%		
1979	5	1,82%		
<b>70</b>	<b>63</b>	<b>22,99%</b>		
1980	12	4,37%		
1981	5	1,82%		
1982	5	1,82%		
1983	4	1,45%	1	0,36%
1984	5	1,82%	1	0,36%
1985	7	2,55%	5	1,82%
1986	3	1,09%	2	0,72%
1987	7	2,55%	3	1,09%
1988	11	4,01%	3	1,09%
1989	9	3,28%	6	2,18%
<b>80</b>	<b>68</b>	<b>24,81%</b>	<b>21</b>	<b>7,66%</b>
1990	8	2,91%	3	1,09%
1991	13	4,74%	9	3,28%
1992	28	10,21%	17	6,20%
1993	12	4,37%	9	3,28%
1994	8	2,91%	15	5,47%
<b>90</b>	<b>69</b>	<b>25,18%</b>	<b>53</b>	<b>19,34%</b>
Total	200	72,99%	74	27,00%

Fonte: Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia Social da UFRJ.

**Tabela Nº 91**  
**Número e Proporção de Dissertações de Mestrado**  
**em Antropologia Social, Sociologia e Ciência Política na Unicamp por Ano (até 1994):**

ANO	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA		CIÊNCIA POLÍTICA	
	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)
1975	1	0,38%			1	0,38%
1976	7	2,69%	1	0,38%	4	1,53%
1977	2	0,76%	1	0,38%	2	0,76%
1978	4	1,53%	2	0,76%	-	-
1979	3	1,15%	-	-	2	0,76%
70	17	6,53%	4	1,53%	9	3,46%
1980	1	0,38%	3	1,15%	2	0,76%
1981	1	0,38%	4	1,53%	-	-
1982	5	1,92%	1	0,38%	3	1,15%
1983	6	2,30%	6	2,30%	1	0,38%
1984	-	-	7	2,69%	1	0,38%
1985	3	1,15%	3	1,15%	1	0,38%
1986	8	3,07%	7	2,69%	5	1,92%
1987	4	1,53%	1	0,38%	3	1,15%
1988	4	1,53%	1	0,38%	3	1,15%
1989	6	2,30%	5	1,92%	3	1,15%
80	38	14,61%	38	14,61%	22	8,46%
1990	7	2,69%	8	3,07%	4	1,53%
1991	15	5,76%	4	1,53%	9	3,46%
1992	15	5,76%	14	5,38%	10	3,84%
1993	10	3,84%	5	1,92%	5	1,92%
1994	8	3,07%	12	4,61%	6	2,30%
90	55	21,15%	43	16,53%	34	13,07%
Total	110	42,30%	85	32,69%	65	25,00%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da Unicamp.

Tabela Nº 92

Número e Proporção de Dissertações de Mestrado em Antropologia Social\*,  
Sociologia e Ciência Política\* por Instituição (UNB, USP, UFRJ e Unicamp) nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):

	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA		CIÊNCIA POLÍTICA		TOTAL	
	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)
UNB	89	8,47%	115	10,95%	29	2,76%	233	22,19%
USP	92	8,76%	136	12,95%	55	5,23%	283	26,95%
UFRJ	200	19,04%	74	7,04%	-	-	274	26,09%
UNICAMP	110	10,47%	85	8,09%	65	6,19%	260	24,76%
<b>TOTAL</b>	<b>491</b>	<b>46,76%</b>	<b>410</b>	<b>39,04%</b>	<b>149</b>	<b>14,19%</b>	<b>1050</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da UNB, USP, UFRJ e Unicamp.  
\*Minha amostra; Novo Regimento.

Tabela Nº 93

Número e Proporção de Dissertações de Mestrado em Antropologia Social\*,  
Sociologia e Ciência Política\* por Instituição (UNB, USP, UFRJ e Unicamp) nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):

	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA		CIÊNCIA POLÍTICA		TOTAL	
	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)
UNB	89	8,24%	115	10,65%	29	2,68%	233	21,59%
USP	106	9,82%	136	12,60%	70	6,48%	312	28,91%
UFRJ	200	18,53%	74	6,85%	-	-	274	25,39%
UNICAMP	110	10,19%	85	7,87%	65	6,02%	260	24,09%
<b>TOTAL</b>	<b>505</b>	<b>46,80%</b>	<b>410</b>	<b>37,99%</b>	<b>164</b>	<b>15,19%</b>	<b>1079</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da UNB, USP, UFRJ e Unicamp.  
\*Números oficiais; Novo Regimento.

Tabela Nº 94

Número e Proporção de Teses de Doutorado em Antropologia Social\*,  
Sociologia e Ciência Política\* por Instituição (UNB, USP, UFRJ e Unicamp) nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):

	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA		CIÊNCIA POLÍTICA		TOTAL	
	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)	Nº Absolutos	(%)
UNB	10	2,61%	27	7,06%	-	-	37	9,68%
USP	76	19,89%	162	42,40%	55	14,39%	293	76,70%
UFRJ	52	13,61%	-	-	-	-	52	13,61%
UNICAMP	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>138</b>	<b>36,12%</b>	<b>189</b>	<b>49,47%</b>	<b>55</b>	<b>14,39%</b>	<b>382</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da UNB, USP, UFRJ e Unicamp.

\*Minha amostra, Novo Regimento.

Tabela Nº 95

Número e Proporção de Teses de Doutorado em Antropologia Social\*,  
Sociologia e Ciência Política\* por Instituição (UNB, USP, UFRJ e Unicamp) nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):

	ANTROPOLOGIA SOCIAL		SOCIOLOGIA		CIÊNCIA POLÍTICA		TOTAL	
	N. Absolutos	(%)	N. Absolutos	(%)	N. Absolutos	(%)	N. Absolutos	(%)
UNB	10	2,50%	27	6,76%	-	-	37	9,27%
USP	76	19,04%	162	40,60%	72	18,04%	310	77,69%
UFRJ	52	13,03%	-	-	-	-	52	13,03%
UNICAMP	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>138</b>	<b>34,58%</b>	<b>189</b>	<b>47,36%</b>	<b>72</b>	<b>18,04%</b>	<b>399</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da UNB, USP, UFRJ e Unicamp.

\*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela Nº 96**  
**Número e Proporção de Dissertações de**  
**Mestrado da UNB, USP\*, UFRJ e Unicamp por Disciplina das Ciências Sociais**  
**(Antropologia Social+Sociologia+Ciência Política) nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

	Nº Absolutos	(%)
ANTROPOLOGIA SOCIAL	505	46,80%
SOCIOLOGIA	410	37,99%
CIÊNCIA POLITICA	164	15,19%
TOTAL	1079	100%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da UNB, USP, UFRJ e Unicamp.  
 \*Números oficiais; Novo Regimento.

**Tabela Nº 97**  
**Número e Proporção de Teses de**  
**Doutorado da UNB, USP\*, UFRJ e Unicamp por Disciplina das**  
**Ciências Sociais (Antropologia Social+Sociologia) nas Décadas de 70, 80 e 90 (até 1994):**

	Nº Absolutos	(%)
Antropologia Social	138	34,58%
Sociologia	189	47,36%
Ciência Política	72	18,04%
Total	399	100%

Fonte: Pós-Graduação em Ciência Política, Sociologia e Antropologia Social da UNB, USP, UFRJ e Unicamp.  
 \*Números oficiais; Novo Regimento.

**Localização Geográfica das Pesquisas  
em Antropologia Social (Mestrado)  
da UNB, USP, Museu Nacional e Unicamp  
(Décadas de 70 e 80):**



BRASIL



UNB



USP



Museu Nacional



UNTCAMP